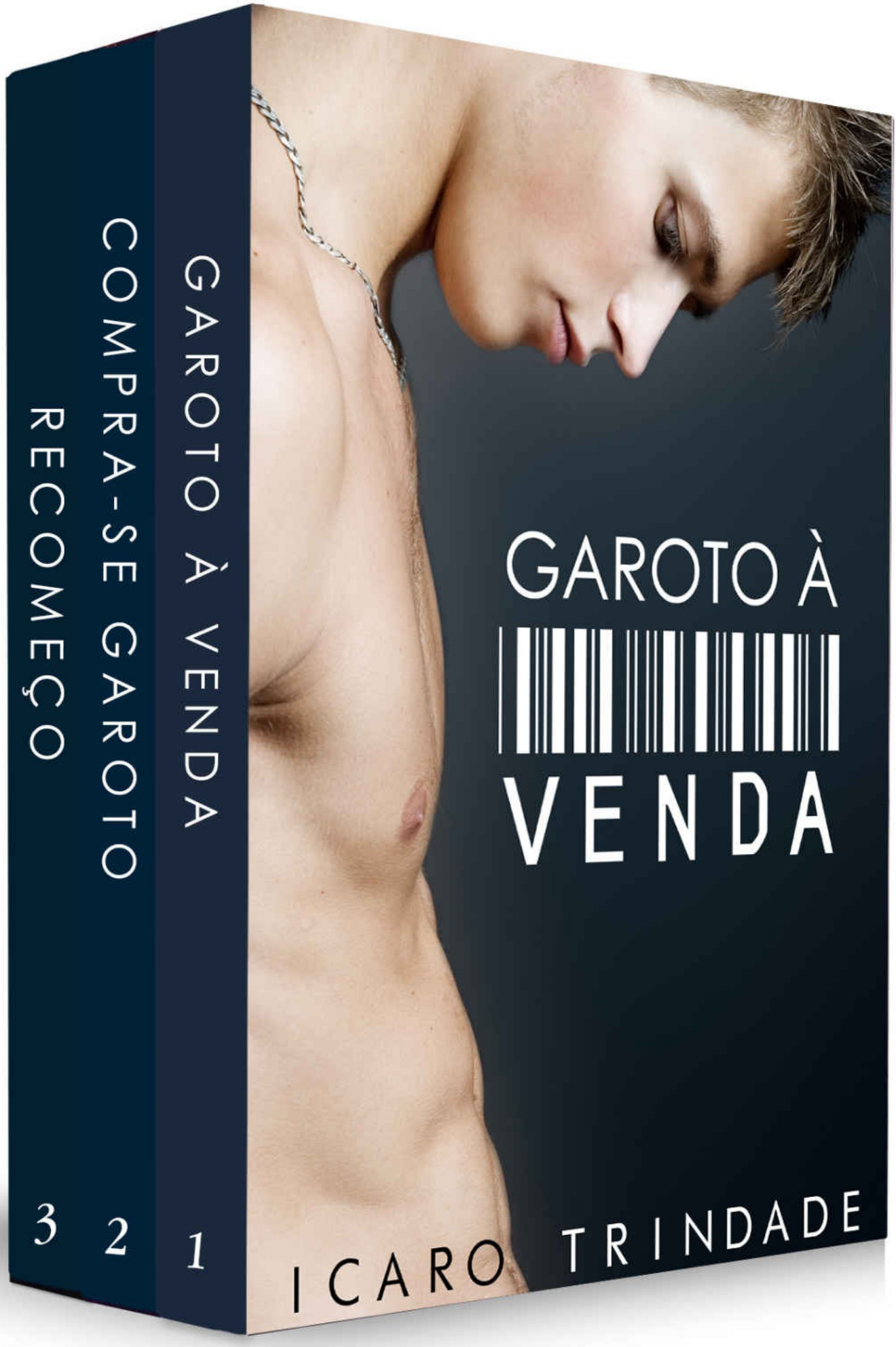

GAROTO À VENDA
1
COMPRA-SE GAROTO
2
RECOMEÇO
3
GAROTO À
VENDA
ICARO TRINDADE

PERIGOSAS

Garoto à Venda

BOX COMPLETO

O Dinheiro é capaz de comprar o amor?

Icaro Trindade

NACIONAIS - ACHERON

Índice

Garoto à Venda

Compra-se Garoto

Recomeço

PERIGOSAS

Garoto à Venda

Livro 01

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo

06 de abril de 2021, Cidade Capital – Alendor.

As ruas foram tomadas por bandeiras e faixas com cores verdes e vermelhas, decorando a cidade com as cores de Alendor. Faltava apenas um dia para a grande festividade em comemoração ao centenário de independência de nosso país.

Já não pertencíamos mais a Sarnaut, o país que já fora a maior potência do mundo, mas que agora sucumbia a uma grande crise financeira. Diferente de Alendor, que cada vez mais conquistava espaço, devido ao acelerado crescimento, após reformas políticas.

Desde a metade do século passado, a população

fora dividida em 5 castas, que foram classificadas apenas com números. Sendo os pertencentes da de menor número as pessoas mais ricas e poderosas do país, e a de maior, as mais pobres e que normalmente trabalhavam em grandes fábricas, com cargas horárias elevadas e baixos salários. Minha família fazia parte dessa última.

No início houve muitas rebeliões contra esse novo sistema, mas o governo em vez de recuar em suas decisões, não hesitou em executar milhares de opositores. Então, em pouco tempo a população desistiu de lutar contra e passou a viver com medo.

Por mais que fosse muito evidente a diferença no poder aquisitivo entre as castas, mesmo nós da mais baixa conseguíamos nos manter e viver tranquilamente, mesmo não podendo usufruir de muitos confortos que qualquer pessoa ansiaria. Subir de casta era uma das coisas mais difíceis de

conseguir. Afinal, a única maneira era através de casamento com alguém de uma superior, e mesmo assim era necessária a autorização por parte do governo, que tentava manter tudo sob controle.

Nas ruas não havia qualquer morador de rua, e crimes eram quase inexistentes, pois algo que diferenciava Alendor dos outros países era sua rígida Lei Anti-Criminalidade, imposta após essas rebeliões. Não existia qualquer prisão ou futuro para quem cometesse algum crime, não importava quão pequeno fosse. Caso apreendido, seria condenado à pena de morte por injeção letal.

Essa lembrança me causava arrepios, quase me fazendo desistir do que estava prestes a fazer, mas que era necessário. Deveria correr esse risco, para poder ajudar minha família. Minha mãe havia adoecido, e estava impossibilitada de trabalhar. Somente com o salário meu e de meu pai era difícil

comprar seus remédios e manter a todos nós.

Éramos quatro pessoas: eu, meu pai, minha mãe e meu irmãozinho de 10 anos, que ainda não podia trabalhar, já que só havia autorização após os 14 anos, quando nos formávamos no ensino básico. Somente castas de 3 a 1 tinham poder aquisitivo o suficiente para bancar ensino superior de seus filhos.

Em nossos trabalhos, eu e meu pai tínhamos acesso a uma refeição por dia, porém minha mãe já não comia há dois dias, para poder dar o pouco que tínhamos a nosso irmãozinho. Era proibido deixar as instalações das fábricas com comida, então se fôssemos pegos levando para casa, perderíamos nossos trabalhos, assim como aqueles da cozinha que ajudassem. Ver todo o sofrimento de minha família, passando por esse momento difícil, estava acabando comigo.

Havia acabado de sair de mais um dia de trabalho, quando decidi tentar amenizar o sofrimento de minha mãe, conseguindo algo para levar para casa. Entrei em um dos minimercados de nosso bairro, havia apenas mais três pessoas fazendo compras: um casal e uma senhora idosa. Meu bairro era composto apenas com pessoas da casta 5, então todos nós morávamos em casas padrões, idênticas umas às outras.

Não tinha nenhum dinheiro, mas era necessário conseguir algo, pois minha mãe estava piorando sem se alimentar. O dono do minimercado era o caixa, e ele prestava atenção à sua televisão, onde passava um noticiário falando sobre a grande festa que aconteceria no dia seguinte. Todas as prateleiras eram baixas, permitindo que ele tivesse visão total de quase todo o estabelecimento.

Fui até a seção de comidas enlatadas. Naquela

noite fazia frio, então vestia um casaco, o que iria me ajudar muito naquele momento. Verifiquei se o dono continuava atento à sua televisão, e em um movimento rápido guardei uma lata de sopa em um bolso interior do meu casaco, que servia para proteger pertences em dias de chuva. Aquilo já ajudaria, mas eu queria fazer mais, não poderia voltar ali no dia seguinte sem que ele estranhasse.

Atravessei para o outro lado da prateleira, onde ficava uma pequena seção de doces, então assim que me garanti que ele não estivesse vendo, peguei uma barra de chocolate que seria mais fácil de esconder, e a levei até o cós da minha calça, que era tampado pelo meu casaco.

Eu estava completamente nervoso e tremia muito, o medo agora havia se apoderado de mim, afinal precisava passar pelo senhor grisalho, dono do minimercado, para sair dali. Tentei respirar

fundo e me manter o mais calmo possível, para que ele não notasse meu nervosismo.

Quando o casal foi pagar suas compras, decidi que era aquele momento para sair, torcendo para que o senhor não me notasse, enquanto fazia soma em uma calculadora do valor a ser cobrado. Andei em passos controlados, não queria passar lentamente e ser visto, mas também não queria sair apressado e levantar suspeitas.

Passei pela lateral do caixa, para sair pela porta, enquanto o dono verificava o valor de um saco de pão fatiado. Quando achei que havia conseguido passar despercebido, ouvi sua voz chamar.

- Ei, garoto! Não achou o que procurava? – ele perguntou desconfiado. O casal também passou a me observar.

- N-não, a marca que eu gosto não tem – respondi, deixando transparecer meu nervosismo.

Nunca fui bom em mentir.

- Por que está nervoso? – ele perguntou, contornando o caixa e vindo em minha direção. Ele já percebera que havia algo de errado.

O desespero tomou conta de mim, se ele se aproximasse ou pedisse que eu tirasse o casaco perceberia o que eu havia pegado, então fui tomado pelo impulso e saí correndo dali. Ouvi seus gritos da porta do mercado, enquanto corria pela rua pouco movimentada. Ele gritava “Volte aqui, seu ladrão!”. Estava me sentindo péssimo, mas a situação era desesperadora e eu não poderia ficar sem fazer nada, enquanto via minha família sofrer.

Quando estava quase chegando à esquina, um carro branco com “Polícia” escrito em sua lateral e com uma bandeira de Alendor pendurada na janela surgiu, fazendo-me parar de imediato. Aquilo era péssimo. Eles dirigiam em baixa velocidade e, pela

janela abaixada, vi que havia dois homens lá dentro, vestindo-se completamente de branco e azul, como era de costume.

O motorista me olhou desconfiado, provavelmente pelo fato de eu estar ofegante e nervoso, então parou o carro e desceu.

- Tudo bem, garoto? Está se sentindo bem? – ele perguntou se aproximando de mim. Dei alguns passos para trás, para manter distância e tentar me acalmar.

- Sim, estou. Apenas estava atrasado para algo e corri para chegar a tempo – menti, torcendo que dessa vez a minha mentira tivesse sido boa.

- Entendo – ele comentou desconfiado, mas já retornando para o carro. Soltei todo o ar, aliviado.

Gritos se tornaram audíveis e quando percebi, o dono da loja corria em nossa direção, chamando a atenção do policial, que desistiu de entrar em seu

carro. O outro também saiu. Eu estava completamente ferrado, dessa vez não adiantaria correr. As poucas pessoas, que estavam na rua naquele horário, pararam para olhar o que estava acontecendo.

Assim que o senhor grisalho chegou até nós, também ofegante de correr, senti as lágrimas começarem a escorrer de meus olhos: eu havia piorado tudo. Como minha família ia ficar sem mim?

- Esse garoto, ele roubou algo de meu mercadinho! – acusou o homem. Os dois policiais me encararam e se aproximaram de mim. Eu permaneci imóvel, aguardando o inevitável.

- Precisamos te revistar, garoto – informou o policial que dirigia o carro.

Assim que tiraram meu casaco, viram o chocolate no cós de minha calça e perceberam o

peso do meu casaco com a lata de sopa. Assim que terminaram de me revistar, e viram que havia pegado só aquilo, os policiais devolveram ao dono e me encararam. O outro, que ainda não havia falado nada, apenas balançava sua cabeça em sinal de negação.

- Por que foi fazer algo assim, garoto? Você deve saber bem como as coisas funcionam aqui – ele comentou.

- Desculpa, desculpa, desculpa... – disse repetidas vezes, em prantos.

- Infelizmente teremos que te levar conosco – o outro informou, puxando meus braços e unindo minhas mãos em minhas costas e, em seguida, algemou-me.

- O senhor pode voltar ao seu mercadinho, nós iremos cuidar disso – disse o policial que me conduzia até o carro.

Colocaram-me no banco traseiro, entraram no carro e deram partida. Eu apenas chorava muito, e não conseguia parar de pensar em minha família. Como eles ficariam sem mim e como iriam reagir, quando chegasse a carta anunciando minha execução por roubo?

- Você não roubou só por roubar, devia ter seus motivos – comentou o policial, no banco de passageiro.

- Sim, a minha mãe está muito doente. Eu e meu pai não estamos conseguindo manter as coisas e seus remédios. Já faz dois dias que ela não come. Só por isso peguei aquelas coisas! – revelei, tentando fazê-los entender o motivo.

- Isso é triste, consigo entender. Que garoto não correria riscos para ajudar a mãe? Porém, infelizmente, é nosso trabalho levar você. Tinha testemunhas e, se virem você pelas ruas novamente,

podemos ser denunciados e seremos nós a pagar por isso – comentou o que dirigia.

Ambos pareciam serem pessoas legais, e podia perceber o quanto eles estavam tristes por mim. Olhavam-se um ao outro a todo o momento, como se conversassem pelo olhar. Eu sabia que eles não podiam fazer nada, eles deviam ser os policiais responsáveis pelo meu bairro e, se realmente alguém me visse nas ruas posteriormente, algum daqueles curiosos poderia denunciá-los.

Chorei o caminho todo. O medo do que estava por vir era enorme. Sabia que a injeção letal era indolor, mas não podia acreditar que eu, Ianto Wiese, 17 anos, iria morrer tão cedo e dessa forma. Queria ter tido a oportunidade de ajudar mais a minha família e, quem sabe, construir uma própria. Mas, agora não havia mais o que ser feito, apenas aceitar o que era inevitável: eu estava sendo levado

para a morte.

Fiquei tão perdido em meus pensamentos e lamentos que, quando olhei pela janela, só então percebi que estava sendo levado para um ponto distante da cidade. O que me intrigou, sendo que a central da polícia ficava no centro. Para onde estava sendo levado?

- Aonde estamos indo? – perguntei a eles, que há algum tempo estavam calados.

Eles não me responderam, apenas continuaram a dirigir. Senti o nervosismo se intensificar. O que estava acontecendo? Poucos minutos depois, já havíamos chegado aos limites da cidade, e não havia qualquer carro ou sinal de vida naquela região. Eles pararam o carro ao lado daquela estrada deserta e desceram.

Senti muito medo do que eles iriam fazer comigo. Eles iam me machucar? Quando abriram a

porta ao lado do banco que estava e me puxaram para fora, eu tremia muito. Não podia acreditar que havia pensado que eles eram pessoas legais.

- Talvez você não goste muito do que iremos fazer, mas acho que será melhor que a morte – o policial que antes dirigia comentou.

- O que vocês vão fazer comigo? – perguntei confuso, sentindo meu coração quase saltar do peito.

- Vamos te dar uma nova oportunidade – ele respondeu, tirando do seu bolso traseiro uma pequena caixa preta.

O outro me segurou, imobilizando-me. Eu jamais teria força para me soltar dele. Quando a caixa foi aberta, vi que lá dentro havia uma pequena seringa com líquido amarelado. Eles iam me drogar?

Em seguida, ele segurou meu braço direito para

acertar a veia e me furou, injetando todo aquele líquido ali. Senti um pouco de dor na região e, antes que pudesse falar qualquer coisa, subitamente comecei a me sentir muito tonto. Primeiro, a minha visão embaçou. Em seguida, senti-me caindo, mas fui segurado. Lutei para manter-me consciente, mas não havia como lutar contra, minha mente estava se apagando.

Entreguei-me àquela sensação, como se estivesse apenas adormecendo, e então, tudo escureceu.

Capítulo 01

Minha visão foi tomada por luzes brancas assim que abri os olhos, o que me cegou momentaneamente. Tive que fechá-los e tentar três vezes até finalmente conseguir mantê-los abertos, sem se incomodarem com a iluminação.

Quando olhei ao redor, percebi que estava em uma espécie de quarto vazio branco, assim como a cama e lençóis, que eram as únicas coisas ali, além de mim, aparentemente. Assim que levantei, notei que estava nu e completamente depilado, mesmo que antes não tivesse muitos pelos. Ao olhar melhor a sala, vi um espelho na parede, onde parei na frente, para me olhar.

De fato, todos os pelos de meu corpo foram removidos, assim como a barba rala que tinha antes. Meu cabelo, antes loiro, agora estava platinado e bem cortado. Eu não estava entendendo. Onde eu estava? Lembrava perfeitamente de ter sido drogado pelos policiais, mas por quê?

Ao perceber que nem mesmo sabia quanto tempo havia se passado, comecei a ficar nervoso em relação à minha família. Como eles estavam? Será que foram notificados da minha prisão? Andei em círculos no quarto por vários minutos, enquanto tentava encontrar alguma explicação lógica para aquilo. A única coisa que eu sabia era que eu devia estar sendo levado para a injeção letal. Mas por que iriam me depilar e tratar meu cabelo no intuito de me matar?

Enquanto tentava organizar todos os sentimentos e perguntas, ouvi finalmente a porta se

abrir e um homem vestido socialmente entrar com roupas brancas, em seu braço. Ele parecia ter menos de 30 anos, era moreno, com barba rala. Recuei e tapei com as mãos meu sexo assim que o vi, lembrando que ainda estava nu. Ele fechou a porta.

- Não precisa esconder isso aí, acompanhei enquanto era depilado dos pés à cabeça – zombou, aproximando-se de mim.

- Então, diga-me por que fizeram isso! – exigi.

- Logo você descobrirá, mantenha a calma. Quero você o mais apresentável o possível, para a noite. Aqui, vista essas roupas! – disse, entregando-as.

Peguei-as e as vesti de costas o mais rápido possível. Era uma calça branca e camisa que se vestiam muito bem em meu corpo.

- Com essa sua bundinha redonda vou conseguir

uma grana alta! Dei muita sorte! – comentou ele, mordendo o lábio, enquanto me encarava com um olhar malicioso.

- Como assim? Você quer me tornar um garoto de programa? – questionei, nervoso.

- Claro que não, você sabe que é ilegal. Seria muito complicado ocultar algo assim – respondeu.

- Então, o que irá fazer comigo? – perguntei.

- Já disse que logo descobrirá, tenha calma. Mas agora terei que fazer algumas perguntas para você! – informou, sentando-se na cama. Deu tapinhas ao seu lado, sinalizando para eu sentar também, então o fiz, mas sempre encarando-o desconfiado.

- Se você vai me fazer perguntas, também quero respostas! – argumentei.

- Você não está na condição de exigir nada, e, se você me questionar novamente, eu o devolverei

à polícia, para que lhe apliquem a pena de morte– interviu o homem, irritado. Fiquei com medo da sua reação, mas, pelo menos, já sabia que ele não era da policia.

- Tudo bem, fala logo o que você quer saber – disse impaciente e nervoso, precisava colaborar para tentar conseguir mais informações.

- Para começar, seu nome e idade – pediu.

- Ianto Wiese, 17 anos – respondi.

Ele tirou de seu bolso um celular de última geração que nunca havia visto de tão perto. Nós, da casta 5, não possuíamos qualquer condição para comprar eletrônicos desse tipo. Então, começou a digitar nele, possivelmente as informações que havia acabado de dar.

- Qual a data de nascimento? – perguntou, levantando seus olhos novamente para mim.

- 09 de junho – respondi, e ele voltou a digitar.

- Imagino que é da casta 5, estou certo?

- Sim, exato – respondi.

– Tem namorada? – questionou, e eu neguei com a cabeça, tímido. Devido ao trabalho e por ajudar a família, quase não tinha contato com garotas da minha idade – Namorado? – perguntou com um olhar desconfiado.

- Claro que não! – respondi de imediato, incomodado pela pergunta.

- Mas já teve uma namorada, certo?

- Não – respondi sem encarar seu olhar.

- Ianto, responda-me sinceramente: você é virgem? – perguntou, encarando-me sério.

- Sim, sou – respondi e senti meu rosto ruborizar. Ele abriu um enorme sorriso.

- Isso é ótimo! Nossos testes apontaram que

você era virgem, mas precisava confirmar – comentou animado.

- Por que quer que eu seja virgem? – questionei, levantando e recuando.

- Por que assim você irá valer mais – comentou, também levantando e se aproximando de mim. Recuei mais – Mesmo que seja ótimo para meu bolso, um pouco triste para mim, é claro. Queria poder te experimentar, e agora não posso – comentou, encarando-me com um olhar safado.

- Experimentar? Como assim? – perguntei, confuso e nervoso.

- Você é muito inocente, Ianto! Eu queria te foder muito, garoto! – respondeu, apalpando o volume entre minhas pernas – Mas, como você é virgem, melhor continuar assim, por enquanto – comentou, então tirando a mão dali, o que foi um alívio, pois uma ereção estava quase se formando.

PERIGOSAS

Ele guardou seu celular no bolso e foi em direção à porta e a abriu.

- Logo mais traremos sua refeição e o prepararemos para a noite – informou, antes de deixar o quarto, trancando-me novamente.

Sentei na cama, tentando me acalmar. Aquilo tudo era muito estranho e queria saber logo o que estava fazendo ali. Tentei evitar pensar sobre o que havia sentido com seu toque. Devia ser normal excitar-se um pouco, quando estimulado naquela área e daquela forma.

Permaneci sentado e aguardando por algumas horas que pareceram uma eternidade, até que finalmente a porta se abriu. Uma mulher vestida de branco me trouxe comida e suco, com um carrinho semelhante aos que usam em hospitais. Ela colocou a bandeja sobre a cama ao meu lado, encarando-me, mas sem falar nada.

NACIONAIS - ACHERON

- Você poderia me dizer onde estou? – perguntei a ela.

- Desculpa, não tenho permissão para isso. Apenas coma, que logo irão te preparar – respondeu, já se virando para deixar o quarto.

- Irão me preparar para o quê? – questionei impaciente, levantando e segurando seu carrinho, impedindo a passagem.

- Por favor, solte o carrinho. Não posso te contar nada, garoto, só tome cuidado com o que faz ou fala, eles te implantaram um chip que podem ativar, se tentar fugir. Não vai ser muito agradável para ti – alertou, empurrando o carrinho e saindo do quarto, trancando a porta, em seguida.

Corri para a frente do espelho, onde tirei a camisa e tentei buscar marca de algum corte, mas após vasculhar quase todo o meu corpo, não havia encontrado nenhum. Ela havia mentido? Minha

barriga começou a roncar, lembrando-me da fome. Olhei a comida sobre a cama: arroz, feijão, um bife que aparentava ser suculento e várias saladas. Sentei-me e comecei a comer. Poucos minutos depois, o prato já estava vazio, assim como o copo com o suco de laranja. Não sabia se era pela fome, mas aquilo estava muito delicioso, por mais simples que fosse.

Tentei me acalmar, pois estava muito nervoso e, se continuasse assim, poderia complicar mais as coisas. Tinha que pensar bem para tentar me tirar daquela situação. Pouco tempo depois, o homem de terno de antes e outro vestindo roupas brancas, semelhantes às minhas, surgiram. Em seu uniforme tinha um crachá escrito seu nome: Armando.

- Ianto, preciso que você acompanhe o Armando – informou o homem de antes.

- Tudo bem – respondi, levantando e tentando

manter a calma. Ele me olhou desconfiado.

- Gostaria que soubesse que, se tentar qualquer coisa, temos como te parar – alertou Armando.

- Como? – perguntei, sabendo a resposta. Não iria entregar a mulher que havia me informado.

- Um chip foi introduzido em você. Podemos te localizar com ele e, se necessário, podemos ativá-lo e ele irá liberar um líquido em sua corrente sanguínea, que irá paralisar seu corpo tempo suficiente para que o apreendamos novamente – informou.

- Onde? – questionei, torcendo para que me respondessem, afinal, não havia encontrado cortes ou marcas.

- Não iremos revelar o local, mas não se preocupe, que não há marcas em você – respondeu o homem de terno.

- Siga-me, Ianto – orientou Armando.

E então, eu o segui de perto, para fora do quarto, onde demos de cara com um corredor branco. O homem de terno não nos acompanhou. Ele me guiou até uma porta grande de metal. Assim que entramos percebi que parecia uma espécie de vestiário. Outros 4 garotos estavam sentados em um banco de madeira e um outro homem de branco parecia vigiá-los.

- Pronto, aqui está o último – disse Armando ao outro.

- Vocês todos, tirem suas roupas e tomem banho logo – o outro ordenou e os outros garotos começaram a se despir. Em seu crachá estava o nome Pedro.

- Você também, Ianto – ordenou Armando.

Comecei a tirar minha roupa também, mas aquilo era estranho. Nunca havia ficado nu na

frente de outros garotos daquela forma. Tentei evitar olhar o corpo dos outros, mesmo que minha curiosidade estivesse enorme.

- Podem pegar sabonete e shampoo aqui – informou Armando, trazendo-nos uma caixa com vários pequenos frascos e sabonetes. Cada um pegou um de cada e seguimos até os chuveiros.

Liguei o meu, ainda evitando olhar para os outros, e comecei a me ensaboar timidamente, sabendo que ainda havia dois nos observando com atenção.

- Quer apostar qual irá valer mais? – perguntou Pedro ao outro, em determinado momento.

- Dessa vez nem tem como, é bem óbvio. Ianto é virgem! – respondeu Armando.

- Sério? – o outro questionou, rindo. Senti meu rosto pegar fogo e os outros garotos começaram a me encarar dos pés a cabeça.

- Voltem a se lavar! – ordenou Armando, assim que percebeu que estavam me encarando.

Tentei respirar fundo e manter a calma, mas estava difícil. Assim que terminamos, eles nos entregaram toalhas para nos secarmos e nos deram novas roupas limpas. Assim que me vesti, Armando sinalizou para que eu o seguisse.

- Não dê bola para os outros. Você é o mais novo aqui, os outros garotos têm entre 18 e 20 anos. Além de que também perdi a virgindade com sua idade, mesmo sendo da casta 3 – comentou enquanto caminhávamos aparentemente de volta para meu quarto.

Eu me sentia incomodado com esse assunto, porque normalmente a maioria dos garotos já saíam namorando do ensino básico, que era dado até os 14 anos. Era difícil alguém de casta superior namorar alguém da 5, então nos relacionávamos

entre nós mesmos.

Como precisava ajudar minha família, na mesma semana que me formei já estava trabalhando. A partir disso, dificilmente saía com meus antigos amigos, ou ia a festas, já que tentava sempre guardar dinheiro em casos de emergência.

- Pronto, agora só aguardar mais um pouco – disse Armando, assim que me deixou no mesmo quarto de antes, e saiu, trancando a porta.

Deitei-me na cama, agora sem a bandeja de antes. Eu estava muito ansioso para descobrir logo o que tudo aquilo significava, então as horas novamente pareceram uma eternidade, até que entraram novamente em meu quarto.

- Está na hora, Ianto – informou Armando. Levantei encarando-o. Ele segurava algo preto em sua mão – Infelizmente, terei que lhe vendar a partir de agora, para que não veja o local para onde

está sendo levado – revelou, ao perceber que eu encarava a venda.

Não respondi nada, mesmo incomodado com aquilo, já que não havia o que ser feito. Armando passou por trás de mim, e me vendou. Senti um calafrio, ao sentir sua respiração em minha nuca. Ele estava muito próximo de mim. Dei alguns passos para frente, afastando-me, ao sentir que a venda estava bem presa.

- Deixa que eu o guie – ele disse, puxando-me pelo braço.

Era estranho não enxergar nada, enquanto alguém te levava para algum lugar. Parecia que estava sendo sequestrado, só que sem amarras. Afinal, não eram necessárias, pois tinha um chip em mim com o qual podiam me controlar.

Após andar sendo puxado por Armando, percebi pelo barulho que havia outras pessoas, e

então, ele me ajudou a subir em algo, que parecia ser um veículo, algum tipo de Van. Orientou para me sentar lá dentro. Percebi que havia outros ao meu lado, que deviam ser os outros garotos.

- Antes de partirmos, peço que mantenham a calma. Logo iremos retirar suas vendas – informou a voz do homem de terno de mais cedo.

Nenhum de nós disse algo e logo partimos. Meu coração estava acelerado e eu estava muito nervoso. Várias ideias do que estava para acontecer passavam em minha mente. Cada uma era pior que a outra.

Algum tempo depois de total silêncio, além do barulho do trânsito e do veículo, finalmente paramos. E então ouvi abrirem a porta. Novamente, alguém segurou meu braço, guiando-me para fora dali, mas não sabia se era Armando, desta vez.

Guiou-me e logo o ouvi abrindo uma porta,

levando-me para o interior desse lugar. Subi algumas escadas e, pouco tempo depois, paramos. Ouvi outros também entrando ali, quando finalmente tiraram minha venda.

Eu e outros garotos fomos levados a uma sala branca, com apenas algumas cadeiras. Armando, Pedro e o homem de terno nos encaravam próximos à porta.

- Agora é só aguardarem, que logo buscaremos um por vez. Nossos convidados já começaram a chegar – informou o homem, deixando o quarto junto de Pedro, enquanto Armando fechou a porta e ficou ali nos observando.

Todos sentamos e percebi que não era o único nervoso ali, todos evitavam falar, com medo, até que um decidiu cortar o silêncio.

- Pode nos dizer agora o que vai acontecer? – questionou um garoto negro, sentado ao meu lado,

ele parecia muito irritado.

- Ainda não, apenas mantenham a calma, que já está acabando – respondeu Armando.

- Como espera que mantenhamos a calma? Vocês nos sequestraram e nos ameaçaram com um chip que nem sabemos se existe! – exclamou o garoto.

- Quer ver como eles são reais? – perguntou Armando, retirando seu celular e apertando algo que fez o garoto se contorcer, como se estivesse tomando um choque. Todos se assustaram. Logo ele parou, parecendo voltar ao normal – Temos mais opções, além de só paralisar vocês com eles, então colaborem – informou, encarando-nos, sério.

Depois daquilo, todos nos mantivemos calados, aguardando. Pude notar sons de risos, música e conversas. Parecia estar acontecendo uma festa, no andar de baixo. Pouco tempo depois, Pedro surgiu

na porta, segurando uma corrente e uma espécie de coleira branca acolchoada.

- Murilo, você primeiro – disse ele, sinalizando para o garoto o acompanhar. Então, o garoto cabeludo levantou e foi até ele – Não, não. Tire suas roupas, antes! – ordenou.

- Quer que eu vá pelado? – ele questionou, nervoso.

- Isso mesmo, tire logo – respondeu Pedro, impaciente.

O garoto, então, tirou sua roupa e tampou suas partes íntimas da frente com as mãos, pois parecia completamente desconfortável. Pedro então colocou a coleira em torno do seu pescoço e puxou o garoto pela corrente, para fora da sala. Todos ficaram mais nervosos e com medo, podia notar as suas expressões preocupadas, que deviam parecer com a minha.

PERIGOSAS

- Fiquem calmos, a única coisa que posso dizer é que nenhum de vocês será machucado aqui, esta noite – informou Armando, ao notar nossos receios.

Quase uma hora depois, então, Pedro surgiu novamente levando, da mesma forma, acorrentado pelo pescoço, o garoto negro que havia se irritado antes. Ficamos em três, e parecíamos preocupados para saber quem seria o próximo. Não sabia se queria ser levado logo para descobrir o que estava acontecendo, ou ser o último.

Independente da minha vontade, eu havia sido o último. Poucas horas depois, só eu havia ficado ali e Armando me encarava sério.

- Você é a atração principal – ele me encarava.

- Estou nervoso – comentei.

- Imagino, também estaria. Sei que o que vai acontecer a seguir será bem desconfortável para você e, possivelmente, posteriormente a esta noite
NACIONAIS - ACHERON

também, mas você tem a oportunidade de uma nova vida. Sei que foi preso tentando ajudar sua família, mas você é muito lindo para morrer tão jovem – comentou.

Não falei nada, o nervosismo e ansiedade estavam tomando conta de mim. Quando ouvi a porta se abrir, senti meu coração quase saltar do peito.

- Vamos Ianto, chegou sua vez – informou Pedro.

Eu levantei e tirei minhas roupas, assim como os outros tinham feito. Fiquei completamente desconfortável ao perceber os olhares de Armando para meu corpo, então também tapei meu sexo, enquanto Pedro colocava a coleira acolchoada em torno do meu pescoço.

Ele me puxou para fora da sala, de onde saímos para um corredor do que parecia ser uma mansão.

Ele me guiou pela corrente até uma escada. Minha sorte era que a coleira não machucava. Ele então me fez descer com ele até o andar de baixo, onde havia vários homens vestidos socialmente, conversando e bebendo.

Assim que me viram, todos pararam para me olhar sendo levado até um pequeno palco improvisado. Senti meu rosto pegar fogo por estar nu diante de tantas pessoas. Pedro me levou até em cima dele, e então, o homem de mais cedo também subiu. Ele puxou meus braços, para que parasse de tampar meu pênis. Eu nunca havia me sentido tão exposto como daquela forma.

- Senhores, trago agora o último da noite. Nosso melhor garoto! Esse é Ianto Lonbirfe, 17 anos – anunciou ele, mentindo meu sobrenome – Como podem ver, além de um corpo perfeito, magrinho e totalmente depilado, Ianto ainda é virgem! –

revelou e percebi todos sussurrarem entre si, interessados e animados – As ofertas começam em 200 mil dizus!

- Eu pago 250! – gritou um senhor grisalho de imediato!

- 300! – gritou outro homem muito atraente se aproximando do palco.

Capítulo 02

Todos os homens ali começaram a se aproximar do palco, e continuavam a cobrir os lances dos outros, por um tempo. Até que somente dois permaneceram dando lances que já superavam 700 mil dizus, um valor inacreditável. Nem se eu trabalhasse a vida inteira conseguiria metade disso.

Os dois homens que restaram na competição para me comprar eram bem atraentes, e se encaravam constantemente, assumindo posturas competitivas para com o outro. Ambos pareciam ser jovens por volta dos 25 anos e ainda seguravam suas bebidas na mão.

Um era moreno de rosto quadrado, com uma

rala barba. Fisicamente, era grande e aparentava ter muitos músculos por baixo de seu terno. Seus cabelos negros eram curtos. Seus dentes eram perfeitos e completamente brancos, mas o que mais me chamava atenção nele eram seus belos olhos esverdeados.

O outro era tão bonito quanto. Louro com um rosto de traços mais suaves e olhos azuis. Também parecia ter um corpo em forma, mas era menos que o outro. Enquanto o moreno exalava masculinidade e imponência, ele aparentava ser alguém mais gentil.

Eu estava me sentindo completamente estranho sendo vendido como se fosse um objeto. O que eles iriam fazer comigo depois que me comprassem? O homem de terno que havia me levado até ali parecia completamente animado com as ofertas que recebia por mim.

- 800 mil – ofereceu o moreno, provocando o loiro com o olhar.

- Antes de eu dar outro lance, Sr. Laurel, tem certeza que o garoto é virgem? – questionou o louro para o homem de terno, ao meu lado. Finalmente descobri como se chamava.

- Sem dúvidas, Sr. Paulo. Fizemos testes que o apontaram como virgem, e em conversa ele assumiu nunca ter se relacionado com outra pessoa. Sem dúvidas, esse garoto vale o investimento. Veja essa bunda! – respondeu Laurel, fazendo-me virar – Olha só como é branquinha, redonda e lisinha – ele abriu as minhas nádegas, para me expor mais – Olhem esse bunda. Encontrar garotos virgens e tão lindos assim está difícil, hoje em dia – acrescentou o homem.

Meu rosto queimava de vergonha e humilhação, sentia vontade de chorar. Toda aquela exposição

era horrível. Ele então me fez virar novamente, para que ficasse de frente para aqueles homens que agora já conheciam todo o meu corpo. Eles pareciam ainda mais animados. Alguns até mordiam seus lábios ao me observarem, provavelmente fantasiando coisas comigo.

- 850 mil dizus – ofereceu o louro convencido.

- 900 mil – cobriu o moreno.

- Eric, tem certeza que quer gastar todo esse dinheiro com o garoto? Você jamais participou de lances, em todos esses meses que frequentamos. Podem surgir outros garotos melhores em alguma festa futura – questionou Paulo.

- Eu tenho certeza do que eu faço e quero, Paulo. 900 mil no garoto, e não é meu último lance, se necessário – respondeu o moreno, encarando-o. O outro pareceu hesitar por um momento, e bebeu mais um gole de sua bebida.

- 950 mil – ele gritou, encarando o outro.

- 1 milhão – cobriu o outro sem hesitar e tirar os olhos dele.

- Tudo bem, eu paro por aqui – disse o louro, levantando as mãos, em forma de derrota.

- Alguém cobre? Alguém cobre? – gritou o homem ao meu lado, animado. Ao ver que ninguém ia dar um novo lance, ele voltou a se pronunciar – Então, Ianto é de Eric Pitz, por um milhão de dizus! Já pode levá-lo. O pagamento será solicitado durante a semana.

O homem então veio até a escadinha do palco improvisado. Laurel entregou a corrente de minha coleira para ele, que apenas me encarou sério e calado, e logo começou a me puxar para que o seguisse. Todos os olhares estavam sobre nós.

Laurel entregou a ele uma chave, que devia ser da coleira, e um celular que devia ser o mesmo que

usavam para me controlar caso tentasse algo para fugir.

Ele me guiou pela mansão, até sairmos por uma porta onde dava aparentemente para os fundos dessa, onde havia diversos carros estacionados. O local parecia afastado.

Ele me levou até um carro de luxo preto, que raramente via passear pelas ruas, de tão caro que era. Ele desativou o alarme, e então abriu o banco traseiro.

- Aqui, vista isso! – disse, retirando seu paletó e me cobrindo com ele. Como ele era bem maior que eu, a peça cobriu boa parte de meu corpo – Agora entre – orientou, e eu me sentei no banco traseiro.

Ele entrou e, logo após sentar-se no banco de motorista e pôr seu cinto de segurança, deu a partida. Ele apenas dirigiu sem falar nada por um bom tempo, mas podia perceber que ele havia

posicionado o espelho retrovisor para que pudesse me enxergar. Meu coração estava completamente acelerado e eu estava com muito receio do que viria depois. O cheiro de seu perfume amadeirado invadia minhas narinas.

- Você conhecia o outro cara? – questionei tentando quebrar o silêncio que já estava me incomodando.

- Sim, é meu melhor amigo. Crescemos e trabalhamos juntos – revelou, frio.

- Não pareciam se gostar – comentei, lembrando como provocavam um ao outro.

- Eu e Paulo sempre fomos muito competitivos com o outro.

- E o que acontece, agora? – perguntei, nervoso.

- Como assim? – ele perguntou, confuso.

- O que irá fazer comigo? – questionei,

transparecendo meu nervosismo na voz. Ele pareceu notar.

- Eu vou levá-lo para meu apartamento, onde morará comigo, Ianto. Não precisa ter medo de nada, se você fizer o que eu pedir, lhe tratarei bem – respondeu, encarando o retrovisor enquanto dirigia.

- Que tipo de coisas você vai pedir?

- Não seja bobo, Ianto. Você sabe muito bem as coisas que irá fazer para mim. Foi por esse motivo que lhe comprei e paguei tão caro. É melhor que valha a pena mesmo! – respondeu, impaciente.

Não falei mais nada, assustado. Pelo que ele havia respondido, era óbvio que havia me comprado para me usar sexualmente. Não podia acreditar que havia pessoas que se achavam no direito de vender outras, como se fossem produtos. Estava me sentindo um lixo, um objeto sendo

levado por seu dono.

A viagem não foi muito longa, e assim que ele parou o carro, percebi que estávamos na zona mais rica da cidade. Paramos em frente a um luxuoso prédio não muito alto. Aguardou a porta do estacionamento abrir, entrou com o carro e estacionou em uma das vagas livres. Aparentemente, não havia mais ninguém ali.

Ele desceu do carro e abriu a porta para que eu saísse também, novamente utilizando da corrente. Após fechar a porta, puxou-me até um elevador, que já estava no andar, e então entramos. Ele pressionou o andar 12, que era o último. Antes que a porta fechasse, ouvimos alguém gritar.

- Segure o elevador – pediu um cara ruivo vestindo short e camisa, correndo até nós.

Eric então apertou o botão para que as portas fechassem, fazendo com que o cara não pudesse

entrar. Pude perceber que o outro me encarou estranho, ao perceber que estava seminu, usando apenas aquele paletó. Não comentei nada sobre aquilo e logo paramos em nosso andar.

Assim que o elevador abriu, ele me puxou até a única porta que tinha ali. Ele devia morar na cobertura. Assim que ele a abriu com um cartão, fiquei surpreso ao ver o interior daquele apartamento. Era extremamente grande e luxuoso, com enormes janelas e sofás vermelhos que pareciam bem caros. Além da enorme televisão que cobria quase toda a parede, vi que havia escadas que revelavam ser um duplex.

Ele trancou a porta e me puxou para subir até o andar de cima, onde havia um corredor. Ele abriu uma daquelas portas e ligou a luz, revelando um quarto branco vazio.

- Já volto – disse, saindo e fechando a porta,

deixando-me ali.

Havia outra porta ali, então a abri e vi que era um banheiro. O quarto não era pequeno, mas estava me sentindo claustrofóbico. Tanto por causa do branco das paredes quanto pela ausência de qualquer janela. Poucos minutos depois, Eric surgiu novamente. Ele carregava um colchão e lençóis, os quais jogou no chão.

Ele se aproximou de mim e retirou a coleira de meu pescoço, facilitando minha respiração. A pelúcia era quente e já estava me incomodando muito. Ela devia ser somente para não fazer o "produto" ter marcas vermelhas.

- Hoje você dorme aqui, descanse bem. Pois a partir de amanhã, você começará a me servir para os motivos que foi comprado – informou com voz firme, encarando-me com seus olhos esverdeados.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 03

Quase não dormi. Além de não parar de pensar em meus pais e em como eles estavam, as paredes brancas me perturbavam muito. Definitivamente, branco havia se tornado a cor que eu mais odiava. Também pensei muito em como me tirar daquela situação, mas aparentemente não tinha o que ser feito.

Se eu tentasse fugir, além de correr o risco de ele ativar o maldito chip, o que eu faria? As coisas em Alendor eram muito rígidas, se soubessem que me levaram para ser vendido ao invés de morto, independente do que tinham feito comigo, ainda

assim, iriam querer me executar.

Fui despertado de meus pensamentos com o barulho da porta abrindo. Era Eric. Assim que ligou a luz, pude enxergar que ele estava vestindo apenas uma cueca boxer branca. De fato, como havia imaginado, ele era musculoso com enormes braços e peitoral. Além da barriga tanquinho, que exibia ralos pelos que desciam pelo cós da sua cueca.

Suas coxas também eram grossas e com poucos pelos, mas o que mais estava me chamando atenção era o volume em sua cueca, que marcava uma enorme ereção que Eric não fazia questão de esconder. E, por ser enorme (referia-me ao tamanho de seu pênis), mesmo coberto pelo tecido branco, parecia ser bem grande. Senti um arrepio estranho subir minha espinha ao imaginar como deveria ser.

- Vamos tomar café – ele disse, sinalizando para que eu o seguisse.

Levantei e o segui. Ainda continuava nu, pois ele não havia me dado qualquer roupa para que eu me vestisse. Como me sentia envergonhado, cobri com as mãos meu pênis enquanto o acompanhava de perto. Por algum motivo, sentia uma ereção querendo tomar forma, tentei ao máximo impedir aquilo, seria muito embaraçoso.

Ao chegarmos em uma cozinha enorme, com móveis e eletrodomésticos que pareciam muito caros, retirou de um dos armários caixas de cereais. Da geladeira, pegou leite, e pôs tudo sobre a mesa. Em seguida, pegou tigelas, colheres e xícaras. Foi colocando sobre a mesa, também. A cafeteira já exalava cheiro de café pronto.

- O que foi? Pode se servir – ele perguntou, ao perceber que eu permanecia parado observando-o.

- Você não pode me dar algo para vestir? – questionei, ruborizado. Até quando ele faria com

que eu ficasse exposto daquela maneira?

- Agora não, gosto de vê-lo nu – respondeu, servindo seu café e sentando-se.

Sentei-me à mesa também, e só então deixei de cobrir meu pênis com as mãos, dificilmente ele enxergaria de onde estava. Também servi café para mim e, em seguida, o cereal com leite, pois estava com muita fome. Afinal, na noite anterior, não tinham dado nada para eu comer.

- Por que você me comprou? – perguntei. Precisava entender os objetivos de Eric em relação a mim e se havia algum motivo.

- Porque senti vontade. Te achei bonito e quis você para mim, simples assim – respondeu, entre goles de seu café.

- Fala como se fosse a coisa mais normal do mundo comprar outras pessoas – comentei um pouco alterado, mas tentando não demonstrar. Não

queria irritá-lo, ele me tinha sob controle.

- Pessoas ricas como eu podem comprar o que quiserem – disse em tom arrogante. Senti vontade de levantar e socá-lo, mas apenas permaneci sentado, comendo meu cereal. Sabe-se lá quando ele voltaria a me alimentar.

- O que você faz para ter tanto dinheiro assim? – questionei curioso, enquanto me servia de uma segunda tigela.

- Sou filho de Alexander Pitz – revelou.

- Pera aí, você é Eric Pitz? – perguntei surpreso. Já tinha ouvido a respeito ele. Ele era o atual diretor das Empresas Pitz. As maiores do país, donas das maiores fábricas e exportadoras.

- Então, já ouviu falar de mim – comentou, interessado.

- Trabalhava em uma das suas fábricas.

- Que coincidência. Mas falando em nomes, Ianto é seu nome verdadeiro? Laurel costuma mentir o nome de seus produtos.

- Sim, ele só modificou meu sobrenome. Eu me chamo Ianto Wiese – respondi, incomodado em ser chamado de produto.

- Tudo bem, Ianto Wiese. Vamos conversar sobre seu papel, agora que me pertence. Logo irei trabalhar, voltarei em meu intervalo para almoçarmos juntos. Depois, comprarei algumas roupas para ti, pois não quero que adoeça. As noites costumam ser frias. Você continuará trancado em seu quarto, por motivos óbvios – informou firme.

- E sobre o que você disse ontem? – perguntei, receoso.

- Sim, a partir de hoje passarei a usá-lo para os fins que o comprei. Então, à noite, esteja limpo – respondeu, levantando-se. Já não estava mais

excitado, porém o volume em sua cueca continuava invejável.

- Vou ter que fazer sexo com você? – questionei, nervoso.

- Sim, Ianto – respondeu, encarando-me nos olhos.

- Mas, eu não quero! – intervi, levantando-me e encarando-o – Isso não é certo!

Ele se aproximou de mim, segurou meu pescoço com sua mão e me empurrou contra a parede. Em seguida prensou seu corpo contra o meu, mantendo-me imóvel. Encarou-me com seus olhos esverdeados, que agora transpareciam toda sua irritação.

- Ouça bem, garoto. Eu investi muito dinheiro em você, então você deveria estar agradecido. Era para estar morto! Então, quando eu quiser te comer ou que chupe meu pau, você fará sem reclamar!

Está me entendendo? – anunciou firme. Assenti com a cabeça, assustado – Então, muito bem. Vou me vestir para ir trabalhar. Vou levá-lo de volta ao quarto – informou, indo na frente. Eu o segui de perto. Evitaria irritá-lo, de qualquer forma.

Assim que chegamos até a porta do quarto, ele sinalizou para que eu esperasse. Então, entrou no quarto da frente e logo saiu, segurando um livro.

- Para você se entreter, enquanto espera por mim – disse, entregando-me.

Ele sinalizou com a cabeça para que eu entrasse. Assim que o fiz, ele me trancou novamente.

- Até mais tarde – despediu-se, do outro lado da porta.

Joguei-me sobre o colchão e senti a tristeza e as lágrimas tomarem conta de mim. Não podia acreditar no que estava acontecendo comigo. Era

um pesadelo. Além de ser privado de ter contato com o mundo exterior e minha família, teria de servir como escravo sexual de um homem.

Permaneci deitado ali, chorando por um bom tempo, até que finalmente consegui parar. Eu não tinha opções, a não ser aguentar até ter algo para. Encarei o livro que ele havia me entregue. “Lua Vermelha – Icarus Trinidad”, um livro gay sobre lobisomens. Joguei para longe. Diabos que leria algo assim.

Já não bastasse tudo que estava passando, ainda me forçaria a me tornar gay? Mesmo que nunca tivesse estado com uma garota ou me apaixonado por uma, jamais me imaginei transando com outro homem. E agora teria que perder a virgindade com um homem enorme e bem dotado.

Fiquei perdido em tantos pensamentos que, quando percebi, Eric surgiu abrindo a porta do

quarto. Ele entrou e me encarou, provavelmente estava bem evidente em meu rosto que eu havia chorado. Após ver o livro jogado no chão próximo à parede, voltou seu olhar para mim e suspirou fundo como se estivesse tentando manter a calma.

- Desculpa por mais cedo, acho que exagerei um pouco. Como havia dito ontem, enquanto te trazia para cá, se você fizer tudo certo, tratarei você bem. Apenas tem que se acostumar com a ideia de que agora você vive para me satisfazer – ele disse.

Eu continuei calado. Não sabia o que poderia dizer. Então, apenas me levantei e o encarei mostrando que eu seria forte.

- Vamos almoçar.

- Sim, vamos – concordei, e então, novamente o segui. Ele vestia um terno vinho muito lindo, que parecia ser feito sob medida. Assim como tudo que havia ali, deveria custar muito caro. Eu já não me

preocupava mais pelo fato de ainda estar nu.

Assim que chegamos à cozinha, almoçamos a comida que ele havia trazido. Definitivamente havia sido a melhor coisa que já havia comido em toda a vida. As carnes, legumes e massa estavam perfeitos. Eric me disse como chamavam os pratos e molhos, mas eu estava interessado apenas em comer o máximo que conseguia.

- Parece menos triste – ele comentou, assim que finalmente me dei por satisfeito.

- Não ache que é só me dar comida e meus problemas sumirão – intervi um pouco irritado com seu comentário.

- Qual é o seu problema? Você morará em um apartamento luxuoso e comerá todos os dias, apenas do melhor – questionou.

- Para começar, eu morarei em um quarto vazio dentro de um apartamento luxuoso.

- Já disse duas vezes, mas vou repetir. Se você fizer tudo certo e se comportar, poderei um dia permitir que você durma em outro quarto e tenha acesso ao restante do apartamento. Mesmo quando não estiver.

- Isso é ótimo, terei mais espaço para caminhar enquanto continuo preso – comentei sarcasticamente.

- Ianto, você sabe muito bem que não poderei jamais permitir que saia daqui. Mesmo que eu tenha o chip, meu nome está em jogo. Você poderia arruinar o império que a minha família construiu em um escândalo como esse – comentou sério.

- Não se preocupe, não é como se eu tivesse para onde ir. Além de minha família achar que eu estou morto, devem estar à beira da miséria neste momento. Só estou nessa situação porque queria ajudá-los, mas acabei piorando tudo – comentei,

sentindo raiva de mim mesmo. Eu era muito estúpido.

- Eu posso ajudar sua família.

- Como assim? – perguntei, interessado.

- Vamos fazer um acordo, Ianto. Se você for um bom garoto e me satisfizer, como desejo que faça, doarei um bom dinheiro à sua família.

- Feito! – concordei de imediato, mesmo não sabendo exatamente sobre o que ele queria.

- Tem certeza? Você terá que fazer tudo que eu pedir e sem reclamar – questionou, com um olhar provocativo.

- Sim, mesmo que você já tenha total poder sobre mim, se está falando sério sobre ajudar a minha família, eu concordo em não reclamar e fazer tudo o que você quiser – afirmei. Faria de tudo para saber que minha família estava bem,

mesmo sem mim. Eu estava disposto a me sacrificar o máximo possível, se necessário.

- Muito bem, gostei. Não queria ter que forçá-lo, por mais que pudesse ser divertido. Gosto mais de garotos submissos. Então, o acordo está feito. À noite, quando eu retornar, começaremos a brincar – comentou com um sorriso safado no rosto.

Ele logo teve que voltar para o trabalho, então me trancou novamente no quarto. Quando caí na real do que havia concordado, fui tomado por um misto de fortes sentimentos. Os mais gritantes eram o nervosismo e o medo. O que ele iria pedir que eu fizesse? Ia doer? Transar com outro homem, para mim, não parecia certo.

Passei a tarde toda apenas imaginando como seria mais tarde. Em alguns momentos, ereções se formaram, o que era completamente estranho e confuso. Eu deveria estar sentindo nojo e

repudiando a forma que ele estava me tratando. Lembrei então que já fazia um bom tempo que não me masturbava, devido a tantos problemas que estava enfrentando. Então, ignorei a possibilidade de estar excitado por conta dos meus pensamentos, eram apenas questões físicas.

Não sabia que horas eram. Como já estava há horas perdido em pensamentos e imaginação, decidi tomar banho, como ele havia orientado que eu fizesse. Suponho que não seria nada agradável fazer sexo com alguém sujo. Já que eu precisava agradá-lo e queria que minha família fosse ajudada, estaria como ele queria.

Minha sorte era que havia um banheiro ali. Encarei-me no pequeno espelho que havia sobre a pia (na verdade um armário com espelho embutido). Nem mesmo o havia percebido ali, quando tive que usar o banheiro, devido a tantas

coisas em minha cabeça. Abri e vi que havia uma escova de dente, pasta e aparelho de barbear.

Como tinham me depilado e feito a minha barba, ainda não era necessário. Fiquei um bom tempo encarando a minha nova aparência, eles me transformaram em um modelo de revistas. O cabelo platinado e bem curto fazia um contraste lindo com a minha pele clara. Quando finalmente percebi que havia perdido um bom tempo ali, direcionei-me para o chuveiro.

Tomei um banho lento para tentar mandar embora um pouco do meu nervosismo. Afinal, as coisas podiam se tornar piores se eu não relaxasse. Pelo menos era o que uma amiga comentou comigo na escola, uma vez. Enquanto todos que eu conhecia já estavam casados, eu estava prestes a perder minha virgindade somente aos 17 anos, e para outro homem. Minha situação era vergonhosa

e humilhante.

Havia shampoo e sabonete ali no box, o que estranhei. Afinal, o louro, durante o leilão, havia comentado que Eric jamais havia dado lances em meses que frequentava. Mas o quarto já estava com essas coisas preparadas, quando fui trazido para cá. Por não ter móveis, definitivamente não era um quarto para hóspedes. Tentei não encher minha cabeça com teorias, pois já tinha bastante coisa para lidar.

Assim que senti que estava há tempo demais embaixo d'água, saí e me sequei na toalha branca que havia pendurada em um gancho. Depois disso, escovei meus dentes e estava pronto. Era só aguardar Eric surgir. O nervosismo e a ansiedade faziam meu coração tremer. Minhas mãos tremiam. Não sabia se conseguiria.

Provavelmente, jantaríamos antes de ele querer

fazer qualquer coisa. O que era bom, pois teria mais tempo para tentar me acalmar, além de que já sentia fome. Eu estava comendo muito. Provavelmente estava usando isso para minimizar o stress e a inquietação, que estava sentindo. Minha sorte era que, independente de quanto eu comia, jamais engordava, continuava magro. Em tempos melhores, minha mãe brincava, dizendo que eu era "magro de ruim", pois estava sempre comendo.

Pareceu uma eternidade a espera por Eric. Assim que ouvi a porta se abrir, levantei de imediato e o encarei. Vi que carregava algumas sacolas.

- Venha – orientou e fui atrás dele. Ele havia entrado na porta de antes, e assim que entrei também, percebi que devia ser o seu quarto. Ele soltou as sacolas sobre o chão ao lado da enorme cama King Size – Comprei algumas roupas para

você. Depois você experimenta. Agora eu que quero experimentar, mas você! – informou retirando sua gravata e me encarando com uma expressão safada. Em sua calça, seu enorme pênis já estava visivelmente duro.

Não havia volta. Eu finalmente ia perder minha virgindade, e com Eric Pitz.

Capítulo 04

Eu estava tremendo de uma forma visível. Poderia desmaiar a qualquer momento. Meu grau de medo era tão grande, que eu não conseguia raciocinar direito. A ponto de nem me desvencilhar, Eric deu a volta por meu corpo, parando atrás de mim. Enquanto desabotoava sua camisa, dava-me beijos na nuca. Ele dava longos chupões em meu pescoço, que provavelmente deixariam enormes manchas roxas em minha pele alva.

Removeu seu paletó e camisa e, exibindo seus grandes e rígidos músculos, começou a me acariciar. Suas mãos vagavam por toda a extensão

de meu corpo, enquanto ele continuava sua sessão de beijos em minhas costas. Eu estava arrepiado e nem percebi quando meu pênis ficara ereto. Eric o pegou e masturbou-me, lentamente. Eu, antes atemorizado, gemia baixinho. Por algum motivo eu estava me entregando àquela estranha e gostosa sensação.

Eric era consideravelmente mais alto do que eu. Tanto que eu sentia seu pênis duro, ainda por debaixo da calça, encostar quase que na metade de minhas costas. Às vezes agachava-se um pouco, para esfregá-lo em minhas nádegas.

Então, Eric pegou-me no colo e, encarando-me voluptuosamente, jogou-me sobre aquela enorme cama no centro do quarto. Ele subiu nela e, de pé, abriu a braguilha de sua calça.

— Me chupa! — falou ao deixar sua cueca à mostra. Eu estremeci ainda mais. Não sabia o que

fazer. Nunca nem me imaginei fazendo aquilo. Eu estava hesitante e aquilo parecia incomodar Eric. — Me chupa! — desta vez, em tom de ordem.

Ajoelhei-me sobre o colchão e puxei sua calça para baixo, removendo-a. Eric, agora só de cueca, estava absurdamente excitado. Seus grandes músculos tremiam de tesão. Seus olhos percorriam meu corpo, demonstrando todo o seu desejo. Baixei sua cueca e, saltando para fora como uma catapulta, surgiu seu pênis. Enorme, grosso, com veias tão imponentes que pulsavam sob a pele.

— Coloca na boca! Mama seu dono, vai! — falou.

Eu, vagarosamente, coloquei minha mão em seu enorme falo e, morrendo de vergonha, comecei a masturbá-lo. Eric começou a gemer baixinho e suspirar. Então, em um ato de coragem, coloquei minha boca na glande de seu pênis. Se fosse um

pouco mais grosso, eu não conseguiria fazer aquilo.

Eric então começou a movimentar-se em um vai e vem lento, empurrando, aos poucos, seu membro para dentro de minha boca. Eu, definitivamente, não conseguiria abocanhá-lo totalmente.

Em um movimento célere, Eric deitou-se na cama e ordenou que eu sentasse em seu peito, e eu o fiz. Ele tinha poucos pelos em seu peitoral definido, mas eram suficientes para fazer cócegas em minhas nádegas. Eu sentia como se estivesse sentado em uma pedra felpuda.

Para minha surpresa — e tesão — Eric engoliu meu pênis mediano com maestria, engolindo-o, sem nenhuma dificuldade. Ele ficou assim por uns instantes e logo me pediu para voltar a chupá-lo, gemendo quando eu comecei.

Era estanho pensar que eu estava transando com outro homem. Eu me sentia desconfortável e, ao

mesmo tempo, animado. Eu ainda estava receoso. Questionava toda a minha vida e como via a mim mesmo. Será que eu era, afinal, homossexual? Ou era apenas uma sensação normal, já que Eric estava tocando em partes estimulantes de meu corpo e aquilo tudo não passava de uma enorme explosão de hormônios? Eu, definitivamente, não sabia as respostas, mas me entregava com o que eu podia e conseguia.

Passou o que se pareceram horas, quando Eric ajoelhou-se e, com uma pegada firme e sensual, puxou-me para perto de seu corpo em um abraço. Começou a beijar meu pescoço, novamente. Ficou assim por algum tempo, enquanto colocava seu pênis por entre minhas coxas e fingia o ato da penetração. Eu me arrepiava em todos os movimentos.

Para minha surpresa, Eric empurrou-me contra

a cama, deixando-me de barriga para cima e, pegando-me com suas grandes mãos, virou-me de bruços. Deu um forte tapa em minhas nádegas que, com certeza, ficaram vermelhas, e urrou um elogio safado. Então aproximou seu rosto de minha bunda branca e redonda, e enfiou sua língua em meu ânus, movendo-a rapidamente, em todas as direções. Eu me contorci de tesão e dei um gemido alto. Ele riu, satisfeito.

—Prepare-se! — falou Eric, pondo-se de joelhos novamente — eu vou meter em você!

Senti o nervosismo e o medo se apoderarem de mim. Não sabia se estava preparado ou conseguiria aguentar todo o seu membro. Sem dúvidas, aquilo iria doer muito, porém lembrei-me de nosso acordo. Eu precisava fazer tudo que ele pedisse, sem reclamar, se quisesse que minha família fosse ajudada.

Minha respiração estava ofegante e meu coração palpitava freneticamente. Peguei um travesseiro e enterrei meu rosto nele, para tentar me acalmar e, se necessário, abafar os gemidos. A situação era vergonhosa. Não podia acreditar que a minha primeira vez seria daquela forma. Com outro homem.

Ele continuou por um bom tempo me lambendo. Fui obrigado a tirar meu rosto do travesseiro, para poder respirar. A imagem de Eric enterrando seu rosto entre minhas nádegas era, de certa forma, excitante. Era estranho sentir prazer ali. Não conseguia pensar sobre isso, pois sem dúvidas, Eric sabia o que fazia. Afinal, os movimentos da sua língua eram delirantes, e agora ele já tentava me penetrar com ela, arrancando-me gemidos ainda mais intensos.

Quando finalmente tirou sua língua de mim,

soltei um gemido alto. Fui surpreendido por estar sendo penetrado por um de seus dedos, que entrou sem muita dificuldade, devido à lubrificação e preparo que havia recebido por parte da sua língua.

Assim que percebeu que eu já havia me acostumado ao primeiro, inseriu o segundo, que desta vez não entrou com tanta facilidade. Fez movimentos de vai e vem, com eles.

- Está gostando? – ele perguntou, observando minha reação, enquanto continuava me estimulando. Não respondi, não tinha certeza do que estava sentindo. Era bom, mas estranho, ao mesmo tempo – Está gostando? Me responde, porra! – exigiu.

- S-sim, estou – respondi entre gemidos. Era isso que ele queria ouvir.

- Então, vai gostar ainda mais do que virá agora – comentou, retirando seus dedos e indo até o

enorme guarda-roupa que cobria a parede toda.

Ele pegou um frasco de lá. Não consegui ver direito o que era. Me puxou pela cintura, colocando-me de 4. Senti meu rosto pegar fogo. A posição era vergonhosa. De repente, senti algo gelado sendo espalhado pelo meu ânus. Devia ser lubrificante.

Em seguida, ele posicionou seu pau na minha entrada, que devia ser pequena, em comparação ao seu enorme pênis. Senti a primeira pontada de dor, quando ele forçou pela primeira vez, sem sucesso. Gemi de dor. Senti vontade de desistir, mas não tinha essa opção.

- Relaxa – falou, esfregando seu pau no meu ânus. Respirei fundo, tentando.

- Você não vai usar preservativo? – questionei, percebendo que ele não estava utilizando.

- Não – respondeu – Você é só meu. Jamais será

tocado por outro homem, então me sinto seguro para fazer sem. Será até mais prazeroso assim.

- E quanto a mim? Estou seguro? – perguntei, nervoso. Não sabia com quantas pessoas ele transava. Devia haver várias, afinal ele era muito atraente. Sem falar de toda sua fortuna. Poderia ter quem quisesse.

- Não estou saindo com ninguém – respondeu, voltando a forçar seu pau em minha entrada. Tentei ignorar aquilo, não podia obrigá-lo a usar.

Quando senti a dor, tentei relaxar e respirar fundo, para que desse certo. Não podia reclamar, simplesmente não podia. Com um pouco de esforço e dificuldade, finalmente senti a glande de seu pênis entrar. Senti vontade de tirar na hora, pois uma dor e ardência horríveis tomaram conta de mim. Parecia que estava sendo rasgado, mas aguentei calado.

- Calma, Ianto! Relaxa! – ele disse, ficando imóvel, para não mover seu pênis. Assim, sem me causar mais dor.

Senti lágrimas escorrerem por meu rosto. Ficamos parados ali por um tempo, até que finalmente comecei a me acostumar com aquela parte que já estava dentro de mim. Sentia-me humilhado. Quando ele percebeu que eu já não estava sentindo tanta dor, perguntou se podia continuar. Respondi que sim, hesitante, estava com medo e receio. Se só a cabeça havia doído tanto assim, como seria com o resto?

Ele começou a empurrar, e a dor retornou juntamente com um desconforto enorme, mas tentei não pedir para que parasse. Não sabia o quanto de paciência ele ainda tinha. Quanto antes entrasse, logo me acostumaria. Então deixei Eric empurrar todo o seu membro para dentro de mim. Gemi de

dor e alívio, ao sentir seus pelos em minhas nádegas: havia entrado tudo finalmente.

Senti um pouco de tontura e pedi para que ele esperasse um pouco. Minha visão havia embaçado e a dor era enorme. Apoiei minha cabeça no colchão enquanto tentava me acalmar e recuperar. Não sei quanto tempo fiquei naquela posição. Para minha sorte, estava sendo eficiente, pois a dor já havia diminuído muito. O pau de Eric continuava bem duro e pulsando dentro de mim, aguardando o sinal de que poderia continuar.

- Pode continuar – disse, finalmente.

- Ótimo – ele comentou, impaciente.

Eric então começou a estocar em mim, gemi alto devido à mistura de dor e prazer. Não conseguia decidir qual dos dois sentia mais, naquele momento. Eric metia com vontade e gemia tanto quanto eu.

Aos poucos a dor foi se esvaindo e Eric aumentou o ritmo e força com que metia em mim. O prazer era alucinante e quase insuportável, de tão intenso. Toda vez que seu pau entrava todo e batia em uma parte minha, que não sabia qual era, sentia que podia gozar a qualquer momento. Meu pênis nem mesmo conseguia se manter ereto. Parecia que todo o prazer possível que poderia sentir havia sido transferido para ali.

Eric passou seus braços por meu peito e me puxou contra seu corpo. Então, começou a beijar e chupar meu pescoço, enquanto continuava metendo em seu ritmo frenético e forte. Sentia que ele podia me quebrar a qualquer momento, mas o êxtase era enorme e não conseguia falar nada. Eric gemia alto.

Quando sentia que poderia realmente gozar sem nem mesmo tocar meu pênis, ele tirou seu pau de dentro de mim e se deitou na cama.

- Eu quero que você cavalgue no meu pau – falou.

Levantei na cama e fui até onde ele estava, senti minhas pernas bambas, mas fiz o que ele pediu. Posicionei seu pau na minha entrada e sentei, sentindo tudo aquilo me invadir novamente, e logo comecei com movimentos de sobe e desce. Aquilo era muito prazeroso, mas não sabia quanto tempo aguentaria. Minhas pernas fraquejavam a cada movimento.

Percebendo que eu estava indo devagar, Eric voltou a estocar, enquanto eu tentava continuar subindo e descendo por seu pau. Foi quando fui tomado por um prazer intenso, e senti meu pênis jorrar esperma sobre a barriga e peito de Eric. Aquilo havia sido incrível. Ele sorriu, satisfeito.

Ele me virou de bruços, assim que percebeu que não aguentaria ficar mais tempo sobre ele, e

começou estocar mais selvagemente ainda, e agora o prazer começava a me incomodar um pouco. Era por que eu havia gozado? Mas, para minha sorte, não demorou muito. Os gemidos dele se intensificaram, revelando que seu orgasmo estava próximo.

- Vou gozar! – anunciou.

Assim que soltou seu gemido mais alto, senti algo quente me encher por dentro: ele havia gozado muito. Senti uma parte escorrer para fora. Ele se jogou sobre mim, ainda com seu pau dentro, respirando fundo. Seu corpo estava completamente molhado de suor e estava bastante ofegante. Também aproveitei para respirar e descansar, mesmo que seu peso me incomodasse um pouco.

Depois de alguns minutos, ele finalmente saiu de cima e retirou seu pênis de mim, que ainda continuava duro, de certa forma. Se sentou no canto

da cama.

- Vá tomar seu banho, que farei o mesmo. Precisamos jantar – falou.

- Tudo bem – disse, tentando me levantar com um pouco de dificuldade, pois minhas pernas tremiam e sentia seu esperma escorrer de dentro de mim.

- Ianto! – ele me chamou, assim que eu estava chegando à porta, e então, virei-me para ele – Eu vou ajudar sua família – revelou.

- Obrigado! – agradeci, sentindo as lágrimas surgirem. Por algum motivo, senti vontade de correr até ele e abraçá-lo, mas não o fiz. Mesmo que estivesse me ajudando, nada justificava ele me prender naquele apartamento, contra minha vontade, e me forçar a fazer sexo com ele. Não era certo!

- Vá tomar seu banho logo, para jantarmos.

Precisa se alimentar bem. Afinal, só fui devagar com você, porque era virgem. Nas próximas, irei realizar todas as minhas vontades e fetiches contigo. Foi para isso que lhe comprei – falou.

Capítulo 05

Acordei com Eric me chamando. Devido à noite anterior, ainda estava muito cansado. Ao encarar seu rosto, senti o meu ruborizar. Estava completamente envergonhado. Ele, pelo contrário, sorria de orelha a orelha. Já estava vestido com seu terno de trabalho.

- Vamos tomar café, Ianto! – falou.

- Tudo bem. Posso ir ao banheiro antes? – questionei.

- Sim, estarei lhe aguardando na cozinha – respondeu.

Estranhei o fato de ele me permitir que andasse

pela casa sem sua presença, mas não comentei nada. Fui até o banheiro urinar e lavar meu rosto. Já vestia roupas que ele havia comprado para mim. Ele também implicava no branco. Calças e camisas brancas não eram divertidas. Na primeira oportunidade, se encontrasse algo para tingi-las, iria colorir essas malditas peças brancas.

No caminho para a cozinha, tentei ver se havia algum telefone ou algo semelhante, mas não tinha. Eric devia ter tirado todos. Quando cheguei à cozinha, a mesa já estava preparada. Ele me aguardava sentado, sem comer, com o enorme sorriso ainda estampado em seu rosto.

- Está tudo bem contigo? – perguntei, estranhando seu jeito.

- Ótimo. Você me proporcionou uma excelente noite, ontem. Estou muito contente. Temos muita química na cama – respondeu.

- Química?

- Claro. A forma que você se entregou a mim foi incrível.

- Se você acha... – comentei, irônico.

- Enfim, vamos comer logo. Preciso ir trabalhar – ele disse, não parecendo notar minha ironia.

Tentei evitar ao máximo não gritar para Eric: “Só me entreguei para você ontem, porque queria que ajudasse minha família e estava morrendo de medo que você me batesse, se não o fizesse!’’. Ainda bem que consegui me segurar.

Não ia me levar a caminho nenhum discutir com ele. Quer dizer, nenhum muito agradável. Pelo menos ele parecia calmo e feliz agora. Tomamos nosso café sem nos falarmos muito. Eu ainda não me sentia muito confortável com sua presença. Não sabia o que conversar. Tínhamos poucas coisas em comum. Quando finalmente terminamos, ele me

levou de volta ao quarto e disse o que eu tanto queria ouvir.

- Preciso do endereço de seus pais – informou, retirando um pequeno bloco de notas e uma caneta de seu bolso, entregando-os a mim.

- Tudo bem.

Escrevi nele o endereço da casa em que um dia morei. A cada letra e número a mais que escrevia no papel em branco, mais meu peito doía. Estava morrendo de saudades de todos eles. O jeito brincalhão de meu pai, o superprotetor de minha mãe e de meu irmãozinho, que era muito inteligente.

- Vou passar lá, antes da hora do almoço – informou Eric, guardando o bloco e caneta.

- Sério? – questionei, desconfiado. Ele podia muito bem ter blefado no acordo para conseguir o que queria.

- Sim, eu prometo – respondeu.

- Obrigado – disse, sorrindo para ele. Por mais que o que ele estivesse fazendo comigo fosse imperdoável, ele não precisava ajudar minha família, então, nisso, ele estava sendo legal.

- Vou lá, até mais – falou e se aproximou de mim. Encarei-o sem entender, quando fui surpreendido. Ele se curvou e me deu um selinho num beijo de despedida. Fiquei estático sem saber o que fazer. Ele, pelo contrário, sorriu para mim, antes de trancar a porta.

Joguei-me sobre o colchão respirando fundo e tentando entender. Na noite anterior havíamos transado, mas em nenhum momento ele me beijou. Fiquei um pouco surpreso. Após ser obrigado a fazer sexo com ele, por algum motivo, o beijo pareceu muito mais íntimo.

A forma como estava sorrindo para mim, e

depois o beijo, confundiram muito a mim. O que ele realmente queria de mim? Ele já havia me chamado até mesmo de produto, mas agora me tratava carinhosamente. Tentei compreender o que estava se passando, mas não adiantava. Não conseguia entender Eric. Eu estava completamente sob seu controle. Ele não precisava me agradar, mas mesmo assim se esforçava para isso. Desisti de ficar pensando nisso, quando senti uma dor de cabeça se aproximar.

Deitado de barriga para cima, só me restava olhar para as paredes brancas. A pior coisa que pode acontecer ao você estar preso é você ser ansioso. Cada minuto parecia uma eternidade. De repente, vi o livro que havia jogado contra a parede. Não queria lê-lo, mas podia ser uma forma de me distrair, então o busquei e iniciei a leitura.

Por mais estranho que fosse ler um livro sobre

um protagonista gay, até certo ponto estava gostando. O mistério e suspense em “Lua Vermelha” conseguiam me prender tanto quanto as cenas gays. Fiquei surpreso ao ser chamado por Eric, pois foi quando percebi que eu já havia lido quase metade do livro.

- Venha! – pediu.

- Sim.

Larguei o livro e o acompanhei até a cozinha, onde já estava sobre a mesa a comida que Eric havia comprado em algum restaurante. Sentia bastante fome, mas não estava muito interessado na comida. Queria saber se ele havia feito aquilo que prometeu, de manhã. Servimo-nos e começamos a comer; eu encarava Eric a todo o momento, aguardando que falasse algo, mas ele não disse nada até terminarmos. Desta vez, comi pouco devido à ansiedade.

PERIGOSAS

- Suponho que esteja ansioso para saber sobre sua família. - comentou, ao perceber que não tirava os olhos dele.

- Sim, estou muito ansioso. Você foi lá? Como eles estavam? – questionei.

- Bem, eu posso te contar tudo isso, mas como tenho um tempo livre ainda, que tal me pagar um boquete antes? Capriche e eu te conto tudo – propôs. Senti meu rosto queimar, e o encarei incrédulo – Estou falando sério, vem cá – ele afastou a cadeira da mesa e abriu o cinto e o zíper de sua calça, deixando exposto seu pênis duro, marcado na cueca azul.

- Você vai me contar se eu fizer? – perguntei.

- Mesmo que eu não precise, você me pertence e tem que fazer o que eu pedir. Mas sim, irei lhe contar se você me chupar gostoso.

Aproximei-me dele um pouco nervoso, não

conseguiria relaxar até saber como minha família estava. Precisava fazer aquilo para conseguir a informação, então me ajoelhei diante de Eric. Puxei sua cueca, libertando seu enorme pênis, que saltou para fora. A sua enorme glande vermelha estava molhada pelo líquido pré-gozo.

Hesitei um pouco, encarando seu mastro, mas logo Eric puxou minha cabeça contra seu pau. Engasguei ao sentir tocar minha garganta e logo tirei rapidamente da boca. Ele queria colocar tudo, mas era muito grande. Ele apenas riu e voltou a puxar minha cabeça novamente contra seu pau, e novamente engasguei. Ele não parecia se importar muito e, puxando meus cabelos, fazia-me engolir seu pau e depois tirava, repetidamente. Eu engasgava toda vez que ele forçava seu pau contra minha garganta. Ele já estava completamente babado pela saliva que eu deixava escorrer.

Ele gemia alto e parecia estar adorando. Já eu me sentia sendo usado como um objeto, mas por algum motivo, uma ereção se formou dentro de minha cueca. Tentei ignorá-la. Devia ser normal, independente do sexo da pessoa com quem está transando.

Eric fodeu minha boca por um bom tempo, até que então puxou meu cabelo e levou minha boca até suas bolas. Finalmente me soltando para que eu mesmo decidisse o ritmo. Ele se masturbava enquanto aguardava que eu o chupasse ali, mas hesitei, sem saber como fazer.

- Vai, Ianto, chupa minhas bolas.

Obedeci e comecei lambendo. Ele gemeu alto. Para minha sorte, era bem depilado. Ele acelerou sua masturbação, transparecendo toda sua excitação. Abocanhei uma de suas bolas e a massageei com a língua. Eric gemia cada vez mais

alto. Fui até a outra e fiz o mesmo. Ele parecia estar adorando, então fiquei alternando entre ambas.

- Isso, caralho, está uma delicia – falou, entre intensos gemidos.

Ele olhou para baixo e encarou-me enquanto o chupava, eu também o observava com atenção, para acompanhar suas reações. Ele então se levantou e empurrou tudo que havia em cima da mesa, alguns copos e pratos caíram no chão, quebrando-se, mas ele não se importou. Pegou-me no colo e me jogou na mesa.

Após me empurrar para que ficasse deitado de barriga para cima, ele puxou em um único movimento minha calça e cueca, expondo meu pau, também duro. Ele o abocanhou, colocando tudo na boca, de uma vez. Gemi alto, ao sentir sua boca quente e molhada. Então, com movimentos ferozes, Eric chupou meu pau com vontade, enquanto

continuava se masturbando.

Eu me contorcia na mesa, extasiado de prazer. Como meu pau era mediano, Eric conseguia colocá-lo completamente na boca. Não demorou muito e senti o orgasmo se aproximando. Intensifiquei meus gemidos em forma de alerta, mas ele não parou. Gemi alto quando gozei. Senti meu pau jorrar bastante esperma na boca de Eric, que não deixou escorrer e só a tirou assim que havia limpado qualquer vestígio dele.

- Sua vez – falou me puxando pelas pernas, me fazendo sair da mesa e cair ajoelhado diante do seu mastro, que pulsava de tesão.

Chupei, assim como ele havia feito, para recompensá-lo. Cada vez que seus gemidos se intensificavam, mais rápido ia com os movimentos de vai e vem de minha boca. Saber que ele estava gozando estava me excitando, mas mesmo assim

fui surpreendido com seus jatos de esperma enchendo minha boca. Uma boa parte escorreu, e senti um pouco de ânsia com o gosto amargo, mas fiz como ele e lambi todo seu pau, limpando cada gota da sua porra. Ele sorriu satisfeito e bateu no meu rosto com seu pau.

- Até que você é bem safadinho – comentou.

O que ele disse me fez sentir vergonha. O que eu estava fazendo? Na noite anterior fiz tudo porque precisava, mas dessa vez eu havia feito porque queria. Isso significava que eu também era gay? Podia nunca ter me envolvido com uma garota, mas também nunca me sentido atraído por uma. E agora, se eu parasse de mentir para mim mesmo, poderia afirmar que, de certa forma, o corpo de Eric me atraía e excitava. Talvez eu fosse gay o tempo todo, e não havia percebido. Ou não me deixava perceber. O único problema era que eu

não sabia se queria ser gay.

- Você está bem? – ele questionou preocupado, ao perceber que eu havia ficado calado.

- Não sei, estou confuso – respondi. Talvez não fosse uma boa comentar com ele, mas ele seria a única pessoa que veria por um bom tempo.

- Você acha que é gay pelo que fizemos? – Eric perguntou, prevendo o que eu falaria.

- Sim... – respondi, envergonhado.

- É normal sentir prazer com outro homem, eu estava te estimulando. Você só é gay se sentir atraído por outros homens, Ianto.

- Mas eu... – calei-me, antes de completar a frase.

- Você se sente atraído por mim? – Eric questionou, interessado.

- Não sei, acho que sim. Já disse, estou confuso

– respondi impaciente e cruzando meus braços. Ele abriu um enorme sorriso, satisfeito. Ótimo, eu havia elevado o ego do cara ainda mais.

- Enfim... Depois conversamos mais a respeito disso. Queria continuar aqui, mas preciso voltar ao trabalho – informou.

Segurei-o pelo braço, antes que saísse dali:

- Você prometeu que me contaria o que aconteceu – intervi.

- Tudo bem. Fui até o endereço que me passou e eles realmente estavam na pior. Eles estranharam minha visita, mas disse que conheci você em uma das fábricas. E, como você parecia ser um bom garoto, decidi ajudá-los, agora que estava morto.

- Então, eles realmente acham que estou morto? – interrompi.

- Sim, eles pareciam bem abalados ainda. Mas

não precisa mais se preocupar em como eles ficarão, dei uma boa quantidade em dinheiro para eles. Primeiro eles recusaram, desconfiados, mas acabaram aceitando, por fim. Eles podem viver tranquilamente por vários anos com o valor que receberam – falou.

- Muito obrigado por isso. Sinto um peso enorme sendo tirado de minhas costas – disse. Percebi que me preocupava mais com eles sem mim, do que comigo mesmo.

- Tínhamos um acordo. Acima de tudo, sou um homem de palavra.

Sorri para ele e ele se aproximou de mim, eu recuei dando passos para trás.

- O que foi? – perguntou, estranhando.

- Acho estranho você me beijar – respondi.

- Não me importo, estou com vontade – disse e

avançou em mim.

Senti seus braços me envolverem e puxarem contra seu corpo, ele então se curvou um pouco e trouxe sua boca até a minha. Tocou seus lábios macios nos meus, para então explorar o interior de minha boca com sua língua, que em vários momentos se entrelaçou a minha. Não sei quanto tempo se passou, quando Eric deu uma última mordida em meu lábio, antes de se afastar de mim. Ele parecia satisfeito, mas eu não sabia se, pelo fato de eu tê-lo chupado, ou por agora achar que eu me sentia atraído por ele.

Ele me trancou novamente no quarto e foi trabalhar. Não consegui retornar à leitura. Minha mente não se calava. Como Eric podia ser tão bruto em alguns momentos, e tão carinhoso em outros? Além da enorme dúvida a respeito da minha sexualidade: eu era gay? E se fosse? Era certo

sentir atração por Eric, que me forçava a fazer coisas, me privava da liberdade e se achava meu dono?!

Decidi, então, que quando chegasse à noite eu iria testá-lo. Precisava saber da verdade. Precisava saber se ele me considerava apenas um escravo sexual. Apenas algo que lhe pertencia e poderia fazer o que quisesse.

Capítulo 06

Era isso, havia devorado o livro “Lua Vermelha” completamente e estava bastante chocado com o final. Se eu pedisse a continuação para Eric, seria estranho? Estava com vergonha de ele achar que estava aceitando o fato de poder ser gay, mas a curiosidade e vontade de ler o próximo eram maiores.

Decidi tomar um demorado banho. Sempre conseguia pensar melhor embaixo do chuveiro, sentindo a água cair sobre meu corpo. Então passei um bom tempo lá embaixo. Dificilmente Eric se irritaria com o valor das contas de água e

eletricidade.

A forma que me sentia com Eric me tocando não era normal. Por que estava negando a mim mesmo o fato de ser gay? Não era algo errado. Não era isso. Eu nunca tive preconceito. O problema era a forma que descobri e com quem: alguém que havia me comprado e sentia-se meu dono. Eu só podia estar louco.

Ao sair do banho, percebi o quanto estava nervoso e ansioso para a noite. Agora não tinha tanta certeza assim se era uma boa testar Eric. Ele podia me surpreender e agir de forma inesperada, mas minha mente não parava de questionar suas verdadeiras intenções. Eu simplesmente precisava saber o que ele sentia por mim. Se me tratava carinhosamente às vezes porque gostava de mim, ou se, na verdade, sempre me viu como um brinquedo.

Negar sexo a ele não era suficiente. Ele já havia demonstrado se irritar quando recebia “não” como resposta. Precisava ser mais direto. Fazer perguntas das quais precisava ouvir as respostas. Claro que havia a chance dele mentir para mim. Dizer o que eu queria ouvir. Mas por que faria isso? Eu lhe pertencia agora e ele tinha total controle sobre mim. Então a probabilidade de me contar a verdade era maior.

Aguardei sentado no colchão, o que pareceu uma eternidade, esperando que a porta fosse aberta por ele. Até que finalmente Eric chegou. Encarou-me durante alguns momentos e abriu um sorriso. Em sua mão estava uma sacola. Será que havia comprado mais roupas? Se fosse para mim e fossem brancas, jurava que podia fazê-lo engolir. Cor detestável.

- Não vai me dar um beijo de boas-vindas? – ele

perguntou, aproximando-se. Não respondi nada, ele então se sentou ao meu lado para me beijar. Deixei que usasse meus lábios. Agora não parecia tão ruim em relação às outras coisas que havia feito comigo. Talvez um beijo não fosse tão íntimo para ele, quanto era para mim – Você está bem? – perguntou, assim que separou nossas bocas.

- Estou sim, por quê? – questionei.

- Está quieto... E isso é estranho.

- Só estou entediado – menti. A verdade era que eu estava ansioso e nervoso para testá-lo.

- Então vem comigo, que darei algo para você se divertir – Eric falou levantando-se e me puxou pelo braço, até seu quarto.

Assim que chegamos ele tirou minha camisa, e jogou-a no chão para então me empurrar, fazendo-me cair deitado sobre sua cama. Ele pegou uma caixa de dentro da sacola que carregava, e assim

que a abriu tirou de lá um frasco de perfume muito bonito. Eric subiu sobre mim com ele na mão.

- Eu amo este perfume e adoraria senti-lo em você – falou e espirrou a fragrância em meu peito e pescoço, para depois cheirar minha pele alva com vontade – Maravilhoso! – comentou e largou o frasco no chão em seguida.

- De quem era esse perfume? – perguntei.

- Como assim? – ele questionou surpreso pela minha pergunta.

- Para você gostar tanto assim, suponho que uma pessoa que gostasse o usava também – respondi. Era o pontapé perfeito para chegar até as perguntas que queria fazer. Ele ficou calado durante alguns momentos, estático. Aparentemente a pergunta o havia afetado.

- Um amigo usava, mas não quero falar sobre isso – respondeu, impaciente.

- Por quê? Não conseguiu comprá-lo também? – provoquei. Ele me olhou com ódio e, em seguida, senti meu rosto queimar com um forte tapa que ele me deu.

- Nunca mais fale isso! Você não sabe de nada que aconteceu! – ordenou irado, apontando o dedo indicador para mim.

- Aparentemente ele estava acima disso, né? – perguntei, sentindo as lágrimas escorrerem por meu rosto. Mas elas vinham pela forma que ele estava falando comigo, não pelo tapa.

- Sim, estava mesmo! – respondeu friamente e respirando pesadamente.

- Então suponho que sou seu brinquedinho de consolação, não? – provoquei, novamente. Queria ouvir a verdade, mesmo que doesse. Talvez assim esses sentimentos que começavam a se formar por ele sumissem. Ele novamente hesitou em

responder, durante alguns momentos.

- Se você acha que é isso, então será assim que te tratarei! - respondeu irritado, finalmente. Eric juntou minhas mãos e as imobilizou sobre minha cabeça, segurando com apenas uma. Ele era incrivelmente forte.

- O que você está fazendo? – perguntei, nervoso, ao vê-lo abrir sua calça com a outra.

- Vou brincar com você, ué. Achei que podia ser diferente, mas pelo jeito estava enganado. Você só serve para me satisfazer sexualmente! Você não é capaz de me entender. Então, agora cala a boca e chupa meu pau! E se você me morder, não vai gostar do que farei contigo depois! - respondeu, subindo sobre meu rosto e tentando colocar seu pênis ainda flácido em minha boca. Por mais irado que estivesse, pude perceber que ele estava segurando-se para não chorar também.

Não abri a minha boca nenhuma vez e virei meu rosto em todas as suas tentativas, mas ele se irritou profundamente e puxou meu cabelo.

- Abre a maldita boca! – ordenou, gritando e, com medo, obedeci.

Ele então colocou em minha boca seu membro, que começou a endurecer e fez movimentos de vai e vem com seus quadris, tirando e metendo, repetidamente. Eric era grande e pesado, jamais conseguiria derrubá-lo de cima de mim, então permaneci estático, enquanto ele fazia o que queria comigo. Afinal, já havia deixado bem claro que eu só servia para isso. Que eu era apenas um objeto que comprou. Um dia, cansaria de mim e me descartaria da pior forma possível, para esconder sua sujeira.

As lágrimas não paravam de escorrer de meus olhos, enquanto ele fodia minha boca, sem qualquer

preocupação em me engasgar. Ele permaneceu de olhos fechados quase todo o tempo, em uma forma de evitar chorar, também. Mas por quê? Era pelo que eu falei sobre o cara que ele gostava? Só podia, já que não gostava de mim.

Podia estar de certa forma arrependido de provocá-lo, sendo que estava me tratando bem antes, mas a verdade valia mais do que acreditar em uma mentira. Eu não podia de jeito algum me apaixonar por Eric Pitz, como cogitei que poderia estar acontecendo. Ele não era boa pessoa!

Quando finalmente cansou daquilo, ele saiu de cima de mim e ficou de pé em frente à cama.

- Vire-se! – ordenou.

- Não! – respondi nervoso.

- Ianto, vire-se agora! Se eu fizer à força, vai doer ainda mais. Você tem amor por seu cu? – falou, impaciente.

Virei-me. O que mais poderia fazer? Eu tremia de medo e não tinha chances, se tentasse revidar. Eric arrancou minha calça e cueca e deu um forte tapa em minha bunda que, sem dúvidas, já devia estar marcada.

- Vou te ensinar a se comportar com seu dono! – falou, subindo sobre mim, agora sem todas suas roupas também.

- Por favor, não. Eu entendi, prometo não irritá-lo mais! - implorei.

- Cala a boca, Ianto, você merece uma punição! – negou.

Senti Eric posicionando seu pênis na minha entrada e logo tentando empurrar, gritei de dor. Estava nervoso e isso dificultaria ainda mais, já não bastasse o tamanho e a falta de lubrificação. Eu o senti afastar-se por um momento, e então cuspiu sobre meu buraco e novamente voltou a forçar para

dentro. Desta vez, começou a entrar, e senti como se estivesse sendo rasgado, era inevitável não gritar de dor, mas ele não se importou e continuou empurrando, mesmo com dificuldade.

- Para, por favor! – implorei.

- Aguenta, caralho! – negou continuando a empurrar seu pênis, até que finalmente estava tudo dentro. A ardência e dor eram horríveis. Ele curvou seu corpo sobre mim e se aproximou de minha orelha – Você preferiu me provocar a aceitar meu carinho. Você me magoou, Ianto! Você merece isto! – ele disse, e senti suas lágrimas quentes caírem sobre minhas costas.

- Me desculpa Eric, por favor. Eu estava confuso, eu não queria que me visse apenas como alguém que comprou e poderia usar como quisesse. Eu tenho sentimentos, não sou um objeto! Queria saber se você seria capaz de gostar de mim! –

desabafei. Ele ficou calado, sem se mover durante um tempo, que pareceu uma eternidade.

- Porra, Ianto! Eu gosto de você desde o momento que meus olhos o viram pela primeira vez. Por que acha que ofereci um milhão em você? Foi porque eu o desejei e senti que poderíamos criar algo especial – falou, ainda em lágrimas – No passado, eu sofri muito por alguém, e a forma que você me provocou, fez com que eu relembrasse de toda a dor que senti. E, quando insinuou que nossa relação não passava de apenas dono e objeto, fez com que eu perdesse a esperança. Eu não o vejo como um substituto, mas sim como uma nova oportunidade para minha felicidade. Você acha que é fácil ser quem sou? Eu estou sozinho! Minha família não é unida como a sua, houve aniversários em que tive que passar só, porque ninguém se importou. Estão todos ocupados com suas vidinhas

e aquisições. O dinheiro também pode ser uma maldição. As pessoas se aproximam de mim somente por interesse, então eu não sei como é ser amado de verdade. Desculpe-me se fui ingênuo em achar que, comprando-o, tinha chances de ser amado por ti à medida que me conhecesse melhor – desabafou e senti meu peito doer ainda mais. Desta vez, eu que tive que ficar calado, organizando meus pensamentos e sentimentos, para decidir o que falar.

- Desculpe-me por julgá-lo. Por favor, me perdoa! Vamos recomeçar! – disse a ele. Eu havia conseguido sentir toda sua dor em suas palavras. Eu havia entendido. As pessoas eram muito mais que seus atos. Eu havia feito algo ruim para ajudar minha família, e Eric havia feito algo errado esperando que pudesse preencher seu vazio.

- Você tem certeza disso? Eu não quero que

você seja outra pessoa mentirosa em minha vida. Quero saber se você é capaz de me dar uma oportunidade de provar que mereço seu amor! – pediu.

- Sim, tenho certeza. Eu quero poder tentar te fazer feliz, Eric! – disse, sentindo a verdade em minhas palavras. Como eu podia já me sentir assim com alguém que havia me comprado? Eu estava certo em perdoá-lo? Ou será que estava desejando que o que ele havia falado fosse verdade? Sim, definitivamente era isso. No fundo, eu desejava que ele me amasse, porque eu já sentia que poderia amá-lo. Minha mente gritava para que não me entregasse a esse sentimento, mas meu coração implorava por Eric.

- Obrigado. Perdoe-me, também, Ianto. O que eu estava fazendo era errado e horrível – disse, retirando seu pênis de dentro de mim, mas o impedi

segurando seu quadril.

- Não pare! Continue! – disse.

- Tem certeza disso? – ele perguntou surpreso.

- Sim, eu consigo e quero – respondi, sentindo meu rosto queimar. Como eu podia desejar tanto o corpo de alguém que estava prestes a me estuprar? Eu só podia estar enlouquecendo, mas decidi apenas calar minha mente e me entregar ao prazer que ele podia me proporcionar.

Desta vez, Eric fez movimentos lentos e carinhosos, enquanto beijava minhas costas. Desta vez, havia emoção. Havia uma verdadeira conexão entre nós. Sentia que podíamos nos tornar um só e essa sensação foi ainda mais forte, quando ambos, por fim gozamos juntos. Deitou-se sobre mim, e ficamos na mesma posição, por um bom tempo, nos acalmando e descansando. Sentia seu coração bater e desejava que ele também fosse capaz de me amar.

- Dorme comigo, hoje? – ele perguntou para mim, carinhosamente, mas com certo receio na sua voz.

- Claro – respondi, feliz pelo convite.

Capítulo 07

Acordei com a visão de Eric sorrindo para mim, enquanto me observava.

- Bom dia, dorminhoco – falou.

- Bom dia. Que horas são?

- Não sei, acho que umas 10 horas da manhã – respondeu.

- E o seu trabalho? – perguntei, lembrando que ele costumava sair bem antes desse horário.

- Eles que esperem por mim. Vou só depois de almoçarmos juntos. - respondeu.

- Não vai ter problema? – questionei,

preocupado.

- Claro que não, Ianto. Eu sou o dono. Eles vão reclamar com quem? – Eric riu.

- Verdade, você tem razão. Desculpa.

- Não se desculpe.

Eric subiu sobre mim, apertando-me. Eu comecei a rir junto com ele. Tentei tirá-lo de cima de mim, mas era impossível. Ele era forte e me apertava com muita força.

- Eu desisto – falei finalmente, após minutos de fracassadas tentativas de derrotá-lo.

- Tudo bem. Vamos tomar café para que possa começar a fazer o almoço – falou.

- Você sabe cozinhar? – perguntei, surpreso.

- Não realmente, mas quero tentar.

- Resumindo, eu serei sua cobaia – comentei, rindo.

- Exatamente! – falou saindo de cima de mim – Pode ir ao banheiro, enquanto preparo nosso café.

- Tudo bem.

Não usaria o banheiro dele, não sabia exatamente como as coisas seriam a partir de agora. Eric saiu do quarto e então levantei, para ir ao meu. Assim que escovei meus dentes e tomei um rápido banho, desci para o andar de baixo, atrás de Eric.

Assim que me aproximei da cozinha, senti o cheiro de torradas invadir minhas narinas. Estava faminto. Não havíamos jantado na noite anterior devido à situação em que havia nos colocado. No momento em que entrei e nos sentamos para comer, Eric riu ao me ver atacando ferozmente as torradas que preparou.

- Vá com calma – falou, rindo.

- Estou com fome.

- Tem razão, devíamos ter jantado ontem. Desculpa por isso.

- Não se preocupe, a culpa foi toda minha.

- Para com isso, não quero mais retornar àquele assunto. Vamos focar no que estamos vivendo aqui e agora – falou, e concordei com a cabeça.

Assim que acabamos de comer, ele se arrumou e disse que sairia para fazer compras no mercado, e retornaria em poucos minutos. Quando fiquei sozinho ali, foi inevitável não pensar em procurar telefones pelo apartamento. Sabia que não podia sair, mas talvez pudesse fazer uma ligação para meus pais. Para saberem que ainda estava vivo.

Procurei por toda a enorme sala, mas não havia telefone algum. Assim como na de jantar, que não encontrei nada, mesmo olhando em todos os armários que encontrava pela frente. Decidi subir e olhar no andar de cima. Fazia poucos minutos que

Eric havia saído. Não devia dar tempo de fazer as compras e retornar em tão pouco tempo.

Além de nossos quartos, havia um banheiro e mais dois, que deviam ser de hóspedes. Além de uma porta trancada, que não tinha a mínima ideia do que se tratava.

Então, entrei em seu quarto e comecei a abrir seu enorme guarda-roupas. Havia muitas roupas, sapatos e relógios luxuosos. Tentei não mexer entre as roupas para não bagunçar. Nas portas do meio havia algumas gavetas na parte interior com documentos e semelhantes. Quando abri a última, achei 3 telefones e um notebook guardados. De fato, ele havia desconectado e escondido tudo de mim.

Fechei tudo rapidamente, e verifiquei que nada entregasse que eu havia mexido. Percebi que estava nervoso e preocupado. Caso Eric me encontrasse

ali, Caso Eric me encontrasse ali, veria que não podia confiar em mim. Ele havia escondido aquelas coisas por motivos óbvios.

Agora já me perguntava se realmente valia a pena arriscar a minha relação com Eric, que estava começando a dar certo, para informar para minha família que estava vivo. Já não tinha mais certeza. Afinal, eu podia preocupar ainda mais minha família. Quais são os pais que não fariam tudo para encontrar o filho desaparecido?

Desci novamente para o andar de baixo, e aguardei Eric retornar, sentado à mesa da cozinha. Ele demorou uns 10 minutos. Ainda bem que havia feito a escolha correta.

- Pronto, acho que está tudo aqui – Eric falou, depositando as sacolas sobre a mesa.

- Irá preparar o quê?

- A única coisa que acho que sei fazer:

macarrão – respondeu.

- Parece ótimo – falei, tentando não demonstrar meu nervosismo. Eu era péssimo nessas coisas, era muito transparente. Era fácil identificar em meu rosto se estava tudo bem ou não.

- Parece que não está colocando muita fé em minhas habilidades culinárias – Eric comentou, chateado.

- Não é isso. Claro que estou!

- Então, o que foi? – ele perguntou, abraçando-me e puxando-me contra seu corpo.

- Nada – tentei não gaguejar.

- Você está preocupado com algo? – questionou, desconfiado.

- Em... Engordar – menti. Como sempre, com uma das piores desculpas possíveis. Eric riu.

- Em engordar, Ianto? Você é magro, e não

acredito que engorde facilmente.

- Eu sei, mas antes eu trabalhava e agora só como e fico deitado o dia inteiro – falei tentando parecer sério.

- Tudo bem, tudo bem. Acho que também quero você exatamente como está. Que tal malharmos juntos nos finais de semana? – sugeriu.

- Como assim? Vai me deixar sair? – perguntei, animado.

- Não, Ianto – ele respondeu sério e tirei meu sorriso do rosto – Isto, além de um duplex, é uma cobertura. Lá em cima tem alguns aparelhos para se exercitar e uma piscina. Podemos ir para lá nos finais de semana – explicou.

- Ótimo – respondi, forçando um sorriso. Agora sabia para onde dava aquela porta trancada.

- Enfim, quer me ajudar a preparar? Já recebi

mais de 20 ligações do escritório – perguntou.

- Vamos.

Tive que ajudá-lo diversas vezes. Eric era péssimo. Para nossa sorte, eu prestava atenção quando minha mãe cozinhava, mas mesmo assim não foi suficiente para tornar aquilo que fizemos gostoso. Mas, como ambos estávamos famintos, devoramos mesmo assim.

- Tudo bem, irei continuar comprando comida pronta – Eric comentou.

- Acho melhor – eu ri. Era estranho como já conseguia conversar com Eric, e mesmo brincar e rir. Só fazia 4 dias que estava ali e já estava me apaixonando por ele. Estava indo rápido demais? Não, as coisas que eram intensas.

- Nada disso, também gosto de comida caseira. Irei comprar livros de culinária para você ler e aprender – falou, segurando para não rir.

- Não seria nada ruim, afinal preciso mesmo me distrair, às tardes – comentei.

- Eu já dei um livro para você ler, e você jogou contra a parede! – comentou.

- Bem... Digamos que acabei lendo depois e até que gostei.

- Gostou? – perguntou, surpreso.

- Sim, gostei – respondi, sentindo meu rosto ruborizar – Então... Será que você não teria o segundo para eu ler? – questionei.

- Claro que tenho – respondeu – Deixarei contigo agora, já que preciso ir – falou, olhando seu relógio.

- Tudo bem. Quer que eu lave a louça? – perguntei.

- Não precisa se preocupar com isso. Vou te deixar no seu quarto. – respondeu. Era isso, ele

ainda não confiava o suficiente para me deixar fora do quarto, enquanto estava trabalhando.

- Okay – falei, tentando não demonstrar minha decepção.

- Antes, preciso te falar algo sério – falou, encarando-me atento.

- Pode falar.

- Como pode perceber, esse é um apartamento grande. Então, duas vezes por semana uma garota vem aqui para limpar. Ela virá hoje, então preciso que não faça barulho em seu quarto, para que ela não note nada estranho – falou.

- Pode deixar.

- Sabia que podia contar com você – comentou, levantando e bagunçou meu cabelo – Vamos subir.

Acompanhei-o até o andar de cima e entrei em meu quarto, quando ele foi até o seu. Sentia-me

decepcionado por ainda ter que continuar preso ao meu quarto, mas o entendia. A garota da limpeza não poderia me ver, ou podia estranhar. Afinal, nem mesmo sabia se Eric era assumidamente gay para a mídia.

- Achei – falou, entrando no quarto – Aqui está! – entregou-me “Lua Gótica”.

- Obrigado.

- Não precisa agradecer – falou, aproximando-se de mim e beijou-me, em forma de despedida – Boa leitura, Ianto, e até à noite.

- Bom trabalho – falei e ele sorriu para mim, antes de virar-se e deixar o quarto, trancando-me.

Deitei no colchão e comecei a ler o livro. Era só o que me restava para fazer. Em pouco tempo, já estava completamente empenhado na leitura, mas fui acordado do mundinho fictício que aquele livro me proporcionava, por barulhos vindos do

corredor.

Levantei-me e fiquei próximo da porta, para tentar ouvir melhor. Parecia que havia alguém passando pelo corredor, carregando algo. Devia ser a garota da limpeza, que Eric havia comentado. Precisava ser silencioso. Não queria prejudicá-lo.

Tentei retomar a leitura, mas estava difícil me concentrar com os barulhos e murmúrios. A garota parecia falar sozinha, mas não conseguia entender direito o que falava. Após um tempo tentando ler sem muito êxito, a maçaneta do quarto girou, e eu levantei num pulo, assustado. Ela estava tentando entrar.

- Que estranho – ouvi a voz feminina do outro lado comentar e continuar forçando a maçaneta. Fiquei calado, enquanto aguardava ela desistir.

– Tem alguém aí? – perguntou batendo na porta.

Esquecemo-nos da luz. Era óbvio que ela iria estranhar um quarto trancado com a luz acesa. Não respondi nada, logo ela desistiria. Poucos segundos depois, ela saiu dali, e me acalmei.

Assim que voltei a sentar no colchão. Ouvi os passos dela voltando. O que ela ainda queria? Foi quando me surpreendi com o som de chave sendo introduzida na porta. Levantei assustado e ela também demonstrou o mesmo, assim que abriu a porta e me viu ali.

- Quem é você? – ela perguntou, após alguns segundos, quando se recuperou do choque. Ela era jovem. Devia ter um pouco mais de 20 anos, cabelos negros e lisos. Tinha um rosto bonito, mas a maquiagem era um pouco exagerada. Era tão baixinha e magra, quanto eu – Não vai responder, maldito? – perguntou novamente e pegou uma vassoura ao lado da porta e apontou o cabo para

mim, como forma de defesa. Não sabia o que responder.

- Eu sou Ianto, primo do Eric – respondi, mentindo. Me olhou-me desconfiada. Era óbvio que não acreditaria. Eu precisava urgente de um cursinho de como mentir.

- Se é primo de Eric, por que estava trancado neste quarto? E por que não me respondeu, hein? – ela questionou.

- Estou de castigo – foi o que veio à minha mente, na hora. Minhas mentiras eram patéticas.

- Você não é tão novinho assim. É melhor me dizer logo o que está acontecendo, ou vou ligar para a polícia! – falou. Pude perceber que estava tão nervosa quanto eu.

- Tudo bem, tudo bem. Não liga! – disse rapidamente. Não queria ser morto – Eu sou um amigo de Eric, e ele me deixou ficar aqui, mas

ninguém podia saber. Por isso não respondi – menti novamente, torcendo para que dessa vez desse certo.

- Por que não? Qual o problema? – questionou, mais desconfiada ainda.

- É que... – nenhuma resposta surgiu na minha mente.

- Você está transando com ele? – ela perguntou.

- O quê?

- Me responde logo. Você tá transando com ele? – perguntou, ainda apontando a maldita vassoura para mim.

- Sim, estou – respondi sentindo meu rosto pegar fogo.

- Ufa, sabia! Acabei de ganhar uma aposta com minhas irmãs. Eu sabia que ele era veado. Um gostosão rico como ele, jamais estaria solteiro –

comentou, finalmente soltando a vassoura – Ele fez você ficar neste quarto só para que não o visse? Por acaso, você é um garoto de programa? – perguntou, analisando-me. Aparentemente ela achava que estava naquele quarto só para me esconder dela, e não todos os dias, como estava acontecendo. Soltei o ar aliviado.

- Não sou, não! Ele só não quer que ninguém saiba sobre mim.

- Droga! Agora que eu sei sobre você, ele vai me demitir, não é? Poderia, por favor, não contar que eu sei? Por favor! Por favor! Prometo ser uma empregada boazinha! – implorou, com as mãos juntas.

- Calma! Não vou contar para ele – falei, e ela deu alguns pulinhos comemorando. - Mas, como que você abriu a porta?

- Primeiro, muito obrigada! Você é um lindo e

já te amo! Quanto à porta, consegui abrir porque ele tem uma chave mestra, então a usei. Simples assim – a garota respondeu.

- Entendi. Como você se chama? – perguntei.

- Lucy. E você, garoto do cabelo branco?

- Ianto.

- Quantos anos você tem mesmo? – ela perguntou, desconfiada.

- 18 – menti.

- De verdade.

- Okay, tenho 17.

- Então Eric gosta dos novinhos! Uma pena para meu irmão e para mim, né! Queria ser cunhada de um bilionário.

- Para com isso! – falei, sentindo meu rosto queimar. - Você não vai contar pra ninguém, né? – perguntei nervoso, e ela pareceu pensar no assunto.

PERIGOSAS

- Claro que não, garoto. Eu jamais vou encontrar alguém que pague tão bem quanto Eric – comentou.

- Que bom, ufa!

- Mas, isso é estranho. Achei que ao namorar um cara tão rico quanto Eric, ele te encheria de luxo, joias e chocolates. Mas, isso é o contrário. Eric te deixou preso a um quarto vazio e a um colchãozinho. Garoto, se eu fosse você, encontrava outro gostosão rico. Quem pegou um, pega outro – comentou.

- Claro que não!

- Tá bom. Só disse isso porque ainda tenho esperanças de que meu irmão o pegue. Mas você tem razão. Eric não é nada dispensável. Eu chuparia cada milímetro de seu corpo, se ele gostasse de vaginas.

- Para de falar essas coisas! – pedi,
NACIONAIS - ACHERON

envergonhado.

- Tudo bem. Até porque tenho um apartamento para limpar. Infelizmente, não estou dando para um bilionário. Quer ficar fora do quarto ou prefere que eu o tranque novamente? – perguntou.

- Pode trancar – falei. Não queria que Eric me visse fora do quarto. Não estava disposto a arriscar tudo.

- Tudo bem, até mais! – Lucy falou e fechou a porta, trancando-me.

Continuei minha leitura, mesmo com os barulhos que Lucy fazia ao limpar a casa. Quando terminou, veio despedir-se de mim.

- Estou indo embora, garoto do cabelo branco! Bom proveito usando aquele corpinho gostoso e até a próxima! – gritou do outro lado.

- Tchau, Lucy – gritei, rindo. Sentia-me aliviado

por ela ter dito que não contaria a ninguém. Afinal, se aquele assunto chegasse aos ouvidos da polícia, tanto eu quanto Eric seríamos condenados.

Enquanto ainda aguardava que Eric voltasse do trabalho, percebi que estava ansioso. Queria muito vê-lo novamente. Sentia vontade de beijá-lo e tocá-lo e, desta vez, não repreendi esses pensamentos e desejos. Quando chegasse, iria transar loucamente com ele.

Capítulo 08

Sexo, sexo e mais sexo. Assim eram os dias com Eric.

Já fazia mais de uma semana que estávamos morando juntos. Conseguia pressentir que logo me perderia na contagem de dias. Mas isso já não me importava. Finalmente conseguia ver a possibilidade de me tornar feliz ao lado de Eric. Ainda não podia circular pela casa sem sua presença, mas o entendia completamente. Eu precisava lhe provar ser confiável para isso.

Lucy vinha dois dias por semana. Trabalhava na segunda e sexta-feira. Como havia trabalhado no

dia anterior, devia ser terça. Mesmo que Eric sempre me deixasse livros para me entreter sem sua presença, era ótimo que Lucy existisse. Isso me permitia ficar fora do quarto, enquanto limpava o apartamento. Ela era uma pessoa divertida de se conversar.

Ela ainda estranhava a ideia de Eric me prender a um quarto para não me ver, mas eu tinha que proteger ambos. A polícia não iria me inocentar do furto por ter sido vítima de venda de pessoas, e ambos seríamos executados. Definitivamente, não queria isso! Valia mais à pena tentar ser feliz com Eric.

Fiquei decepcionado no fim de semana. Diferente do que havia dito que faríamos, ir para a cobertura, permanecemos dentro do apartamento conversando e transando. Sentia que precisava de ar fresco, mas não iria cobrar essas coisas de Eric.

PERIGOSAS

Ele já se esforçava bastante para almoçar comigo todos os dias, mesmo com seu trabalho estressante. Ele estava sendo gentil e carinhoso comigo.

- Estava com saudades? – ele perguntou com um enorme sorriso, ao abrir a porta do meu quarto.

- Sem dúvidas – respondi, levantando rapidamente, e o beijei. Eu adorava isso. Quando nossos lábios se tocavam, sentia que nossa relação era mais íntima e profunda do que apenas sexo. Eu definitivamente amava Eric Pitz!

- Que tal fazermos algo divertido hoje? – ele sugeriu.

- Sim... – respondi desconfiado, tentando imaginar o que ele queria fazer, enquanto transávamos.

- Ótimo, porque preciso mesmo relaxar e me divertir um pouco. Tenho vários filmes que ainda não vi, e adoraria assisti-los com você. Vamos? –

perguntou.

- Claro – respondi, surpreso.

- Então venha – Eric falou, puxando-me pelo braço até a sala. - Hoje não passei no restaurante, mas não tem problema. Podemos comer besteiras, e nesse sábado, de fato nos exercitamos para gastar as calorias.

- Tudo bem.

- Pode escolher o filme, enquanto pego as coisas – falou apontando para a estante, que havia algumas dezenas de filmes, organizados em um dos compartimentos.

- Tentarei fazer uma ótima escolha – comentei.

- Sei que vai – Eric falou, beijando-me, e foi para a cozinha.

Olhei bem os títulos que havia ali. Eram, em sua maior parte, filmes policiais ou de ação, que

não eram meus estilos favoritos. Escolhi qualquer um. O importante era ficar pertinho de Eric e aproveitar bem o momento. Toda vez que ele ia trabalhar, eu me sentia muito sozinho e morria de saudades. Então, cada minuto com ele devia ser bem aproveitado.

- Escolheu? – ele perguntou, retornando com pacotes de biscoitos e salgadinhos.

- Sim, quero ver este – mostrei a capa a ele.

- Esse ainda não vi. Perfeito! – falou, largando tudo sobre a mesinha de centro – Já pode iniciar o filme, vou buscar o refrigerante.

Coloquei o disco no reprodutor e logo Eric retornou. Após largar os copos e o refrigerante sobre a mesinha, sentou-se ao meu lado e me abraçou forte. Seu perfume amadeirado era delicioso. Fiquei bem coladinho para sentir o aroma proveniente de seu corpo quente. Ele já havia tirado

o paletó, e sua camisa estava com os primeiros botões abertos, exibindo seu peitoral.

Assistimos ao filme sempre comendo as besteiras e tomando o refrigerante. Não sabia como Eric ainda não havia percebido que havia mentido dias atrás. Eu, definitivamente, não engordava. Podia comer o estoque inteiro de uma padaria, e mesmo assim, continuaria com meus poucos quilos.

Com o passar do filme, percebi que Eric demonstrava cansaço e estresse. Era estranho saber que não faríamos sexo, naquela noite. Já tinha aceitado e acostumado com a rotina sexual que tínhamos, mas eu compreendia. A pressão em cima dele devia ser altíssima. Ele era dono de uma das maiores companhias do país. Assim que o filme acabou, sugeriu que fôssemos deitar um pouco em sua cama.

- Quer uma massagem? – ofereci, assim que

chegamos ao quarto.

- Você sabe fazer? – Eric perguntou, surpreso.

- Não, mas posso tentar – respondi e ele riu.

- Claro que quero – falou e tirou sua camisa. Amava suas costas largas e másculas.

- Então, deite-se. Onde tem algum óleo ou loção? – perguntei.

- Na segunda porta do guarda-roupa – Eric informou, retirando o sapato e calça.

Olhei onde ele havia indicado. Havia diversos perfumes e cosméticos de todo o tipo. Deviam custar muito caro. Achei um óleo ali. Assim que cheirei e senti o aroma delicioso, decidi que usaria aquele mesmo. Assim que voltei minha atenção novamente a Eric, vi que já estava deitado de costas com os olhos fechados. Vestia apenas uma cueca preta.

Que homem lindo e gostoso! Como pude ter dúvidas a respeito da minha sexualidade? A verdade estava estampada em meus olhos. Seu corpo grande e masculino me atraía e excitava. Sentia vontade de deslizar minha língua por cada centímetro de seu corpo, como Lucy havia brincado. Para minha sorte, diferente dela, eu podia.

Subi na cama e ajoelhei-me próximo dele. Percebi que havia um sorriso comportado em seu rosto. Eu estava indo no caminho certo para torná-lo feliz, e isso era ótimo. Molhei minhas mãos com o óleo e comecei a deslizá-las sobre suas enormes costas. Tentei evitar fazer movimentos muito suaves, mas também não tão fortes. Pela expressão em seu rosto, parecia estar gostando, então continuei daquela forma.

Massageei também a seus braços. Seu corpo

ficava ainda mais perfeito com o brilho que o óleo proporcionava. Fiz movimentos de baixo para cima e de cima para baixo, por um bom tempo. Minha língua já invejava minhas mãos. Assim que finalizei a área superior, desci um pouco e comecei a massagear sua perna e coxa esquerda, minhas partes favoritas em Eric. Era maravilhoso percorrer minhas mãos em suas coxas grossas de pelos ralos. Há tempos já estava duro.

Massageava do começo do pé, até o começo da sua bunda. Depois deslizava até embaixo e repetia o movimento. Alternava entre as pernas, sentindo que podia gozar só fazendo aquilo. Meu pênis pulsava dentro da cueca, desejando pelo corpo de Eric. Queria muito tocar sua bunda carnuda e redonda, mas não sabia como ele reagiria.

- Pode virar – falei quando percebi que já estava massageando suas pernas há mais tempo do que o

necessário.

- Assim está maravilhoso – Eric falou e retirou sua cueca, expondo sua bunda morena e deliciosa. Imaginar qual era a sensação de estar dentro dele era inevitável – Sinta-se à vontade para continuar.

Fiz o que ele disse, e isso incluía sentir-me à vontade. Desta vez, meus movimentos começaram na altura do joelho e subiram até suas nádegas. Enchi seu corpo com mais óleo e, em pouco tempo, só massageava sua bunda. Uma nádega com cada mão, nada podia ser mais excitante. Eric parecia relaxado, mas soltava vários gemidos baixos.

Meu pênis parecia que podia explodir a qualquer momento, mas eu definitivamente não queria parar com aquilo. Sabia que podia apanhar por fazer o que tinha em mente, mas meu desejo era maior que qualquer preocupação naquela altura. Então, deslizei meus dedos para seu ânus. Ele

gemeu alto ao sentir meu toque, mas não falou para parar. Isso devia significar que podia continuar.

Com minha mão completamente molhada de óleo, fiz movimentos circulares com os dedos na sua entrada rosada. Eu sabia o quanto aquilo era prazeroso. Ouvir os gemidos de Eric me excitava cada vez mais, então fui além e comecei a introduzir um dedo nele. Ele gemeu mais alto e fiz movimentos suaves, introduzindo e tirando várias vezes, para então inserir o segundo.

Seu pau, que estava para baixo, ficou completamente duro e eu conseguia enxergá-lo entre suas pernas. Avancei para o próximo passo levando minha língua até seu cu, onde fiz movimentos semelhantes aos que ele fazia em mim. Tentava segurar seu pênis da melhor maneira possível. Sua glande já estava completamente lambuzada por seu líquido pré-gozo.

Decidi então alternar. Lambia um pouco sua entrada e então descia para seu mastro que pulsava para se livrar da posição incômoda. O gosto salgado do líquido na cabeça de seu pau podia ser chamado de bebida dos deuses. Aquilo era maravilhoso. Deslizava minha língua desde a glande de seu pênis, passando-a pelo saco até chegar a seu buraco para uma nova seção de lambidas, para depois recomeçar a partir da cabeça. Eric se contorcia e gemia muito.

Levei uma das minhas mãos até o interior de meu short e comecei a me masturbar antes que enlouquecesse, enquanto continuava com aquilo. Ambos gemíamos alto. Eric estava próximo de seu orgasmo, e eu também. Assim que seus gemidos se intensificaram, chupei com vontade a cabeça do seu pau até encher minha boca com seu líquido branco. Meu queixo e parte do rosto estavam

completamente sujos, pois era quase impossível conseguir abocanhar todas suas esporradas.

Intensifiquei minha masturbação para gozar também, e foi só então que Eric abriu seus olhos e me observou punhetando. Havia desejo em seus olhos. Ele então se inclinou próximo a mim e começou a chupar meu pau ferozmente e com maestria. A vantagem de eu ter um pênis mediano é que ele conseguia engoli-lo inteiramente, sem qualquer dificuldade. Sua boca quente e molhada era delirante.

Não levou nem um minuto e soltei o mais alto gemido, para então gozar na boca de Eric, que engoliu tudo sem deixar escorrer uma gota sequer. Senti exaustão corporal, em seguida, então me joguei na cama para descansar. Eric também estava ofegante e respirava fundo, enquanto descansava.

- Essa foi a melhor massagem que recebi na

vida – ele comentou e eu apenas sorri para ele – Esqueci-me de contar. Amanhã meu amigo Paulo virá jantar conosco. Esteja preparado.

PERIGOSAS

Capítulo 09

- **T**em certeza disso? – questionei, encarando o fino e caríssimo terno escuro à minha frente. Eu e Eric estávamos em seu quarto.

- Claro! Você ficará lindo nele!

- Eu nunca usei algo assim, antes.

- Não se preocupe, que você vai se sentir ótimo. Agora se vista, que logo Paulo chegará.

- Tudo bem – concordei e comecei a vestir-me. Quando finalmente havia vestido quase todas as peças de roupa, tive dificuldade com a gravata. Afinal, nunca imaginei que usaria algo assim na minha vida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Deixa que eu coloco para você – Eric falou, ficando de frente a mim, dando o nó na gravata vermelha.

- Por que tenho que me vestir assim? – perguntei. Era estranho, já estava acostumado com a ideia de usar somente roupas brancas.

- Primeiro, porque você fica lindo. E segundo, porque quero que Paulo perceba que você está muito bem e feliz morando comigo – explicou.

- Ah, entendi... – falei, desanimado. Eric me olhou desconfiado.

- Você está feliz morando comigo, Ianto? – ele questionou, largando a gravata, agora colocada corretamente.

- Claro que sim! – afirmei, rapidamente – Estou muito feliz contigo, Eric! E não troco o que estamos vivendo por nada.

NACIONAIS - ACHERON

- Tem certeza disso? Não quer mais voltar à sua antiga vida? – ele perguntou sério, analisando minha expressão. Ele queria a verdade.

- Não! Lá fora, a vida que eu tinha não era boa. Eu trabalhava muito, era exaustivo. Vivia com dores devido às pesadas caixas que carregava e, quando chegava em casa, raramente tinha comida suficiente para todos. Sempre tínhamos que controlar a quantidade que comíamos. Você sabe que não há formas fáceis de subir de casta, então esse era meu destino: uma vida que sempre faltava algo. Eu estou feliz aqui com você, Eric. Talvez, você ter me comprado tenha sido a melhor coisa que já tenha acontecido comigo! – respondi, sem desviar meu olhar do seu. Eu sentia a verdade naquelas palavras. Estava sendo sincero. Ele me abraçou forte.

- Fico muito feliz em ouvir isso, Ianto.

- Eu te amo, Eric! – revelei.

Silêncio.

- Vou deixar você terminar de se arrumar – Eric finalmente falou. Após longos segundos de silêncio agoniante, me soltou. - Os sapatos que te comprei estão nessa sacola sobre a cama. Vou preparar a cozinha para logo mais – informou e saiu do quarto.

Senti como se tivesse sido esfaqueado no peito. Não sabia por que havia dito aquilo naquele momento, mas já não conseguia guardar somente para mim aquele sentimento. Ele precisava saber que havia alguém que lhe amava de verdade, mas não receber uma resposta havia sido doloroso. Senti as lágrimas quererem surgir, mas me controlei. Afinal, talvez ele só não estivesse pronto para se abrir para mim ainda.

“Eu te amo”. Era uma frase forte de se falar.

Talvez Eric precisasse de mais de tempo para sentir-se preparado para retribuir.

Fui até a sacola que ele havia falado e dentro de uma caixa tinha um par de sapatos pretos e brilhantes. Maravilhosamente lindos. Assim que os calcei, fiquei mais um tempo ali em seu quarto, respirando fundo e me acalmando. Não podia discutir com ele. Não queria que as coisas voltassem a ser como antes. Eu estava feliz nos últimos dias.

Quando finalmente senti que estava mais calmo, desci até o andar de baixo e foi quando ouvi vozes surgindo da cozinha. Paulo já havia chegado. Precisava ser agradável com ele, afinal era o melhor amigo de Eric. Era estranho o fato dele também ter tentado me comprar, mas ia me concentrar apenas no que importava.

- Olha só quem está aqui – Paulo falou me

olhando dos pés à cabeça. Ele vestia um terno azul marinho e seus cabelos louros estavam arrepiados. Ele era muito lindo, assim como Eric.

- Ianto, você já o conhece, mas acho adequado apresentá-los da forma tradicional. Esse é Paulo, além de ser meu melhor funcionário... -

- Sócio! – Paulo interrompeu, dando um soquinho em seu ombro.

- Como estava falando... Além de ser meu sócio, somos amigos desde sempre. E Paulo, bem... Esse é Ianto – Eric apresentou-nos.

- Prazer em conhecê-lo, Ianto, agora da forma correta e com você vestido – Paulo se aproximou de mim e estendeu sua mão, que eu apertei – Claro que fica melhor nu, mas também está ótimo nesse terno.

- Obrigado – falei timidamente.

- Para com isso, Paulo! Esqueça que o já viu nu, pois jamais se repetirá! – Eric falou vindo até mim e passando seu braço em torno dos meus ombros, como se marcasse território.

- Pode deixar, chefinho. Mas enfim, vamos começar a cozinhar, ou não? – perguntou.

- Por que tem um plural aí? Só você sabe cozinhar aqui – Eric falou, rindo.

- Assim não é justo. Ianto não sabe fazer nada também?

- Muito pouco. Às vezes ficava observando minha mãe cozinhar, mas não confiaria nas minhas habilidades – respondi.

- Sem desculpas. Você vai me ajudar. Vamos fazer macarrão à bolonhesa, por ser rápido e não ter qualquer dificuldade. Já que Eric é preguiçoso, pode ficar olhando – falou.

PERIGOSAS

- Tudo bem. Ficarei aqui sentadinho e caladinho, vos observando – Eric concordou e sentou-se em uma cadeira.

- Venha, Ianto – Paulo falou – Pode ir cortando os legumes.

Em cima do balcão estava uma sacola com legumes. Enquanto Paulo enchia uma panela com água para o macarrão, procurei uma tábua de cortar, mas não estava tendo muito êxito.

- Naquela ali – Paulo apontou para a porta da ponta. Assim que abri, vi que realmente estava lá.

- Obrigado.

- Paulo conhece essa cozinha melhor do que eu – Eric comentou.

- Nem sei por que gastou tanto dinheiro montando-a, se quase nunca usa – Paulo falou.

- É para quando você vier. Amo sua comida!

NACIONAIS - ACHERON

- Abusado! – Paulo brincou.

Assim que encontrei uma faca, comecei a cortar a cebola, mas em poucos segundos meus olhos já lacrimejavam. Paulo começou a rir, assim que viu meu rosto inundando de lágrimas.

- Você tem que ser rápido. Deixe-me mostrar! – Paulo falou e tirou a faca da minha mão.

Enquanto secava as lágrimas ouvi o "tá, tá, tá" dele cortando as cebolas rapidamente. Assim que ele terminou, percebi que realmente não chorava.

- Tem que cortar o mais rápido possível para não deixar o gás chegar até seus olhos – explicou.

- Entendi.

- Ensina ele direito mesmo, Paulo. Já disse para Ianto que adoraria que ele soubesse cozinhar. Seria perfeito todo dia chegar em casa com comida caseira feita – Eric comentou.

- Você comprou ele para ele se tornar seu cozinheiro? – Paulo perguntou.

- Claro que não!

- Comprou para o que, então?

Fiquei calado, prestando atenção e aguardando a resposta de Eric.

- Eu comprei Ianto porque gostei dele, e percebi que estava certo. Damo-nos muito bem – respondeu.

- Entendo – Paulo comentou desconfiado e voltou a cozinhar. Começou a preparar o molho para o macarrão, então pediu que eu cortasse tomates.

Havia gostado de Paulo. Ele tinha sido muito atencioso comigo e explicou tudo que estava fazendo. Agora não parecia tão difícil assim cozinhar. Quando a comida ficou finalmente

pronta, fiquei feliz. Estava com muita fome e o delicioso cheiro vindo das panelas a aumentava ainda mais.

Assim que preparamos a mesa da sala de jantar, finalmente sentamos para comer. Comeríamos o espaguete à bolonhesa, acompanhado de vinho. Eu nunca fora fã, mas não ia ser um chato. Eu sentei em meio a ambos.

- Está maravilhoso! – falei, após dar a primeira garfada.

- Realmente – Eric concordou.

- Não graças a você! – Paulo o provocou e mostrou a língua. Eu ri.

- Criançona!

- Chato!

Apenas ria do jeito de ambos, sempre se provocando. Lembrei que Eric havia dito no dia em

que eu fora comprado, que eles eram muito competitivos entre si. Só por causa disso, Paulo havia entrado na briga para tentar me comprar. Era inevitável não imaginar em como seria se, ao invés de Eric, tivesse sido Paulo o vencedor do leilão. Ele parecia divertido.

- Está gostando de viver aqui, Ianto? – ele perguntou para mim, despertando-me de minha imaginação.

- Muito! – respondi.

- Não sente falta de sua família? – questionou.

- Claro que sim, mas graças a Eric sei que estão bem.

- Presumo que não saia do apartamento.

- Sim...

- Não se sente claustrofóbico aqui dentro? Eu enlouqueceria – Paulo perguntou, fazendo uma

careta.

- Às vezes um pouco, mas entendo que não posso sair.

- Um adolescente compreensivo. Que raro. Quer me revender não, Eric? – Paulo brincou, rindo.

- Jamais – Eric respondeu de imediato, também rindo.

- Tudo bem, tudo bem.

Comemos, enquanto Eric e Paulo ficavam se provocando de brincadeira. Em vários momentos, não sabia se comia ou ria. Assim que finalmente terminamos, fomos até a sala e sentamo-nos no sofá, comigo novamente no meio. Percebi que agora Eric tentava ficar próximo a mim o tempo todo. Seria ciúme?

- Já decidiram como será no futuro? – Paulo perguntou.

- Como assim? – Eric questionou.

- Se você gosta de Ianto, presumo que não queira mantê-lo preso para sempre a um apartamento – respondeu.

- Ainda não pensei, em longo prazo, estamos apenas vivendo o momento atual – Eric respondeu.

- E você, Ianto? Já pensou o que você quer do seu futuro, agora que não tem total liberdade? – Paulo perguntou-me.

- O que está tentando fazer, Paulo? – Eric questionou, tenso e irritado.

- Apenas ajudá-los. Preocupo-me com ambos! Você é meu melhor amigo, e Ianto parece um excelente garoto. Somente não acho saudável essa relação – explicou.

- Que estranho, porque, se me lembro bem, você também tentou comprá-lo – Eric provocou e

eu comecei a me sentir desconfortável, em meio a ambos. Paulo tinha razão. Por mais que entendia que tinha de ficar preso por enquanto, eu sonhava que, no futuro, pudesse viver uma vida normal junto a Eric. Isso incluía poder sair desse apartamento.

- Sim, mas eu jamais o manteria preso como você. Ele tem um chip que pode até matá-lo, dentro de si. Você não precisa limitá-lo com paredes para ter controle. Qualquer ser humano precisa de um pouco de liberdade e espaço para não enlouquecer – Paulo falou.

- Ianto é meu, e ele já me disse estar feliz com as coisas como estão. Então, guarde sua opinião para si, pelo menos desta vez – Eric falou irritado.

- Você está feliz assim Ianto? Não deseja ter sua liberdade de volta? – Paulo questionou-me. Eric manteve-se calado, aguardando uma resposta

minha.

- Eu estou feliz, mas... – não sabia o que Eric diria, mas mentir não era uma opção. Eu era péssimo – Sim, eu gostaria muito que no futuro, eu pudesse voltar a ter contato com o mundo exterior. Ter uma vida normal, mesmo pertencendo a Eric.

- Foi o que pensei – Paulo falou.

- Paulo, está ficando tarde. Infelizmente terei que pedir que vá embora – Eric disse e levantou-se.

- Claro, sem problemas. Foi um prazer vê-lo novamente, Ianto. Até uma próxima – Paulo se despediu, levantando e foi acompanhado até a porta por Eric.

Assim que Eric voltou, passou direto por mim, indo até o andar de cima. Isso sendo que o aguardava em pé próximo ao sofá. Segui-o até seu quarto onde vi que se jogou na cama de barriga para cima, respirando fundo. Observei-o por alguns

momentos sem falar nada, até que ele mesmo o fez.

- Estou errado em querer te proteger do mundo exterior? Te proteger para que ninguém te roube de mim? – questionou.

- Claro que não – falei, aproximando-me, e peguei sua mão.

- Eu sei que você deseja ter contato com mundo exterior novamente, e terá! Eu prometo! Mas ainda não é seguro. Você é um fugitivo da polícia, Ianto. Eu me preocupo com você. Não há como você andar pelas ruas da capital, sem haver o risco de ser reconhecido – Eric falou.

- Você tem razão. Prometo que serei paciente!

- Obrigado por ser compreensivo – Eric falou e me puxou, derrubando-me sobre seu corpo. Fiquei com meu rosto colado ao seu. Ele trouxe seus lábios até os meus, iniciando um beijo. Adorava a forma feroz com que ele me explorava ao usar sua

língua. Seus beijos transpareciam toda sua excitação. Adorava me sentir desejado por Eric.

Assim que separou nossos lábios, sua respiração tornou-se pesada e parecia estar se preparando para dizer algo:

“Também gosto muito de você, Ianto!” – falou por fim.

Capítulo 10

- **V**ocê namora, Lucy? – perguntei, enquanto trocava de canal na televisão. Estava jogado sobre o sofá, enquanto Lucy varria o chão da sala.

- Não, ainda não achei alguém digno para mim. Mas, por que pergunta?

- Sei lá. Sinto-me estranho com algo que aconteceu essa semana – comentei lembrando-me do que Eric me dissera após eu ter me declarado a ele.

- O que houve? Pode me contar agora! – Lucy perguntou, já largando a vassoura no canto. Correu até o sofá e sentou-se ao meu lado, completamente

interessada.

- Não sei se é boa ideia eu falar.

- Vamos lá, garoto! Eu sou ótima em conselhos.

Não queria envolver Lucy no assunto, mas me sentia muito mal. Nem mesmo consegui evitar chorar muito, nas últimas noites. Achei que ambos estávamos em mesma sintonia. Mas saber que Eric "gostava muito" de mim, enquanto eu o amava, era doloroso. Respirei fundo, antes de contar o que havia acontecido.

- Disse que amava Eric – revelei.

- Sério? O que ele disse? – ela perguntou, curiosa.

- Nada. Ficou calado e simplesmente saiu do quarto.

- Nossa, que horror! Eu dava na cara dele para aprender a não ser tão insensível. Mas pode ser que

ele precise de mais tempo para conseguir se abrir contigo. Falar “Eu te amo!” é bem mais difícil do que “Me faz um boquete.”, por exemplo.

- Exatamente, esse é o problema. Eu pensei semelhante a você, tirando a última parte. Mas no fim da noite, ele disse que também gostava muito de mim – contei.

- Ai! Essa doeu até em mim.

- Eu não sei o que faço. Achei que ele me amasse também. Ele vem sendo tão carinhoso e atencioso comigo!

- Tirando o fato de que te mantém preso num quarto vazio, só para eu não te ver – ela comentou.

- Ele tem motivos para isso – defendi.

- Acho que não, Ianto. Se ele não quisesse que eu descobrisse sobre vocês, você poderia simplesmente ir para outro lugar enquanto fico aqui

limpando.

Lucy não conseguia entender a situação. Eu não podia sair de casa, e ficava preso mesmo nos dias que não vinha limpar.

- Não é isso que queria conversar – falei, tentando mudar de assunto – O que devo fazer para que Eric me ame também?

- Ianto, as coisas não funcionam assim. Ele tem que te amar como você é. Você não pode achar que pode comprar o amor dele, com sei lá, mais sexo.

Fiquei em silêncio. Era irônico o rumo que a conversa tomou.

“Como conheceu Eric?’’ – Lucy me perguntou tentando retomar o assunto.

- Bem... Foi... – gaguejei e nada veio à minha mente, então simplesmente calei. Lucy me olhou desconfiada.

- Não me diga que também não pode contar isso?!

- Desculpa.

- Como vou poder te ajudar se você não for sincero comigo?

- Você não quer saber a verdade, acredite.

- Claro que quero!

Tentei começar a contar a verdade, mas as palavras não saíam. Eu queria muito poder compartilhar o que estava acontecendo comigo. Mas Eric não iria gostar nada disso, se descobrisse. E não tinha como imaginar qual seria a reação de Lucy.

- Ianto, confie em mim. Achei que já fôssemos amigos!

- Nós somos, mas...

- Jamais faria nada que o prejudicasse. Pode

confiar em mim!

- Tudo bem, mas prometa que não contará a ninguém.

- Claro – ela concordou.

Não sabia se estava fazendo a coisa certa, mas definitivamente precisava de alguém para conversar, sem ser Eric. Talvez Lucy me ajudasse a passar bem por tudo aquilo. Enquanto contei desde o começo como fui parar ali, Lucy parecia cada vez mais chocada. Ela não me interrompeu um momento sequer.

- Isso é horrível! – falou assim que finalmente terminei.

- Até certo ponto sim, mas se Eric não tivesse me comprado, eu estaria morto.

- Mesmo assim. Ele te mantém preso aqui, Ianto!

PERIGOSAS

- Eu não posso sair. Ninguém pode me reconhecer pelas ruas. Já fui declarado como morto.

- Você pode trocar de identidade e mudar de cidade.

- Eric não poderia, ele gerencia suas empresas daqui.

- Mas você pode.

- Eu tenho que ficar com Eric. Ele é meu dono.

- Não, Ianto. Você é dono de si mesmo. Eric acha que é seu dono, mas você não pode se permitir a isso! Você é um ser humano, não um animal de estimação. Se quiser, posso te ajudar a fugir – Lucy falou, séria.

- Claro que não, você está louca? Eric pode me rastrear, imobilizar ou até mesmo me matar, se quiser, com apenas um clique. Independente de onde eu esteja. Por isso, tenho que ficar aqui.

NACIONAIS - ACHERON

Lucy levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, impaciente, enquanto pensava.

- Isso definitivamente não está certo – comentou com a mão no queixo.

- Claro que não, mas as coisas agora são assim para mim. E mesmo que pudesse fugir, não sei se faria. Eu o amo, Lucy.

- Isso que é incompreensível! Ele te compra, te trata como propriedade e mantém preso a um apartamento. Sem poder ter contato com o lado exterior ou mesmo sua família. Como pode amá-lo? – questionou, encarando-me.

- Não sei, apenas amo. Podia ser pior. Afinal, se não tivesse sido ele, podia ter sido qualquer um a me comprar, e as coisas seriam bem piores. Eric pelo menos me trata com carinho!

- Talvez ele esteja fazendo isso só pra ele mesmo. Afinal, se estiver em bons termos com

você, terá tudo que quer, sem qualquer dificuldade. Ele está te manipulando. Por isso está apaixonado por ele.

- Para de dizer isso! Ele não tem motivos para isso, ele podia simplesmente me forçar, mas optou em tentar ser feliz comigo.

- E porque ele não te faz feliz? Ele tem dinheiro, Ianto. Se quisesse, daria um jeito de permitir que visse sua família, ou mesmo sair para as ruas. Ele quer ter você sob controle. Por isso é gentil. Ele é um manipulador!

- Cansei de discutir isso! Não foi boa ideia ter te contado – desabafei, sentindo minha cabeça doer. É claro que Lucy não entenderia.

- Claro que foi, pois eu farei o possível para te tirar daqui! Nem acredito que estou trabalhando com alguém metido com essas coisas.

- Eric é uma boa pessoa!

- Tudo bem. Não vou mais discutir sobre isso. Tentarei pensar em algo para te tirar daqui.

- Você prometeu não contar para ninguém!

- Não vou, eu juro. Também juro te tirar desse local.

- Eu não quero, Lucy! Eu não tenho para onde ir. É melhor eu tentar viver com Eric.

- Você já parou para pensar se um dia ele se cansar de você? E se ele quiser te descartar como um objeto? Dificilmente ele permitirá que volte para o mundo exterior, sem garantir que você não conte nada. Isso acabaria com a imagem dele!

- Ele não vai cansar... – falei, tentando segurar as lágrimas. Essa pergunta já havia surgido em minha mente diversas vezes, mas sempre tentava evitar pensar a respeito.

- Assim não tem como conversar com você,

PERIGOSAS

Ianto. Até parece que não quer ser ajudado.

- E não quero! – afirmei.

- Então, por que me contou?

- Só queria conversar com alguém. Eu já aceitei que esta é minha vida. Só precisava de alguém que pudesse entender – respondi.

- Estou com vontade de estapear você, para acordar para a vida, mas tudo bem. Vou respeitar teu desejo, por enquanto. Mas nada vai me tirar da cabeça, bolar um plano para te tirar daqui, se necessário – Lucy voltou a se sentar ao meu lado respirando fundo.

- Obrigado por se preocupar comigo – falei.

- Somos amigos, não somos?

- Sim – respondi e sorri para ela, mais calmo. Ela apertou minha mão.

- Precisa de algo de mim, agora que sei a

verdade?

- Agora que falou, você poderia fazer algo para mim? Algo bem importante. Eric ajudou meus pais financeiramente, pois eu estava muito preocupado com eles. Será que você poderia verificar como as coisas estão? Se minha mãe está melhor? – perguntei.

- Claro! Me dê o endereço deles que, na segunda-feira, te digo como estão – Lucy respondeu.

- Mas, se contar para eles...

- Claro que não vou contar. Não se preocupe.

Procurei por papel e caneta, e assim que encontrei, escrevi o endereço da minha família ali e o entreguei à Lucy.

- Muito obrigado por isso.

- Já disse que não precisa agradecer. Agora,

deixa eu terminar de limpar este apartamento, não quero ser demitida antes de te ajudar.

Ajudei Lucy a terminar de limpar o apartamento, pois estava bem inquieto. Ainda bem que ela havia entendido que eu preferia, por enquanto, continuar ali. Eu não poderia ir para casa. Afinal, meus pais achavam que eu estava morto. E, se algum vizinho me visse, poderia até acusá-los de estarem me escondendo.

Aparentemente, não havia formas de me tirar daquela situação.

Quando Eric abriu a porta do meu quarto, não corri até seus braços e ele percebeu que tinha algo errado. Toda aquela conversa com Lucy fez com que eu pensasse muito a respeito da nossa relação. Até onde eu estava certo das coisas que pensava? Eric havia me dito que queria ser feliz comigo. Que

queria alguém que o amasse, mas quando eu revelei meus sentimentos, só recebi um “gosto muito’’ de volta.

- Oi, você está bem? – ele perguntou, aproximando-se de mim, que estava deitado na cama.

- Não sei.

- O que houve? – questionou, sentando-se no colchão, bem próximo a mim.

Sentei-me também, virado de frente para Eric e olhando-o nos olhos.

- Você me ama? – perguntei.

- Como assim? Por que está perguntando isso? – questionou, surpreso.

- Eu quero que você seja sincero comigo, porque eu já fui com você.

- Eu já te disse também.

- Não! Você disse que gostava de mim, e isso é diferente de amar – falei sentindo meus olhos marejarem.

- Para com isso, Ianto! Nós moramos juntos, dormimos juntos diversas vezes. Não precisamos rotular o que temos – ele falou limpando minhas lágrimas.

- Precisamos sim. Você me disse que queria ser amado. Quando finalmente conseguiu, não disse que me amava também.

- Eu não sei, Ianto. Eu não sei! – Eric exclamou, levantando-se e respirando fundo.

- Por que não? – perguntei e levantei-me também, voltando a encará-lo de frente.

- Não sei. É estranha a nossa relação. Toda vez que te toco, fico me perguntando se está deixando porque quer, ou por obrigação.

- Mas não é! Eu te amo! De verdade, Eric!

- É ótimo ouvir isso, pois quando disse que me amava, fiquei muito feliz mesmo. Desejava ouvir isso mais que tudo, mas não consegui retribuir as palavras. Elas não saíram!

- Talvez você simplesmente não me ame.

- Pelo contrário, não consegui dizer, por medo. Medo de que, se falasse, tudo pudesse começar a dar errado e desmoronar. Medo de tudo acabar a qualquer momento, pois pela primeira vez em muito tempo eu realmente sinto que amo alguém. Algo que pensei que não seria possível de eu sentir novamente.

- De verdade? – perguntei, olhando fixo em seus olhos.

- Sim, Ianto. Eu também te amo!

Apenas o abracei forte. Mesmo com as lágrimas

escorrendo pelo meu rosto, um enorme sorriso se estampou em meu rosto. O que estávamos vivendo era verdadeiro!

Capítulo 11

A cada dia que passava, mais apaixonado ficava por Eric. Nunca imaginei que um sentimento assim podia tomar proporções tão grandes. O fato era que já não conseguia imaginar uma vida sem ele. Minha felicidade dependia completamente de Eric Pitz.

Todos os dias, quando ele saía para trabalhar, sentia como se uma parte importante de mim fosse arrancada à força e minha mente e corpo gritavam para tê-la de volta o quanto antes. É como se eu estivesse em um estado de abstinência, onde meu vício era Eric.

Acordei sentindo sua falta ao meu lado, afinal

havíamos dormido juntos. Ele teria ido trabalhar sem me acordar, ou mesmo fechar-me em meu quarto. Agora contava com uma televisão, que ele havia instalado na noite anterior, para eu não ficar entediado enquanto o aguardava retornar.

Levantei-me e fui até o banheiro de seu quarto, que era imenso e bem decorado. Após várias sessões de sexo embaixo do chuveiro, sentia-me mais confortável para usá-lo, sem se preocupar com a reação de Eric.

Vestia-me apenas com cueca e camisa de mangas longas, ambas brancas, é claro.

Após urinar, para tentar me livrar da ereção matinal, escovei meus dentes com uma escova adicional que Eric deixara ali para mim e lavei meu rosto. Desci as escadas até o andar de baixo. Assim que pisei no último degrau, já pude sentir o delicioso cheiro de torradas invadir minhas narinas.

PERIGOSAS

- Então você estava aí – comentei, assim que entrei na cozinha e o vi terminando de preparar nosso café.

- Estragou minha surpresa, ia levar café na cama para você – falou, agora arrumando a mesa para comermos ali. Assim que terminou, ele veio até mim e me abraçou forte.

Ele vestia apenas uma cueca boxer azul. Ao sentir seu pênis em estado meia bomba encostar em minha barriga, já que Eric era consideravelmente mais alto que eu, o meu endureceu instantaneamente. Era incrível como nossos corpos se excitavam com o do outro tão facilmente.

- Desculpa estragar a sua surpresa, senti sua falta – falei.

- Posso perceber – Eric comentou e apalpou o volume em minha cueca. Ele mordeu seu lábio inferior.

NACIONAIS - ACHERON

- Para, seu safado! Vamos tomar café, primeiro! – falei, rindo.

- Então, já está querendo me mandar? É isso mesmo? – ele brincou.

- Não – respondi, entre risos.

- É bom mesmo, pois você é meu. Então, quem manda aqui sou eu! – Eric falou e me levantou pelas pernas, me colocando sentado sobre a mesa.

- O que você vai fazer?

- Calado! – ordenou e puxou minha cueca, liberando meu pênis, que estava rígido como pedra.

"Quero outro tipo de leite para meu café" – Eric falou e começou a chupar-me ferozmente e com vontade. Eu gemia alto, cada vez que, após tirar tudo da boca, ele abocanhava meu membro por inteiro novamente, nesse vai e vem delicioso, repetidamente.

Após poucos minutos, em um espasmo, gozei em sua boca quente e úmida, soltando um gemido alto e intenso de prazer. Eric lambeu minha glande e falo até ter certeza que havia tomado cada gota de meu esperma, para então sorrir satisfeito, vitorioso.

- Era disso que eu estava falando! – ele comentou e beijou minha boca. Senti o gosto salgado de meu líquido em sua língua – Agora sim, podemos comer – falou, ao separar nossos lábios.

Após vestir minha cueca, sentei-me ao seu lado. Comecei a comer minha torrada, acompanhada de um suco de laranja que ele havia comprado.

- Que horas são? Não está atrasado para o trabalho? – perguntei, entre mordidas.

- Hoje não trabalho. É domingo – respondeu.

- Ah, tá! – falei, envergonhado.

- Pelo menos hoje, podermos ficar o dia inteiro

juntos – apertou meu ombro carinhosamente. Sorri para ele.

- Claro! Isso é ótimo!

- Paulo queria vir para cá, mas menti que queria descansar.

- Eu gostei dele. Parece ser alguém legal – comentei e Eric me deu uma olhada estranha.

- Ele queria te comprar. Não gosto de vê-los próximos.

- Eu jamais tentaria nada com ele! Eu te amo, e sou feliz que tenha sido você quem me comprou! – falei rapidamente, impedindo que ele pensasse coisas erradas. De fato, Paulo era lindo. Mas não conseguia me ver com outa pessoa, além de Eric.

- Fico feliz em ouvir isso – ele fez uma pausa pensativo – Talvez eu esteja exagerando em pensar que Paulo tentaria algo com você.

- Também acho. Vocês se conhecem tão bem, e são amigos há tanto tempo.

- Tem razão. Talvez possamos ligar para ele e convidá-lo a juntar-se a nós durante a tarde.

- O que faremos? – perguntei.

- Você não me disse que não queria engordar? Vamos nos exercitar na cobertura.

- Oba! – comentei, animado. O que eu queria mesmo era sentir novamente o vento e sol tocar minha pele. Ia ser ótimo!

Após terminarmos nossos cafés, ambos fomos tomar banho. Cada um em seu próprio banheiro. Enquanto a água escorria por meu corpo, percebi que alguns pelinhos voltaram a surgir. Não sabia exatamente que método utilizaram, mas agora precisava começar a me depilar para permanecer liso, como Eric gostava. Assim como já fazia com a barba, que tinha que fazer quase todos os dias,

sempre que algum pelinho insistia em aparecer.

Meu cabelo provavelmente precisaria de retoque em breve, e já me perguntava como faríamos. Afinal, eu não podia deixar o apartamento e não sabia se Eric ia gostar da cor natural dele. Após sair do banho, vesti uma bermuda e camisa regata. Preciso acrescentar que ambas as peças de roupas eram brancas? Acho que não. Vestir terno não me parecia tão horrível agora.

Conversamos a manhã toda agarrados, enquanto assistíamos a um documentário sobre a crise que Sarnaut estava enfrentando. Eric me disse que suas empresas estavam exportando cada vez mais, e para novos países.

Comemos pizza, que ele pediu por telefone, no almoço. O que não era muito inteligente, afinal logo iríamos malhar. Mas não intervi, afinal amava pizza.

Quando o sono pós-almoço começou a bater em nós, o interfone tocou. Eric levantou-se e viu que era Paulo, destravando o portão para que ele entrasse, em seguida. Poucos minutos depois, ele já batia na porta. Assim que a abrimos e ele viu ambos lhe recepcionando, abriu um enorme sorriso. Parecia animado.

- Boa tarde, seus lindos! – falou e abraçou Eric.

Eric riu. Paulo vestia bermuda preta e uma camisa branca de manga curta, que mesmo assim exibia seus braços musculosos. Mas o que tive de evitar olhar mesmo, eram suas pernas e coxas. Minha parte favorita em homens. As suas tinham um pouco mais de pelos que as de Eric, porém isso as tornava ainda mais excitantes.

Assim que soltou Eric, veio até mim. Também me abraçou forte, quase me esmagando. Eu ri.

- Boa tarde para você também, Ianto lindão! –

falou.

- Por que toda essa animação? – Eric questionou, assim que Paulo soltou-me.

- Não te contei ontem, pois só tive confirmação pela manhã, mas apenas acabo de fechar um dos melhores contratos de toda minha vida.

- Não me diga que...

- Isso mesmo, garoto! Fechei com a Lauzon! – Paulo exclamou e Eric pareceu animar-se, também.

- Venha cá, que vou te abraçar de novo, seu maldito! – Eric falou e voltou a abraçar Paulo, com um enorme sorriso.

- O que é a Lauzon? – perguntei, sentindo-me perdido.

- Eles são a melhor rede de lojas de variedades de toda a Sarnaut. Eles querem que nos tornemos o principal fornecedor deles – Paulo respondeu,

soltando Eric, que parecia satisfeito.

- Mas Sarnaut não está em crise? – questionei.

- Por enquanto, sim. Mas todos os economistas apontam que isso está prestes a mudar, e que eles irão se reerguer. Então, se apostarmos neles agora, podemos multiplicar todo o investimento em alguns anos. Estamos aproveitando o momento de falta de interesse das concorrentes internacionais, e pensando em longo prazo.

- Acho que entendi – falei.

- Quero tomar seu melhor vinho! – Paulo falou para Eric.

- De jeito algum! Ele me custou uma fortuna e não é nada fácil de achar – Eric interviu.

- Para com isso! Acabo de fechar um contrato que irá torná-lo ainda mais rico, assim como te disse que conseguiria. Você que se vire para

comprar outro depois. Você sabe que eu mereço!

Eric riu.

- Tudo bem, vamos lá pegá-lo.

Após pegarem a garrafa em uma mini adega acoplada a um dos armários da cozinha, subimos até a cobertura. Assim que chegamos e o vento soprou em meu rosto, fechei os olhos, respirando fundo. Era maravilhosa a sensação. Eric e Paulo nem pareceram perceber, de tão animados que estavam.

Como Eric disse, tinha aparelhos de ginástica ali, assim como uma piscina e uma churrasqueira. Sentamos em cadeiras postas de frente à piscina. Paulo abriu a garrafa e serviu três taças. Uma para cada um e, em seguida, brindamos.

- Como conseguiu fechar esse contrato? Não estava colocando fé – Eric perguntou a ele.

- Você sabe que sou ótimo em convencer as pessoas – Paulo respondeu e piscou para Eric.

- Se não quer revelar, tudo bem.

- Não revelo meus segredos, afinal são eles que me mantém como seu sócio – Paulo falou e Eric riu e concordou.

Eu bebia meu vinho observando-os. Detestava vinho, mas devia assumir que esse era muito bom. Estava feliz que as coisas estavam dando certo no trabalho de Eric, mesmo que não entendesse muito.

- De qualquer forma, amanhã você já precisa estar com as malas prontas – Paulo informou-lhe.

- Mas, já? – Eric perguntou surpreso.

- Claro, ou você quer deixar espaço para outros fazerem ofertas melhores que a nossa?

- Tudo bem, tem razão.

- Quanto tempo ficarão fora? – perguntei,

nervoso.

- 3 ou 4 dias, por aí – Paulo respondeu e senti meu estômago embrulhar. Já era horrível ficar algumas horas sem Eric, agora teria que ficar dias. Eu ia perder a cabeça!

- Tentarei ser o mais rápido possível, Ianto. Prometo! – Eric falou, largando sua taça ao lado da cadeira e pegando minha mão.

- Tudo bem – falei segurando minhas lágrimas. Paulo pareceu perceber o quanto eu estava abalado.

- Por que você não o leva contigo? – ele questionou Eric.

- Você sabe que não posso.

- Para com isso, Eric. Você vai deixar o garoto 4 dias trancado sem ninguém? Além de que, obviamente, ninguém o reconhecerá em Sarnaut – Paulo falou.

- Não sei se é boa ideia. Você sabe o quanto eles são conservadores em Sarnaut. Se alguém da Lauzon descobrir que me relaciono com Ianto, podemos perder o contrato. Isso se não for considerar que a informação pode ser espalhada pela mídia – Eric comentou.

- Você sempre foi um ótimo ator na escola, então nem vem com desculpas. Ianto, fala aí. Você não ia adorar viajar com Eric e conhecer as melhores praias do mundo? – Paulo questionou-me.

- Sim, mas realmente não quero causar problemas a Eric...

- Viu, Eric? Ele quer! Ianto já está aqui há mais de duas semanas, considere isso como férias para ambos. Acho que faria muito bem o relacionamento de vocês a tomar novos ares. Prometo ajudá-los, para que ninguém desconfie de nada.

Eric permaneceu em silêncio, durante alguns

minutos pensativo.

- Tudo bem, Ianto irá conosco – informou.

- Sério? – perguntei surpreso.

- Sim, vai ser ótimo tê-lo por perto – Eric respondeu e me deu um selinho. Eu fiquei estático, completamente surpreso e feliz, durante alguns momentos. Quando finalmente retornei à realidade, devo ter aberto o maior sorriso. Ambos na minha frente já devem ter visto, pois riram de mim animados, mas não importava. Afinal, eu ia viajar com Eric!

- Chega de papo. Bora malhar! – Paulo falou, levantando-se e indo até a esteira.

- Vamos? – Eric perguntou-me.

- Sim... – respondi encarando o chão.

- O que foi?

- Muito obrigado por decidir me levar!

- Não precisa agradecer. Mesmo que nossa relação seja diferente, acho que temos o direito de aproveitar um pouco.

- Eu te amo!

- Também te amo, Ianto! – Eric falou e se inclinou, voltando a me beijar.

- Parem com isso ou vou ficar excitado! – Paulo gritou para nós. Ambos rimos.

Estava muito ansioso para contar a Lucy sobre a viagem no dia seguinte, pois ela perceberia que Eric me amava de verdade, mesmo tendo me comprado. E claro, queria saber como minha família estava, antes de viajar pela primeira vez na vida.

Capítulo 12

Quase não dormi de tão ansioso e animado por causa da viagem. Eric ria de meu jeito bobo, mas era inevitável não me sentir assim. Se eu continuasse com minha antiga vida, jamais teria a oportunidade de visitar um país diferente. O melhor de tudo: eu iria com Eric.

Tomamos nosso café juntos como sempre. Ele foi ao trabalho resolver as coisas para a sua ausência nos próximos dias. Trancou-me no quarto. Arrumaríamos as malas juntos assim que ele voltasse. Como ele tinha muitas coisas a fazer, não viria almoçar comigo. Tomei café reforçado e levei até o quarto dois sanduíches para quando sentisse

fome.

Como Lucy viria limpar o apartamento no começo da tarde, estava ansioso que chegasse logo a hora para poder contar a novidade. Então, assim que ela abriu a porta de meu quarto, eu já a aguardava sorridente parado em frente à porta. Ela me olhou desconfiada.

- Por que está sorrindo tanto? – ela me perguntou.

Pude perceber em seus olhos que tinha olheiras profundas. Não devia ter dormido bem. Mas considerando que eu também quase não dormi, também devia estar com olheiras horríveis.

- Eu vou viajar. De avião e tudo – revelei.

- Como assim? Para onde?

- Sarnaut, com Eric e Paulo. Eles precisam ir lá para fechar um contrato importante, e Eric decidiu

me levar junto. Estou muito animado! Você já viajou de avião? – perguntei.

- Claro que não, sou tão pobre quanto você era. Esqueceu?

- Sim, verdade. Nem acredito que vou ter a oportunidade de saber como é outro país. Ouvi dizer que em Sarnaut não existe castas e nem mesmo rígidas leis Anti-Criminalidade. Mesmo com a crise, deve ser um país bem melhor que aqui.

- Sim, já li sobre isso. Mas, como você irá viajar para lá? Os números de identificação de seus documentos não devem apontar você como morto? – Lucy questionou-me cruzando os braços.

- Eric disse que conseguiria isso para mim. Com todo o poder e influência que ele tem, deve conseguir em menos de cinco minutos.

- Claro. Falsificação de documentos é fichinha para quem está metido com tráfico de pessoas –

Lucy comentou.

- Eu já disse que Eric gosta de mim. Então, sou muito feliz e grato por ele ter me comprado e não outro qualquer – intervi.

- Por que você acha isso? Deixa até eu imaginar. Ele te alimenta? Colocou uma TV em seu quarto? – ela apontou para o aparelho pendurado na parede – Te trata com carinho quando vai fuder com você e ajuda sua família, não é mesmo? Mais perfeito impossível. Ah não, ainda falta ele dizer que te ama também – falou irônica.

- Na verdade, ele me disse já. Apenas estava com receio, mas ele me ama tanto quanto eu o amo! – falei de forma fria, incomodado com Lucy voltando a atacar Eric.

- Isso é pior ainda, Ianto! Não percebe o tanto que está sendo manipulado? Você não devia amá-lo. Ninguém normal amaria uma pessoa assim

como ele. Não consigo te entender!

- Assim como ele? Alguém que me comprou para tentar ser feliz? Alguém que me trata bem? Que quer me proteger? Eu que não consigo te entender, pois eu sei os meus motivos para amá-lo – falei irritado.

Lucy tampou seu rosto com as mãos, respirando fundo, tentando manter a calma.

- Ianto, você não devia confiar nele! – falou voltando a me encarar. Seus olhos já lacrimejavam.

- E por que não? Seja clara, e sem todo esse papo a respeito dele ter me comprado. Já superei isso e conheço os motivos dele.

- Tem certeza que sabe mesmo? – questionou. - Pois o Eric mente! – Lucy gritou me assustando.

- Como assim? O que você quer dizer? – perguntei nervoso.

Ela ficou calada durante um tempo, movimentando sua cabeça em sinais negativos. Parecia muito nervosa.

- Me conta logo, Lucy! – gritei.

- Não, pois isso irá afetar completamente a mim e à minha família. Eu não queria ter me envolvido com isso. Minha curiosidade é minha maldição! Eric esconde essa chave mestra e nunca me contou a respeito de sua existência. Encontrei por acaso um dia. Se não a tivesse usado, se não tivesse te encontrado, tudo estaria bem. Agora estou colocando em risco não somente meu emprego, mas os de meu pai e irmão também. Ambos trabalham para uma das empresas de Eric – Lucy desabafou entrando numa crise de choro.

- Eu prometo não falar nada a ele, apenas me conta. Por favor, Lucy! Eu tenho direito de saber! – falei, sentindo minhas bochechas molharem com as

lágrimas escorrendo de meus olhos também. Ela tinha razão. Estava numa situação delicada. Eu não devia ter contado a verdade a ela.

- Ianto... - ela deu uma longa pausa – Fui até sua casa, em busca de saber como sua família estava, como havia me pedido na sexta-feira – falou e voltou a ficar em silêncio novamente. Lucy esfregava seus braços em forma de nervosismo.

- Eles estão bem, Lucy? Me conta! – implorei.

- Você precisa me prometer que não contará a Eric.

- Sim, eu juro – disse de imediato.

- Sua mãe está melhor, mas ainda está em repouso em casa. Mas seu pai parecia muito abatido. Ele está trabalhando 18 horas por dia, inclusive finais de semana. Seu irmão abandonou a escola, para cortar os gastos de materiais e locomoção – revelou e eu ouvi calado em choque.

- C-como assim? Por que estão fazendo isso? – questionei sentindo-me ficar sem ar. Já respirava com dificuldade e sentia meu coração quase saltar do peito. Saber aquilo havia me deixado em pânico.

- Estão fazendo isso porque Eric não os ajudou, Ianto. Quando os visitei, disse a eles que era uma amiga sua. Eles ainda estão muito abalados com sua morte. Tentei falar sobre você, para não suspeitarem de nada. Assim que tive oportunidade, perguntei a respeito da situação econômica. Eles disseram que realmente, Eric havia ido atrás deles oferecendo-os muito dinheiro para deixarem a capital. Mas como sua mãe não estava em condições e não entendiam e confiavam muito em Eric, recusaram a ajuda. Por isso seu pai está trabalhando em duas fábricas, e isso é péssimo. Acho que é só uma questão de tempo até ele adoecer também.

- Isso não faz sentido. Eric me disse que eles aceitaram ajuda e as coisas ficariam bem – caí de joelhos no chão chorando muito.

- Exatamente! Você não pode confiar em Eric, Ianto. Ele mente para que você o ame, mas duvido muito que ele te ame de volta. Afinal, não mentiria para ti se o amasse – Lucy falou e se ajoelhou para me abraçar.

- Eu achei que ele me amasse... Eu achei... – eu murmurava repetidamente em prantos.

- Para com isso, Ianto! Você precisa ser forte agora que sabe da verdade. Você precisa achar um jeito de fugir disso – Lucy falou.

- Eu não sei o que faço. Não tenho opções. Eric me tem em suas mãos! Pode me obrigar a fazer o que quiser.

- Acharemos um jeito, Ianto. Só se acalma, se acalma! – Lucy falou esfregando meu braço.

PERIGOSAS

- O que faço agora? Iremos viajar à noite. – perguntei.

- Você não pode dizer que sabe, senão irá me prejudicar também. Precisamos resolver isso em segredo. Infelizmente, você terá que fingir que está tudo bem.

- Eu não sou bom mentindo.

- Vai ter que se esforçar, meu querido.

- Tudo bem. Sou capaz de passar por isso. Eu sou capaz de me tornar forte.

- Você já é, Ianto – Lucy falou apertando-me.

Ficamos um bom tempo ali chorando, abraçados. A verdade doía muito.

- Meu querido, infelizmente preciso limpar esse apartamento para que ele não desconfie que estamos mantendo contato – Lucy informou me olhando nos olhos.

NACIONAIS - ACHERON

- Posso te ajudar? – perguntei limpando as lágrimas. Eu precisava tentar não surtar e distrair minha mente, até a hora em que teria que enfrentar a realidade do que estava vivendo. Eu não estava vivendo um conto de fadas, mas sim um pesadelo.

- Claro! Vamos! – ela falou levantando-se e estendeu a mão para que eu levantasse também. Era ótimo saber que pelo menos tinha Lucy, que parecia preocupar-se de verdade comigo.

Limpamos todo o apartamento, calados. Cada um perdido em seus próprios pensamentos. Quando Lucy foi embora, voltei a meu quarto e senti o nervosismo retornar. Esforcei-me ao máximo para manter a calma e fingir que nada havia acontecido. Eu definitivamente precisava aprender a mentir tão bem quanto Eric. Quantas coisas mais não havia distorcido para me fazer idolatrá-lo?

Eu me sentia um idiota por amá-lo, e isso doía

muito. Meu coração parecia sangrar por dentro. A vontade de chorar era imensa, mas eu não podia deixá-lo me ver dessa forma. Não queria que ele ferrasse mais vidas além da minha. Havia prometido para Lucy que não a prejudicaria e cumpriria com minha palavra.

Quando ouvi a chave da porta girar, levantei-me e o vi entrar no quarto sorridente. Eu me forcei a sorrir também. Ele avançou até mim e me abraçou forte para depois me beijar. Como os lábios de um mentiroso podiam ser tão deliciosos? Tentei não me descontrolar e começar a chorar ali mesmo. Eu não queria beijá-lo, ao mesmo tempo em que queria.

Ser decepcionado por alguém que eu amava era a segunda coisa mais dolorosa que já havia sentido. A primeira, era querer ser reconfortado exatamente pela pessoa que me magoou.

- Está animado? – Eric me perguntou assim que

desgrudou nossos lábios.

- Muito – respondi tentando não desfazer o sorriso falso em meu rosto. Eric olhou-me desconfiado.

- Está nervoso?

- S-sim, afinal nunca viajei antes – respondi. Ser um bom mentiroso não era tão fácil assim. Principalmente com Eric, que era bastante observador.

- Não precisa se preocupar a respeito disso. Tudo vai dar certo. Contratamos o melhor piloto – revelou.

- Contrataram um piloto exclusivamente para nós? – questionei.

- Claro! Achou que iríamos perder tempo num aeroporto? Vamos de jatinho – respondeu.

- E eu estava animado só por que ia viajar de

avião, mas esqueci de que você é muito mais rico do que eu possa imaginar – comentei e ele riu.

- Pois é, e eu sou todinho seu. Você não é um sortudo?

- Achei que eu que pertencia a você – não consegui evitar provocá-lo.

- Isso também. Na verdade, nossos corações pertencem um ao outro. Assim como você é meu, eu também sou seu. Você me conquistou, Ianto. Nunca fui tão feliz na minha vida – Eric falou sem tirar aquele sorriso bobo do rosto.

Eu apenas sorri para ele também, sem dizer nada. Ouvir aquelas palavras, por mais bonitas que fossem, soavam como facadas em meu coração. Afinal, até onde eu podia confiar no que ele dizia? Talvez para ele, mentir fosse tão fácil quanto dizer que vai à padaria.

Eric pareceu um pouco chateado por eu não

retribuir sua demonstração, ou mentira, de afeto.

- Enfim, vamos arrumar nossas malas? – perguntou soltando-me.

- Vamos – respondi e fomos até seu quarto.

Eric havia comprado mais roupas para mim, afinal Sarnaut era um país tropical. Antes de saber de tudo, estava animado e ansioso para conhecer a praia. Agora o que mais desejava era que tudo aquilo acabasse rápido. Queria apenas voltar a ficar sozinho em meu quarto, para chorar tudo que sentia vontade.

Arrumamos nossas malas, calados. Quando estávamos quase terminando, Eric recebeu uma ligação em seu celular.

- Alô? – ele atendeu e aguardou a pessoa do outro lado responder – Já estamos quase acabando aqui. Pode nos esperar em frente ao prédio, questão de menos de 5 minutos – pausa – Tudo bem. Até! –

e desligou.

- Era Paulo? – perguntei.

- Sim, ele mesmo. Já está pronto? Ele vai nos aguardar em frente ao prédio. Vai conosco em nosso carro – Eric respondeu.

- Ele vai deixar o carro dele na frente do prédio? É seguro?

- Ele nem precisa de carro para vir aqui, Paulo mora no prédio ao lado. Não contamos isso?

- Não... – falei fechando a minha mala e Eric a sua.

- Desculpa, mas acho que nem é tão relevante. Enfim, acho que terminamos por aqui. Vamos descer? Quanto mais cedo chegarmos a Sarnaut, melhor. Poderemos dormir bem, para aproveitar a praia pela manhã – falou.

- Sim – falei tentando evitar demonstrar

desânimo em minha voz, mas eu era uma negação mentindo. Para minha sorte, ou não, teria os próximos dias para treinar bastante.

- Já disse que tudo vai ocorrer bem, estarei ao seu lado o tempo todo. Agora vamos logo! Paulo fica de mau humor quando o deixam esperando muito, e ninguém merece ter que aguentá-lo assim numa viagem de 6 horas.

Concordei com a cabeça e saímos do apartamento carregando as malas. Pude perceber que Eric estava um pouco nervoso também. Assim que entramos no elevador e selecionou o estacionamento, manteve a mão próxima ao botão de fechar as portas. Provavelmente, não deixaria ninguém entrar ali conosco.

Claro, não queria que ninguém descobrisse a respeito de mim.

Quando chegamos ao estacionamento, ele

andou apressadamente até o carro e pediu que fizesse o mesmo. Para nossa sorte, ou melhor, a dele, estava deserto. Quando guardamos as malas, ao entrar no carro, sentei-me no banco de trás. Preferia ficar um pouco fora da visão de Eric.

- Tem certeza que quer ir atrás? – ele perguntou surpreso.

- Acho mais seguro, os vidros são mais escuros – dei como desculpa e ele pareceu acreditar dessa vez.

- Tem razão – falou sorrindo.

Saímos do prédio e Eric parou o carro logo em frente para Paulo entrar. Ele também carregava uma mala, mas era pequena. Abriu a porta traseira e deixou a mala no banco ao meu lado.

- Olá, Ianto – Paulo cumprimentou-me e piscou para mim.

- Oi – retribuí tímido.

Após fechar a porta, ele seguiu até o banco ao lado de Eric.

- Vai levar só essa malinha? – Eric questionou-lhe.

- Claro, tem tudo que preciso: um terno, várias cuecas e sungas. Não estou indo somente para trabalhar, mas também pra curtir. Afinal, eu mereço não é, chefinho? – perguntou e Eric riu.

- Sim, você merece. Vamos logo, que eu e Ianto também queremos curtir a manhã na praia.

- Praia? Vocês vão se divertir mesmo é no quarto do hotel, seus safados. Tenho até inveja – Paulo comentou e Eric deu um soquinho em seu ombro, rindo.

Eric deu a partida e fomos até a pista onde estava o jatinho. Era isso. A grande viagem que eu

ansiava, estava para ser um dos momentos mais dolorosos e tristes de minha vida. Precisava sorrir, enquanto estava estraçalhado por dentro. Acho que é isso que pessoas fortes fazem.

Capítulo 13

A viagem foi longa e cansativa.

Principalmente considerando que não havia dormido na noite anterior, quando ainda estava animado por conhecer um país diferente com Eric. Agora o que mais desejava era me manter distante dele, para conseguir esquecê-lo. Mas tendo-o tão próximo a mim, sentia vontade de abraçá-lo e queria que ele me dissesse que o que Lucy havia dito era somente um mal entendido; que ele jamais mentiria para mim.

Mas eu tinha que ser realista: isso não ia acontecer.

A decepção e dor que Eric havia me causado

havia sido tão grande, que provavelmente jamais conseguiria voltar a confiar nele. Acima de tudo, acima de mim, ou mesmo do amor que sentia por Eric, estava minha família. Saber que Eric havia permitido que eles continuassem no mesmo estado, de quando eu fora preso, e que havia mentido a respeito disso era imperdoável.

Meu pai sempre reclamava de dores na coluna, e agora estava trabalhando incansavelmente em dois empregos para manter a família. Eu havia sido muito idiota em achar que furtando aquelas coisas estaria ajudando-os. Na verdade, havia piorado e muito a situação. Logo meu pai iria adoecer também, e meu irmão mais novo já não estudava mais.

Eu havia acabado com a nossa família.

Precisava de um jeito de corrigir todos meus erros. Como Lucy havia dito, precisava de um meio

de fugir e me livrar de Eric. Ele havia feito documentos falsos para mim, talvez pudesse usá-los para retornar à minha vida normal. Onde voltaria a trabalhar e poderia estar presente e ajudar minha família.

O que me impedia, era o chip que inseriram em alguma parte de meu corpo. Capaz de me localizar, ou mesmo matar se meu dono achasse necessário. Então, meu principal objetivo (e a primeira coisa a ser feita) era descobrir em que parte ele havia sido injetado e dar um jeito de removê-lo.

Durante toda a viagem, Eric tentou puxar assunto, mas mantive-me calado dizendo que estava cansado. Mas, agora que havíamos pousado numa pista particular em Sarnaut, deveria voltar a fingir que estávamos bem, que eu ainda acreditava que ele me amava.

- Bem vindos à Sarnaut – Paulo anunciou,

sendo o primeiro a descer do jatinho.

Eu e Eric pegamos nossas malas e também descemos. O clima quente e abafado já me fazia suar nos primeiros minutos que havíamos chegado ali. Um forte cheiro no ar alcançou minhas narinas, mas tive dificuldade para reconhecê-lo. Eric pareceu perceber que eu estava tentando decifrá-lo.

- Esse cheiro é a maresia. Estamos muito próximos do mar – explicou.

- Ah...

- Pela manhã, após uma boa noite de sono, já que está cansado, poderei te levar para conhecê-lo. É fantástico, você irá amar.

- Obrigado – sorri para Eric, mas não pareci convencer.

- Já disse para ficar tranquilo. Eu e Paulo temos assuntos da empresa para resolvermos, mas não

ocuparão muito de nosso tempo. Ficaremos juntos a maior parte do tempo, e quero muito que você aproveite cada minuto. Afinal, sei que jamais teria uma oportunidade assim se continuasse vivendo em sua antiga casta.

- Antiga? Até onde sei, continuo sendo pobre. Quem está no ápice dos sistemas de castas e é milionário aqui é você. Não sabia que isso havia mudado – provoquei. Eu deveria parar com isso antes que ele percebesse que estava irritado com ele. Eric respirou fundo antes de me responder, como se tentasse evitar brigas.

- Enquanto estiver comigo, você também pertencerá à mesma casta que eu. Agora, vamos – falou pedindo que o seguisse. Paulo já havia ido na frente.

Aquelas palavras de Eric, me fizeram perceber como as coisas entre nós eram instáveis. Ele podia

cansar de mim a qualquer momento, e o que aconteceria comigo? Ele poderia me revender a outro, ou mesmo se livrar de mim, para esconder a sujeira. Sua boa imagem falava mais alto.

Quando chegamos à parte da frente daquele local, que contava com um pequeno prédio e um espaço amplo com pistas para outros jatinhos, nos deparamos com um carro preto aguardando-nos. Paulo já estava sentado no banco traseiro.

Eu e Eric, com a ajuda do motorista guardamos nossas malas e também entramos no carro. Mas, optei por ir atrás novamente, sentando ao lado de Paulo. Eric pareceu incomodar-se com isso, mas não falou nada e sentou-se no banco de passageiro.

- Vou levá-los ao hotel – o homem gordinho e grisalho anunciou.

Vestia-se com um uniforme preto, e como era de se esperar com aquele clima, suava muito. Eu

estava louco para trocar de roupa, pois já podia sentir essa grudando em meu corpo. Já sentia falta do clima de Alendor.

O trânsito estava bem movimentado e fiquei fascinado com os enormes e iluminados prédios em nosso caminho. Mesmo que tivesse sempre morado na Capital de Alendor, o pouco que havia visto ali já era suficiente para perceber o quanto era grandiosamente maior que meu país.

- Está gostando? – Paulo perguntou-me.

- Tirando todo esse calor, sim. Esses prédios são enormes! Quase todos são maiores que o mais alto da Cidade Capital – respondi e ele riu.

- Não podia ser diferente. Sarnaut é quase cinco vezes maior que Alendor, em tamanho e população.

- Agora entendo porque estavam animados por causa do contrato – comentei.

PERIGOSAS

- Exato. Nós fornecemos produtos para a maioria dos estabelecimentos em Alendor, e para diversos outros países, mas Sarnaut tem um potencial muito grande. Se tudo der certo como prevemos, em alguns anos Eric pode dobrar sua fortuna. Por isso ele me ama tanto. Sempre o faço se tornar mais rico.

- Você fala como se também não ficasse mais rico junto – Eric comentou e ele riu.

- De fato.

Foram cerca de 40 minutos de viagem até que finalmente chegamos ao hotel, que era enorme e muito luxuoso. Fiquei completamente impressionado com sua fachada toda de vidro. O valor da diária dali deveria ser uma fortuna.

- Vamos descer! – Paulo falou para mim dando tapinhas em minha coxa. Concordei com a cabeça. Ambos abrimos as portas do carro e descemos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Assim que nós três pegamos nossas malas, adentramos o luxuoso hotel e fomos até a recepção. Mantive-me próximo a Eric.

- Boa noite. Sejam bem-vindos ao Hotel Imperador. Como posso ajudá-los? – um dos recepcionistas perguntou. Ele era loiro e jovem. Devia ter apenas alguns anos a mais que eu e era até bonitinho.

- Boa noite. Temos duas reservas. Uma em meu nome, Eric Pitz. E a outra, em nome de Paulo Latron – Eric respondeu-lhe.

- Só um momentinho que irei verificar – o recepcionista pediu.

Olhei ao redor do hotel. A área de entrada era linda também, com uma fonte no centro, alguns sofás encostados à parede e muitos quadros lindos, e provavelmente caros, espalhados pelas paredes em tom salmão.

NACIONAIS - ACHERON

- Aqui está. Só preciso dos documentos de vocês - o recepcionista pediu.

- Claro, aqui estão os documentos meus e de Ianto – Eric entregou-lhe. Provavelmente deviam ter alterado apenas meu sobrenome.

- E aqui está o meu – Paulo disse entregando-lhe o seu. O atendente olhou bem os documentos de todos nós.

- O garoto irá ficar no quarto de quem? – questionou.

- No meu – Eric respondeu cruzando os braços.

- Mas no caso, o senhor pediu uma suíte de casal, ao invés de um quarto com duas camas.

Eric ficou calado durante alguns momentos. Até que finalmente se pronunciou.

- Está correto. É exatamente assim que desejamos – falou hesitante.

- Tudo bem, entendo. Só preciso saber quantos anos ele tem, neste caso. Regras do hotel.

- Garoto, como pode verificar em seu passaporte, Ianto tem 19 anos – Eric falou de forma grossa. Eu já estava nervoso pela situação também. Afinal, além de ser um país conservador, eu ainda tinha 17 anos e obviamente não aparentava ter mais do que isso.

- Sim, posso ver aqui – informou o recepcionista devolvendo os documentos – Peço desculpas pelas perguntas. Meu supervisor não se encontra no momento, e ele teria me cobrado a respeito disso posteriormente.

- Tudo bem, não se preocupe. Nós entendemos – Paulo falou antes que Eric falasse algo. Eric estava bastante irritado pela situação.

- Aqui estão os cartões de seus quartos, senhores. Eric Pitz ficou com o quarto 45, e Paulo

Latron com o quarto ao lado, 46 – falou e entregou as chaves – Tenham uma ótima estadia!

- Obrigado! – Paulo agradeceu. Eric assim que pegou sua chave foi em direção de um dos elevadores carregando sua mala, e eu o segui com a minha. Paulo correu até nós.

- Não viemos aqui para nos estressar. Se acalme, Eric! – Paulo falou-lhe assim que entramos no elevador e selecionamos o quarto andar.

- Claro que não vamos nos estressar. Vou pedir que o demitam.

- Não, você não vai fazer isso. Ele apenas está fazendo seu trabalho.

- Detesto quem faz perguntas inconvenientes – Eric comentou.

- Pare com isso, Eric! Não tem nenhum problema em você dizer que irá dormir com Ianto.

Você não precisa se envergonhar de algo tão simples. Por mais que Sarnaut seja um país conservador, devido a maior parte da população ser religiosa, não é nenhum crime ser gay aqui.

Eric não falou nada, mantendo-se calado até chegarmos a nosso andar. Seguimos pelo corredor e ele finalmente pareceu se acalmar um pouco, após respirar fundo em frente à porta do quarto.

- Irá conosco à praia pela manhã? – Eric perguntou a Paulo enquanto abria nosso quarto e Paulo o seu, logo ao lado.

- Sim, claro – respondeu.

- Então boa noite, Paulo! Até mais tarde! – Eric disse entrando no quarto.

- Boa noite – disse a Paulo.

- Boa noite, Ianto. Cuida bem do garotão aí! – Paulo falou e piscou para mim com um sorriso

suspeito. Eu entrei no quarto e fechei a porta, tentando não pensar naquilo no momento. Já tinha muitas coisas ocupando minha mente.

Assim que olhei para o quarto, fiquei maravilhado. Era enorme, com um par de sofás posicionados em frente a uma televisão enorme, e logo atrás uma cama king size, ao lado de uma varanda que dava vista para o mar, que não tinha visto durante o percurso de carro.

Deixei minha mala próxima à cama e fui até a varanda olhar melhor. Eric tinha ido até o banheiro, já que podia ouvir o som dele urinando.

A cidade estava bem iluminada pelos prédios, e era lindo. Mas não tanto quanto aquela imensidão de água ali diante de meus olhos. Sequer dava para ver aonde acabava. Queria muito ver de perto.

Enquanto observava encantado, nem percebi Eric se aproximando. Só o notei quando ele me

abraçou por trás, colando seu corpo ao meu. Tinha aberto sua camisa, deixando à mostra seu enorme peitoral e barriga definidos.

- Gostou? – ele perguntou próximo ao meu ouvido.

- Sim, muito. É enorme e lindo – respondi – Se acalmou?

- Sim, desculpe por isso. Ainda não estou acostumado com outros além de Paulo sabendo que somos um casal.

- E isso é devido ao país, ou porque tem vergonha da nossa relação? Ou de mim? – perguntei-lhe. Por mais que ainda estivesse muito magoado, vê-lo agindo daquela forma havia me incomodado muito. Seria ainda pior ainda saber que estava apaixonado por um medroso. Agora que eu havia percebido que eu era gay, jamais esconderia de ninguém. Pois, fazia parte de quem

eu era.

- Claro que não tenho vergonha de você. É apenas o contexto da situação – ele deu uma longa pausa – Ianto, eu sempre tive que ser o filho e empresário perfeito. Sempre evitei sair em festas ou semelhantes, para que não fizesse coisas que pudessem ser expostas na mídia ou mesmo usadas contra mim e me arrepender posteriormente. E querendo ou não, ser gay é algo que muitos ainda não entendem. Aqui em Sarnaut, muitos desconhecem meu rosto. Mas se fosse em Alendor, a mídia iria fazer tudo para descobrir quem é você. Descobrir quem é o namorado de Eric Pitz. Entende o perigo?

- Acho que sim. Mas, como você mesmo disse, não estamos em Alendor. Achei que o objetivo de me trazer para a viagem era esquecer um pouco tudo isso. Para aproveitarmos.

- Você tem razão. Foi exatamente por isso que lhe trouxe. Desculpa!

- Tá desculpado – disse tentando encerrar o assunto. Mesmo que minha vontade fosse sair xingando e batendo em Eric por primeiro mentir para mim, e em seguida demonstrar que não tinha coragem de expor ao mundo sua sexualidade, precisava fingir que estava tudo bem entre nós. Era assim que iria conseguir achar um jeito de fugir dele.

A coisa mais difícil disso tudo era me controlar, pois sentia vontade de me entregar novamente a ele e dar uma nova chance. Minha mente e corpo imploravam por Eric, mas Lucy tinha razão. Nada que ele estava fazendo comigo era correto.

- Vamos nos deitar? – ele perguntou.

- Sim, vamos.

Ambos saímos dali e fomos até a cama. Eric

tirou toda sua roupa ficando apenas de cueca e eu fiz o mesmo. Deitei-me ao seu lado de costas e ele me abraçou, colando agora nossos corpos seminus. Sentir sua pele contra a minha era extasiante. Inevitavelmente fiquei ereto, assim como Eric, que já começava a alisar minha bunda e cheirar meu pescoço com vontade.

Meu corpo todo se arrepiou, mas não podia fazer aquilo. Eu estava irritado e magoado com ele, sem nem mesmo poder contá-lo. Eu precisava de um tempo de seus toques para poder pensar de forma racional, pois às vezes, sentia que Eric me enlouquecia. Sentia que quando eu estava com ele, eu não era o mesmo Ianto. Parecia que ele era maior e mais importante que tudo e todos. O amor era assustador.

- Não, Eric. Estou cansado. Amanhã fazemos isso – falei para que parasse com aquilo. Mas no

fundo queria que ele continuasse.

- Eu preciso de seu corpo tanto quanto de seu amor, Ianto – sussurrou em meu ouvido, fazendo-me soltar um gemido.

- Você disse que precisávamos descansar para amanhã. Vamos dormir! Quero muito conhecer a praia.

- Tudo bem, mas amanhã você não fugirá de mim – concordou dando alguns beijinhos em meu pescoço e se acalmando.

Dessa vez não demorou muito e adormeci num sono profundo, devido todo o cansaço mental e físico. Esperava que no dia seguinte estivesse mais preparado para lidar com o que estava passando.

Capítulo 14

Acordei com algo duro cutucando minha bunda. E isso era o pau de Eric. Assim que ele percebeu que eu havia despertado, me abraçou forte e deu vários beijos em minha nuca, cheirando-me.

- Bom dia, amor – falou com voz sonolenta.

- Bom dia – falei entre um bocejo, estranhando ele me chamar de amor – Acordado há muito tempo?

- Alguns minutos. Fiquei observando-o dormir.

- Ah...

- Vamos descer e tomar café? Estou faminto e preciso ter forças para aproveitarmos bem nossa

estadia – Eric perguntou e apalpou minha bunda com vontade dando a entender como queria aproveitar. Eu gemi com seu toque. Meu pênis também estava duro, devido a comum ereção matinal que era frequente para mim.

- Vamos lá – disse rindo.

Após a noite de sono que tivemos, já me sentia melhor. Sentia-me com forças e preparado para fazer o que era necessário. Eu precisava continuar mentindo para Eric para conseguir um meio de fugir sem que ele percebesse, nem que tivesse que transar com ele o dia todo para evitar suas perguntas.

Podia estar magoado e irritado com ele, mas seu corpo jamais deixaria de ser atraente e excitante para mim. Então, se tinha dificuldade para mentir bem, usaria o sexo para enrolá-lo. Dificilmente ele recusaria.

O passo número um para minha fuga era descobrir onde estava implantado o maldito chip, e descobrir como me livraria dele.

Após irmos ao banheiro urinar para livrarmo-nos das ereções, vestimos roupas leves e chinelos, devido o calor que era predominante ali em Sarnaut. Eric então ligou para a recepção perguntando em que andar ficava o café. Devido o seu surto na noite anterior, não havíamos perguntado ou mesmo recebido essa informação do recepcionista, que parecia bem nervoso por ter tido que fazer aquelas perguntas a Eric. Observei-o falando ao telefone. Ele era lindo, mas o que estávamos vivendo não era um conto de fadas como achei que fosse. Precisava me afastar dele o quanto antes, para que ele não dominasse meus sentimentos a um ponto em que não houvesse mais volta. E isso não parecia muito distante de

acontecer. Saber que fugir significaria nunca mais ter contato com ele, já parecia apavorante e doloroso para mim.

- Fica acima de nós, mais especificamente no último andar – Eric informou finalmente após devolver o telefone ao gancho – Está pronto?

- Sim – respondi sorrindo para ele. Era doloroso ter que mentir para Eric e saber que ele também mentia para mim. Queria muito gritar que eu estava decepcionado e que ele havia me machucado, mas não podia. Eu havia prometido a Lucy não contar a ele, que eu havia descoberto aquelas coisas e ia manter minha palavra. Ela estava me ajudando a perceber a verdade que estava diante de meus olhos, mas não conseguia perceber cegado pelo amor que sentia por Eric. Ela não merecia ser prejudicada. Eu que havia envolvido-a em tudo aquilo. Estragar a vida de minha família já havia

sido o suficiente.

Eric, após me encarar por alguns segundos, se aproximou de mim com um enorme sorriso em seu rosto e me deu um selinho carinhoso. Deslizou algumas vezes seus lábios macios nos meus, finalizando com uma leve mordida no meu lábio inferior. O maldito sempre conseguia tirar meu fôlego e acelerar meus batimentos quando queria.

- Estou muito feliz que esteja aqui comigo. Ia sentir muito sua falta se tivesse vindo sem você.

- Também estou feliz, Eric. Está sendo perfeito – falei por impulso e me arrependi em seguida. Como sempre estava exagerando em minhas mentiras. Havíamos só dormido desde que chegamos, e na noite anterior houve a confusão na recepção. Estava longe de estar sendo perfeito. Eric riu, deixando-me nervoso.

- Não está perfeita, mas vou tornar. Quero que

essa viagem seja inesquecível para nós dois – falou e eu dessa vez apenas sorri para ele. Talvez meus talentos fossem apenas na cama – Vem.

Eric me puxou pelo braço e subimos para o andar que ficava o café. Mais especificamente no trigésimo segundo. Não entendia por que tão alto, talvez fosse mais prático ser no térreo ou em um dos primeiros. Ao abrir as portas do elevador, fiquei admirado com o luxo e tamanho dali. Além da decoração impecável, havia muitas mesas, e logo ao lado do elevador uma extensa mesa com todo tipo de lanches, frutas e doces. Senti meu estômago roncar só ao ver tudo aquilo. Mas ao perceber as enormes janelas em volta do andar, que iam do chão ao teto, entendi porque ficava ali em cima. A vista devia ser linda.

Não havia muitas pessoas ali, a maioria das mesas estava livre. Pegamos pratos e nos servimos

com o que queríamos. Peguei um pouquinho de cada coisa. Queria experimentar tudo que fosse possível e escolhi beber um suco, diferente de Eric que não trocava seu café por nada.

Assim que nos servimos, sentamos em uma mesa próxima à janela. Agora conseguia enxergar melhor a praia que ficava próxima dali. Havia muitos pontinhos mais escuros em contraste à cor clara da areia, que deviam ser pessoas já aproveitando o lindo dia ensolarado que estava lá fora.

- Suponho que esteja ansioso para descer lá – Eric comentou ao me ver admirado pela beleza natural daquele país.

- Sim, muito. Aqui tudo é muito lindo. Em Alendor só tem prédios e mais prédios, mas aqui isso se mistura à beleza natural.

- Sem dúvidas – Eric falou observando também

PERIGOSAS

– Se as coisas ocorrerem como planejamos com esse contrato, talvez possamos mudar para cá futuramente. Não precisaria mais te privar de ter contato ao mundo exterior.

- Isso seria ótimo – falei sentindo as lágrimas querendo surgir.

Continuar com Eric e poder viver uma vida normal sem privações e limitações seria perfeito. Mas, não conseguia saber até onde o que ele me dizia era verdade. Ele podia estar falando aquelas coisas, apenas para me manipular e fazer com que eu continuasse fazendo tudo que me pedia.

Além de que Sarnaut era um país conservador em relação à homossexualidade, ele teria coragem de viver comigo correndo risco de ser exposto devido nossa relação?

- Você está bem? – ele perguntou ao me ver alterado.

NACIONAIS - ACHERON

- Sim, estou bem. Desculpa.

Ele me olhou desconfiado por alguns segundos e meu coração acelerou.

- Você não precisa se desculpar Ianto. Só quero que você seja sincero comigo e me diga se há algo errado acontecendo. Foi algo que eu disse?

Eric me pedindo que eu fosse sincero com ele. Irônico, não?

- Está tudo bem, sério. Estou feliz com você e amaria morar contigo onde não precisasse me manter preso. Mas, isso mostra que isso só seria possível fora de Alendor. O que significa que jamais poderei voltar a ver meus pais. Você sabe o quanto me preocupo com eles. Queria saber se eles realmente estão bem mesmo com a ajuda que tiveram de você – falei.

Pelo menos boa parte do que havia dito era verdadeiro. Mesmo se eu não soubesse da

verdadeira situação da minha família, ia me questionar a respeito disso se chegasse a ir embora com Eric. E comentando isso, poderia analisar a reação dele ao falar sobre o assunto.

Eric manteve-se calado durante alguns momentos antes de se pronunciar.

- Ianto... Não se preocupe com isso. Eu já te disse que eles estão muito bem financeiramente. Eles obviamente estavam abalados com sua morte, mas não terão que se preocupar com necessidades materiais ou mesmo remédios para sua mãe. Eles poderiam largar seus trabalhos e viver só com esse dinheiro que os forneci por muitos anos. No momento, você precisa se preocupar e focar apenas em nossa relação. Quero que continuemos dando certo por muito tempo, porque eu te amo e não quero te perder por nada.

- Tudo bem – falei e comecei a comer para

encerrar o assunto.

Segurei a vontade de levantar e socá-lo até cansar. Como ele podia mentir para mim tão friamente? E falar sobre amor após tudo que havia me feito? Eu era um idiota por ter me entregado a ele. Eu era um idiota por ter me apaixonado por ele e ainda amá-lo mesmo sabendo de tudo. Esses sentimentos não deveriam ser tão difíceis de serem controlados.

Enquanto comíamos em silêncio, tentei me acalmar ao máximo. Eu precisava ser forte mais do que nunca se quisesse ter minha vida de volta. Longe de todas as mentiras e manipulações de Eric.

Quando finalmente terminamos, retornamos ao nosso andar. Ambos permanecemos em silêncio no elevador, mas Eric não parecia estar chateado por conta disso. Devia ter acreditado que eu estava preocupado com a situação de minha família e

parecia muito pensativo. Seria um pingo de arrependimento?

- Vamos tomar um banho e conhecer a famosa praia? – ele perguntou assim que entramos no quarto.

- Claro – respondi. Talvez ficar próximo a aquele mar me acalmasse um pouco e me ajudasse a pensar melhor como agir dali em diante.

- Deixa eu te ajudar a tirar essa roupa, então. Vamos tomar banho juntos para pouparmos tempo.

Eric se aproximou de mim e tirou minha camiseta. Encarou meu corpo enquanto mordia seu lábio inferior. Percebi que um volume já começava a se formar em sua bermuda. Era óbvio que ele não queria apenas banhar-se comigo. Em seguida, deslizou minha bermuda e cueca para baixo, deixando-me completamente nu.

Ele então começou a tirar sua própria roupa

também. Como havia percebido, quando ele finalmente também não estava vestindo mais nada pude enxergar seu pênis completamente rígido e apontando para cima.

Senti o meu começar a endurecer também, afinal era inevitável não me excitar com aquela imagem hipnotizante diante de meus olhos.

- Vem – Eric puxou-me pelo braço até o enorme banheiro. Havia uma banheira ali, mas ele me levou consigo até o box espaçoso que havia ao lado e ligou o chuveiro.

Assim que senti a água fria cair sobre meu corpo soltei um gemido baixo. Era ótimo se refrescar, mas Eric logo me puxou contra seu corpo fazendo-me sentir seu membro rígido contra minha barriga, enquanto ele segurava minhas nádegas com ambas às mãos.

- Você me excita demais Ianto. Quase não

consigo me controlar quando estou perto de você – ele comentou beijando meu pescoço.

Eu apenas conseguia gemer. Era estranho eu conseguir me excitar levando em conta o que estava passando, mas como ele havia dito, para mim também era difícil me controlar perto dele.

Se ele queria meu corpo, ia ter. Por enquanto. Se ele gostava de me manipular, ia fazer o feitiço retornar ao feiticeiro. Eu ia o ter em minhas mãos também. Ia fazê-lo de verdade não se imaginar sem mim, e por fim abandoná-lo. Fazê-lo sofrer por rejeição mais uma vez.

Não queria que ele fosse preso e morto por ter se envolvido com tráfico de pessoas, mas ele merecia ao menos sentir um pouco da dor que havia me infligido.

Tentei afastar aqueles pensamentos e me focar em dá-lo prazer. Então, levei minhas mãos até seu

membro e comecei a masturbá-lo vagorosamente. Ele começou a gemer, mas parecia ansioso para que eu fizesse mais do que apenas aquilo. Então, empurrei-o contra a parede fria do banheiro e ajoelhei-me diante de seu mastro e dei alguns beijinhos por toda sua extensão.

Repeti isso várias vezes, focando principalmente em sua glande que parecia que ia explodir de tão inchada que estava pedindo por atenção. Ele parecia que ia enlouquecer, mas não falou nada deixando que eu comandasse o ritmo. Aproveitei para lamber da base até a cabeça, e descendo novamente várias vezes como se fosse um sorvete delicioso.

Quando finalmente fiquei satisfeito de torturá-lo daquela forma, abocanhei sua glande avermelhada e massageei com minha língua, para em seguida começar a descer para o restante de seu pênis em

movimentos lentos de vai e vem. Eric se contorcia contra a parede entre gemidos.

Aos poucos, fui aumentando o ritmo e já abocanhava a metade de seu pênis em meus movimentos, que era até onde conseguia chegar devido o tamanho e grossura. Quando cansei, me afastei e encarei aquele mastro pulsando em minha mão. Era lindo.

Decidi levar minha boca até seu saco e comecei a chupar com vontade suas bolas, enquanto masturbava seu pênis sem parar. Revezava entre ambas as bolas e ele cada vez mais intensificava seus gemidos. Sem dúvidas, era a parte mais sensível de seu corpo.

- Assim você me enlouquece – ele comentou ofegante e eu continuei com mais vontade. Era ótimo saber que podia usar do sexo para tê-lo sobre meu controle.

Larguei suas bolas e voltei a chupar seu pênis. Por excitação e maldade, mordi seu pênis com um pouquinho de força. Nada que fosse deixar marcas ou cortá-lo, mas Eric deu um baixo grito de dor. Aquilo soou maravilhosamente bem em meus ouvidos.

- Cuidado – ele sinalizou olhando para baixo.

- Silêncio! Eu que comando dessa vez. Você não disse que era meu tanto quanto eu sou seu? Então deixe-me usá-lo como eu quiser – falei masturbando-o forte enquanto o encarava nos olhos. Ele abriu um sorriso safado após o que havia dito. Parecia satisfeito.

- Então me mostre o que quer fazer comigo... mestre! – ele falou entre gemidos.

Ouvir aquelas palavras saindo de sua boca foi maravilhoso. Se ele queria ver o que eu queria fazer com ele, ele veria. Eu ia aproveitar a autorização de

comandar toda aquela transa. Como tinha coisas que queria há muito tempo fazer e estava completamente excitado, mudei os planos de focar em seu prazer.

Ia realizar meus desejos.

Levantei e beijei sua boca com vontade, para em seguida virá-lo e forçar seu corpo contra a parede ainda mais. Comecei beijando e mordendo suas enormes costas a partir de cima e descendo aos poucos.

Eric pareceu entender o que eu queria e empinou sua bunda generosa e redonda que eu tanto adorava. Quando cheguei até ela, abri bem suas nádegas e comecei a lamber seu buraco rosado com poucos pelos. Ele gemia e rebolava para que eu conseguisse ter melhor acesso ao seu ânus.

Meu pau pulsava e já começava a doer de tão duro. Então não fiquei muito tempo ali e logo

levantei. Puxei o quadril de Eric para trás, para que ele ficasse de quatro por causa de sua altura, e posicionei meu pênis em sua entrada. Eric parecia um pouco nervoso enquanto eu esfregava meu membro naquela sua parte. Ele respirava fundo. Provavelmente não tinha muito experiência sendo passivo, mas agora ele havia me dado permissão de fazer o que quiser e eu não ia desperdiçar.

Então, após ter certeza de estar posicionando corretamente empurrei meu membro para dentro dele. Mesmo tendo um tamanho mediano, Eric gritou de dor por ter entrado tudo de uma vez. A sensação quente e apertada de estar dentro dele era maravilhosa. Ele ainda apertava mais seu cu enquanto tentava se acostumar com meu pau dentro de si. Não sabia quem gemia mais, se eu ou ele.

- Vai com calma. Nunca fiz isso antes – ele pediu e revelou respirando fundo.

- Cala a boca, eu que comando dessa vez. Esqueceu? – falei já começando a fazer movimentos de vai e vem. Eric se contorcia de dor, mas não se opôs. Se eu conseguia aguentar seu pau que era muito maior que o meu, ele também devia fazê-lo sem reclamar.

Mas a verdade era que eu não queria ter cuidado com ele. Eu queria machucá-lo fisicamente por tudo que havia me feito passar. Sabia que logo ele se acostumaria com a dor, então comecei já socando com força dentro dele, enquanto apertava com força suas nádegas deliciosas, deixando marcas em sua pele.

Ele gemia alto a cada estocada e eu queria que ele continuasse assim. Então comecei a puxar seu cabelo e me inclinei mordendo seu ombro, sem diminuir o ritmo em que metia nele. Eu queria pelo menos dessa vez, fazê-lo ser meu como ele

acreditava que eu era dele. Eu queria dominá-lo, assim como ele havia feito comigo físico e psicologicamente.

Não demorou até que ele já não demonstrasse sentir dor, apenas prazer. Então, acelerei ainda mais. Pela minha experiência sendo comido por Eric, sabia que nem sempre socar forte ou rápido significava causar maior prazer, pois sexo ia além de movimentos mecânicos e ele definitivamente sabia me enlouquecer indo devagar ou rápido. Mas, ali eu só queria fodê-lo de forma fria, focando mais em meu prazer, mesmo que Eric parecia estar gostando também.

Quando senti que meu orgasmo estava se aproximando, tirei meu pau de dentro dele e desliguei o chuveiro.

- Deita! – ordenei e ele estranhou o pedido, mas fez o que eu disse e deitou-se de bruços no chão –

Não assim! De frente.

Ele virou-se e me encarou tentando entender o que eu ia fazer. Não disse nada e apenas agachei encaixando seu pênis na minha entrada. Como eu estava muito excitado, não ia doer muito. Então, sentei vagorosamente sem parar até que estivesse completamente dentro de mim. Comecei a cavalgar em seu pau logo em seguida.

Comer Eric havia sido maravilhoso, mas não se comparava ao prazer que seu pênis dentro de mim causava-me. Subia e descia com vontade, tirando quase tudo e em seguida descendo até sentir seus pelos tocarem minha bunda. Sentia seu pau pulsando dentro de mim, e pelos gemidos estava tão perto de gozar quanto eu.

Acelerei aqueles movimentos e comecei a sentir o orgasmo chegando, mesmo sem tocar meu pênis que ainda permanecia completamente duro. Minhas

pernas começaram a doer e fraquejar, mas não parei de cavalgar até atingir o ápice do prazer e gozar sobre a barriga e peito de Eric após gemer alto.

Continuei com os movimentos por mais alguns segundos até que ele finalmente também gozou enchendo-me com seu esperma quente.

- Puta que pariu – falou ofegante quando finalmente parei com todo seu membro dentro de mim.

Eu apenas ri e saí de cima dele, sentindo um vazio dentro de mim causado por seu pau. Ele também levantou-se do chão frio.

- Vamos nos limpar e ir pra praia, antes que dê o horário de almoçarmos – ele falou respirando fundo e eu concordei voltando a ligar o chuveiro.

Terminamos nosso banho sem enrolar mais e voltamos para o quarto em busca de sungas, para usarmos por baixo de nossas bermudas. Quando

estávamos quase completamente vestidos, alguém bateu na porta. Como Eric escovava os dentes no banheiro, fui abrir ainda sem camisa.

- Bom dia – Paulo falou sorridente encarando meu corpo. Vestia-se com bermuda, chinelos e regata.

- Bom dia – retribuí cruzando meus braços um pouco incomodado pela forma que me olhava.

- Cadê Eric?

- Está no banheiro, vamos descer para a praia.

- Ótimo, vou com vocês então – Paulo anunciou entrando no quarto. Mas surpreendeu-me dando um tapinha em minha bunda quando passou por mim. Quando olhei surpreso para ele tentando entender o que estava fazendo, ele apenas sorriu para mim e piscou o olho como se pedisse que eu deixasse aquilo em segredo.

Afinal, o que ele queria comigo?

PERIGOSAS

Capítulo 15

Paulo, Eric e eu chegamos animados à praia movimentada.

Como fazia muito calor e havíamos vindo a pé, os dois logo tiraram suas camisetas e bermudas, ficando apenas de sunga. Após admirar rapidamente os corpos sarados de ambos, senti um pouco de vergonha de tirar também.

Odiava ser tão magricelo.

- Tira a roupa também e vamos entrar na água! – Eric pediu e eu timidamente tirei as peças, ficando apenas de sunga como ambos.

Assim como mais cedo, Paulo não tirou seus olhos de meu corpo. Para sua sorte, Eric não

percebeu seus olhares para mim. Não entendia por que ele estava fazendo aquilo. Eric e ele, além de serem sócios, eram também melhores amigos. Paulo estava disposto a arriscar essa relação apenas para ficar comigo?

Paulo estendeu uma toalha que trouxemos sobre a areia e deixamos nossas roupas e chinelos ali. Então, ambos correram em direção do mar e eu fiz o mesmo tentando alcançá-los. Mas, como ambos eram muito mais rápidos que eu, fui o último a chegar.

Assim que cheguei a um ponto em que podia molhar boa parte do meu corpo. Parei e aproveitei a sensação de me refrescar naquela água fria, que era maravilhosa, em contraste ao calor infernal que fazia em Sarnaut. Era o primeiro contato que tinha com o mar, mas já o amava com todas minhas forças. Parecíamos um só. Sem dúvidas, se eu fosse

um bruxo, água seria meu elemento.

Eric se aproximou de onde eu estava e jogou água em meu rosto. Eu ri e me vinguei também molhando o seu. Ele fez uma careta de quem iria aprontar para mim e eu então saí correndo dele em direção à praia, mas ele era rápido demais.

Ao me alcançar, me abraçou forte e me levantou carregando-me de volta para a água, para então me derrubar junto a ele no mar. Quase me afoguei de tanta água que engoli, mas assim que consegui subir de volta apenas ri da criancice dele. Paulo se divertia nos observando.

Durante um bom tempo nos divertimos ali, até que Paulo se juntou a nós e ficamos brincando. Como eu era o menor, era o alvo mais fácil de ser derrubado. Parecíamos três crianças. Isto é, menos quando Paulo passava suas mãos em locais meus que não devia durante as brincadeiras. Não queria

nem imaginar se Eric o visse tocando minha bunda e pênis sobre a sunga.

Quando nós três finalmente cansamos, saímos juntos da água de volta para onde havíamos deixado nossos pertences. Sentamos sobre a toalha longa e descansamos observando aquela imensidão de água diante de nossos olhos. Fiquei no meio de ambos.

Observando o local, percebi que eu não tinha noção de como o planeta podia ser tão bonito naturalmente. Trocaria todos aqueles prédios cinzentos de Alendor por uma praia sem pensar duas vezes. As pessoas pareciam até mais feliz em Sarnaut. Devia ser o clima quente.

- Nossa! Isso foi muito bom. Fazia tanto tempo que não me divertia assim – Eric comentou olhando para mim. Ele sorria feliz.

Foi só então que percebi que durante aqueles

momentos de diversão havia esquecido a respeito de tudo. Esquecido das mentiras e mágoas.

Sorri para Eric para evitar o choro que queria surgir. Não tinha palavras para mensurar o quanto queria viver mais momentos assim com Eric. Poder viver pelo resto da minha vida ao seu lado em Alendor. Eu simplesmente o amava tanto que sentia medo desse sentimento. Como eu ia aguentar ficar longe dele quando fugisse?

"Seja forte, Ianto! Seja Forte!"

Era o que eu repetia mentalmente para manter o sorriso falso em meu rosto e as lágrimas guardadas.

Eu não podia me permitir viver uma mentira. Fingir que estava tudo bem, quando sabia que não. Eu não queria amar alguém que me manipulava e mentia para mim tão friamente. Talvez ele sempre tivesse me enxergado apenas como um objeto. Eu não permitiria que ele me usasse até cansar, para

depois me descartar e conseguir um novo mais interessante.

- Algo está tocando – sinalizou Paulo despertando-me de meus pensamentos. Encaramos as roupas logo atrás de nós.

Eric pegou sua bermuda e apalpou os bolsos até encontrar seu aparelho celular ali. Percebi que não era o que tinha a opção de me controlar pelo chip. Aonde ele o escondia? Se eu o encontrasse, talvez conseguisse informações de onde o maldito havia sido inserido em mim.

- Alô? – Eric atendeu a ligação – Sim, estou na praia com ele, mas já estamos voltando para o hotel – ele esperou alguns momentos – Tudo bem, até logo mais então – falou por fim e desligou.

- O que foi? – Paulo perguntou-lhe.

- O Sr. Lauzon quer almoçar comigo.

- Só você? – Paulo perguntou desconfiado.

- Sim. Ele disse que quer ter uma conversa informal. Conhecer-me melhor, considerando que negociou com você sem ter contato direto comigo.

- Vê se não estraga nosso contrato – Paulo provocou-lhe.

- Engraçadinho.

Ambos se levantaram e eu também. Não queria voltar tão cedo para o hotel, mas entendia que acima de tudo era uma viagem de negócios para ambos. Assim que todos nós nos vestimos, caminhamos de volta ao hotel.

Assim que chegamos ao nosso andar, Eric pediu pra falar com Paulo antes que ele entrasse no quarto. Os dois se afastaram um pouco de mim e falaram sussurrando, o que me deixou realmente incomodado. A coisa que mais odiava no mundo era ser o único a não saber de algo.

Quando ambos finalmente terminaram de conversar, Eric e eu entramos em nosso quarto e Paulo no seu.

- Vou tomar um banho rápido, vestir-me e ir encontrar o Sr. Lauzon. Você vai ficar bem? – Eric perguntou.

- Sim, claro.

- Pedi que Paulo lhe levasse para almoçar em algum lugar. Sei que quer conhecer melhor Sarnaut. Não vou permitir que coma sozinho nesse quarto, então se arrume após eu sair – falou e eu concordei com a cabeça.

Eric se despiu e foi direto para o chuveiro.

Fiquei sentado na cama tentando colocar meus pensamentos e sentimentos em ordem. Não sabia se almoçar sozinho com Paulo seria uma boa ideia, considerando a forma que ele me olhava e havia me tocado. Pensava que ele queria ser apenas meu

amigo, mas desde que viemos para essa viagem ele começou a agir como se quisesse algo a mais.

Após breves minutos, Eric saiu enrolado numa toalha branca do banheiro. Revirou sua bolsa em busca de seu terno até finalmente encontrá-lo. Para sua sorte, não estava amassado.

Assim que deixou cair a toalha, não desviei meu olhar de seu corpo perfeito, o que me causou uma nova ereção. Fazia poucas horas desde que havíamos transado e mesmo assim era inevitável não me excitar com ele. Se ele fosse exatamente como tentava me convencer que era, seria melhor que um príncipe encantado de contos de fadas.

Assim que finalmente terminou de vestir seu terno caro, encarou-me sério.

- Não queria ficar longe de você, mas é realmente necessário – falou.

- Eu entendo. Não se preocupe.

Ele se aproximou e me puxou pelo braço para que levantasse, passando seus braços ao redor de mim em um abraço.

- Eu te amo, Ianto!

- Também te amo – senti minha voz tremer falando aquilo, mesmo sendo verdade. Talvez fosse exatamente por esse motivo. Eu não queria amá-lo mais.

Eric abriu seu sorriso perfeito e aproximou seu rosto do meu, para então me dar um delicioso beijo. Beijamo-nos durante vários minutos. Nossas línguas pareciam atrair uma à outra e era muito difícil afastá-las, mas chegou um ponto que era necessário, para que ele não deixasse seu novo cliente esperando.

- Qualquer coisa me liga. Estarei com meu celular – Eric falou indo até o criado mudo ao lado da cama, onde pegou uma caneta e papel e anotou

seu número para mim. Guardei em meu bolso.

- Obrigado e boa sorte.

Ele sorriu mais uma vez e então saiu do quarto me deixando sozinho ali. Foi quando finalmente me permiti a liberar todas as lágrimas que segurei nos últimos dias. Tudo que estava vivendo era muito injusto.

Fiquei alguns minutos ali chorando sem parar, quando lembrei que logo Paulo viria me buscar para almoçarmos. Então, fui tomar um banho para poder me vestir e me acalmar um pouco.

Limpei bem as lágrimas de meu rosto e a água do mar de meu corpo embaixo daquele chuveiro. Chorar havia me feito bem. Era muita coisa acumulada e agora já me sentia forte novamente para encarar as mentiras de Eric, que infelizmente desejava que fossem verdades.

Quando finalmente terminei meu banho e me

enrolei em uma toalha que havia ali, ouvi alguém bater na porta do quarto. Devia ser Paulo.

Para não deixá-lo esperando, abri a porta. Ele me encarou com um sorriso malicioso. Arrependi-me na hora de ter aberto usando apenas a toalha. Ele vestia-se apenas de jeans, tênis e uma camiseta branca. Ainda bem que não precisaria vestir meu terno pra comer com ele.

- Parece que cheguei numa hora boa – ele comentou entrando no quarto.

Eu fechei a porta.

- Vou só me vestir e então podemos ir.

- Tudo bem – Paulo falou sentando-se sobre a cama ainda encarando meu corpo.

Tentei não demonstrar o quanto estava incomodado com isso e fui até minha mala buscar minhas roupas.

PERIGOSAS

- Está tudo bem com você, Ianto? – ele perguntou enquanto eu procurava.

- Sim. Por quê? – questionei, estranhando sua pergunta.

- Você não parece estar bem. Parece estar distante, como se tivesse coisas lhe preocupando.

- Não tem. Sério! – falei rapidamente.

- Se você diz, tudo bem. Mas quero que saiba que se houver, pode me falar. Qualquer coisa. Prometo não contar para Eric, levo muito a sério a confiança que as pessoas depositam em mim.

- Obrigado – disse, pegando as roupas que iria vestir – Mas está tudo bem. Agora vou me trocar no banheiro e já volto.

- Espera! – falou levantando-se rapidamente e me segurando pelo braço.

- O que foi? – perguntei nervoso.

NACIONAIS - ACHERON

- Não quero que você entre aí.

- Por quê?

- Não finja que não percebeu. Eu quero você, Ianto. Assim... Nu – Paulo revelou alisando meu braço enquanto me encarava nos olhos.

- Para, Paulo! Você sabe que sou do Eric. Não quero mais problemas.

- Então há problemas acontecendo...

- Não é o que eu disse. Apenas não podemos e você sabe disso. Eu o amo! – disse puxando meu braço.

- Até quando vai se permitir a essa situação? Eric o prende num quarto todos os dias. Não permite que você sequer vá à cobertura sem sua presença e você o idolatra. Isso não é normal, Ianto.

- O que você quer dizer com isso?

- Bem... Como deve ter percebido não sou a

pessoa mais calma do mundo. Sou um pouco hiperativo, então consulto uma psicóloga com frequência. E em uma das nossas conversas mencionei algo semelhante ao que você e Eric estão vivendo. Claro que não revelei vocês, disse que era a respeito de um livro que estava lendo. E ela me disse que dificilmente uma pessoa normal e em sã consciência se apaixonaria por outra que a mantém presa e a trata como uma propriedade.

- Mas aconteceu! – falei completamente incomodado com a conversa.

- Ainda não terminei. Ela disse que existe um transtorno psicológico chamado de Síndrome de Estocolmo, que ocorre normalmente com vítimas de sequestros. É como se fosse um mecanismo de defesa, para que elas não surtem. Então, ao invés de odiarem, como seria o racional a acontecer, passam a criar vínculos emocionais com o sequestrador.

- Não é isso! – exclamei – Tenho meus motivos para amar Eric.

- Você não tem, Ianto. O que você tem são situações que ajudaram a gerar a síndrome. Quando o sequestrador começa a agir gentilmente com a vítima e parar de agredir, ela passa a achar que está vivendo uma situação boa. Que ele a está protegendo do mundo exterior e das autoridades policiais. Além de que costuma acontecer muito rápido. Diga-me agora se não existem muitas semelhanças com o que você passou?

Fiquei calado sem saber o que responder. Lucy também havia dito que não era normal eu ter me apaixonado por Eric e muito do que Paulo havia dito fazia sentido. Talvez fosse isso, mas o que sentia era tão intenso e forte que duvidava muito. Só podia ser amor verdadeiro e não apenas fruto de uma síndrome.

- Vou me trocar – falei me virando para encerrar o assunto, mas Paulo novamente me impediu segurando-me.

- Me dê uma chance, Ianto! – pediu e eu voltei a encará-lo. Ele parecia falar sério.

- Já disse que não posso. Desculpa.

- Pode sim. Deixe te mostrar que você é capaz de me amar também! – Paulo implorou.

- Não seria correto.

- E por acaso Eric está sendo correto com você? – ele questionou. Senti vontade de dizer que definitivamente não, que cada dia ele me magoava mais, mas não podia contá-lo também.

- Estamos bem – menti.

- Isso é estranho, considerando a forma que ele se aproximou do novo ajudante.

- Como assim?

- Ele não te contou, né? – perguntou e eu neguei com a cabeça – Alguns dias após ele te comprar, contratamos um novo ajudante para ele. Faz a mesma coisa que uma secretária, mas nesse caso é um garoto um pouco mais velho que você, que claramente está interessado em Eric.

- Isso é normal, Eric é muito bonito – comentei tentando não sentir ciúmes, mas era inevitável.

- Até concordo, mas eles estão muito próximos. Nunca vi Eric ser tão íntimo de um funcionário assim, além de que acredito que ele não queria te levar nessa viagem em primeiro momento porque queria trazê-lo. Lembre-se que ele só lhe trouxe após eu tê-lo convencido. Tinha que ver como o garoto ficou triste ao saber que não viria. O peguei chorando no banheiro. Não cheguei a comentar nada, mas é mais que óbvio que algo está acontecendo entre eles.

- Talvez seja só sua imaginação.

- Pode ser, mas ele te contou que ontem antes de viajarmos ele almoçou com o garoto? – Paulo perguntou-me.

- Não – respondi sentindo ódio surgir dentro de mim. Eric havia me deixado preso ao quarto sem almoçar, dizendo que tinha coisas a resolver.

- Me dê uma chance, Ianto! Eu prometo ser mais carinhoso e sincero contigo que ele. Deixe-me mostrar que você é capaz de me amar, assim como eu já o amo. Não consigo parar de pensar em você. Não consigo aceitar que Eric tirou você de mim – Paulo falou se aproximando de mim.

Ele passou seus enormes braços em torno de mim e me abraçou trazendo-me contra seu corpo.

- Por favor? – implorou com olhos de cachorro pidão.

Senti sua respiração em meu rosto e o olhar vidrado no meu. Não sabia o que responder e não obtendo resposta ele abaixou sua cabeça e trouxe seus lábios até os meus.

Assustado, o empurrei e me afastei de seu corpo.

- Já volto – falei e entrei correndo no banheiro. Trancando-o em seguida.

Encarei a minha visão no espelho.

Eu respirava ofegante e nervoso. Minha vida se complicava cada vez mais, mas talvez ele tivesse razão. Eric não estava agindo corretamente comigo. Por que eu deveria me preocupar em ser justo com ele?

Eu queria me vingar de Eric. Causar a ele todo sofrimento que estava me causando. Então, se ele estava saindo com outra pessoa, só mostrava que ele também mentia sobre me amar. Isso significava

que tinha que desvincular-me emocionalmente dele o quanto antes. Eu tinha que apagar da minha mente a ideia de que eu pertencia a Eric, pois eu não pertencia a ninguém.

Eu era somente de mim mesmo. Isso significava que eu quem decidia quem tocava meu corpo ou não. Então, encarei-me novamente no espelho por mais alguns momentos, me acalmando para então retornar ao quarto onde Paulo me aguardava ansioso.

Encarei-o nos olhos e não disse nada, assim como ele que parecia esperar uma resposta minha. Não sabia exatamente o que dizer, mas sabia o que queria fazer naquele momento. Então, apenas soltei a toalha que estava ao redor da minha cintura e deixei que ela caísse no chão.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 16

- **T**em certeza disso? – Paulo indagou enquanto observava meu corpo nu.

- Sim, tenho. Eu quero fazer isso – lhe respondi e ele se aproximou lentamente de mim.

Ao chegar perto de mim o suficiente para que nossos corpos quase colassem, ele começou a alisar meu braço carinhosamente com sua mão enquanto encarava-me nos olhos. Aquilo fez meu corpo todo arrepiar.

- Você é lindo – Paulo falou.

- Você também – retribui o elogio e sem dúvidas era verdade. Ele era tão bonito quanto Eric.

Paulo curvou-se e começou beijando meu pescoço. Gemi ao sentir a sua respiração quente e seus lábios macios em minha pele. Uma ereção formou-se entre minhas pernas de imediato. Percebi um sorriso surgir em seus lábios ao senti-la tocando sua perna.

Aos poucos ele foi descendo em direção ao meu peito. A cada toque de seus lábios em minha pele, um gemido escapava de minha boca. Quando finalmente chegou perto da barriga, Paulo ajoelhou-se diante de mim e beijou cada centímetro dali, ignorando meu pênis de propósito. Ele queria me enlouquecer.

Quando chegou próximo à minha virilha, ele percorreu o percurso até minha coxa esquerda deslizando sua língua quente e molhada em minha pele. Gemi alto. Ao mesmo tempo em que queria socar meu pau em sua boca, queria saber como ele

ia prosseguir com aquela tortura física.

Quando finalmente terminou de beijar ambas minhas coxas, ele deu tapinhas sinalizando para abrir as pernas, aonde ele escorregou por entre para ficar mais baixo ainda.

Ele me encarou com uma expressão maliciosa. Com seu rosto entre minhas pernas, num único movimento ele abocanhou ambas as minhas bolas e brincou com elas com sua língua, causando-me delírios. Eu gemia e me contorcia intensamente e isso parecia agradá-lo. Paulo não tirava seus olhos de mim um único momento, a fim de captar cada reação minha.

- Está gostando? – ele perguntou e logo voltou a abocanhar meu saco. Meu pau que apontava para cima, pulsava implorando para ter a boca quente de Paulo em torno dele.

- S-sim – respondi entre gemidos.

- Quer que eu continue? – perguntou.

- Sim, por favor – respondi-lhe e ele abriu um sorriso safado.

- Então você terá que me dar algo que eu quero antes.

- O que você quer? – perguntei sabendo qual seria a resposta.

- Isso! – Paulo respondeu-me dessa vez descendo mais um pouco e levando sua língua até o meu buraco.

Minhas pernas tremeram com o toque quente e molhado de sua língua que fez movimentos circulares em torno de meu ânus.

- O que me diz? Posso provar? – questionou-me.

- Definitivamente sim – respondi de imediato. Estava completamente excitado e queria o quanto

antes Paulo dentro de mim.

- Então capricha no boquete, pois eu gosto de meter somente depois de uma boa mamada no meu pau – ele falou saindo de entre minhas pernas e levantando-se.

Assim que encarei sua virilha, me surpreendi com o volume. Parecia que seu jeans estava quase rasgando com o pedido de liberdade de seu pênis.

Ajoelhei-me então diante dele, abrindo o botão e o zíper para libertar seu membro, que saltou para fora completamente rígido. Paulo não usava cueca. Sua virilha era completamente depilada e seu pênis era tão grande quanto de Eric, mas mais grosso e assustador. As veias grossas chamavam atenção em contraste a sua pele clara e glande avermelhada. Ia doer e muito, mas isso só tornava a experiência mais excitante.

Paulo sorria satisfeito com minha expressão,

mas como eu queria prová-lo logo, segurei com ambas as mãos e comecei lambendo a cabeça de seu pau, fazendo-o gemer. Pude sentir o gosto salgado de seu líquido pré-ejaculatório. Quando fiquei satisfeito com aquela parte, comecei a abocanhar o restante até onde conseguia. Detestei não poder tê-lo completamente dentro da minha boca, assim como acontecia com o de Eric, mas ia aproveitar bem aquela parte que conseguia.

Eu comecei a chupar freneticamente seu pau enquanto masturbava o restante que não conseguia abocanhar com minha mão, em movimentos sincronizados. Depois de um tempo, Paulo tirou sua camisa e se livrou do restante da calça e do sapato, para que eu tivesse maior acesso a todo seu corpo sarado.

Decidi então ir até seu saco para dar atenção à suas bolas, enquanto continuava batendo punheta

para ele. Quando abocanhei a primeira bola, ele gemeu alto e eu a chupei com vontade, massageando-a com minha língua. Queria por ambas em minha boca, mas diferente das minhas, eram bem grandes. Fiquei revezando entre ambas e Paulo parecia estar adorando.

Quando tentei voltar a chupar seu pau, ele me impediu.

- Estou satisfeito. Quero comer seu rabo agora – anunciou e eu concordei completamente excitado.

Levantei-me e ele me direcionou até a cama, onde me colocou de quatro com a bunda empinada para si.

- Como não temos lubrificante, vou prepará-lo para receber meu pau - Falou antes de voltar a lamber meu cu com vontade. Eu me contorcia enquanto ele parecia querer me comer com sua língua, penetrando-a em mim. Eu rebolava cada vez

mais para que alcançasse mais fundo. Eu estava enlouquecendo. Queria senti-lo dentro de mim logo.

- Quero seu pau agora – implorei.

- Tudo bem – ele concordou levantando-se e posicionando seu pau na minha entrada.

Ele esfregou várias vezes seu pênis em movimentos circulares fazendo-me quase implorar novamente que metesse em mim logo. Mas, antes que eu dissesse algo, ele começou a forçar para dentro. Gritei de dor com a primeira tentativa e movi minha bunda para tirar o pouco que havia entrado.

- Calma! – ele disse puxando meu quadril e posicionando novamente seu pau para uma nova tentativa – Apenas relaxa!

Eu respirei fundo e sinalizei para que ele tentasse novamente. Quando ele voltou a forçar

para dentro, a cabeça de seu pau conseguiu entrar. Eu me contorci de dor e pedi para que Paulo não se movesse. A ardência e dor eram imensas.

Tentei relaxar e respirar fundo e assim que a dor finalmente diminuiu pedi que continuasse, e foi o que ele fez. Continuou empurrando devagar seu membro para dentro de mim. A dor que estava sentindo, devia ser proveniente de quando cavalguei sobre o pau de Eric, horas antes. Era normal meu cu ficar doendo um pouco depois que transávamos, mas ali estava eu tentando dar para outro cara bem dotado um pouco depois.

Aguentei firme enquanto ele empurrava e soltei todo o ar de meus pulmões mais tranquilo, quando senti que tudo havia entrado.

- Espera um pouco – pedi e ele evitou fazer novos movimentos enquanto eu me acostumava com tudo aquilo dentro de mim – Pronto – disse

finalmente após alguns minutos naquela posição – Pode continuar.

Paulo então começou a socar em mim e eu gemia alto a cada nova estocada. Ele fazia questão de tirar quase tudo para então meter de novo e isso me causava prazer intenso.

Ele meteu em mim de quatro durante um bom tempo. Quando olhava para trás o via mordendo seu lábio inferior enquanto observava seu pau entrar e sair de mim. Em determinado momento ele deu um tapinha na bunda, que me fez gemer alto e me excitar ainda mais, mas não podia deixar que ele fizesse aquilo.

- Não bate – pedi – Não deixe marcas que Eric possa notar depois.

- Tudo bem – ele concordou e tirou o pau de dentro de mim – Deita de barriga para cima agora. Quero ver seu rosto enquanto te como – pediu e eu

fiz o que ele disse.

Assim que me deitei na cama, ele posicionou-se diante de mim e levantou minhas pernas o suficiente para novamente penetrar seu pênis em mim. Ele voltou a meter com vontade enquanto não parava de me encarar com seu sorriso safado estampado no rosto.

Paulo estava socando com força em mim, mas cada vez que seus gemidos se intensificavam, ele diminua o ritmo. Estava atrasando seu orgasmo. Em certo ponto ele pegou em meu pau e começou a me masturbar enquanto continuava metendo com estocadas lentas, mas firmes. Eu me contorcia sentindo que também não demoraria muito para gozar.

Quando finalmente Paulo se deu por vencido, ele começou a socar mais rápido e forte e eu ainda apertei meu cu para causá-lo ainda mais prazer. Ele

gemeu alto e me encheu com seu esperma quente. Ele havia gozado tanto que senti um pouco escorrer.

Ele me encarou ofegante.

- Sua vez agora – falou e tirou seu pau de mim deitando-se na altura da minha cintura.

Ele pegou meu pau e abocanhou com vontade, engolindo-o completamente em movimentos deliciosos de vai e vem. Eu gemia e me contorcia de prazer sentindo o orgasmo se aproximando. Paulo deslizou dois dedos entre minhas pernas e os penetrou no meu cu enquanto continuava me chupando.

Quando senti o ápice do prazer chegar, gemi alto e inundei sua boca com meu esperma, que ele engoliu prontamente. Ele ainda lambeu cada cantinho de meu pênis, limpando-o com sua língua para então se deitar ao meu lado e me beijar. Senti

o gosto salgado de meu esperma em sua boca e língua que exploravam a minha.

- Com fome? – ele perguntou se afastando e encarando-me enquanto acariciava meu rosto com os dedos.

- Muita – respondi.

- Vamos tomar banho e ir comer então.

Concordei com a cabeça e ambos levantamos.

- Pode ir ligando o chuveiro. Vou ligar para a recepção e pedir para que arrumem o quarto.

- Tudo bem – disse e fui até o banheiro.

Liguei o chuveiro e entre embaixo d'água. A sensação de tirar o suor do corpo com água fria era ótima, mas agora já me questionava se havia agido corretamente. Paulo havia dito que me amava, e eu transei com ele por estar irritado e querer me vingar de Eric, sendo que ele nem descobriria. Não queria

causar o término da amizade de ambos.

Após menos de dois minutos Paulo surgiu no banheiro e veio até o box comigo. Tomamos junto o banho sem enrolar, mas Paulo em nenhum momento deixava de tocar meu corpo ou me abraçar. Quando finalmente nos secamos e ficamos vestidos novamente, descemos em busca de um local para comer.

- Quer comer o quê? – ele perguntou para mim em frente ao hotel.

- Não sei. Qualquer coisa. Pode escolher – respondi.

- Tudo bem, então. Vamos ali que está próximo e parece ótimo - Paulo falou apontando para o outro lado da avenida, que havia um restaurante com fachada vermelha.

Concordei e atravessemos a avenida assim que o sinal fechou. Estava completamente

movimentado de carros e pessoas, todas apressadas, provavelmente retornando para seus trabalhos após o intervalo de almoço.

Quando finalmente chegamos, um homem nos recepcionou. Ele vestia-se com um uniforme do restaurante. Devia ser um garçom dali.

- Sejam bem vindos ao Restaurante Sabor do Mar, gostariam de uma mesa? – o homem perguntou a nós.

- Sim, adoraríamos – Paulo respondeu-lhe. - Suponho que seja um restaurante de frutos do mar, estou correto?

- Sim – o garçom respondeu desconfiado. Nós o encaramos sem entender porque ele havia feito àquela expressão – Aqui no Sabor do Mar servimos peixes e frutos do mar, mas acredito que saibam que em Sarnaut temos o costume de comê-los cru com acompanhamentos.

- Crus? – Paulo perguntou rindo – Bem... Isso vai ser interessante. Iremos provar, não é, Ianto?

- Sim – respondi sem tanta certeza. Não parecia uma boa ideia, mas já estávamos ali e eu estava faminto.

Assim que sentamo-nos à mesa que o garçom orientou, ele nos sugeriu pedir um mix com vários tipos de comidas que eles ofereciam. Concordamos já que não conhecíamos nada da culinária Sarnautica e claro, dois refrigerantes para acompanhar.

Paulo não parava de me encarar nos olhos e isso estava me incomodando. No fundo, estava com vergonha do que havíamos acabado de fazer. Talvez eu realmente não estivesse sendo justo com ele. Não queria magoá-lo. Devido o que Eric já havia me causado, sabia o quanto era doloroso, mas eu já havia dado a entender que ele tinha chances.

- Você está bem? – ele perguntou notando meu silêncio.

- Sim, claro – respondi e ele não pareceu acreditar. Afinal, quem iria acreditar numa mentira minha?

- Você já se arrependeu do que fizemos?

- Não sei...

- Como você não sabe? Arrependeu-se ou não?

- Claro que não, mas agora me preocupo com seus sentimentos. O que você disse sobre me amar. Se for verdade...

- É verdade! – interrompeu-me.

- Eu só não quero magoá-lo, Paulo. Acho que isso foi um erro e como sempre só consigo notar depois que faço – falei envergonhado, mas era verdade. Eu sempre causava mal as pessoas por fazer escolhas ruins. Tinha causado a decadência da

minha família e agora iria magoar uma pessoa que havia demonstrado se preocupar comigo desde o começo.

- Por que você acha que é errado?

- Foi Eric que me comprou. Ele que tem poder sobre mim, seja ele uma pessoa correta comigo ou não. Acho que errei, pois você me ama e eu criei esperanças em você, quando não podemos ficar juntos devido a isso. Me desculpa, eu sou um idiota!

- Ianto... – Paulo tentou falar, mas fomos interrompidos por dois garçons. Um que nos trouxe uma espécie de pequeno barco de madeira com vários tipos de comidas, em maior parte redondas, e outro que trouxe nossos refrigerantes.

- Espero que gostem. Qualquer coisa, só chamar!

- Faltam os talheres – informei.

- Ah, desculpa por não explicar. Normalmente usamos esses pauzinhos para comer, que chamamos de hashi – ele apontou para eles que estavam posicionados enrolados por um papel branco junto do barco – Não se preocupem sobre não saberem como usar. Providenciamos esses com elásticos que não precisam de qualquer habilidade para utilizar.

- Nós agradecemos – Paulo falou e os garçons se retiraram.

Como eu precisava me acalmar, não falei mais nada e peguei o meu hashi para experimentar uma daquelas iguarias e me surpreendi com o gosto delicioso. Paulo fez o mesmo e também pareceu gostar. Cada um foi comendo dos vários tipos. Eu somente não havia gostado de dois. Em um deles tinha um tipo de creme verde que ardia a boca. Quase morri de tão picante, parecia pimenta. Tomei quase todo meu refrigerante pra tirar o gosto de

minha boca e Paulo apenas ria de mim.

Assim que ambos estávamos satisfeitos, voltamos a nos encarar e Paulo pareceu querer retomar o assunto.

- O que você ia me dizer? – perguntei mostrando que estava tudo bem ele continuar falando o que fora interrompido.

- Queria te dizer que podemos ficar juntos sim. Basta você querer – respondeu.

- Como assim?

- Se você disser para Eric que quer morar comigo e que me ama, ele te vende para mim, tenho certeza. Ele sofreu muito alguns anos atrás por perder alguém que amava, mas que jamais poderia oferecer o mesmo tipo de amor que ele sentia. Então, ele não o impediria de viver com quem ama.

- Mas isso seria cruel, ele ia se machucar ao me perder também. E eu não disse que te amo! – falei de imediato revoltado com aquela ideia.

- Calma. Eu sei que você não me ama. Que ama a ele, mas pense bem, Ianto. Considere que eu estou disposto a te dar uma vida mais digna, e jamais ocultarei nada de você e nem mentirei. Sei que você não acredita na Síndrome de Estocolmo, mas e se eu tiver certo? Tenho certeza que se afastar dele irá fazer você voltar ao normal. Isso inclui ser capaz de tentar me amar, de verdade e sem qualquer manipulação.

Fiquei em silêncio pensando no que ele havia dito, mas principalmente na forma que eu havia reagido. Por que eu havia dito aquilo? Até poucas horas atrás queria causar sofrimento a Eric, mas ouvindo a proposta de Paulo surtei. Talvez estivesse exagerando, afinal podia ser que Eric não

me amasse de verdade e me distanciar dele realmente fosse uma boa ideia, eu tendo essa síndrome ou não. Mas, como eu tinha planos de fugir, isso poderia acabar mudando meus planos, precisava de tempo para pensar.

- Você não vai contar o que fizemos, né? – perguntei nervoso.

- Claro que não, mas, por favor, pense a respeito da minha proposta. Eu seria muito feliz se viesse morar comigo. Você teria muito mais liberdade do que tem agora e alguém que o ama de verdade.

- Tudo bem. Prometo pensar a respeito.

Capítulo 17

O restante da viagem passou tranquilamente. O contrato havia sido fechado como planejado. Eric e Paulo estavam com boas expectativas para o futuro dessa parceria.

Paulo parecia satisfeito após termos transado e deixou de tentar me tocar enquanto Eric não estava por perto, mas eu me sentia desconfortável em encará-lo após o que havíamos feito. Era tão estranho lidar com o fato de que havia transado com outro homem, que não era Eric.

Como para mim era complicado não se perder em meus pensamentos. Em diversos momentos, Eric questionou se estava tudo bem e isso me

deixava cada vez mais nervoso. Não ia demorar até ele me cobrar que contasse o que realmente estava acontecendo, pois a cada nova tentativa de mentir, mais as palavras que saiam da minha boca soavam falsas e ele já parecia ter perdido a paciência comigo. O medo de ele voltar a tornar-se agressivo comigo era enorme.

Quando finalmente regressamos a Alendor e chegamos diante de nosso prédio, Eric parou o carro para que Paulo descesse e caminhasse de volta para o seu.

- Até amanhã e pare com esse mau humor. Acabamos de fechar o contrato de nossas vidas, devia estar dando pulinhos de alegria – Paulo falou para ele. Ele estava sentado no banco de passageiro e eu atrás.

- Depois conversamos – Eric falou seco e destravou a porta, para que Paulo pudesse sair.

- Tudo bem, boa noite – Paulo falou, saindo do carro – Tchau, Ianto! – ele abaixou-se um pouco e se despediu de mim, olhando-me nos olhos.

- Tchau – falei sem jeito. Ele apenas sorriu e fechou a porta, partindo em direção ao seu prédio.

Sua proposta ainda martelava em minha mente. Talvez as coisas fossem mais fáceis se eu me afastasse de Eric, mas parecia ser tão difícil concretizar a ideia. Ao mesmo tempo em que queria fugir, sentia que eu ia deixar uma parte muito importante de mim para trás.

Eric entrou no estacionamento com carro sem falar nada e assim subimos até nosso andar carregando as malas. Sentia-me caminhando em direção ao corredor da morte. Seu humor havia simplesmente se transformado completamente nas últimas horas e isso me assustava.

- Fala logo – ele exigiu assim que entramos no

apartamento. Ele largou sua mala num canto e virou-se de frente para mim.

- N-não tenho o que falar – falei gaguejando e com a voz trêmula. Tinha chegado ao fim da linha. Eric me cobraria até contar e não poderia mentir.

- Ianto estamos juntos tempo suficiente para eu saber que você mente muito mal e não está bem. A viagem era para aproveitarmos, mas você sempre estava aéreo e diversas vezes me respondeu de forma seca e desanimada. Quero apenas saber a verdade, acredito que eu tenha direito disso. Esqueceu que somos um casal?

- Somos? – perguntei dessa vez sem conseguir controlar as lágrimas. Maldição! Por que eu não conseguia ser forte? Mentir para ele e fingir que estávamos bem, nos últimos dias, havia sido uma tortura emocional para mim.

- O que você quer dizer com isso e por que está

chorando? Achei que estivemos felizes e bem – ele questionou preocupado, com uma expressão de quem estava prestes a chorar também.

- Eu simplesmente não consigo mais acreditar em você, Eric. São tantas mentiras e manipulações. Achei que você me amava! – falei cobrindo meu rosto com as mãos. Eu tremia tanto que parecia estar prestes a cair a qualquer momento.

Eric manteve-se calado durante alguns momentos em choque pelo que eu havia dito.

- Eu te amo, Ianto e jamais te manipulei ou menti! Jamais faria isso – ele falou tirando minhas mãos da frente de meu rosto e me encarando nos olhos – Por que você está falando essas coisas? – ele perguntou deixando as primeiras lágrimas escorrerem por seu rosto.

- Me contaram coisas, que você mentiu e escondeu de mim.

- O que e de quem? – ele questionou nervoso.

Eu fiquei em silêncio pensando no que lhe responderia. Eu havia prometido a Lucy não contar, mas eu havia estragado tudo em deixar transparecer meu estado emocional.

- Seu... Seu ajudante do trabalho – decidi falar sobre isso primeiro. Precisava me preparar emocionalmente para o momento em que ele provavelmente confirmaria que havia me enganado sobre ajudar minha família – Você está tendo um caso com ele? – perguntei e ele me olhou surpreso.

- De quem você ouviu isso? Paulo?

- Isso não importa. Importa apenas a verdade. Você está tendo um caso com ele ou não?

- Claro que não! – ele falou de imediato, mas dessa vez não senti certeza em sua resposta. Talvez sua habilidade em mentir estivesse fraquejando.

PERIGOSAS

- Eric, você me deixou trancado sem almoçar, acreditando que você estava preparando tudo para nossa viagem, enquanto estava em um restaurante com ele? Me responde! – questionei. As lágrimas escorriam sem parar de meus olhos e meu peito doía intensamente.

Eric ficou em silêncio durante alguns momentos; parecia não saber o que responder.

- Me fala. Eu só quero a verdade, mesmo que doa – pedi.

- Eu e ele não fizemos nada, nunca. Eu juro! – eu o encarei sem entender por que ele estava reagindo daquela forma se não havia nada – A verdade é que desde o momento que ele entrou na empresa...

- Logo após me comprar? – perguntei interrompendo-o.

- Sim, alguns dias depois. –ele confirmou – NACIONAIS - ACHERON

Desde o momento que ele começou a trabalhar comigo, houve essa conexão entre nós que é difícil de explicar. Ele parecia me entender e eu fui me aproximando dele aos poucos. Mas, jamais fizemos nada. Até certo ponto me sentia atraído por ele, mas somente isso! Descobri que ele havia se apaixonado por mim, mas eu não, pois te amo muito Ianto! Eu tive que almoçar com ele para esclarecer que não poderíamos ter nada juntos, pois já amava outra pessoa e isso até o machucou muito, mas apesar de tudo, jamais trocaria você por ninguém. E eu juro que estou falando a verdade. Você precisa acreditar em mim, Ianto! – falou sem desviar seu olhar do meu um único momento.

Minhas pernas fraquejaram e eu caminhei até o sofá passando por ele sem dizer nada. Quando finalmente sentei, apoiei meu rosto entre minhas mãos. Minha cabeça estava prestes a explodir. Por

algum motivo eu havia acreditado no que ele disse e isso era assustador.

Eu precisava falar sobre o que havia descoberto sobre minha família e ouvir o que ele tinha a dizer. Minha preocupação estava me consumindo completamente. Precisava entender porque havia mentido para mim.

- Você acredita em mim? – Eric perguntou-me sentando ao meu lado e pegando em minha mão.

- Sim, eu acredito – respondi, voltando a encarar seus olhos marejados.

- Então por que parece que não?

- Pois, há mais uma coisa que descobri e preciso muito saber da verdade – revelei sentindo minha voz tremular.

- O que é? Prometo ser sincero com você, Ianto, como sempre fui.

Respirei fundo antes de ter coragem de fazer a pergunta.

- Você realmente ajudou minha família?

- Como assim? Claro que sim! – ele respondeu de imediato, surpreso pela minha pergunta.

Fiquei em silêncio sem saber se podia acreditar em sua resposta.

- Por que você está perguntando isso? – ele questionou e eu abri a boca umas três vezes, mas sem conseguir começar a falar – Por favor, Ianto! Me fala por que está achando que eu não ajudei sua família?

- Eu também ocultei algo de você.

- O quê?

- Estava mantendo contato com Lucy, sempre que ela vinha aqui para limpar.

- Como isso? – ele perguntou nervoso,

levantando-se.

- Ela sabia onde você escondia a chave mestra e ao estranhar meu quarto trancado, usou para entrar e me encontrou.

- Ela sabe sobre nós? Sabe que eu o comprei? – Eric questionou. Pude sentir preocupação em sua voz.

- Sim...

- Você está maluco, Ianto? Se ela contar a alguém, ambos estamos ferrados!

- Eu sei, desculpa. Percebi que não devia ter colocado ela nisso logo em seguida, mas estava feito.

Eric posicionou ambas as mãos em frente a boca e assoprou, como se aquilo fosse ajudá-lo a manter a calma. Ele fazia movimentos de negação com a cabeça.

- Foi ela que disse isso sobre sua família? – ele questionou irritado.

- Sim, após eu pedir que ela fosse ver como minha família estava.

- Você pediu isso? Quer que eles descubram que ainda está vivo? Quer que eles nos denunciem? Para ambos sermos executados?

- Claro que não. Apenas queria saber se estavam bem. É minha família, porra! Eu não conseguia parar de pensar neles. De qualquer forma, claro que ela não contou que eu estava aqui.

- Mas em contrapartida disse que eu não havia os ajudado, não é?

- Sim, por isso perguntei, mas você ainda não respondeu. Você os ajudou ou não? Isso que tem consumido todos meus pensamentos nos últimos dias. Achei que você tivesse os ajudado, mas ela disse que eles estão mal. Que meu pai está

trabalhando em dois empregos para conseguir comprar remédios de minha mãe e meu irmão teve que largar a escola – perguntei e Eric cobriu seu rosto respirando fundo – Por favor, fale a verdade. Pelo menos dessa vez.

- Pelo menos dessa vez? – Eric riu chorando. - Claro que eu os ajudei, Ianto.

- Lucy mentiu para mim então? – questionei descrente daquilo.

- Mas é claro. Devo assumir que eles recusaram minha ajuda, afinal não entendiam por que eu estava querendo dar-lhes dinheiro, eles são muito desconfiados. Mas, pedi que adicionassem o valor de 200 mil ao pagamento de salário de seu pai, sem opções de estorno. 200 mil dizus, Ianto! Eles agora possuem dinheiro suficiente para viverem confortavelmente por uns 20 anos. O que Lucy te disse não faz sentido.

Olhei para ele sem saber o que dizer. Não entendia por que Lucy mentiria para mim sobre algo assim.

- Você ainda não acredita em mim? – ele perguntou encarando-me nos olhos sem que as lágrimas cessassem, assim como nos meus. O que eu havia perguntando, parecia ter-lhe machucado muito.

- Eu não sei em quem acreditar. Estou confuso – respondi encarando o chão.

- Tudo bem – ele falou e ficou em silêncio olhando para o nada durante alguns segundos, como se estivesse pensando em algo – Espere aí – Eric pediu e subiu as escadas correndo.

Encolhi-me no sofá enquanto o aguardava. Minha cabeça estava uma bagunça e nada fazia sentido. Como queria que aquilo tudo fosse um grande pesadelo e de repente, eu acordasse ao lado

de Eric, na época em que parecia que íamos viver para sempre felizes.

Poucos minutos após que havia subido, Eric desceu as escadas correndo e me puxou pelo braço para fora do apartamento.

- Vem comigo – foi apenas o que disse.

Ele me levou consigo até o elevador, onde apertou o andar do estacionamento.

- Para onde vamos? – perguntei confuso.

- Vou te mostrar à verdade, já que o que falo já não vale mais nada para você – aquelas palavras que ele disse pareciam machucá-lo tanto quanto a mim.

Assim que chegamos ao andar do estacionamento, ele continuou me puxando até seu carro. O mesmo cara que havíamos visto no dia em que eu fora comprado, estava deixando seu carro.

Ele observou a situação sem entender, mas Eric pareceu não se preocupar com aquilo. Ele apenas pediu que eu sentasse no banco do passageiro e eu o fiz.

- Eles não podem me ver – lembrei-o. Não entendia como eu ia descobrir a verdade se não poderia falar com meus pais.

- Eu sei. Apenas confie em mim dessa vez – ele falou ligando o carro e saindo do prédio, após abrir a porta do estacionamento.

Durante todo o caminho mantivemo-nos em silêncio.

Era estranho estar retornando ao bairro em que havia crescido. Levamos cerca de uma hora até chegar lá, ambos já havíamos conseguido parar de chorar e parecíamos mais calmos, mas minha ansiedade ainda era grande.

Quando passamos pela rua em que eu fora

preso, senti arrepios ao lembrar-me de toda aquela situação assustadora que vivi. Eric ainda tremia, pude notar pela forma que apertava com força o volante, enquanto dirigia sem me olhar uma única vez.

Quanto mais perto chegávamos, mais sentia meu coração querendo sair pela boca. Não sabia como íamos fazer, mas eu ansiava muito saber da verdade e agora já me preocupava se realmente tivesse sido injusto com Eric. Afinal, em nenhum momento suspeitei de que Lucy pudesse estar mentindo, por não conseguir imaginar motivos para ela fazer isso. Mas, não seria a primeira vez que eu seria ingênuo o suficiente para não enxergar a verdade que estava diante de meus olhos.

Quando finalmente chegamos e Eric estacionou no outro lado da rua, em frente à minha antiga casa, senti uma pontada forte de saudade dali. Saudade

de meus pais; de meu irmãozinho; da casa; da vizinhança; de tudo. Minha vontade era pular fora daquele carro e entrar correndo em casa para abraçá-los.

Todas as casas tinham a mesma aparência, mas lá estava a minha. A de número 209, na Rua 79 da área sul.

Eric ficou em silêncio durante alguns momentos encarando o volante.

- Você fica aqui. Se abaixe e tente não ser visto por ninguém – falou.

- Tudo bem, mas como eu...

- Com isso – ele me interrompeu entregando-me um aparelho celular – Vou ligar para você – ele disse pegando o seu aparelho. Poucos segundos depois uma chamada surgiu na tela do celular que ele havia me entregado e eu atendi – Eu vou deixar o aparelho com a chamada ligada em meu bolso.

Assim você poderá ouvir o que estivermos conversando. Só coloca no mudo seu microfone antes – fiz o que ele pediu. - Não queria saber a verdade? Farei com que ouça da boca das pessoas que você realmente acredita: seus pais – explicou.

Concordei com a cabeça e ele desceu do carro e foi em direção à minha antiga casa. Sabia que os vidros do carro eram bem escuros, mas fiz como ele pediu e me abaixei o suficiente para conseguir acompanhá-lo com a visão e não ser notado de fora.

Eric bateu na porta da casa que um dia eu morara e poucos segundos depois, surgiram minha mãe e pai abrindo-a. Meu coração acelerou aos vê-los, principalmente minha mãe que parecia conseguir manter-se em pé sem dificuldades. Ela tinha cabelos loiros encaracolados e vestia um vestido azul claro, que não me lembrava dela tê-lo. Meu pai não havia mudado quase nada, além de

engordar um pouco. Ele era baixinho, ao contrário de minha mãe, e tinha cabelos apenas nas laterais da cabeça. Brincávamos que ele havia ficado careca cedo por ter muitas preocupações. Minhas lágrimas retornaram ao vê-los ali tão próximos de mim. Já não sabia quanto delas ainda me restavam, de tanto que havia chorado.

Percebi que meus pais pareciam surpresos com a visita de Eric.

- Boa noite Sr. e Sra. Wiese. Como estão? – pude ouvir Eric perguntar-lhes através do aparelho.

Ambos meus pais se entreolharam e não responderam nada durante alguns segundos, mas surpreendendo-me e a Eric também, meu pai o abraçou forte.

- Obrigado – meu pai disse-lhe e minha mãe começou a chorar.

- Não precisam agradecer – Eric disse-lhe e meu

pai afastou-se.

- Claro que precisamos agradecer. Nós duvidamos de suas intenções, achando que estava tentando nos enganar e recusamos sua ajuda. Mas, mesmo assim você foi lá e depositou todo esse dinheiro em minha conta. Não sei nem como posso agradecê-lo. Você simplesmente salvou nossa família, após um momento tão difícil em nossas vidas em que cheguei a perder a esperança – falou e Eric tentou interrompê-lo, mas meu pai fez sinal para deixá-lo continuar falando. - Minha mulher estava muito doente, sem que eu pudesse lhe comprar remédios e, para piorar, numa noite, após seu turno no trabalho, nosso garoto não retornou para casa. Você não tem noção de como foi doloroso descobrir pelos vizinhos que ele havia sido preso por tentar furtar comida. Comida! Tudo isso por que queria nos ajudar. Não entendo como o

governo de Alendor consegue achar justo executar um adolescente que só queria alimentar a própria família – Meu pai desabafou chorando tanto quanto eu, que não conseguia parar de soluçar dentro do carro. Ainda bem que havia mutado o telefone.

- Eu conheci o filho de vocês. Era um garoto maravilhoso. Por isso quis lhes ajudar, pois também não acho justo o que fizeram com ele.

- Mas é muito dinheiro Sr. Pitz – minha mãe falou.

- Pode me chamar de Eric. Gostaria muito que me considerassem como um amigo e não precisam se preocupar. Esse dinheiro de maneira alguma fará falta para mim e sei que o usarão para construir um futuro melhor para vocês e seu filho – Eric falou a eles.

- Sem dúvidas. Você foi um anjo em nossas vidas, não sabemos nem o que dizer. Pois

“obrigado’’, não é suficiente para representar toda a gratidão que sentimos pelo que fez por nós – Minha mãe falou com a mão sobre o peito e meu pai concordou com movimentos positivos com sua cabeça. Eric pareceu emocionar-se, pois mesmo de costas pude notar que ele havia limpado seus olhos.

De repente, meu irmão surgiu correndo atrás de meus pais e eu chorei ainda mais. Como sentia saudade daquele loirinho hiperativo, que parecia ter crescido alguns centímetros. Diferente de mim, ele havia puxado a altura de minha mãe. Quando crescesse ia superar minha altura. Sortudo.

- Quem é esse? – ele perguntou a meus pais.

- Esse é Eric Pitz, Pedro. O homem que nos ajudou – meu pai respondeu-lhe.

Meu irmão o encarou durante alguns momentos e avançou nele abraçando-o também. Ele era tão baixinho em comparação a Eric, que batia um

pouco acima de sua cintura.

- Obrigado por ter ajudado minha mãe. Não queria perdê-la também – ele disse a Eric e eu senti uma pontada de dor intensa em meu peito ao ouvir aquilo. Não conseguia nem imaginar o quanto os havia feito sofrer.

Naquela altura, eu simplesmente sentia vontade de socar minha cabeça contra o volante por ter sido tão idiota. Eric havia ajudado minha família mais do que eu podia imaginar e eu preferi acreditar em outra pessoa. E agora eu havia o machucado também, sem ele nem mesmo merecer. Talvez quem não o merecia o tempo todo, fosse eu.

- Quer entrar? – minha mãe convidou-lhe.

- Eu agradeço pelo convite, mas tenho que ir. Só queria ver se estavam bem e fico feliz que estejam.

- Graças a você – minha mãe comentou.

- Quero que saibam que eu que sou grato em poder ter ajudado vocês. Até uma próxima vez família Wiese. Boa noite – Eric despediu-se.

- Boa noite – os três despediram-se de Eric quase em coro.

Enquanto Eric vinha em direção ao carro abaixei-me ainda mais, para que não notassem que eu estava ali dentro o tempo todo. Eric entrou no carro rapidamente e sem abrir muito da porta, para que não corrêssemos o risco de sermos descobertos.

Assim que ele deu a partida e viramos a esquina, finalmente levantei-me ainda abalado por tudo que havia ouvido e visto. Não sabia como ia conseguir encarar Eric novamente, após tudo que havia lhe dito e feito. Eu cheguei a transar com seu melhor amigo por ódio e ciúmes. Eu que era uma péssima pessoa e não havia percebido.

- Desculpa, Eric, eu estava enganado. Por favor,

me perdoa! – implorei.

Eric não tirou os olhos da estrada e manteve-se calado. Não falei mais nada, respeitando que ele precisava de um tempo antes de conversar comigo.

O caminho de volta pareceu uma eternidade agoniante. Meu nervosismo e medo do que Eric falaria para mim quando chegássemos era enorme.

Quando finalmente estávamos de volta ao apartamento, Eric foi direto para seu quarto sem ainda direcionar uma palavra sequer para mim. Segui-o e assim que entrei no quarto o vi jogado sobre a cama de barriga para cima, cobrindo seus olhos com a mão, mas era visível que ele chorava.

- Por favor, me perdoa. Eu fui um idiota em ter preferido acreditar em Lucy ao invés de você – falei e ele tirou sua mão do rosto.

- Eu não consigo lhe entender, Ianto. Você disse que me amava, e eu me abri para ti. Expus meus

medos e sentimentos, e para quê? Na primeira oportunidade você preferiu acreditar em uma pessoa que mal conhece. Você realmente achou que eu seria cruel em permitir que sua família continuasse naquela situação precária? O que mais você pensou de mim durante esse tempo? – Eric desabafou voltando a olhar para mim. Seus olhos transmitiam toda a dor que estava sentindo. Eu estava tão preocupado em me vingar dele, fazê-lo sofrer tanto quanto havia me feito sofrer, mas não percebi que estava sofrendo somente por ser um idiota que havia sido enganado e agora havia me vingado de uma pessoa que não merecia.

- Eu sei que errei, mas juro que me arrependo completamente disso. Eu fui um idiota, me perdoa! – implorei ajoelhando-me ao lado da cama próximo a ele.

- O pior de tudo é que não tenho nem como te

culpar, Ianto, afinal você é só um adolescente. Mesmo com tudo que já passou, você ainda é ingênuo e facilmente manipulável. Quem errou foi eu, ao ter me permitido entregar meu coração a você.

- Não fala isso, eu te amo! Muito! Prometo daqui em diante fazê-lo feliz como você merece.

- Você já havia prometido isso antes e agora sou eu que não consigo mais acreditar em suas palavras. Por favor, me deixa sozinho Ianto.

- Eric...

- Deixe-me sozinho. Você só está intensificando minha dor.

- Tudo bem... – disse sentindo uma dor quase insuportável no peito – Eric – chamei-o antes de deixar o quarto e ele voltou a olhar para mim – O que fará com Lucy? Vai demiti-la? Queria muito falar com ela antes, entender porque ela mentiu

para mim. Achei que ela fosse minha amiga – perguntei e ele caiu numa gargalhada assustadora e descontrolada – O que foi? – perguntei sem entender sua reação e ele sentou-se olhando diretamente para mim com total descrença.

- Ianto, você é mais ingênuo do que pensei. Acorda pra vida, garoto. Não tem como você voltar a falar com ela ou mesmo vê-la novamente. Que se fodam os motivos dela. No mínimo ela queria arrancar dinheiro de mim. Nós precisamos calá-la antes que ela descubra que você já sabe que ela mentiu.

- Calá-la? – questionei sem entender.

- Ianto, pelo amor de todos os deuses. Eu vou mandar matá-la! – Eric respondeu impaciente para mim.

- Como assim? – perguntei assustado.

- Ela sabe sobre nós. Se ela nos denunciar,

podemos nos dar muito mal. Então, prefiro zelar por nossas vidas ao invés da daquela vadia mentirosa.

- Isso é errado! – gritei revoltado.

- Errado foi você ter revelado a verdade para alguém que mal conhecia e permitir-se ser manipulado por ela. Agora por favor, volte para seu quarto e tente não ficar de luto por aquela vagabunda. Não sei o quanto meu amor por você ainda consegue suportar de seus dramas. Aparentemente, sou o único interessado em manter nossa relação.

Capítulo 18

Simplesmente não consegui dormir após tudo que havia acontecido. Sentia-me estúpido e acima de tudo arrependido em ter escolhido acreditar em Lucy a Eric.

Minha mente tentou e tentou, mas não conseguia encontrar de jeito algum motivos lógicos para ela ter inventado todas essas mentiras. Se ela quisesse apenas o dinheiro de Eric, era somente tê-lo ameaçado assim que descobriu a verdade. Mas, pelo contrário. Ela queria acabar com nossa relação. Por quê?

Queria muito entender o motivo de Lucy ter me traído daquela maneira. Eu realmente acreditava

que ela havia se tornado uma grande amiga, alguém em que pudesse confiar e contar o que estava acontecendo. Mas aparentemente, agora ela teria que pagar por seu erro. E de forma muito mais cara do que eu estava pagando pelos meus.

Deviam ter se passado horas desde minha conversa com Eric, mas ainda sentia vontade de tentar me desculpar. Faria tudo que fosse necessário para que ele me perdoasse. Queria muito que as coisas voltassem a ser como eram antes, realmente fazê-lo feliz. Mas, como ele havia dito, eu era ingênuo e facilmente manipulável. Então, o primeiro passo era tentar amadurecer, para não magoá-lo novamente.

Quão irônico é, você ser manipulado por alguém que te faz acreditar que está sendo manipulado por outra pessoa?

Quando minha impaciência e ansiedade para

que amanhasse logo se esgotaram, levantei-me e silenciosamente fui até o quarto de Eric. Eu queria muito vê-lo, e se estivesse acordado, implorar por perdão. Não queria nem imaginar se ele desistisse de mim após o que eu havia feito. Precisava reparar todos os erros. Além de claro, esconder o maior deles: ter transado com seu melhor amigo. Em que momento eu havia me tornado tão burro, para acreditar que aquela seria uma boa ideia para me sentir melhor?

Quando entrei no quarto, a cena que vi me fez cair no choro novamente. Eric dormia, com a mesma roupa que antes, abraçado a um de seus travesseiros. Seu rosto estava inchado, indicando que havia somente adormecido após ter chorado muito. Não podia acreditar que eu havia machucado alguém que só queria ser amado.

Magoar alguém que você ama é uma faca de

dois gumes, pois te machuca tanto quanto a essa pessoa.

Minha vontade de deitar-me com ele e abraçá-lo até que tudo melhorasse, era enorme, mas decidi respeitar seu pedido de deixá-lo sozinho. Só carinho e palavras não iam curar tão facilmente as feridas que havia lhe aberto. Então, retornei ao meu quarto evitando acordá-lo.

Assim que cheguei, joguei-me sobre o colchão e voltei a chorar desenfreadamente durante vários minutos, até que finalmente o cansaço me venceu e eu pude adormecer.

Tive sonhos estranhos, com diversas cenas sem sentido, uma após a outra. Em uma dessas cenas, eu estava num corredor branco e enorme em busca de uma saída, mas todas as portas que eu tentava abrir estavam trancadas. Quanto mais próximo do fim do corredor sem saída eu chegava, mais desesperado

ficava. Não sabia onde estava, mas apenas que devia sair dali o quanto antes. A sensação de claustrofobia me dominava.

Após ter tentado abrir mais de vinte portas sem sucesso, quando cheguei até a última, já estava nervoso e desesperado para que aquela fosse a que me tiraria dali. Mas, antes de conseguir alcançar a maçaneta prateada, fui acordado por alguém tocando meu ombro. Sentei-me no colchão num pulo, assustado por ter sido acordado daquela forma. Paulo estava em pé diante de mim. Eu estava ofegante e minha camisa estava molhada de suor.

Levei alguns segundos até entender que havia saído de um pesadelo, para só então depois estranhar o fato de Paulo estar ali em meu quarto.

- Cadê Eric? – perguntei-lhe. Era a primeira coisa que me vinha em mente, precisava saber

como ele estava. Tentei começar a respirar fundo, para retornar ao normal.

- Já foi trabalhar. Já são duas horas da tarde, Ianto – ele respondeu encarando-me de forma estranha. Paulo parecia frio, muito diferente de como costumava agir. Devia ter acontecido alguma coisa.

- Ele o mandou aqui? – perguntei. Talvez fosse isso, afinal era compreensível que não quisesse almoçar comigo depois do que havia lhe causado.

- Claro que não – Paulo respondeu-me irritado.

Encarei-o sem entender porque ele estava agindo daquela maneira.

- Então por que está aqui? – questionei.

- Estou aqui, Iantozinho, pois você não sabe manter a boca fechada!

- Como assim? – perguntei nervoso,

levantando-me. Paulo parecia alterado.

- Não se finja de bobo, garoto. Hoje Eric chegou com uma cara péssima no trabalho, perguntando-me se eu conhecia alguém que pudesse fazer um servicinho ilegal para ele. Como se em minha testa tivesse escrito “tenho contato com criminosos”. Para a sorte dele, eu realmente tinha – Paulo fez uma pausa encarando-me – Ele não quis me dizer para o que precisava de um assassino de aluguel, mas presumo que a princesinha aqui abriu a boca e revelou o que Lucy falou.

A maneira com que Paulo estava falando comigo estava me assustando, ele claramente não estava normal e demonstrava muita agressividade em seu tom de voz.

- Se ele não contou, como você sabe disso? – perguntei tremendo de nervosismo e estranhando

ele saber sobre Lucy.

- Pois fui eu quem pediu a ela que lhe dissesse aquelas coisas. Simples assim – Paulo revelou me surpreendendo. - Você não parou para pensar nem por um momento em como eu entrei aqui? – ele questionou apontando para a porta logo atrás dele. Ele estava fazendo a mesma expressão que Eric havia feito horas atrás. Uma expressão de descrença que eu pudesse ser tão burro.

Não respondi nada e apenas dei alguns passos para trás. Claro que não havia me perguntado a respeito disso. Jamais imaginei que Paulo pudesse representar algum perigo. Mas, agora me sentia completamente ameaçado por ele. Queria correr, mas não parecia ser uma ideia muito boa, considerando o tamanho de Paulo, parado ali na minha frente.

- Já que não se perguntou, eu mesmo digo.

Tenho cópias de todas as chaves daqui, graças a Lucy que me forneceu – revelou chacoalhando um molho de chaves em sua mão. Ele se aproximou lentamente de mim, que já estava completamente encostado à parede, sem ter mais para onde recuar.

- Por quê? – questionei com a voz tremula.

- Por que o quê? – ele perguntou mordendo seu lábio e me encarando.

- P-por que você pediu que ela mentisse para mim?

- Isso é bem óbvio. Queria que você odiasse Eric, para que ficasse mais fácil de eu tomar você dele – Paulo disse alisando meu rosto com sua mão. Meu coração batia tão forte e acelerado, que parecia que ia pular de meu peito a qualquer momento. Por mais que fosse um gesto gentil a forma que estava tocando-me, era assustador considerando o que estava me contando e a forma

que estava agindo – Pena que você não conseguiu manter a boca fechada e nesse horário, Lucy já deva estar morta, por sua culpa – ele comentou com desdém.

- Não entendo o porquê disso – falei sentindo as lágrimas começarem a escorrer por meu rosto. Sentia-me completamente vulnerável diante de Paulo. Só queria sair dali, mas ele estava impedindo a passagem. Ele me queria contra aquela parede – Fez tudo isso por me amar? – questionei e ele me encarou durante alguns momentos, para então começar a rir, fazendo meu nervosismo se intensificar.

- Claro que não te amo, querido – Paulo falou me dando alguns tapinhas no rosto, que deixaram uma sensação de ardência em minha bochecha – Falei aquilo só para te comer. - revelou.

Senti um ódio mortal tomar conta de mim, ao

ouvir aquelas palavras e pela forma que havia batido em meu rosto. Minha vontade era de socá-lo, mas apenas cerrei os punhos e tentei me controlar. Não tinha qualquer chance contra Paulo, então precisava pensar bem antes de tentar qualquer coisa para me tirar daquela situação assustadora.

- Então por que disso tudo? – questionei.

- Como disse antes, para tirá-lo de Eric.

“Bastou oferecer dinheiro para Lucy, que ela não pensou duas vezes antes de concordar em contá-lo tudo que eu pedisse. Ela dizia que precisava muito de dinheiro, pois tinha esse sonho de cursar uma faculdade e subir de casta, para não ter que viver uma vida de limpar chãos ou trabalhar em fábricas imundas – ele falou fazendo gestos com as mãos, ironizando-a – Tadinha. Quase senti pena dela, quando me ligou duas horas atrás, preocupada com um carro preto parado em frente a

sua casa e ela completamente sozinha. Pedi para ela se acalmar, e não se preocupar, que eu estava indo até lá. Mas, como conheço o Lúcio há bastante tempo, nem me dei ao trabalho. Ele é meio impaciente. Não costuma levar mais do que uma hora esperando o momento para executar suas vítimas.” – contou.

Era assustador ouvir Paulo contar aquilo com um sorriso no rosto, como se não fosse nada demais. O pânico já se apoderava de mim e a vontade de sair correndo dali já estava mais difícil de controlar.

- Você é um monstro! – gritei e ele apertou meu pescoço – Para! – implorei, sentindo dificuldade para respirar.

- Para é o caralho – Paulo xingou levantando-me alguns centímetros do chão. Entrei em desespero, achando que ele ia me matar e tentei

tirar sua mão de meu pescoço, mas ele tinha muita força. - Não permito que você me chame assim. Não fui eu que a matei. Foi você e seu namoradinho! Você por ter sido idiota e ter revelado para a empregada que havia sido comprado. E Eric por ter sido esperto e mandado matá-la antes que ela abrisse o bico – Paulo cuspiu aquelas palavras com ódio, para então me soltar. Eu quase caí no chão, devido à tontura que senti. Tentei manter o equilíbrio e respirei fundo para recuperar todo o ar.

Jamais imaginaria que ele fosse capaz de fazer algo assim comigo e estava completamente assustado e sem reação.

- O que você quer de mim? – questionei em prantos.

- Você já sabe. Quero que você vá morar comigo.

- Por quê? Você disse que não me ama de verdade!

- Mas Eric sim. Então, quero que você quebre o coração dele em pedacinhos. Quando ele se sentir sozinho e rejeitado mais uma vez, só então ficarei satisfeito.

- Não vou fazer isso! – gritei.

Paulo puxou meu cabelo com força e levantou meu rosto para eu encarar seus olhos, que agora só transmitiam frieza e ódio.

- Se você for inteligente, você vai – ele falou com aquele sorriso irritante e assustador.

- Não, não vou – falei entre lágrimas – Vou contar a ele que foi você que estava tentando me manipular.

- Boa sorte nisso – Paulo falou largando-me, para então tirar seu celular do bolso – Digamos que

além de Eric me conhecer a muito mais tempo que você, isto é, desde sempre; e claro, me considerar como um amigo exemplar, eu tenho algo aqui que talvez possa não pegar bem para você – revelou.

Poucos segundos depois, Paulo virou a tela de seu celular para mim, onde um vídeo do quarto do hotel em que ficara com Eric em Alendor, iniciou-se.

Nele, Paulo estava parado em frente ao banheiro, de onde eu saio enrolado numa toalha branca. No vídeo, encarei-o por alguns segundos, para então, sem dizer nada largar minha toalha, deixando-a cair no chão, ficando completamente nu.

“Tem certeza disso?” – a voz de Paulo questionando-me surgiu no vídeo.

“Sim, tenho. Eu quero fazer isso.” – respondi convicto e ele se aproximou de mim e começou a

me acariciar.

- Imagine a reação de Eric após ver isso e o restante do vídeo? – Paulo comentou vitorioso, voltando a guardar seu celular no bolso.

- Você não teria coragem de mostrar isso – falei não tendo tanta certeza disso. O medo que sentia de Eric ver a filmagem era enorme.

- Sem dúvidas, teria. E ainda por cima, diria que foi você que se jogou para cima de mim – falou prensando-me com seu corpo contra a parede. - Falando nisso, você é muito fácil, garoto. Se for transar com outro, toda vez que estiver irritado, vai se tornar uma putinha rodada. Se controla! – Paulo comentou e me deu um tapa no rosto com mais força que os anteriores.

- Me solta – disse incomodado com ele tão próximo de mim.

- Quem manda aqui sou eu, Ianto! – falou

forçando seu corpo com mais força contra o meu. Nem se eu me esforçasse, conseguiria movê-lo – E devido a isso, hoje à noite você irá dizer a Eric que me ama e quer morar comigo. Fale que eu também sinto o mesmo, e estou disposto a pagar o mesmo valor pelo qual ele te comprou. Mas claro, evite falar que já te comi.

- Não! – gritei.

- Quer que eu mostre o vídeo? – ele ameaçou.

- Prefiro que Eric descubra a ter que morar contigo.

- Você fala como se Eric fosse te perdoar. Minha palavra vale mais que a sua, Ianto! Além de, claro, ter provas de você se oferecendo para mim. E bem... Considerando a forma que Eric agiu a respeito de Lucy, se ele desistir de você, não acredito que ele vá te soltar por aí, correndo o risco de você abrir a boca mais uma vez. Ele pode te

amar, mas preza a sua própria sobrevivência acima de tudo. Afinal, ele é o grande Eric Pitz! – Paulo falou convicto, ironizando a frase final.

- Por que você está fazendo isso com Eric? Por que quer tanto que ele sofra? – questionei sem entender o porquê daquilo tudo.

- Porque cansei de viver na sombra dele, Iantozinho – Paulo falou afastando-se para me encarar melhor – Digamos que ele sempre foi o mais popular, tanto na escola quanto na faculdade. Todos os garotos queriam ser seus amigos, e as garotas namorá-lo. Enquanto eu era conhecido apenas como "o amigo de Eric Pitz", o futuro herdeiro das Empresas Pitz. O tempo passou e tornei-me seu sócio assim que assumiu, ajudando-o nessa nova fase. Mas, enquanto eu trabalhava duro e fazia a empresa crescer, muitas vezes virando noites com a cara em contratos, todo o mérito ia

para ele. Sempre foi o rosto de Eric a estampar revistas de negócios e ele que foi nomeado “Empresário do Ano” duas vezes consecutivas, enquanto eu era simplesmente citado como seu sócio minoritário. Toda essa admiração e respeito que todos têm por ele me irrita! Minha família gostava mais dele do que de mim. Crescer próximo a ele foi muito difícil e sofri muito, mas eu sorria e era fiel a nossa amizade. Agora te pergunto: quantas vezes você acha que ele notou que havia algo errado comigo? Nenhuma! Enquanto eu, sempre larguei tudo que estivesse fazendo para ajudá-lo quando ele se decepcionava com alguém ou ficava triste. Se não fosse por mim, ele tinha se matado anos atrás quando perdeu o homem que amava. Se não fosse por mim, essa empresa já tinha sucumbido e ele seria uma grande piada. É por isso tudo e mais coisas, que venho engolindo calado, que cansei. Pelo menos dessa vez, quero me

apossar de algo que ele tanto ama e deseja. Para que então ele possa sentir um pouco do que sinto todos os dias, vivendo à sua sombra e tendo além de todos os méritos e conquistas roubados, uma vida infeliz por ter decidido estar sempre ao seu lado, não importasse o que acontecesse – Paulo desabafou com muita tristeza na voz e segurando as lágrimas. Eu nunca fora muito bom em perceber os sentimentos das outras pessoas, mas nesse caso, era óbvio que Paulo amava Eric mais que como um amigo, e devia sofrer por nunca ter sido notado da forma que queria.

- Eu sinto muito por tudo, Paulo. Mas, você não tem direito de me usar como instrumento de vingança; Eu não sou um objeto, sou uma pessoa que assim como você, tem sentimentos! – exclamei nervoso.

- Tenho e vou usá-lo. Então, fique avisado,

Ianto! Você tem somente essa noite para pedir para ser vendido a mim. Se pela manhã, Eric não vier falar comigo, irei mostrar o vídeo e pedir desculpas por ter caído em seu joguinho de sedução e irei convencê-lo a descartá-lo, para que ele não continue se machucando com alguém que não o ama de verdade. Não tem como ele duvidar de mim, não depois de tudo que fiz por ele. Estive lá para ele sempre que precisou e ele sempre me considerou como um irmão. Se for necessário, faço-o escolher entre a mim e você. Então, não ache que tem mais poder de persuasão que eu, pois não tem. E se por algum milagre ele preferir acreditar em você a mim. Bem... Não tenho nada a perder. Continuarei rico, com ou sem ele. Mas por outro lado, você é quem tem um chip capaz de desligá-lo com apenas alguns cliques instalado em seu corpo. Ele nem vai precisar de um assassino de aluguel. Pense bem, pois estou jogando sério e se

você não se adequar as novas regras do jogo, corre risco de ser eliminado.

- Ele não faria isso comigo...

- Nunca duvide de uma pessoa magoada, Ianto. Nós somos capazes de tudo para nos recuperar ou vingar. Então, pelo menos dessa vez, capriche nas mentiras – Paulo falou virando-se e deixando o quarto – Nos vemos amanhã! – despediu-se.

Joguei-me de joelhos no chão, ainda sem reação. Eu estava completamente ferrado!

Capítulo 19

Aguardei ansiosamente Eric retornar. Sentei-me no sofá da sala, tentando ao máximo me acalmar e fazer o que era o certo quando ele chegasse. Iria contar a verdade sobre o que havia feito e que Paulo não era a pessoa que pensávamos ser.

Cada minuto a mais de espera, parecia uma eternidade e não sabia dizer se isso era bom ou ruim. Afinal, eu teria que ter muita coragem para conseguir encarar Eric e conta-lo que havia transado com seu melhor amigo. Eu havia feito somente péssimas escolhas nos últimos dias.

A ideia de ele nunca me perdoar era assustadora, mas não tanto quanto a de morar com

Paulo. A forma com que havia falado e me batido, fora horrível. Jamais conseguiria me sentir seguro convivendo com ele. Agora, a única coisa que conseguia sentir por ele, era nojo.

Quando finalmente a porta do apartamento se abriu e Eric entrou, eu já tremia e minhas mãos suavam de tanto nervosismo. Ele também parecia péssimo e nem demonstrou qualquer reação por me ver ali esperando-o. Simplesmente veio até onde eu estava, e após deixar sua pasta sobre a mesa de centro, sentou-se ao meu lado respirando pesadamente.

Queria iniciar a conversa, mas não tinha coragem e como ele não havia me dirigido a palavra ainda, decidi esperar um pouco até que ele quisesse falar comigo. Passaram-se vários tortuosos minutos até que ele finalmente se pronunciasse.

- Eu ainda não consigo acreditar no que tive que

fazer – ele comentou e eu mantive-me calado. Não sabia o que dizer – Mesmo que eu não tenho tocado um dedo nela, Ianto, minhas mãos estão sujas com seu sangue. Apenas uma ligação. Uma ligação de 5 minutos fora suficiente para eu condenar uma pessoa à morte. Isso é assustador.

- Desculpa. Foi tudo minha culpa – disse virando-se para Eric. Minhas lágrimas surgiram, mas ele parecia apenas irritado.

- Sem dúvidas foi – ele falou me encarando nos olhos – Como você pode ser tão burro ao ponto de contar tudo a alguém que mal conhece? – Eric questionou-me incrédulo.

- Não sei... Eu apenas me sentia sozinho quando você não estava e acreditei que Lucy realmente era minha amiga. Para mim, era importante falar sobre o que estava vivendo a alguém, pois a cada dia que se passava, mais confuso ficava a respeito de meus

sentimentos por ti, Eric.

- Mas eu estava lá o tempo todo, Ianto. Você podia ter conversado comigo, assim como eu também me abri para você a respeito de meus sentimentos e medos – Eric falou e seus olhos marejaram, mas ele controlou-se em seguida. Ele também estava tentando ser forte.

- Por favor, me perdoa – implorei pegando em sua mão.

Eric calou-se durante alguns momentos, pensando bem.

- Tudo bem. Eu te perdoo, Ianto. Mas, eu juro que se você, algum dia voltar a trair minha confiança, eu desistirei de tudo isso. Eu posso te amar, mas não quero alguém na minha vida que só irá me machucar. Eu matei uma pessoa por um erro seu e esta foi a primeira e última vez. Se algo assim voltar a acontecer, eu opto em me livrar de você,

por mais doloroso que isso seja. Eu posso ter comprado um adolescente, mas agora quero que você aja como alguém maduro, você me deve isso após tudo – Eric falou em tom firme, sem piscar ou desviar seu olhar do meu. Senti meu coração quase soltar do peito e um ataque de pânico se aproximar. Era exatamente a coisa que eu mais temia ouvir e ele percebeu meu desespero – O que foi? – ele perguntou nervoso soltando minha mão.

- Nada – respondi caindo num choro intenso.

- Como assim nada? Olha seu estado! Me fala logo, Ianto. O que houve? - Eric questionou irritado e levantando-se.

Eu tentei começar a falar, mas não conseguia ter forças e coragem para deixar as palavras saírem de minha boca. Vê-lo sem paciência e irritado diante de mim só me assustava mais. Agora o que Paulo me dissera parecia completamente verdade. Eric

tinha sim coragem de se livrar de mim, se necessário. Após tudo que havia acabado de ouvir, duvidava muito que ele me perdoasse se contasse a respeito da traição.

- Está me escondendo mais alguma coisa, não é? – Eric questionou e não respondi, apenas o encarava sem conseguir parar de chorar – Me fala logo! – Eric exigiu balançando-me nos ombros. Ele também havia começado a chorar e provavelmente previa que o que eu tinha para falar era muito ruim.

Eu tentei respirar fundo, mas estava muito assustado.

- Ianto...

- Chama o Paulo aqui – pedi com dificuldade.

- Paulo? Por quê? – Eric questionou-me confuso.

- Apenas faço isso, por favor – implorei.

Eu queria contar a verdade a Eric, mas agora sentia que não devia. Não se eu quisesse continuar vivendo. Então ia dizê-lo o que Paulo me pedira mais cedo. Mas, como era um péssimo mentiroso, precisaria de ajuda se quisesse que Eric acreditasse em mim.

Eric tirou seu celular do bolso e ligou para Paulo, como eu havia pedido.

- Venha aqui, agora – Eric disse-lhe assim que a ligação fora atendida. Houve uma espera de alguns segundos até ele voltar a falar – Só venha o mais rápido possível – pediu e desligou em seguida para voltar a me encarar.

- Ele vai vir? – perguntei nervoso.

- Sim, vai – Eric respondeu-me de forma fria.

- Logo você entenderá – falei para tentar acalmá-lo, mas a verdade era que eu ia estraçalhar seu coração em pedaços, exatamente como Paulo

queria que eu fizesse.

- Não sei se quero – Eric comentou tampando seu rosto com as mãos – Você vai me falar algo muito ruim, não é? – ele perguntou e eu não respondi nada, dando a entender que sim – Maldito dia o que te comprei.

- Não fala isso! – gritei e ele voltou a me encarar.

- Tem razão. Tudo isso pelo menos, me serviu para perceber que não posso comprar amor. Maldito momento em que achei que poderíamos ser um casal. Se soubesse que você ia pisar em meus sentimentos dessa forma, teria continuado tratando-o como uma propriedade; como devia ter feito de verdade. Paguei caro para ter sexo quando quisesse, não para sofrer sempre que você quisesse – Eric desabafou e eu ouvi tudo aquilo sem dizer mais nada. Ele andava de um canto ao outro,

completamente irritado.

Eu podia ter magoado ele, mas ouvir aquelas palavras saindo de sua boca, só me mostrava uma coisa. Que em pelo menos uma coisa, eu não estava errado em pensar esse tempo todo. Eu precisava fugir. Eu não podia imaginar ou planejar meu futuro sendo propriedade dele ou Paulo. Eu era uma pessoa! Tinha direito de liberdade e escolher quem tocava meu corpo ou não. Eu queria viver de verdade.

Não importava o que fosse necessário; eu faria qualquer coisa para escapar e voltar a ser livre. Fosse morando com Eric ou Paulo, pois nenhum dos dois merecia ser meu dono. Ninguém tinha direito de ser dono de outra pessoa. Isso era doentio.

Não se passou nem cinco minutos e o interfone tocou; Paulo finalmente havia chegado. Eu tentei

controlar minhas lágrimas, pois agora não havia mais como enrolar, eu precisava enfrentar a situação. Eric atendeu e após liberar a porta para que Paulo subisse, voltou para a sala onde aguardou de braços cruzados que o outro chegasse.

Como Eric não havia trancado a porta, assim que Paulo tentou girar a maçaneta a porta abriu-se. Pude notar em seu rosto que ele estava nervoso por ter sido chamado. Provavelmente se perguntava o que havia dito a Eric.

Após fechar a porta, ele veio até nós lentamente, tentando ler em nossos rostos o que estava acontecendo.

- O que foi? – Paulo perguntou parando diante de nós.

- Exatamente o que quero saber. Ianto pediu que lhe chamasse para que ele me contasse a respeito de algo – Eric respondeu-lhe.

PERIGOSAS

- Sim... – falei levantando-me também. Minhas pernas tremiam, mas precisava ser feito – Eric, chamei Paulo porque temos algo para contar a você e isso não será nada fácil – falei e em seguida encarei Paulo nos olhos, para que ele entendesse que eu precisava de ajuda.

- O que foi? – Eric perguntou desconfiado.

- Eric, melhor todos nos sentarmos primeiro – Paulo disse.

- Não quero! – Eric falou em tom alto de voz. Ele estava muito irritado. - Digam logo o que é tão importante que precisa ser dito por ambos juntos – Eric exigiu impaciente.

- Tudo bem. Deixa que eu falo Ianto – Paulo disse e eu concordei com a cabeça. O medo da reação de Eric era enorme – Eric... Como deve ter percebido nesses últimos dias, eu e Ianto tornamo-nos amigos.

NACIONAIS - ACHERON

- Sim, mas o que isso tem haver com a situação?

- Isso significa que mesmo nos vendo pouco, eu e ele nos aproximamos bastante – Paulo fez uma pausa e Eric não desviou seu olhar dele, aguardando por uma explicação – Não vou te enrolar. Eu amo Ianto desde a noite do leilão e quero que você venda-o para mim – revelou.

- Claro que não! – Eric gritou completamente surpreso encarando nós dois, como se esperasse que disséssemos que era brincadeira.

- Se acalma, vamos conversar direito.

- Não preciso me acalmar. Não tem o que ser conversado aqui. Ianto é meu e não quero vende-lo. Assunto encerrado – Eric falou completamente irritado e gesticulando bastante as mãos.

- Você não quer nem ouvir o que ele tem a dizer? – Paulo questionou-lhe e eu sentia vontade

de sair correndo dali.

- Como assim? Ianto me ama, assim como eu o amo. Não tem qualquer sentido que ele vá morar contigo.

- Na verdade, tem sim – interrompi e Eric me encarou confuso.

- O que você quer dizer com isso? – Eric me perguntou virando-se completamente para mim. Sentia um aperto no peito enorme por ter que dizer aquelas coisas para eles, mas era necessário e eu faria tudo para me livrar de ambos, mesmo que provavelmente, teria dias negros por vir ao concordar com a chantagem de Paulo.

- Eu não te amo, Eric; eu estava confuso. A verdade é que amo Paulo – menti.

- Você está mentindo – Eric falou, mas dava pra ver em seus olhos que era mais um pedido de que uma afirmação. A verdade era que, pela primeira

vez em minha vida, eu havia mentido tão bem, que até ele que me conhecia havia acreditado.

- Eu não consigo parar de pensar nele um segundo sequer. Eu realmente o amo muito, Eric. Me perdoa por tudo que lhe fiz, mas realmente não posso continuar mentindo sobre quem amo – falei tentando soar seguro do que estava falando e Eric deu alguns passos para trás, como se o que havia dito tivesse lhe desequilibrado.

- Vocês só podem estar zoando da minha cara – ele comentou forçando uma risada nervosa e triste.

- Não estamos Eric. Por favor, tente nos entender. Você sabe como é amar alguém que não pode ter. Só que nesse caso, nós podemos! Mas só se você permitir – Paulo fez uma pausa e parou diante dele. - Jamais pedi nada a você e sempre estive ao seu lado quando precisou, mas dessa vez, estou lhe implorando Eric. Preciso que se sacrifique

por mim também, pois não sei se sou capaz de viver mais dias sem ter Ianto comigo. Jamais amei alguém tão forte assim e estou quase enlouquecendo – Paulo implorou-lhe, segurando em seus ombros e olhando-o no fundo dos olhos.

Eric chorava muito e isso estava me matando por dentro. Quando ele me encarou nos olhos, como se perguntasse se o que estávamos falando era sério, senti vontade de gritar que não; que estava sendo manipulado e era ele que eu amava, mas não o fiz. Ser forte significava que eu precisava aceitar o fato de que, ás vezes, era necessário sacrificar coisas que amava, para atingir objetivos maiores.

Eu tinha que morar com Paulo. Se contasse a verdade a Eric, ele podia realmente se livrar de mim, como havia comentado ou me tratar com maior controle, deixando-me trancado sempre. Eu

precisava fugir o quanto antes e me afastar de Eric, para poder esquecê-lo. Agora, aquele papo sobre a Síndrome de Estocolmo que Paulo falara para mim, não parecia tão difícil assim de acreditar.

- Também quero muito isso, Eric. Por favor – implorei a ele.

Após ouvir minhas palavras, Eric descontrolou-se e num movimento rápido, pegou um vaso de vidro que ficava sobre a mesa de centro e jogou-o contra a televisão, que se rachou completamente. Eu me afastei dele completamente assustado.

- Calma Eric! – Paulo gritou agarrando-o por trás, para que ele não quebrasse mais nada, mas Eric se debatia tentando soltar-se.

- Me larga – Eric gritou completamente irado.

- Claro que não; você não é assim. Se controle, cara!

Eric deu uma cotovelada na barriga de Paulo, que soltou-lhe gemendo de dor.

- AAAAAAAAAH! – Eric gritava descontrolado.

Primeiro, virou a mesa de centro derrubando tudo que tinha ali, para em seguida pegar seus dvds e livros da estante e jogar com força contra as paredes. Os vasos de cristal e pequenas esculturas de arte que ele tinha, também foram arremessados.

Vê-lo naquele estado era assustador. Sabia que ele era tinha tendências a ser explosivo e agressivo, mas não imaginei que ele reagiria daquela forma. Talvez ele me amasse mais do que eu podia imaginar, mas não ia voltar atrás. Eu não estava tão mais seguro com ele do que Paulo.

- Para Eric! – gritei, mas ele não pareceu se importar com meu pedido.

Fui até ele e tentei segura-lo pelo braço, para

que se controlasse.

- Por favor, para! Está me assustando – pedi entre lágrimas e ele me encarou com seu olhar furioso.

O que aconteceu a seguir foi tão rápido, que quando percebi já estava caído no chão vendo seus pés e o cristal estraçalhado de um de seus vasos. Minha cabeça doía muito e fui tomado por uma forte tontura. Após alguns momentos, quando finalmente consegui voltar a me mexer, tentei sentar e levei minha mão até meu nariz que parecia estar molhado com algo. Assustei-me ao ver o vermelho escarlate de meu sangue nela. Eric havia me socado.

- Você não tem direito de me pedir nada! NADA! – Eric gritava descontrolado para mim.

- Eric se controle! – Paulo tentava segura-lo – Olha o que você está fazendo!

Eu apenas o encarava chorando, sem acreditar que ele também havia me batido.

- Eu faço o que quiser. Saiam daqui agora! – Eric gritou e fez uma breve pausa caindo no choro, cobrindo sua boca. - Antes que eu mude de ideia – falou caindo de joelhos no chão em prantos.

- Tudo bem, estamos indo – Paulo disse vindo até mim e me ajudando a levantar – Vamos Ianto – falou para mim, me ajudando a levantar e caminhar em direção à porta.

Não queria ir. Eric precisava de mim, mas estava assustado demais para continuar ali. Então, fui embora junto de Paulo enquanto ouvia o choro descontrolado de Eric logo atrás de nós.

Assim que entramos no elevador, desvencilhei-me dos braços de Paulo e tentei manter-me em pé sozinho. Ele pegou em meu rosto e olhou bem. Quando tocou meu nariz, senti muita dor e

ardência.

- Não se preocupe. Seu nariz não quebrou, mas seu olho vai ficar roxo por um bom tempo – Paulo falou e eu não disse nada. Tudo que estava acontecendo era péssimo. Só queria correr para o mais longe possível de ambos.

Assim que chegamos ao térreo, o porteiro nos encarou assustado. Ele era um homem gordinho de uns 30 anos. Nunca o havia visto antes, devido jamais ter descido pela porta da frente com Eric. Sempre usávamos o estacionamento.

- Está tudo bem? – ele perguntou vindo até nós.

- Não se preocupe, está tudo bem. Ele apenas caiu, estou levando-o até meu prédio para pegarmos meu carro e então levá-lo ao hospital – Paulo respondeu.

- Precisa de ajuda? – o homem questionou.

PERIGOSAS

- Nós agradecemos, mas está tudo sobre controle. Ele consegue andar sem problemas – Paulo respondeu-lhe.

- Tudo bem – o porteiro falou abrindo a porta para que saíssemos.

Fazia um pouco de frio na rua e devido o horário, quase não havia pessoas ou carros passando. Foi apenas uma quadra que caminhamos até chegar ao prédio de Paulo, que parecia muito com o de Eric, mas para sua sorte, não tinha porteiro quando entramos.

- Vamos subir – ele disse abrindo o elevador para que eu entrasse. Paulo selecionou o 6º andar e poucos momentos depois já estávamos lá, no que parecia ser também o último andar do prédio.

Assim que entramos em seu apartamento, que era completamente decorado por móveis escuros e vermelhos, Paulo começou a rir.

NACIONAIS - ACHERON

- O que foi? – perguntei assustado.

- O que foi? – ele segurou meu rosto encarando nos olhos. - Iantozinho, nosso plano se saiu melhor do que esperávamos! Olha o estado que ele ficou; foi simplesmente perfeito. Merece até um beijo! – Paulo respondeu tascando um beijo em minha boca e em seguida correu até o sofá de couro negro, onde se jogou vitorioso.

- O que você vai fazer comigo a partir de agora? – questionei-lhe.

Estava muito preocupado com o estado de Eric, mas eu tinha que começar a ser egoísta e pensar mais em mim se quisesse me tirar de toda aquela situação.

- Claro que a única coisa para qual você serve, querido – falou voltando a me encarar. - Vou te comer todos os dias até cansar, enquanto imagino Eric sofrendo. Se eu não posso tê-lo, ninguém mais

terá – Paulo revelou com um sorriso estampado no rosto.

Capítulo 20

Paulo permitiu que eu dormisse em um dos quartos que tinha livre, após remover todos os telefones da casa e modem de internet, guardando-os numa espécie de cofre e claro, trancando-me ali.

“Pelo menos você terá agora um quarto de verdade. Está começando a melhorar de vida, garoto.” – ele ironizou antes de sair e me deixar ali, dizendo que me deixaria descansar aquela noite.

Levei um bom tempo encarando o quarto, que mesmo com uma cama de casal e móveis, televisão e banheiro não pareciam nada confortáveis para mim. E isso se devia o fato de quem agora era meu dono, ou acreditava ser. Pensei em revirar o quarto

em busca de algo que pudesse me ajudar na fuga, mas não tinha forças e duvidava muito que Paulo deixaria algo assim passar.

Deitado; a imagem de Eric descontrolando-se e depois me batendo, não saia da minha cabeça. Chorei muito. Sentia raiva de mim mesmo, de Eric e principalmente de Paulo. Simplesmente não conseguia entender como uma pessoa podia sentir-se feliz ao ver outra sofrendo. E pior ainda, alguém que claramente ele amava.

Depois do que havia acontecido, mesmo que achasse uma forma de contar a Eric que estava sendo manipulado por Paulo, dificilmente ele me perdoaria. Afinal, mais uma vez optei em mentir e esconder coisas dele, mas agora a coisa que havia ficado mais clara para mim, era de que não podia me permitir a continuar sendo um pertence de algum dos dois. Eu ia planejar uma forma de fugir

o quanto antes, não importando o que fosse necessário para isso.

Foram diversas horas revirando-me na cama com cobertor e travesseiros vermelhos, até que finalmente fui vencido pelo cansaço e consegui adormecer. Para minha sorte, naquela noite não sonhei nada.

Não passei muitas horas dormindo, até que fui acordado com alguém mexendo em meu pé. Quando olhei para baixo, vi Paulo amarrando-o ao pé da cama com uma corda. Quando tentei levantar da cama, não consegui e percebi que minhas mãos já estavam presas à cabeceira da cama. Eu estava completamente preso ali, sem possibilidades de me soltar.

- O que você está fazendo? – perguntei nervoso.

- Decidi brincar com você antes de ir trabalhar – Paulo respondeu subindo encima de mim e pegando

em meu pênis sobre a bermuda que usava, que estava duro devido a uma comum ereção matinal.

- Me solta, Paulo.

- Por que faria isso? Agora você é meu e tenho direito de amarra-lo se quiser. Direito de fazer qualquer coisa contigo – ele falou se inclinando e lambeu meu pescoço.

- Por favor, me solta – implorei nervoso.

- Já disse que não quero, Ianto. Agora fique caladinho que vai ser mais fácil para ti.

- O que você vai fazer comigo?

- Não sou do tipo que fala; sou do tipo que faz – Paulo respondeu saindo de cima de mim.

Observei ele tirar sua regata e cueca, que era somente o que estava vestindo, ficando completamente nu diante de mim. Seu pênis estava duro e apontando para cima.

- Não quero fazer nada agora, Paulo. Para, por favor!

- Quietinho.

- Claro que não! Me tira daqui! – gritei me debatendo, mas as cordas estavam muito bem amarradas e firmes.

Paulo, ignorando minha tentativa de me soltar foi até o guarda-roupa do quarto e pegou na última gaveta abaixo das portas centrais, uma caixa de madeira grande, revestida por veludo preto.

- O que é isso? – perguntei vendo-o trazer até a cama ao lado de meus pés. Ele abriu à caixa, mas não conseguia enxergar o que havia dentro.

- Algo que ajudará você a ficar caladinho – Paulo respondeu tirando de lá um tipo de mordaça com uma bola.

Ele veio até mim e a passou por trás de minha

cabeça e tentou posicionar a bola em minha boca, mas eu virava o rosto de um lado para o outro, tentando-o impedir de por aquilo em mim. Até que Paulo se irritou e me deu um forte tapa, que ardeu em meu rosto.

- Abre a boca – ordenou e eu fiz o que ele pediu por medo e já começando a chorar. Estava completamente vulnerável amarrado naquela cama.

Ele, então prendeu a mordaça com aquela bola em minha boca, que me impedia de falar ou gritar. Eu tremia de nervosismo e medo do que viria a seguir e as lágrimas escorriam sem parar por meu rosto. Eu queria muito que ele parasse, mas não havia o que ser feito.

Paulo voltou a ficar encima de mim e rasgou a camiseta que eu estava usando. De dentro da caixa, ele pegou uma tesoura e cortou minha bermuda e cueca, deixando-me completamente nu.

- Gosto mais assim – comentou observando e alisando meu corpo.

Eu tentava tirar aquela bola da minha boca com a língua, mas era inútil e com ela, era somente possível emitir abafados gemidos, enquanto Paulo faria o que quisesse comigo.

Ele novamente pegou algo dentro da caixa, uma espécie de aparelho preto pequeno, que eu não sabia o que era e voltou a ficar encima de mim. Ele então deslizou aquele objeto frio por meu corpo quente, causando-me arrepios desconfortáveis enquanto mordia seu lábio inferior.

- Você é muito gostoso, Iantozinho. Vai ser muito divertido brincar contigo todos os dias – Paulo falou me olhando nos olhos. Eu apenas tentava me debater e tirar ele de cima de mim. Sabia que era totalmente inútil, mas não conseguia aceitar a ideia de permiti-lo fazer aquilo comigo tão

facilmente – Isso pode doer um pouco, mas logo você se acostumará e começará a curtir – ele comentou posicionando uma das pontas daquele aparelhozinho preto em meu mamilo esquerdo.

Ele apertou um botão e eu me debati ao sentir um doloroso choque emitido pelo aparelho. Paulo sorriu satisfeito e seu pau pulsava e babava ao ver aquela cena. Ele estava completamente excitado em me submeter aos seus desejos doentios. Eu queria gritar, mas só me restava chorar enquanto estivesse a sua total mercê.

- Calma Iantozinho. Estamos começando – ele comentou posicionando o aparelho em meu mamilo direito.

Novamente me debati ao sentir o choque. Meu coração batia descontroladamente e chorava sem parar. Já Paulo, estava adorando ver-me naquele estado desesperado e completamente impotente.

Ele beijou meu peito e foi descendo aos poucos com sua boca em direção da minha virilha. O desespero já tomava conta de mim. Quando ele finalmente chegou aonde queria e posicionou o aparelho em meu pênis, tentei a todo custo me debater para que não acertasse o local, mas ele apenas prendeu minhas pernas com as suas, imobilizando-me.

- Isso vai ser delicioso. Aproveite! – ele comentou e pressionou o botão com o aparelho sobre a glande de meu pênis, que já estava flácido devido todo meu desespero.

Se não estivesse com aquela maldita mordaça na boca, teria gritado muito. Era uma dor instantânea horrível e uma sensação posterior que incomodava muito. Meu corpo todo tremia e parecia que eu ia ter um ataque cardíaco.

Após dar um forte tapa em minha coxa, ele deu

outro choque na cabeça de meu pau e contorci-me na cama, enquanto ele encarava meu membro como se esperasse que ele viesse a ficar rígido com aqueles dolorosos estímulos.

Após a terceira tentativa, Paulo curvou-se diante de meu pênis e começou a chupa-lo abocanhando-o completamente. A situação não podia ser mais horrível, ele estava abusando sexualmente de mim e ainda queria que eu me excitasse com aquilo.

- Mole não tem graça – comentou tentando me causar uma ereção.

Após alguns minutos, quando percebeu que não adiantaria, que eu não conseguia me excitar com o que estava fazendo comigo, ele posicionou entre minhas pernas e levantou meus quadris.

- Já que não consegue ficar duro, vou direto ao que importa, pois não posso atrasar. Preciso muito

ver em que estado Eric vai chegar ao trabalho hoje – ele falou posicionando seu pênis na entrada de meu cu.

Novamente tentei movimentar-me para atrapalhá-lo, mas ele prendia com força minhas pernas. Sentia uma pontada forte de dor quando ele tentou empurrar seu pênis dentro de mim e sua glande entrou. Meu ânus se contraiu tanto, que ele nem sequer conseguiu continuar a penetrar o restante de tão apertado que ficou. Era uma dor e ardência quase que insuportável.

- Relaxa Ianto, assim não vou conseguir meter em você – falou se esticando e pegando um frasco de lubrificante de dentro da caixa.

Paulo passou o lubrificante em seu pau e em seguida um pouco em mim.

- Agora não tem como não entrar – ele comentou posicionando novamente seu pau na

minha entrada.

Eu tremia e chorava sem parar, completamente revoltado com o que ele estava fazendo comigo. Mas, ele não parecia ligar e simplesmente empurrou todo seu pênis para dentro de mim com certa dificuldade, causando-me uma dor quase insuportável, que ele fez questão de ignorar para começar a meter em seguida em fortes estocadas.

A cada vai e vem de seu membro dentro de mim, parecia que estava sendo rasgado e ardia muito, mas ele acelerava cada vez mais enquanto me encarava nos olhos com aquele sorriso irritante no rosto. Como alguém podia sentir tanto prazer em causar dor emocional e física em alguém?

Paulo me fodeu no que pareceu serem horas, sem parar ou diminuir o ritmo. Eu estava tão desesperado e queria tanto que acabasse logo, que não consegui relaxar ou sentir prazer em momento

algum, o que resultou em dor constante.

Quando finalmente Paulo parecia estar perto de gozar, ele acelerou ainda mais o ritmo, enquanto dava tapas em meu peito que ficou completamente vermelho e ardido. Ele gemeu alto e em seguida ejaculou dentro de mim. Após manter-se parado por alguns segundos, ele finalmente tirou seu pênis e levantou-se.

- Cansei – comentou alongando-se – Mas foi muito bom. À noite fazemos mais – falou e tirou minha mordaça.

- Você é nojento – gritei e cuspi em seu rosto, que me encarou irado.

- Não devia ter feito isso – comentou limpando-se de minha saliva.

- Você que não devia feito isso comigo! – falei em prantos – Eu não sou um objeto! Você é um monstro!

PERIGOSAS

- Pode até ser, mas agora você é meu Ianto. E isso significa que irei fazer o que quiser com você, então tente aprender a curtir, porque não irei deixar de me satisfazer contigo só porque você não gosta.

- Isso é estupro! – gritei e ele riu.

- Independente do que seja, não adianta gritar para mim ou pedir ajuda. As paredes do apartamento são bem grossas e se me recordo bem, você não pode pedir ajudar da polícia. Então, aceite que agora essa será sua nova rotina – ele me encarou com aquele sorriso cínico estampado em seu rosto. - De qualquer forma, preciso ir trabalhar. Agora tenho um garotinho em casa para manter – falou dando tapinhas em meu rosto.

- Me solta! – pedi e ele riu virando-se.

- Soltaria se você pensasse bem antes de falar coisas horríveis – ele comentou saindo do quarto.

- Eu te odeio! – gritei com todas as minhas

forças, mas Paulo não pareceu se preocupar.

Ouvi o barulho dele se arrumando e logo após saindo do apartamento. Ele havia de fato me deixado preso a aquela cama como punição.

Meu corpo todo doía e ardia pela forma que ele havia me usado e só me restava chorar e gritar a manhã toda, preso a aquela cama, completamente revoltado e humilhado com a situação que havia sido submetido.

Foram várias agoniantes horas de espera e mesmo assim não sabia se queria que Paulo retornasse. Quando o vi entrar pela porta sorridente, vestido com seu terno e carregando sua pasta, senti meu batimentos cardíacos acelerarem de medo.

- Adivinha só? – ele perguntou completamente alegre.

- O que? – questionei com receio.

- Tenta adivinhar.

- Eu não sei, Paulo! Me diz logo.

- Seu sem graça – comentou fazendo biquinho e abrindo a pasta. De lá tirou o celular que controlava meu chip e meus documentos falsos – Eu finalmente sou seu dono oficial. Tinha que ver a cara de Eric; estava inconsolável e sendo grosso com todos. Fez até o secretário iludido chorar, mas no fundo ambos sabemos que logo Eric irá se consolar comendo o cu do novato. Mas me preocupo de livrar-me dele depois, agora vou comemorar essa conquista.

- Conquista? – perguntei rindo de nervosismo.

- Claro Iantozinho. Não foi nada fácil tira-lo de Eric, e até transferi o valor pelo qual ele te comprou. Ele não pediu, mas quis ser justo nesse sentido. Afinal, um milhão é bastante dinheiro até para nós – Paulo respondeu sentando-se ao meu

lado – E teve toda a chatice de ter que explicar pra Laurel que eu me tornei seu novo dono. Não sei se Eric te comentou, mas precisamos mantê-los informados de cada movimentação sua, por exemplo, quando viajamos, ele teve que avisa-los. Pois, te monitoram 24 horas por dia, e se suspeitarem de algo, mesmo sem qualquer denúncia nossa, eles podem agir. Então, estavam completamente paranoicos com o fato de você ter se distanciado em uma quadra da localização padrão que Eric informou que você ficaria. Mas graças a isso... – ele mostrou-me o aparelho – eu sou seu novo dono. Como não é um negócio legal, não podemos assinar contratos, mas esse aparelhozinho é o suficiente.

- Eric te deu assim fácil? – questionei desconfortável ao ver Paulo segurando o celular prateado.

PERIGOSAS

- Na verdade jogou sobre minha mesa de forma agressiva. Acho que vai levar um bom tempo até ele voltar a agir normalmente comigo, mas já deixou claro que nunca mais quer ouvir falar de você. Que havia concordado em vendê-lo respeitando nosso amor, mas não queria saber de nossa relação, pois não aguentaria mais sofrimento. Uma pena, afinal podia ficar falando o quanto nosso sexo foi maravilhoso e tudo mais, mas até que estou satisfeito por enquanto. Vamos com calma, não é mesmo?

Fiquei calado por alguns momentos sem saber o que dizer. Paulo não parava de admirar o aparelho em suas mãos.

- É tão incrível ter em mãos algo que define e controla a vida de uma pessoa. Fiquei até excitado – ele comentou lambendo o aparelho prateado e me encarando em seguida.

NACIONAIS - ACHERON

- Você poderia me soltar? – perguntei tentando soar calmo, mas sentia medo que ele quisesse fazer sexo comigo novamente. Eu tinha que jogar por suas regras se quisesse ter chances de fugir.

- Depende. Aprendeu a lição? Vai parar de falar coisas más para mim?

- Sim, prometo nunca mais falar nada parecido. Irei fazer tudo que você quer, mas, por favor, me solte Paulo – implorei.

- Tudo bem, vou te soltar. Você precisa de um bom banho, antes que eu queira usá-lo novamente; está fedendo – Paulo falou levantando-se.

Ele guardou o aparelho e documentos na bolsa e começou soltando as cordas de minhas mãos.

- Não preciso avisa-lo para não fazer nenhuma besteira, né? Seu olho está completamente roxo pelo soco de Eric, mas não serei tão gentil assim com você se tentar qualquer coisa estúpida. Não me

faça papel de idiota vingativo e tentar me matar, pois se deixar esse apartamento e não conseguirem contato comigo, você morre junto – ameaçou e eu concordei com a cabeça. Saber que a organização que me vendeu me monitorava a todo tempo, havia dificultado ainda mais a ideia de fugir.

Quando finalmente fui solto completamente, senti certo alivio em poder me mexer. Queria avançar em Paulo e soca-lo muito, mas me controlei, pois isso só pioraria as coisas e resultaria em punições piores.

- Posso usar o banheiro? – questionei.

- Sim, estarei preparando nosso almoço, então vou trancar a porta enquanto toma um banho – Paulo respondeu levantando – Vou levar isso, não quero que você jogue fora meus brinquedinhos – comentou pegando sua caixa e levando-a embaixo dos braços junto da pasta – Estou até animado

contigo aqui, Iantozinho. Sentia-me sozinho. - comentou me encarando e em seguida saiu fechando a porta.

Assim que ouvi o barulho da chave girando na fechadura, corri para o banheiro, onde me joguei diante do vaso sanitário e vomitei muito. O que eu estava vivendo, era pior do que havia imaginado que seria. Fiquei ali durante um bom tempo, até que finalmente tive forças para levantar e entrar no box, onde deixei que a água do chuveiro lavasse toda a sujeira ralo abaixo. Pela primeira vez em minha vida, estava sentindo nojo de meu próprio corpo.

Meu ódio por Paulo era tão grande que esfaqueá-lo não parecia tão má ideia, se realmente não fosse o fato de que não poderia sair de lá sem que a agência vendedora de pessoas notasse.

Quando sai do chuveiro, limpei o espelho embaçado que havia ali e encarei meu reflexo.

Estava com aparência horrível. Meu olho estava inchado e completamente roxo devido o soco que tomara.

Agora não havia outras opções, eu precisava ser forte e inteligente para me tirar daquela situação. Fugir seria bem mais difícil do que imaginava, mas não ia desistir da minha vida ou liberdade tão facilmente.

Capítulo 21

Os dias morando com Paulo passavam-se lentamente, mas já faziam pelo menos três semanas desde que me trouxera até ali.

Durante todo esse tempo, manteve-me trancado no quarto de hóspedes, que podia ser mais confortável e amplo do que o qual eu ficara, enquanto estava com Eric, mas que jamais me passaria segurança, pelo simples fato de que ele poderia entrar a qualquer momento, para fazer qualquer coisa comigo. Eu não havia como me defender ou impedir.

Havia uma janela, mas ele a selou para que eu não tivesse visão ou contato com quem passasse

nas ruas, então passei a ter pouco contato com a luz do sol. Minha pele que sempre fora clara, já havia se tornado absurdamente pálida, mesmo não fazendo tanto tempo desde as visitas à praia de Sarnaut.

O ponto que mais me incomodava, era que todos os dias me resumia apenas a sexo para Paulo. Para ele, fornecer prazer era minha única função. Além de que fazia questão de me amarrar ou imobilizar todas às vezes, pois era a prática que mais o excitava, acompanhada da exigência de chamá-lo de “mestre”, enquanto me intitulava como seu “escravo”. Também havia instalado no teto do quarto alguns aros, que era para amarrar cordas que usava para me suspender do chão com quase todo o corpo imobilizado, para então me comer à vontade.

Chicotes e outros aparelhos a fim de me causar

dor também eram frequentes. Meu corpo estava cheio de marcas ou cortes resultantes de seus fetiches, mas eu tentava ao máximo obedecer a suas ordens, a fim de minimizar o extremismo dos atos sexuais e agradá-lo, afinal poderia usar isso em algum momento a meu favor.

Tentava mais que tudo forçar a mim mesmo a aproveitar e gostar do que ele fazia, mas eram raras as situações que conseguia sentir prazer com aquilo, pois eu só conseguia sentir nojo e ódio de Paulo. Ele podia ser belo exteriormente, mas seu interior era podre e jamais conseguiria desejá-lo novamente, como um dia já desejara.

A cada novo toque ou humilhação vinda dele, a vontade de fazê-lo pagar por tudo que havia feito comigo só aumentava. Mas eu me controlava e permanecia calado para não piorar as agressões. Eu podia ser menor e não tão inteligente quanto ele,

mas ainda acharia uma forma de virar o jogo a meu favor, não importava o que fosse necessário.

A única coisa que podia fazer enquanto estava sozinho era assistir televisão, que só tinha meia dúzia de canais liberados para mim, escolhidos a dedo por Paulo, que se resumiam a canais de desenhos e documentários sobre o mundo animal. Ele também me deu um livro chamado "Entendendo a Síndrome de Estocolmo'', o qual me fez sentir-me furioso em primeiro momento, mas ao devorar aquelas páginas percebi que muitos aspectos do que havia vivido com Eric, realmente assemelhavam-se aos sintomas e causas da síndrome e isso me fez perceber que por mais que meu amor por Eric continuasse intenso, não devia retornar para ele se conseguisse fugir.

Eu ainda não o havia visto desde que fora trazido para ali e Paulo sempre relatava o quanto

ele havia perdido o ânimo e vivia com semblante triste no trabalho. Eric ainda não o havia perdoado, mas não queria desfazer a amizade achando que o motivo pelo qual Paulo me tomara era amor. A saudade que sentia por ele era crescente a cada novo dia ali.

Havia pensado em diversas formas de fugir, mas quase todas tinham algum ponto que inutilizavam o plano. A parte mais complicada era saber o que faria após sair dali, afinal a agência que me vendera tinha controle total da minha localização e não poderia voltar para minha família. E ir atrás de Eric estava definitivamente fora de questão.

Tentei de todas as formas fazer Paulo me contar onde o chip estava, mas fora inútil. A única informação que conseguira com ele, era de que o chip não era tão avançado tecnologicamente assim

para me controlar quando e como quisessem. O chip, na verdade, tratava-se de um pequeno mecanismo dentro de mim, capaz de emitir choques elétricos e com dois reservatórios. Em um desses com uma substância capaz de me paralisar, ao entrar em contato com minha corrente sanguínea e o outro com uma espécie de veneno que é capaz de me induzir a morte em menos de dois minutos. Claro, ambos podendo ser ativados somente uma vez. Se fosse necessário repor a substância paralisante ou recarregá-lo para emitir novos choques, os donos tinham que arcar com mais cem mil dizus.

Eu estava deitando assistindo a desenhos e com muita fome. Não eram raras às vezes em que Paulo me deixava sem alguma das refeições, a fim de fazer sexo comigo ou se ocupar no mundo exterior, então nunca sabia quando ele viria almoçar comigo,

mas naquele dia ele adentrou a porta do quarto animado.

- Cheguei, querido – anunciou parando em frente a mim.

- Oi – cumprimentei sorrindo. Ser agradável e fazê-lo acreditar que estava gostando de viver com ele, era meu principal objetivo nos últimos dias. Se eu fora capaz de mentir olhando nos olhos da pessoa que amava, era também capaz de mentir para a pessoa que mais odiava no mundo.

- Trouxe um presente para você! – Paulo falou e só então notei que carregava uma sacola.

Sentei-me na cama demonstrando animação, mas tinha receio que fosse um novo brinquedinho que usaria em mim. Nos últimos dias havia comentado a respeito de um cinto de castidade e desencorajei com todas as minhas forças, dizendo que não queria algo que me impedia de ter ereções.

PERIGOSAS

- Abra! – pediu entregando a sacola.

Encarei-o nos olhos e em seguida tateei o interior da sacola até encontrar uma caixa. Ao retirá-la percebi que era a embalagem de um perfume super caro e conhecido para mim. O perfume que Eric usava!

- Gostou? – Paulo questionou sorridente, enquanto eu encarava aquela caixa em minha mão. Aquilo era péssimo. Eu queria esquecer Eric e não seu cheiro em mim.

- Sim, mas esse é o perfume de Eric – respondi demonstrando meu incomodo.

- E qual o problema?

– Não queria lembrar o passado. Quero focar somente no que estamos vivendo no presente.

- Eu sei, mas gostaria muito que usasse – ele comentou acariciando meu rosto com os dedos.

NACIONAIS - ACHERON

Respirei fundo e tentei me concentrar no que devia ser feito.

- Tudo bem, então eu uso. Por você! – falei acariciando sua mão que estava sobre meu rosto.

- Obrigado – Paulo disse puxando-me para seu corpo e envolvendo-me em um abraço – Agora o passe; quero sentir o aroma – pediu e obedeci.

Afastei-me de seu corpo e abri a embalagem, largando-a sobre a cama. De lá, peguei o frasco cristalino com líquido azul celeste e borrifei por meu corpo. Paulo veio até mim e inalou a fragrância percorrendo seu nariz por meu pescoço. Ele parecia satisfeito.

- Maravilhoso – comentou.

- Por que escolheu essa fragrância?

- Pois assim, irei me sentir mais ligado a ele – Paulo respondeu e me empurrou na cama, onde caí

deitado.

Ele então retirou sua camisa e subiu sobre mim. Só então percebi que um dos motivos de ter escolhido a mim como instrumento de sua vingança, era porque eu havia estado com Eric. Havia feito amor com Eric e de certa forma, isso fazia com que Paulo sentisse-se conectado a ele quando me tocava. O perfume era apenas um meio de intensificar isso.

Era inevitável não recordar de quando Eric fizera algo semelhante comigo, numa tentativa de fazer com que eu o lembrasse de um amor perdido e isso somado ao aroma do perfume amadeirado, que exalava pelo quarto, dava-me vontade de chorar desenfreadamente, mas eu ia sorrir e fingir que estava tudo bem e dessa vez da maneira certa. A minha cota de erros já havia acabado.

Faria o impossível para fazer Paulo confiar e

acreditar em mim cegamente, para então traí-lo, como havia feito comigo e Eric.

Naquela tarde, transamos pela primeira vez desde que havia sido levado ali, sem o uso brinquedos ou cordas. Eram apenas nossos corpos nus e então pude relaxar a aproveitar um pouco o prazer carnal que seu falo era capaz de me proporcionar.

Ele colocou-me de quatro e me fodeu com vontade, enquanto me apertava na lateral da barriga, que era uma das partes mais marcadas em meu corpo. Era até bom poder conseguir sentir um pouco de prazer após tudo que estava vivendo, mas na primeira oportunidade que tivesse ou que Paulo abaixasse a guarda, o faria pagar por tudo.

***

Os dias foram se passando e a aproximação de Paulo por mim, era cada vez mais visível. Ele podia

não me amar, mas já demonstrava gostar de viver comigo, enquanto eu fingia já aceitar e gostar das práticas sexuais as quais me submetia.

Também aos poucos, ele estava se abrindo para mim. Ao contar um pouco de seu passado, eu de certa forma já conseguia entender os motivos de sua vingança, mesmo que não concordasse.

De fato, Eric sempre fora seu grande amor, mas Eric jamais conseguiu vê-lo além de um irmão que nunca teve. E cegado por seu amor, Paulo submeteu-se a uma quantidade absurda de situações dolorosas, a fim de ajudar ou consolar Eric, sem que o outro notasse que a pessoa que estava logo a sua frente, o amava mais que tudo.

Com o passar dos anos, Paulo foi percebendo que estava impedindo-se de viver ou entregar seu coração a outras pessoas, por ainda ter esperanças que pudesse ser notado. Até que cansou e desistiu

de tudo, escolhendo vingar-se para tentar amenizar a dor e as memórias tristes que Eric lhe deixara.

Afinal, se ele não podia ser feliz, faria tudo para que Eric também não fosse.

***

Em uma tarde, enquanto relia pela terceira vez o livro que Paulo me trouxera, fui surpreendido com ele destrancando a porta e entrando completamente furioso no quarto. Fiquei tenso na hora e soltei o livro no criado mudo, ao lado do abajur que tinha ali. Era inevitável não ficar nervoso, afinal quando as coisas não saiam como ele esperava no trabalho, sempre pegava mais pesado na dominação.

- Que ódio! – ele gritou irado jogando sua pasta de trabalho contra a parede e começou a andar de um lado para o outro no quarto.

- O que aconteceu? – perguntei encolhendo-me na cama.

- Eric! Ele quer se transferir para uma das nossas outras sedes, a fim de se afastar de mim – Paulo respondeu furioso e socou a porta em seguida. Sua mão cortou-se um pouco com o golpe, mas ele não parecia ligar ou sentir dor.

- Mantenha a calma, Paulo. Ficar assim não irá adiantar nada!

- Tem razão. Preciso pensar em um jeito de impedi-lo de fazer isso.

Ele continuava andando de um lado para o outro, respirando fundo e pensando em uma solução para o problema. Levantei receoso e fui em sua direção vagorosamente, para então segurar em seu braço.

Ele me encarou confuso.

- Quero que saiba que estou contigo – falei encarando-o no olho e sem gaguejar.

- O que você quer dizer com isso?

- Que já me esqueci de Eric. Você tinha razão a respeito da Síndrome e já percebo claramente que não o amava de verdade. Agora que sou completamente e somente seu, percebo o quão incrível é essa nossa relação de mestre e escravo. Sinto que o que estamos fazendo é único e por isso já me entrego a você somente por pura vontade. Então, se meu mestre está mal, quero que me puna até sentir-se bem novamente – respondi sem desviar meu olhar do seu. Oferecer-me para ser dominado com ele num estado como aquele podia não ser uma boa ideia, mas sem dúvidas iria fazê-lo confiar mais em mim.

Paulo parecia completamente surpreso e após alguns segundos sem dizer nada, avançou em minha direção e me beijou com vontade. Deixei que sua língua e lábios explorassem os meus e o

abracei, e aos poucos fui puxando-o para a cama, onde caímos um sobre o outro.

Paulo me beijava ferozmente e com muito desejo, enquanto suas mãos percorriam meu corpo sem parar. Eu retribua tudo na mesma intensidade.

- Eu não quero amá-lo – revelou entre nossos beijos, percebi que algumas lágrimas escorriam de seus olhos, mas não parou o que estávamos fazendo. Ele queria usar-me para esquecer-se da dor que estava sentindo.

- Então esqueça-o. Me ame! – falei mordendo seu pescoço, ele gemeu alto e me levantou mudando nossas posições, colocando-me sobre ele.

- Eu quero, mas não consigo – Paulo falou enquanto eu rebolava sobre seu pau que estava completamente duro. Eu o encarava diretamente nos olhos.

- Deixe-me ajudá-lo então – sussurrei e rasguei

sua camisa. Vários botões voaram pela cama e Paulo me encarou com um olhar surpreso e excitado.

- Como?

- Se entregue a mim da mesma maneira que eu me entrego a você. Deixe-me dominar seu corpo e coração! – arrisquei o pedido e Paulo pareceu receoso. Então, curvei-me sobre seu peitoral e sussurrei em seu ouvido algo que pudesse convencê-lo – Acho que estou te amando.

Ele me encarou surpreso, mas parecia ter gostado do que ouviu.

- Então vá em frente. Me domine! – falou decidido.

- Tudo bem então – concordei e arranhei seu peitoral definido com vontade e força, fazendo-lhe gemer de prazer e dor. Marcas avermelhadas se formaram instantaneamente ali.

- Isso! – ele gritou – Eu realmente mereço ser punido por me permitir amá-lo por tanto tempo, alguém que não me quer. Ele não me merece depois de tudo que me fez sofrer – Paulo falou e eu dei um tapa em seu rosto.

- Repete, mas agora da forma que eu quero ouvir – ordenei encarando-o nos olhos, como ele fazia comigo.

- Eric não me merece, mas meu dono sim. Então, puna-me até que eu seja capaz de amá-lo também.

- Bom garoto! Irei te disciplinar da forma correta – falei levando minha mão até o interior de sua cueca e apertando suas bolas com certa pressão.

Paulo se contorceu na cama enquanto emitia intensos gemidos.

- Quer mais disso? – questionei – Quer?

PERIGOSAS

- Sim – ele respondeu com dificuldade.

- Então implore para que eu continue – provoquei aumentando a força.

- Eu quero mais, mestre, por favor.

Dei um forte tapa em seu rosto e puxei seu cabelo trazendo-o mais próximo de mim.

- Não é o suficiente. Peça com vontade – ordenei e cuspi em seu rosto, para então dar um novo tapa que ardeu até mesmo em minha mão.

- Me puna, por favor, mestre. Eu fui um tolo em entregar meus sentimentos àquele homem e mereço ser punido a sua vontade – ele implorou apertando a lateral direita de minha barriga, enquanto mordia seu lábio inferior e encarava-me de forma submissa. Aparentemente ele gostava das duas posições; dominador e dominado e essa era a grande brecha que eu estava esperando. Eu ia puni-lo de uma forma que ele não ia gostar nada.

- Agora sim gostei do que ouvi... – falei me inclinando sobre Paulo. Ele fechou seus olhos ainda mordendo seu lábio inferior, enquanto gemia intensamente com os movimentos de minha bunda encaixada sobre seu pau, que pulsava de tão duro e excitado dentro da calça. - Mas sua punição precisa ser mais severa – sussurrei puxando com força o abajur sobre o criado mudo, enquanto ele permanecia de olhos fechados.

Aquela era minha chance e para minha sorte, o abajur soltou-se facilmente da tomada e sem pensar duas vezes, bati com força na cabeça de Paulo que abriu seus olhos surpreso. Ao por a mão em sua testa, percebeu que ela sangrava e antes que ele reagisse bati novamente. E novamente e novamente, até que eu tive certeza que ele havia de fato perdido a consciência.

Eu tremia de nervosismo, mas precisava ser

forte e por meu plano de fuga em ação, pois eu não teria novas chances futuras se essa falhasse.

Literalmente, era liberdade ou morte.

Capítulo 22

Saí de cima de Paulo tremendo e completamente nervoso. Fora a primeira vez que ele havia me permitido comandá-lo e não sabia quando isso voltaria a acontecer, então não podia perder a chance de tentar fugir.

Encarei durante alguns momentos a cena dele desacordado sobre a cama, com um enorme corte em sua testa, que sangrava sem parar. Ainda não conseguia acreditar que tive coragem de realmente fazer aquilo, mas agora precisava agir e fazer valer a pena.

Então, corri até sua pasta e a abri.

Lá estava o celular prateado com a função de

me controlar.

Ao manuseá-lo, tentei ao máximo procurar informações a respeito do chip, mas não havia um manual ou qualquer coisa do tipo para os donos de pessoas vendidas. Então, concentrei-me no rastreador, que era um mapa da capital, com três pontinhos de cores diferentes.

O vermelho e amarelo estavam juntos na localização onde estávamos, então presumia que era eu e o aparelho. O terceiro era de cor azul e se encontrava numa rua próxima ao centro. Só podia ser a localização da agência vendedora de pessoas. Ao clicar no pontinho surgiram informações de contato, confirmando isso: o número de telefone, localização e e-mail. Os malditos aparentemente usavam o nome de “Novos Horizontes – Agência de Intercâmbio” como fachada para os negócios ilegais que praticavam lá dentro. Quão irônico isso

podia ser?

Para não correr risco de Paulo acordar antes da hora, amarrei-o com as mesmas cordas que usara para me prender. Assim me sentiria mais seguro e conseguiria pensar melhor, sem temer que ele levantasse dali a qualquer momento.

Eu precisava agora me livrar do chip, para poder sair do apartamento. Podia não ter informações de onde ele estava, mas só conseguia pensar em um local e torcia muito que estivesse certo. Afinal, havia arriscado tudo naquela possibilidade.

Então, fui até a cozinha e peguei uma faca pequena, mas afiada o suficiente para o que precisava ser feito. Dirigi-me até o banheiro e encarei meu rosto no espelho; fazia muito tempo que meu semblante somente transmitia tristeza e sofrimento. Mas, eu tinha agora a chance de mudar

isso e não ia desperdiçá-la.

Minhas mãos tremiam e o coração quase saltava do peito de tão agitado, mas eu tinha que ir em frente. A forma que Paulo sempre me tocava na lateral da barriga e fazia questão de beijá-la, só podia significar que o chip estava ali. Tudo que me tornava vulnerável lhe excitava. Esperava mais que tudo, que eu não tivesse cometido mais uma decisão errada, pois essa não permitiria reparos.

Então, evitando pensar na dor e sem hesitar, após tirar minha camiseta, posicionei a ponta da faca na lateral direita da minha barriga e antes que pudesse pensar em desistir, empurrei-a causando o corte. Ao sentir entrando, urrei de dor e minha visão escureceu instantaneamente. Com uma mão segurei-me a pia, para tentar me estabilizar até que voltasse ao normal.

Quando consegui enxergar novamente, encarei

a visão de meu sangue escorrendo em direção minha perna e movi a faca mais um pouco, abrindo o corte num tamanho de quase três dedos. Não sabia exatamente onde estava o chip, então precisava explorar a maior área possível. A dor era intensa e agoniante, sentia muita vontade de parar, mas não havia volta. Agora mais do que nunca, eu precisava ser forte e corajoso.

Então, assim que joguei a faca na pia, levei meu dedo indicador para dentro do corte que abrira. A ardência e dor faziam-me chorar e gritar, mas mesmo assim explorei o quanto dava. A cada segundo a mais que só conseguia sentir algo que parecia ser gordura, mais desesperado ficava. Eu precisava encontrar o maldito chip!

Quando em um desses movimentos, senti algo pequeno e com superfície lisa, fui tomado por esperanças. Tentei tirá-lo de lá, mas não conseguia

movê-lo, pois meu dedo apenas deslizava por ele, então sem pensar duas vezes, inseri um segundo dedo e com um pouco de dificuldade consegui puxá-lo.

De fato, era uma espécie de pequeno chip retangular, dividido em duas cores, em um lado azul escuro e no outro preto. Ele era mais espesso do esperava. Ao balançar, pude perceber pelo peso que realmente no interior devia haver as substâncias que Paulo comentara comigo.

Joguei o maldito chip no vaso sanitário; era um alívio saber que ele não estava mais em meu corpo.

O corte em minha barriga doía e ardia muito.

Encontrei ali no banheiro uma maleta com kit de primeiros socorros, mas não era suficiente. Então, fui até a cozinha e peguei a primeira faca que encontrei. Liguei uma boca do fogão e a deixei sobre para esquentar. Limpei um pouco o ferimento

com um pano úmido e assim que a faca estava quente o suficiente, sem pensar duas vezes, encostei no corte. Imediatamente gritei e me contorci de dor, mas era necessário para que o sangramento estancasse. Não sabia quando poderia ir até um hospital.

Em seguida cobri com um pedaço de faixa e esparadrapo.

Assim que voltei para o quarto, vi que Paulo continuava desacordado. Vesti a primeira roupa limpa e sapato que encontrei. Peguei um papel e caneta em sua pasta, além de meus documentos falsos e anotei o endereço da agência de "intercâmbio" que havia me vendido e larguei o aparelho ali. Não queria que me rastreassem com ele, então busquei no bolso de Paulo seu celular e carteira, de onde consegui quase mil dizus em dinheiro.

Não iria levar mais nada, além disso. As péssimas memórias que me acompanhariam para o resto da vida já eram suficientes e definitivamente, não queria nada que fosse intensificar essas lembranças.

Antes de sair, encarei Paulo desacordado e completamente vulnerável diante de mim. Eu sentia muito ódio e vontade de pegar uma faca para fazê-lo pagar por tudo que havia me feito sofrer, mas ao mesmo tempo não queria me tornar alguém como ele.

Então, decidi sair pelo menos com a consciência limpa de que não havia feito nada de ruim, além do que era necessário para minha liberdade. Provavelmente seria mais fácil de seguir a minha vida sem o peso de ter matado um homem em minha consciência.

Vi em seu celular que ainda eram 15 horas da

tarde.

Desci tremendo de nervosismo pelo elevador, carregando a chave de Paulo comigo. Só queria o quanto antes por meu pé na rua.

Assim que cheguei ao térreo, o porteiro que havia ali me encarou desconfiado, afinal jamais havia me visto antes.

- Boa tarde – cumprimentei sorridente.

- Boa tarde, senhor – ele retribuiu com cordialidade.

Passei por ele tentando não demonstrar meu nervosismo e após abrir a porta com certa dificuldade, já que minhas mãos tremiam, saí do prédio. Ao colocar o pé na calçada e ver alguns carros e pessoas passando, senti um alívio muito grande. Eu havia conseguido!

Eu estava livre e agora só precisava concluir

meu plano o quanto antes.

Estar tão perto do prédio de Eric era tentador, mas não havia fugido de Paulo para abrir a mão de minha liberdade em seguida. Eu não ia permitir nunca mais alguém achar que era meu dono. Eu queria minha independência, então parei o primeiro táxi que passou na rua.

- Para aonde? – o taxista perguntou-me assim que entrei e sentei em um dos bancos de trás.

- Só um momentinho – pedi e peguei em meu bolso o pedaço de papel dobrado com o endereço que havia anotado – Na Rua da Independência. Bem pertinho da "Novos Horizontes – Agência de Intercâmbio".

- Sim, senhor – o homem falou e deu a partida em direção do destino.

Meu plano tinha tudo para dar completamente certo ou completamente errado, mas era necessário

correr o risco. Eu não tinha casa ou para onde ir e mil dizus não ia durar muito. Então, precisava muito descobrir se a agência que me vendera era realmente lá.

Quanto mais nos aproximávamos do local, mais minha ansiedade e nervosismo aumentavam significativamente. Talvez não fosse muito seguro chegar tão perto para confirmar, mas eu precisava ver com meus próprios olhos se o endereço estava correto, antes de dar o próximo passo.

Quando finalmente havíamos chegado à meia quadra do local e já conseguia enxergar o letreiro, pedi para que o taxista parasse ali mesmo.

- Aqui está ótimo – sinalizei e ele parou o carro ao lado da calçada.

- Muito bem. São 15 dizus.

- Pode ficar com troco – falei entregando-lhe uma nota de 50, que era a de menor valor que

conseguira na carteira de Paulo e sai do carro. Não tinha tempo a perder por 35 dizus. Cada segundo era importante agora.

- Muito obrigado – o homem gritou para mim de dentro do táxi.

Eu tentei andar calmamente no lado da rua contrário ao da agência, onde havia uma praça. Para não chamar muita atenção, sentei-me em um dos bancos que me dava uma boa visão, mas não estava tão exposto a quem estava lá dentro. Com a cabeça abaixada, fingindo estar mexendo no celular, comecei a observar disfarçadamente para lá.

Era um prédio de três andares e as portas do local eram de vidro. Podia ver claramente que tinham clientes reais sendo atendidos lá dentro por algumas mulheres e homens uniformizados, mas nenhum rosto era familiar para mim.

PERIGOSAS

Talvez estivesse errado e a informação no celular era apenas pra despistar a verdade localização, mas fiquei ali sentado sem deixar de observar quem saia ou entrava, por mais de trinta minutos, até que um carro luxuoso parou diante da agência e dele saiu Laurel, causando-me nervosismo e pânico. No mesmo momento, levantei e virei de costas adentrando a praça enquanto simulava uma ligação.

Ao virar a cabeça rapidamente, o vi entrando na agência, o que só confirmava que era ali realmente que ele vendia as pessoas.

Afastei-me algumas quadras do local e entrei em uma cafeteira que parecia ser frequentada somente por pessoas ricas. Uma das garçonetes até me encarou com cara feia ao analisar minhas roupas simplórias, mas ignorei e sentei em uma das últimas mesas.

NACIONAIS - ACHERON

Tinha bastante receio de alguém que me conhecia me visse pelas ruas, então estaria seguro ali dentro enquanto concretizava as últimas partes de meu plano.

Assim que a garçonete mal encarada veio até mim e me atendeu, pedi um café e uma fatia de torta de chocolate. Estava faminto, pois ainda não havia comido nada, mas o local só disponibilizava bebidas e sobremesas.

O corte em minha barriga ainda ardia e sabia que devia ir num hospital o quanto antes, mas ainda não podia. A prioridade era resolver o que faria de meu futuro depois de ter escapado.

Então, assim que comi um pouco da torta, peguei o celular de Paulo e disquei o número salvo de Eric que havia ali.

- Paulo? – a voz rouca de Eric surgiu do outro lado da linha, fazendo meus batimentos cardíacos

acelerarem.

- Não é ele – respondi e ele ficou calado durante alguns momentos.

- Ianto? Por que está usando o celular dele? – Eric questionou desconfiado.

- Eu roubei, após bater na cabeça dele com um abajur umas dez vezes e fugir – revelei sentindo as lágrimas surgirem.

Droga, eu ainda sentia muita falta de Eric! Mas, eu já havia sido forte suficiente para conseguir me livrar de Paulo e não voltaria a fraquejar, mesmo que amasse Eric. Minha liberdade viria acima de tudo.

- Você está falando sério? – Eric questionou assustado.

- Sim – respondi secando minhas lágrimas. Agora era outro momento em que devia ser firme.

- Ele está bem?

- Não sei, mas se eu fosse você, não ligaria muito para ele.

- Como assim?

- Outra hora explico direitinho. Agora não tenho muito tempo.

- Claro que não! Você está louco, Ianto? Eles podem te matar a qualquer momento! – ele gritou do outro lado.

- Não vão. Consegui tirar o chip com uma faca.

- Com uma faca? Você realmente está maluco. Onde você está Ianto? Levarei você ao hospital agora mesmo.

- Não precisa se preocupar comigo, eu estou bem. Não foi para isso que liguei.

Eric calou-se por alguns segundos.

- Você ligou por que então? – ele questionou

nervoso.

- Eu sei onde fica a agência que me vendeu e vou denunciá-la a polícia. E como a central fica somente a 20 minutos de lá, duvido muito que tenham tempo de esconder embaixo dos panos tudo que fazem lá dentro – revelei e Eric manteve-se calado sem fazer qualquer comentário. Podia ouvir a sua respiração pesada do outro lado – Liguei porque quero dois milhões de dizus. Um milhão que fora o quanto pagou por mim e mais um milhão que depois Paulo pagou para ti. Depois você cobra dele. Considere como uma forma de pagamento de aluguel pelo tempo em que acharam que podiam me usar a vontade.

- Você só pode estar brincando – Eric comentou do outro lado.

- Definitivamente não estou brincando, Eric. Você tem apenas duas horas para criar uma conta

bancária no nome que está nos documentos falsos que conseguira para mim e depositar 90% do valor que pedi nela. Você é influente e poderoso o suficiente para conseguir isso sem dificuldade alguma. O restante preciso que você me traga em dinheiro vivo, se não...

- Senão o quê? – ele perguntou com voz de quem estava chorando.

- Eu denuncio ambos junto da agência. Pode não haver contratos em seus nomes lá dentro, mas vocês viajaram comigo. Dormimos no mesmo quarto, Eric. Se eu comprovar à polícia que esses documentos são falsos e que fora vendido a vocês, serão executados juntos de Laurel e seus empregados – ameacei com voz firme.

- Você está blefando. Você morreria conosco.

- Sim, morreria. Mas, diferente de vocês, eu não teria muito a perder com isso. Jamais poderei voltar

a viver com minha família em Alendor, mesmo com esses documentos falsos. O dinheiro que consegui na carteira de Paulo, serve para quase nada e é muito perigoso para mim andar pelas ruas, pois corro risco de ser reconhecido e denunciado por forjar minha morte. Então, definitivamente não estou blefando e se for para eu morrer, levo os dois comigo. Dois milhões é muito pouco, comparado a tudo que me fizeram passar e sofrer, então você tem duas horas a partir de agora Eric, para me trazer um cartão com um milhão e oitocentos mil dizus depositados e duzentos mil em espécie.

Eric ficou em silêncio durante alguns momentos e aguardei pacientemente que ele me respondesse.

- Achei que você tivesse sido feliz comigo durante um tempo – ele comentou em um tom de voz de cortar o coração.

- Eu fui Eric, muito feliz mesmo. Mas, durante

esse tempo em que fiquei com Paulo, tive tempo para pensar e refletir o que vivemos juntos e o fato é que, por mais que você tenha me amado e tratado gentilmente, você me comprou Eric! Isso é simplesmente horrível, independente do contexto e muitas vezes, você me tratou como se eu realmente fosse sua propriedade, além de que tentou abusar sexualmente de mim e me agrediu mais de uma vez. Isso se não for contar o principal: você me mantinha trancado em um quartinho! Eu podia ter enlouquecido! Isto é, se já não estivesse sofrendo de Síndrome de Estocolmo. Então, eu tenho sim o direito de cobrar esse dinheiro de você para não denunciá-lo.

- Tudo bem, você tem razão – Eric falou com voz trêmula e chorosa – Irei providenciar suas exigências. Aonde te encontro para entregar os duzentos mil dizus?

- Cafeteria Divino Café, a quatro quadras da agência vendedora de pessoas – respondi.

- Tudo bem, sei onde fica. Logo estarei aí.

- Estarei a sua espera – falei e desliguei a ligação em seguida.

Meu coração estava em pedaços e sentia vontade de chorar, mas me permitiria a isso somente após concretizar meu plano. Então, voltei a comer o restante da minha torta de chocolate, que finalizei com poucas colheradas.

Chamei a garçonete mal encarada e pedi outra com dobro do tamanho. Quando ficava nervoso e ansioso, comer sempre me ajudava.

Ao olhar a tela do celular, calculei que Eric teria até às 19 horas para me encontrar trazendo o dinheiro. Senão, ao invés de denunciar através de uma ligação, iria presencialmente até a polícia entregar todo o esquema. Eu havia dado uma

escolha a Eric e estava falando sério. Então, torcia muito que ele escolhesse certo.

Capítulo 23

Aguardei impacientemente Eric, enquanto sentia-me muito quente; o corte em minha barriga me preocupava muito, mas não tinha outra opção além de esperar.

Novos clientes entravam e saiam da cafeteria e somente eu permanecia lá. Achava que a qualquer momento a garçonete mal-encarada podia querer me expulsar dali. Toda vez que levava meu olhar para o balcão, ela me olhava com desdém. Ninguém nunca a havia ensinado que era feio julgar as pessoas pelas vestes? Isso, somado à espera, só me deixava mais ansioso e nervoso.

Olhava no celular o horário a cada minuto e eles

pareciam cada vez mais longos. Perguntava-me se Paulo já havia acordado. Queria muito ver a cara dele ao perceber que estava machucado e preso à cama, sem a possibilidade de levantar-se de lá. Podia não ser a vingança que tanto desejei, mas sem dúvidas ele ia aprender algo após tudo isso.

Quando finalmente deu o horário máximo para que Eric viesse a meu encontro e ele ainda não havia chegado, senti meu coração acelerar e tremia de nervosismo. E se ele tivesse escolhido me trair? Escolhido avisar Laurel sobre o que eu estava prestes a fazer, para terem tempo de se livrarem das evidências e no momento que eu saísse da cafeteria, me eliminassem de uma vez por todas?

Queria muito acreditar que Eric não seria tão cruel assim, mas de repente, já eram cinco minutos que se passaram sem que ele chegasse, mas tentei manter a calma e decidi dar-lhe mais alguns

minutos.

Dez minutos se passaram.

Quinze minutos se passaram.

Vinte minutos se passaram.

Tentei ligar para ele, mas não atendeu.

Tentei uma segunda vez e nada.

Tentei uma terceira e também não obtive sucesso.

Eric não viria.

Minhas mãos tremiam tanto que sequer conseguia segurar direito à xícara de chá que havia pedido. Eu realmente estava sentindo medo de sair da cafeteria e haver alguém me aguardando lá fora com o objetivo de me eliminar. Mas não era um momento que podia hesitar. Precisava cumprir com minha palavra e ir denunciar a todos, mesmo que eu fosse executado junto. Não queria que ninguém

mais passasse pelas coisas que eu fora submetido. Ser tratado como um escravo ou objeto, não era tão melhor que a morte como eles diziam.

Então, quando senti que não havia mais motivos para esperar, juntei forças e coragem e levantei dali. Eu ia até a delegacia acabar com aquilo. Assim que comecei a caminhar em direção ao caixa, surpreendi-me com Eric entrando na cafeteria. Senti um alívio instantâneo ao vê-lo adentrando o local e ele pareceu sentir o mesmo.

- Ainda bem que você ainda está aqui – ele comentou pegando em meu braço e encarando-me nos olhos.

- Foi por pouco, já estava desistindo de esperar. Atrasou muito e sequer atendeu a minhas ligações – falei sentindo minhas pernas fraquejarem. Fazia tanto tempo que não o via, que não conseguia lembrar o quanto sua presença me afetava.

- Eu perdi meu celular com toda essa correria, mas... – ele levantou uma pasta que carregava, e me entregou – Aí está o dinheiro e aqui o cartão – informou entregando-me um cartão platinado – Não foi tão fácil conseguir isso neste horário, mas aí está.

- Obrigado Eric – agradeci sem desviar meu olhar do seu.

- Não vai conferir?

- Confio em você.

Eric forçou um sorriso.

- Agora que conseguiu o queria, o que irá fazer? Para onde vai? – questionou-me com os olhos começando marejar. Ele parecia prestes a me agarrar a qualquer momento, para não me deixar ir embora.

Ao mesmo tempo em que queria sair dali o mais

rápido possível, para não fraquejar e desistir de meus planos, sentia que era necessário conversar com Eric e esclarecer algumas coisas antes de dar adeus.

- Que tal tomarmos um último café juntos? – sugeri também começando a chorar.

- Claro – Eric concordou abrindo um sorriso triste e fomos até a mesa em que eu estava sentado, onde ele sentou-se diante de mim.

Ambos limpamos nossas lágrimas e fiz sinal para a mal-encarada vir nos atender. Ela pareceu surpresa com Eric ali comigo, provavelmente tinha o visto em alguma revista e agora devia estar se martirizando por ter me encarado daquela forma nojenta durante todo o tempo em que eu ficara ali.

- Cappuccino para ambos – pedi a ela.

- Só um momentinho – ela falou sorridente e voltou até o balcão para prepará-los. Falsa!

- Você está bem? Está um pouco vermelho – Eric perguntou preocupado.

- Estou bem – menti. Sabia que não podia perder aquele tempo, mas jamais me perdoaria se não tivesse aquela última conversa com ele.

- Você disse que tirou o chip com uma faca. Isso é mais perigoso do que pode imaginar!

- Eu estou bem Eric, juro. Apenas tome esse último cappuccino comigo, por favor...

- Tudo bem – falou vencido.

- Como você está? – perguntei. Queria muito saber como ele havia ficado durante todo aquele tempo separado de mim.

- Sofri muito...

- Eu sei, eu também.

- Como assim Ianto? Você foi morar com quem você amava. Sequer consigo entender o porquê

disso tudo. Por que você fugiu dele, se era sua vontade ficar juntos?

Eu ri do que ele havia falado, mas me controlei assim que a mal encarada trouxe nossos cappuccinos.

- Precisam de algo mais? – ela perguntou sorridente e se oferecendo para Eric.

- Não precisamos; rala daqui garota. Se precisarmos de algo, chamamos – falei de forma fria para ela, que fechou o sorriso falso e voltou para o balcão sem dizer nada.

Eric encarou-me surpreso e eu respirei fundo para tentar voltar ao assunto.

- Eric, eu nunca amei Paulo. Sempre foi você.

- Então por que você disse que o amava e me largou? – ele questionou confuso.

Fiz uma longa pausa preparando-me

psicologicamente para contar a verdade a ele. Provavelmente ia terminar de esmagar seus sentimentos, mas ele precisava saber. Então, quando senti que tinha forças para fazer aquilo, voltei a falar.

- Durante o tempo em que acreditei nas mentiras de Lucy, eu fiz uma besteira bem grande. Talvez não seja o momento mais agradável para descobrir isso, mas eu te traí Eric. Fiz sexo com Paulo em Sarnaut, enquanto você estava em reunião com o dono da Lauzon. Queria muito me vingar de você na época – revelei e Eric voltou a chorar – Então, quando eu descobri que Lucy estava mentindo o tempo todo, me senti muito mal por isso. Eu havia sido completamente injusto contigo! Mas, o pior aconteceu em seguida. No mesmo dia em que você pediu ajuda de Paulo, para conseguir alguém que matasse Lucy, ele invadiu o

apartamento com as chaves que ela lhe dera e revelou para mim, que havia sido ele que tinha pedido que Lucy mentisse e me manipulasse. Eles tinham um acordo, aonde ela o ajudaria a me tirar de você em troca de dinheiro. Mas como o plano deu errado, ele decidiu me chantagear com violência e filmagens de quando havíamos transado, para que eu lhe dissesse aquelas coisas sobre amar e querer morar com ele – Eric ouviu tudo completamente chocado e sem reação.

- Por que ele fez isso? – questionou confuso.

- Paulo sempre te amou, Eric. E não como um amigo ou irmão, como você o ama. Ele nutriu esse sentimento de amor durante muito tempo, sem perder a esperança de que um dia você notaria que a pessoa que mais o amava, estava ali ao seu lado o tempo todo. Mas, com o passar do tempo, você foi se relacionando com outras pessoas e foi

envolvendo-o nisso, sem perceber que estava fazendo-o sofrer intensamente. Até que chegou um ponto em que ele não aguentou mais. Que percebeu que você jamais o amaria da mesma maneira e que isso significava que havia sofrido muito tempo por você em vão. Então, ele queria vingar-se de você tentando-o impedir de ser feliz a qualquer custo, mesmo que significasse tirar-me de você.

- Isso é horrível! Por que você aceitou essa chantagem? Por que não me contou a verdade? – Eric questionou chorando desenfreadamente e sem ter tocado em sua xícara.

- Fiquei com medo da sua reação. Ele disse que faria de tudo para convencê-lo a me eliminar e eu sabia que era capaz disso.

- Por isso você começou a chorar quando disse que se você voltasse a me magoar, era capaz de me livrar de você.

PERIGOSAS

- Sim...

Ele riu nervosamente durante alguns segundos.

- Eu não estava falando sério, Ianto. Disso aquilo para assustá-lo e fazê-lo pensar melhor, antes de fazer escolhas que comprometessem a nós dois – revelou.

- Entendi, mas aquilo me assustou muito Eric! Então, parecia ser mais viável aceitar a chantagem de Paulo e tentar escapar depois.

- Agora sim faz sentido você ter fugido daquele filho da mãe.

- Sim, os dias com ele eram horríveis e tive que passar por muitas coisas que gostaria de esquecer, mas agora estou livre – acrescentei "se conseguir sobreviver até o fim do dia" mentalmente.

- De que coisas você está falando?

- Não se preocupe, não importa mais agora.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Claro que importa! Me diga o que ele fez contigo, Ianto! – Eric pediu quase gritando, ele realmente queria saber.

- Tudo bem – concordei e respirei fundo. - Digamos apenas que ele não era tão carinhoso quanto você e às vezes não se importava muito se eu queria ou não fazer sexo com ele – falei ficando em pé e levantando a minha camisa para mostrar as marcas, cortes e hematomas causados por Paulo, além do que eu mesmo fizera para retirar o chip. Eric revoltou-se ao ver aquilo.

- Eu não acredito que pensei em mandar alguém no apartamento dele para ajudá-lo. Assim que eu vê-lo novamente, vou matá-lo com minhas próprias mãos! – Eric falou completamente irritado.

- Calma, Eric! Não estraga sua vida por conta dele, você estará dando-o exatamente o que ele quer – falei pegando em seu braço.

NACIONAIS - ACHERON

- Ele não pode sair impune disso, Ianto!

- Então, apenas dê uma boa surra nele e depois consiga um jeito de nunca mais ter que vê-lo, mas não faça besteiras. Mesmo que eu tenha o chantageado, não quero que você morra.

- Uma boa surra? Eu o farei ficar sem dentes! Não acredito que ele teve coragem de te machucar desta forma – Eric falou chorando de raiva.

- Eric, por favor, acalme-se. Até você também chegou a me bater.

- Tem razão – ele comentou cobrindo a boca com a mão – Me desculpa, Ianto. Eu pirei completamente quando ouvi aquelas coisas. Vocês estavam me dizendo que não poderia mais viver com o homem que eu amava! Não consegui controlar meu ódio, tristeza e frustração.

- Eu te perdoo, não se preocupe.

- Obrigado – ele agradeceu já se acalmando.

- Então você realmente me amou? – questionei encarando-o nos olhos.

- Ainda amo, Ianto. Por favor, não vá! – Eric implorou segurando minhas mãos.

Fiquei calado durante alguns momentos, observando os sentimentos de Eric desmoronarem, juntos aos meus.

- Desculpa Eric, mas realmente preciso ir embora. Eu não posso mais viver preso ou me escondendo da polícia, isso não é vida. Você mesmo me disse que eu precisava amadurecer e isso só será possível quando eu voltar a ter uma vida de verdade.

Eric tentou limpar um pouco as lágrimas de seu rosto, mas elas escorriam sem parar por seus olhos.

- Para onde você vai? – questionou.

PERIGOSAS

- Vou confiar nas previsões da sua empresa e irei morar e investir esse dinheiro em Sarnaut. Quem sabe um dia não fique tão rico quanto você? – respondi forçando um sorriso, enquanto meu rosto também se inundava de lágrimas. Não imaginei que seria tão difícil me separar de Eric e a sensação que eu tinha era de que estava deixando uma parte muito importante de mim para trás, mas eu precisava dessa separação para conseguir seguir adiante.

- Estarei torcendo por sua felicidade, Ianto. Muito obrigado por toda a felicidade que me proporcionou durante o tempo em que ficamos juntos! Ela, sem dúvidas, foi mais intensa do que todo o sofrimento que infelizmente tivemos que enfrentar, pois independente do que você acha, para mim, nosso amor sempre foi e sempre será puro e real.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Eu te amo, Eric! – disse sentindo o chão em torno de mim desmoronar.

- Também te amo, Ianto! – ele retribuiu. Como eu amava ouvir aquelas palavras saindo de sua boca.

Sentia que podia fraquejar e desistir de tudo a qualquer momento, então me levantei rapidamente antes que o fizesse.

- Preciso ir – anunciei.

- Você precisa ir a um hospital, seu corte parece sério.

- Eu irei, mas quando chegar à Sarnaut. Não posso arriscar ser pego Eric; não depois de tudo que fiz para conseguir fugir.

- Então deixe-me levá-lo até o aeroporto – ele levantou-se rapidamente e ofereceu-se.

- Não! Preciso fazer isso sozinho.

NACIONAIS - ACHERON

- Tudo bem – ele disse triste. - Mas, posso pelo menos ter um último beijo seu? – Eric questionou-me sem piscar ou desviar seu olhar do meu.

Calei-me durante alguns segundos.

- Não, Eric – respondi e ele pareceu abalar-se ainda mais.

- Por que não? – questionou confuso.

- Se eu beijá-lo agora, talvez não queira mais ir embora, só que eu realmente preciso disso. Preciso muito da minha liberdade, então, adeus Eric!

- Adeus, Ianto! – a voz de Eric despindo-se de mim fez meu coração quebrar-se em pedacinhos.

Eu então observei pela última vez o homem que amava e após pegar a pasta com dinheiro que me trouxera, virei-me de costas para ele e caminhei em direção à saída sem hesitar ou olhar para trás.

Ao passar pelo balcão onde estava a mal

encarada, deixei sobre ele duas notas de cinquenta dizus e deixei a cafeteria com o coração em pedaços.

***

Após tentar me acalmar e controlar as lágrimas, peguei um táxi que estava estacionado próximo à praça e pedi para que me levasse até o aeroporto.

Não conseguia acreditar que após ter sido preso por furtar comida, vendido como se fosse uma propriedade e usado incansavelmente como um escravo sexual, estava agora dando a volta por cima, deixando Alendor com dois milhões de dizus.

Só faltavam duas coisas a serem feitas e estava completamente ansioso para concluir minha vingança, que de todas que havia planejado contra Eric ou Paulo, essa era a mais justa.

Então, assim que o taxista deixou-me no aeroporto e comprei minha passagem para Sarnaut,

peguei o celular de Paulo e disquei o número da polícia.

- Departamento de polícia da capital – uma voz masculina atendeu.

- Boa noite, gostaria de fazer uma denúncia.

- Poderia se identificar primeiro, senhor?

- Claro. Chamo-me Paulo Latron – respondi mentindo. Como estava usando seu celular e não queria ser barrado antes de embarcar, era a melhor coisa a ser feita.

- Tudo bem senhor, Paulo. Qual a denúncia?

- Na Rua da Independência, há uma agência de intercâmbio chamada "Novos Horizontes", que serve como fachada para um comércio ilegal de pessoas – revelei.

- Está se referindo a tráfico de pessoas?

- Exatamente.

- Tem certeza disso, senhor? É uma acusação muito séria e se verificarmos que não é real, poderá ser penalizado – o homem questionou e pude ouvir muitas vozes ao fundo. Ele já devia ter sinalizado a todos a respeito da ligação.

- Absoluta – respondi sem hesitar.

- Muito bem. Estaremos indo verificar a veracidade do fato agora mesmo, peço que se mantenha próximo ao seu celular, para que possamos entrar em contato se necessário. Nossa equipe também, logo estará lhe rastreando. Então, pedimos que mantenha-se na cidade.

- Claro, muito obrigado – disse e encerrei a ligação em seguida.

Senti-me ótimo após aquilo, psicologicamente falando, pois fisicamente estava péssimo. Era como se agora sim eu pudesse seguir em frente sem arrependimentos. Então, joguei o celular numa

lixeira próxima e me dirigi até a área de espera de voo. Para minha sorte, os voos noturnos para Alendor não costumavam encher e consegui uma cadeira pro próximo avião, que chegaria em menos de uma hora.

Enquanto esperava, foi inevitável não me lembrar de tudo de bom e ruim que acontecera comigo. Eu teria que aprender a lidar com essas memórias. Mas, para minha sorte, as memórias felizes que tivera com Eric, assim como ele havia dito, pareciam ser mais fortes que qualquer outra.

Mas, uma nova vida para mim estava prestes a começar e devia focar no presente e futuro.

Focar em ser feliz.

E era exatamente o que ia fazer.

****

Dormi durante toda a viagem e continuava me

sentindo fraco e muito quente. Fora acordado somente com o anúncio de que havíamos chegado. Então, após descer com a pasta com dinheiro, chamei um táxi e pedi que me levasse imediatamente para o hospital mais próximo.

Lá eles trataram meu ferimento da maneira correta e me mantiveram sobre observação durante o resto da noite. No dia seguinte, já me sentia melhor e fui liberado pelo fim do dia com uma lista de remédios a serem tomados. Testei o cartão que Eric havia me dado para pagar o hospital e estava funcionando corretamente.

Decidi hospedar-me no hotel em que eu, Eric e Paulo tínhamos ficado, até resolver o que faria com todo aquele dinheiro.

O calor era intenso em Sarnaut e assim que entrei no hotel, o mesmo recepcionista que nos atendera da última vez, pareceu surpreso ao me ver

ali sozinho.

- Boa noite. Em que posso ajudar?

- Gostaria de um quarto, se houver algum disponível.

- Claro que temos.

- Ótimo – disse entregando-lhe meus documentos.

- O mesmo quarto que você ficara da última vez, está disponível se quiser – o recepcionista sugeriu olhando em seu sistema.

- Não, obrigado. Não tenho boas memórias desse quarto – falei e ele sugeriu outro, que aceitei prontamente.

Subi pelos elevadores até meu quarto e assim que cheguei, a primeira coisa que foi abrir a pasta. Lá estavam os duzentos mil que pedira.

Não havia suspeitado em qualquer momento

que fora enganado por Eric, mas era ótimo ver com meus próprios olhos que agora poderia viver sem nunca mais precisa furtar ou passar necessidades. Além de que, claro, aquele dinheiro valia muito mais que a moeda de Sarnaut.

Queria voltar a descansar antes de dar inicio a minha nova vida, mas ainda faltava a última coisa a ser feita. Então, fui até o telefone e disquei o número que jamais esqueceria.

O número de telefone da minha casa.

- Alô? – a voz de minha mãe surgiu do outro lado e eu comecei a chorar instantaneamente.

- Oi, mãe – falei e houve silêncio.

- Ianto? – ela questionou com voz trêmula.

- Sim, mãe. Sou eu, Ianto e não sou um fantasma – respondi e pude ouvir seu choro desenfreado ao outro lado, além da voz de meu pai

perguntando o que estava acontecendo.

- Eu não entendo! Disseram-nos que estava morto.

- Isso é uma longa história, mas prometo contar tudo quando chegarem. Então, comecem a arrumar as malas e preparem-se para viajar de avião pela primeira vez. Pois, uma nova vida está prestes a se iniciar para nossa família – anunciei.

Epílogo

06 de abril de 2026, Costa Dourada — Sarnaut

Os anos se passaram tão rapidamente que mal acreditava que já faziam cinco anos desde o dia em que fora preso e vendido. A minha denúncia sobre a agência vendedora de pessoas fora um escândalo enorme na mídia mundial, mas a polícia só conseguiu punir os funcionários de Laurel e ele. Além de não conseguirem identificar os policiais que ajudavam, todos os compradores tinham suas identidades protegidas com a inexistência de documentos e eu presumia que tinham se desfeito dos aparelhos, afim de não serem rastreados posteriormente.

PERIGOSAS

Questionava-me frequentemente sobre o que haviam feito com os outros garotos vendidos, mas nada de bom me vinha à mente como resposta para essa pergunta.

Sabia que com a minha decisão de denunciar Laurel, muitas pessoas haviam sido mortas, mas independente da rígida Lei Anti-Criminalidade de Alendor, o que eles faziam era horrível e imperdoável. Não queria nem imaginar o que outros garotos tiveram que passar com seus donos; eu tivera sorte em ter conseguido fugir.

Desde que me mudei para Sarnaut e consegui finalmente rever minha família, as coisas progrediram muito. O dinheiro que conseguira com Eric, ajudou-nos imensamente. Primeiro fomos em busca de bons médicos para curá-la e, em seguida, utilizamos para abrir nosso próprio negócio: um restaurante de comida tradicional Alendoriana.

NACIONAIS - ACHERON

Não tínhamos conhecimento suficiente para investir em negócios maiores, mas minha mãe sempre fora uma ótima cozinheira e, para nossa surpresa, fui um sucesso imediato. Nem acreditamos quando em menos de três anos, conseguimos abrir um segundo e viramos referência nas revistas gastronômicas do país.

Como Eric previra, Sarnaut havia se recuperado da crise e voltou a ser ainda mais forte economicamente do que um dia já fora. E devido isso, o dinheiro que havíamos levado já havia quase triplicado.

Também ingressei na faculdade, onde cursei Psicologia. A ideia de poder ajudar outras pessoas que sofriam com algum de tipo de problema me fascinava e claro, me ajudava a esquecer dos meus.

Foi completamente difícil para eu acompanhar a todos, que tinham conhecimentos básicos

superiores ao que eu recebera em Alendor, mas me dediquei ao máximo, chegando a passar diversas noites acordado estudando para atingir meus objetivos no curso.

Eu queria muito me tornar um psicólogo e agora estava a poucos passos disso. Todo o esforço e lágrimas havia valido a pena.

Assumo que a parte mais estranha disso tudo foi ver um nome que não era realmente o meu no diploma, mas tinha que aceitar que eu não era mais Ianto Wiese. Esse Ianto estava morto em Alendor, agora eu era Ianto Kipfer, como dizia minha documentação falsa.

Encarei o salão da festa de formatura já cheio de pessoas.

Quase todos meus colegas ou amigos já estavam ali, divertindo-se e comemorando nossa conquista. Era estranha a ideia de que a partir

daquele momento, não os veria todos os dias, mas o que mais me incomodava era um vazio interior que sentia constantemente, mas que estava mais forte naquela noite.

Não entendia o motivo disso, tudo estava dando certo.

Rafael, meu melhor amigo e quem mais me ajudou naqueles últimos anos, veio até mim trazendo-me uma taça de espumante.

— Obrigado — disse pegando-a.

— Você devia estar mais animado, Ianto. Foram mais de quatro anos de esforço e nós conseguimos vencer todos os desafios e dificuldades.

Forcei um sorriso para Rafael e ele não parou de me encarar com seus olhos tão negros quanto seu cabelo, perplexo com meu desanimo. Assim como quase todos, ele era bem mais alto que eu e

tinha um excelente físico. Eu sempre fora e seria o magrelo da turma. Não conseguia ter força de vontade para fazer academia e, para minha sorte, não engordava comendo.

— Sério, anime-se — ele insistiu dando um soco fraco em meu braço.

— Tudo bem, você tem razão. Não tenho motivos para ficar desanimado, está tudo dando certo, não é mesmo? O problema é que tenho essa sensação de que falta algo que preciso conquistar e não entendo o que é.

— Não fique assim, você ainda irá conquistar muitas coisas Ianto. Acabamos de nos formar e não duvidaria nada se você se tornasse um dos principais psicólogos do país daqui a alguns anos. Você sempre fora o que mais se esforçou no curso, tanto é que sempre fora o favorito de todos os professores.

— Eu tinha que me esforçar, Rafael. Jamais teria a oportunidade de cursar uma faculdade em Alendor e sei que meu irmão também irá se dedicar ao máximo quando ingressar em Direito, que é o curso com que ele tanto sonha. É nossa obrigação aproveitar bem a oportunidade que estamos tendo aqui.

— Não entendo por que fala essas coisas. Por mais que Alendor seja um país rígido e tenha muita gente pobre. Se você fosse uma delas, jamais teria conseguido vir até Sarnaut, abrir um restaurante com sua família e cursar em uma das faculdades mais renomadas do país. Você não tinha como ser de uma casta baixa — Rafael comentou encostando-se a parede. Fiz o mesmo.

— Sim, você tem razão, não era de uma casta pobre — menti.

Jamais tinha contado a ninguém além de minha

família sobre o que acontecera comigo cinco anos antes. E mesmo para eles, ocultei muito do que havia passado. Principalmente o que Paulo me fizera.

Para eles, eu havia fugido de Eric.

— Então, sem drama. Você sempre fora rico e agora está prestes a se tornar ainda mais.

— Tem razão, mas dinheiro não compra muitas coisas. Pode até comprar algumas coisas que não deveria, mas felicidade e amor jamais — comentei pensativo.

— Você não precisa comprar nenhuma dessas duas coisas. É só perceber as coisas que estão diante de seus olhos...

— Como assim? — questionei virando-me para Rafael.

Ele virou-se para mim também.

— Eu estive aqui o tempo todo e você não notou.

— O que você quer dizer com isso, Rafael?

Ele fez sinal de negação com a cabeça, rindo.

— Você tem que prestar mais atenção no que está vivendo, Ianto! Você tem que parar de se deixar levar por seus pensamentos. Está sempre tão distante que nem consegue perceber que, durante esses quatro anos que nos conhecemos, eu sempre o amei — revelou, por fim.

Encarei-o surpreso e sem palavras.

Ao ouvir o que Rafael havia me dito, percebi que ele tinha razão. Eu realmente vivia perdido em minhas lembranças e, muitas vezes, deixando de viver o presente, pois meu passado, por mais que lutasse para isso, era muito forte para ser esquecido facilmente.

Tanto que havia percebido algo que, agora, parecia óbvio.

— Não sei o que falar... — disse sem jeito a ele.

— Não precisa dizer nada, Ianto. Só quero que você me dê uma oportunidade.

— Eu não sei é uma boa ideia, Rafael.

— Claro que é Ianto! — Rafael pegou em minha mão. — Durante todos esses quatros anos, você jamais se aproximou ou namorou alguém e talvez você não tenha percebido, mas eu também não. Pois estive esperando por você esse tempo todo. Eu te amo muito! E quero que você me dê uma chance para tornar-me seu namorado; é o que eu mais desejo no mundo.

— Preciso de um tempo para pensar nisso — pedi.

— Esperei quatro anos, posso esperar mais

alguns dias — ele concordou abrindo um sorriso para mim. Larguei sua mão.

— Preciso ir lá fora fazer uma ligação, já volto — menti deixando o local.

Eu havia me tornado um excelente mentiroso.

Após sair do salão, sentei-me na escadaria que dava acesso ao prédio para pensar.

Queria estar animado e me divertindo como todos lá dentro, mas sentia a necessidade de ficar sozinho e pensar no que faria dali em diante. Minha vida havia mudado muito nos últimos anos e estava prestes a mudar ainda mais, mas ainda me sentia triste constantemente.

Não queria me sentir daquela forma. Queria ser feliz...

Fiquei um bom tempo ali pensando a respeito de tudo e percebi que o motivo de tudo isso era

minha incapacidade de esquecer o passado. Precisava mudar isso, Rafael tinha razão a respeito de que eu deveria focar no que estava vivendo e era exatamente isso que ia fazer.

Eu ia continuar seguindo em frente, e isso significava que iria entrar novamente naquele salão, procura-lo e dar a oportunidade que havia me pedido. Eu tinha direito de voltar a amar.

Talvez realmente déssemos certo juntos.

Assim que levantei e tentei subir as escadas de volta para a festa, meu celular vibrou no bolso. Era um número desconhecido me ligando.

— Alô? — atendi desconfiado e houve silêncio durante alguns segundos. Pensei em desligar, mas antes que o fizesse, uma voz que conhecia muito bem, e não ouvia há muito tempo, surgiu do outro lado.

— Oi Ianto — Eric falou hesitante, fazendo

meu coração acelerar.

— Eric? — quase gaguejei.

— Quem mais seria? Já se esqueceu da minha voz?

— Como conseguiu meu número?

— Continuo sendo Eric Pitz lembra? Eu consigo tudo.

— Tem razão — disse então houve um breve silêncio agoniante. — Por que ligou para mim?

— Sinto sua falta — revelou e dessa vez eu que me calei sem reação.

— Está aí? — ele perguntou impaciente.

— Estou...

— Gostaria de vê-lo, quer jantar comigo? — propôs.

— Quando? — perguntei e logo percebi que

estava cometendo um erro. Eu não deveria nem cogitar nesse convite.

— Agora. Cheguei a Sarnaut faz alguns minutos.

Permaneci em silêncio pensando naquilo.

Estava prestes a tentar esquecer definitivamente o meu passado e Eric era a coisa mais forte e difícil de esquecer nele. E agora estava a poucos minutos de mim. O que eu ia fazer?

Enquanto pensava, Rafael surgiu na porta do prédio e me encarou de lá, fazendo sinal de que estava me esperando.

— E então, você vem ou não? — Eric questionou mais uma vez.

Havia ansiedade e nervosismo em sua voz.

— Está aonde? — perguntei, percebendo que eu precisava ir.

Se eu não fosse, aquilo jamais sairia da minha cabeça.

— No mesmo hotel que estivemos — ele respondeu.

— Estou indo para aí — disse e desliguei a ligação.

Subi correndo até Rafael.

— Que ligação demorada — ele comentou assim que cheguei perto.

— Exatamente sobre isso que quero falar contigo. Preciso ir a um lugar agora, me desculpa.

— Sério? O que é tão importante para fazer você abandonar a própria festa de formatura? — Rafael questionou chateado.

— Preciso resolver uma coisa que me atormenta os pensamentos e sonhos há muito tempo.

— Tudo bem, mas não esquece que prometeu

pensar sobre nós. Eu preciso de uma resposta, Ianto. Senão, vou enlouquecer — ele falou segurando para não chorar.

— Não se preocupe, logo você terá sua resposta — disse decidido.

— Estarei esperando sua ligação.

— Até mais — despedi-me descendo a escadaria correndo.

Assim que cheguei ao meu carro, entrei e dei a partida em direção ao hotel.

Minhas mãos tremiam e meu coração quase saltava do peito. Estava tomado por nervosismo e ansiedade de ver Eric novamente após cinco anos. Durante todo esse tempo, evitei ao máximo de procurar notícias relacionadas a ele na internet ou nas revistas e agora finalmente voltaria a vê-lo pessoalmente.

Foram poucos minutos dirigindo até que estacionei o carro em frente ao hotel e andei hesitante até à recepção.

Um homem de uns 40 anos negro, atendeu-me.

— Boa noite. Precisa de ajuda?

— Sim, poderia avisar Eric Pitz que Ianto está aqui embaixo?

— Claro, só um momentinho — falou e após consultar o sistema, discou o número do quarto de Eric — Senhor Pitz, há um homem aqui que se intitula como Ianto esperando-o — breve silêncio. — Tudo bem — desligou. – Ele estará descendo em alguns minutos.

— Muito obrigado — disse me afastando um pouco do balcão.

Aguardei por Eric ansiosamente.

Não levou nem cinco minutos e ele surgiu

saindo de um dos elevadores. Ele vestia um terno escuro e havia mudado muito pouco, apenas parecia mais maduro e sério.

Mas, continuava lindo.

Senti vontade de correr até ele e abraça-lo o mais forte que podia, mas fiquei ali estático observando-o. Ele veio em minha direção a passos tímidos e sem desviar os olhos de mim.

— Como você mudou — ele comentou assim que chegou próximo a mim. Seu perfume amadeirado fez minhas pernas estremecerem.

— Cinco anos, Eric. Eu era apenas um adolescente quando me conheceu.

— Você está ainda mais lindo do que já era — ele falou e eu cruzei meus braços, tímido.

Como era estranho estar diante dele novamente.

— Vamos? — perguntei.

— Sim — respondeu abrindo um sorriso.

Fiz sinal para que me seguisse e o levei até meu carro.

Assim que sentei no banco de motorista e ele no de passageiro, dei a partida. Não sabia o que dizer e até mesmo evitava encara-lo por muito tempo.

— Pelo jeito, investiu bem o dinheiro — ele comentou puxando assunto, enquanto admirava meu carro, que não custara muito barato.

— Na verdade, isso ficou mais a cargo de meus pais que abriram um restaurante e para nossa sorte, foi um sucesso. Restaurantes de comida alendoriana estão surgindo em todos os cantos, após os nossos.

— Isso é ótimo. Vamos comer em um deles?

— Definitivamente não — respondi de imediato. — Se meu pai ou mãe te virem,

provavelmente vão querer te espancar até sangrar.

— Então contou a eles sobre tudo que aconteceu?

— Não tudo, mas uma boa parte precisei. Eles achavam que eu estava morto, tive que explicar o motivo de ter sumido.

— Eu entendo...

— E Paulo? O que aconteceu com ele? — perguntei curioso.

— Depois que você me revelou a verdade, o confrontei e ele confirmou tudo. Assumo que não consegui me segurar e acabei batendo nele, mas para minha sorte ele não abriu qualquer denúncia contra mim. Afinal, se ele tentasse me destruir, levava ele junto.

— Então, presumo que ele não seja mais seu sócio.

— Mas é claro. Logo em seguida nós rompemos a sociedade, ele ficou com algumas fábricas e abriu a sua própria empresa. E como sempre foi um bom empresário, sem dúvidas, logo a veremos crescer muito. Mas, foi um alívio livrar-me dele em minha vida.

— Sem dúvidas.

— E você está trabalhando na administração dos restaurantes que abriu com seus pais?

— Não. Cursei Psicologia durante esse tempo todo. Na verdade, formei-me hoje. Estava na festa de formatura quando me ligou — revelei.

— Você abandonou a festa para vir me ver?

— Sim, mas não se ache por isso — respondi sem desviar o olhar da estrada.

Depois disso permanecemos em um silêncio desconfortável durante o resto do caminho.

PERIGOSAS

Para minha sorte, foram poucos minutos de viagem até que chegamos a um restaurante que eu amava. Após estacionar, ambos descemos e caminhamos para dentro dele.

Era muito estranho tê-lo novamente tão próximo de mim. Sentia vontade de abraçá-lo, beijá-lo e jamais deixá-lo ir. Era como se ele tivesse mais poder sobre mim do que antes.

Assim que entramos, vi um pouco de correria e Oliver, o dono do restaurante, surgiu da cozinha vindo até nós. É claro que ele não perderia a oportunidade de nos recepcionar pessoalmente.

— Sr. Ianto! É um grande prazer tê-lo em meu restaurante novamente! — falou cumprimentando-me.

Para minha sorte, Oliver e meus pais não se conheciam. Então dificilmente descobririam que eu sai com Eric naquela noite.

NACIONAIS - ACHERON

— Você sabe o quanto amo sua comida Oliver. Mas enfim, me deixe te apresentar Eric Pitz, já deve ter ouvido falar dele.

— Claro que sim — ele apertou a mão de Eric que sorriu cordialmente. — Deixem que eu os leve até a nossa melhor mesa.

— Obrigado.

Acompanhamos Oliver até uma mesa ao lado de um grande aquário, cheio de peixes de todos os tipos e com vista para todo o restaurante.

— O que os senhores querem comer essa noite?

— Eu vou deixar que você decida Oliver, surpreenda-me — respondi.

— Vou querer o mesmo que trouxer para ele — Eric acrescentou.

— Podem deixar — Oliver falou sorridente e voltou para a cozinha.

Voltei a encarar Eric que não tirava seus olhos de mim; ele parecia tão fascinado quanto eu por revê-lo.

— Sei que já disse isso por telefone, mas vou repetir, senti muito sua falta, Ianto — ressaltou.

— Também senti — revelei, ruborizado.

Ele sorriu satisfeito.

— Aconteceram coisas ruins conosco, mas você me marcou Ianto. Por mais que tentasse, jamais consegui deixar de pensar ou sonhar com você quase todas as noites.

— Foi tudo muito intenso...

Eric ficou em silêncio encarando-me nos olhos.

— Você está namorando? — ele perguntou hesitante.

— Não — respondi sem jeito. —, e você?

— Também não.

— Namorou alguém durante esse tempo? — questionei curioso.

— Não consegui e você?

— Também não, mas hoje recebi um pedido de namoro — revelei e Eric pareceu surpreso.

— Posso saber quem é?

— Se chama Rafael. É meu melhor amigo.

— Você gosta dele? — ele questionou, mas antes que eu pudesse respondê-lo Oliver surgiu trazendo nossa comida.

— Aqui está — falou servindo os pratos; um garçom o acompanhou trazendo-nos um vinho — Sopa de camarão e nosso melhor vinho. Espero que gostem!

— Obrigado Oliver — falei sorrindo para ele e, em seguida, nos deixou a sós novamente.

Após ambos experimentarmos o prato, voltamos

a nos encarar.

Nossos olhos pareciam atrair os do outro.

— Você não me respondeu. Você gosta desse Rafael? — Eric insistiu na pergunta.

— Gosto muito, mas nunca o tinha visto como algo além de amigo. Ele revelou seus sentimentos por mim hoje.

— Entendo... Já sabe o que responderá a ele?

— Ainda não, pedi um tempo para pensar.

— Fez certo. É uma decisão muito importante.

— E como vão os negócios? — mudei de assunto. — Presumo que estejam ótimos, afinal Sarnaut não para de crescer.

— Sem dúvidas, por isso estou aqui. Irei mudar de definitivo para cá — revelou.

Fiquei em silêncio, completamente surpreso.

— Não gostou de saber disso? — Eric me questionou.

— Não sei ainda.

— Como não sabe?

— A verdade é que eu estava prestes a aceitar o pedido de namoro de Rafael e tentar esquecer o passado. Mas, antes que pudesse fazer isso, você ligou e agora você morando aqui se tornará quase impossível esquecer tudo.

— Nós não precisamos esquecer Ianto. Cinco anos se passaram, acredito que nós amadurecemos bastante nesse tempo. E não vou mentir, eu quero você de volta em minha vida!

— Não sei se isso é uma boa ideia... — disse, sentindo-me desconfortável.

— As situações mudaram. Jamais faria algo semelhante ao que fiz quando te comprei; você

tinha razão, não era justo. Por favor, Ianto, me dê mais uma chance. Não sou capaz de te esquecer — Eric insistiu pegando em minha mão.

— Preciso de tempo para pensar nisso também.

— Espero o tempo que for necessário por você.

Forcei um sorriso para Eric.

Isso era um pedido para retomarmos de onde paramos no passado. Mesmo que como ele dissera, as situações eram outras, era estranha a ideia. Eu estava prestes a tentar esquecê-lo novamente e agora ali estávamos nos abrindo um ao outro tão facilmente e loucos para nos beijarmos.

Era como se nada tivesse mudado em nossos sentimentos pelo outro em todo aquele tempo separados.

Terminamos de comer conversando a respeito de diversos assuntos. Assim como estava muito

curioso para saber o que Eric fizera nos últimos anos, ele também estava a respeito de mim.

O fato era que ambos lutamos para esquecer tudo e seguir adiante, mas era mais forte e intenso que nós. Talvez, impossível de esquecer e superar.

Aconteceram muitas coisas ruins com nós dois, mas o que sentíamos era muito forte e fora interrompido bruscamente. Eu tive que lutar com todas as minhas forças, a fim de conseguir deixa-lo, mas não me arrependia. Eu precisei me afastar dele e essa distância havia feito bem a mim e minha família.

Mas, agora tínhamos uma nova chance de tentar retomar as coisas de uma forma mais justa e parecia impossível de negar.

Quando terminamos de comer, tentei pagar a conta, mas Eric impediu-me dizendo que fazia questão disso. Senti-me um pouco desconfortável

com isso, mas ignorei.

— E agora? — ele perguntou quando chegamos ao lado exterior do restaurante.

— Não sei... — respondi, encarando o céu estrelado.

— Você está com muitas dúvidas — Eric comentou.

— Sim, estou e não consigo evitar — disse, voltando a encara-lo. — Hoje acabou uma fase da minha vida, estou prestes a iniciar uma nova e quero muito voltar a ser feliz. Rafael me pediu em namoro e agora você retornou. Não sei o que faço Eric.

— Siga seu coração.

— Já fiz isso antes e as escolhas não foram muito boas.

— Mas agora você cresceu e amadureceu. O

que adianta seguir o que sua mente disser, se você se sentirá incompleto? Eu sei que é isso que você sente, pois todos os dias também sinto esse vazio dentro de mim, como se faltasse algo muito importante. E isso é você Ianto. Eu te amo! Sempre te amei e sempre irei. É apavorante falar isso, mas é a verdade.

Fiquei em silêncio segurando a vontade de chorar.

— Você ainda me ama, Ianto? — Eric questionou aproximando-se de mim.

— Sim, mas não queria; isso é assustador Eric! Independente de tudo que fiz para esquecer de você, meus sentimentos jamais sumiram ou enfraqueceram. É óbvio que ainda te amo — revelei e ele abriu um enorme sorriso.

— Então vamos retomar o que interrompemos cinco anos atrás.

— Preciso de um tempo — disse, afastando-me.

— Já disse que darei todo o tempo do mundo se necessário para que possa decidir.

— Não estou falando disso — interrompi.

— Está falando do quê?

— Eu quero você de volta em minha vida, mas preciso de um tempo para organizar meus sentimentos, pensamentos e objetivos. Não quero que seja como foi antes, então faremos da forma correta dessa vez.

— E qual é essa forma? — Eric perguntou aproximando-se de mim novamente, pronto para me beijar.

— Vamos devagar — respondi empurrando-o — Acho que precisamos nos conhecer melhor agora que tanta coisa mudou. Ainda há muito daquele antigo Ianto em mim, mas teve coisas que

tive que eliminar se quisesse seguir em frente. E também quero conhecer o Eric atual, pois o antigo fez coisas ruins comigo.

— Eu entendo. Você não quer retomar as coisas, quer recomeçar.

— Exatamente, preciso que seja assim.

— Para mim está perfeito — Eric disse e eu sorri para ele.

Sabia que podia estar cometendo um grande erro, mas não me perdoaria se não tentasse. Eu ainda o amava demais.

— Precisarei conversar com Rafael e dizer que não podemos começar nada agora. Espero que ele não pire e se torne um Paulo.

— De fato — Eric concordou e ambos rimos.

Em seguida entramos em meu carro e assim que chegamos de volta ao seu hotel, ambos descemos

para despedirmos.

— E quando sairemos de novo? — ele perguntou ansioso.

— Não sei, decidirei e te ligo — disse. — Tenho muitas coisas para planejar agora que estou prestes a me tornar oficialmente um psicólogo.

— Posso ser seu primeiro paciente e consultar contigo todos os dias? — brincou.

— Não, seu bobo! — falei dando um soco fraco em seu ombro.

— Tudo bem, aguardarei sua ligação. Boa noite Ianto.

— Boa noite Eric.

Ambos ficamos ali parados encarando ao outro por alguns momentos, até que Eric não aguentou e avançou em minha direção.

Antes que eu pudesse recuar, ele trouxe seus

lábios até os meus, fazendo-me estremecer por inteiro. Tentei empurrar, mas não tinha forças de impedir aquilo; eu queria.

Nossas línguas exploraram com calma e paixão a boca do outro em um demorado beijo. Senti o gosto salgado de minhas lágrimas que teimaram em escorrer de meus olhos, enquanto beijava-o após tanto tempo. Como havia sentido falto daquilo!

— Você é louco? Alguém pode ter visto isso — falei assim que nos separamos.

— Não me importo mais, quero que o mundo todo saiba que te amo! — Eric disse acariciando meu rosto.

Sorri para ele e limpei minhas lágrimas.

— Mas tínhamos combinado de irmos devagar, recomeçar — protestei.

— Eu sei, mas se estamos recomeçando essa

noite, isso quer dizer que foi nosso primeiro encontro e não há nada que me encante mais que um bom beijo de despedida.

Eu ri.

— Boa noite Eric.

— Até mais, Ianto.

Continue lendo na continuação: Recomeço.

PERIGOSAS

Copyright

Copyright © 2015 by Icaro Trindade

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Revisão: Matheus Rangel
Capa: Icaro Trindade
Formatação: Icaro Trindade

Edição digital: março de 2015

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Compra-se Garoto

O dinheiro é capaz de comprar o amor?

Icaro Trindade

PERIGOSAS

Compra-se Garoto

Livro 1.5

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 01

07 de abril de 2021, Cidade Capital – Alendor.

Levei quase o dobro do tempo para chegar a meu apartamento. O trânsito estava simplesmente um caos. Como era o dia que o país completava o centenário de independência do país, além de as ruas estarem tomadas por bandeiras e faixas, havia muitas pessoas festejando.

Já não pertencíamos mais a Sarnaut, um país que já fora a maior potência mundial, mas que agora passava por uma séria crise econômica. Diferente de Alendor, que crescia todos os dias mais, após a implementação de reformas políticas na metade do século passado.

A população fora separada em 5 castas, que foram classificadas apenas com números. Sendo os pertencentes da de maior número os mais pobres do país e a de menor, os mais ricos e poderosos. Eu fazia parte dessa última.

Eu era Eric Pitz, herdeiro e dono das Empresas Pitz, que administrava dezenas de outras empresas e fábricas menores. Produzíamos desde alimentos até roupas e utensílios de casa. Fornecíamos produtos a oito a cada 10 lojas e mercados do país.

Após eu assumir a empresa, meus pais agora só viajavam pelo mundo, um país após o outro. Ele vendera quase metade da empresa, conseguindo dinheiro suficiente para nunca mais se preocupar com nada e gastar a vontade, deixando-me o restante para administrar. Já minha mãe, sempre fora a esposa ideal para ele, mas jamais se preocupou muito comigo. Era evidente seu

interesse apenas na fortuna da família.

Cresci me sentindo sempre muito sozinho. Para minha sorte, havia Paulo que sempre fora meu melhor amigo e esteve presente quando precisei. Quando assumi a empresa, tornamo-nos sócios e ele usou a herança que recebeu da morte de seu pai para tentarmos restabelecer o que um dia a empresa fora, antes da venda. Graças a nossos esforços, havíamos a tornado ainda maior do que esperávamos. Além de que senão fosse ele, teria feito muitas besteiras no meu passado.

Assim que entrei em meu apartamento, após deixar minha pasta sobre a mesa de centro, joguei-me no sofá. Estava estressado devido o trabalho e definitivamente precisava relaxar, mas não havia muitas opções. Sempre evitara sair em festas, a fim de preservar minha imagem. Eu era uma celebridade no mundo dos negócios.

Quando já havia desistido da ideia e optei em ficar em casa, senti meu celular vibrar no bolso. Ao pega-lo vi na tela que era Paulo a ligar.

- Alô. – atendi.

- Chefinho, está aonde? – Paulo perguntou do outro lado da linha. Mesmo sendo sócios, eu tinha 1% a mais e ele fazia questão de brincar dizendo que eu que mandava.

- No meu apartamento, Paulo. Por quê?

- Percebi que você estava muito estressado hoje no trabalho e acho que você precisa relaxar. – respondeu.

Eu ri.

- Sim, estava pensando nisso, mas já desisti. Você sabe que não posso ir nessas festas, sem que depois não surjam fotos minhas em sites ou revistas.

- Chato ser o Empresário do Ano, né? Ainda bem que não ganhei esse prêmio – brincou.

- Muito e por isso ficarei mais uma vez passando a noite assistindo filmes.

- Vai nada, vou aí te buscar.

- E posso saber para onde vai me arrastar?

- Laurel vai promover uma festinha hoje.

- Não, não Paulo. Não quero ir lá ficar vendo aqueles velhos se matando para comprar garotos de 14 anos.

Laurel promovia esses encontros, onde trazia garotos que haviam cometidos crimes para serem leiloados. Como em Alendor havia uma rígida Lei AntiCriminalidade, eles teriam que ser executados, mas de alguma forma Laurel conseguia esses garotos e os vendia. Não concordava muito com isso. Não queria nem imaginar o que aqueles velhos

gordos faziam com os que compravam.

- Para com isso, eu quero ir e você tem que me acompanhar. Somos melhores amigos, lembra? E isso significa que você também tem que se sacrificar por mim. Além de que, haverá bebida grátis.

- Paulo, eu sou rico. Por que bebida grátis iria me interessar?

- Deixa de ser chato. Tome um banho e fique lindo para mim, pois dentro de 40 minutos estarei passando aí.

- Tudo bem, até daqui a pouco então. – concordei encerrando a ligação.

Levantei do sofá e fui em direção ao banheiro já retirando minha roupa. Assim que entrei embaixo do chuveiro, aproveitei a maravilhosa sensação revigorante que um banho de água fria proporcionava. Eu realmente precisava esquecer

um pouco do trabalho.

Enquanto ensaboava meu corpo, lembrei que já fazia uma semana que não me exercitava. Precisava voltar a minha rotina se quisesse manter meu corpo definido.

Assim que cheguei perto das minhas partes íntimas, uma ereção surgiu entre minhas pernas. Já fazia muito tempo que não fazia sexo, então para me aliviar peguei em meu pênis e iniciei suaves movimentos de vai e vem.

Aos poucos, fui aumentando o ritmo e em poucos minutos depois gozei sujando a parede toda, mas mesmo assim meu pênis continuou rígido por vários minutos. Precisava muito conseguir um namorado ou alguém com que pudesse transar.

Assim que terminei meu banho e voltei para o quarto enrolado a uma toalha, comecei a vestir um dos meus melhores ternos. Afinal, só iam homens

importantes e poderosos nas festas de Laurel. Assim que comecei a vestir a camisa, o interfone tocou. Corri do quarto até ele e atendi.

- Já estou aqui embaixo – Paulo anunciou. Ele morava a apenas uma quadra de mim.

- Ainda não terminei de me vestir, vou liberar a porta e você pode subir.

- Okay.

Liberei o portão para que ele entrasse e fui até a porta do meu apartamento, onde a destranquei e voltei para o quarto.

Poucos minutos depois, Paulo surgiu também vestido com um terno caríssimo.

- Você demora hein. – ele comentou observando eu fechar minha camisa, enquanto estava somente de cueca.

- Acabei me masturbando no banho e demorei.

– revelei e ele riu.

- Você precisa fazer sexo urgente.

- Sim, eu sei, mas é tão complicado achar alguém legal. Não consigo fazer com qualquer um – falei e Paulo se aproximou.

- Bem, eu estou aqui – ele brincou vindo atrás de mim e apalpando minha bunda. Dei uma cotovelada nele que se afastou.

- Para seu bobo. Conhecemo-nos desde crianças, seria quase incesto. Além de que não faz meu tipo.

- E como é seu tipo? – perguntou sentando-se na cama.

- Ah, não sei. Apenas gosto de caras menores, sabe? Aqueles que dão vontade de pegar e cuidar. – respondi vestindo a calça.

Paulo era tão grande quanto eu, mas diferente

de mim que era moreno, ele era loiro de pele bem clara.

- Entendo bem – ele comentou pensativo.

Sentei-me ao seu lado e vesti meus sapatos.

- E se você comprasse um garoto? – sugeriu.

- Claro que não. Está louco? É crime e quero me manter bem vivo.

- Só em estarmos indo lá, já estamos cometendo um crime Eric. Afinal, nós sabemos o que acontece lá dentro e mesmo assim não denunciamos.

- Sim, mas a ideia de comprar uma pessoa é bizarra.

- Mas você teria sexo a vontade.

- Eu posso precisar de sexo Paulo, mas, acima de tudo preciso de alguém que me ame. Eu posso conseguir sexo a qualquer momento, mas amor não.

- Tem razão – ele comentou levantando. – Mas

vamos esquecer isso um pouco. Bora beber a custas de Laurel e ver alguns garotinhos pelados.

Eu ri levantando-me.

- Vamos. – disse pegando minha carteira e celular.

Descemos de elevador até o estacionamento do prédio e entramos em meu carro. Paulo parecia ansioso.

- E por que você não compra um garoto? Você costuma ir a todas as festas de Laurel, mas jamais ofertou em nenhum.

- Ainda não achei algum que valesse a pena. Tem garotos que são vendidos por 400 mil, isso é muito.

- Realmente, mas como seria seu garoto perfeito? Me diga – questionei saindo do prédio.

- Virgens e submissos – respondeu.

- Bem, submissos até acha, mas virgens... Ai complica. – comentei e ambos rimos.

- Realmente.

- Onde será a festinha? – perguntei.

- Na mansão dos Kinsella.

- Eles estão envolvidos nisso? – perguntei surpreso.

- Não, apenas venderam a mansão.

- Ah, entendi – falei seguindo em direção ao local. – No fundo ambos gostamos do mesmo tipo de caras. Quando você se refere a garotos submissos, está falando do tipo para cuidar, né?

- Mais ou menos – Paulo respondeu piscando para mim.

Para nossa sorte, não teríamos que passar no centro da cidade para chegar até o local, então foram apenas 30 minutos de viagem. Assim que

chegamos, vimos muitos carros estacionados em frente à mansão. Estacionei o meu num local livre e seguimos em direção da entrada, onde havia dois homens vestindo-se de branco na porta.

- Boa noite, quais os nomes dos senhores? – um deles questionou encarando uma lista.

- Paulo Latron e convidado.

- Seu nome está aqui Senhor Latron, mas não são permitidos convidados.

- Eu sou Eric Pitz, não preciso ter meu nome na lista. – falei irritado.

- Desculpe, são regras.

- Pelo amor de todos os deuses, eu sei o que acontece aí dentro, já vim outras vezes. Então, por favor, façam a gentileza de deixe-me entrar antes que eu ligue para Laurel falando que me barraram na porta. – ameacei e eles pareceram ficar

nervosos.

- Tudo bem, podem entrar. – um deles disse abrindo a porta. Vi que o outro o encarou irritado por ceder a minha ameaça.

- Obrigado. – disse entrando com Paulo.

Demos de cara direito em uma sala cheia de homens já bebendo e socializando, devia haver uns vinte. Fui até um garçom e peguei uma taça de espumante. Paulo fez o mesmo e seguimos para próximo do palco improvisado.

- Devia ter avisado que era só para convidados – comentei.

- Desculpa, esqueci de que mesmo nós precisávamos confirmar antes a presença. Mas, você arrasou lá. Mostrou quem manda.

Eu ri.

- Sim, mas não quero me estressar mais. Vou

tentar relaxar agora – disse e comecei a tomar minha bebida.

Percebi que eu e Paulo éramos os mais novos e bonitos ali. Os outros homens, em sua maioria, eram mais velhos e fora de forma. Não era incompreensível terem que comprar garotos novinhos para fazerem sexo com eles. Até mesmo percebi alguns olhares deles para nós, mas tentei ignorar e Paulo fez o mesmo. Estávamos ali para ver os garotos pelados e beber.

Esperamos impacientemente que o leilão começasse, até que finalmente Laurel surgiu e subiu no palco improvisado.

- Boa noite senhores. Espero que estejam se divertindo e estejam preparados para ofertarem em alguns dos melhores garotos que já tive chance de oferecer. – falou e todos ali começaram a cochichar entre si. – Como sabem, os melhores sempre ficam

pro final e hoje mesmo, nosso último garoto pode ser considerado o melhor que já consegui. Além de lindo, tem uma característica que pode agradar muitos.

Todos ali pareceram curiosos e ansiosos para saber por que Laurel estava tão animado a respeito desse garoto. Inclusive Paulo.

- Bem, vamos começar com o primeiro garoto. – ele disse e trouxeram um garoto cabeludo completamente nu com uma coleira em torno de seu pescoço. – Esse é Murilo, tem 16 anos e como podem ver tem um excelente corpo.

- 150 mil! - um velho barbudo gritou.

- Então que comecem as ofertas! – Laurel disse animado.

- 200. – gritou o outro.

Eu e Paulo ficamos ali bebendo nossas taças,

enquanto observávamos os outros se matando para comprar aqueles garotos que eram trazidos até ali. Havia um intervalo de meia hora de cada leilão, e após quatro, eu já estava cansado daquilo e queria ir embora.

- Quero ir embora Paulo, isso aqui está uma chatice – sussurrei em seu ouvido.

- Calma, acho que o próximo já é o último. Estou curioso para saber o que ele tem de especial.

- Tudo bem, mas assim que ele for vendido, vamos embora – falei.

- Combinado.

Passaram-se alguns minutos até que Laurel surgiu animado no palco novamente. Não podíamos esperar diferente, ele havia faturado uma boa grana naquela noite. Um dos garotos havia recebido a oferta de 600 mil dizus.

Antes que ele falasse algo, um homem de branco puxou com uma corrente um garoto baixinho encoleirado até o palco. Ele tinha cabelos platinados bem cortados e um corpo magro e sem qualquer pelo. Ele era completamente lindo. Podia ver que ele estava envergonhado e com muito medo, mas uma ereção surgiu em mim ao vê-lo ali próximo a mim nu. Eu precisava daquele garoto!

- Senhores, trago agora o último da noite. Nosso melhor garoto! Esse é Ianto Lonbirfe, 17 anos – Laurel anunciou. – Como podem ver, além de um corpo perfeito, magrinho e totalmente depilado, Ianto ainda é virgem! – revelou e todo mundo ali começou a se sussurrar coisas. Percebi na hora que Paulo estava interessado também. – As ofertas começam em 200 mil dizus!

- Eu pago 250! – gritou um senhor grisalho de imediato.

- 300! – Paulo gritou se aproximando do palco. Era óbvio que ele ia ofertar, afinal ela o que ele mais queria, um garoto que aparentava ser submisso e virgem.

Fiquei ali estático sem saber o que fazer. Eu podia perceber o medo e nervosismo no garoto nu encima do palco, ele estava muito preocupado a respeito de quem o levaria para casa.

Eu queria muito cuidar dele.

Então, hesitante me aproximei do palco também.

- 500 mil dizus! – gritei e o vi encarando meu rosto surpreso, assim como Paulo que pareceu não gostar nada daquilo, mas ignorei.

Ele era lindo.

Mesmo após tudo que eu havia passado.

Mesmo que fosse impossível dinheiro comprar

o amor dele, eu jamais ia cansar de fazer sexo com ele se fosse meu e definitivamente, ele ia ser. Nem se fosse necessário ofertar uma fortuna.

Capítulo 02

Os outros homens também se aproximaram do palco onde estava o garoto e tentaram cobrir os lances meus e de Paulo, mas assim que superamos 700 mil dizus de oferta, eles desistiram, afinal era um valor altíssimo até mesmo para nós que éramos alguns dos homens mais ricos do país.

O menino de cabelos platinados sobre o palco improvisado nos observava com atenção e completamente assustado. Queria muito leva-lo para meu apartamento, mas Paulo não parecia que ia ceder fácil.

- 800 mil – ofereci provocando-o com o olhar. Ele podia ser muito competitivo, mas eu estava a

um nível superior quando se tratava de coisas que queria.

Paulo calou-se durante alguns segundos pensando sério.

- Antes de eu dar outro lance. Sr. Laurel, tem certeza que o garoto é virgem? – perguntou para o homem no palco.

- Sem dúvidas, Sr. Paulo. Fizemos testes que o apontaram como virgem e em conversa, ele assumiu nunca ter se relacionado com outra pessoa. Sem dúvidas esse garoto vale o investimento. Veja essa bunda! – o homem fez o garoto virar-se de costa para nós. – Olhem só como é branquinha, redonda e lisinha – falou abrindo as nádegas dele, deixando-o completamente exposto. – Olhem esse bunda. Encontrar garotos virgens e tão lindos assim está difícil hoje em dia – acrescentou por fim.

Assim que fez o garoto virar-se novamente de

frente para nós, percebi que seu rosto estava completamente corado e tremia de vergonha e nervosismo. Pude notar muitos cochichos e olhares safados direcionados a ele vindo de todos ali. Queria muito leva-lo logo para casa e torna-lo só meu.

- 850 mil dizus – Paulo ofereceu demonstrando não ter desistido.

- 900 mil – cobri o lance sem hesitar.

- Eric, tem certeza que quer gastar todo esse dinheiro com o garoto? Você jamais participou de lances em todos esses meses que frequentamos. Podem surgir outros garotos melhores em alguma festa futura.

- Eu tenho certeza do que eu faço e quero Paulo. 900 mil no garoto e não é meu último lance se necessário – respondi encarando-o sério.

Ele pareceu hesitar e tomou um gole de sua

bebida.

- 950 mil – gritou.

- 1 milhão – disse em seguida e ele pareceu surpreso.

- Tudo bem, eu paro por aqui – falou levantando suas mãos em forma de derrota.

- Alguém cobre? Alguém cobre? – Laurel gritava do palco completamente animado, o que já era de se esperar. Assim que percebeu que ninguém cobriria meu lance, voltou a se pronunciar. – Então, Ianto é de Eric Pitz, por um milhão de dizus! Já pode leva-lo. O pagamento será solicitado durante a semana – informou.

Fui então até a escadinha que dava acesso ao palco improvisado, onde Laurel entregou a corrente que estava presa à coleira que o garoto usava. Encarei-o nos olhos tentando analisar sua reação por ter sido eu a compra-lo, mas como ele estava

nervoso e não disse nada, apenas puxei um pouco a corrente para que descesse.

Assim que Laurel entregou-me a chave da coleira e o celular que poderia usar para controlar Ianto se precisasse, comecei a puxa-lo para fora da mansão. Queria tira-lo de vista daqueles homens tarado o quanto antes.

Saímos pelas portas dos fundos e levei-o até meu carro. Assim que desativei o alarme, abri a porta dos bancos traseiros para ele entrar, já que correríamos menos risco de alguém percebe-lo.

- Aqui, vista isso! – falei retirando meu paletó e cobrindo-o com ele. Como eu era bem maior que ele, a peça havia coberto boa parte de seu corpo. – Agora entre – orientei e ele fez o que pedi.

Fechei a porta e também entrei no carro; assim que coloquei o cinto de segurança, dei a partida. Tentei manter-me calado e calmo para não assustar

ainda mais o garoto, mas minha vontade era de percorrer com minhas mãos e boca todo seu corpo perfeito ali mesmo.

Posicionei o espelho retrovisor para que pudesse ter um pouco de visão dele e era muito perceptível seu nervosismo e medo. Dirigi durante um bom tempo sem que nenhum de nós falasse nada.

- Você conhecia o outro cara? – ele perguntou me surpreendendo. Será que ele preferia que tivesse sido Paulo a compra-lo?

- Sim, é meu melhor amigo. Crescemos e trabalhamos juntos - respondi de forma fria, mas me arrependi em seguida, talvez ele só estivesse tentando puxar assunto para descobrir como eu era. Se eu iria trata-lo bem.

- Não pareciam se gostar – comentou.

- Eu e Paulo sempre fomos muito competitivos

um com o outro.

- E o que acontece agora? – ele perguntou com a voz tremula.

- Como assim? – questionei confuso.

- O que irá fazer comigo?

- Eu vou leva-lo para meu apartamento, onde morará comigo Ianto. Não precisa ter medo de nada, se você fizer o que eu pedir lhe tratarei bem – respondi tentando encara-lo pelo retrovisor.

- Que tipo de coisas você vai pedir?

- Não seja bobo, Ianto. Você sabe muito bem as coisas que irá fazer para mim, foi por esse motivo que lhe comprei e paguei tão caro. É melhor que valha a pena mesmo! – respondi impaciente. Como ele podia ser tão inocente?

Ele calou-se e não disse mais nada durante o resto da viagem, assim como eu. Precisava pensar

bem como as coisas seriam dali em diante, afinal eu morava em um apartamento num bairro nobre e isso estava bem longe de ser um local adequado para esconder alguém. Além de que, obviamente, não poderia deixa-lo livre enquanto estivesse na empresa. Então, teria que voltar todos os dias no horário de almoço para que ele pudesse comer.

Definitivamente não havia sido uma boa ideia compra-lo.

Mas, se não o tivesse feito, jamais me perdoaria. Jamais senti uma necessidade tão grande de cuidar e proteger alguém e sem dúvidas ele era o garoto mais lindo que já tinha visto e agora era somente meu.

Quando finalmente chegamos diante do prédio, com meu controle abri a porta da garagem torcendo que não houvesse ninguém lá. Assim que entrei com o carro e percebi que não havia ninguém,

soltei o ar aliviado.

Desliguei o carro e desci rapidamente para que ele também saísse antes que alguém chegasse. Pedi que ele me seguisse até o elevador que para nossa sorte já se encontrava no andar.

Assim que entramos, apertei o 12º andar, que era o último do prédio e onde ficava meu apartamento, ouvimos alguém gritar enquanto as portas fechavam-se.

- Segura o elevador – pediu um de meus vizinhos vestindo shorts e camisa. Devia estar exercitando-se.

Nervoso, apertei o botão para que as portas fechassem-se logo. Tranquilizei-me ao ver que a corrente e coleira não estavam muito visíveis em Ianto, devido meu paletó que estava usando, mas suas pernas revelavam que por baixo daquilo não devia haver roupas. Torcia que o cara não falasse

nada.

Assim que o elevador chegou ao andar e as portas se abriram, puxei Ianto até a porta. Passei meu cartão com certa pressa e assim que abriu e entramos, percebi que o garoto parecia surpreso com o interior. Minha sala era enorme e composta com móveis que haviam me custado uma pequena fortuna, além de enormes janelas que cobriam quase toda a parede, dando uma excelente vista das noites brilhantes na capital.

Eu podia morar em alguma mansão cinco vezes maior, mas gostava do bairro e não queria sentir-me mais sozinho ainda. Então, aquele apartamento duplex na cobertura estava ótimo para mim.

Assim que fechei a porta, continuei puxando Ianto. Levei-o até o segundo andar, onde havia um quarto pequeno e sem móveis onde seria o mais seguro deixa-lo. Nos outros quartos de hospedes

havia telefones e computadores, o que ele não poderia ter contato. Se ele contasse a alguém onde estávamos, eu estava morto. Seria difícil esconder todo o caso da mídia e a polícia não hesitaria de me executar para usar como exemplo para o resto da população de como suas leis se aplicavam a todos.

Assim que entramos no quarto, ele encarou as paredes nervoso.

- Já volto – disse saindo do quarto e fechando-o ali com minha chave mestra.

Fui buscar um colchão que por sorte tinha guardado em um dos quartos. Peguei também alguns lençóis e com dificuldade carreguei tudo de volta para o quarto. Assim que consegui abrir a porta, joguei tudo aquilo no chão.

Em seguida, peguei a chave de sua coleira e fui até ele e retirei. Ele respirou fundo, devia ser um alivio se livrar daquela coisa.

Queria muito joga-lo sobre aquele colchão e transar com ele sem parar, mas devia estar muito cansado e eu queria aproveitar bem sua primeira vez, que era o que o tornava tão caro.

- Hoje você dorme aqui, descanse bem. Pois a partir de amanhã você começará a me servir para os motivos que foi comprado – informei encarando-o nos olhos.

Ele apenas concordou com a cabeça nervoso.

Sai do quarto levando a coleira e meu paletó, deixando-o que descansasse. Em seguida, fui de quarto em quarto retirar os telefones e notebooks, para então esconde-los em uma das últimas gavetas de meu guarda-roupas. Como manteria ele naquele quarto vazio até que acostumasse a viver comigo, não seria um local que ele teria contato sem que estivesse comigo.

Quando finalmente deite-me na minha cama,

percebi que também estava cansado, mas acima de tudo ansioso. As imagens de Ianto nu não saiam da minha cabeça e meu pênis pulsava duro dentro da cueca, fazendo-me ter vontade de ir até ele logo, mas ia dar um pouco de tempo para ele preparar-se.

Eu queria cuidar dele, mas havia gasto um milhão de dizus nele, então acima de tudo iria fazer valer a pena o investimento e isso significava transar loucamente com ele todos os dias.

Eu era insaciável e logo ele descobriria isso.

Capítulo 03

Não dormi direito durante toda a noite. Não conseguia parar de pensar e imaginar como seria a primeira vez que eu e Ianto faríamos sexo, mas ao mesmo tempo me preocupava em como ele estava. Toda a situação devia estar sendo bem difícil para ele, afinal agora estava à mercê de um homem que mal conhecia.

E talvez devesse continuar assim.

Mesmo que no fundo eu quisesse construir uma relação boa com Ianto, percebi que nunca poderia confiar completamente nele. Afinal, um descuido e ele poderia colocar em risco minha vida. Então manter uma relação que envolvesse somente sexo

era o melhor a ser feito. Se ele realizasse todos meus desejos, o trataria bem e seria somente isso. Eu definitivamente não podia me deixar apaixonar por um garoto de 17 anos.

Fui despertado de meus pensamentos com o celular sinalizando que precisava levantar e me arrumar para o trabalho. Mas como havia fechado Ianto ao quarto assim que chegamos na noite anterior, ele provavelmente devia estar com fome. Então, decidi chama-lo para tomarmos café juntos antes de eu sair.

Vestia apenas uma cueca branca e assim que levantei fui direto para o banheiro do quarto urinar, a fim de tentar me livrar da ereção matinal, mas como não era só vontade de mijar que mantinha meu pau duro, desisti de esperar que ele descesse antes de ir até quarto de Ianto. Até porque, logo ele o teria na boca e dentro de si.

Assim que entrei em seu quarto e liguei a luz, vi que ele já estava acordado. Isto é, se tivesse dormido, pois seus olhos apresentavam olheiras profundas.

Ele encarou minha ereção assustado.

- Vamos tomar café – falei virando-me e fazendo sinal com a cabeça para que me seguisse.

Ele me acompanhou de perto e eu podia notar sua vergonha em continuar nu. Ele tentava esconder com as mãos seu pênis que parecia querer ficar duro. Me perguntava se ele estava excitado com meu corpo ou era apenas uma ereção matinal.

Assim que chegamos à cozinha, fui até os armários e peguei algumas caixas de cereais e coloquei sobre a mesa, o mesmo com leite que peguei na geladeira e as tigelas e xicaras. Eu programava a cafeteira para fazer o café nesse horário, então ela já exalava o delicioso cheiro do

café importado que havia comprado em uma convenção para apaixonados pela bebida.

Percebi que Ianto permanecia parado em pé apenas me encarando.

- O que foi? Pode se servir – falei.

- Você não pode me dar algo para vestir? – perguntou ruborizado.

- Agora não, gosto de vê-lo nu – respondi servindo meu café e em seguida, sentei-me a mesa.

Ele também se sentou, mas na ponta da mesa, dificultando que eu enxergasse seu corpo. Ele então, sem falar nada também serviu-se e começou a comer. Como havia imaginado, ele estava faminto.

- Por que você me comprou? – ele perguntou depois de um tempo.

- Porque senti vontade. Te achei bonito e quis

você para mim, simples assim – respondi e voltei a beber meu café. Não ia comentar o fato de querer cuidar dele, afinal não sabia ainda como as coisas seriam entre nós.

- Fala como se fosse a coisa mais normal do mundo comprar outras pessoas – ele comentou alterado, parecendo irritado.

- Pessoas ricas como eu, podem comprar o que quiserem – falei de forma grossa. Ele tinha que perceber que o mundo não era um local justo e que agora, independente de ser certo ou não, ele era meu.

Ele manteve-se calado durante um tempo tentando se acalmar e eu fiz o mesmo até que finalmente voltou a falar.

- O que você faz para ter tanto dinheiro assim?

- Sou filho de Alexander Pitz – respondi.

PERIGOSAS

- Pera aí, você é Eric Pitz? – ele perguntou surpreso. Claro que ele me conhecia, havia sido noticia várias vezes, mas claramente ele não lembrava que meu nome havia sido mencionado quando eu o comprara na noite anterior.

- Então já ouviu falar de mim – comentei interessado para saber o que exatamente ele sabia.

- Trabalhava em uma das suas fabricas – revelou.

- Que coincidência. Mas falando em nomes, Ianto é seu nome verdadeiro? Laurel costuma mentir o nome de seus produtos.

Arrependi-me de usar essa palavra em seguida. Era como eu e Paulo chamávamos os garotos que Laurel vendia, mas esqueci que Ianto era um desses e de certa forma soava bem cruel.

- Sim, ele só modificou meu sobrenome. Me chamo Ianto Wiese – ele respondeu incomodado,

provavelmente por tê-lo chamado de produto.

- Tudo bem, Ianto Wiese. Vamos conversar sobre seu papel agora que me pertence. Logo irei trabalhar e voltarei em meu intervalo para almoçarmos juntos. Depois, aproveitarei e comprarei algumas roupas para ti, não quero que adoeça. As noites costumam ser frias. Você continuará trancado em seu quarto, por motivos óbvios – informei firme.

- E sobre o que você disse ontem? – ele perguntou receoso.

- Sim, a partir de hoje passarei a usa-lo para os fins que o comprei. Então à noite esteja limpo. – respondi levantando-me, precisava ir trabalhar. Ianto continuou me encarando nervoso e encarava o volume em minha cueca, provavelmente preocupado com o tamanho de meu pau.

- Vou ter que fazer sexo com você? – ele

questionou nervoso.

- Sim, Ianto – respondi encarando-o nos olhos.

- Mas eu não quero! – ele gritou levantando-se. – Isso não é certo!

Irritei-me instantaneamente e explodi. Era para ele estar morto, mas agora estava morando comigo em um apartamento luxuoso. Ele não tinha direitos de dizer nada depois de eu ter gasto um milhão nele! Então, quando percebi já havia avançado nele e prensei meu corpo contra o seu na parede, enquanto segurava-o pelo pescoço impedindo-o de se soltar ou mover.

Encarei no fundo dos seus olhos e comecei a falar.

- Ouça bem, garoto. Eu paguei muito dinheiro em você, então você deveria estar agradecido. Era para estar morto! Então quando eu quiser te comer ou que você chupe meu pau, você fará sem

reclamar! Está me entendendo? – falei firme e ele assentiu com a cabeça assustado. - Então muito bem, vou me vestir para ir trabalhar. Vou leva-lo de volta para o quarto – falei soltando-lhe e andando na frente. Ainda estava irritado, mas precisava me controlar para que o garoto não fizesse alguma besteira por medo.

Assim que chegamos na porta de seu quarto, sinalizei para que esperasse ali. Era obvio que seria difícil para ele concordar com tudo aquilo, mas logo ele perceberia que estava feito. Laurel jamais permitira eu devolve-lo e ele nunca mais poderia voltar as ruas de Alendor sem correr risco da policia captura-lo de definitivo.

Peguei em meu quarto um livro para que pelo menos ele se distraísse enquanto me aguardava retornar. Não queria que ele ficasse planejando formas de fugir, o que seria algo bem estupido da

parte dele, considerando que eu tinha controle de sua localização e vida em um simples aparelho celular.

Voltei para o quarto levando um livro que adorava, Lua Vermelha de Icarus Trinidad e entreguei-lhe.

- Para você se entreter enquanto espera por mim – falei e sinalizei com a cabeça para que ele entrasse no quarto. Assim que ele o fez, tranquei a porta. – Até mais tarde – despedi-me e não obtive resposta.

Fui para o meu quarto e vesti-me rapidamente, já estava um pouco atrasado e odiava quando ficavam me ligando para saber que horas chegaria.

Para minha sorte o transito estava tranquilo e não demorei muito. Assim que cheguei na empresa, a primeira pessoa que dei de cara quando as portas do elevador se abriram foi Paulo. Ele estava dando

encima de um funcionário do administrativo. Assim que me viu, fechou a cara e saiu dali indo até sua sala. Fiz o mesmo.

- Você não tem tantos motivos para ficar assim, você nem conhecia o garoto – falei entrando em sua sala e encarando-o sentado por trás de uma mesa de vidro.

- Exatamente, nem você. Eu queria o garoto e você poderia ter me deixado comprar, afinal poucos minutos antes, eu tinha dito o quanto queria alguém virgem.

- Só por causa da virgindade Paulo? Você ia comer o garoto uma vez e já era. Você sabe o quanto sou sozinho naquele apartamento.

- Isso porque você quer – comentou encarando-me.

- Sério, desculpa. Não quero ficar mal com você. Você sabe o quanto te amo.

Ele ficou em silêncio durante alguns momentos.

- Tudo bem, eu te desculpo.

Fui até ele e o abracei forte. Ele tentou me empurrar um pouco envergonhado por alguns dos funcionários estarem vendo, afinal as portas eram de vidro, mas não me importei. Todos sabiam que éramos ótimos amigos e a empresa era nossa. Duvidava muito que alguém ali tivesse coragem de falar alguma coisa.

- Obrigado – falei largando-o.

- Obrigado nada, me deve um presente caro.

Eu ri.

- Pode deixar, mas enfim, preciso ir para minha sala e dar uma olhada nos contratos que Fernanda deixou-me ontem, até depois.

- Vai lá – Paulo disse.

Assim que me virei para sair, ele deu um

tapinha em minha bunda e eu ri. Tinha vergonha de me abraçar, mas não de passar a mão em minha bunda, vai entender.

Assim que cheguei na minha sala e encarei a pequena pilha sobre minha mesa, respirei fundo. Como minha assistente havia se demitido estava acumulando contratos a serem verificados. Durante toda a manhã, tentei concentrar-me ao máximo naquilo, mas Ianto não saia da minha cabeça. Ficava pensando em como ele estava.

Já me arrependia da minha pequena explosão com ele, afinal eu queria que ele entendesse que ele estava ali para fazer sexo comigo e não assusta-lo e obriga-lo a isso. Precisava achar um jeito de convencê-lo a entregar-se a mim sem receios, afinal esse seria seu futuro por um bom tempo.

Fui surpreendido com Paulo acordando-me de meus pensamentos.

- Acorda para a vida, Eric.

- Desculpa, o que foi? – perguntei, verificando o relógio em meu pulso, já era quase meio dia e precisava ir para casa como havia prometido lhe.

- O pessoal está aí para a entrevista.

- Droga, esqueci completamente disso. Não posso fazer a entrevista, preciso sair dentro de alguns minutos.

- Mas é para a vaga de seu assistente, Eric. Só você é capaz de dizer com quem consegue trabalhar ou não.

- Eu sei, mas realmente não posso. Não tem como você quebrar o galho e fazer a entrevista para mim? Por favor – pedi fazendo beicinho.

- Tudo bem, eu faço, mas serão dois presentes agora.

- Obrigado – disse levantando-me. – Vou

caprichar na escolha deles.

- É bom mesmo e tente não cansar o garoto tanto nas primeiras vezes – Paulo comentou e saiu rindo, achando que eu estava indo transar com Ianto, o que de fato gostaria de estar fazendo.

Peguei meu paletó e pasta e liguei para um restaurante que ficava no caminho para casa. Pedi que preparassem porções de comida para eu levar.

Assim que passei lá e peguei, fui direto para casa com certa pressa. Queria ver Ianto novamente e demonstrar que ele podia contar comigo acima de tudo, que eu podia tê-lo comprado para transar comigo sempre que eu quisesse, mas não iria machuca-lo ou trata-lo mal.

Deixei a comida sobre a mesa da sala de jantar e fui até seu quarto. Assim que abri a porta, o vi deitado no colchão com rosto inchado, devia ter passado a manhã toda chorando. Perto da parede

estava jogado o livro que lhe emprestara.

Respirei fundo e tentei manter a calma, eu sempre fora alguém explosivo, mas agora teria que tentar mudar isso.

- Desculpa por mais cedo, acho que exagerei um pouco. Como havia dito ontem enquanto te trazia para cá, se você fizer tudo certo, lhe tratarei bem. Apenas tem que ser acostumar com a ideia de que agora você vive para me satisfazer – disse.

Ele não falou nada e apenas levantou-se me encarando.

- Vamos almoçar – falei fazendo sinal com a cabeça.

- Sim, vamos – ele concordou.

Ele me seguiu de perto agora sem se preocupar tanto por estar nu. Provavelmente já estava entendendo que não havia o que ser feito, ele estava

sob meu controle e precisava fazer o que eu pedisse.

Assim que sentamo-nos a mesa, começamos a comer. Ele comeu sem parar, completamente maravilhado com a comida. Mauricio, o chef do restaurante, havia nos preparado várias porções de diferentes pratos que ia de massas a carnes e legumes.

- Parece menos triste – comentei assim que ele pareceu satisfeito.

- Não ache que é só me dar comida e meus problemas sumirão – falou irritado.

- Quais são os seus problemas? Você morará em um apartamento luxuoso e comerá todos os dias apenas o melhor – questionei tentando entender porque ele estava tão revoltado. Ele só tinha duas opções, ou ficar comigo ou ser morto pela polícia. Eu não devia ser tão ruim assim.

- Para começar, eu morarei em um quarto vazio dentro de um apartamento luxuoso.

- Já disse duas vezes, mas vou repetir. Se você fizer tudo certo e se comportar, poderei um dia permitir que você durma em outro quarto e tenha acesso ao restante do apartamento mesmo quando não estiver.

- Isso é ótimo, terei mais espaço para caminhar enquanto continuo preso – comentou sarcasticamente.

- Ianto, você sabe muito bem que não poderei jamais permitir que saia daqui. Mesmo que eu tenha o chip, meu nome está em jogo. Você poderia arruinar o império que a minha família construiu num escândalo como esse – comentei sério.

- Não se preocupe, não é como se eu tivesse para onde ir. Além de minha família achar que eu estou morto, provavelmente nesse momento devem

estar à beira da miséria. Só estou nessa situação, pois queria ajuda-los, mas acabai piorando tudo – ele comentou irritado, mas dessa vez consigo mesmo.

- Eu posso ajudar sua família – falei sério.

- Como assim? – perguntou interessado.

- Vamos fazer um acordo, Ianto. Se você for um bom garoto e me satisfazer como desejo que faça, irei doar um bom dinheiro a sua família – propus.

- Feito! – ele concordou de imediato.

- Tem certeza? Você terá que fazer tudo o que eu pedir e sem reclamar – questionei provocando-o.

- Sim, mesmo que você já tenha total poder sobre mim, se está falando sério sobre ajudar a minha família, eu concordo em não reclamar e fazer tudo o que você quiser.

- Muito bem, gostei. Não queria ter que força-

lo, por mais que pudesse ser divertido. Gosto mais de garotos submissos. Então o acordo está feito, à noite quando retornar começaremos a brincar. – comentei estampando um sorriso safado. Queria muito joga-lo sobre a mesa e transar com ele ali mesmo, mas aguardaria mais um pouco.

Após comermos, o levei até o quarto e tranquei. Joguei fora as embalagens da comida e deixei a louça sobre a pia, não tinha tempo para arrumar e não ia fazer o garoto também de empregada.

Assim que cheguei à empresa, fui direto atrás de Paulo. Ele estava na sua sala concentrando em seu computador.

- O que está fazendo? – perguntei entrando e fechando a porta.

- Olhando o perfil de um garoto numa rede social – respondeu e eu ri.

Aproximei-me dele para ver as fotos.

Realmente era um garoto, parecia ter apenas um ou dois anos a mais que Ianto, mas também era muito bonito. Com cabelos castanhos claros e olhos do mesmo tom, era magro de pele bem clara e não aparentava ser muito alto.

- Gostou? – Paulo perguntou analisando meu rosto.

- Sim, é muito bonito.

- Comeria ele?

- Sem dúvidas – respondi entre risos.

- Que bom, pois é seu novo assistente.

- Como assim? – questionei surpreso.

- Fiz as entrevistas para você e esse garoto tentou a vaga, aí esta o currículo dele – apontou para uma folha sobre a mesa, peguei para dar uma olhada. – E como sei que você gosta de garotinhos, achei perfeito.

PERIGOSAS

Analisei incrédulo o currículo do garoto que se chamava David. Ele estava no começo do curso de Administração e não tinha qualquer experiência, como era de se esperar.

- Você esta zoando né? – perguntei.

- Claro que não. Agora você tem dois garotinhos, não é ótimo?

- Primeiro que não quero ser acusado de assédio e segundo que só Ianto está ótimo para mim – falei um pouco irritado deixando o currículo do garoto ali e saindo de sua sala.

Paulo apenas ria atrás de mim, era óbvio que ele ia tentar se vingar de alguma forma por ter comprado Ianto. Pelo menos era só demitir esse David e contratar alguém mais capacitado que me livrava do problema.

Assim que voltei para minha sala, tentei concentrar-me no trabalho, mas estava muito

ansioso para tocar e beijar Ianto logo, então no meio da tarde disse que precisava sair e fiz o que prometi que faria, comprei-lhe roupas. Não sabia exatamente seu tamanho, mas como ele era magro e pequeno não foi muito difícil. Optei em peças brancas, por algum motivo achava que iam combinar bem com ele.

Assim que voltei à empresa tentei voltar ao trabalho, mas minha mente ainda insistia em fantasiar nossa primeira vez. Quase não sai de minha sala, pois meu pau estava duro a todo o momento. Quando finalmente o horário de fechamento da empresa se deu, sai sem despedir-me de ninguém, nem mesmo Paulo e dirigi o mais rápido que pude de volta ao apartamento.

Fui direto ao seu quarto, não ia aguentar mais esperar para toca-lo.

- Venha – orientei assim que abri a porta e

encarei-o nu aguardando-me também ansioso. Ele não disse nada e seguiu-me até meu quarto, onde larguei a pasta e sacolas ao lado da cama. – Comprei algumas roupas para você. Depois você experimenta, agora eu que quero experimentar, mas você! – falei retirando minha gravata e encarando-o com muito desejo. Dentro de minha cueca, meu pau já implorava para ser libertado de tão duro.

Finalmente ia tirar a virgindade de Ianto.

Capítulo 04

Ianto tremia de nervosismo visivelmente, mas mesmo assim não iria adiar esse momento de jeito algum. Então, dei a volta por trás seu corpo e comecei a desabotoar minha camisa enquanto beijava sua nuca, fazendo-lhe arrepiar-se completamente. Aproveitei para dar também alguns chupões em seu pescoço delicioso. Ele cheirava maravilhosamente bem, queria beija-lo dos pés a cabeça.

Quando finalmente fiquei livre de meu paletó e camisa, comecei a acariciar todo seu corpo com minhas mãos, explorando cada pequena parte enquanto continuava beijando-lhe, mas agora suas

costas branquelas e lindas. Ianto gemia baixinho e tremia de nervosismo e excitação. Levei minha mão até seu pênis, que para minha surpresa estava completamente ereto. Então, iniciei lentos movimentos de vai e vem em seu membro de tamanho mediano, fazendo-lhe intensificar os gemidos.

Meu pau pulsava dentro da calça de tão duro também. Como eu era consideravelmente mais alto que Ianto, meu membro batia em suas costas, mas eu fazia questão de agachar-me um pouco para então esfregar em sua bunda redondinha e deliciosa.

Quando cansei-me daquilo, peguei-o no colo encarando-o com muito desejo e o joguei sobre a cama. Ele estampava uma expressão de medo, mas nada falou, então subi na cama de pé e abri a braguilha de minha calça exibindo meu pênis duro

marcando em minha cueca.

- Me chupa – falei e ele continuou encarando meu volume hesitante. – Me chupa! – ordenei quando percebi que ele não faria.

Ele então ajoelhou-se na cama e puxou minha calça para baixo e encarou durante mais alguns momentos o volume em minha cueca. Eu tremia de tesão e não conseguia parar de observar seu corpo lindo. Quando ele finalmente teve coragem, baixou minha cueca liberando meu pênis que saltou para fora como uma catapulta. Ele parecia surpreso com o tamanho.

- Coloca na boca! Mama seu dono, vai! – falei.

Ele então pegou com uma de suas mãos em meu membro, fazendo-me gemer baixinho. Seu rosto estava completamente ruborizado de vergonha, mas mesmo assim iniciou uma masturbação lenta em mim. Eu estava completamente excitado ao ver

aquela cena, até que de repente, surpreendendo-me Ianto finalmente trouxe sua boca até meu membro e abocanhou a cabeça de meu pau. Soltei um gemido alto instantaneamente.

Sua boca era muito pequena para o tamanho de meu pênis, mas como ele aparentava estar hesitante, iniciei movimentos de vai e vem para fazê-lo abocanha-lo mais, mas definitivamente jamais conseguiria ter mais que a metade dentro de sua boca.

Estava completamente maravilhado com a sensação quente e úmida de sua boca chupando-me, mas eu queria mais que aquilo. Então em um rápido movimento deite-me sobre a cama e pedi que ele sentasse sobre meu peito.

Assim que ele fez o que pedi, peguei seu pênis e abocanhei inteiro de uma vez. Ele gemeu alto e eu continuei chupando-lhe com vontade, adorava

ouvi-lo gemer. Queria que ele estivesse bastante excitado para a hora que eu fosse lhe penetrar.

Após algum tempo pedi que voltasse a me chupar, pois meu pau pulsava pedindo por atenção. Ele então se curvou sobre meu pênis e voltou a chupar-me agora mais a vontade, fazendo-me gemer de prazer.

Definitivamente mesmo que Ianto parecesse receoso e com medo, ele estava completamente excitado com o que estávamos fazendo e isso era ótimo. Comprei-lhe sem saber de sua orientação sexual, mas aparentemente não teria problemas com isso.

Deixei ele continuar me chupando durante um bom tempo, até que puxei-lhe para perto de mim e abraçando-o voltei a beijar seu pescoço. Adorava seu cheiro e ver ele se arrepiando a cada novo beijo. Precisava sentir logo como era estar dentro

dele, então lhe empurrei sobre a cama e o virei de bruços.

A imagem de sua bunda redondinha e depilada era alucinante. Não consegui evitar e dei um belo tapa nela.

- Que bunda gostosa! – urrei excitado.

Sem pensar duas vezes, aproximei meu rosto dela e abri um pouco de suas nádegas, para então levar minha língua até seu buraco que eu tento desejava. Ianto contorceu-se na cama e gemeu alto, eu ri daquilo e voltei a lamber com vontade ainda mais excitado.

- Se prepara – falei finalmente, não aguentava mais. – Eu vou meter em você!

Ele instantaneamente voltou a aparentar nervosismo e medo, mas não ia parar agora. Cada parte do meu corpo implorava pelo de Ianto. Ele então puxou um travesseiro e escondeu seu rosto

nele. Decidi então tentar relaxa-lo mais para não machuca-lo mais que o necessário, então me curvei sobre ele novamente e abri suas nádegas voltando a lamber seu buraco.

Ianto soltava gemidos abafados com rosto sobre o travesseiro, até que após algum tempo daquilo decidiu tira-lo e observou a cena de meu rosto entre suas nádegas gostosas. Ele parecia mais calmo e excitado, então tirei minha língua de dentro dele e penetrei meu dedo indicador para ver se conseguiria receber meu pênis.

Ele gemeu alto, mas havia entrado com certa facilidade devida toda lubrificação que deixei ali. Fiz leves movimentos de vai e vem com ele e quando percebi que ele Ianto já havia se acostumado, inseri um segundo dedo, que dessa vez não entrou tão fácil, mas continuei com os movimentos a fim de prepara-lo para o que viria

depois.

- Está gostando? – perguntei observando suas reações enquanto continuava estimulando-o com meus dedos, mas ele parecia hesitante em responder. – Está gostando? Me responde, porra! – exigi impaciente.

- S-sim, estou – respondeu entre gemidos.

- Então vai gostar mais do que vai vir agora – comentei retirando meus dedos de dentro dele e indo até o guarda-roupas buscar um frasco de lubrificante.

Assim que peguei, voltei à cama e puxei Ianto, fazendo-lhe ficar de quatro. Ele ruborizou de imediato pela posição, mas eu não ligava, além de ser uma das minhas favoritas, era de certa forma excitante vê-lo envergonhado daquela forma.

Peguei um pouco do lubrificante e espalhei em seu buraco e ele gemeu no mesmo instante. Quando

achei que era o suficiente, passei em meu pau também e o posicionei em sua pequena entrada. Preocupava-me em não machuca-lo, mas o que mais queria naquele momento era estar dentro dele, então empurrei pela primeira vez e ele imediatamente urrou de dor.

- Relaxa – falei esfregando meu pau em torno de seu buraco. Ele respirou fundo tentando se acalmar.

- Você não vai usar preservativo? – questionou nervoso.

- Não. Você é só meu, jamais será tocado por outro homem, então sinto-me seguro para fazer sem. Irá ser até mesmo mais prazeroso assim.

- E quanto a mim? Estou seguro? – questionou preocupado. Provavelmente devia estar achando que eu transava com outras pessoas.

- Não estou saindo com ninguém – revelei

voltando a empurrar meu pau em seu buraco.

Ele gemeu de dor, mas continuei tentando até que com um pouco de dificuldade consegui fazer a glande entrar. A sensação quentinha e apertada em meu pau me fez soltar um gemido de prazer, mas Ianto contorcia-se e urrava de dor.

- Calma Ianto, relaxa – orientei ficando imóvel para que ele se acostumasse.

Ele acabou chorando um pouco e não podia culpa-lo. Era sua primeira vez, ele não sabia o que esperar, mas agora que eu já estava dentro, precisava ir até o fim senão enlouqueceria. Precisava mais daquela sensação! Depois de um tempo, quando percebi que ele já não sentia tanta dor perguntei se podia continuar e ele confirmou com a cabeça.

Voltei então a empurrar o restante de meu pau vagarosamente e ele voltou a contorcer-se de dor,

mas não disse nada. Ele estava querendo aguentar firme, provavelmente devido o acordo que fizera comigo, onde concordou em fazer tudo que eu pedisse e sem reclamar se em troca eu ajudasse sua família. Então continuei empurrando até que finalmente tudo havia entrado. Nem podia acreditar que havíamos conseguido. A sensação dele apertando meu pau com seu cu era alucinante. Se eu tivesse ejaculação precoce teria gozado naquele mesmo momento.

Como sabia que Ianto estava sentindo muita dor, permaneci parado novamente até que se acostumasse. Ele parecia um pouco tonto e então apoiou sua cabeça no colchão. Tentei ao máximo ser paciente e após vários minutos ele finalmente levantou a cabeça e parecia melhor.

- Pode continuar – falou finalmente.

- Ótimo – comentei um pouco impaciente.

Comecei então a estocar com vontade em seu bunda deliciosa, ele gemia alto assim como eu. Que sensação maravilhosa!

Aos poucos percebi em seus gemidos que a dor já estava quase sumindo e ele agora sentia apenas prazer, então fui aumentando cada vez mais o ritmo e força que metia. Ianto se contorcia de prazer na cama cada vez que meu pau batia em sua próstata.

A imagem de meu pênis entrando e saindo de Ianto era linda e hipnotizante, simplesmente não conseguia parar de olhar. Jamais faria sexo no escuro com ele.

A cada estocada, mais prazer sentia. Queria cada vez mais de Ianto. Então, passei meus braços por baixo dele e o puxei contra meu corpo, fazendo-o ficar também ajoelhado enquanto eu continuava metendo em um ritmo frenético e forte. Aproveitei para chupar seu pescoço enquanto ele

gemia intensamente e sem parar.

Sabia que podia estar machucando-o em ir tão rápido e forte assim, mas meu tesão era selvagem. Queria ir ainda mais forte com ele, mas tentei me controlar e satisfazer-me com aquilo, afinal queria tê-lo novamente quanto antes e isso não seria possível se ele ficasse dolorido.

Aos poucos, Ianto foi intensificando seus gemidos e sabia que ele podia estar prestes a gozar, então tirei meu pau dentro dele e deitei-me sobre a cama. Não queria que ele gozasse ainda.

- Eu quero que você cavalgue no meu pau – falei excitado.

Ele então levantou-se e veio até onde eu estava, percebi que suas pernas tremiam, mas sem hesitar agachou-se e após posicionar meu pau na sua entrada sentou até ter tudo dentro de si novamente. Gemi alto com aquilo. Que garoto gostoso!

Ele começou de imediato a subir e descer sobre meu pau enquanto também gemia bastante. A imagem era muito excitante, definitivamente Ianto havia valido cada dizu que havia gasto nele. Depois de um tempo, aos poucos ele foi diminuindo o ritmo, provavelmente com as pernas cansadas daquilo, então voltei a estocar com vontade nele enquanto ele continuava com aqueles movimentos.

Assim que Ianto começou a intensificar seus gemidos, comecei a meter ainda mais rápido, até que finalmente ele entregou-se ao êxtase do prazer e gozou sobre meu peito e barriga, cobrindo-me com seu esperma quente. Sorri satisfeito enquanto continuava estocando nele. Era ótimo ver que ele também havia aproveitado sua primeira vez.

Quando percebi que ele não aguentaria mais ficar sobre mim, virei-o de bruços e continuei metendo, agora ainda mais forte e rápido, pois

sentia que também estava perto de gozar.

- Vou gozar – anunciei e em seguida soltei um gemido alto tomado de prazer. Senti meu pau lançar vários jatos de esperma dentro de Ianto, que também gemeu intensamente ao sentir meu líquido quente encher-lhe por dentro.

Quando finalmente me dei por satisfeito, joguei-me sobre ele com meu pau ainda dentro. Tentei respirar fundo, aquilo havia sido incrível. O melhor sexo de toda minha vida. Nós dois estávamos bem ofegantes e completamente molhados de suor.

Após alguns breves momentos, percebi que Ianto não estava conseguindo respirar direito comigo sobre si, então sai de cima e fui até o canto da cama onde me sentei. Meu pau surpreendentemente continuava duro.

- Vá tomar banho, que farei o mesmo.

Precisamos jantar – falei a Ianto.

- Tudo bem – ele disse levantando-se com certa dificuldade. Suas pernas tremiam e um pouco de meu esperma escorria por entre suas coxas.

Assim que ele dirigiu-se para fora do quarto, antes que saísse chamei por seu nome e ele virou-se para mim.

- Eu vou ajudar sua família – anunciei.

Havíamos feito um acordo e cumpriria com a minha palavra.

- Obrigado – ele disse com olhos marejados.

Ele ficou ali parado durante alguns momentos apenas me encarando, parecia querer dizer alguma coisa, mas não o fez.- Vá tomar seu banho logo, para jantarmos. Precisa se alimentar bem, afinal fui devagar com você só hoje, já que era virgem. Nas próximas irei realizar todas as minhas vontades e

fetiches contigo, foi para isso que lhe comprei – falei deixando-lhe consciente que nas próximas vezes poderia ser ainda mais selvagem e eu não tinha culpa daquilo, aquele garoto me enlouquecia completamente.

Capítulo 05

Acordei cedo naquela manhã, antes mesmo que o despertador tocasse. Ter transado com Ianto me fez ter uma excelente noite do sono, como há muito tempo não tinha. Eu estava completamente relaxado.

Assim que levantei, fui para o banho. Como estava completamente duro, pensei em me masturbar como fazia todas as manhãs, mas agora que tinha Ianto, essa prática se tornaria cada vez mais rara. Assim que sai do banheiro, vesti meu terno, não queria me atrasar naquela manhã para o trabalho. Pretendia me livrar do garoto que Paulo contratara o quanto antes.

Dirigi-me até o quarto de Ianto e observei durante alguns minutos ele ainda dormindo. Ele era incrivelmente lindo, mas ao mesmo tempo aparentava ser tão frágil que dava vontade de cuidar dele para sempre.

Quando percebi que já estava a tempo demais observando-o, chamei por seu nome e ele acordou de imediato. Ao meu ver ali, suas bochechas coraram. Ele estava com vergonha do que havíamos feito na noite anterior?

- Vamos tomar café, Ianto! – falei com um enorme sorriso para demonstrar que já eu, havia adorado.

- Tudo bem. Posso ir ao banheiro antes?

- Sim, estarei lhe aguardando na cozinha.

Ele me olhou desconfiado, provavelmente por ter deixado que ele ficasse sozinho no quarto e depois fosse para cozinha sem minha presença, mas

precisava mostra-lo que como havia dito, se ele fizesse tudo que eu pedisse, não iria trata-lo como um prisioneiro. Além de que claro, já havia escondido tudo que ele pudesse usar para contatar alguém de fora.

Assim que cheguei à cozinha, retirei o café da cafeteira pré-programada para aquele horário e dispus sobre a mesa tudo que precisaríamos para nosso café da manhã. Sentei-me à mesa e aguardei que ele chegasse, o que não demorou muito.

Ele me encarou durante alguns momentos pensativo.

- Está tudo bem contigo? – Ianto me questionou, provavelmente estranhando o sorriso bobo que não saia de meu rosto.

- Ótimo. Você me proporcionou uma excelente noite ontem. Estou muito contente, temos muita química na cama – respondi encarando-o nos olhos.

- Química?

- Claro. A forma que se entregou a mim foi incrível.

- Se você acha...

- Enfim, vamos comer logo – interrompi percebendo que logo se iniciaria o expediente em minha empresa – Preciso ir trabalhar.

Começamos a tomar nossos cafés e percebi que Ianto me encarava de forma estranha, como se quisesse falar algo, mas estivesse controlando-se para não faze-lo. Não sabia exatamente o que poderia ser, mas supus que podia ser a respeito do nosso acordo.

Assim que terminamos, o levei de volta a seu quarto.

- Preciso do endereço de seus pais – falei pegando no bolso de meu paletó um pequeno bloco

de notas e uma caneta.

- Tudo bem.

Entreguei e ele escreveu no papel o endereço da casa em que morava antes. Suas mãos tremiam, ele devia estar sentindo muita falta de sua família, o que era compreensível, mas infelizmente não podia fazer nada a respeito disso. Ninguém podia saber que ele estava morando comigo.

- Vou passar lá antes da hora de almoço – falei assim que me devolveu o bloco e caneta.

- Sério? – ele questionou desconfiado.

- Sim, eu prometo – tentei soar o mais sério possível.

- Obrigado – falou abrindo um sorriso para mim como agradecimento.

Ele ficava tão mais lindo quando sorria que não consegui evitar, aproximei-me dele e me curvei

para tocar meus lábios aos seus num breve selinho. Ianto ficou estático e sem reação, só então lembrei que na noite anterior, apesar de tudo que havíamos feito, não havia beijado sua boca. Só que ele teria que se acostumar, pois pretendia beija-lo muito.

Sai de seu quarto e antes de fechar a porta e tranca-la, sorri para ele lá dentro. Há muito tempo não me sentia tão bem e feliz.

Desci até o estacionamento e assim que peguei meu carro, dirigi até a empresa. Para minha sorte, o transito também estava tranquilo naquela manhã, então não demorou muito para que eu chegasse.

Após cumprimentar os recepcionistas, peguei o elevador e assim que cheguei ao andar onde ficava o administrativo e minha sala, sai e me deparei com Angélica, a chefe do RH.

- Bom dia Sr. Pitz.

- Bom dia Angélica. Gostei do que fez com seu

cabelo – comentei e ela ruborizou imediatamente. Angélica tinha 30 anos, mas aparentava ter uns 20, sempre fora vaidosa e agora havia cortado suas madeixas loiras num corte bem mais curto que beneficiava seu rosto.

- Obrigada – ela disse sorrindo timidamente.

- Até mais – falei passando por ela que me impediu segurando meu braço.

- Desculpa – ela soltou de imediato quando percebeu o que havia feito. - É que precisava falar mesmo com o senhor.

- Pode falar então.

- Só queria informar que já expliquei e mostrei a empresa para o David. Ele está o aguardando em frente a sua sala.

- Tudo bem, obrigado. Pode deixar que agora eu mesmo me resolvo com o garoto, até mais – disse

indo em direção a minha sala.

Assim que cheguei em frente à ela, encontrei o garoto sentado num banco de espera. Ele estava vestindo um belo terno slim cinza, feito sob medida. Assim que me viu, levantou-se imediatamente.

- Bom dia. Você é o David?

- Sim, senhor – respondeu um pouco nervoso, estendendo sua mão para mim. Cumprimentei.

- Me acompanhe até minha sala, por favor.

- Claro – ele disse pegando sua maleta e me seguindo de perto.

Assim que me sentei em minha mesa, sinalizei para que sentasse também. Observei-lhe durante alguns momentos.

Ele tinha cabelos castanhos claros e olhos verde esmeralda muito lindos. Sua pele era clara, mas

levemente bronzeada de sol, provavelmente havia viajado recentemente a alguma praia. Sua altura era semelhante à de Ianto, mas em porte físico era um pouco maior, talvez pela prática de algum esporte.

- Então David... Gostaria de conversar com você um pouco, já que quem o entrevistou foi Paulo.

- Tudo bem.

- Devo assumir que achei um pouco estranho Paulo o escolher, afinal vi em seu currículo que ainda está no segundo semestre do curso de administração.

- Sim, mas sou o melhor aluno de minha turma – disse de imediato. O nervosismo transparecia em sua voz.

- Isso é bom, mas não acha que é um pouco cedo para trabalhar? Pelo seu terno, suponho que você venha de uma família com recursos. Deveria

estar focando apenas nos estudos.

- Eu quero muito trabalhar, Sr. Pitz. Meu pai também é empresário, mas não quer que eu trabalhe com ele ainda. Ele diz que por eu ser filho do chefe, não saberei como realmente é crescer dentro de uma empresa, pois mesmo que eu seja atribuído em uma função baixa, todos irão tentar ao máximo me bajular por puro interesse e não haveria tanto mérito em meu crescimento profissional. Então, quando vi que havia sido aberta uma vaga aqui, pensei em tentar. Fiquei muito feliz quando Paulo disse que achava que eu poderia me sair muito bem sendo seu assistente.

- Consigo lhe entender David e realmente seu pai está certo até certo ponto. Também comecei por cima e isso me fez cometer vários erros no inicio, que talvez se eu tivesse construído uma carreira ao longo dos anos, teria evitado. Mas, veja bem, essa

vaga que você conseguiu é uma das mais importantes dessa sede.

- Eu sei e posso garantir que me esforçarei ao máximo para atingir todas suas expectativas senhor.

Observei ele respirando ofegante. Ele definitivamente queria a vaga. Recostei-me em minha cadeira e respirei fundo.

- Tudo bem, já foi contratado mesmo; vamos fazer alguns dias de teste. Só espero que esteja consciente das responsabilidades que terá que assumir para permanecer na vaga.

- Eu estou, senhor. Muito obrigado!

- Pode começar parando de me chamar de senhor. Me chame somente por Eric, agora pode ir até sua mesa, que Angélica deve ter lhe mostrado. Lá você receberá as minhas ligações, encaminhe apenas as importantes.

- E quais são?

- Não tenho tempo para te passar uma lista, David.

- Tudo bem, eu encontrarei um jeito de aprender.

- Ótimo, pode sair – falei e ele acenou com a cabeça em positivo.

Assim que ele se virou para sair da sala, meus olhos involuntariamente dirigiram-se para sua bunda redonda e empinada. Definitivamente David era muito gostoso, mas se Paulo achava que eu ia tentar algo com o garoto, estava bem enganado. Após a noite passada, eu não queria ninguém mais além de Ianto.

Passei a manhã inteira revisando contratos. Por algum motivo, Paulo não havia ido uma vez sequer

em minha sala, assim como David, que provavelmente estava com medo de tirar suas dúvidas comigo. Ele havia me passado apenas 3 ligações e que realmente eram importantes, alguém devia estar ajudando-lhe.

Quando percebi que eram 11 horas da manhã, decidi ir até o endereço que Ianto me entregou, a fim de cumprir com minha promessa, mas antes decidi conferir como David estava se saindo.

- Tudo certo? - perguntei aproximando-me de sua mesa que ficava junta do resto do pessoal do administrativo.

- Sim, Paulo me ajudou muito. Ele me explicou como devia organizar sua agenda e quais ligações deveria passar para o senhor e quais encaminhar para outros departamentos.

- Ótimo – comentei, agora entendendo o porquê de Paulo não ter ido até minha sala naquela manhã.

- O senh-... Desculpa. Precisa de algo Eric?

- Não, está tudo bem David. Precisarei sair agora para um compromisso e só volto após meu horário de intervalo.

- Precisa que eu lhe acompanhe?

- Não será necessário, continue com seu trabalho.

- Pode deixar – disse e sorriu para mim, ele estava bem mais calmo que no começo da manhã.

Sai do prédio e fui direto até o bairro em que Ianto morara de carro. Era uma região apenas de pessoas da casta 5 e 4, nunca havia visitado. As casas eram todas idênticas umas as outras, pintadas em um tom acinzentado que dava impressão de ser um local sem felicidade.

Assim que encontrei o número que Ianto havia me passado, estacionei diante da casa. Havia

algumas pessoas nas ruas conversando e me encararam sem entender o que estava fazendo ali, mas ignorei e fui até a porta, onde bati e aguardei que alguém me atendesse.

Uma senhora baixinha e com enormes olheiras atendeu a porta. Tinha cabelos loiros, mas mal cuidados e olhos de mesmo tom azul de Ianto. Definitivamente não aparentava ser uma pessoa saudável.

- Senhora Wiese?

- Sim, quem é você? – ela perguntou desconfiada.

- Sou Eric Pitz – respondi e ela pareceu assustada.

- Se for a respeito de meu marido, ele faltou ao trabalho pois algo horrível aconteceu. Por favor, não o demita – ela falou rapidamente sem sequer respirar entre as frases, completamente nervosa.

- Não é a respeito disso, fique calma. Seu marido está?

- Sim... – respondeu respirando fundo e com uma mão sobre o peito. – Vou chama-lo.

- Posso entrar? Preciso conversar com os dois.

- Claro, entre.

Assim que entrei na casa, percebi que era menor do que aparentava por fora; somente minha sala devia ser maior que ela inteira. Já a deles, tinha apenas dois sofás velhos encostados à parede e uma pequena televisão sobre uma estante de madeira, que não parecia muito firme e segura.

- Otávio, venha aqui – a mulher gritou para seu marido, que surgiu de outro cômodo que devia ser a cozinha.

Ele me encarou completamente confuso. Diferente de Ianto e sua mãe, ele era alto e um

pouco acima do peso, completamente calvo no centro da cabeça.

- Bom dia, Sr. Wiese. Sou Eric Pitz – apresentei-me estendendo minha mão para ele, que cumprimentou sem tirar os olhos de mim.

- Eu sei quem o senhor é.

- Gostaria de sentar Sr. Pitz? – a mãe de Ianto ofereceu.

- Adoraria, obrigado.

Assim que me sentei em um dos sofás e eles em outro diante de mim, comecei a falar.

- Bem... Fiquei sabendo do que houve com seu filho.

Ambos abalaram-se imediatamente só de ouvirem eu comentar.

- Sim, foi devastador quando a polícia surgiu em minha porta para contar que ele havia sido

executado. E isso somente por querer nos ajudar. Todo esse sistema de castas e essas leis são muito injustas – a mãe de Ianto comentou já caindo em lágrimas.

Tentei manter a calma diante da situação, era horrível ver o quanto aquela família estava sofrendo por achar que Ianto estava morto, quando na verdade estava em meu apartamento.

- Concordo completamente, por isso vim aqui oferecer ajuda a vocês.

- Ajuda? Por quê? – Otávio questionou confuso.

- Eu tive a oportunidade de conhecer Ianto e ele parecia um jovem incrível. Fiquei muito abalado quando contaram-me o que havia acontecido e imagino o quanto estejam sofrendo e passando por dificuldades agora que possuem uma pessoa a menos para trabalhar.

- Sim, realmente. Minha esposa está doente e isso a impede de trabalhar. Com Ianto as coisas já estavam difíceis, agora sem ele, não sabemos o que fazer. Estamos todos muito assustados.

- É por isso que vim, gostaria de ajuda-los com algum dinheiro.

- Por que faria isso? – ela questionou.

- Como disse, conheci Ianto e era um jovem trabalhador e que se preocupava muito com vocês. Sei que sua morte só se deu por conta de toda a dificuldade que estavam passando, então gostaria muito de ajuda-los.

Eles calaram-se imediatamente e se olharam durante alguns momentos.

- Não, obrigado – Otávio disse levantando-se, fiz o mesmo e em seguida sua mulher.

- Desculpa, mas não conhecemos o senhor, não

podemos aceitar seu dinheiro.

- A senhora está doente e sua família está passando fome, esse dinheiro será muito útil para fazer o tratamento necessário e alimenta-los. Tenho certeza que Ianto gostaria que aceitasse.

- Acho que o senhor não conheceu Ianto tão bem. Podemos ser da 5, mas entendemos que jamais alguém como o senhor ajudaria nós sem ter algum interesse por trás. São pessoas como vocês que mantém esse sistema como está. Um sistema que executa adolescentes desesperados e famintos que só queriam ajudar suas famílias – ela disse em tom agressivo, mas ainda chorava muito.

- Eu não tenho culpa pelo que houve com Ianto – falei magoado com o que ouvira.

- Então por que veio nos ajudar? Já vivemos o suficiente para saber que não existe fada dos desejos. No mínimo quer que fiquemos devendo

favores a você, para então nos obrigar a fazer coisas ilegais que não arriscaria fazer sozinho. Não é a primeira vez que pessoas ricas me oferecem dinheiro, mas não cairemos nessa. Nosso filho mais novo já perdeu um irmão, não deixaremos que perca os pais também – Otávio falou.

- Ele vai perder se não aceitarem minha ajuda.

- Nós temos fé nos deuses. De alguma forma, acharemos um de dar a volta por cima.

- Por favor, e-eu... Só quero ajudar...

- Então apenas mantenha meu marido empregado, senhor Pitz. Só queremos isso do senhor.

Calei-me sem saber o que mais dizer, não sabia que existiam pessoas que negavam ajuda em um momento tão difícil. Entendia o receio, afinal apenas conhecer Ianto não seria uma desculpa suficiente para convencê-los, mas o que mais

poderia dizer?

- Precisa falar mais alguma para nós, Sr. Pitz? – Otávio questionou de forma seca.

- Não, era somente isso – disse deixando a casa sem despedir-me e indo até meu carro.

Enquanto dirigia até o restaurante que pegaria nossa comida, senti vontade de socar o volante. Eu havia feito uma promessa a Ianto e não consegui cumpri-la. Como ele ia reagir quando eu contasse? Provavelmente nada bem.

Decidi então tentar algo arriscado, pois provavelmente estranhariam quando eu fizesse o pedido, mas era o único jeito.

Peguei meu celular e liguei para Luiz, o responsável pelo setor financeiro da cidade.

- Alô? – a voz dele surgiu do outro lado da

linha.

- Luiz, é o Eric, preciso de um favor seu.

- Claro, pode falar chefe.

- Preciso que adiante o pagamento de um funcionário.

- Sem problemas, estou diante do meu computador, então só dizer o nome que posso agendar para amanhã mesmo.

- Otávio Wiese.

Aguardei alguns momentos enquanto Luiz digitava. Mantive meus olhos na estrada o tempo todo, não queria aparecer como manchete de algum jornal por ter se acidentado por falar no telefone enquanto dirigia.

- Achei. Otávio Wiese, da fábrica 7. Está correto?

- Esse mesmo.

- Okay, então posso adiantar para amanhã o salário de 540 dizus dele.

- Ótimo, mas gostaria que mudasse esse valor.

- Tudo bem, para quanto?

- Duzentos.

- Só isso?

- Duzentos mil dizus, e certifique-se que não será estornado.

Ele ficou em silêncio durante alguns momentos.

- Tem certeza disso?

- Absoluta. E Luiz? Seja sigiloso sobre esse assunto.

- Sem problemas senhor.

- Obrigado.

Desliguei a ligação e dirigi até o restaurante que comprava comida para eu e Ianto. Após me

estressar com seus pais, queria estar perto dele o quanto antes.

Assim que finalmente cheguei em casa, deixei tudo sobre a mesa e fui até seu quarto, onde o encontrei, para minha surpresa, lendo Lua Vermelha.

- Venha.

Ele levantou-se deixando o livro sobre o colchão.

- Sim – obedeceu e me acompanhou de perto até a cozinha.

Assim que nos sentamos à mesa, começamos a nos servir, mas era visível que Ianto não tinha qualquer interesse na comida diante de nós. Ele queria saber mesmo era como havia sido meu encontro com seus pais, mas preferi primeiro comer em silêncio e ele fez o mesmo.

PERIGOSAS

Somente quando nós dois terminamos decidi falar.

- Suponho que esteja ansioso para saber sobre sua família - comentei olhando-o nos olhos.

- Sim, estou muito ansioso. Você foi lá? Como eles estavam?

- Bem, eu posso te contar tudo isso, mas como tenho um tempo livre ainda, que tal me pagar um boquete antes? Capriche e eu te conto tudo – propus. Sentir sua boca em meu pau era exatamente o que eu precisava para relaxar, mas Ianto apenas ficou calado enquanto seu rosto ficava vermelho igual um pimentão. – Estou falando sério, vem cá – falei afastando minha cadeira da mesa.

Abri o cinto e o zíper de minha calça, deixando exposta minha cueca azul com meu pau completamente duro marcando-a.

- Você vai me contar se eu fizer? – ele

perguntou.

- Mesmo que eu não precise, afinal você me pertence e tem que fazer o que eu pedir, sim. Irei lhe contar se você me chupar gostoso – provoquei.

Ianto aproximou-se de mim nervoso. Ele não estava completamente confortável com aquilo, mas logo o deixaria.

Assim que ajoelhou-se diante de mim, com suas mãos tremulas puxou minha cueca para baixo, libertando meu pênis que saltou para fora como uma catapulta. Minha glande estava enorme e molhada com um pouco de líquido pré-ejaculatório, devido a todo meu tesão.

Ianto encarou meu membro durante algum tempo completamente hesitante, então puxei sua cabeça até ele, fazendo-lhe abocanhar uma boa parte. Gemi alto com a sensação quente e úmida de sua boca, mas ele tirou rapidamente por ter se

engasgado.

Ri daquilo e voltei a puxar sua cabeça, queria mais de sua boca, mas Ianto novamente se engasgou, ele só conseguia abocanhar metade de meu membro. De certa forma, vê-lo engasgar com meu pau era muito excitante, então continuei puxando seu cabelo, fazendo-lhe me chupar em deliciosos movimentos de vai e vem. Em pouco tempo, meu pau já estava completamente com a saliva de Ianto.

Eu gemia intensamente e me contorcia na cadeira. Aquilo estava uma delicia e a imagem de Ianto ajoelhado diante de mim, me excitava ainda mais. Fodi sua boca durante um bom tempo, até que decidi puxar sua cabeça para minhas bolas, onde deixei que chupasse ao seu próprio ritmo enquanto me masturbava, mas ele voltou a hesitar.

- Vai, Ianto, chupa minhas bolas.

Ele obedeceu e começou lambendo meu saco. Contorci-me de prazer e soltei um gemido bem alto, era a região mais sensível de meu corpo. Acelerei minha masturbação enquanto Ianto continuava me enlouquecer com aquilo. De repente, me surpreendendo, ele abocanhou uma de minhas bolas completamente e massageou-a com sua língua. Quase gozei naquele mesmo momento. Eu gemia intensamente e sem parar. Percebendo que eu estava adorando, depois de algum tempo ele trocou para minha outra bola e ficou as revezando. Ele definitivamente sabia como fazer aquilo.

- Isso, caralho, está uma delícia – falei entre gemidos.

Abaixei minha cabeça e observei Ianto chupando meu pau com vontade, enquanto ele me encarava nos olhos, me excitando cada vez mais. Logo gozaria e queria mais do que aquilo. Queria

que ele também sentisse prazer, então levantei-me e empurrei aqueles pratos e copos sobre a mesa para liberar espaço. Alguns caíram no chão e quebraram-se, mas não importava.

Peguei Ianto no colo e o coloquei sobre a mesa. Ele parecia confuso, mas não falei nada e apenas o empurrei para que ele caísse deitado de barriga para cima ali. Então, em um único movimento puxei sua calça e cueca, revelando seu pênis também completamente rígido.

Não pensei duas vezes e abocanhei todo seu membro de uma vez, como era de tamanho mediano não tinha qualquer dificuldade nisso. Ianto gemeu alto e eu comecei a chupa-lo com movimentos ferozes de vai e vem, enquanto continuava me masturbando.

Ianto se contorcia sobre a mesa. Podia sentir sua glande liberando um pouco de líquido pré-

jaculatório, de tanto tesão e prazer que ele também estava sentindo. Não demorou muito e começou a intensificar seus gemidos, logo ele gozaria. Então, chupei com ainda mais vontade seu pau que pulsava dentro de minha boca. Até que de repente, fui surpreendido com o gosto amargo de seu esperma enchendo minha boca. Engoli tudo e por fim lambei sua cabeça e cada centímetro para me certificar que tinha limpado bem seu membro.

- Sua vez – falei e o puxei pelas pernas, fazendo-lhe cair diante de meu pau, que pulsava e babava de tanto tesão.

Sem pensar duas vezes, Ianto voltou me chupar e dessa vez com muita vontade. Cada vez que eu intensificava meus gemidos, ele acelerava seus movimentos de vai e vem. Eu não conseguiria aguentar mais tempo, então num espasmo, gemi alto tomado de prazer e gozei em sua boca. Ele

tentou engolir, mas era muito e uma parte de meu esperma escorreu por seus lábios. Pela expressão de seu rosto, não havia gostado do gosto, mas mesmo assim fez o mesmo que eu e lambeu o que havia ficado em meu membro até ficar completamente limpo.

Sorri para ele satisfeito e brincando bati com meu pau em seu rosto.

- Até que você é bem safadinho – comentei e no mesmo momento ele ruborizou e pareceu bastante incomodado com meu comentário.

Ele levantou e ficou calado durante alguns momentos com uma expressão estranha, deixando-me bastante preocupado.

- Você está bem? – perguntei.

- Não sei, estou confuso – ele respondeu e entendi na hora.

PERIGOSAS

Havia comprado Ianto sem saber sua sexualidade e agora ele havia tido as primeiras experiências sexuais comigo, então era possível que ainda não havia descoberto sua orientação sexual.

- Você acha que é gay pelo que fizemos? – perguntei a ele.

- Sim... – respondeu envergonhado.

- É normal sentir prazer com outro homem, eu estava te estimulando. Você só é gay se sentir atraído por outros homens, Ianto – tentei explicar da forma mais simples possível.

- Mas eu... – ele calou-se antes de completar a frase.

- Você se sente atraído por mim? – questionei interessado.

- Não sei, acho que sim. Já disse, estou confuso – respondeu impaciente e cruzando seus braços.

NACIONAIS - ACHERON

Não consegui evitar e abri um enorme sorriso.

- Enfim... Depois conversamos mais a respeito disso, queria continuar aqui, mas preciso voltar para o trabalho – informei notando que iria me atrasar.

Ianto me segurou pelo braço, antes que eu saísse dali.

- Você prometeu que me contaria o que aconteceu - interviu.

- Tudo bem. Fui até o endereço que me passou e realmente eles estavam numa pior. Eles estranharam minha visita, mas disse que conheci você em uma das fábricas e, como você parecia ser um bom garoto, decidi ajudá-los, agora que estava morto.

- Então, eles realmente acham que estou morto?

- Sim, eles pareciam bem abalados ainda. Mas

não precisa mais se preocupar em como eles ficarão, dei uma boa quantidade em dinheiro para eles. Primeiro eles recusaram, desconfiados, mas acabaram aceitando, por fim. Eles podem viver tranquilamente por vários anos com o valor que receberam – falei, mentindo na parte que haviam aceito, mas o que importava era que havia conseguido um jeito deles receberem o valor.

- Muito obrigado por isso. Sinto um peso sendo tirado de minhas costas. – falou mais calmo.

- Tínhamos um acordo. Acima de tudo, sou um homem de palavra.

Ianto sorriu para mim e eu me aproximei dele, mas ele imediatamente recuou dando alguns passos para trás.

- O que foi? – perguntei, estranhando.

- Acho estranho você me beijar.

- Não me importo, estou com vontade. – falei e avancei em sua direção.

Envolvi meus braços em torno de seu corpo e o puxei contra o meu. Como era delicioso sentir seu calor. Curvei-me um pouco e levei minha boca até seus lábios macios, para em seguida explorar o interior da sua com minha língua. Em vários momentos as entrelaçamos. Podia sentir que Ianto estava entregando-se novamente a mim naquele momento e queria aproveitar ao máximo.

Não sei quanto tempo durou o beijo; nunca parecia o suficiente, mas precisava retornar para a empresa logo. Dei uma leve mordida em seu lábio inferior, para então separar nossas bocas.

Definitivamente eu não tinha como continuar estressado após o que havíamos feito e o que ele havia me contado. Agora mais que nunca, tinha muitas esperanças de que daríamos certo juntos.

Levei Ianto até seu quarto e o fechei lá. Não queria mantê-lo tão preso assim, mas ainda precisava de mais algum tempo até ter certeza que poderia confiar completamente nele.

Olhei meu relógio e estava cerca de 20 minutos atrasados, então corri até o estacionamento. Precisava chegar o quanto antes na empresa, afinal agora tinha um novo assistente e deveria ensina-lo eu mesmo. Deixar aquele garoto cair nas garras de Paulo era uma péssima ideia.

Também estava decidido a comprar um presente especial para Ianto, para presenteá-lo naquela noite.

Capítulo 06

Assim que cheguei à empresa, imediatamente pedi que David viesse até minha sala. Ele, claro, ficou nervoso com aquilo.

- Precisa de alguma coisa, senhor? – perguntou assim que sentei-me a minha mesa. Sinalizei para que ele sentasse também.

- Já esqueceu que é para me chamar de Eric?

- Desculpa...

- Sem problemas, logo você memoriza. Mas, não, não lhe chamei aqui porque preciso de algo. Gostaria de te dar um conselho.

- Okay – ele pareceu confuso.

PERIGOSAS

- Tome cuidado com Paulo.

- Por quê? Ele está me ajudando muito.

- Exatamente por isso, não é a função dele lhe treinar. Ele está fazendo isso porque quer algo em troca de ti.

- O que exatamente?

- Melhor nem saber.

- Mas como aprenderei? Para quem peço ajuda?

- Para ninguém, eu vou lhe ajudar com o básico que precisa saber para trabalhar como meu assistente.

- Mas você disse que não tinha tempo para isso.

- E realmente não tenho muito, mas posso encontrar uma forma de fazer isso. Já que irá trabalhar para mim, é meu dever te instruir.

- Obrigado.

NACIONAIS - ACHERON

- Não precisa agradecer, agora pode voltar para seu trabalho.

- Claro... – ele levantou-se imediatamente e seguiu em direção da porta, mas parou antes de sair. – Desculpa, senhor. Digo... Eric, um homem chamado Luiz Belton ligou e disse que precisava falar contigo urgente. Ele tentou ligar para seu celular, mas disse que não atendeu.

- Eu estava meio ocupado... Mas, obrigado David. Pode deixar que ligarei para ele agora.

O garoto apenas sorriu para mim e deixou a sala.

Peguei meu celular no bolso da calça e percebi que realmente havia 3 ligações perdidas de Luiz. Disquei seu número.

- Eric? – ele atendeu.

- Sim, Luiz. Precisava falar comigo?

- Sim, chefe. Como disse mais cedo, o pagamento para esse Otávio está programado para amanhã, mas o banco já ligou questionando se não seria um erro todo esse valor.

- Era só ter respondido que não, você sabe da minha vontade.

- E foi o que fiz, apenas preciso saber como quer que eu mantenha isso fora dos relatórios para que ninguém mais perceba.

- Até onde sei, você é o chefe do departamento financeiro, não deve ser problema algum fazer isso desaparecer.

- De fato, mas senhor... Estive pensando e não sei se quero correr esse risco. Digo... A matriz pode notar que maquiei os relatórios e não quero ser penalizado por algo que nem sei do que se trata.

Respirei fundo.

- O que você quer Luiz? Pare de enrolar, te conheço.

- 30 mil. Estou planejando uma viagem com a família, sabe como é.

- Tudo bem, irei providenciar.

- Obrigado chefe.

Encerrei a chamada em seguida. Detestava o fato de que tudo girava em torno de dinheiro. Achei que Luiz era um amigo, mas devia ter imaginado que ele faria aquilo somente se eu retribuísse o favor. O único com quem podia contar era Paulo. Mesmo que tivéssemos nossas diferenças, éramos muito honestos um com o outro.

Passei o restante da tarde um pouco irritado e nem mesmo chamei David. Deixaria para treina-lo assim que estivesse melhor humorado.

Assim que faltavam poucos minutos para

encerrar o turno na empresa, passei por sua mesa e o liberei para ir embora também. Queria chegar logo em casa e beijar Ianto para acalmar-me, mas tinha uma coisa para fazer antes.

***

Cheguei ao apartamento e fui direto para o quarto de Ianto, queria muito entregar o presente que havia lhe comprado. Assim que abri a porta, deparei-me com ele sentado em seu colchão, esperando-me. Abri um sorriso imediatamente, era ótimo encontra-lo em casa após um dia de trabalho difícil.

Ele encarou a sacola em minha mão, mas não disse nada.

- Não vai me dar um beijo de boas-vindas? – perguntei, aproximando-me. Ele não respondeu, então me sentei ao seu lado e o beijei. Seus lábios eram macios e deliciosos, mas não havia

movimentos, ele estava deixando-me comandar sem qualquer reação. – Você está bem? – perguntei assim que separei nossas bocas.

- Estou sim, por quê? – questionou.

- Está quieto... E isso é estranho.

- Só estou entediado.

- Então vem comigo, que darei algo para você se divertir – falei levantando-me e o puxei pelo braço até meu quarto.

Assim que chegamos, tirei sua camisa e a joguei pro lado. Queria muito seu corpo, então o empurrei, fazendo-lhe cair deitado sobre a cama. Minha vontade era subir encima dele e fazer amor, mas antes ia mostrar o que havia lhe comprado.

Tirei de dentro da sacola a caixa marrom e a abri revelando o lindo frasco de Bluberry. Um perfume que eu amava com todas as minhas forças.

- Eu amo este perfume e adoraria senti-lo em você – falei e espirrei a fragrância em seu peito e pescoço, para depois subir encima dele e cheirar sua pele alva com vontade. O cheiro amadeirado e refrescante fez meu pau endurecer na hora. – Maravilhoso! – comentei e larguei o frasco ao lado da cama.

- De quem era esse perfume? – perguntou.

- Como assim? – questionei surpreso pela pergunta.

- Para você gostar tanto assim, suponho que uma pessoa que gostasse o usava também – respondeu.

Como ele podia saber de algo assim?

Fiquei calado durante alguns momentos, estático e sem saber como responder. De fato, uma pessoa que um dia havia amado muito usava aquele perfume, mas não queria falar sobre isso com Ianto

ou qualquer pessoa. Era algo pessoal e que ainda me machucava muito.

- Um amigo usava, mas não quero falar sobre isso – respondi impaciente.

- Por quê? Não conseguiu comprá-lo também? – Ianto provocou.

Senti o ódio se apoderar de mim imediatamente. Sem conseguir me controlar, bati em seu rosto com um forte tapa. Por que ele estava falando aquelas coisas?

- Nunca mais fale isso! Você não sabe de nada que aconteceu! – ordenei irritado, apontando o dedo indicador para ele.

- Aparentemente ele estava acima disso, né? – perguntou e em seguida lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

- Sim, estava mesmo! – respondi friamente e

respirando pesado.

Se ele soubesse tudo que eu havia passado com Fernando, jamais falaria coisas como aquelas. Ainda existia uma ferida enorme em mim e que talvez, nunca seria curada.

- Então suponho que sou seu brinquedinho de consolação, não? – ele voltou a provocar.

Fiquei calado durante alguns momentos.

Não entendia por que Ianto estava agindo daquela forma. Não depois do que havíamos feito e conversado. Achei que finalmente havia percebido que era seu destino ficar comigo e estava entregando-se, mas agora ele estava apenas tentando me ferir com suas palavras, sem sequer entender tudo que eu havia passado. Talvez tivesse me enganado sobre o rumo de nossa relação.

- Se você acha que é isso, então será assim que te tratarei! - respondi após algum tempo, irritado.

PERIGOSAS

Juntei suas mãos e as imobilizou sobre sua cabeça, segurando com apenas uma minha. Ele era fraco, não conseguiria se soltar.

- O que você está fazendo? – perguntou, nervoso, ao me ver abrir minha calça com a outra mão.

- Vou brincar com você, ué. Achei que podia ser diferente, mas pelo jeito estava enganado. Você só serve para me satisfazer sexualmente! Você não é capaz de me entender. Então, agora cala a boca e chupa meu pau! E se você me morder, não vai gostar do que farei contigo, depois! - respondi subindo sobre seu rosto e tentando faze-lo abocanhar meu pênis, agora flácido, em sua boca. Tentei ao máximo evitar começar chorar, mas se ele achava que eu o tratava como um objeto, assim eu faria. Estava enganado em achar que ele poderia me amar.

NACIONAIS - ACHERON

Ianto não abriu a boca nenhuma vez e sempre virava seu rosto sempre que tentava faze-lo chupar meu pau. Irritei-me com aquilo e puxei seu cabelo.

- Abre a maldita boca! – ordenei, gritando e, com medo, ele obedeceu.

Coloquei meu pau dentro de sua boca e comecei a fazer movimentos de vai e vem. Em pouco tempo meu membro já havia enrijecido, mas aquilo estava me machucando emocionalmente tanto quanto a ele. Não queria ter chegado a aquela ponto, mas se Ianto não fosse me amar, precisava me temer. Ele tinha que entender que seria meu independente de sua vontade.

Ele não parava de chorar enquanto eu metia em sua boca, fazendo-lhe engasgar diversas vezes. Para evitar que as lágrimas também surgissem em mim, fechei meus olhos e continuei com aqueles movimentos mecânicos.

Tentei ao máximo controlar meus sentimentos, mas só conseguia pensar em puni-lo por ter me decepcionado e magoado tanto. Então, após algum tempo forçando-lhe me chupar, sai de cima dele e decidi fazer mais.

Eu queria faze-lo feliz, mas já ele, apenas me machucar.

- Vire-se – ordenei.

- Não! – respondeu, nervoso.

- Ianto, vire-se agora! Se eu fizer à força, vai doer ainda mais. Você tem amor por seu cu? – falei, impaciente.

Ele então se virou tremendo de medo. Ianto não tinha qualquer chance de tentar se soltar. Arranquei sua calça e cueca e dei um forte tapa em sua bunda que marcou de imediato.

- Vou te ensinar a se comportar com seu dono!

– falei, subindo encima dele, agora sem minhas roupas também.

- Por favor, não. Eu entendi, prometo não irritá-lo mais! –implorou.

- Cala a boca, Ianto, você merece uma punição! – neguei.

Posicionei meu pau em sua entrada e em seguida empurrei. Ianto gritou de dor. Ele estava nervoso e com medo, jamais entraria com facilidade. Afastei um pouco e cuspi em seu buraco e novamente tentei penetra-lo. Dessa vez, um pouco de minha glande entrou. Ele contorcia-se e gritava de dor, mas continuei empurrando.

- Para, por favor! – implorou.

- Aguenta, caralho! – neguei, continuando a empurrar meu pênis, até que finalmente estava tudo dentro. A sensação quentinha dele apertando-me era deliciosa apesar de tudo. Curvei-me sobre seu

corpo e me aproximei de sua orelha. – Você preferiu me provocar a aceitar meu carinho. Você me magoou, Ianto! Você merece isto! – falei, dessa vez sem conseguir segurar as lágrimas que caíram sobre suas costas.

- Me desculpa Eric, por favor. Eu estava confuso, eu não queria que me visse apenas com alguém que comprou e poderia usar como quisesse. Eu tenho sentimentos, não sou um objeto! Queria saber se você seria capaz de gostar de mim! – desabafou.

Fiquei calado, evitando mover-me e machuca-lo mais.

Percebi naquele momento que havia exagerado.

Estava agindo de forma egoísta ao pensar somente em meus pensamentos. No fundo, Ianto queria ser amado tanto quanto eu e tinha medo que eu o visse como apenas seu proprietário.

- Porra, Ianto! Eu gosto de você desde o momento que meus olhos o viram pela primeira vez. Por que acha que ofereci um milhão em você? Foi porque eu o desejei e senti que poderíamos criar algo especial – falei entre lágrimas. – No passado, eu sofri muito por alguém, e a forma que você me provocou, fez com que eu relembrasse de toda a dor que senti. E, quando insinuou que nossa relação não passava de apenas dono e objeto, fez com que eu perdesse a esperança. Eu não o vejo como um substituto, mas sim como uma nova oportunidade para minha felicidade. Você acha que é fácil ser quem sou? Eu estou sozinho! Minha família não é unida como a sua, houve aniversários em que tive que passar só, porque ninguém se importou. Estão todos ocupados com suas vidinhas e dinheiro. O dinheiro também pode ser uma maldição, as pessoas se aproximam de mim somente por interesse, então eu não sei como é ser

amado de verdade. Desculpe-me, se fui ingênuo em achar que, comprando-o, tinha chances de, ao me conhecer, poderia me amar. – desabafei e senti meu peito doer ainda mais. Ianto ficou calado durante algum tempo, tentando encontrar o que dizer.

- Desculpe-me por julgá-lo. Por favor, me perdoa! Vamos recomeçar! – falou para mim.

- Você tem certeza disso? Eu não quero que você seja outra pessoa mentirosa em minha vida. Quero saber se você é capaz de me dar uma oportunidade de provar que mereço seu amor! – pedi.

- Sim, tenho certeza. Eu quero poder tentar te fazer feliz, Eric!

Esperava que ele estivesse falando a verdade, pois a cada novo dia, sentia-me mais dependente de Ianto e não sabia se conseguiria aguentar perde-lo também.

Agora mais que nunca, tinha que aprender a controlar meus sentimentos, pois claramente ambos estávamos com medo de tudo que estava acontecendo.

- Obrigado... – falei sem jeito. - Perdoe-me, também, Ianto. O que eu estava fazendo era errado e horrível – tentei retirar meu pênis de dentro dele, mas me impediu segurando meu quadril.

- Não pare, continue – falou.

- Tem certeza disso? – perguntei, surpreso.

- Sim, eu consigo e quero – respondeu e seu rosto corou na hora.

Não podia acreditar que estava prestes a forçar a pessoa que amava a fazer sexo comigo. Eu havia sido uma péssima pessoa e jamais me perdoaria por isso, mas se Ianto mesmo assim me queria dentro de si, iria recompensa-lo com muito prazer.

PERIGOSAS

Então, daquela vez fui com calma e carinho, enquanto beijava suas costas e pescoço, sentindo cada centímetro de seu corpo quente colado ao meu.

Pela primeira vez, senti que Ianto e eu poderíamos nos tornar um só. A forma que estávamos conectados era intenso e mais forte do que tudo que já havia sentido.

Por fim, gozamos juntos.

Fiquei deitado sobre ele durante um bom tempo, imaginando como seria incrível se ele passasse a me amar tanto quanto eu já lhe amava.

- Dorme comigo, hoje? – perguntei com voz mansa. Estava com receio de estar apressando as coisas, principalmente após o que havia feito com ele, mas queria demonstrar que nossa relação podia ir além.

- Claro – ele respondeu.

NACIONAIS - ACHERON

Abri um enorme sorriso, feliz.

Capítulo 07

Acordei mais cedo naquela manhã.

Nunca havia dormido tão bem e o motivo era a pessoa que estava ao meu lado: Ianto. Cujo, dormia igual um anjinho de tão lindo e fofo.

Enquanto o observava, não conseguia parar de pensar o quão longe tinha chegado com minha impulsividade na noite anterior. Precisava me controlar e ser mais justo com ele, se eu quisesse que realmente déssemos certo. Ficava contente em saber que, apesar de tudo, ele também estava disposto a tentar.

Fiquei horas observando-o dormir e já estava bem atrasado para o trabalho, mas não importava.

PERIGOSAS

Naquele momento, só queria aproveitar a visão e companhia de Ianto, que demorou para despertar.

- Bom dia, dorminhoco – falei assim que ele começou a se remexer na cama e abriu os olhos.

- Bom dia. Que horas são?

- Não sei, acho que umas 10 horas da manhã – respondi.

- E o seu trabalho? – perguntou surpreso.

- Eles que esperem por mim. Vou só depois de almoçarmos juntos - respondi.

- Não vai ter problema? – questionou, preocupado.

- Claro que não, Ianto, eu sou o dono. Eles vão reclamar com quem? – falei e ri.

- Verdade, você tem razão. Desculpa.

- Não se desculpe – falei e subi encima dele, apertando-o.

NACIONAIS - ACHERON

Ianto começou a rir junto comigo, enquanto tentava me empurrar para fora de cima de si, mas era impossível. Eu era muito mais forte que ele e o apertava com força e vontade.

Que garoto delicioso!

- Eu desisto – falou após minutos de fracassadas tentativas de me tirar de cima de si.

- Tudo bem, vamos tomar café para que eu possa começar a fazer o almoço – falei.

- Você sabe cozinhar? – perguntou, surpreso.

- Não realmente, mas quero tentar.

- Resumindo, eu serei sua cobaia – comentou, rindo.

Ele já estava fazendo brincadeiras comigo, isso era um avanço.

- Exatamente! – falei saindo de cima dele. – Pode ir no banheiro, enquanto preparo nosso café.

- Tudo bem.

Levantei-me da cama e sai do quarto, indo em direção à cozinha. Estava com fome e pensar no que iria fazer para Ianto, me deixava ainda mais faminto.

O fato era que jamais havia cozinhado, mas normalmente as embalagens de comida vinham com instruções. Então, não devia ser tão difícil assim.

Para nosso café da manhã, preparei torradas.

Pelo menos isso sabia fazer.

Assim que terminei de fazê-las, Ianto surgiu na cozinha. Deixei as torradas sobre a mesa e trouxe a jarra de café para nós.

Após sentarmos, Ianto devorou as suas torradas ferozmente e só então lembrei que na noite anterior não havíamos jantado.

- Vá com calma – falei, rindo.

- Estou com fome.

- Tem razão, devíamos ter jantado ontem. Desculpa, por isso.

- Não se preocupe, a culpa foi toda minha.

- Para com isso, não quero mais retornar àquele assunto. Vamos focar no que estamos vivendo aqui e agora – falei e ele concordou com a cabeça.

Assim que terminamos de comer, disse a ele que precisaria ir ao mercado. Afinal, não tinha quase nada que poderia ser preparado. Definitivamente, estava mal acostumado com comida de restaurantes.

Dessa vez, não o fechei em seu quarto. Se eu queria ter sua confiança, precisava demonstrar que confiava nele. Por mais ingênuo que Ianto fosse, não acreditava que ele tentaria fazer algo estúpido

como fugir, mas mesmo assim, levei o celular que monitorava sua localização comigo, apenas por segurança, minha e dele.

O mercado mais próximo ficava a apenas 10 minutos de carro, então não demorei para chegar. Porém, durante todo o caminho meu celular não parou de tocar, mas optei em retornar somente quando descesse do carro. Afinal, um acidente, agora não afetaria somente a minha vida. Ianto dependia de mim.

Assim que estacionei e desci do carro, antes mesmo que eu retornasse a ligação, me ligaram novamente; atendi enquanto andava em direção da entrada do mercado.

- Alô.

- Pelo amor de todos os deuses, Eric! Onde você está? – a voz irritada de Paulo surgiu do outro lado da linha. Tive que afastar o celular de meu ouvido

para não ficar surdo com tantos gritos.

- Calma, quanto estresse! Apenas estou tirando a manhã de folga. À tarde retorno.

- E esqueceu-se da reunião com os Morellos?

Parei ao ouvir aquilo.

- Na verdade, sim – respondi, segurando o riso.

- Então venha logo!

- Não, você consegue representar a empresa sozinho.

Conseguia ouvir a respiração pesada e irritada de Paulo.

- Eric, eu sei que agora você tem um novo brinquedinho, mas não esqueça do império que construímos juntos.

- É apenas uma manhã Paulo, já disse que a tarde estarei aí. Apenas diga que não me sentia muito bem.

- Vou dizer que você estava com diarreia só para aprender – falou e desligou em seguida.

Decidi não me estressar com aquilo.

Queria apenas cozinhar e aproveitar mais algumas horinhas com Ianto, antes de ter que retornar para o trabalho.

No mercado, decidi comprar macarrão. De acordo com a embalagem, parecia muito fácil de fazer. Para o molho, peguei alguns tomates e carne moída, afinal não saberia como cortar qualquer outra. Também levei alguns temperos que uma funcionária disse que eram ótimos, esperava que ela estivesse certa.

Para minha sorte, o mercado estava com pouco movimento, então nem mesmo tive de aguardar para ser atendido no caixa.

Assim que paguei, levei as compras até o carro e dirigi de volta ao apartamento. Fui direto para a

cozinha, onde encontrei Ianto aguardando sentado à mesa.

- Pronto, acho que está tudo aqui – falei, largando as sacolas sobre a mesa.

- Irá preparar o quê?

- A única coisa que acho que sei fazer: macarrão – respondi, ocultando o fato de nunca ter tentado antes.

- Parece ótimo – falou, mas parecia um pouco nervoso. Ele estava bem?

- Parece que não está colocando muita fé em minhas habilidades culinárias – comentei.

- Não é isso. Claro que estou!

- Então, o que foi? – perguntei, abraçando-o e puxando-lhe contra meu corpo.

- Nada – ele respondeu com voz tremula.

- Você está preocupado com algo? – questionei,

desconfiado.

- Em... Engordar – respondeu e eu ri.

- Em engordar, Ianto? Você é magro, e não acredito que engorde facilmente.

- Eu sei, mas antes eu trabalhava e agora só como e fico deitado o dia inteiro – falou sério.

- Tudo bem, tudo bem. Acho que também quero você exatamente como está. Que tal malharmos juntos nos finais de semana? – sugeri.

- Como assim? Vai me deixar sair? – perguntou animado.

- Não, Ianto – respondi sério e ele fechou seu sorriso – Isto, além de um duplex, é uma cobertura. Lá em cima tem alguns aparelhos para se exercitar e uma piscina. Podemos ir para lá nos finais de semana – expliquei.

- Ótimo – respondeu, forçando um sorriso.

Ianto precisava entender que não poderia leva-lo para fora daquele apartamento. Era perigoso para ambos que alguém na capital descobrisse que ele estava vivo e principalmente, morando comigo.

- Enfim, quer me ajudar a preparar? Já recebi mais de 20 ligações do escritório – perguntei.

- Vamos.

***

Ianto teve que me ajudar diversas vezes. Eu era simplesmente péssimo. De acordo com Ianto, ele prestava atenção enquanto sua mãe cozinhava, mas mesmo assim não foi suficiente para tornar aquilo que fizemos gostoso.

Mas, como ambos estávamos famintos, devoramos mesmo assim aquela massa grudenta com molho duvidoso.

- Tudo bem, irei continuar comprando comida

pronta – comentei após terminarmos de comer.

- Acho melhor – riu.

Era ótimo ver que Ianto já conseguia conversar comigo, e até mesmo brincar e rir. Só fazia quatro dias que ele estava ali e de certa forma, eu já estava completa e perdidamente apaixonado por ele. Torcia que ele sentisse o mesmo, pois então não me sentiria tão estúpido por nutrir sentimentos assim por um garoto tão jovem.

As coisas estavam indo rápido demais? Sem dúvidas, mas não tinha como ser diferente. Tudo que estávamos vivendo era muito intenso.

- Nada disso, também gosto de comida caseira. Irei comprar livros de culinária para você ler e aprender – falei, me segurando para não rir.

- Não seria nada ruim, afinal preciso mesmo me distrair, às tardes – comentou.

PERIGOSAS

- Eu já dei um livro para você ler, e você jogou contra a parede! – comentei, lembrando que queria arrastar o rosto dele pelo chão se ele não fosse tão lindo. Onde já se viu jogar livros conta a parede? Principalmente se tratando de Icarus Trinidad, meu autor favorito.

- Bem... Digamos que acabei lendo depois e até que gostei.

- Gostou? – perguntei, surpreso.

- Sim, gostei – respondeu e seu rosto ruborizou na hora – Então... Será que você não teria o segundo para eu ler? – questionou.

- Claro que tenho – respondi contente – Deixarei contigo agora, já que preciso ir – falei, olhando meu relógio.

- Tudo bem. Quer que eu lave a louça? – perguntou.

NACIONAIS - ACHERON

- Não precisa se preocupar com isso, vou te deixar no seu quarto – respondi.

- Okay – falou com um tom de decepção na voz.

- Antes, preciso te falar algo sério – falei, encarando-o seriamente.

- Pode falar.

- Como pode perceber, esse é um apartamento grande. Então, duas vezes por semana uma garota vem aqui para limpar. Ela virá hoje, então preciso que não faça barulho em seu quarto, para que ela não note nada estranho – falei, envergonhado ao lembrar de toda louça suja que guardei, para quando ela viesse.

Lucy precisou se ausentar durante uma semana, pois precisava fazer alguns exames de saúde, mas naquela tarde ela voltaria a trabalhar e definitivamente não poderia perceber Ianto. Minha

sorte era que ela jamais limpava o quarto que ele estava, afinal sempre o mantinha trancado por nunca estar sendo utilizado.

- Pode deixar – Ianto falou.

- Sabia que podia contar com você – comentei, levantando e bagunçou seu cabelo – Vamos subir.

Acompanhei Ianto até o andar de cima. Enquanto ele entrou em seu quarto, fui até o meu, onde busquei numa das gavetas do criado mudo "Lua Gótica''.

- Achei – falei para Ianto, entrando em seu quarto – Aqui está! – entreguei o livro.

- Obrigado.

- Não precisa agradecer – falei, aproximando-me dele e o beijei, em forma de despedida – Boa leitura, Ianto, e até à noite.

- Bom trabalho – falou e eu sorri para ele, antes

de virar-me e deixar o quarto, trancando-o ali.

Assim que cheguei à empresa, percebi que havia uma certa correria no departamento administrativo, mas não acreditava que o motivo fosse apenas minha ausência.

Assim que David me viu indo até minha sala, correu até mim. Ele estava vestindo um terno escuro que o vestia perfeitamente. Se Ianto ganhasse mais um pouquinho de corpo e ficasse igual a David, seria perfeito.

- Bom dia David.

- Bom dia senhor. Está melhor? Paulo falou que estava passando mal e fiquei preocupado.

- Até consigo imaginar o que ele te disse, mas não se preocupe, estou ótimo. Que correria toda é essa?

PERIGOSAS

- Eu recebi uma ligação essa manhã de um senhor chamado Alex Lauzon, mas como o senhor não se encontrava, passei para Paulo, pois considerei importante.

- Sem dúvidas, muito importante! – falei e corri até a sala de Paulo, que estava sentado à sua mesa, finalizando uma ligação.

Aguardei até que ele desligasse para começar a falar.

- O que o dono da Lauzon queria conosco?

- Agora está interessado na empresa?

- Pare de brincadeira, Paulo. Diz logo!

- Ele está precisando de um fornecedor e estão pensando em importar. Aparentemente, o atual fornecedor não está conseguindo atingir a demanda devido um enorme corte de funcionários que fizeram. Você sabe o quanto a crise afetou Sarnaut.

NACIONAIS - ACHERON

- E eles estão interessados em nós? – perguntei animado. Sarnaut podia estar passando por uma crise econômica, mas a previsão dos economistas era que iriam se reerguer em breve. Um contrato com eles naquele momento, poderia triplicar nossos investimentos em alguns anos.

- Sim, estão completamente interessados. O dono virá dentro de alguns dias e quer uma reunião informal comigo.

- Só com você? – perguntei, desconfiado.

- Sim, disse a ele que você estava em viagem de negócios e por isso não poderia atendê-lo. Você disse que eu era capaz de me virar sem você e tem razão. Quero fechar esse contrato sozinho!

Encarei ele, surpreso.

- E isso é devido eu ter sido premiado como o empresário do ano?

- Claro, Eric. Eu sei que você mereceu, mas não é justo que somente você tenha um troféu lindo como aquele e eu não. Considerando que se não fosse por mim, essa empresa tinha afundado no primeiro ano.

Respirei fundo. Sabia que ele tinha razão, mas detestava quando Paulo fazia questão de jogar na minha cara que sem ele, não teria conseguido. De certa forma, feria meu orgulho.

- Tudo bem então, Paulo. Vou confiar em você para fechar esse contrato. Então, é melhor arrasar!

- Eu sempre arraso, querido – falou e eu ri, saindo de sua sala em seguida.

Segui até a minha, mas antes pedi que David me acompanhasse.

- Precisa de algo, senhor? – ele perguntou nervoso, logo após eu me sentar.

- Primeiramente, que se lembre de tudo que eu lhe falar e isso inclui parar de me chamar de senhor.

- Tudo bem, desculpe. É que fico preocupado que os outros achem que estou agindo de maneiro antiprofissional com o senhor, digo, você.

- Não ligue para os outros, quem paga seu salário sou eu. Mas enfim, fiquei de te ensinar alguns procedimentos e irei fazer isso agora.

- E quanto ao Sr. Lauzon? Já falou com ele?

- Paulo irá cuidar de tudo, então não se preocupe. Puxe essa cadeira aí na frente e traga até meu lado – falei e ele a trouxe, sentando-se ao meu lado em seguida. Só então pude perceber o quanto David cheirava bem.

Um perfume com uma pegada floral, mas completamente refrescante. De certa forma, eu conhecia aquela fragrância, mas não conseguia

lembrar de onde e isso era completamente frustrante! Eu era completamente viciado em perfumes e deveria conhecer.

Aproximei meu rosto de seu pescoço para cheira-lo melhor, mas não ajudou muito. Ele arrepiou-se com aquilo.

- Qual perfume você usa David?

- Se chama KDNY, comprei ele em Sarnaut.

- Simplesmente delicioso!

O garoto ao meu lado continuou estático, enquanto eu continuava cheirando seu pescoço a poucos centímetros.

Considerava seriamente comprar aquele perfume para Ianto, pois as notas de acorde da fragrância lembravam maçã, fazendo-me sentir vontade de morder David com vontade.

Quando percebi o que estava fazendo, me

afastei rapidamente. Eu já tinha Ianto e não precisava de mais ninguém, principalmente um funcionário meu.

- Vamos começar – falei ajeitando-me naquela cadeira.

Só então percebi que havia me excitado.

Torci para que David não visse, mas o garoto levou o olhar até entre minhas pernas e notou o chamativo volume que meu pênis havia formado. Suas bochechas coraram imediatamente, mas fingiu não ter visto nada e então fiz o mesmo.

Comecei a falar, tentando fazer meu pau amolecer, mas foram longos minutos até que isso acontecesse.

Treinei David durante quase toda aquela tarde, tentando não me distrair novamente. Para minha sorte, meu nariz já havia se acostumado com seu cheiro e já não o sentia mais, mas inegavelmente, o

garoto era muito gostoso. Mas, se Paulo achava que eu ia cair em seu plano, estava muito enganado.

Capítulo 08

Sexo, sexo e mais sexo. Assim eram meus dias com Ianto.

Já fazia mais de uma semana que ele estava morando comigo, e as coisas apenas melhoravam entre nós.

Ainda não o deixava andar sozinho pela casa, mas sentia que em breve poderia confiar completamente nele, que estava se esforçando tanto quanto eu, para tentar fazer funcionar nossa relação.

Lucy sempre vinha dois dias por semana limpar o apartamento, e para minha sorte, não havia notado que alguém vivia no quarto vazio. Até

mesmo havia escondido a chave mestra, para que ela não verificasse. Ianto havia me prometido fazer silêncio quando ela estivesse lá, e assim estava fazendo.

Podia sentir que Ianto tinha expectativas de eu não obriga-lo mais a ficar naquele quarto, mas ele já parecia entender melhor que, eu fazia aquilo com ele, somente para proteger a ambos. Afinal, um pequeno erro poderia comprometer nossas vidas. Seria complicado esconder da mídia um escândalo me envolvendo, e definitivamente, o governo me usaria como exemplo de que as leis valiam para todos.

Meu maior objetivo nos últimos dias era somente fazê-lo feliz, sendo gentil e carinhoso com ele. Até mesmo havia cancelado nossa sessão de malhação no final de semana, para aproximarmos cada vez mais. Depois do que havia feito com ele,

eu lhe devia isso.

Assim que voltei de uma terça-feira estressante de trabalho, joguei meu paletó e pasta no quarto e fui direito ver Ianto.

- Estava com saudades? – perguntei com um enorme sorriso estampado em meu rosto, após abrir a porta do meu quarto.

- Sem dúvidas – respondeu, levantando-se rapidamente e me beijou.

Eu adorava isso.

Quando nossos lábios se tocavam, sentia que nossa relação estava tornando-se mais íntima e profunda do que apenas sexo. Nossa conexão era forte e única.

- Que tal fazermos algo divertido, hoje? – sugeri.

- Sim.. – Ianto respondeu desconfiado. Parecia

estar tentando imaginar o que eu queria fazer, e provavelmente achava que era mais sexo, mas dessa vez, estava enganado.

- Ótimo, porque preciso mesmo relaxar e me divertir um pouco. Tenho vários filmes que ainda não vi, e adoraria assistir a eles com você. Vamos? – perguntei.

- Claro – respondeu, surpreso.

- Então venha – falei, puxando-lhe pelo braço até a sala. - Hoje não passei no restaurante, mas não tem problema. Podemos comer besteiras, e nesse sábado nos exercitamos, de fato, para gastar as calorias.

- Tudo bem.

- Pode escolher o filme, enquanto pego as coisas – falei apontando para a estante, onde guardava meus filmes, organizados em um dos compartimentos.

PERIGOSAS

- Tentarei fazer uma ótima escolha – Ianto comentou, animado.

- Sei que vai – falei e o beijei, para em seguida ir até a cozinha.

Lá, peguei nos armários alguns pacotes de biscoitos e salgadinhos. Sabia que fazia duas semanas que não malhava, mas naquele momento só queria me preocupar em aproveitar meu tempo ao lado de Ianto, pois meu trabalho estava cada vez mais estressante.

Se David não tivesse pegado o ritmo tão rápido, estaria enlouquecendo. Naquele momento, estava até mesmo agradecido por Paulo estar cuidando dos Lauzon sozinho.

- Escolheu? – perguntei, retornando para a sala com os pacotes.

- Sim, quero ver este – Ianto mostrou a capa para mim.

NACIONAIS - ACHERON

Era um filme de ação, meu estilo favorito.

- Esse ainda não vi. Perfeito! – falei, largando tudo sobre a mesinha central de vidro – Já pode iniciar o filme, vou buscar o refrigerante.

Fui até a cozinha e assim que retornei, Ianto já havia inserido no aparelho reprodutor o filme. Larguei o refrigerante também sobre a mesinha, sentei ao seu lado e o abracei forte.

Que garoto delicioso!

Enquanto assistíamos ao filme, não desgrudei dele um segundo sequer, mesmo enquanto comíamos. Queria sentir seu calor e cheiro maravilhoso.

Durante o filme, mesmo tentando evitar, acabava me distraindo várias vezes. Fazia tempos que não tinha um inicio de semana tão estressante e Ianto parecia notar meu estresse e cansaço.

Pela primeira vez, achava que ele estava preocupado comigo.

Assim que o filme acabou, sugeri deitarmos um pouco em meu quarto; para descansar e relaxar.

- Quer uma massagem? – Ianto ofereceu, assim que chegamos ao quarto.

- Você sabe fazer? – perguntei, surpreso.

- Não, mas posso tentar – respondeu e riu.

- Claro que quero – falei e tirei minha camisa.

Definitivamente, não havia como recusar a oferta.

Ianto observava meu corpo com desejo, o que me excitava demais.

- Então, deite-se. Onde tem algum óleo ou loção? – ele perguntou, olhando ao redor do quarto.

- Na segunda porta do guarda-roupa – informei, retirando meu sapato e calça.

Ianto olhou onde eu havia indicado e assim que achou um óleo ali, cheirou e pareceu gostar do aroma, decidindo usar aquele mesmo. Então, deitei-me de costas para cima e fechei meus olhos. Estava vestindo apenas uma cueca preta.

Mesmo sem ver nada, estranhamente, conseguia sentir o olhar de Ianto sobre meu corpo. Ele já não fazia questão de esconder que eu lhe excitava, tanto quanto ele a mim e isso era ótimo.

Aguardei ansioso durante alguns momentos, até que ele subiu na cama, próximo a mim. Não consegui evitar de sorrir igual um bobo. Ele estava me fazendo tão feliz naqueles últimos dias, que já sentia medo de algo acontecer e nos separar.

Ele molhou suas mãos com o óleo e começou a desliza-las sobre minhas enormes costas. Ianto fazia movimentos firmes, não muito fortes e nem mesmo suaves, mas que eram completamente

maravilhosos!

Ele continuou ali por um bom tempo, relaxando-me completamente, até que passou para meus braços. Sentia meu corpo quase todo molhado de óleo, mas nunca havia sido tocado de forma tão deliciosa, então não importava nenhum pouco.

Ele fazia movimentos de baixo para cima e depois descia suas mãos novamente, isso por um bom tempo. Definitivamente, ele tinha talento para a coisa.

Assim que Ianto finalizou a área superior de meu corpo, desceu um pouco e começou a massagear minha perna e coxa esquerda, agora apertando com um pouco mais de força. Seus toques transpareciam sua excitação.

A sensação de suas mãos deslizando e apertando minhas coxas, era maravilhosa e eu já estava começando a ficar duro, mesmo que seu

objetivo fosse apenas me relaxar.

Ele me massageava do começo do pé, até o começo da minha bunda, e depois deslizava até embaixo novamente e repetia o movimento. Sempre alternando entre as pernas, de tempo em tempo. Em alguns momentos, ele deixou escapar gemidos baixinhos.

Ele parecia estar aproveitando aquilo tanto quanto, mas sentia que ele queria me tocar completamente, mas estava com receio de minha reação. Então, decidi ajuda-lo com isso.

- Pode virar – ele disse.

- Assim está maravilhoso – falei e retirei minha cueca, deixando agora exposto todo meu corpo para ele. – Sinta-se à vontade para continuar.

Ianto, então, fez o que eu disse, e isso incluía sentir-se à vontade. Desta vez, seus movimentos começaram na altura do joelho e subiram até

minhas nádegas.

Ele encheu meu corpo com mais óleo e, em pouco tempo, só massageava minha bunda. Uma nádega com cada mão, e aquilo era muito excitante. Dessa vez, eu que não conseguia mais evitar de soltar vários gemidos baixos, que combinavam com os de Ianto.

Podia sentir em alguns momentos o pênis duro de Ianto tocar minhas coxas; ele estava completamente excitado. Após um tempo massageando e apalpando minha bunda com vontade, surpreendendo-me, ele deslizou seus dedos para meu ânus.

Gemi alto ao sentir seu toque ali.

Era estranha aquela sensação, mas não falei nada, pois também era muito prazerosa. Então, ele continuou.

Com sua mão completamente molhada de óleo,

fez movimentos circulares com os dedos na minha entrada. Eu não tinha noção de o quanto aquilo era bom, então não consegui controlar os gemidos, que pareciam lhe excitar cada vez mais.

Era a primeira vez que era tocado ali. Sempre que fizera sexo, sempre tinha sido a parte ativa por sentir certo receio, mas agora me questionava por não ter me permitido a experimentar.

Ianto não demorou até começar a introduzir um dedo em mim. Gemi ainda mais alto e ele fez movimentos suaves, introduzindo e tirando várias vezes, para então inserir um segundo.

Como algo assim podia ser tão prazeroso e estranho ao mesmo tempo? Meu pênis, que estava embaixo de mim, já estava completamente duro e babava de tanto tesão. Minha mente já não conseguia evitar de imaginar Ianto me penetrando com seu pau.

Surpreendendo-me novamente, Ianto aproximou seu rosto de meu corpo e trouxe sua língua até meu cu, onde fez movimentos semelhantes aos que eu fazia nele. Eu contorcia-me na cama e para enlouquecer mais, ele puxou meu pau para baixo, masturbando-me como podia, enquanto me lambia deliciosamente.

Ele então começou a alternar. Lambia um pouco minha entrada e então descia para meu mastro, que pulsava para se livrar da posição incômoda, mas de qualquer forma aquilo estava maravilhoso.

Deslizava sua língua desde a glande de meu pênis, passando-a pelo meu saco, até chegar em meu buraco para uma nova seção de lambidas, para depois recomeçar a partir da cabeça. Eu apenas contorcia-me e gemia muito, enquanto era tomado por tanto prazer.

Durante todo tempo, permaneci com os olhos,

mas agora podia ouvir que Ianto havia levado uma de suas mãos até o interior de seu short, onde começou a se masturbar freneticamente, enquanto continuava com me chupando e lambendo.

Ambos gemíamos alto.

Eu estava cada vez mais próximo de meu orgasmo, e pelos gemidos de Ianto, ele também. Assim que senti o gozo chegando, intensifiquei meus gemidos ainda mais, e ele respondeu a aquilo, chupando com ainda mais vontade a cabeça do meu pau, com certa dificuldade devido à posição, mas o suficiente para me fazer contorcer de prazer quando o orgasmo chegou.

Soltei o gemido mais alto que pude e senti meu pau encher a boca de Ianto com meu líquido branco. Assim que abri os olhos, vi que seu queixo e parte do rosto estavam completamente sujos com meu esperma e ele agora estava aumentando o

ritmo de sua masturbação, para gozar também.

Observei com desejo enquanto ele batia aquela punheta, como se sua vida dependesse daquilo. Decidi então, ajuda-lo.

Inclinei-me próximo a ele e comecei a chupar seu pau ferozmente e com vontade. A vantagem de Ianto ter um pênis mediano é que eu conseguia engoli-lo todo, sem qualquer dificuldade. O gosto de seu líquido pré-gozo, que saia de sua glande, era muito delicioso e excitante.

Não levou nem um minuto e Ianto gemeu alto, contorcendo-se de prazer, para então gozar na minha boca. Engoli tudo, sem deixar escorrer uma gota sequer daquele néctar dos deuses.

Ele estava completamente exausto, então, em seguida, jogou-se sobre a cama para descansar. Eu também estava tão ofegante quanto e respirava fundo, enquanto descansava ao seu lado.

- Essa foi a melhor massagem que recebi, na vida – comentei e ele apenas sorriu para mim, foi então que lembrei de algo importante que tinha que avisa-lo. – Esqueci-me de contar. Amanhã meu amigo Paulo, que estava na festa do leilão, virá jantar conosco. Esteja preparado.

Ianto apenas concordou com a cabeça, um pouco surpreso.

Paulo dizia que eu estava cada vez mais distante dele e que a culpa disso, era Ianto. E como de certa forma, era verdade, decidi não me afastar daquele que sempre esteve ao meu lado, independente de todos os seus defeitos.

E isso incluía, introduzi-lo na minha convivência com Ianto, que era a pessoa mais importante para mim, naquele momento.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 09

- Tem certeza disso? – Ianto questionou, encarando o caríssimo terno escuro à sua frente, que eu havia lhe comprado. Estávamos em meu quarto.

- Claro! Você irá ficar lindo nele!

- Eu nunca usei algo assim, antes.

- Não se preocupe, que você vai se sentir ótimo. Agora se vista, que logo Paulo chegará.

- Tudo bem – concordou e começou a vestir-se.

Quando ele finalmente havia vestido quase todas as peças de roupa, teve dificuldade com a gravata, afinal nunca devia ter usado algo assim.

- Deixa que eu coloco para você – falei, ficando de frente a ele e dando o nó na gravata vermelha.

- Por que tenho que me vestir assim? – perguntou.

Ianto parecia estar estranhando o terno em seu corpo.

- Primeiro, porque você fica lindo. E segundo, porque quero que Paulo perceba que você está muito bem e feliz morando comigo – expliquei.

- Ah, entendi... – falou, desanimado.

Olhei-o, desconfiado.

- Você está feliz morando comigo, Ianto? – questionei, largando sua gravata, agora colocada corretamente.

- Claro que sim! – afirmou, rapidamente – Estou muito feliz contigo, Eric! E não troco o que estamos vivendo por nada.

- Tem certeza disso? Não quer mais voltar à sua antiga vida? – perguntei sério, analisando sua expressão. Eu queria saber a verdade.

- Não! Lá fora, a vida que eu tinha não era boa. Eu trabalhava muito, era exaustivo, vivia com dores devido às pesadas caixas que carregava e, quando chegava em casa, raramente tinha comida suficiente para todos, então tínhamos que sempre controlar a quantidade que comíamos. Você sabe que não há formas fáceis de subir de casta, então esse era meu destino: uma vida que sempre faltava algo. Eu estou feliz aqui com você, Eric. Talvez, você ter me comprado tenha sido a melhor coisa que já tenha acontecido comigo! – respondeu, sem desviar seu olhar do meu.

Eu sentia verdade naquelas palavras que Ianto havia dito. Ele estava sendo sincero e isso me emocionou.

Abracei-o forte.

- Fico muito feliz em ouvir isso, Ianto.

- Eu te amo, Eric! – revelou, surpreendendo-me.

Silêncio.

Não sabia o que lhe responder.

Eu sabia que o amava também, mas por algum motivo, tinha medo de falar as mesmas palavras que havia acabado de ouvir.

- Vou deixar você terminar de se arrumar – falei após algum tempo e o soltei. - Os sapatos que te comprei estão nessa sacola sobre a cama. Vou preparar a cozinha para logo mais – informei e deixei o quarto, em fuga.

O que diabos, eu estava fazendo?

Eu deveria ter dito “eu também te amo, Ianto’’ mas, mais uma vez fugi após ouvir aquelas palavras. Eu tinha medo cometer os mesmos erros

que me cometi com Fernando.

Sentei-me à mesa da cozinha e apoiei a cabeça nela, enquanto tentava me acalmar e pensar como iria me desculpar com Ianto por ter fugido, logo após ele ter declarado seu amor por mim.

Algo que eu desejava mais que tudo.

Ri sozinho ao perceber que, apesar de tudo, eu havia conseguido. Ianto me amava, assim como eu também lhe amava, só precisava ser tão sincero quanto ele sobre meus sentimentos.

Levantei-me decidido a voltar ao quarto e dizer que também o amava, mas o interfone tocou.

Paulo havia chegado.

Decidi então esperar mais um pouco para declarar meus sentimentos, e talvez fosse até melhor assim.

Após abrir a porta para Paulo, pedi que me

acompanhasse até a cozinha. Ele vestia um terno azul marinho e havia trazido algumas sacolas com compras, afinal ele que prepararia a comida, para minha sorte.

- Cadê Ianto? Só falta ele para nosso jantar em família. Isso é, se não for incluir Davidzinho.

- Não fale besteiras, não está rolando nada entre nós e nem vai. Estou muito bem com Ianto.

- Diga isso a ele, que fala sobre você com os olhos brilhando. Até fiquei chateado por ele te considerar mais legal que eu. Estava ensinando ele direitinho.

- Sei bem o que você queria ensinar.

- E isso é um problema? Está com ciúmes de mim? Ou de David, por acaso? Está colecionando garotinhos agora, Eric?

- Pare de falar essas besteiras, Paulo! Ianto pode

ouvir e interpretar errado, pois te dou minha palavra que não tenho interesse em David. Principalmente depois de hoje.

- Algum motivo em especial? – perguntou, curioso.

Ia contar o que Ianto havia me dito, mas ele surgiu na cozinha, completamente vestido e mais lindo do que nunca.

- Olha só quem está aqui – Paulo falou ao meu lado, enquanto o observava dos pés a cabeça.

Senti um pouco de ciúmes, mas tentei ignorar. Paulo agia daquela forma com todos os machos que via na frente.

- Ianto, você já o conhece, mas acho adequado apresentá-los da forma tradicional. Esse é Paulo, além de ser meu melhor funcionário... -

- Sócio! – Paulo me interrompeu, dando um

fraco soco em meu ombro.

- Como estava falando... Além de ser meu sócio, somos amigos desde que lembro. E Paulo, bem... Esse é Ianto – apresentei-os.

- Prazer em conhecê-lo, Ianto, agora da forma correta e com você vestido – Paulo se aproximou dele e estendeu sua mão, que Ianto apertou – Claro que fica melhor nu, mas também está ótimo nesse terno.

- Obrigado – Ianto falou timidamente.

- Para com isso, Paulo! Esqueça que o já viu nu, pois jamais se repetirá! – falei indo até Ianto e passando meu braço em torno dos seus ombros, marcando meu território.

- Pode deixar, chefinho. Mas enfim, vamos começar a cozinhar, ou não?

- Por que tem um plural aí? Só você sabe

cozinhar aqui – falei, rindo.

- Assim não é justo. Ianto não sabe fazer nada também?

- Muito pouco, às vezes ficava observando minha mãe cozinhar, mas não confiaria nas minhas habilidades – respondeu.

- Sem desculpas, você vai me ajudar. Vamos fazer macarrão à bolonhesa, por ser rápido e não tem qualquer dificuldade. Já que Eric é preguiçoso, pode ficar olhando – Paulo falou.

- Tudo bem, ficarei aqui sentadinho e calado, observando-os – concordei sentando-me em uma cadeira, afinal, última vez que havia tentado fazer esse macarrão "rápido e fácil" havia o tornado uma gororoba.

- Venha, Ianto – Paulo falou – Pode ir cortando os legumes.

Enquanto Paulo enchia uma panela com água para o macarrão, Ianto procurou uma tábua de cortar entre as portas do balcão, mas não estava tendo muito êxito e eu definitivamente, não lembrava onde ficava.

- Naquela ali – Paulo apontou para a da ponta e Ianto encontrou a tábua lá.

- Obrigado.

- Paulo conhece essa cozinha melhor do que eu – comentei.

- Nem sei por que gastou tanto dinheiro montando-a, se quase nunca usa – falou.

- É para quando você vier. Amo sua comida!

- Abusado!

Assim que Ianto achou uma faca, começou a cortar a cebola, mas em poucos segundos estava lacrimejando sem parar, me segurei para não rir. Já

PERIGOSAS

Paulo, riu descaradamente.

- Você tem que ser rápido. Deixa-me mostrar! – falou e tirou a faca da mão dele.

Enquanto Ianto secava as lágrimas, Paulo cortou as cebolas rapidamente. Assim que ele terminou, mostrou que não havia qualquer sinal de lágrimas em seus olhos.

- Tem que cortar o mais rápido possível para não deixar o gás chegar até seus olhos – explicou.

Nem eu sabia disso, é claro.

- Entendi.

- Ensina ele direito mesmo, Paulo. Já disse para Ianto que adoraria que ele soubesse cozinhar. Seria perfeito todo dia chegar em casa com comida caseira feita – comentei.

- Você comprou ele para ele se tornar seu cozinheiro? – Paulo perguntou, provocando.

NACIONAIS - ACHERON

- Claro que não!

- Comprou para o que, então?

Fiquei calado durante um tempo, Paulo adorava joguinhos.

- Eu comprei Ianto porque gostei dele, e percebi que estava certo. Damo-nos muito bem.

- Entendo – comentou desconfiado e voltou a cozinhar.

Ele iniciou o preparo do molho do macarrão, e então pediu que Ianto cortasse alguns tomates.

Percebi que Ianto parecia ter gostado de Paulo e isso me deixou com ainda mais ciúmes. O que me acalmava, era saber que Paulo jamais faria algo para me magoar. Brigávamos e discutíamos muito, mas eu e ele preocupávamos um com o outro. Sem ele, teria feito a maior besteira da minha vida.

Ele havia sido muito atencioso com Ianto e

explicou tudo que estava fazendo, e isso era bom. Eu tinha que estar feliz por as duas pessoas que mais amava estarem se dando bem.

Quando a comida ficou finalmente pronta, fiquei feliz, pois estava com muita fome e o delicioso cheiro vindo das panelas tornava ainda mais difícil aguentar.

Assim que preparamos a mesa da sala de jantar, finalmente sentamos para comer. Comeríamos o espaguete à bolonhesa, acompanhado de vinho, que era minha bebida favorita, após café.

Ianto sentou-se no meio de nós dois

- Está maravilhoso! – falou, após dar a primeira garfada.

- Realmente – concordei.

- Não graças a você! – Paulo me provocou mostrando a língua.

Eu ri.

- Criançona!

- Chato!

Ianto apenas ria do nosso jeito de conversar, sempre nos provocando. Era inevitável não imaginar como as coisas seriam se Paulo o tivesse comprado invés de mim. Será que ele o amaria também? Ou ele sentia aquilo somente por mim?

- Está gostando de viver aqui, Ianto? – Paulo perguntou a ele, que estava perdido em pensamentos.

- Muito! – respondeu.

- Não sente falta de sua família?

- Claro que sim, mas graças a Eric sei que estão bem.

- Presumo que não saia do apartamento.

- Sim...

- Não se sente claustrofóbico aqui dentro? Eu enlouqueceria – Paulo perguntou, fazendo uma careta.

Onde ele queria chegar?

- Às vezes um pouco, mas entendo que não posso sair.

- Um adolescente compreensivo, que raro. Quer me revender não, Eric? – Paulo brincou, rindo.

- Jamais – respondi de imediato, forçando uma risada.

- Tudo bem, tudo bem.

Continuamos comendo, enquanto eu e Paulo não parávamos de nos provocar de brincadeira. Em vários momentos, Ianto não sabia se comia ou ria.

Assim que finalmente terminamos, fomos até a sala e sentamo-nos no sofá, Ianto novamente no meio, mas dessa vez tentei ficar mais próximo a ele

o tempo todo, por garantia.

- Já decidiram como será no futuro? – Paulo perguntou.

- Como assim? – questionei, confuso.

- Se você gosta de Ianto, presumo que não queira mantê-lo preso para sempre a um apartamento.

- Ainda não pensei em longo prazo. Estamos apenas vivendo o momento atual.

- E você, Ianto? Já pensou o que você quer do seu futuro, agora que não tem total liberdade? – Paulo perguntou-lhe.

- O que está tentando fazer, Paulo? – questionei, irritado.

- Apenas ajudá-los. Preocupo-me com ambos! Você é meu melhor amigo, e Ianto parece um excelente garoto. Somente não acho saudável essa

relação – respondeu.

- Que estranho, porque, se me lembro bem, você também tentou comprá-lo – provoquei e Ianto parecia desconfortável, em meio a nos.

- Sim, mas eu jamais o manteria preso como você. Ele tem um chip que pode até matá-lo, dentro de si. Você não precisa limitá-lo com paredes para ter controle. Qualquer ser humano precisa de um pouco de liberdade e espaço para não enlouquecer – falou.

- Ianto é meu, e ele já me disse estar feliz com as coisas como estão. Então, guarde sua opinião para si, pelo menos desta vez – falei irritado.

Já me arrependia completamente de ter o convidado para jantar conosco.

- Você está feliz assim Ianto? Não deseja ter sua liberdade de volta? – Paulo me ignorou e questionou-lhe.

Mantive-me calado, aguardando sua resposta.

- Eu estou feliz, mas... – Ianto começou a falar, mas parecia completamente hesitante – Sim, eu gostaria muito que, no futuro, eu pudesse voltar a ter contato com o mundo exterior. Ter uma vida normal, mesmo pertencendo a Eric.

- Foi o que pensei.

- Paulo, está ficando tarde. Infelizmente terei que pedir que vá embora – falei e me levantei do sofá.

- Claro, sem problemas. Foi um prazer vê-lo novamente, Ianto. Até uma próxima – Paulo se despediu, levantando.

Acompanhei-o até a porta.

- Você não podia ficar calado? Não vê que estamos felizes?

- Você, provavelmente está bem feliz. Tem um

garoto a sua disposição para transar quando quiser, mas pense nele Eric! Tão jovem e sem qualquer liberdade.

- Não pretendo que as coisas sejam sempre assim, mas por enquanto serão. Você é meu melhor amigo! Tem que me apoiar e não atrapalhar a relação que estou esforçando-me para construir com Ianto.

- Tudo bem, desculpe, mas realmente me preocupo com o futuro dessa relação.

Respirei fundo.

- Outra hora conversamos melhor, Paulo. Boa noite!

- Boa noite... – abri a porta para ele, mas ele continuou me encarando e trouxe sua mão até meu rosto. – Não fique chateado comigo, por favor. Juro que não estou tentando atrapalhar! Vocês formam um casal lindo e quero mais que ninguém que você

seja feliz, você sabe disso.

- Eu sei...

Paulo apenas forçou um sorriso e virou-se em seguida, deixando o apartamento.

Assim que fechei a porta, fui direto até o quarto, passando direto por Ianto, que me aguardava em pé próximo ao sofá da sala. Ele me seguiu de perto até lá, onde joguei-me na cama de barriga para cima, respirando fundo.

Quando pensava que as coisas só iriam melhor dali em diante, em seguida percebi que estava completamente enganado.

Ianto observou-me durante um bom tempo sem dizer nada, até que decidi eu mesmo falar.

- Eu estou errado em querer te proteger do mundo exterior? Te proteger para que ninguém te roube de mim? – questionei, percebendo que tinha

medo de que, se ele não estivesse preso a aquele apartamento, talvez não me amasse.

- Claro que não – Ianto falou.

Ele aproximou-se e pegou minha mão.

- Eu sei que você deseja ter contato com o mundo exterior novamente, e terá! Eu prometo! Mas ainda não, não é seguro. Você é um fugitivo da polícia, Ianto, eu me preocupo com você. Não há como você andar pelas ruas da capital, sem haver o risco de ser reconhecido – falei.

- Você tem razão. Prometo que serei paciente!

- Obrigado por ser compreensivo – falei e o puxei, derrubando-o sobre meu corpo.

Ficamos com nossos rostos colados, e então, levei meus lábios até os seus e iniciei um beijo. Explorei ferozmente com minha língua sua boca, adorava aquilo e não queria nem me imaginar sem

ele. Nossos beijos transpareciam o quanto nos excitávamos um com o outro.

Havia uma conexão entre nós, que jamais havia sentido com ninguém, nem mesmo Fernando.

Assim que separei nossos lábios, sabia que devia dizer naquele momento que o amava, mas ainda hesitava. Meu coração acelerou e senti dificuldade para respirar. Eu queria falar, mas não sentia-me preparado e me arrependendo logo em seguida, soltei apenas um "Também gosto muito de você, Ianto!".

Capítulo 10

Dormi muito mal, diferente das noites anteriores.

Xinguei a mim mesmo mentalmente repetidas vezes durante toda a noite. Ianto não conseguia esconder sua decepção, por mais que tentasse e a culpa era toda minha.

Eu queria revelar meus sentimentos, assim como ele havia feito, mas as lembranças do que havia acontecido, de certa forma me impediam. O fato era que, eu precisava me livrar das memórias ruins e realmente focar em viver o presente com Ianto, antes que eu estragasse tudo com ele também.

PERIGOSAS

Assim que retornei à empresa, após um horário de almoço bastante desconfortável com Ianto, David ainda parecia preocupado comigo. Durante toda a manhã, me observou atento, notando minha expressão nada boa, mas com receio de perguntar o que havia me acontecido.

Mas dessa vez, veio direto até minha sala.

- Boa tarde, Eric – cumprimentou, enquanto eu me sentava à mesa.

- Boa tarde...

- Desculpa incomodar, mas é que fiquei sabendo que o Sr. Lauzon chegará à cidade daqui a pouco. O senhor precisará que eu marque algum encontro entre vocês? – enrolou, ele sabia que eu não estava negociando com a Lauzon.

- Não se preocupe com isso, David. Lembra que Paulo está cuidando de toda a negociação sozinho? Eu não participarei de nenhum jantar de negócios,
NACIONAIS - ACHERON

ainda bem.

- Aconteceu alguma coisa? Você não parece muito bem...

Respirei fundo, talvez me fizesse bem apenas desabafar um pouco.

- Apenas fui um idiota. Tem algo que preciso dizer, para uma certa pessoa, mas não consigo. Tenho esse medo enorme de me abrir ainda mais e depois ser machucado.

- Eu entendo o que você quer dizer... – David disse, pensativo.

- Entende? – perguntei, curioso.

- Sim, digo... Entendo como deve ser difícil, não que eu tenha que falar algo para alguém, longe disso... – falou, nervoso e atropelando as palavras.

Eu ri.

- Meu único conselho é não deixar para depois,

pois talvez acabe se tornando muito tarde e você perca a pessoa que ama – falei, encarando-o nos olhos.

Mas, o fato era que, aquele meu conselho valia muito mais para mim mesmo e deveria segui-lo.

- Pensarei a respeito disso, obrigado – David agradeceu, abrindo um tímido sorriso em seguida.

Antes que eu pudesse pedi-lo para me passar os recados, Paulo surgiu na sala, sorridente.

- Devo assumir que estou nervoso – falou parando ao lado de David, mas não sem antes observa-lo dos pés a cabeça e morder seu lábio inferior.

- Você, nervoso? – perguntei, sendo irônico.

- Sabe como é, jantar de negócios com um homem de um país completamente conservador. Não poderei usar de meus atributos físicos para

conquista-lo.

Eu ri e David ficou vermelho imediatamente.

- Está assustando o garoto – falei e Paulo o encarou descaradamente.

- Se você quer crescer nesse ramo, tem que aprender os segredos para uma boa negociação – falou, piscando para ele.

- Ele está zombando da sua cara, não se preocupe. Não transamos em troca de contratos.

- Não com os feios, pelo menos – Paulo comentou e eu fiz cara feia pra ele.

- P-precisam de mais alguma coisa? – David perguntou, demonstrando querer deixar a sala.

- Apenas preciso de meus recados, mas depois você me passa. Pode voltar para sua mesa.

- Mas eu quero! – Paulo interviu.

- David é meu assistente, não seu.

PERIGOSAS

- Eu sei disso, mas o meu se demitiu hoje, vou precisar de uma mãozinha.

- Nem consigo imaginar o motivo dele ter se demitido...

- Ele era um sem graça. Mas enfim, vai me emprestar o David ou não?

- Definitivamente não, lembrei que vou precisar da ajuda dele com esses contratos – apontei para uma pilha sobre a mesa - Agora, se nos permitir, temos coisas a fazer.

- Tudo bem, mas antes de eu ir... Já superou o que aconteceu ontem?

- Depois falamos sobre isso.

- Tudo bem, até mais então – Paulo falou mandando um beijinho e saindo da sala, em seguida.

- Peço desculpas pelo Paulo.

NACIONAIS - ACHERON

- Sem problemas...

- Apenas não comente nada que ouviu aqui dentro, okay?

- Claro, jamais falaria nada!

- Ótimo, agora vamos trabalhar.

David sorriu para mim, e veio até minha mesa, onde com um bloco de notas, passou meus recados.

Naquela tarde, realmente pedi para me acompanhar enquanto eu conferia alguns contratos, então aproveitamos e conversamos bastante. Para minha sorte, não tinha muita coisa urgente naquela papelada.

David me contou que o sonho dele era formar-se na faculdade e abrir um negócio em Sarnaut, o paraíso tropical, como chamou. Então, estava bem animado com as negociações com a Lauzon, pois assim teria um contato, mesmo que pequeno, com

uma empresa grande de lá.

- E o que seu pai pensa sobre esse seu sonho? – questionei, largando um pouco a pilha de papéis para descansar.

- Ele não gosta muito. Diz que eu deveria ficar aqui e cuidar da empresa da família.

- Talvez seja um bom começo. Afinal, pode expandir os horizontes depois, se for um sucesso.

- Eu sei, mas... – ele calou-se hesitante.

- Mas?

David respirou fundo e encarou-me nos olhos, sério.

- Ele quer unir a empresa com a de um amigo. Isso seria ótimo, se uma das partes do acordo deles, não fosse meu pai me forçar a casar com a filha de seu sócio.

- Não sabia que ainda se fazem negociações tão

arcaicas - comentei, surpreso.

- Como provavelmente serei nomeado como presidente dessa união, um dia. Esse sócio de meu pai quer garantir que eu permaneça conectado a família deles de alguma forma. Ele acredita que assim, irá prevenir qualquer tipo de trapaça.

- Meu pai também era assim. Sempre confiava, desconfiando e até entendo. Existem muitas pessoas que passariam por cima da própria família, apenas para conquistar o sucesso.

- Só que isso não é justo comigo – falou, revoltado.

- Claro que não! – concordei, de imediato.

- E pior de tudo é que, eu não a amo e jamais serei capaz de ama-la. Estarei preso a um casamento de somente negócios.

- Você é jovem, David. Você ainda irá mudar

muito e talvez passe a gostar dessa garota.

Ele balançou a cabeça em negativa.

- Eu não vou – falou, seguro de suas palavras.

- Como pode ter tanta certeza?

Ele ficou calado durante alguns momentos, hesitante.

- Eu não gosto de garotas – revelou, surpreendendo-me.

Respirei fundo, entendendo seu sofrimento.

Sabia o quanto era complicado ser gay em meio a uma família rica. Jamais me obriguei a viver uma farsa para manter aparências, mas ocultava de todos minha sexualidade para preservar a imagem da empresa.

- Você tem o direito de dizer não – falei, apertando a palma de sua mão sobre a mesa. Ele me encarou com olhos marejados.

- Teria que ter muita coragem para contrariar meu pai. Não sei se sou capaz.

- Você é jovem, mas já tem sonhos traçados David. Não deixe que ninguém te impeça de realiza-los.

- Obrigado – agradeceu, envergonhado e olhando para baixo.

- Não precisa agradecer. Sempre que precisar de alguém para conversar, pode vir até mim.

Ele apenas forçou um sorriso para mim.

O que David havia me contado, me fez pensar bastante.

O que eu faria em seu lugar? Provavelmente, aceitaria me casar com alguém que não amava, apenas para ter a aprovação de meu pai. O que tentei por quase 20 anos da minha vida, mas que nunca fora suficiente.

PERIGOSAS

Mesmo agora, sendo bem sucedido, ele não se importa de aparecer em premiações ou eventos importantes para mim. Ele quer apenas aproveitar prostitutas e viagens pelo mundo, após ter me deixado uma empresa quase quebrada para administrar.

Paulo havia me salvado mais vezes do que podia contar.

Eu devia ter mais calma com ele, pois considerando tudo que ele já teve que enfrentar devido a mim, não é incompreensível sua preocupação a respeito de minha relação com Ianto. Mas, agora ele tinha que entender que não havia mais volta, nós nos amávamos e isso não iria mudar fácil.

A tarde passou num piscar de olhos.

David havia me ajudado bastante e entretido

com suas histórias de viagens.

Assim que o expediente estava prestes a encerrar, Paulo veio até minha sala, vestido com um terno diferente e ainda mais caro. Provavelmente logo sairia para o jantar com o dono da Lauzon e queria impressionar.

- David, poderia nos deixar a sós? – Paulo pediu.

- Claro – ele respondeu, levantando-se.

- Pode ir para casa, David. Já está fechando seu horário, nós vemos amanhã.

- Tudo bem, boa noite aos dois – disse, saindo da sala.

Recostei-me na cadeira, encarando Paulo.

- Vim pedir desculpas – falou, sério.

- Então, finalmente percebeu que errou?

- Não acho que eu errei, mas sou capaz de

engolir um pouco do meu orgulho para manter nossa amizade intacta.

Respirei fundo.

- Eu também quero isso, mas você tem que entender que Ianto é meu. Eu que tenho que decidir o que é melhor para nós.

- Mas você está ficando cego, Eric! Aquele garoto aceita tudo que você fala, sem sequer reclamar. Já ouviu falar de Síndrome de Estocolmo?

Balancei minha cabeça em negativa.

- É uma síndrome, onde pessoas que são mantidas presas, passam a criar laços emocionais com quem lhe mantém assim. E se ele estiver agindo assim com você devido a isso?

- Não fale besteiras, nós nos amamos de verdade!

PERIGOSAS

Paulo ficou em silêncio, encarando-me surpreso.

- Se amam? 10 dias e já estão perdidamente apaixonados? Talvez quem esteja sofrendo de Estocolmo invertido aqui, seja você – ele falou andando de um lado ao outro.

- Não entendo você! Primeiro diz que quer que eu seja feliz e agora que estou sendo, está tentando atrapalhar.

- Tudo bem... Prometo não me intrometer mais na relação de vocês – falou, levantando as mãos em forma de rendição.

- Espero que sim... – falei, levantando e pegando minha pasta.

- Enfim, preciso ir para o jantar. Aparentemente esse pessoal de Sarnaut é bem exigente e não fecham num primeiro contato, então é melhor eu fingir com eles que sou pontual. Mande beijos para

seu Iantozinho, até mais! – falou, deixando a sala.

Ele parecia um pouco irritado, mas sabia que logo ele ia entender e aceitar.

Na volta para casa, passei em um restaurante diferente.

Era bom variar um pouco a comida.

Mas o fato era que, o que Paulo havia me dito, ainda ecoava em minha mente. E se Ianto não me amava de verdade? Se tudo fosse realmente, apenas fruto dessa síndrome, ou estivesse agindo daquela maneira apenas para me agradar? Talvez precisasse ter certeza, antes de revelar meus sentimentos, que sem dúvidas, eram reais.

Assim que cheguei ao apartamento, fui direto até o quarto de Ianto. Lucy tinha limpado a casa

naquela tarde e eu podia sentir o cheiro de limpeza recente. Assim que abri a porta do quarto, desta vez Ianto não correu até mim como nos últimos dias e eu estranhei.

- Oi, você está bem? – perguntei, aproximando-me dele, que estava deitado.

- Não sei.

- O que houve? – questionei, sentando-me no colchão, bem próximo a ele.

Ianto sentou-se também, virado de frente para mim e olhando-me nos olhos.

- Você me ama? – perguntou, surpreendendo-me.

Senti como se o chão abaixo estivesse se abrindo.

- Como assim? Por que está perguntando isso? – questionei, surpreso.

- Eu quero que você seja sincero comigo, porque eu já fui com você - revelou

- Eu já te disse também – falei nervoso, tentando enrolar.

- Não! Você disse que gostava de mim, e isso é diferente de amar – falou com olhos marejados.

- Para com isso, Ianto! Nós moramos juntos, dormimos juntos diversas vezes. Não precisamos rotular o que temos – falei limpando suas lágrimas, que já começavam a escorrer.

- Precisamos, sim. Você me disse que queria ser amado, e quando finalmente conseguiu, não disse que me amava também.

- Eu não sei, Ianto. Eu não sei! – exclamei, levantando-me e respirando fundo.

- Por que não? – perguntou levantando-se também, voltando a me encarar.

- Não sei, é estranha a nossa relação. Toda vez que te toco, fico me perguntando se está deixando porque quer, ou por obrigação.

- Mas não é! Eu te amo, de verdade Eric!

Fiquei em silêncio durante alguns momentos, tomando folego para ser sincero dessa vez.

- É ótimo ouvir isso, pois quando disse que me amava, fiquei muito feliz mesmo. Pois desejava muito ouvir isso mais que tudo, mas não consegui retribuir as palavras. Elas não saíram!

- Talvez você simplesmente não me ame.

- Pelo contrário, não consegui dizer, por medo. Medo de que, se falasse, tudo pudesse começar a dar errado e desmoronar. Medo de tudo acabar a qualquer momento, pois pela primeira vez em muito tempo eu realmente sinto que amo alguém. Algo que pensei que não seria possível de eu sentir novamente.

- De verdade? – perguntou, olhando fixamente em meus olhos.

- Sim, Ianto. Eu também te amo!

Ele veio até mim e me abraçou forte, feliz.

Agora ele sabia que meu coração, definitivamente lhe pertencia e torcia que ele não o quebrasse, pois não sabia se seria capaz de aguentar.

Capítulo 11

A cada dia que passava, mais próximos eu e Ianto nos tornávamos. Meus sentimentos por ele só se intensificavam cada vez mais e de um forma acelerada e assustadora.

Eu definitivamente já não conseguia me imaginar vivendo sem Ianto e começava a acreditar que minha felicidade dependia completamente dele.

Todos os dias, quando ia trabalhar, não conseguia parar de pensar em Ianto ou imaginar quando tocaria seu corpo novamente. No horário de ir embora, sempre dirigia apressado para comprar nossa comida e retornar o quanto antes para ele.

Mas tinha que assumir que meus dias na

empresa estavam muito mais leves ultimamente, graças à ajuda de David que havia demonstrado ser um excelente funcionário, mesmo com sua pouca idade. O garoto tinha um futuro e tanto pela frente!

De vez em quando, conversávamos assuntos pessoais, mas tentava tomar cuidado com o que falava ou o quanto me aproximava dele. Afinal, era inegável que havia uma certa química entre nós e se Ianto não existisse, eu já teria o atacado.

“Tenha autocontrole” era a frase que mais havia repetido nos últimos dias. David já havia notado que eu havia ficado de pau duro perto dele umas 3 vezes nos últimas dias; minha sorte era que ele nunca comentava nada, afinal seria constrangedor assumir que sentia tesão por seu corpo.

Mas apesar de tudo, jamais tentaria algo com ele.

Estava feliz com Ianto e não queria estragar

isso!

Nós dois agora já dormíamos todas as noites juntos, o que não poderia ser mais perfeito. Não tinha nada melhor do que poder abraça-lo e sentir seu cheiro todas as noites.

Naquela manhã acordei mais cedo.

Observei ele dormindo como um bebê na cama. Definitivamente, não havia nada mais lindo, então decidi deixa-lo mais um tempo ali e preparar o café para nós.

Fui até o banheiro, onde escovei meus dentes e urinei para me livrar da ereção matinal. Em seguida fui até a cozinha, onde comecei a preparar nosso café da manhã com calma.

Devido como as coisas estavam indo, já me sentia uma pessoa bem menos explosiva e devia isso a Ianto, ou talvez o medo de cometer outro erro estúpido e perde-lo de vez.

Tive sorte de ser perdoado por algo que provavelmente eu jamais perdoaria, se tivesse acontecido comigo.

Quando estava quase finalizando nossas torradas, Ianto entrou na cozinha vestindo apenas uma camisa de manga longa e cueca brancas. Excitei-me automaticamente, claro.

- Então você estava aí – comentou vindo para próximo de mim.

- Estragou minha surpresa, ia levar café na cama para você – falei, agora arrumando a mesa para comermos ali.

Assim que terminei, fui até ele e abracei-o forte.

Eu vestia apenas uma cueca boxer azul e assim que Ianto sentiu meu pênis em estado meia bomba encostar em sua barriga, já que eu era consideravelmente mais alto que ele, o seu também endureceu instantaneamente.

Sorri, satisfeito.

Era incrível como nossos corpos se excitavam com o do outro tão facilmente; bastava um toque ou beijo e ereções surgiam entre nossas pernas, como reposta automática.

- Desculpa estragar a sua surpresa, senti sua falta – falou.

- Posso perceber – comentei apalpando seu pau sobre a cueca.

Mordi meu lábio inferior enquanto observava Ianto soltando leves gemidos. Para mim, o som do paraíso.

- Para, seu safado! Vamos tomar café, primeiro! – falou, rindo.

- Então, já está querendo me mandar? É isso mesmo? – provoquei.

- Não – respondeu, entre risos.

- É bom mesmo, pois você é meu. Então, quem manda aqui sou eu! – falei e o levantei pelas pernas, colocando-o sentado sobre a mesa.

- O que você vai fazer?

- Calado! – ordenei e puxei sua cueca, liberando seu pênis, que estava rígido como pedra. - Quero outro tipo de leite para meu café – falei e comecei a chupa-lo ferozmente e com vontade.

Notei que seus pelinhos já começavam a crescer novamente, o que significava que precisava garantir que ele se depilasse em breve. Afinal, adorava seu corpo lisinho.

Enquanto o chupava, Ianto gemia alto, cada vez que, após eu tirar tudo da boca, abocanhava seu membro por inteiro novamente, num vai e vem delicioso, repetidamente.

Devia assumir que o gosto de seu pau era maravilhoso.

Lamber sua glande era minha parte favorita; se soltasse um pouco de líquido pré-ejaculatório, melhor ainda.

Ianto foi rápido. Após poucos minutos chupando-o, em um espasmo, ele gozou em minha boca, soltando um gemido alto e intenso de prazer.

Deliciei-me com seu esperma quentinho e após isso, ainda lambi a cabeça de seu pau com vontade, até ter certeza que eu havia tomado cada gota de seu néctar, para então, por fim sorrir satisfeito, vitorioso.

- Era disso que eu estava falando! – comentei e beijei a boca de Ianto, que gemeu ao sentir o gosto de seu esperma misturado ao de minha língua. – Agora sim, podemos comer – falei, separando nossos lábios.

Após Ianto vestir sua cueca novamente, sentou-se ao meu lado e então começou a comer sua

torrada, acompanhada de um suco de laranja que eu havia comprado.

- Que horas são? Não está atrasado para o trabalho? – perguntou, entre mordidas.

- Hoje não trabalho. É domingo – respondi, animado.

- Ah, tá...

- Pelo menos hoje, podermos ficar o dia inteiro juntos – apertei seu ombro carinhosamente e ele sorriu para mim.

- Claro! Isso é ótimo!

- Paulo queria vir para cá, mas menti que queria descansar.

- Eu gostei dele. Parece ser alguém legal – Ianto comentou e eu o repreendi com o olhar.

- Ele queria te comprar. Não gosto de vê-los próximos.

- Eu jamais tentaria nada com ele! Eu te amo, e sou feliz que tenha sido você quem me comprou! – Ianto falou rapidamente atropelando as palavras, preocupado que eu achasse que ele tinha algum interesse em Paulo, mas minha preocupação vinha do outro lado.

Claro, Paulo havia me prometido não se intrometer mais em minha relação com Ianto e conseguia ver que estava se esforçando muito para isso; mas às vezes, ele não conseguia evitar de soltar algumas indiretas, que eu fingia não entender, para evitar novas brigas.

Sabia que era inevitável ele não se sentir atraído por Ianto, que era lindo. Mas, acima de tudo Paulo era meu melhor e eu sabia que ele jamais tentaria algo em respeito a nossa amizade.

Isso ele sempre honrou.

- Fico feliz em ouvir isso – comentei, pensando

bem – Talvez eu esteja exagerando em pensar que Paulo tentaria algo com você.

- Também acho. Vocês se conhecem tão bem, e são amigos há tanto tempo.

- Tem razão. Talvez possamos ligar para ele e convidá-lo a juntar-se a nós durante a tarde.

- O que faremos?

- Você não me disse que não queria engordar? Vamos nos exercitar na cobertura.

- Oba! – comentou, animado.

Ele sem dúvidas devia querer muito ficar um pouco ao livre, depois de tanto tempo preso a aquele apartamento.

Assim que terminarmos nossos cafés, fomos tomar banho; cada um em seu próprio banheiro.

Enquanto observava a água escorrer por meu corpo, não consegui evitar de lembrar o que havia

feito um pouco antes com Ianto: eu havia o chupado, mas queria fazer mais que aquilo.

Desde a noite em que ele havia me massageado, ficava imaginando como seria tê-lo dentro de mim, mas ainda tinha um certo receio de pedi-lo isso. Afinal, eu sempre quis cuidar e proteger Ianto e pensar em ser passivo com ele, de certa forma, dava-me a impressão de que perderia um pouco de meu controle sobre ele.

E isso, definitivamente me assustava.

Assim que terminei meu banho, vesti um short e camisa, assim como Ianto. Conversamos a manhã toda agarradinhos, enquanto assistíamos a um documentário sobre a crise que Sarnaut estava enfrentando, um assunto de muito interesse para mim. Expliquei para Ianto que grande parte dos investimentos da minha empresa era no ramo de exportação.

Quando deu horário do almoço, comemos pizza, que pedi por telefone. Sabia que não era muito inteligente, considerando que logo mais iríamos malhar. Mas no fundo, só queria dar oportunidade de Ianto tomar um pouco de sol.

Assim que terminamos de comer, peguei meu celular e liguei para Paulo, para ver se ele ainda queria vir passar a tarde conosco. Ele havia prometido apoiar minha relação com Ianto e queria ver isso na prática.

Ele confirmou animado; disse que tinha uma excelente noticia para me dar e outra nem tanto. Fiquei curioso, é claro.

Eu e Ianto continuamos assistindo televisão e assim que já estávamos quase dormindo, devido o sono pós-almoço, o interfone tocou. Levantei-me e fui até o interfone.

Era Paulo, que havia chegado.

Destravei a porta para ele subir e poucos minutos depois, ele já batia na porta do apartamento. Assim que eu e Ianto a abrimos e ele nos viu, abriu um enorme sorriso.

- Boa tarde, seus lindos! – falou e me abraçou forte, quase me esmagando.

Eu ri.

Paulo vestia uma bermuda preta e uma camisa branca de manga curta, que mesmo assim evidenciava seus braços musculosos, que tanto se orgulhava de manter.

Assim que me soltou, foi até Ianto e também o abraçou forte, fazendo-lhe também rir dele.

- Boa tarde para você também, Ianto lindão!

- Por que toda essa animação? – questionei, assim que Paulo soltou Ianto.

- Não te contei ontem, pois só tive confirmação

pela manhã, mas apenas acabo de fechar um dos melhores contratos de toda minha vida.

- Não me diga que...

- Isso mesmo, garoto! Fechei com a Lauzon! – revelou e eu me animei também, afinal era uma ótima notícia!

- Venha cá, que vou te abraçar de novo, seu maldito! – falei e eu mesmo o abracei forte, novamente.

- O que é a Lauzon? – Ianto perguntou, completamente perdido.

- Eles são a melhor rede de lojas de variedades de toda a Sarnaut. Eles querem que nos tornemos o principal fornecedor deles – Paulo respondeu me soltando.

Eu não podia ter recebido notícia melhor.

Que domingo maravilhoso!

PERIGOSAS

- Mas Sarnaut não está em crise? – Ianto questionou confuso.

- Por enquanto, sim. Mas todos os economistas apontam que isso está prestes a mudar, e que eles irão se reerguer. Então, se apostarmos neles agora, podemos multiplicar todo o investimento em alguns anos. Estamos aproveitando o momento de falta de interesse das concorrentes internacionais, e pensando em longo prazo.

- Acho que entendi.

- Quero tomar seu melhor vinho! – Paulo falou para mim.

- De jeito algum! Ele me custou uma fortuna e não é nada fácil de achar – intervi.

- Para com isso! Acabo de fechar um contrato que irá torná-lo ainda mais rico, assim como te disse que conseguiria. Você que se vire para comprar outro depois. Você sabe que eu mereço!
NACIONAIS - ACHERON

Eu ri, ele tinha razão.

- Tudo bem, vamos lá pegá-lo.

Fomos até a minha mini adega, que ficava acoplada a um dos armários da cozinha e pegamos o vinho que ele tanto queria.

Em seguida subimos até a cobertura; Ianto nos acompanhou de perto.

Assim que chegamos lá, sentamos nas cadeiras que havia em frente à piscina e churrasqueira, e ao lado dos aparelhos de ginástica e musculação. Fazia um pouco de vento e Ianto parecia estar se deliciando com aquela sensação.

Assim que Paulo abriu a garrafa de vinho e serviu as três taças que levamos, após cada um pegar a sua, brindamos. Minhas expectativas para os frutos desse contrato agora eram gigantes.

- Como conseguiu fechar esse contrato? Não

estava colocando fé – perguntei.

- Você sabe que sou ótimo em convencer as pessoas – Paulo respondeu e piscou para mim.

- Se não quer revelar, tudo bem – comentei, sabendo que obviamente não devia ter sido se oferecendo.

Paulo nunca se deitava com alguém que considerasse feio e definitivamente seu tipo eram os novinhos.

E aparentemente o meu também; trágico.

- Não revelo meus segredos, afinal são eles que me mantém como seu sócio – falou e eu ri, concordando.

Ianto bebeu seu vinho, enquanto nos observava atento. Até fiquei surpreso em ele beber com vontade sua taça, afinal sabia que vinho estava longe de ser sua bebida favorita.

- De qualquer forma, amanhã você já precisa estar com as malas prontas – Paulo me informou, encarando-me sério.

- Mas, já? – perguntei surpreso.

- Claro, ou você quer deixar espaço para outros fazerem ofertas melhores que a nossa?

- Tudo bem, tem razão.

- Quanto tempo ficarão fora? – Ianto perguntou, nervoso.

- 3 ou 4 dias, por aí – Paulo respondeu e ele pareceu mais preocupado que eu.

Como eu iria deixa-lo ali sozinho por 4 dias?

Respirei fundo, tentando me acalmar; era meu trabalho e precisava honrá-lo. Uma oportunidade daquelas poderia não se repetir.

- Tentarei ser o mais rápido possível, Ianto. Prometo! – falei, largando minha taça ao lado da

cadeira e pegando em sua mão.

- Tudo bem – falou com olhos marejados.

Segurei-me para também não chorar.

Paulo parecia inquieto e com vontade de dizer algo, mas só falou quando eu o questionei com o olhar.

- Por que você não o leva contigo?

- Você sabe que não posso – respondi, de imediato.

- Para com isso, Eric. Você vai deixar o garoto 4 dias trancado sem ninguém? Além de que, obviamente, ninguém o reconhecerá em Sarnaut.

- Não sei se é boa ideia. Você sabe o quanto eles são conservadores em Sarnaut. Se alguém da Lauzon descobrir que me relaciono com Ianto, podemos perder o contrato. Isso se não for considerar que a informação pode ser espalhada

pela mídia – comentei, apontando só algumas das possibilidades de dar tudo errado.

Era uma péssima ideia.

- Você sempre foi um ótimo ator na escola, então nem vem com desculpas. Ianto, fala aí. Você não ia adorar viajar com Eric e conhecer as melhores praias do mundo? – Paulo questionou-lhe.

- Sim, mas realmente não quero causar problemas a Eric...

- Viu, Eric? Ele quer! Ianto já está aqui há mais de duas semanas, considere isso como férias para ambos. Acho que faria muito bem o relacionamento de vocês a tomar novos ares. Prometo ajudá-los, para que ninguém desconfie de nada.

Fiquei em silêncio durante um tempo, pensativo.

Sabia que era uma péssima ideia, mas se eu

conseguisse documentos falsos para Ianto, ele realmente não teria problemas em Sarnaut, já que jamais seria reconhecido lá.

E claro, não queria ficar longe dele por tanto tempo.

- Tudo bem, Ianto irá conosco – informei.

- Sério? – Ianto perguntou surpreso.

- Sim, vai ser ótimo tê-lo por perto – respondi e dei um selinho nele.

Ianto ficou ali, estático e completamente surpreso, mas feliz.

Assim que percebeu que eu o observei durante um tempo sua reação, ele pareceu voltar à realidade e abriu um enorme e lindo sorriso. Seus olhos brilhavam e eu e Paulo rimos de sua empolgação.

Eu também estava muito animado em saber que teria ele pertinho de mim durante a viagem.

- Chega de papo. Bora malhar! – Paulo falou, levantando-se e indo até a esteira.

- Vamos? – convidei Ianto.

- Sim... – falou encarando o chão.

- O que foi?

- Muito obrigado por decidir me levar!

- Não precisa agradecer. Mesmo que nossa relação seja diferente, acho que temos o direito de aproveitar um pouco.

- Eu te amo!

- Também te amo, Ianto! – falei e me inclinei para beija-lo.

- Parem com isso ou vou ficar excitado! – Paulo gritou para nós e ambos rimos.

Foi uma tarde maravilhosa, tenho que admitir.

Estava com receio de que Paulo fosse nos

visitar novamente, mas malhamos, conversamos e se divertimos bastante; Paulo realmente parecia agora estar tentando nos ajudar e se tornar amigo de Ianto, que já parecia adora-lo.

Quando finalmente começou a anoitecer, Paulo disse que precisava retornar para seu apartamento, para arrumar algumas coisas para o dia seguinte, mas disse que queria que eu lhe acompanhasse até a porta do prédio.

Não entendi, mas fiz o que pediu.

Considerando que havia porteiro para abrir para ele, não era realmente necessário. Como ele morava a uma quadra dali, nunca vinha de carro.

- Precisava conversar contigo a sós. O que tenho pra contar, Ianto não podia ouvir – falou, assim que chegamos ao elevador.

Só então lembrei que ele também tinha uma notícia ruim.

- Pode falar agora, então – disse, torcendo que não fosse tão ruim assim. Afinal, após uma excelente tarde, não queria nada que fosse estragar minha noite.

- Estive com David ontem em meu apartamento.

- Vocês transaram? – perguntei de imediato encarando-o.

Fiquei surpreso e um pouco irritado ao ouvir aquilo.

Mesmo que eu não fosse ter nada com ele, David era um ótimo garoto e definitivamente não precisava se iludir com Paulo, que era alguém que só queria sexo. Desde que o conhecia, jamais o vi tentar namorar algum cara.

- Calma, claro que não – disse me acalmando.

As portas do elevador se abriram e nós saímos.

- Então o que ele estava fazendo em seu

apartamento? - questionei, confuso. Queria entender tudo aquilo!

- Ontem após você deixar o trabalho mais cedo, encontrei ele no banheiro. Estava com os olhos completamente vermelhos, o que só significava duas coisas: ou estava chapado ou chorando – cruzei meus braços, enquanto ouvia a história – perguntei à ele o que havia acontecido e ele me contou que ia se casar forçado com uma garota que não amava.

- Isso eu sei – comentei, lembrando da conversa que havíamos tido.

- Sabe o motivo dele não amar essa garota? – Paulo perguntou, desconfiado.

- Sim, ele é gay...

Paulo balançou a cabeça em negativa.

- Não é somente isso. Ele me disse que estava

apaixonado por outra pessoa e sabia que era impossível algo acontecer entre ele e esse cara. Daí foi então que o levei até meu apartamento e o consolei.

Senti um pouco de ciúmes ao ouvir aquilo.

Me perguntava se era normal sentir aquilo por alguém, mesmo tendo certeza que amava outra pessoa com todas as forças.

- Ele te revelou quem é? – perguntei, curioso.

- Sim e acho que você já pode imaginar quem é, já que não transamos...

- Droga! – comentei.

Eu havia errado em ter me aproximado tanto dele!

Claro que sabia que ele também sentia algo por mim, mas não imaginei que fosse algo além de atração.

- Boa sorte resolvendo isso – Paulo falou dando alguns tapinhas em meu ombro e deixando o prédio em seguida.

Capítulo 12

Não dormi direito, pois ensaiava mentalmente o que diria para David; não queria magoa-lo, mas ele precisava entender que eu não poderia ficar com ele.

Eu já estava com a pessoa que amava!

Percebi que Ianto também quase não dormiu, mas em seu caso, de animação por causa da viagem. Não conseguia evitar de rir de seu jeito bobo, mas devia assumir que estava tão animado quanto ele, apesar de tudo.

Assim que levantamos pela manhã, tomamos nossos café da manhã juntos, como era de costume, mas dessa vez ao sair para o trabalho, disse-lhe que

não poderia retornar ao meio dia.

Tive de mentir.

Falei que precisava resolver algumas coisas na empresa devido a viagem, mas a verdade era que queria conversar com David antes de partirmos. Não conseguiria aproveitar sabendo que ele podia estar triste.

Ianto pareceu acreditar na minha mentira. Levou dois sanduiches para seu quarto, para quando sentisse fome e disse que estava ansioso para arrumar as malas comigo, quando eu voltasse.

Quando estava saindo de casa, liguei para Lucy e pedi que passasse algumas roupas minhas para eu levar na viagem, já que ela trabalharia naquela tarde.

A viagem de carro foi bem rápida e assim que cheguei à empresa, primeira coisa que fiz foi procurar David e o encontrei trabalhando de cabeça

baixa, em sua mesa.

- Bom dia – falei aproximando-me.

- Bom dia – ele levantou a cabeça apenas para cumprimentar, forçando um sorriso e voltou a baixar sua cabeça, fingindo prestar atenção em alguns papeis sobre sua mesa.

- O que está fazendo?

- Verificando os contratos que você precisa assinar - respondeu desanimado.

Definitivamente, ele não estava nada bem.

- Você estará ocupado em seu horário de almoço, David? – perguntei, manso.

Ele levantou seu rosto, voltando a me olhar nos olhos.

- Não, por quê?

- Gostaria que você almoçasse comigo, pode ser?

- C-claro – ele respondeu, surpreso.

- Combinado então. Assim que der o horário de intervalo, passarei aqui para leva-lo até um restaurante que adoro. Okay?

- Okay... – concordou, confuso.

Forcei um sorriso para ele e segui até minha sala.

O fato era que seria bem melhor conversar com ele fora da empresa. Sem que pudéssemos ser interrompidos.

Em minha sala, tentei ao máximo me concentrar no trabalho, mas estava bem difícil com tanta coisa para acontecer logo mais. Até mesmo demorei em perceber a presença de Paulo na sala algum tempo depois, enquanto imaginava se ao invés de Ianto, eu estivesse com David.

Bem mais fácil, sem dúvidas.

- Você contou ao David o que lhe disse ontem? – Paulo perguntou sentando-se no canto da minha mesa, de frente para mim.

- Não, por quê?

- Ele veio até mim preocupado, perguntando se eu havia lhe contado; disse que não, é claro. Não gosto que pensem que sou fofoqueiro.

- Bem, isso acontecerá; ele perguntou isso, pois chamei ele para almoçar comigo hoje. Quero que ele entenda que não pode sentir nada por mim, pois não podemos ficar juntos.

- Por que não? Ianto jamais descobriria.

- Eu amo Ianto, de verdade. Talvez mais do quanto amei Fernando, um dia. Não conseguiria encara-lo se fizesse algo assim, não sou como você.

- “Não sou como você” aí, isso doeu.

- Não faça drama, ambos sabemos como você é

quando se trata de homens e sexo.

- Tem razão, mas não precisa esfregar na minha cara.

Eu ri.

- O que acha que devo dizer a ele? – perguntei, sério.

- Esta preocupado em não magoa-lo? – Paulo perguntou, apertando minha bochecha. Empurrei sua mão.

- Mas é claro, você sabe o quanto sofri com Fernando, não queria que ele passe pelo mesmo.

- Mas se você quer apenas Ianto, será necessário. Melhor você mostrar a ele que está se iludindo agora, antes que esse sentimento seja nutra ainda mais e as coisas fiquem mais complicadas.

- Tem razão – concordei pensativo.

- Eu sei que tenho – Paulo falou, levantando-se

para deixar a sala – Até a noite, não se atrasem.

- Espera aí, e o documento de Ianto?

- Sabia que ia pedir isso, então já consegui com meus contatos. No meio da tarde me entregarão.

- Obrigado.

- O que você seria de você sem mim, não é mesmo?

- Convencido!

Paulo apenas mostrou a língua para mim e saiu.

Decidi voltar a conferir os contratos sobre minha mesa e dessa vez consegui não me distrair tanto. Assim que meu relógio marcou meio dia, voltei a ficar nervoso.

A hora havia chegado.

Levantei e fui até David, que me aguardava ansioso em sua mesa.

PERIGOSAS

- Vamos? – perguntei.

- Sim, claro – respondeu, levantando-se rapidamente.

Ele vestia um terno cinza com uma calça bem apertada em suas pernas e principalmente bunda. Evitei olhar demais, senão logo me excitaria e estávamos indo resolver nossa relação, que era apenas profissional.

Sai na frente e sinalizei com a cabeça para que me acompanhasse e ele caminhou tímido, logo atrás de mim. Percebi alguns olhares curiosos no elevador, ao perceberem que David estava acompanhando-me, mas ignorei.

- Tem certeza que quer almoçar comigo? Não quero ocupar seu tempo, fiquei sabendo que precisará viajar a noite para Sarnaut – David questionou hesitante assim que saímos do elevador.

- Tenho certeza total, David – respondi,

seguindo em direção ao estacionamento, com ele me seguindo.

Assim que destravei meu carro, pedi que ele entrasse e sentasse ao meu lado. Dei a partida, percebendo que eu estava tão nervoso quanto ele. Por que coisas assim eram tão difíceis?

Durante o caminho, nenhum de nós falou nada.

Assim que chegamos ao restaurante e conseguimos uma mesa, fizemos nossos pedidos e então percebi que eu não tinha mais como enrolar, precisava abrir o jogo com ele.

- Não fique bravo com ele por causa disso, mas Paulo me contou o que houve no sábado.

- O quê? Ele me prometeu que não contaria!

- Calma, era inevitável que eu descobrisse. Nós somos melhores amigos e contamos tudo um ao outro.

- É por isso que me trouxe aqui então? – questionou, levantando-se.

- Calma David, sente-se por favor – pedi e ele o fez, hesitante – Chamei você aqui pois fiquei preocupado contigo.

Ele respirava pesadamente, como se ainda quisesse sair dali correndo.

- Está preocupado pois estou me iludindo, correto? Alguém como você jamais se interessaria em um garoto como eu. Não se preocupe, eu entendo.

Assim que ia começar a falar, trouxeram nossos pratos.

Aguardei servirem, para então voltar a falar.

- Você está enganado em achar isso. Você é muito amável e completamente lindo, qualquer um se interessaria por você!

- Mas você não? – ele questionou, encarando-me nos olhos.

Abri minha boca para responder, mas não consegui; não sabia como fazer tudo soar o menos doloroso o possível a ele.

Tomei então um gole de meu vinho antes de retomar a conversa.

- Eu sinto atração por você e no fundo, você sabe disso – falei, envergonhado.

- Mas? – ele perguntou, encarando-me nos olhos, aguardando a resposta inevitável.

- Mas amo outra pessoa.

David virou seu rosto, tentando não chorar; batia com os dedos sobre a mesa de forma impaciente e nervosa.

- Gosto muito de você David e não quero que deixe a empresa devido a isso, por favor! Não há

problema algum em você, apenas acontece que alguém conquistou meu coração antes de você.

- Você pode me contar quem é pelo menos? – ele questionou, voltando a me olhar nos olhos.

- Desculpa, mas não.

- Tudo bem, eu entendo, sejam felizes! – falou, levantando-se.

Segurei-o pelo braço.

- Não vá ainda, coma comigo.

- Não me faça sofrer ainda mais, Eric. Eu estava me iludindo, sabendo disso e agora me sinto ainda mais idiota!

- Você não é idiota David, apenas humano.

- Não preciso que você tente amenizar as coisas, Eric. Nada que me diga fará diminuir essa dor que estou sentindo – ele respirou fundo - Não vou poder trabalhar essa tarde, até mais, talvez – falou tirando

minha mão e saindo do restaurante.

Recostei-me na cadeira respirando fundo, decepcionado comigo mesmo.

Sequer comi depois daquilo, queria apenas esquecer todos os problemas e focar na viagem que teria com Ianto logo mais tarde. Ele não merecia que eu estragasse sua primeira experiência fora do país.

Assim que retornei a empresa, fui até a sala de Paulo que estava em sua mesa, mexendo em seu computador concentrado.

- Está fazendo o que? – perguntei, indo até seu lado.

Assustei-me ao ver na tela um garoto loiro sendo penetrado por um homem de meia idade, quase três vezes maior que ele.

Em todos os sentidos.

- Você não devia estar planejando nossa viagem? – perguntei sério a ele.

- Está tudo pronto – Paulo respondeu, pegando em sua gaveta um documento que dizia “Ianto Mezza”.

- Ótimo – comentei, tentando disfarçar que não percebia uma enorme ereção no meio de suas pernas.

Claro, já havia o visto assim outras vezes, mas nunca nu. Então, pelo volume sempre me perguntava do tamanho de seu pau, que parecia ser bem próximo ao meu.

- Você devia fazer uns vídeos assim com Ianto, iam ficar bem excitantes – ele comentou, provocando-me.

No vídeo, o cara mais velho puxava o cabelo do

loiro, enquanto metia num ritmo acelerado e sem dó.

- Não mesmo – falei rindo.

- Ultimamente você anda muito certinho, até dispensou um garoto gostoso e lindo como David. Nem parece o Eric que eu conheço.

- Nem me lembre disso, a nossa conversa foi péssima.

- Imagino, ele me ligou para me chamar de mentiroso. Disse que eu havia quebrado a confiança que ele tinha em mim.

- Desculpa, mas tinha que resolver esse assunto.

- Eu sei, não se preocupe – ele virou seu rosto para mim e olhou em meus olhos. - Sua amizade sempre será a mais importante para mim, depois reconquisto ele.

- Isso se ele voltar, disse que não ia trabalhar

hoje à tarde.

- Claro que vai. Você acha mesmo que ele terá coragem de contar ao pai que largou seu trabalho na Companhia Pitz?

Respirei fundo, sabia que ele tinha certa razão.

- Enfim, desliga isso e vai trabalhar! – falei enquanto observava o homem grande gozar no rosto do garoto.

- Claro, acabou mesmo – Paulo falou, apalpando seu pau sobre a calça e arrumando-o.

Eu apenas ri daquilo e ele piscou para mim, com um sorriso safado no rosto. Deixei a sala em seguida.

Durante a tarde, David realmente não apareceu, mas mantive a calma; ele ia voltar, pelo menos torcia que sim. Além de gostar muito dele, ele era

um excelente funcionário.

Como não teria muito tempo, pedi a uma das garotas da administração que comprasse algumas roupas para Ianto, afinal ele não tinha muita coisa para um país tropical como Sarnaut. Claro que disse que eram presentes a um amigo, já que ele vestia vários menores que eu.

No fim de tarde, decidi deixar a empresa alguns minutos antes, para arrumar as malas junto de Ianto, que devia me aguardar ansioso. Queria agora apenas focar no que importava: fechar o contrato e aproveitar Sarnaut com ele.

Assim que cheguei em casa, fui direto até o quarto de Ianto.

Entrei no quarto sorridente, ele já estava em pé me aguardando e também um sorriso comportado. Fui até ele e abracei forte, para em seguida beijá-lo.

Enquanto explorava bem sua boca com a minha língua, apaguei de minha mente tudo que se relacionava a David. Após viagem talvez as coisas se resolvessem.

- Está animado? – perguntei, assim que separei nossos lábios, mas ainda agarradinho com ele.

- Muito – respondeu com um sorriso estranho no rosto.

Ianto já não parecia tão animado quanto no dia anterior.

- Está nervoso?

- S-sim, afinal nunca viajei antes – respondeu, com a voz trêmula.

- Não precisa se preocupar a respeito disso. Tudo vai dar certo. Contratamos o melhor piloto - falei.

- Contrataram um piloto exclusivamente para

nós?

- Claro! Achou que iríamos perder tempo num aeroporto? Vamos de jatinho.

- E eu estava animado só por que ia viajar de avião, mas esqueci de que você é muito mais rico do que eu possa imaginar – Ianto comentou e eu ri.

- Pois é, e eu sou todinho seu. Você não é um sortudo?

- Achei que eu que pertencia a você – falou, provocando.

Ele ainda não havia entendido que não o via somente como uma mercadoria?

- Isso também. Na verdade, nossos corações pertencem um ao outro. Assim como você é meu, eu também sou seu. Você me conquistou, Ianto. Nunca fui tão feliz na minha vida – falei com um sorriso bobo estampado em meu rosto. Era estranho

se abrir daquela forma, mas já me sentia bem por conseguir ser sincero.

Ianto apenas sorriu para mim, sem dizer nada mais.

Esperava ouvir uma declaração vinda dele também, mas entendia que ele podia realmente estar nervoso devido a viagem. Eu mesmo, a primeira vez que meu pai levou a uma viagem e subi no avião, achei que ia morrer ali mesmo. Tudo que é novo assusta.

Apenas continuei sorrindo para ele, tentando não demonstrar que havia me decepcionado ou que haviam mais coisas me preocupando.

- Enfim, vamos arrumar nossas malas? – perguntei, soltando-o.

- Vamos – respondeu e fomos até meu quarto.

Lá entreguei a sacola com roupas novas e

arrumamos nossas malas calados, o que foi bem rápido. Como era uma viagem de poucos dias e para um país quente, estávamos levando pouca roupa. A única coisa que não queria estar levando era o aparelho que controlava Ianto, sabia que ele não faria a burrice de tentar fugir, mas precisava estar preparado para tudo.

Assim que estávamos já fechando as malas, meu celular vibrou no bolso, era Paulo ligando.

- Alô? – atendi e aguardei ele responder.

- Estão prontos? Pois eu já estou.

- Já estamos quase acabando aqui. Pode nos esperar em frente ao prédio, questão de menos de 5 minutos.

- Estou indo, não atrasem!

- Tudo bem. Até! – falei e desliguei.

- Era Paulo? – Ianto perguntou.

- Sim, ele mesmo. Já está pronto? Ele vai nos aguardar em frente ao prédio. Vai conosco em nosso carro – respondi.

- Ele vai deixar o carro dele na frente do prédio? É seguro?

- Ele nem precisa de carro para vir aqui, Paulo mora no prédio ao lado. Não contamos isso?

- Não... – respondeu fechando a sua mala e eu a minha.

- Desculpa, mas acho que nem é tão relevante. Enfim, acho que terminamos por aqui. Vamos descer? Quanto mais cedo chegarmos a Sarnaut, melhor. Poderemos dormir bem, para aproveitar a praia pela manhã – falei.

- Sim – falou, ainda hesitante.

- Já disse que tudo vai ocorrer bem, estarei ao seu lado o tempo todo. Agora vamos logo! Paulo

fica de mau humor quando o deixam esperando muito, e ninguém merece ter que aguentá-lo assim numa viagem de 6 horas.

Ianto concordou com a cabeça e saímos do apartamento carregando as malas. Eu estava preocupado se alguém nos visse antes de chegar ao estacionamento, afinal não é como se ele morasse comigo de forma legal.

Assim que entramos no elevador e vi que não tinha ninguém, acalmei-me um pouco. Selecionei o andar do estacionamento, mas mantive a mão próxima ao botão de fechar as portas só por precaução.

Quando chegamos lá, andei apressadamente até o carro e pedi que Ianto fizesse o mesmo. Para nossa sorte, não havia ninguém ali. Assim que guardamos as malas, Ianto entrou no carro e sentou-se no banco de trás e eu na frente.

- Tem certeza que quer ir atrás? – perguntei ligando o carro.

- Acho mais seguro, os vidros são mais escuros – falou com uma voz tristonha, o que era compreensível.

Quem gostaria de viver uma vida sendo escondido de todos?

Talvez eu devesse realmente começar a pensar em uma forma de mudar isso. Ir para um lugar onde estaríamos seguros juntos.

- Tem razão – falei, forçando um sorriso.

Saí do estacionamento com o carro e parei em frente ao prédio, já que Paulo nos aguardava ali. Ele também carregava apenas uma mala, mas era bem menor que as nossas.

Ele abriu a porta traseira e deixou a mala no banco ao lado de Ianto.

- Olá, Ianto – Paulo cumprimentou lhe.

- Oi – Ianto retribuiu tímido.

Ele estava muito estranho, mas não queria conversar sobre isso com outra pessoa presente.

Após Paulo fechar a porta traseira, ele entrou no carro, sentando-se ao meu lado.

- Vai levar só essa malinha? – questionei a ele.

- Claro, tem tudo que preciso: um terno, várias cuecas e sungas. Não estou indo somente para trabalhar, mas também pra curtir. Afinal, eu mereço não é, chefinho? – perguntou e eu ri.

Definitivamente ele ia atrás de alguém, em busca de sexo.

Não conseguia imaginar nada diferente, quando a combinação era país tropical e Paulo.

- Sim, você merece. Vamos logo, que eu e Ianto também queremos curtir a manhã na praia.

- Praia? Vocês vão se divertir mesmo é no quarto do hotel, seus safados. Tenho até inveja – Paulo comentou e eu dei um soquinho em seu ombro, rindo. Não queria que Ianto pensasse que contava nossas intimidades para ele.

Dei a partida e dirigi até a pista onde estava o jatinho.

Era isso, finalmente iria aproveitar uma viagem com Ianto, algo que pensei que levaria muito mais tempo.

Apesar de todos os problemas com David, estava animado, pois teria a pessoa que amava ao meu lado durante 3 dias maravilhosos!

Capítulo 13

A viagem foi longa e mais cansativa do que eu esperava.

Não via a hora de chegar ao hotel e me jogar numa cama macia e dormir agarradinho com Ianto, que infelizmente continuava estranho.

Tentei diversas vezes durante a viagem puxar assunto, mas ele ficou calado quase tempo todo, alegando que estava muito cansado. Como ele tinha enormes olheiras, não podia duvidar disso, mas mesmo assim não conseguia deixar de pensar que havia algo errado.

Assim que finalmente pousamos em Sarnaut, Paulo foi o primeiro a levantar e começar a descer

do jatinho.

- Bem vindos à Sarnaut – anunciou.

Eu e Ianto pegamos nossas malas e também descemos.

O clima quente e abafado já nos fazia suar nos primeiros minutos que havíamos chegado ali, já queria tirar minha camisa ali mesmo. Também senti imediatamente a salgada fragrância vinda do mar que tanto adorava. Já Ianto, tentava identificar o que era sem muito sucesso.

- Esse cheiro é a maresia. Estamos muito próximos do mar – expliquei a ele.

- Ah...

- Pela manhã, após uma boa noite de sono, já que está cansado, poderei te levar para conhecê-lo. É fantástico, você irá amar.

- Obrigado – disse e forçou um sorriso para

mim.

- Já disse para ficar tranquilo. Eu e Paulo temos assuntos da empresa para resolvermos, mas não ocuparão muito de nosso tempo. Ficaremos juntos a maior parte do tempo, e quero muito que você aproveite cada minuto. Afinal, sei que jamais teria uma oportunidade assim se continuasse vivendo em sua antiga casta.

- Antiga? Até onde sei, continuo sendo pobre. Quem está no ápice dos sistemas de castas e é milionário aqui é você. Não sabia que isso havia mudado – comentou.

Respirei fundo.

Não queria brigar ali ou sequer brigar com Ianto.

Mas pelo jeito, ele ainda não havia entendido que eu estava disposto a ter um relacionamento sério com ele. O que incluía eu tentar mudar a

sensação dele pertencer a mim como um objeto.

- Enquanto estiver comigo, você também pertencerá à mesma casta que eu. Agora, vamos – falei, sinalizando para que me seguisse. Paulo já havia ido na frente.

Preocupava-me com o dia em que Ianto deixasse de me amar e talvez ele o mesmo vindo de mim. Afinal, o que eu faria com ele?

O que eu tinha certeza era que jamais ativaria o chip que havia dentro dele. Não conseguiria viver sabendo que havia tirado a vida de alguém, principalmente a pessoa que mais amava.

Assim que chegamos à parte da frente da pista do miniaeroporto particular, que contava com um pequeno prédio e um espaço amplo com pistas para outros jatinhos, um carro preto já nos aguardava para nos levar até o hotel.

Assim que chegamos a ele, Paulo já estava

sentado no banco traseiro. Eu e Ianto, com a ajuda do motorista contratado, guardamos nossas malas e também entramos no carro. Ianto novamente sentou atrás, junto de Paulo.

Irritei-me com aquilo, mas optei em ignorar.

Eu queria ter autocontrole e isso também significava não ser tão possessivo. Paulo não tentaria nada com Ianto.

Sentei-me no banco de passageiro, calado.

- Vou levá-los ao hotel – o motorista gordinho e grisalho anunciou. Apenas consenti com a cabeça e ele deu a partida.

Ele vestia-se com um uniforme preto, e como era de se esperar com aquele calor todo, suava muito. Eu também e queria o quanto antes, tirar toda minha roupa, que parecia grudar em minha pele.

O trânsito estava bem movimentado, fazia muito tempo que não visitava a cidade, mas mesmo assim fiquei surpreso com a quantidade de novos prédios, que eram enormes. Bem diferentes da capital de Alendor, que eram modestos comparados a esses.

- Está gostando? – Paulo perguntou a Ianto, no fundo do carro.

- Tirando todo esse calor, sim. Esses prédios são enormes! Quase todos são maiores que o mais alto da Cidade Capital – ele respondeu e Paulo riu.

Fiquei um pouco incomodado com fato de Ianto conversar com Paulo e não comigo, mas não ia comentar nada por enquanto.

- Não podia ser diferente. Sarnaut é quase cinco vezes maior que Alendor, em tamanho e população – Paulo explicou.

- Agora entendo porque estavam animados por

causa do contrato – Ianto comentou.

- Exato. Nós fornecemos produtos para a maioria dos estabelecimentos em Alendor, e para diversos outros países, mas Sarnaut tem um potencial muito grande. Se tudo der certo como prevemos, em alguns anos Eric pode dobrar sua fortuna. Por isso ele me ama tanto. Sempre o faço se tornar mais rico.

- Você fala como se também não ficasse mais rico junto –comentei entrando no assunto e Paulo riu.

- De fato.

Levamos cerca de 40 minutos de carro até que finalmente chegamos ao hotel, que era ainda mais bonito que nas fotos: enorme, luxuoso e com a fachada completamente de vidro, que deixa exposto um saguão lindamente decorado.

Sem dúvidas, valia o valor das diárias.

- Vamos descer! – Paulo falou no fundo do carro, abrindo a porta.

Assim que nós três pegamos nossas malas, entramos no hotel e fomos direto até a recepção fazer check-in.

Dessa vez, Ianto ficou próximo a mim.

Pelo jeito estava melhorando de humor.

- Boa noite. Sejam bem-vindos ao Hotel Imperador. Como posso ajudá-los? – um dos recepcionistas perguntou. Ele era loiro e jovem. Devia ter apenas alguns anos a mais que Ianto e era bem bonitinho, até mesmo me lembrava um pouco o garoto do vídeo que Paulo estava assistindo mais cedo, mas tentei ignorar essa comparação que minha mente fazia.

- Boa noite. Temos duas reservas, uma em meu nome, Eric Pitz. E a outra, em nome de Paulo Latron – falei.

- Só um momentinho que irei verificar.

Ianto olhava ao redor atento e completamente impressionado.

Nunca devia ter visto algo tão luxuoso como aquele saguão, que tinha uma linda fonte no centro, diversos sofás encostados às paredes e muitos quadros lindos, provavelmente bem caros, espalhados pelas paredes em tom salmão.

- Aqui está. Só preciso dos documentos de vocês - o recepcionista falou.

- Claro, aqui estão os documentos meus e de Ianto – falei entregando-lhe. Mais cedo estava preocupado que notassem que o de Ianto era falso, mas estava tão perfeito que enganaria até mesmo um especialista.

Às vezes, tinha medo desses contatos de Paulo.

- E aqui está o meu – ele falou, entregando o

seu.

O atendente olhou bem os documentos de todos nós.

- O garoto irá ficar no quarto de quem? – questionou nos encarando.

- No meu – respondi, cruzando os braços, um pouco incomodado com a pergunta.

- Mas no caso, o senhor pediu uma suíte de casal, ao invés de um quarto com duas camas.

Fiquei calado durante alguns momentos.

Como alguém podia ser tão burro? Se eu havia pedido de casal, é porque obviamente iriamos dormir juntos. Estava torcendo que não fizessem qualquer comentário a respeito disso, afinal escolhemos o hotel nós mesmos ao invés dos assistentes do dono da Lauzon, exatamente para que não chegassem a seus ouvidos minha relação

com outro homem, ou melhor, garoto.

- Está correto. É exatamente assim que desejamos – falei, um pouco hesitante. Perguntava-me já se o garoto era mais um religioso conservador.

- Tudo bem, entendo. Só preciso saber quantos anos ele tem, neste caso. Regras do hotel – pediu e eu me irritei no mesmo instante. Que recepcionista inútil e inconveniente!

- Garoto, como pode verificar em seu passaporte, Ianto tem 19 anos – falei de forma grossa e ele me encarou assustado.

Ianto também demonstrava nervosismo, afinal quem estava com documentação falsa e mentindo a idade, era ele.

- Sim, posso ver aqui – o garoto disse, devolvendo os documentos – Peço desculpas pelas perguntas. Meu supervisor não se encontra no

momento, e ele teria me cobrado a respeito disso posteriormente.

- Tudo bem, não se preocupe. Nós entendemos – Paulo falou antes que eu dissesse mais alguma coisa.

- Aqui estão os cartões de seus quartos, senhores. Eric Pitz ficou com o quarto 45, e Paulo Latron com o quarto ao lado, 46 – falou e entregou as chaves – Tenham uma ótima estadia!

- Obrigado! – Paulo agradeceu.

Eu apenas peguei minha chave e fui em direção de um dos elevadores, levando minha mala. Ianto fez o mesmo e Paulo correu até nós.

- Não viemos aqui para nos estressar. Se acalme, Eric! – falou para mim, assim que entramos no elevador e selecionamos o quarto andar.

- Claro que não vamos nos estressar. Vou pedir que o demitam – revelei.

As pessoas de Sarnaut podiam ser muito religiosas, mas isso não justificava que o hotel e recepcionistas fizessem perguntas embaraçosas e conservadoras. Se nem para meus pais eu disse que era gay, não era com aquele garoto que ia falar com todas as palavras.

- Não, você não vai fazer isso. Ele apenas está fazendo seu trabalho.

- Detesto quem faz perguntas inconvenientes.

- Pare com isso, Eric! Não tem nenhum problema em você dizer que irá dormir com Ianto. Você não precisa se envergonhar de algo tão simples. Por mais que Sarnaut seja um país conservador, devido a maior parte da população ser religiosa, não é nenhum crime ser gay aqui.

O elevador chegou e eu sai sem falar mais nada.

Queria apenas esquecer que aquilo havia acontecido.

- Irá conosco à praia pela manhã? – perguntei a Paulo, assim que cheguei a meu quarto e comecei a abrir a porta.

O quarto de Paulo ficava ao lado.

- Sim, claro – respondeu.

- Então boa noite, Paulo! Até mais tarde! – falei, entrando no quarto.

Enquanto Ianto dava boa noite a Paulo, observei nosso quarto. Era grande, com um par de sofás posicionados em frente a uma televisão enorme, e logo atrás uma cama king size, ao lado de uma varanda que dava vista para o mar.

Mas só em pensar em toda aquela água, senti minha bexiga quase estourando. Com o estresse na recepção quase havia esquecido que faziam horas

que precisava mijar, então larguei minha mala perto da cama e corri até o banheiro.

Assim que retornei ao quarto, vi que Ianto apreciava a vista da varanda; aproximei-me dele devagar.

A cidade lá embaixo estava bem iluminada pelos prédios, e isso era muito bonito. Mas a grande estrela estava um pouco adianta: toda aquela imensidão de água, que batia na areia da praia com ondas fracas.

Ianto demorou para me perceber ali atrás de si, então abri a minha camisa para tomar um pouco de ar e aproximei-me dele ainda mais para abraça-lo por trás, colando meu corpo ao seu.

- Gostou? – perguntei próximo a sua orelha.

- Sim, muito. É enorme e lindo – respondeu e fez uma pequena pausa, sério – Se acalmou?

- Sim, desculpe por isso. Ainda não estou acostumado com outros além de Paulo sabendo que somos um casal – revelei.

- E isso é devido ao país, ou porque tem vergonha da nossa relação? Ou de mim? – perguntou, surpreendendo-me.

- Claro que não tenho vergonha de você. É apenas o contexto da situação – respirei fundo antes de me abrir ainda mais a ele – Ianto, eu sempre tive que ser o filho e empresário perfeito. Sempre evitei sair em festas ou semelhantes, para que não fizesse coisas que pudessem ser expostas na mídia ou mesmo usadas contra mim e me arrepender posteriormente. E querendo ou não, ser gay é algo que muitos ainda não entendem. Aqui em Sarnaut, muitos desconhecem meu rosto. Mas se fosse em Alendor, a mídia iria fazer tudo para descobrir quem é você. Descobrir quem é o namorado de Eric

Pitz. Entende o perigo?

- Acho que sim. Mas, como você mesmo disse, não estamos em Alendor. Achei que o objetivo de me trazer para a viagem era esquecer um pouco tudo isso. Para aproveitarmos.

- Você tem razão. Foi exatamente por isso que lhe trouxe. Desculpa!

- Tá desculpado – ele falou, calando-se em seguida pensativo.

Não comentei nada, pois queria encerrar aquele assunto quanto antes. Eu sabia que podia e talvez devia revelar minha verdadeira sexualidade, mas ainda tinha receio de tudo que isso resultaria.

Não queria que tudo que batalhei para conquistar profissionalmente, começasse a ruir somente porque eu era gay.

- Vamos nos deitar? – perguntei a ele, após

algum tempo.

Ambos estávamos cansados.

- Sim, vamos.

Nós saímos dali e fomos até a cama macia e confortável.

Tirei toda a minha roupa, ficando apenas de cueca e Ianto fez o mesmo. Ele deitou-se de costas para mim e o abracei, colando agora nossos corpos seminus.

Sentir sua pele contra a minha era extasiante.

Inevitavelmente fiquei excitado.

Comecei então a alisar meu pau em sua bunda e cheirar seu pescoço delicioso, fazendo-lhe arrepiar-se completamente.

- Não, Eric. Estou cansado, amanhã fazemos isso – Ianto falou para mim.

Sabia que ele tinha razão, pois eu estava

cansado e ele provavelmente ainda mais, mas meu tesão era enorme.

Eu não tinha culpa de me excitar tão facilmente com ele.

- Eu preciso de seu corpo tanto quanto de seu amor, Ianto – sussurrei em seu ouvido, tentando convence-lo a ceder.

Ele gemeu baixinho.

- Você disse que precisávamos descansar para amanhã. Vamos dormir! Quero muito conhecer a praia.

- Tudo bem, mas amanhã você não fugirá de mim – concordei, desistindo.

Dei então alguns beijinhos em seu pescoço e fechei os olhos para tentar dormir. O que não demorou quase nada para nenhum de nós, pois realmente estávamos exaustos.

PERIGOSAS

Eu só sabia que no dia seguinte iria aproveitar muito bem a minha estádia com Ianto ali e quem sabe, me entregar a ele da forma que tanto fantasiava nos últimos dias.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 14

Acordei antes de Ianto.

Estava com uma ereção matinal, como de costume, mas continuei ali deitado de conchinha com Ianto.

Assim que ele despertou, apertei-o forte e dei vários beijos em sua nuca, cheirando sua pele deliciosa.

- Bom dia, amor – falei, ainda um pouco sonolento.

- Bom dia – ele falou entre um bocejo – Acordado há muito tempo?

- Alguns minutos. Fiquei observando-o dormir.

- Ah...

- Vamos descer e tomar café? Estou faminto e preciso ter forças para aproveitarmos bem nossa estadia – perguntei e apalpei sua bunda com vontade, para lhe dar a entender o que eu queria.

Ianto deixou escapar um gemido.

- Vamos lá – falou, rindo.

Após a noite de sono que tivemos, já me sentia mais tranquilo e ele também aparentava estar melhor.

Como não queria me estressar mais, decidi não perguntar os motivos de ele estar distante na noite anterior. Ia utilizar nosso tempo para lhe dar carinho e fazer amor, muito amor.

Ele definitivamente não teria como escapar novamente.

Nós levantamos da cama e fomos ao banheiro

urinar para livrarmo-nos das ereções e escovar nossos dentes. Como obviamente continuava muito quente ali na cidade, vestimos em seguida roupas leves e chinelos.

Fui até o telefone que havia no quarto e disquei o número da recepção, para saber onde ficava o café. O atendente sequer havia nos informado sobre isso e um pouco havia sido minha culpa.

Ianto me observou de perto, enquanto eu falava ao telefone.

Não podia deixar de pensar de o quanto eu era sortudo por tê-lo só para mim. Ele era absurdamente lindo, tanto em aparência quanto em caráter e personalidade.

Quem atendeu na recepção, para minha sorte não era o mesmo recepcionista da noite anterior. Já devia ter acabado seu turno.

- Bom dia, aqui é do quarto 45, gostaria de

saber onde fica o café.

- Bom dia, senhor. O café está sendo servido no 32º andar, na cobertura.

- Obrigado – disse, desligando o telefone - Fica acima de nós, mais especificamente no último andar – informei a Ianto – Está pronto?

- Sim – respondeu sorrindo para mim.

Ianto voltou a ficar pensativo e eu queria muito saber o que passava por sua mente, mas iria com calma. Talvez eu devia dessa vez esperar que ele se abrisse para mim, assim como eu já estava fazendo com ele com maior parte dos meus sentimentos.

Encarei-o por alguns segundos, lembrando que eu ainda lhe escondia o que havia acontecido com David, mas não ia adiantar em nada conta-lo e provavelmente eu apenas o magoaria. Afinal, se ele me amava mesmo, descobrir que eu havia me excitado por outra pessoa, não ia ser nada legal.

Claro, eu não havia feito nada com David, então definitivamente não podia ser considerado como uma traição, mas seria melhor que ele não descobrisse. Até mesmo porque David poderia retornar a empresa e não queria o demitir. Ele era um ótimo garoto e funcionário. Eu que devia prestar atenção no quanto me aproximava dele e me controlar, para não ficar imaginando coisas que não devia.

Afastei aqueles pensamentos e aproximei-me de Ianto com um enorme sorriso. Dei-lhe um selinho carinhoso. Queria que ele sentisse todo o amor que eu nutria, então deslizei algumas vezes meus lábios nos seus, finalizando com uma leve mordida em seu lábio inferior, encarando-o nos olhos o tempo todo.

Ianto ficou ofegante e completamente excitado.

- Estou muito feliz que esteja aqui comigo. Ia

sentir muito sua falta se tivesse vindo sem você – falei.

- Também estou feliz, Eric. Está sendo perfeito – ele falou de imediato e com um tom um pouco exagerado.

Eu ri.

- Não está perfeita, mas vou tornar. Quero que essa viagem seja inesquecível para nós dois – falei e ele apenas sorriu para mim, como resposta – Vem – disse puxando-lhe pelo braço.

Saímos do quarto e fomos até um dos quatro elevadores do hotel, selecionei o andar do café, que ficava num andar que jamais imaginei que ficaria, mas agora entendia o porquê deles não oferecerem quartos na cobertura.

O elevador foi mais rápido do que esperei e para nossa sorte, ninguém entrou durante o trajeto, até porque já estávamos um pouco atrasados.

Assim que as portas do elevador abriram, eu e Ianto fomos surpreendidos com aquele local enorme e luxuoso.

A decoração estava impecável: havia muitas mesas de vidro com lustres dourados posicionados sobre elas, mas o que tornava aquele lugar de tirar o folego eram as enormes janelas que iam do chão até o teto.

Eu definitivamente queria sentar perto delas, pois a vista devia ser maravilhosa. Para nossa sorte, não haviam muitas pessoas ali e tinha várias mesas desocupadas.

Fomos até as mesas com o café que tinha de tudo um pouco e Ianto serviu-se de várias coisas diferentes. Fiz o mesmo e peguei um pouco do café deles, que cheirava muito bem.

Assim que terminamos de nos servir, fomos até uma das mesas próximas à janela. E como havia

imaginado, a vista era espetacular! Além da cidade lá embaixo, conseguíamos ver quase toda a praia que estava bem movimentada.

Queria o quanto antes descer lá e nadar naquela água azul esverdeada linda. Fazia tanto tempo que não aproveitava em uma viagem.

- Suponho que esteja ansioso para descer lá – comentei ao ver Ianto tão admirado pela beleza do mar quanto eu.

- Sim, muito. Aqui tudo é muito lindo. Em Alendor só tem prédios e mais prédios, mas aqui isso se mistura à beleza natural.

- Sem dúvidas – falei, voltando a observar lá fora – Se as coisas ocorrerem como planejamos com esse contrato, talvez possamos mudar para cá futuramente. Não precisaria mais te privar de ter contato ao mundo exterior – revelei.

- Isso seria ótimo – ele comentou e vi seus olhos

marejarem.

Sem dúvidas, para Ianto ser livre devia ser seu maior sonho nas últimas semanas e eu estava disposto a deixar Alendor para oferece-lo isso.

Mas ele tinha que entender que não podia fazer isso por enquanto. Dependia dos resultados desse contrato e muitos outros planejamentos.

- Você está bem? – perguntei, tentando fazê-lo conversar comigo sobre como se sentia.

- Sim, estou bem. Desculpa.

Olhei desconfiado.

Não gostava quando era mentia apenas para me agradar.

- Você não precisa se desculpar Ianto. Só quero que você seja sincero comigo e me diga se há algo errado acontecendo. Foi algo que eu disse?

Ele ficou em silêncio alguns momentos,

pensativo.

- Está tudo bem, sério. Estou feliz com você e amaria morar contigo onde não precisasse me manter preso. Mas, isso mostra que isso só seria possível fora de Alendor. O que significa que jamais poderei voltar a ver meus pais. Você sabe o quanto me preocupo com eles. Queria saber se eles realmente estão bem mesmo com a ajuda que tiveram de você – explicou.

Agora fazia sentido toda sua preocupação.

Ianto amava sua família e uma vida apenas comigo jamais seria completa, mas eu não podia deixa-los vê-lo novamente. Se eles descobrissem o que eu havia feito, iriam me odiar e por em risco nossa segurança.

Ninguém podia descobrir o tipo de relação que eu e Ianto tínhamos.

Fiquei em silêncio durante um tempo pensando

naquilo, mas decidi apenas tranquiliza-lo a respeito da situação de seus pais.

- Ianto... Não se preocupe com isso. Eu já te disse que eles estão muito bem financeiramente. Eles obviamente estavam abalados com sua morte, mas não terão que se preocupar com necessidades materiais ou mesmo remédios para sua mãe. Eles poderiam largar seus trabalhos e viver só com esse dinheiro que os forneci por muitos anos. No momento, você precisa se preocupar e focar apenas em nossa relação. Quero que continuemos dando certo por muito tempo, porque eu te amo e não quero te perder por nada.

- Tudo bem – falou e começou a comer, calado.

Fiz o mesmo.

Enquanto comíamos em silêncio, tentei me colocar em seu lugar. Até mesmo para mim havia sido difícil se abrir e se entregar a um

relacionamento como o nosso, então para ele devia ser ainda mais complicado. Ianto era muito jovem e inexperiente.

Assim que terminamos nosso café, deixamos aquele local incrível e retornamos ao elevador. Selecionamos nosso andar e ambos permanecemos em silêncio lá dentro, mas era inevitável que eu não ficasse decepcionado com toda aquela situação.

A viagem era para nos relaxar e se divertir, o quanto possível.

Assim que chegamos ao nosso quarto, abri a porta e entramos. Parei em frente a nossa cama, encarando-o.

- Vamos tomar um banho e conhecer a famosa praia? – perguntei.

- Claro – respondeu animado dessa vez, para minha surpresa.

PERIGOSAS

Encarei ele durante alguns segundos, planejando algo.

- Deixa eu te ajudar a tirar essa roupa, então. Vamos tomar banho juntos para pouparmos tempo – falei com segundas intenções, aproximando-me dele.

Ele não disse nada, então tirei primeiro sua camiseta.

Tive de observar seu corpo delicioso, enquanto mordia meu lábio inferior, tomado por desejo. Meu membro já começava a ganhar vida dentro de minha cueca.

Ianto percebeu imediatamente o que eu queria, mas continuou calado enquanto arrepiava-se com meu toque. Então, em seguida desci sua cueca e bermuda, deixando-o da forma que eu mais adorava: completamente nu.

Após isso, comecei a tirar minha própria roupa.

Primeiro a camiseta e em seguida bermuda e cueca, ficando também pelado diante de Ianto, que encarou com desejo meu pau completamente duro e apontando para cima.

O seu começou a endurecer também e eu sorri, satisfeito.

- Vem – disse e o puxei pelo braço até o banheiro amplo

Havia uma banheira ali, mas decidi leva-lo até o box, onde liguei o chuveiro em água fria, já que estava tão quente.

Teríamos mais espaço ali para aproveitar.

Assim que Ianto sentiu a água fria cair sobre seu corpo, soltou um gemido baixo. Puxei-lhe contra meu corpo fazendo-o sentir meu membro rígido contra sua barriga, enquanto eu segurava sua bunda gostosa com ambas às mãos.

- Você me excita demais Ianto. Quase não consigo me controlar quando estou perto de você – comentei, beijando meu pescoço.

Ele apenas gemia e eu queria ouvir mais daquilo.

Quando ficávamos nus e nos tocando daquela forma, esquecia de todo o mundo exterior. Parecia que conseguíamos nos conectar em corpo e alma. E isso era completamente excitante.

Ianto trouxe suas mãos até meu pau e começou a me masturbar vagorosamente. Eu gemi intensamente com seu toque, mas queria muito mais que aquilo, mas surpreendendo-me, ele me empurrou contra a parede fria do banheiro e ajoelhou-se diante de meu pênis.

Começou dando beijinhos por toda a extensão de meu pau.

Repetiu isso várias vezes, focando

principalmente em minha glande, que parecia que ia explodir de tão inchada que estava, pedindo por atenção. Ele estava me enlouquecendo daquela forma, mas mantive-me calado, deixando-o que comandasse o ritmo daquela vez. Ele aproveitou para lamber da base até a cabeça de meu pênis, descendo e subindo novamente várias vezes, como se estivesse diante de um grande sorvete de carne.

Uma cena completamente hipnotizante.

Quando finalmente ficou satisfeito de me torturar daquela forma, abocanhou a cabeça avermelhada de meu pau e massageou-a com sua língua, para em seguida começar a descer para o restante de meu pênis em movimentos lentos de vai e vem.

Contorcia-me e gemia muito, tomado por prazer.

Aos poucos, Ianto foi aumentando o ritmo e já

abocanhava a metade de meu membro em seus movimentos, que era até onde conseguia chegar devido o tamanho e grossura. Quando cansou, afastou-se e encarou meu mastro pulsando em sua mão.

Que visão linda!

Ele voltou a aproximar-se de mim devagar, mas dessa vez trouxe sua boca até meu saco, onde começou a chupar com vontade minha bolas, enquanto masturbava meu pau sem parar. Ianto revezava entre ambas as bolas e cada vez mais eu intensificava meus gemidos.

Sem dúvidas, aquela era a parte mais sensível de meu corpo.

- Assim você me enlouquece – comentei ofegante e ele continuou com ainda mais vontade.

Era ótimo vê-lo esforçando-se para me entregar o máximo de prazer.

Após um tempo, ele largou minhas bolas e voltou a chupar meu pênis. Assustando-me, ele deu uma leve mordida em meu pau, fazendo-me soltar um baixo grito de dor.

Ianto sorriu malicioso.

- Cuidado – sinalizei, olhando para baixo.

- Silêncio! Eu que comando dessa vez. Você não disse que era meu tanto quanto eu sou seu? Então deixe-me usá-lo como eu quiser – falou masturbando-me forte, enquanto me encarava nos olhos.

Eu abri um sorriso satisfeito.

Era exatamente o que eu queria ouvir, pois sabia exatamente o que ele queria fazer e combinava com o que eu tanto queria nos últimos dias.

- Então me mostre o que quer fazer comigo...

PERIGOSAS

Mestre! – provoquei, entre gemidos.

Ele levantou satisfeito com minha resposta e beijou minha boca com vontade, para em seguida virar-me e forçar meu corpo contra a parede fria ainda mais.

Arrepiei-me completamente com aquilo.

Ele começou beijando e mordendo minhas costas largas a partir de cima e descendo aos poucos, enquanto apertava minhas coxas.

Eu sabia onde ele queria chegar, então empinei minha bunda generosa e redonda que ele tanto adorava. Quando chegou até ela, abriu bem minhas nádegas e começou a lamber meu buraco rosado. Eu gemia intensamente e rebolava para que ele conseguisse ter melhor acesso ao meu cu.

Nunca havia sentido tanto desejo de ser penetrado antes, e queria que Ianto o fizesse logo e com vontade. Queria muito saber como era ser

dominado por um macho.

Meu pau pulsava e já começava a doer de tão duro.

Ianto não demorou muito e logo levantou-se, puxando meu quadril para trás, me deixando de quatro para ele, numa altura boa, já que eu era mais alto. Assim que ele posicionou seu pau na minha entrada, fiquei um pouco nervoso com medo de doer, mas eu queria muito fazer aquilo.

Enquanto Ianto esfregava seu membro lá, eu respirava fundo e gemia baixinho. Se ele aguentava meu pau que era grande, eu não teria problemas com o seu mediano. Pelo menos, torcia que não.

Quando ele finalmente posicionou seu pênis exatamente na minha entrada, empurrou seu membro para dentro de mim.

Eu gritei de dor, pois entrou tudo de uma vez.

Fui tomado por uma ardência e dor agoniante. Meu cu apertava latejando seu pau, implorando para que aquilo saísse. Pensei em pedir para ele tirar, mas sabia que agora que havia entrado, era o momento exato para eu relaxar e tentar me acostumar com seu membro dentro de mim.

Ianto gemia intensamente de prazer.

- Vai com calma. Nunca fiz isso antes – pedi e revelei a ele, respirando fundo.

- Cala a boca, eu que comando dessa vez. Esqueceu? – falou já começando a fazer movimentos de vai e vem.

Contorci-me de dor, mas não me opus.

Ianto queria me dominar e isso me excitava, queria o quanto antes sentir prazer com aquilo, então deixei que metesse em mim.

Ele estocava com força enquanto apertava

minhas nádegas com vontade, fazendo-me gemer alto a cada nova investida.

Surpreendendo-me ainda mais, Ianto puxou meu cabelo e se inclinou até mim, mordendo meu ombro sem diminuir o ritmo com que me comia.

Ele estava aproveitando ao máximo.

Para minha sorte, não demorou até que a dor fosse substituída por apenas prazer. Constatei que era mais gostoso do que havia imaginado! Um prazer sem igual.

Ianto, percebendo que eu agora já não sentia mais dor, acelerou ainda mais, quase me enlouquecendo.

Enquanto ele metia em mim, eu rebolava minha bunda em seu pau, para que ele conseguisse entrar cada vez mais. E em pouco tempo, já desejava que seu pau fosse ainda maior.

Como era bom ser fodido daquela maneira!

Mas para meu azar, não demorou muito e Ianto começou a intensificar seus gemidos, logo gozaria. Mas ao invés de continuar metendo em mim e me encher com seu esperma, tirou seu pau de dentro do meu buraco e desligou o chuveiro.

- Deita! – ordenou e eu estranhei o pedido, mas fiz o que ele pediu e deitei de bruços, já que ele estava sendo meu mestre naquele momento – Não assim! De frente.

Virei-me de barriga para cima e o encarei tentando entender o que ele ia fazer, mas não me disse nada e apenas agachou sobre mim, encaixando meu pau ainda duro em sua entrada.

Ele queria que eu o comesse também.

Como ele estava muito excitado, sem hesitar, foi sentando vagorosamente e sem parar sobre meu pau, até que me tivesse completamente dentro de si.

Eu gemia de prazer com a sensação quente de seu cu apertando meu pênis. Era tão prazerosa quanto tê-lo dentro de mim.

Ianto começou a cavalgar sobre meu pau, logo em seguida.

Perguntava-me quanto prazer um pau como eu era capaz de lhe oferecer, pois Ianto subia e descia com vontade, completamente extasiado, sem qualquer hesitação. Tirava quase tudo e em seguida descia até sentir meus pelos tocarem em sua bunda.

Meu pau pulsava dentro dele, logo eu gozaria e ele também.

Ianto acelerou aqueles movimentos e eu comecei a sentir o orgasmo chegando, enquanto eu observava seu pau duro bater em minha barriga enquanto cavalgava sobre mim.

Aos poucos foi diminuindo o ritmo cansado, mas não parou de cavalgar até atingir o ápice do

prazer e gozar sobre minha barriga e peito, após soltar um excitante gemido alto.

Ele continuou com os movimentos por mais alguns segundos, mas foi o suficiente para eu também chegar lá e gozei gostoso, enchendo-lhe por dentro com meu esperma quentinho.

- Puta que pariu – falei ofegante, quando Ianto parou, ainda com meu membro dentro de si.

Ele apenas riu e saiu de cima de mim.

Levantei-me daquele chão gelado também, respirando fundo.

- Vamos nos limpar e ir pra praia, antes que dê o horário de almoçarmos – falei respirando fundo.

Ianto apenas concordou com a cabeça e voltou a ligar o chuveiro.

Terminamos nosso banho sem enrolar mais e em seguida, voltamos para o quarto em busca de

sungas, para usarmos por baixo de nossas bermudas até a praia. Após vestir a minha, voltei até o banheiro escovar meus dentes e ouvi alguém bater na porta do quarto. Só podia ser Paulo.

Como Ianto estava lá, deixei que ele atendesse.

Assim que terminei a escovação, voltei ao quarto e realmente encontrei Paulo lá me aguardando, enquanto Ianto estava calado próximo à porta.

- Bora pegar um pouco de sol e mar? – Paulo perguntou, sorridente e animado.

Capítulo 15

Paulo, Ianto e eu chegamos animados à praia movimentada.

Como fazia muito calor e havíamos vindo a pé, Paulo e eu logo tiramos nossas camisetas e bermudas, ficando apenas de sunga.

Observei um pouco o corpo de Paulo, ele estava mais sarado desde a última vez que havia lhe visto assim.

Ianto nos observava tímido.

- Tira a roupa também e vamos entrar na água! – falei e ele começou a retirar sua peças de roupa aos poucos, hesitante, mas por fim ficando também somente de sunga.

Não entendia porque ele se envergonhava de seu corpo, por mais que fosse magro, ele era muito gostoso. Jamais trocaria seu corpo pelo de alguém cheio de músculos.

Paulo estendeu uma toalha que trouxemos sobre a areia e deixamos nossas roupas e chinelos ali. Então, eu e ele corremos em direção do mar e Ianto fez o mesmo tentando nos alcançar. Mas, como ambos éramos muito mais rápidos que ele, foi o último a chegar até a água.

Assim que chegamos a um ponto em que podíamos molhar boa parte de nossos corpos, parei por alguns momentos e aproveitei a sensação de me refrescar naquela água levemente fria, que era maravilhosa, em contraste ao calor infernal que fazia em Sarnaut.

Ianto também parecia estar adorando, era o primeiro contato que ele tinha com o mar, mas já

parecia amar.

Aproximei-me de onde ele estava e joguei água em seu rosto, rindo. Ele então decidiu vingar-se, também jogando água na cara. Fiz uma careta de quem não ia deixar aquilo quieto, e ele logo saiu correndo de mim em direção à praia, corri atrás dele.

Assim que o alcancei, abracei-o forte e o levantei carregando-o de volta para a água, para então lhe derrubar junto a mim no mar. Ianto engoliu um monte de água com aquilo e me arrependi em seguida, mas assim que ele subiu de volta apenas riu da minha criancice com ele. Paulo se divertia nos observando.

Durante um bom tempo nos divertimos ali, até que Paulo se juntou a nós e ficamos brincando. Como Ianto era o menor, era o alvo mais fácil de ser derrubado. Parecíamos três crianças. Isto é,

menos quando eu aproveitava para passar a mão no corpo gostoso de Ianto. Não adiantava, não conseguia mantê-las distante.

Quando nós três finalmente cansamos, saímos juntos da água de volta para onde havíamos deixado nossos pertences. Sentamos sobre a toalha longa e descansamos observando aquela imensidão de água diante de nossos olhos. Ianto ficou no meio.

Observando o local, percebi quanto tempo eu perdia apenas trabalhando. Queria muito morar em uma cidade como aquela, onde poderia fazer atividades que me recarregassem tanto assim. Trocaria todos aqueles prédios cinzentos de Alendor por uma praia sem pensar duas vezes. As pessoas pareciam até mais feliz em Sarnaut, apesar de todo aquele calor.

- Nossa! Isso foi muito bom. Fazia tanto tempo

que não me divertia assim – comentei olhando para Ianto.

Eu sorri feliz e ele também.

Queria vê-lo mais daquela forma.

Precisava fazer o possível para fechar o contrato, pois na primeira oportunidade que tivesse, abriria uma filial da empresa ali e traria Ianto comigo. Seria perfeito!

"Faça-o feliz, Eric!" era o que repetia mentalmente a todo o momento. Pois, Ianto já havia me conquistado completamente.

Não queria vê-lo triste ou perde-lo.

Havia cometido erros, mas estava tentando recompensa-lo após tudo que havia feito.

Enquanto ficamos sentados ali, relaxei completamente. Parecia que toneladas e mais toneladas de preocupações haviam sido tiradas das

minhas costas, mesmo sabendo que havia coisas ainda a serem resolvidas.

De repente, enquanto observava o mar, me vi surpreso ao enxergar alguém muito parecido com David andando na praia. Sabia que eu podia estar enganado, mas ele sempre me dizia o quanto adorava ali e que tinha parentes na cidade. Então, não era improvável que realmente fosse ele, mas como estava de costas, não conseguia ter certeza.

Queria ir até ele e se realmente fosse David, tentar convencê-lo a voltar à empresa, mas sabia que não podia fazer isso com Ianto ali ao meu lado. Então permaneci calado enquanto tentava identificar aquele garoto que parou, sentando-se na areia diante do mar.

- Algo está tocando – Paulo avisou, despertando-me de meus pensamentos. Encaramos as roupas logo atrás de nós.

Era meu celular.

Peguei minha bermuda e apalpei o bolso até encontrar ele.

O que controlava o chip dentro de Ianto, optei em deixar bem guardado num compartimento de minha mala, que só se abria com chave. Não queria correr o risco de ninguém encontra-lo.

- Alô? – atendi a ligação.

- Bom dia senhor Pitz, aqui é Alex Lauzon, gostaria de saber se Paulo está contigo, pois liguei e não atendou.

– Sim, estou na praia com ele, mas já estamos voltando para o hotel – informei de imediato.

- Não se preocupe com isso, na verdade, gostaria de conversar com o senhor a sós. Afinal, já tive oportunidades suficientes para conhecer e negociar com Paulo. Gostaria de saber mais a

respeito de você, já que estamos prestes a fechar um acordo muito bom. Nada de negócios hoje, apenas conversa entre amigos. Então, será que você poderia me encontrar dentro de 40 minutos no Restaurante Amparo?

- Tudo bem, até logo mais então – concordei surpreso e ele desligou em seguida.

- O que foi? – Paulo perguntou a mim, curioso.

- O Sr. Lauzon quer almoçar comigo.

- Só você? – questionou, desconfiado.

- Sim. Ele disse que quer ter uma conversa informal. Conhecer-me melhor, considerando que negociou com você sem ter contato direto comigo.

- Vê se não estraga nosso contrato – Paulo provocou.

- Engraçadinho.

Eu e ele levantamos, Ianto também em seguida.

Não queria sair da praia tão cedo ou mesmo deixar Ianto já sozinho, mas não tinha como recusar o convite de Alex. Assim que todos nós nos vestimos, caminhamos de volta ao hotel.

Assim que chegamos ao nosso andar, pedi para conversar com Paulo, antes que ele entrasse em seu quarto. Afastamo-nos um pouco de Ianto e comecei a falar baixinho com ele.

- Eu vou lá almoçar com Alex, mas posso demorar um pouquinho mais – informei.

- Por quê? O que irá fazer?

- Não posso contar agora, mas vi uma pessoa na praia e preciso falar com ela. É importante.

Paulo me encarou desconfiado.

- Está me escondendo coisas agora, Eric?

- Claro que não, apenas quero confirmar se era essa pessoa mesmo, posso estar enganado. Apenas

quero que você leve Ianto para almoçar em algum lugar, trouxemos ele aqui para aproveitar. Não quero que ele fique sozinho dentro daquele quarto, ele parecia um pouco distante e triste antes, quero que continue animado como está agora.

- Tudo bem, mas depois vai me explicar certinho sobre quem é essa pessoa que você faz tanta questão de ir atrás.

- Pode ter certeza – disse, voltando até Ianto.

Assim que passei por ele, sinalizei para entrar no quarto.

- Vou tomar um banho rápido, vestir-me e ir encontrar o Sr. Lauzon. Você vai ficar bem? – perguntei a ele.

- Sim, claro.

- Pedi que Paulo lhe levasse para almoçar em algum lugar. Sei que quer conhecer melhor Sarnaut.

Não vou permitir que coma sozinho nesse quarto, então se arrume após eu sair.

Ele concordou com a cabeça.

Despi-me e fui direto para o chuveiro.

Enquanto tirava a areia e água salgada de meu corpo, fiquei pensando se estava certo em ir atrás de David. Provavelmente não, mas sabia como era sofrer por alguém que amava. Queria que David entendesse que apesar de tudo, ainda o queria como amigo e assistente.

Assim que terminei de me banhar, desliguei o chuveiro e me sequei. Sai enrolado de lá enrolado a uma toalha do hotel.

Fui até minha mala e revirei a bolsa em busca de meu terno, até finalmente encontrá-lo. Para minha sorte, não havia amassado. Ainda bem que havia lembrado de pedir à Lucy que passasse antes da viagem.

Assim que deixei minha toalha cair, percebi que Ianto não desviava seu olhar de meu corpo, isso era ótimo, mas não tinha tempo para me divertir mais um pouco com ele. Então, comecei vestindo uma cueca limpa e em seguida, meu terno novo, que estava guardado durante um bom tempo sem que eu o usasse.

Obviamente, devido o calor, dispensei o paletó e gravata.

Assim que finalmente terminei de me vestir, encarei Ianto sério, que estava sentado na cama me observando.

- Não queria ficar longe de você, mas é realmente necessário – falei.

- Eu entendo. Não se preocupe.

Aproximei-me dele e o puxei pelo braço para que levantasse, passei meus braços ao redor de seu corpo e abracei.

- Eu te amo, Ianto!

- Também te amo – ele retribuiu, encarando-me.

Eu sorri feliz e aproximei meu rosto do seu, para então lhe dar um delicioso beijo. Beijamo-nos durante vários minutos. Nossas línguas pareciam atrair uma à outra e era muito, muito difícil afastá-las, mas chegou um ponto que era necessário, para que eu não deixasse Alex Lauzon esperando.

- Qualquer coisa me liga. Estarei com meu celular – falei indo até o criado mudo ao lado da cama, onde peguei uma caneta e papel e anotei meu número para Ianto.

Entreguei e ele guardou em seu bolso.

- Obrigado e boa sorte – falou.

Sorri mais uma vez para ele e então sai do quarto, deixando-o sozinho ali. Esperava que logo Paulo fosse lhe fazer companhia, não queria que

Ianto sentisse-se sozinho ou triste.

Assim que desci para a entrada do hotel, peguei um táxi que havia parado ali na frente, já que não fazia ideia de onde ficava o tal restaurante que Alex havia reservado.

- Boa tarde senhor, para onde? – o taxista perguntou, encarando-me através do espelho retrovisor.

- Para um restaurante chamado Amparo.

- Aqui pertinho – ele comentou rindo, dando partida em seguida.

Como ele havia comentado, era tão perto que eu poderia ter ido a pé. Eram apenas duas quadras e meias do hotel.

Assim que paguei e desci do carro, entrei no restaurante.

Fui abordado por um dos recepcionistas.

- Boa tarde, bem vindo ao Restaurante Aparo. O senhor gostaria de uma mesa?

- Na verdade, estou aqui para me encontrar com Alex Lauzon.

- Sim, claro. Ele já está lhe aguardando, peço que me acompanhe – o recepcionista vestindo apenas preto, pediu.

Acompanhei ele de perto através daquele restaurante luxuoso, até uma mesa no fundo, onde Alex me aguardava.

- Aqui senhor.

- Obrigado – agradeci e o recepcionista nos deixou a sós.

Alex levantou-se para me cumprimentar.

- É um prazer conhece-lo, senhor Pitz – falou enquanto apertava minha mão. Ele aparentava ter

um pouco menos de quarenta anos, tinha um corpo muito bom para sua idade e cabelo grisalho, mas claramente proposital, pois lhe dava um charme e tanto.

- Pode me chamar apenas de Eric – falei, soltando sua mão e sentando-me em seguida. Ele fez o mesmo.

- Então finalmente iremos nos conhecer. Paulo falou muito bem de você.

- Fico feliz em saber disso – comentei e ri.

- Pelo menos na parte de galã, ele tinha razão – comentou, surpreendo-me.

- Ele falou isso? – perguntei.

- Disse que você era bonito, mas não tanto – Alex respondeu, encarando-me nos olhos, com um sorriso estampado no rosto.

- Obrigado – respondi, um pouco

desconfortável.

Talvez estivesse enganado em achar que Paulo não havia o convencido com sexo, afinal Alex era muito sexy, mas definitivamente, não fazia meu tipo.

- Então, Eric... Conte-me como conseguiu tanto sucesso, sendo tão jovem. Seu pai deixou um empresa desestruturada para você administrar – ele falou, dando um gole em seu vinho em seguida.

- Não foi fácil e assumo que tive muita ajuda de Paulo. Com muito trabalho e paixão, reerguemos a empresa juntos.

- É bom saber que são tão bons amigos e sócios. Trabalham da mesma forma? – ele perguntou, piscando para mim.

Pela primeira vez em muito tempo, senti meu rosto corar.

Para minha sorte, um garçom veio perguntar o que gostaríamos de comer. Assim que peguei o menu, Alex me impediu, dizendo que iria escolher para mim, alegando que eu devia experimentar os frutos do mar que o restaurante preparava.

Concordei, hesitante.

- Então, me responda o que perguntei, Eric – ele pediu assim que o garçom afastou-se da nossa mesa.

- Eu não sei do que está falando – comentei, bebendo um pouco de água que estava já servida em uma taça, sobre a mesa.

- Claro que sabe – provocou, deslizando seu pé em minha perna, por baixo da mesa.

Afastei minha perna e respirei fundo.

- Tudo bem, eu sei do que está falando, mas não. Não negocio da mesma forma que Paulo.

- Que pena, pois eu ia adorar te provar para fechar esse contrato – comentou, deslizando com seu dedo indicador as bordas da sua taça.

- Acredito que os produtos e preços que iremos lhe oferecer, serão o suficiente – comentei, encarando-o seus olhos esverdeados.

- Sem dúvidas, são ótimos, mas vocês não são os únicos dispostos a me oferecerem ofertas assim. Qual é seu diferencial?

Segurei-me para não rir ou socar sua cara.

- Desculpa, Alex. Mas realmente não me deito com meus clientes, deveria estar satisfeito em ter conseguido convencer Paulo, que é bem gostoso.

- Oh, sem dúvidas, degustei com vontade, mas você também me interessa muito. Me diga por que está hesitando, por acaso é hetero?

Respirei fundo, pensando no que lhe responder.

- Não sou, mas já tenho alguém que amo, não posso fazer algo assim – respondi e em seguida, o garçom surgiu, trazendo nossos pratos.

Alex começou a comer calado e fiz o mesmo, nervoso.

Não podia perder aquele contrato, mas não estava disposto a deitar-me com ele. Se não havia tocado em David, que realmente me atraia, não faria isso com Alex.

- Já fui jovem e apaixonado como você, Eric. Mas aprendi da pior forma que ser fiel a uma pessoa, não dá em nada. Homens não conseguem se controlar, fui traído mais de uma vez, até que decidi deixar de ser aquele que era sempre magoado.

- Então se tornou aquele magoa? – questionei, encarando-o.

- Não, pois jamais prometi a ninguém o que não poderia cumprir. Se você ainda não aprendeu isso,

tudo bem, a vida ainda irá se certificar de lhe dar essa lição, mas tenha certeza de uma coisa: a traição nunca vem de quem esperamos, é sempre daqueles que mais amamos e confiamos.

- Tenho certeza de que posso confiar nele – falei ríspido, voltando a comer um pouco dos frutos do mar cozidos, que realmente eram maravilhosos.

- Espero que esteja certo – Alex falou, largando seus talhares e levantando-se – Preciso ir.

- Mas já? – questionei surpreso, também levantando.

- Você não pode me oferecer o que quero. Então, até a noite em nossa reunião junto de Paulo.

- Senhor Lauzon, pense bem nesse contrato, por favor. Você sabe que somos uma empresa sólida e que tem capacidade de suprir as necessidades de sua empresa. Além de que o preço que oferecemos, dificilmente encontrará melhor.

PERIGOSAS

Ele ficou calado, encarando-me durante um tempo.

Meu coração já quase saltava do peito, de tão nervoso e ansioso que estava para saber de sua resposta.

- Você tem razão, pensarei com carinho em nosso acordo – Alex disse colocando algumas notas de dinheiro em meio ao menu, sem desviar seu olhar do meu – Até a noite Eric e boa sorte nesse seu conto de fadas.

Não disse nada e ele saiu, deixando o restaurante. Sentei-me de volta e respirei fundo, tentando me acalmar; Paulo devia ter me avisado.

Assim que finalmente estava mais tranquilo e havia finalizado meu almoço, deixei o restaurante para fazer o que passava em minha cabeça desde mais cedo, antes de retornar ao hotel: procurar por David.

NACIONAIS - ACHERON

Sabia que podia não ser ele, ou sequer encontra-lo ainda na praia, mas eu precisava conversar com ele e ter certeza que estava bem. Eu quase cometi o maior erro da minha vida por sofrer por alguém e não queria que ele passasse pelo mesmo.

Capítulo 16

Em passos largos, retornei à praia de mais cedo.

Tive de abrir alguns botões de minha camisa devido o calor. A praia já estava menos movimentada, então torcia conseguir encontrar o garoto que acreditava ser David.

Demorei alguns momentos até lembrar exatamente onde havíamos ficado antes, mas assim que identifiquei, apressei-me até lá e tentei enxergar se o garoto ainda estava por ali.

Para minha sorte, ele continuava sentado diante do mar; corri em direção a ele apressado.

- David – chamei, assim que aproximei-me dele, mas ele pareceu não me ouvir. – David!

Ele então, virou-se.

- Está falando comigo? – o garoto que definitivamente não era David, perguntou para mim, encarando-me confuso.

Fiquei em silêncio alguns momentos, envergonhado.

- Desculpa, confundi você com outra pessoa.

- Maluco – ele comentou, levantando-se e saindo dali.

Não acreditava que havia voltado ali, só por causa de um engano. Sentia-me um completo idiota.

Afinal, por que eu fazia tanta questão de falar com David?

Provavelmente porque não havia como eu não me ver nele: a pressão familiar, ter que fingir ser algo somente para manter aparências, entregar-se a

sentimentos que não devia e no fim, sofrer por ter acreditado num final feliz.

Sentei-me na areia e tirei meus sapatos, respirei fundo enquanto sentia as areias entre os dedos de meus pés. Ao encarar o mar, agora sozinho, foi inevitável não lembrar-me da época que me tornou o que eu era: uma pessoa com medo de seus próprios sentimentos, ou o que os outros fariam com eles.

O início de tudo foi numa sexta-feira, em meu primeiro ano de faculdade de administração. Paulo e eu ainda estávamos tentando nos enturmar, quando ele surgiu.

Naquela noite havia aula com Mariana, uma professora que detestávamos. Então, ao invés de entrar na sala e assistir sua aula, fui atrás da faculdade, onde matávamos aula.

Havia alguns bancos lá, sentei-me para aguardar

Paulo, que assim que não me encontrasse, iria atrás de mim que nem um louco.

Éramos inseparáveis.

A noite estava agradável e eu observava concentrado as estrelas sobre mim, quando alguém sentou-se ao meu lado.

Surpreendi-me ao ver que era Fernando Coltrin no meu lado.

Ele era o tipo de garoto que todas as garotas desejavam, e alguns garotos também. Moreno de pele bronzeada, tinha cabelos negros perfeitamente arrumados com gel. Seus olhos eram de um azul sem igual e sua boca, um sonho que queria muito experimentar.

O cheiro de seu perfume amadeirado, fez-me pensar em mil e umas coisas sacanas. Tudo nele exalava sexo.

- Apreciando a noite? – ele perguntou com sua voz rouca.

- Mais ou menos... – respondi, observando-o pegar com seus braços enormes um maço de cigarros na mochila.

Ele estendeu oferecendo-me um, mas recusei.

- Faz bem em recusar – comentou, acendendo um em seus lábios carnudos, que naquela noite estavam um pouco secos. – Esse cigarro é horrível, mas era o que deu para comprar.

Ele soltou a fumaça, observando-a dispersar no ar.

- Não tem dinheiro para um cigarro melhor, mas estuda em uma das faculdades mais caras do país?

- Eu não pago, meus pais trabalham para o reitor da faculdade, então podemos dizer que sou bolsista.

- Ah, não sabia...

- É porque você é novato, galera dos outros anos já até me ignoram devido a isso. Como se pobreza fosse algo transmissível.

- Que ridículo! Jamais faria algo assim – comentei, surpreso, realmente percebendo que apesar de toda sua boa aparência, dificilmente o via acompanhado de alguém.

- Então já gostei de você – falou, voltando a fumar seu cigarro.

Sorri para ele e fiquei calado ali em seu lado, sem saber o que mais dizer ou como agir. Agora sabendo que ele era bolsista, provavelmente não tínhamos muitas coisas em comum.

Sua presença também era intimidadora, mesmo que eu já não fosse tão pequeno, devido às árduas sessões de academia, ele era consideravelmente maior e mais alto que eu.

- Você é Eric, não é? – perguntou, observando-me dos pés a cabeça. Eu vestia uma calça preta apertada com tênis de cano alto e uma camiseta branca. Enquanto ele vestia-se com calça jeans surradas e camisa xadrez sobre uma camiseta cinza.

- Sim, como sabe? – questionei, surpreso por ele saber meu nome.

- Lembro-me desde a noite do trote, você estava muito engraçado quase todo enrolado com papel higiênico e rosto pintado de azul – comentou, rindo.

- Não foi nada engraçado para mim – falei, cruzando meus braços.

- Olha pelo lado bom, eu aprendi seu nome.

Encarei ele confuso, pensando sobre o que aquela frase podia significar, quando Paulo surgiu.

- Boa noite – ele disse desconfiado,

cumprimentando a mim e Fernando.

- Boa noite, novato.

- Demorou – comentei, aproximando-me de Fernando, para que Paulo sentasse ao meu lado.

- Tive de fazer umas coisas antes de vir – ele respondeu sentando e abanou a fumaça do cigarro de Fernando que chegava até ele.

- Vocês vêm para a faculdade só para matar aula? – Fernando perguntou, encarando-nos.

- Somente essa aula, não gostamos das aulas da professora Mariana – respondi.

- Ninguém gosta, mas que pena então que é só essa. Se vocês tivessem dinheiro, ia chamar vocês para irem comigo ao bar pagar umas bebidas para mim, afinal são meus calouros. Nada mais justo né? – ele riu. - Iria retribuir mostrando como se diverte fora da faculdade.

PERIGOSAS

- Pois é, mas na verdade, já estamos voltando – Paulo falou impaciente, levantando-se.

- Você também vai voltar para a aula, Eric? – Fernando questionou, encarando-me nos olhos.

Respirei fundo, pensativo.

- Não, acho que vou ao bar com você mesmo.

- Eric, hoje tem aulas importantes! – Paulo interviu.

- Somente um dia não será problema algum. Você vem ou não?

Paulo permaneceu em silêncio durante alguns momentos.

- Não, até mais e boa noite para vocês – respondeu ríspido e saindo dali. Estranhei sua reação.

- Ele é seu namorado? – Fernando questionou, apagando seu cigarro no chão.

NACIONAIS - ACHERON

Senti meu rosto pegar fogo.

Claro, eu já havia ficado com alguns garotos escondido, mas nunca falava sobre isso com outros além de Paulo.

- Claro que não! – respondi de imediato.

- Ele parecia ter muito ciúmes de você.

- Somos só amigos.

- Hm... Excelente! – ele comentou, levantando-se. – Vamos lá?

Encarei minha mochila, hesitante por alguns segundos.

Sabia que precisava assistir aquelas aulas, mas lá estava alguém que eu observava secretamente, que também sabia meu nome e queria sair comigo para se divertir.

Não era algo que eu podia recusar tão fácil.

- Vamos... – respondi levantando-se, decidido.

Fernando abriu um enorme sorriso, sinalizando para que eu o acompanhasse até um caminho sem volta e que me levaria à fossa.

Queria te dizer que foi tudo muito romântico e emocionante, mas não posso, estaria mentindo.

A verdade era que foi bem ao contrário e sem qualquer glamour: regado a vomito, álcool e cigarros fedorentos, tudo começou com um simples convite.

Que acabou repetindo-se muitas e muitas vezes.

Queria eu ter negado todos eles, mas simplesmente não conseguia dizer não a Fernando, seu jeito descompromissado e apaixonado de levar a vida me conquistou de um jeito assustador. Quando havia percebido, já estava completa e perdidamente apaixonado por ele.

Adorava o jeito que ele dançava, os papos malucos que tínhamos bêbados e a forma que me

sentia mais vivo perto dele. Estava fazendo aquele curso somente para agradar meus pais, mas nem isso era suficiente. Eles não se importavam realmente comigo.

Em pouco tempo, eram raras as vezes que ia para a aula e a reprovação, era quase inevitável.

Paulo discutia e chamava minha atenção todos os dias, dizendo que eu não devia estar fazendo aquilo ou mesmo saindo com Fernando. Que ele era má influência para mim e aproveitava-se de meu dinheiro.

Eu não dava bola, é claro.

Achava que era apenas ciúme bobo de amigo.

Quando outros amigos surgiram também dizendo que Fernando não era boa pessoa, baseados em boatos, parei de falar com todos. Afinal, eles não o conheciam como eu.

PERIGOSAS

Em casa, as coisas iam de mal a pior, as brigas entre meus pais devido aos negócios, se tornavam cada vez mais frequentes. Era quase certeza que eu estava destinado a herdar uma empresa quebrada e cheia de dívidas.

Eu só queria curtir e ficar perto de Fernando, que havia me mostrado que a vida era muito mais que estudos e trabalho. Afinal o que poderia se comparar a uma boa balada regada a drogas e bebida? Talvez somente seus beijos.

Algo que eu desejava mais que tudo.

Fernando sabia desde o início que eu estava perdidamente apaixonado por ele, mas apenas me provocava sempre que tinha oportunidade. Ele gostava de me ver rastejar até ele, cheio de esperanças de que em alguma noite ele me daria o que tanto desejava.

Tudo parecia um grande jogo para ele.
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Enquanto eu tentava de tudo para lhe conquistar, ele somente fugia de mim, apesar de todas as drogas e bebidas que lhe comprova.

Tanta coisa idiota fiz para lhe agradar...

Foram meses de tortura emocional, sentia como se eu estivesse em abstinência de algo que nunca havia experimentado.

Durante os dias eu chorava e as noites voltava a sair com ele, forçando um sorriso em meus lábios, torcendo que minha espera logo acabasse e valesse a pena.

- Por que você está fazendo tudo isso comigo? – questionei em uma dessas noites, num beco deserto atrás de uma boate.

Ambos já estávamos alterados de álcool e eu já estava completamente cansado daquilo tudo. Não queria mais me iludir, eu precisava saber se ele sentia pelo menos algo por mim.

NACIONAIS - ACHERON

Mesmo que a resposta pudesse estraçalhar meu coração em pedaços.

- Do que você está falando? – ele perguntou surpreso.

- Não se faça de idiota! – gritei, já começando a chorar. – Você sabe muito bem porque estou aqui contigo, e todas as outras noites antes dessa. Eu não aguento mais Fernando, preciso que você me diga o que você quer comigo!

Ele encarou-me assustado e em seguida, virou o rosto envergonhado.

- Me fala logo, porra! – virei seu rosto para mim novamente.

- Eu não posso te dar o que você quer, Eric – ele respondeu hesitante.

- Por que não? – questionei, sentindo como seu meu coração estivesse sendo atingido por centenas

de facas afiadas.

- Eu gosto de mulheres.

- Então por que sai comigo quase todas as noites?

- Porque eu gosto de você, mas como amigo.

- Mentiroso! – gritei. – Você está com medo, não é possível... Todas as provocações e brincadeiras. Você me fez acreditar que gostava de mim!

- Eu gosto! – falou, aproximando-se de mim.

- Não! Não! – gritei, afastando-me, ele já chorava também. – Não quero ver você nunca mais!

- Eric, por favor!

Ele tentou novamente chegar perto de mim, mas o empurrei.

- Eu devia ter ouvido Paulo, eu sou um idiota! –

falei e sai correndo dali, em direção a qualquer lugar.

Nunca havia sofrido tanto.

Após isso deixei de ir à faculdade completamente e essa foi a primeira vez que fiquei uma semana sem vê-lo. Achava que a dor jamais cessaria, mas estava enganado em achar que tudo havia acabado entre nós.

Numa noite, enquanto chorava num banho de duas horas já, ouvi um som de vidro se quebrando em meu quarto. Assustei-me e sai hesitante, enrolado à minha toalha.

Minha surpresa foi grande quando vi que era Fernando, que havia invadido minha casa.

- Que diabos você está fazendo aqui? – perguntei, irritado.

- Vim falar contigo, mas só para avisar, os

seguranças da sua família são uns inúteis – respondeu enrolado.

Estava completamente bêbado, como sempre.

- Meu pai demitiu quase todos eles – falei, olhando pela janela se algum havia notado a presença de Fernando ou o barulho.

- Nem precisa se preocupar, não tem nenhum aí desse lado da casa.

- Aparentemente não se preocupam muito comigo – comentei, voltando a encara-lo.

- Eu me preocupo com você, por isso estou aqui – ele disse, aproximando-se de mim quase caindo.

- O que você veio fazer aqui Fernando? – questionei ríspido.

- Resolver as coisas entre nós.

- Eu já te disse! Não quero vê-lo nunca mais na frente. Principalmente com você nesse estado! O

que andou bebendo?

- Não importa! – ele falou, calando meus lábios com seu dedo indicador. – V-você tinha razão, eu menti. Também gosto de você, apenas não sei como lidar com tudo isso.

Senti meu coração acelerar ouvindo aquilo.

Ele estava falando a verdade?

- Você veio zombar ainda mais da minha cara? – perguntei, irritado.

- Não, vim te dar o que você quer – respondeu, avançando com seus lábios aos meus.

Senti o chão estremecer e o mundo parar.

Sua boca podia ter gosto de cigarro e cerveja, mas eu desejava tanto aquilo, que apenas pensava em explorar cada milímetro de sua boca e língua, como se minha vida dependesse daquilo.

Foi quente, selvagem e sem nada igual.

Jamais imaginaria que beijar a pessoa que amava fosse tão mágico.

- Desculpa – ele sussurrou, assim que separamos nossas bocas, completamente ofegantes.

- Tudo bem – respondi, tentando voltar a beijá-lo, mas ele virou o rosto impedindo-me.

- Vamos com calma, foi minha primeira vez com outro homem. Esse beijo já foi bastante para minha cabeça. Tenha paciência comigo, assim como teve todo esse tempo – pediu, manhoso.

- Claro – respondi abraçando-o, feliz de qualquer forma.

Mal sabia eu que a coisa que mais desejava no mundo, estava prestes a tornar-se meu maior pesadelo por muito tempo.

Cada vez mais ele foi conquistando meus pensamentos e sentimentos. Conversávamos sobre

música, filosofia e formas de mudar o sistema injusto de castas. Durante as noites, o levava até as melhores festas e durante os dias, em restaurantes e lojas, onde lhe comprava roupas e mais roupas.

Gostava de vê-lo feliz.

Mas os dias foram passando e nossa relação evoluindo a passos lentos e de formiga. Fernando me atraia e excitava de forma quase incontrolável, mas sempre que eu tentava lhe beijar, ele fugia.

Eu sempre tinha que aguardar a iniciativa vir dele, e eram bem raras. Mais especificamente quando eu lhe cobrava muito.

Quando contei a Paulo o que estava acontecendo, ele passou a agir estranho. Não queria ouvir falar de Fernando e até mesmo se afastou de mim. Ele ainda insistia de que eu estava cometendo um grande erro, mas naquela época eu apenas fechava os ouvidos a tudo que ia contra o que eu

queria. Não aceitava estar errado.

Fiquei muito chateado com esse distanciamento entre nós, mas finalmente tinha a pessoa que amava comigo e nada mais importava.

Foram quase dois meses assim, até o grande acontecimento.

Aquele que me fez cair em um abismo de sofrimento e pensar em coisas terríveis.

Numa noite em que bebíamos em seu apartamento pequeno e bagunçado, aproximei-me de Fernando abraçando-o. Ele estava completamente chapado e bêbado, diferente de mim que tinha tentando me controlar ao máximo.

Eu queria dar o próximo passo.

Então, deitados na cama, subi sobre ele, que apenas riu.

- Sai, Eric! – pediu, manhoso.

PERIGOSAS

- Não... – respondi aproximando-me de seu ouvido. – Quero um beijo seu – sussurrei.

- Você não merece – ele brincou, tentando me tirar de cima de si, mas sem sucesso. Ele estava sem qualquer força.

- E se eu dissesse que te amo? – perguntei, encarando-o nos olhos.

- Você me ama? – ele questionou, surpreso.

- Com todas as minhas forças. Você não?

Ele ficou em silêncio durante alguns momentos, pensativo.

Até que me puxou conta seu corpo, colando nossos lábios. Beijei-o intensamente e com vontade, meu pau já pulsava duro dentro da calça. Fazia meses que eu não transava com ninguém.

Eu precisava de seu corpo logo ou enlouqueceria.

NACIONAIS - ACHERON

- Você não vai me responder não? – perguntei, assim que separamos nossos lábios.

- Não era um beijo que você queria? Eu te dei. – falou, atropelando as palavras.

- Não é isso que quero. Eu quero e preciso de mais, Fernando - respondi, levando minha mão até seu pau embaixo de mim, que apesar de tudo, estava mole.

Ele havia bebido muito, mas eu daria um jeito.

- Já disse para ter calma...

- Eu já tive muita calma com você! Não vou dormir até você me dar um pouco do que eu quero – provoquei, tirando sua camisa.

- Estou cansado, Eric – falou, cobrindo seu rosto.

- Não tem problema, deixa que eu faço a maior parte do trabalho – respondi, afastando suas mãos e

voltando a lhe beijar.

Ele tentava desviar sua boca da minha, mas estava muito lento e eu completamente excitado. Assim que consegui abrir sua cinta e zíper, desci um pouco e fui até seu pau, abocanhando-o completo.

Dessa vez, para minha surpresa, ele me empurrou com força e deu uma joelhada em meu rosto.

Meu nariz começou a sangrar na hora.

- Não me toca, seu viado! – gritou, voltando a vestir sua calça com dificuldade.

Assim que ele conseguiu sentar, pegou ainda uma garrafa de cerveja vazia ao seu lado e jogou em mim, sem acertar.

- O que você está fazendo? – perguntei, já chorando.

- Já disse que não quero que você me toque, seu viado nojento! Porra!

- O que você está falando Fernando? Você não está normal, deve ser essa mistura de drogas com bebida. Não está pensando bem.

- Estou sim, sai daqui. Cansei de fingir ser seu namoradinho.

- Você não gosta de mim? – perguntei, sentindo meu coração ser esmago por mil caminhões.

- Se toca playbozinho, eu não gosto de bichas. Você me pagou um monte de coisas, mas prefiro voltar a fumar cigarros baratos, que é menos nojento que seus beijos, não vale a pena – falou, cuspindo no chão.

Sai de lá correndo e chorando.

Meu chão desmoronou.

Não podia acreditar que eu havia sido usado

daquela forma. Que havia acreditado em algo que não existia, enquanto fantasiava finais felizes.

Sentia vergonha de mim mesmo.

Foram semanas de sofrimento intenso e lágrimas incessantes, fechado ao meu quarto. Enquanto meus pais sequer ligavam para mim, afinal apenas dinheiro importava a eles.

Sentia-me completamente sozinho.

Paulo tentava me ligar todos os dias, mas eu não lhe atendia. Não queria o ver após tudo, eu havia o deixado de lado, enquanto ele tentava me avisar. Eu não merecia sua amizade.

Eu não merecia sofrer.

Então, numa tarde, já sem esperanças de que a dor sumisse, assaltei o banheiro do quarto da minha mãe e peguei todos os comprimidos que ela usava para dormir.

PERIGOSAS

Ao voltar para o quarto, tranquei-me e escrevi uma carta para meus pais, dizendo que apesar de sentir falta deles presentes, os amava. Em seguida, digitei uma última mensagem, que encaminhei somente a Paulo. Não queria que Fernando soubesse o quanto ele havia me destruído.

“Não consigo mais suportar toda essa dor, então me perdoe por tudo que fiz e vou fazer. Seja mais forte que eu, amo você!”

Enviei e engoli todos aqueles comprimidos, sem me dar o luxo de pensar em desistir, enquanto chorava sem parar.

Pelo menos, acreditava que agora a dor finalmente cessaria.

Então, quando comecei a sentir-me perdendo a consciência e apagando, entreguei-me a aquilo sem hesitar.

Entreguei-me completamente à acolhedora NACIONAIS - ACHERON

escuridão que tomava conta de minha mente. Até que ela se tornou total.

...

Despertei poucos minutos depois, vomitando tudo que havia tomado no chão do meu quarto. A porta havia sido arrombada e Paulo induzia meu vomito, enquanto um dos seguranças observava assustado a cena.

- Seu idiota! – ele gritava, em prantos, enquanto eu tinha dificuldades para me manter acordado.

Tudo girava; não consegui aguentar e apaguei novamente.

Somente voltei a acordar, quando já estava em um hospital. Paulo me acompanhava sentado a uma cadeira perto da cama, e assim que me viu acordado, correu até mim, abraçando-me forte.

- Estou te abraçando, porque ainda não posso te

socar! – falou, em choro.

- Desculpa, desculpa, desculpa... – eu repetia sem parar para ele, também em prantos.

Foram meses de tratamento psicológico, enquanto tentava retornar agora a uma nova faculdade. Não queria ver Fernando nunca mais. Paulo me acompanhou nessa mudança.

Já meus pais decidiram se livrar de mim, e quaisquer problemas que teriam que enfrentar comigo. Venderam mais da metade da empresa e usaram esse dinheiro para sair de Alendor. Deixando-me com o que restou.

Somente Paulo permaneceu ao meu lado, incentivando-me e apoiando para seguir em frente e me reerguer.

Então, eu tinha uma enorme dívida com ele, que eu provavelmente jamais conseguiria pagar. Ele havia salvado minha vida mais vezes do que eu

conseguia contar.

O engraçado era que após tudo que eu havia passado com Fernando, que apenas havia se aproximado de mim por causa de meu dinheiro, lá estava eu vivendo com um garoto que havia comprado.

Podia ser errado, mas torcia que se tornasse certo.

Queria que Ianto me amasse realmente tanto quanto eu lhe amava, pois mais uma vez havia me entregado completamente.

Capítulo 17

O restante da viagem passou-se tranquilamente.

Apesar de tudo, conseguimos fechar o contrato com Alex, que devia ter feito toda aquela ceninha no restaurante, somente para tentar me levar para cama, pois nossa oferta era simplesmente irrecusável.

O único problema era Ianto, que voltou a ficar ainda mais distante de mim, sempre pensativo e estampando um olhar triste em seu rosto. Mas toda vez que eu questionava o que havia acontecido, ele me respondia apenas com mentiras.

Ele estava me escondendo algo e eu queria saber o que era!

Assim que retornamos à Alendor, após uma longa e cansativa viagem, parei com o carro em frente ao nosso prédio, para que Paulo descesse e andasse até o seu. Queria o quanto antes entrar e conversar com Ianto, seriamente.

- Até amanhã e pare com esse mau humor. Acabamos de fechar o contrato de nossas vidas, devia estar dando pulinhos de alegria – ele falou para mim, sentado no banco de passageiro.

- Depois conversamos – falei ríspido e destravei a porta, para que ele pudesse sair.

- Tudo bem, boa noite – Paulo falou, saindo do carro, já com sua mala em mãos – Tchau, Ianto!

- Tchau – Ianto retribuiu, tímido.

Paulo apenas sorriu para nós e fechou a porta, partindo em direção ao seu prédio.

Tentava entender o que Ianto queria, afinal

antes da viagem estava completamente animado, mas assim que chegamos lá foi afastando-se de mim e às vezes só conversava com Paulo. Não duvidava nada que ele tivesse contado o motivo a ele e isso era muito decepcionante. Afinal, eu que devia ser o primeiro a saber.

Entrei com o carro no estacionamento sem falar nada, e assim subimos até nosso andar carregando as malas. Ninguém havia nos visto ali, mas Ianto andava com medo em direção ao nosso apartamento, pressentindo o que eu cobraria dele.

- Fala logo – exigi assim que entramos.

Larguei minha mala num canto e parei na frente dele.

- N-não tenho o que falar – disse gaguejando e com a voz trêmula, mas dessa vez não conseguiria escapar de contar a verdade.

- Ianto estamos juntos tempo suficiente para eu

saber que você mente muito mal e não está bem. A viagem era para aproveitarmos, mas você sempre estava aéreo e diversas vezes me respondeu de forma seca e desanimada. Quero apenas saber a verdade, acredito que eu tenha direito disso. Esqueceu que somos um casal?

- Somos? – perguntou, caindo no choro.

Encarei ele, confuso.

- O que você quer dizer com isso e por que está chorando? Achei que estivemos felizes e bem – questionei preocupado, sentindo meus olhos lacrimejarem.

No fundo, eu sabia que algo ia acontecer em algum momento, afinal jamais havia conseguido ser feliz durante tanto tempo, já estava na hora de tudo começar a desmoronar.

- Eu simplesmente não consigo mais acreditar em você, Eric. São tantas mentiras e manipulações.

Achei que você me amava! – falou, cobrindo seu rosto com as mãos.

Ele tremia de nervosismo.

Mantive-me calado durante alguns momentos, em completo choque pelo que ele havia me dito.

Do que diabos ele estava falando?

- Eu te amo, Ianto e jamais te manipulei ou menti! Jamais faria isso – falei tirando suas mãos da frente de seu rosto e encarando-o nos olhos – Por que você está falando essas coisas? – perguntei, deixando as primeiras lágrimas escorrerem por meu rosto.

- Me contaram coisas, que você mentiu e escondeu de mim.

- O que e de quem? – questionei, nervoso.

Ianto ficou em silêncio, pensativo e hesitante.

- Seu... Seu ajudante do trabalho – Ianto

começou a falar e respirou fundo – Você está tendo um caso com ele? – questionou e eu olhei para ele surpreso.

- De quem você ouviu isso? Paulo?

- Isso não importa. Importa apenas a verdade. Você está tendo um caso com ele ou não?

- Claro que não! – falei de imediato.

Só podia ser Paulo que havia contado!

Por que ele havia feito isso? Sendo que jamais havia tocado um dedo em David, apesar de tudo.

- Eric, você me deixou trancado sem almoçar, acreditando que você estava preparando tudo para nossa viagem, enquanto estava em um restaurante com ele? Me responde! – questionou, em prantos.

Fiquei em silêncio, pensando no que lhe responder.

Ianto tinha que entender de que apesar de

realmente ter ido almoçar com David no dia anterior a nossa viagem, não tínhamos nenhum caso.

- Me fala. Eu só quero a verdade, mesmo que doa – pediu.

- Eu e ele não fizemos nada, nunca. Eu juro! – comecei a falar e respirei fundo. Precisava ser sincero com ele, para tentar concertar as coisas – A verdade é que desde o momento que ele entrou na empresa...

- Logo após me comprar? – Ianto perguntou, interrompendo-me.

- Sim, alguns dias depois – confirmei – Desde o momento que ele começou a trabalhar comigo, houve essa conexão entre nós que é difícil de explicar. Ele parecia me entender e eu fui me aproximando dele aos poucos. Mas, jamais fizemos nada. Até certo ponto me sentia atraído por ele, mas

somente isso! Descobri que ele havia se apaixonado por mim, mas eu não, pois te amo muito Ianto! Eu tive que almoçar com ele para esclarecer que não poderíamos ter nada juntos, pois já amava outra pessoa e isso até o machucou muito, mas apesar de tudo, jamais trocaria você por ninguém. E eu juro que estou falando a verdade. Você precisa acreditar em mim, Ianto! – falei sem desviar meu olhar do seu um único momento, para que ele tivesse certeza que de minha boca somente saiam verdades.

Ianto respirava fundo e caminhou até o sofá, passando por mim sem dizer nada. Quando finalmente sentou, apoiou seu rosto entre as mãos. Parecia que ainda tinha mais coisas a me falar, mas não sabia como.

Eu já sentia minha cabeça latejar, de tanto nervosismo.

- Você acredita em mim? – perguntei a ele, me

sentando ao seu lado e pegando em sua mão.

- Sim, eu acredito – respondeu, voltando a encarar meus olhos marejados.

- Então por que parece que não?

- Pois, há mais uma coisa que descobri e preciso muito saber da verdade – revelou, com voz tremula.

- O que é? Prometo ser sincero com você, Ianto, como sempre fui.

Ele respirou fundo antes de ter coragem de fazer a pergunta.

- Você realmente ajudou minha família?

- Como assim? Claro que sim! – eu respondi de imediato, surpreso pela sua pergunta. Por que ele acharia diferente?

Ianto ficou em silêncio, pensativo.

- Por que você está perguntando isso? – questionei e ele abriu a boca umas três vezes, mas

em nenhuma dessas começou a falar – Por favor, Ianto! Me fala por que está achando que eu não ajudei sua família?

- Eu também ocultei algo de você.

- O quê?

- Estava mantendo contato com Lucy, sempre que ela vinha aqui para limpar.

- Como isso? – perguntei nervoso, levantando-se.

Ele só podia estar ficando louco!

- Ela sabia onde você escondia a chave mestra e ao estranhar meu quarto trancado, usou para entrar e me encontrou.

- Ela sabe sobre nós? Sabe que eu o comprei? – questionei, preocupado.

- Sim...

- Você está maluco, Ianto? Se ela contar a

alguém, ambos estamos ferrados!

- Eu sei, desculpa. Percebi que não devia ter colocado ela nisso logo em seguida, mas estava feito.

Posicionei ambas as mãos em frente a minha boca e assoprei, tentando manter a calma, inutilmente. Eu balançava minha cabeça em negativa sem parar. O que eu ia fazer?

- Foi ela que disse isso sobre sua família? – questionei, irritado.

- Sim, após eu pedir que ela fosse ver como minha família estava.

- Você pediu isso? Quer que eles descubram que ainda está vivo? Quer que eles nos denunciem? Para ambos sermos executados? – eu gritava, incrédulo com tudo aquilo.

- Claro que não. Apenas queria saber se

estavam bem. É minha família, porra! Eu não conseguia parar de pensar neles. De qualquer forma, claro que ela não contou que eu estava aqui.

- Mas em contrapartida disse que eu não havia os ajudado, não é?

- Sim, por isso perguntei, mas você ainda não respondeu. Você os ajudou ou não? Isso que tem consumido todos meus pensamentos nos últimos dias. Achei que você tivesse os ajudado, mas ela disse que eles estão mal. Que meu pai está trabalhando em dois empregos para conseguir comprar remédios de minha mãe e meu irmão teve que largar a escola – perguntou e eu cobri meu rosto respirando fundo – Por favor, fale a verdade. Pelo menos dessa vez.

- Pelo menos dessa vez? – eu ri, já chorando. - Claro que eu os ajudei, Ianto.

- Lucy mentiu para mim então? – ele

questionou, descrente.

- Mas é claro. Devo assumir que eles recusaram minha ajuda, afinal não entendiam por que eu estava querendo dar-lhes dinheiro, eles são muito desconfiados. Mas, pedi que adicionassem o valor de 200 mil ao pagamento de salário de seu pai, sem opções de estorno. 200 mil dizus, Ianto! Eles agora possuem dinheiro suficiente para viverem confortavelmente por uns 20 anos. O que Lucy te disse não faz sentido.

Ele olhou para mim sem saber o que dizer.

- Você ainda não acredita em mim? – perguntei encarando-o nos olhos sem que as lágrimas cessassem, assim como nos seus.

- Eu não sei em quem acreditar. Estou confuso – respondeu, encarando o chão.

- Tudo bem – falei e fiquei em silêncio olhando para o nada durante alguns segundos, totalmente

pensativo – Espere aí – pedi e subi as escadas correndo.

Se ele queria a verdade, iria ter.

Peguei no guarda-roupa de meu quarto, em uma gaveta trancada a chave meu antigo aparelho celular. Desci correndo e puxei Ianto pelo braço, para fora do apartamento.

- Vem comigo – disse somente isso.

Levei-o até o elevador, onde apertei o andar do estacionamento. Naquele momento, nem me preocupava se alguém nos visse, só queria que Ianto percebesse o erro que havia cometido em confiar em outra pessoa, ao invés de mim.

- Para onde vamos? – perguntou confuso.

- Vou te mostrar à verdade, já que o que falo já não vale mais nada para você – falei, sentindo aquelas palavras machucarem mais a mim do que

ele.

Assim que chegamos ao andar do estacionamento, continuei puxando-o até o carro. O mesmo cara que havíamos visto no dia em que eu comprara Ianto, estava deixando seu carro. Ele observou a situação sem entender, mas eu não me preocupei com aquilo.

Não era como se estivesse escrito em minha testa que eu havia comprado uma pessoa, então apenas abri o carro e pedi que Ianto sentasse no banco do passageiro e ele obedeceu.

- Eles não podem me ver – ele comentou, confuso.

- Eu sei. Apenas confie em mim dessa vez – falei ligando o carro e saindo do prédio, após abrir a porta do estacionamento.

Durante todo o caminho mantivemo-nos em silêncio.

Não podia acreditar que Ianto havia sido tão burro!

Ele havia revelado tudo para uma pessoa que mal conhecia. Lucy trabalhava para mim a mais de dois anos, mas jamais colocaria a mão no fogo por ela. Na verdade, por ninguém.

E pelo jeito, eu fazia certo em não confiar nas pessoas.

Mesmo me abrindo completamente com ele, não foi suficiente para confiar em mim. Ele só podia imaginar que eu era um monstro! Queria muito chorar e dirigir para qualquer lugar, onde eu pudesse ficar sozinho.

Mas iria mostra-lo que estava enganado.

Que eu o amava e estava fazendo de tudo para torna-lo feliz.

Então, enquanto ele observava pelas janelas o

bairro em que um dia morou, eu dirigia apressado até a antiga casa dele. Ele veria com seus próprios olhos.

Quando finalmente chegamos, estacionei no outro lado da rua, em frente à casa dos pais de Ianto. Ele parecia completamente abalado em retornar ali, mas não tinha tempo para mais dramas dele após o que ele havia feito.

Fiquei em silêncio durante alguns momentos, pensativo e encarando o volante a minha frente.

- Você fica aqui. Se abaixe e tente não ser visto por ninguém – falei.

- Tudo bem, mas como eu...

- Com isso – interrompi entregando-lhe o aparelho celular que havia pego – Vou ligar para você – falei pegando o meu aparelho atual. Disquei o número que ainda estava conectado a ele e poucos segundos depois a chamada apareceu para

Ianto, que atendeu – Eu vou deixar o aparelho com a chamada ligada em meu bolso. Assim você poderá ouvir o que estivermos conversando. Só coloca no mudo seu microfone antes – ele fez o que eu pedi. - Não queria saber a verdade? Farei com que ouça da boca das pessoas que você realmente acredita: seus pais – expliquei.

Ele concordou com a cabeça e eu desci do carro, trancando-o ali por segurança. Não queria que ele cometesse outro erro estúpido.

Limpei as lágrimas de meu rosto e segui em direção a casa. Sabia que os vidros do carro eram bem escuros e dificilmente alguém enxergaria Ianto lá dentro daquele angulo.

Bati na porta, decidido e não demorou muito para que os pais de Ianto abrissem-na. Eles pareciam muito melhores desde a última vez que havia os visto. Ela usava um vestido azul bonitinho

e ele parecia ter engordado um pouco.

Eles pareciam surpresos em me ver ali.

- Boa noite Sr. e Sra. Wiese. Como estão? – falei, após ter certeza de que a ligação continuava ativa.

Os dois se entreolharam e não responderam nada durante alguns segundos, e me surpreendendo-me, Otávio me abraçou forte.

- Obrigado – ele disse e a mãe de Ianto começou a chorar.

- Não precisam agradecer – falei e ele afastou-se.

- Claro que precisamos agradecer. Nós duvidamos de suas intenções, achando que estava tentando nos enganar e recusamos sua ajuda. Mas, mesmo assim você foi lá e depositou todo esse dinheiro em minha conta. Não sei nem como posso

agradecê-lo. Você simplesmente salvou nossa família, após um momento tão difícil em nossas vidas em que cheguei a perder a esperança – falou e eu tentei interrompê-lo, mas ele fez sinal para deixá-lo continuar falando. - Minha mulher estava muito doente, sem que eu pudesse lhe comprar remédios e, para piorar, numa noite, após seu turno no trabalho, nosso garoto não retornou para casa. Você não tem noção de como foi doloroso descobrir pelos vizinhos que ele havia sido preso por tentar furtar comida. Comida! Tudo isso por que queria nos ajudar. Não entendo como o governo de Alendor consegue achar justo executar um adolescente que só queria alimentar a própria família – Otávio desabafou chorando.

- Eu conheci o filho de vocês. Era um garoto maravilhoso. Por isso quis lhes ajudar, pois também não acho justo o que fizeram com ele.

- Mas é muito dinheiro Sr. Pitz – ela falou.

- Pode me chamar de Eric. Gostaria muito que me considerassem como um amigo e não precisam se preocupar. Esse dinheiro de maneira alguma fará falta para mim e sei que o usarão para construir um futuro melhor para vocês e seu filho – falei a eles.

- Sem dúvidas. Você foi um anjo em nossas vidas, não sabemos nem o que dizer. Pois obrigado não é suficiente para representar toda a gratidão que sentimos pelo que fez por nós – ela falou com a mão sobre o peito e Otávio concordava com movimentos positivos de sua cabeça.

Tive de novamente esfregar meus olhos, pois estava prestes a chorar novamente. Era bom saber que pelo menos havia ajudado uma família que precisava muito, apesar de tudo.

De repente, o irmão de Ianto surgiu correndo atrás de seus pais. Ele era loiro e parecia-se muito

com Ianto.

- Quem é esse? – ele perguntou a seus pais.

- Esse é Eric Pitz, Pedro. O homem que nos ajudou – Otávio respondeu-lhe.

O garoto encarou-me durante alguns momentos e avançou em mim, abraçando-me forte. Ele era tão baixinho, que batia um pouco acima de minha cintura.

- Obrigado por ter ajudado minha mãe. Não queria perdê-la também – ele disse a mim e eu cai no choro.

Não conseguia nem imaginar tudo que eles haviam passado.

Encarei o carro, mas como imaginei não consegui ter visão de nada do interior, mas tinha certeza que havia ouvido tudo. Esperava que agora pelo menos estivesse arrependido, pois eu levaria

ainda um bom tempo até conseguir perdoa-lo.

- Quer entrar? – a mãe dele convidou-me.

- Eu agradeço pelo convite, mas tenho que ir. Só queria ver se estavam bem e fico feliz que estejam.

- Graças a você – ela comentou.

- Quero que saibam que eu que sou grato em poder ter ajudado vocês. Até uma próxima vez família Wiese. Boa noite – despedi-me.

- Boa noite – os três despediram-se de mim, quase em coro.

Retornei até o carro e abri a porta com cuidado, entrando no carro mais rápido possível, para que não corrêssemos o risco de sermos vistos. Ianto chorava abaixado dentro do carro.

Assim que dei a partida e virei à esquina, ele finalmente levantou-se ainda abalado por tudo que

havia ouvido e visto.

- Desculpa, Eric, eu estava enganado. Por favor, me perdoa! – ele implorou, em choro.

Eu não tirei os olhos da estrada e mantive-me em silêncio.

Ele também não falou mais nada, respeitando que eu precisava de um tempo para pensar sobre tudo que havia acontecido.

O caminho de volta pareceu mais breve do que eu queria. Na verdade, não queria parar ou retornar para casa, mas era necessário. Tinha que deixar claro a Ianto o que faríamos, agora que alguém que não podíamos confiar sabia de nosso segredo.

Sequer conseguia imaginar outro motivo para Lucy ter mentido a Ianto, senão tentar tirar um pouco de meu dinheiro na primeira oportunidade que tivesse, mas ela estava enganada se achava que ia sair por cima após tudo.

Quando finalmente estávamos de volta ao apartamento, fui direto para meu quarto sem ainda direcionar uma palavra sequer para Ianto. Ele me seguiu e assim que entrei no quarto, joguei-me sobre a cama de barriga para cima, cobrindo meus olhos com a mão, tentando não chorar inutilmente.

- Por favor, me perdoa. Eu fui um idiota em ter preferido acreditar em Lucy ao invés de você – ele falou, tirando minhas mãos de meu rosto.

- Eu não consigo lhe entender, Ianto. Você disse que me amava, e eu me abri para ti. Expus meus medos e sentimentos, e para quê? Na primeira oportunidade você preferiu acreditar em uma pessoa que mal conhece. Você realmente achou que eu seria cruel em permitir que sua família continuasse naquela situação precária? O que mais você pensou de mim durante esse tempo? – desabafei voltando a olhar para ele.

Ianto encarava meus olhos sem parar de chorar.

Eu xingava-me mentalmente, pois mais uma vez havia me entregado a alguém, que apenas conseguia retribuir meu amor com decepções e mais sofrimento. Talvez eu devesse parar de tentar ser feliz, pois agora já começava achar que a felicidade não era um sentimento para mim.

- Eu sei que errei, mas juro que me arrependo completamente disso. Eu fui um idiota, me perdoa! – ele implorou ajoelhando-se ao lado da cama próximo a mim.

- O pior de tudo é que não tenho nem como te culpar, Ianto, afinal você é só um adolescente. Mesmo com tudo que já passou, você ainda é ingênuo e facilmente manipulável. Quem errou foi eu, ao ter me permitido entregar meu coração a você.

- Não fala isso, eu te amo! Muito! Prometo

daqui em diante fazê-lo feliz como você merece.

- Você já havia prometido isso antes e agora sou eu que não consigo mais acreditar em suas palavras. Por favor, me deixa sozinho Ianto.

- Eric...

- Deixe-me sozinho. Você só está intensificando minha dor.

- Tudo bem... – ele obedeceu, levantando-se e indo em direção da saída do quarto – Eric – chamou antes de sair e voltei encara-lo – O que fará com Lucy? Vai demiti-la? Queria muito falar com ela antes, entender porque ela mentiu para mim. Achei que ela fosse minha amiga – questionou e eu cai numa gargalhada descontrolada, fazendo-lhe até mesmo se assustar – O que foi? – perguntou, sem entender minha reação.

Eu sentei-me, olhando diretamente para ele com total descrença. Ele definitivamente não podia estar

falando sério.

- Ianto, você é mais ingênuo do que pensei. Acorda pra vida, garoto. Não tem como você voltar a falar com ela ou mesmo vê-la novamente. Que se fodam os motivos dela. No mínimo ela queria arrancar dinheiro de mim. Nós precisamos calá-la antes que ela descubra que você já sabe que ela mentiu.

- Calá-la? – questionou, sem entender.

- Ianto, pelo amor de todos os deuses. Eu vou mandar matá-la! – respondi impaciente para ele.

Eu definitivamente não queria fazer aquilo, mas não conseguia pensar em outro jeito seguro de me livrar da ameaça que ela representava para nossas vidas. Uma simples denúncia e eu não tinha o que fazer, Ianto estava ali preso ao meu apartamento, para qualquer um que decidisse entrar com um mandado de busca encontra-lo sem qualquer

esforço.

- Como assim? – ele perguntou assustado.

- Ela sabe sobre nós. Se ela nos denunciar, podemos nos dar muito mal. Então, prefiro zelar por nossas vidas ao invés da daquela vadia mentirosa.

- Isso é errado! – gritou revoltado.

- Errado foi você ter revelado a verdade para alguém que mal conhecia e permitir-se ser manipulado por ela. Agora por favor, volte para seu quarto e tente não ficar de luto por aquela vagabunda. Não sei o quanto meu amor por você ainda consegue suportar de seus dramas. Aparentemente, sou o único interessado em manter nossa relação – falei e ele deixou o quarto, sem falar mais nada.

Eu enterrei meu rosto no travesseiro, torcendo que tudo não passasse de um pesadelo. Ter

comprado Ianto já estava se tornando pior de que quando entreguei-me a Fernando.

Ele estava pisando em meu coração e sentimentos aos poucos.

Capítulo 18

Quase não consegui dormir.

Chorei a noite toda e somente adormeci por exaustão.

Quando acordei, minha mente ainda martelava sobre o que eu faria, para tentar resolver todos os problemas que Ianto havia gerado para nós. Teria que encontrar uma forma de livrar-me de Lucy, antes que ela descobrisse que Ianto havia me contado sobre suas mentiras e manipulações.

Não queria fazer aquilo, mas o que mais podia fazer?

Viver sabendo que um dia ela poderia abrir a boca?

Precisava prezar minha vida e a de Ianto.

Então, acordei cedo naquela manhã; assim que visitei o seu quarto, encontrei-o dormindo com rosto inchado, não tão diferente do meu. Fechei sua porta, deixando-a sem trancar, para pelo menos conseguir comer algo na cozinha. Esperava que não cometesse mais escolhas estúpidas.

Tomei um banho gelado e em seguida vesti-me, para então sair para o trabalho, sem sequer beber ou comer algo. Resolver tudo era minha única preocupação.

Demorei um pouco mais naquela manhã para chegar ao trabalho, o caminho que sempre fazia hoje estava mais movimentado que o normal, apenas intensificando minha ansiedade e nervosismo.

Quando finalmente cheguei à empresa, subi até o andar administrativo e grande surpresa foi a

minha encontrar David à sua mesa. Devido os acontecimentos da noite anterior, havia esquecido completamente dele.

Ele encarou-me envergonhado.

Passei por ele sem dizer nada e fui até minha sala, após verificar que Paulo ainda não havia chegado.

Recostei-me na cadeira da minha mesa, tentando me acalmar e pensar da forma mais racional possível. David poucos minutos depois entrou na sala, completamente hesitante.

- Bom dia Eric – falou, sem me olhar no rosto.

- Bom dia David, fico feliz em ver que voltou.

Ele apenas forçou um sorriso.

- Recebi já duas ligações para o senhor, aqui estão – ele mostrou as anotações que trazia consigo, eu estiquei o meu braço e ele me entregou. Assim

que encarou meus olhos, voltou a desviar rapidamente. – Precisa de mais alguma coisa?

- Sim, assim que Paulo chegar, por favor, me avise – pedi.

- Claro – ele disse, virando-se para sair da sala.

- Hey, David! – chamei. – Estou realmente feliz que tenha voltado – falei, sorrindo para ele.

- Eu também – ele comentou mais calmo, deixando a sala em seguida.

Enquanto aguardava Paulo chegar, não consegui fazer mais nada. Minha mente inquieta não deixava, então apenas tentei me acalmar, pois até a noite eu resolveria o que precisava ser feito.

Assim que David me sinalizou que ele havia chegado, levantei-me apressado e fui até sua sala. Ele me encarou assustado quando entre, e eu tranquei a porta atrás de mim.

- Bom dia? – ele perguntou encarando-me.

- Nem um pouco.

- O que houve? – perguntou, preocupado.

- Primeiramente você abrindo a boca sobre David - respondi, irritado.

Ele respirou fundo.

- Desculpa, acabei comentando sem querer com ele durante o almoço que tivemos sozinhos e não consegui mentir. Não era meu objetivo que vocês brigassem.

- Esse é o menor de meus problemas, depois resolvemos isso – disse, percebendo que aquilo, naquele momento, não importava. – Preciso saber se além de falsificadores de documentos, você tem alguém contato que faça trabalhos mais sérios? – perguntei.

Paulo encarou-me durante alguns momentos,

calado e confuso.

- O que você vai fazer?

- Agora não importa, só preciso saber se você conhece alguém que resolva qualquer serviço. Preciso urgente, senão posso ter problemas bem sérios – respondi.

Ele respirou fundo, cruzando os braços.

- Talvez eu tenha, mas gostaria de saber o que está acontecendo.

- Agora não, Paulo. Você já pisou na bola comigo, então, pelo menos tenha calma. Que assim que eu resolver as coisas, te explico – falei, sério.

- Tudo bem – ele comentou respirando fundo e pegando seu celular no bolso. – O cara que conheço só trabalha com documentos e ataques hacker, mas sei que ele tem alguns amiguinhos - falou, discando um número.

Aguardei que ele conversasse com a pessoa do outro lado e por fim, conseguiu um número que me entregou, informando que eu deveria dizer que K2 havia indicado.

- Obrigado – falei, pegando e papel e deixando a sala em seguida.

Paulo me observou sair com um olhar preocupado.

Assim que passei por David pedi que ele não deixasse ninguém me interromper; ele pareceu confuso, mas concordou. Entrei na minha sala, trancando a porta e sentei para discar o número.

Minhas mãos tremiam e o coração quase saltava do peito.

- Alô? – uma voz rouca surgiu do outro lado.

- Oi, K2 indicou seu número. Preciso de um serviço urgente, estou disposto a pagar bem – falei,

tentando soar seguro.

- Muito bem, gostei do que ouvi. Do que você precisa?

- Que livre-se de uma garota o quanto antes, para mim.

- Não será nenhum problema, mas te custará 150 mil dizus – informou.

- Tudo bem – respondi de imediato.

- Muito bem, senhor, irei te passar uma conta por mensagem. Basta que você deposite metade do valor agora e me passe o endereço dela junto de informações ou foto de como era é, que já saio em seguida para resolver esse servicinho – concordei e ele desligou em seguida.

Levou menos de 30 segundos até que eu recebi os dados de uma conta, que estava vinculada a um banco de Sarnaut.

Conectei em meu computador na minha conta bancária pessoal. Após ter transferido 200 mil para os pais de Ianto através da empresa, ficaria difícil de esconder tanto dinheiro sumindo.

Assim que transferi, confirmei através de uma mensagem, junto do endereço de Lucy e especificações de sua aparência, mas pedi que me ligassem assim que chegasse lá. Sabia que ela morava com sua família e não queria que mais ninguém fosse machucado.

Foram longos minutos sem qualquer resposta, me deixando completamente nervoso e ansioso, até que recebi uma simples mensagem dizendo “Estou indo para lá”.

David tentava todo o momento passar recados para mim, mas dizia-lhe que estava ocupado, mas ele sabia que estava mentindo, pois a pilha de documentos sobre minha mesa mantinha-se

intocada.

Foi mais de uma hora de espera, até que recebi a ligação.

- Estou aqui na frente – o mesmo homem de antes informou.

- Ela está sozinha? – perguntei, nervoso.

- Não sei, mas sem dúvidas a casa não está vazia.

- Tente descobrir se ela esta sozinha e-

- Espera aí – ele interrompeu, ficando em silêncio. – Um casal acabou de sair, e ficou apenas uma morena baixinha como você descreveu. É ela?

- Sim, ela mesmo, agora deve estar sozinha. Seu irmão trabalha nesse horário.

- Ótimo, vou invadir.

- Espera um pouco! – pedi, nervoso.

Conseguia ouvir a respiração pesada dele, do outro lado da linha. Já eu, sentia-me sem ar de tão nervoso. O que eu estava fazendo era o correto? Já não conseguia lidar com o que havia feito com Ianto, seria eu capaz de suportar viver sabendo que havia sangue em minhas mãos?

Provavelmente não, mas o que mais poderia fazer?

Permaneci calado por alguns minutos, completamente pensativo, tentando achar uma forma melhor de resolver aquilo.

- Não temos o dia inteiro! – ele lembrou, impaciente.

- Estou indo para aí – falei, levantando-me.

- Como assim? – perguntou, surpreso.

- Quero que você entre e a amarre, faça qualquer coisa para mantê-la lá dentro, mas não a

machuque.

Ele permaneceu em silêncio alguns segundos.

- Como quiser, você está pagando – disse, desligando em seguida.

Sai da minha sala apressado.

David tentou me abordar, mas apenas fiz sinal com a mão de que não tinha tempo e desci o mais rápido possível até meu carro. Ele provavelmente já devia estar achando que estava ignorando-o, mas não podia fazer nada a respeito disso.

Assim que cheguei a meu carro, dirigi apressado até o bairro de Lucy, que era vizinho ao da família de Ianto. Quando finalmente cheguei lá, estacionei diante da casa, percebi um carro preto estacionado lá perto, só podia ser do assassino de aluguel que havia contrato. Para minha sorte, a rua era pouco movimentada.

Desci do carro e segui até a porta da casa, bati nela sentindo meu coração quase saltar do peito. Foram longos segundos até que a porta se abriu, sem que a pessoa que tivesse aberto se mostrasse, entrei nervoso.

Dei de cara com a sala, Lucy estava amarrada e amordaçada no canto. Seu rosto estava completamente manchado com sua maquiagem, que havia borrado com seu choro.

Quando finalmente virei-me para o homem com quem falava no telefone, senti minhas pernas estremecerem.

Era Fernando.

Não havia mudado muito, estava um pouco maior e com várias tatuagens em seus braços. Em seu rosto, em torno dos lábios que tanto desejei um dia, estava uma rala barba perfeitamente desenhada. Sem dúvidas, mais lindo que um dia foi.

PERIGOSAS

Ele encarou-me, calado, mas não conseguiu olhar diretamente em meus olhos por muito tempo e desviou seu rosto.

- Devia ter resolvido tudo por telefone – ele comentou.

- Provavelmente sim – falei, sem saber o que dizer.

Ficamos ali parados diante um do outro, sem sequer nos olhar direito por um bom tempo. Jamais pensei que acabaria o vendo novamente, principalmente trabalhando como assassino de aluguel. Mas não era algo realmente surpreendente vindo dele.

- Não sabia que você se envolvia em coisas assim também.

- Foi depois que paramos de nos ver. Nem todos possuem a sorte de ganhar de presente uma empresa dos pais.

NACIONAIS - ACHERON

Eu ri, nervoso.

- Uma empresa quase falida – comentei.

- De qualquer forma, você deu a volta por cima. Eu li sua entrevista na revista que te elegeu empresário do ano.

- Já eu, pensei que teria a sorte de nunca mais te ver.

Ele respirou fundo.

- Apenas me desculpe – falou, passando por mim e indo até Lucy, que tentava gritar inutilmente. – O que faremos com ela? Ela já viu nossas identidades e não sabemos quanto tempo seus pais irão demorar a retornar.

- Tire a mordaça dela – pedi.

- Ela pode gritar!

- Tenha certeza de puni-la de forma dolorosa se ela fizer isso. Então Lucy, seja inteligente dessa vez

e fique caladinha.

Ela concordou com a cabeça.

Sinalizei para que Fernando tirasse, e ele o fez.

- O que você quer de mim? – ela perguntou, em prantos.

- Você conseguiu a chave mestra que eu escondia, e utilizou para conversar com Ianto. Na verdade, mentiu e manipulou ele, digamos que eu não esteja nada feliz – respondi, encarando-a.

Fernando ouvia atento e curioso.

- Me desculpa Eric, eu juro que não vou contar a ninguém!

- Sem dúvidas, por isso estamos aqui.

- Por favor, não me mate – implorou, com voz trêmula.

- Me diga o motivo de tudo isso então! – pedi, tentando segurar o choro. O desespero dela era

agoniante.

Lucy ficou calada, pensativa. Como se tentasse achar a melhor resposta.

- Fala logo, porra! – gritei.

- Eu queria dinheiro, achei que poderia mudar de vida assim. Sair daqui, estudar e ajudar minha família – ela respondeu, com voz atropelando as palavras.

Exatamente como eu havia pensado.

Tudo se resumia a dinheiro.

- O que você quer que eu faça Eric? – Fernando perguntou.

- Desamarre ela.

- Você está ficando louco?

- Faça o que eu disse, mas certifique-se que ela vai obedecer a gente. Se reagir, atire – falei para que ela ouvisse e ficasse com medo de tentar algo.

Ele concordou com a cabeça e foi soltando as cordas.

Lucy levantou-se, ela tremia de nervosismo e medo.

Parei diante dela, encarando-a nos olhos.

- Você tentou manipular Ianto e quase fez eu perde-lo, mas o contrário do que você dizia a ele, eu não sou uma pessoa ruim! Eu deveria te matar, mas não vou fazer isso. Pelo contrário, darei o que você quer: dinheiro e uma forma de sair daqui.

Ela pareceu completamente surpresa e confusa.

- Você está falando sério? – Fernando perguntou a mim.

- Sim, e na verdade vou transferir a ela o restante de seus 75 mil, já que o serviço pelo qual lhe contratei não será realizado – respondi, encarando-o sério.

- Nem a pau! – falou irritado, aproximando-se de mim em uma forma de tentar me intimidar. Não recuei.

- Você já tirou coisas demais de mim Fernando, não tem direito de reclamar, acabou de levar mais 75 mil. Então aceite o que já conseguiu, pois você ainda me ajudará a leva-la até o aeroporto particular que está meu jatinho.

- Por que eu faria isso? – perguntou, rindo.

- Porque você me deve isso, após tudo que fez.

Ele ficou calado, pensativo.

- Vamos logo – falou, guardando sua arma no bolso de seu casaco. – Ande perto de mim garota e se você piar, não será nenhum problema para eu atirar. Meu silenciador é realmente silencioso.

- Meus pais... – ela tentou interferir.

- Tenho certeza que eles ficarão bem felizes

quando você conseguir ligar para eles, do outro lado do globo. E acho que não preciso lembra-la de que se você abrir a boca sobre eu e Ianto, não serei nada compreensivo – ameacei.

Sabia que ainda corria o risco dela continuar me chantageando, mas se eu achasse uma forma de mudar com Ianto para outro lugar, onde não precisasse ficar preso, com a documentação que havíamos arrumado a ele, não haveria qualquer prova de que ele havia sido comprado por mim. Eu só precisava ser esperto, não estávamos seguro naquele apartamento.

Avistei sua bolsa sobre o sofá e peguei, assim que abri e vi que tinha alguns documentos seus, entreguei a ela, que abraçou como se fosse capaz de se defender com aquilo.

– Vamos! – sinalizei.

Eu sai na frente, enquanto Lucy vinha atrás e

Fernando próximo a ela, para que não tentasse nada. Para nossa sorte, só havia agora três crianças brincando um pouco mais a frente, mas maior parte das casas estavam fechadas, já que a maioria das pessoas daquele bairro trabalhavam em fábricas durante aquele horário.

Assim que chegamos a meu carro, Fernando e Lucy sentaram-se no banco de trás. Ela ainda tremia.

- Você sempre o bonzinho – Fernando comentou, assim que dei a partida.

- Fiz coisas que nem imagina – comentei, sem tirar os olhos da estrada.

- Esse Ianto é seu namorado? – perguntou, curioso.

- Não te importa! Você não precisa saber de nada da minha vida – respondi, ríspido.

PERIGOSAS

Meu coração ainda acelerava com sua voz rouca, mas não de amor mais. Eu apenas conseguir sentir ódio de tudo que havia passado e no que havia me tornado por causa dele.

Foi uma viagem longa e desconfortável.

Conseguia sentir o olhar de Fernando em minhas costas.

Já Lucy, não parava de chorar silenciosamente.

Quando finalmente chegamos, Daniel, que eram quem cuidava dos jatinhos, pareceu surpreso por me ver ali. O aeroporto constituía-se de apenas um prédio de dois andares pequeno e a pista de voo, com meu jatinho e de outros empresários.

- Preciso de um piloto para agora – falei, enquanto Fernando e Lucy permaneciam no carro.

- Lucas está aí, mas acabou de chegar de uma viagem de 4 horas – informou, surpreso.

NACIONAIS - ACHERON

- Diga a ele que pago o dobro, mas preciso que seja feita uma viagem até Atalan.

- Isso é muito longe, Eric!

- Exatamente, por isso vou pagar o dobro. Por favor, Daniel, fale com ele – pedi.

Ele confirmou com a cabeça e eu aguardei na sala de espera, até que retornou com uma resposta positiva para minha sorte. Fui até o carro e pedi que Fernando trouxesse Lucy até a pista, enquanto arrumavam meu jatinho.

Peguei um cheque e assinei com o valor de 75 mil dizus, e entreguei a ela, que já não parecia tão assustada.

- Nunca mais volte! Você não terá problemas para entrar no país, pois existe um acordo bilateral onde você consegue ficar 90 dias sem visto ou mesmo passaporte. Mas recomendo que faça o mais rápido possível e arrume um visto de moradia, pois

se voltar a vê-la aqui, não perdoarei – informei a ela, sério.

Ela apenas concordou com a cabeça, nervosa.

Tivemos de aguardar longos minutos até que o jatinho ficasse pronto, para leva-la. Pedi que ela limpasse seu rosto sujo de maquiagem e falasse que estava indo para estudar.

Apesar de todo o susto que ela havia passado, sabia que não desperdiçaria a oportunidade de deixar Alendor com um cheque de 75 mil. Era o suficiente para ela recomeçar.

Quando finalmente partiram, voltei a me acalmar e respirar mais tranquilamente, observando o jatinho sair de nosso campo de visão. Fernando me encarava sério.

- É verdade? – ele perguntou a mim.

- O quê? – indaguei, confuso.

- Ouvi um boato que logo após deixarmos de nos ver, você tentou se matar. Quero saber se é verdade.

Eu respirei fundo e sai dali, sem respondê-lo.

Ele correu até mim e me segurou pelo braço.

- Me diga, Eric! É verdade, não é?

- Por que você quer saber disso? – perguntei, curioso.

- Quero saber se foi minha culpa.

Eu ri, nervoso.

- Fernando... Você me usou, brincou com meus sentimentos e me iludiu durante meses, enquanto eu estava completamente apaixonado por ti. Claro que foi por causa de você, e por isso, por favor, saia da minha vida novamente. Ter te contratado hoje, foi apenas uma forma do universo me mostrar o quanto sou azarado mais uma vez – falei sério,

encarando-o nos olhos.

- Me desculpa, não devia ter feito tudo aquilo.

- Definitivamente não – falei, tirando sua mão do meu braço.

- Você não entende Eric, eu te amei, de verdade. Mas não conseguia aceitar esses sentimentos ou a mim mesmo, por isso evitava seus beijos e pirei quando me tocou daquela forma. Pois eu gostava e não queria me sentir daquela maneira – revelou, encarando o chão, envergonhado.

- Se isso for verdade, espero que você tenha se aceitado agora Fernando. Mas independente de que você diga, nunca mais volte a entrar em contato comigo, não há mais espaço para você em minha vida – falei decidido.

- Eric...

Respirei fundo.

- Pegue um táxi para chegar até seu carro e até nunca mais - falei, virando-me e saindo dali.

Ouvi ele chamando meu nome, mas não olhei para trás.

Por mais engraçado que fosse, após o infortúnio de tê-lo encontrado novamente, finalmente sentia que havia o superado.

Eu não o amava mais.

Aquele era um ponto final em nossa história juntos.

Capítulo 19

Retornei mais cedo para casa naquela tarde.

Não conseguiria voltar a trabalhar depois de tudo que havia acontecido mais cedo. Queria poder voltar a Ianto e abraça-lo muito, até que tudo que voltasse a ficar bem entre nós.

Mas eu sabia que isso era uma ilusão. De certa forma, sentia que ainda havia mais coisas erradas. Ele estava tão arrependido e triste; não que o que ele havia feito fosse pouco, mas algo me dizia que não era somente aquilo.

Espera que se eu estivesse certo, pelo menos não comprometesse nossa segurança novamente.

Por isso havia decidido mentir; ele não devia

saber que eu havia deixado Lucy ir embora após tudo o que havia acontecido. Seria melhor que ele pensasse que eu havia mandado executa-la, ficando assim com medo de cometer outro erro estúpido. Pelo menos até que entendesse que as pessoas eram capazes de tudo por dinheiro.

Ele ia pensar coisas absurdas de mim, mas seria melhor assim. Ianto era muito jovem e ingênuo, claramente não podia confiar mais nele. Só que infelizmente eu estava completamente apaixonado por ele. Então, só conseguia pensar naquela forma de mostra-lo que ele não podia fazer tudo que queria sem pensar duas vezes nas consequências.

Era um mal necessário.

Quando eu finalmente cheguei em casa, abri a porta e encontrei Ianto aguardando-me sentado no sofá da sala, ele tremia de nervosismo e não parecia nada bem. Não muito diferente de mim, já que teria

que falar coisas horríveis para ele.

Fui até onde ele estava sem falar nada, deixei minha pasta sobre a mesa de centro e sentei-me ao seu lado, respirando pesadamente.

Ianto parecia querer falar algo, mas não conseguia iniciar. Então, fiquei calado durante vários torturantes minutos, até que percebi que ele não falaria. Era o momento de eu relembrar minhas habilidades como ator.

- Eu ainda não consigo acreditar no que tive que fazer – comecei a falar e ele manteve-se calado. – Mesmo que eu não tenho tocado um dedo nela, Ianto, minhas mãos estão sujas com seu sangue. Apenas uma ligação. Uma ligação de 5 minutos fora suficiente para eu condenar uma pessoa à morte. Isso é assustador.

- Desculpa. Foi tudo minha culpa – ele disse virando-se para mim. Começou a chorar, mas eu

me controlei, sentia mais raiva, devido tudo que tive que fazer para concertar o erro estúpido dele.

- Sem dúvidas foi – falei encarando-o nos olhos – Como você pode ser tão burro ao ponto de contar tudo a alguém que mal conhece? – questionei, incrédulo.

- Não sei... Eu apenas me sentia sozinho quando você não estava e acreditei que Lucy realmente era minha amiga. Para mim, era importante falar sobre o que estava vivendo a alguém, pois a cada dia que se passava, mais confuso ficava a respeito de meus sentimentos por ti, Eric.

- Mas eu estava lá o tempo todo, Ianto. Você podia ter conversado comigo, assim como eu também me abri para você a respeito de meus sentimentos e medos – falei magoado e dessa vez senti as lagrimas querendo surgir, mas controlei.

Precisava ser forte por nós dois.

PERIGOSAS

- Por favor, me perdoa – implorou pegando em minha mão.

Permaneci calado por um tempo, pensativo.

- Tudo bem. Eu te perdoo, Ianto. Mas, eu juro que se você, algum dia voltar a trair minha confiança, eu desistirei de tudo isso. Eu posso te amar, mas não quero alguém na minha vida que só irá me machucar. Eu matei uma pessoa por um erro seu e esta foi a primeira e última vez. Se algo assim voltar a acontecer, eu opto em me livrar de você, por mais doloroso que isso seja. Eu posso ter comprado um adolescente, mas agora quero que você aja como alguém maduro, você me deve isso após tudo – falei tentando soar seguro, sem piscar ou desviar meu olhar do seu. Ianto estampou uma reação de pânico ao ouvir aquilo. – O que foi? – perguntei nervoso, soltando sua mão.

- Nada – respondeu caindo num choro intenso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Como assim nada? Olha seu estado! Me fala logo, Ianto. O que houve? - questionei irritado e levantando-me.

Ele tentou começar a falar, mas nada saia de sua boca.

Sem dúvidas, eu estava certo em achar que não havia acabado, ele ainda escondia mais coisas de mim e não parecia ser nada pequeno. O pior era que eu não sabia se era capaz de suportar.

- Está me escondendo mais alguma coisa, não é? – questionei e ele não respondeu, apenas me encarava sem conseguir parar de chorar – Me fala logo! – exigi balançando-o pelos ombros. Dessa vez, não consegui me controlar e cai no choro também.

Ele tentava respirar fundo, mas estava muito assustado.

- Ianto...

NACIONAIS - ACHERON

- Chama o Paulo aqui – pediu com voz trêmula.

- Paulo? Por quê? – questionei, confuso.

- Apenas faço isso, por favor – implorou.

Encarei-o completamente perdido.

O que Paulo tinha haver com tudo aquilo? Eles estavam escondendo algo de mim? Afinal, o que havia acontecido em Sarnaut enquanto estive fora? Eram tantas perguntas.

Mas como percebi que ele não me contaria nada, fiz o que pediu. Peguei meu celular no bolso e liguei para Paulo, que atendeu de imediato. Eu queria saber da verdade o quanto antes.

- Venha aqui, agora – disse-lhe assim que a ligação fora atendida.

- Em seu apartamento? Por quê? – ele questionou, nervoso.

- Só venha o mais rápido possível – pedi e

desliguei em seguida, voltando a encarar Ianto.

- Ele vai vir? – perguntou, nervoso.

- Sim, vai – respondi, ríspido.

- Logo você entenderá...

- Não sei se quero – comentei tampando meu rosto com as mãos – Você vai me falar algo muito ruim, não é? – perguntei e Ianto não respondeu nada, dando a entender que sim – Maldito dia o que te comprei – soltei, esperando pelo pior.

Meu coração já quase saltava do peito de tão agitado.

- Não fala isso! – Ianto gritou e eu voltei a encara-lo.

- Tem razão. Tudo isso pelo menos, me serviu para perceber que não posso comprar amor. Maldito momento em que achei que poderíamos ser um casal. Se soubesse que você ia pisar em meus

sentimentos dessa forma, teria continuado tratando-o como uma propriedade; como devia ter feito de verdade. Paguei caro para ter sexo quando quisesse, não para sofrer sempre que você quisesse – desabafei e ele ouviu tudo aquilo sem dizer mais nada.

Eu andava de um canto ao outro, completamente irritado.

Eu sabia que aquelas coisas que havia lhe dito podiam ter machucado muito, mas nem perto de tudo que ele havia feito. Era como se tudo estivesse se repetindo; havia dado um ponto final ao que vivi com Fernando, mas continuava me iludindo e dessa vez, tudo parecia ainda mais doloroso.

Não entendia por que ele estava fazendo tudo aquilo; eu sabia havia errado com ele, claro, mas estava tentando concertar e criar um futuro melhor para nós. Mas agora, só conseguia imaginar que

todos meus esforços estavam prestes a ir pro ralo.

Não se passaram nem cinco minutos e o interfone tocou; Paulo finalmente havia chegado. Eu tentava controlar minhas lágrimas, mas estava muito complicado, afinal as duas pessoas que mais amava no mundo, estavam prestes a quebrar mais meus sentimentos. Eu precisava enfrentar tudo aquilo de cabeça erguida.

Assim que liberei a porta para que Paulo subisse, voltei para a sala e aguardei que ele chegasse de braços cruzados.

Como eu não havia trancado a porta, assim que ele tentou girar a maçaneta, a porta abriu-se. Pude notar em seu rosto que ele estava nervoso por ter sido chamado.

Após fechar a porta, ele veio até nós lentamente, tentando ler em nossos rostos o que estava acontecendo.

- O que foi? – perguntou parando diante de nós.

- Exatamente o que quero saber. Ianto pediu que lhe chamasse para que ele me contasse a respeito de algo – respondi.

- Sim... – Ianto falou levantando-se do sofá. Suas pernas tremiam, demonstrando que realmente a coisa era séria – Eric, chamei Paulo porque temos algo para contar a você e isso não será nada fácil – falou e em seguida encarou Paulo nos olhos, deixando-me mais nervoso.

- O que foi? – perguntei, desconfiado e impaciente.

- Eric, melhor todos nos sentarmos primeiro – Paulo disse.

- Não quero! – falei em um tom alto de voz. Eu estava muito irritado. - Digam logo o que é tão importante que precisa ser dito por ambos juntos – exigi impaciente.

PERIGOSAS

- Tudo bem. Deixa que eu falo Ianto – Paulo disse e ele concordei com a cabeça. O medo do que eu ia ouvir era enorme – Eric... Como deve ter percebido nesses últimos dias, eu e Ianto tornamo-nos amigos.

- Sim, mas o que isso tem haver com a situação?

- Isso significa que mesmo nos vendo pouco, eu e ele nos aproximamos bastante – Paulo fez uma pausa e eu não desviei meu olhar dele, aguardando por uma explicação – Não vou te enrolar. Eu amo Ianto desde a noite do leilão e quero que você venda-o para mim – revelou.

- Claro que não! – gritei completamente surpreso encarando ambos. Sabia que ele estava falando a verdade, mas torcia que tudo não passasse de apenas uma brincadeira de mau gosto.

- Se acalma, vamos conversar direito.

NACIONAIS - ACHERON

- Não preciso me acalmar. Não tem o que ser conversado aqui. Ianto é meu e não quero vende-lo. Assunto encerrado – falei completamente irritado.

- Você não quer nem ouvir o que ele tem a dizer? – Paulo questionou-me e eu senti o coração acelerar ainda mais.

- Como assim? Ianto me ama, assim como eu o amo. Não tem qualquer sentido que ele vá morar contigo.

- Na verdade, tem sim – Ianto me interrompeu e eu encarei-o confuso.

- O que você quer dizer com isso? – perguntei virando-se completamente para ele. Sentia uma dor no peito enorme, como se a qualquer momento pudesse cair no chão.

Queria que tudo fosse apenas um pesadelo e eu fosse acordar a qualquer momento.

PERIGOSAS

- Eu não te amo, Eric; eu estava confuso. A verdade é que amo Paulo – Ianto revelou, acabando com o que restava de mim.

- Você está mentindo – falei, mas mais como um pedido.

Não podia acreditar que ele estava falando aquilo para mim, após tudo que eu havia feito para ficarmos juntos. Era cruel!

- Eu não consigo parar de pensar nele um segundo sequer. Eu realmente o amo muito, Eric. Me perdoa por tudo que lhe fiz, mas realmente não posso continuar mentindo sobre quem amo – falou com voz firme e eu dei alguns passos para trás, quase me desequilibrando com o choque daquelas palavras.

- Vocês só podem estar zoando da minha cara – comentei, forçando uma risada nervosa e triste. Eu não queria acreditar!

NACIONAIS - ACHERON

- Não estamos Eric. Por favor, tente nos entender. Você sabe como é amar alguém que não pode ter. Só que nesse caso, nós podemos! Mas só se você permitir – Paulo fez uma pausa e parou diante de mim, encarando-me nos olhos. - Jamais pedi nada a você e sempre estive ao seu lado quando precisou, mas dessa vez, estou lhe implorando Eric. Preciso que se sacrifique por mim também, pois não sei se sou capaz de viver mais dias sem ter Ianto comigo. Jamais amei alguém tão forte assim e estou quase enlouquecendo – ele implorou, segurando meus ombros e olhando no fundo dos meus olhos.

Eu chorava muito e descontroladamente.

Encarei Ianto nos olhos, perguntando com o olhar se o que estavam falando era verdade, mas ele somente virou o rosto.

O pior de tudo era que não sabia o que fazer,

sabia que não era justo, mas entendia o quanto era difícil amar alguém que não podia ter. Após tudo que Paulo havia feito por mim, não poderia deixa-lo sofrer o mesmo que eu passei com Fernando.

- Também quero muito isso, Eric. Por favor – Ianto implorou.

Após ouvir aquelas palavras, não consegui aguentar.

Descontrolei-me e num movimento rápido, peguei o vaso de vidro que ficava sobre a mesa de centro e joguei contra a televisão, que se rachou completamente. Os dois afastaram-se de mim, completamente assustados.

Eu estava prestes a perder o amor da minha vida!

- Calma Eric! – Paulo gritou agarrando-me por trás, para que ele não quebrasse mais nada, mas eu debatia-me tentando me soltar dele.

- Me larga – gritei irritado.

Não queria que ele me tocasse, ele sabia o quanto eu amava Ianto, mas mesmo assim se aproximou dele! Eu havia confiado nele!

- Claro que não; você não é assim. Se controle, cara!

Dei uma cotovelada na barriga dele, que me soltou gemendo de dor.

Eu gritava irado.

Precisava extravasar meu ódio de alguma forma.

Então primeiro, virei a mesa de centro derrubando tudo que tinha ali, para em seguida pegar os dvds e livros da estante e jogar com força contra as paredes. Os vasos de cristal e pequenas esculturas de arte que eu tinha, também arremessei, sem hesitar.

PERIGOSAS

Pouco me importava quanto havia gastado neles.

- Para Eric! – Ianto gritou, mas não me importei.

Ele veio até a mim e tentou me segurar pelo braço.

- Por favor, para! Está me assustando – pediu entre lágrimas e encarei-o com ódio. Como podia me pedir algo após ter me feito acreditar que me amava? Ele conseguia ser pior que Fernando.

Sem pensar e agindo por impulso, acabei socando-o no rosto.

Ianto caiu no chão no mesmo instante e levou alguns segundos até perceber o que havia acontecido. Seu nariz sangrou.

- Você não tem direito de me pedir nada! NADA! – gritei.

NACIONAIS - ACHERON

- Eric se controle! – Paulo tentava me segurar – Olha o que você está fazendo!

Ianto apenas me encarava chorando, mas já não me importava. Ele não havia se importado comigo em nenhum momento.

- Eu faço o que quiser. Saiam daqui agora! – gritei e fiz uma breve pausa caindo no choro, cobrindo minha boca. - Antes que eu mude de ideia – disse caindo de joelhos no chão em prantos.

Eu não queria aquilo mais, havia cansado.

Talvez eu não merecesse ser feliz.

A dívida que tinha com Paulo e achei que seria eterna, eu estava pagando da pior forma possível. Só podia ser *karma*.

- Tudo bem, estamos indo – Paulo disse – Vamos Ianto – falou a ele, e o ajudou a andar até a porta.

Ianto apenas olhava para mim assustado e o vi deixar o apartamento junto de Paulo. A pior cena da minha vida. Eu chorava jogado no chão, de forma descontrolada e sem planos de parar. Estava em pedaços, e não acreditava que dessa vez poderia ser remendado.

Capítulo 20

Não consegui parar de chorar a noite toda.

Para dormir, mesmo exausto, foi necessário tomar dois soníferos. Mesmo assim só consegui dormir 4 horas.

Meu corpo estava cansado e meu coração dilacerado.

Sentia-me traído e completamente estúpido, por permitir que tudo aquilo acontecesse. Eu que havia aproximado ambos e agora, havia deixado Paulo levar embora o garoto que eu amava.

Minha vontade era de correr até o apartamento dele, e trazer Ianto de volta a força, mas sabia que nada ia adiantar. Afinal, ele o amava e nada que eu

fizesse seria capaz de mudar isso.

A conversa que eu tivera em Alendor com Alex, agora ressoava em minha mente. Eu não havia acreditado em quase nada do que havia me dito, afinal pensava ainda que eu tinha um futuro feliz pela frente com Ianto, mas agora, como ele havia dito, a vida fez questão de me mostrar que não existiam contos de fadas.

Eu havia sido traído pelas duas pessoas que mais amava.

Paulo sabia que eu amava Ianto e o quanto já havia sofrido antes com Fernando. Era muito irônico que a pessoa que havia te ajudado a sair da fossa, agora estava ajudando a te deixar numa ainda mais profunda e dolorosa.

Eu queria sumir.

Fazer uma mala e ir para qualquer lugar, longe de tudo e todos. Sabia que a dor não diminuiria,

mas pelo menos estaria distante de ver seus rostos, que me lembrariam que além de não poder me abrir com outras pessoas, não devia confiar em ninguém.

Quando finalmente tive forças de levantar-me da cama, segui até o banheiro, onde tomei um banho frio para ver se ajudava, afinal ainda precisaria trabalhar e provavelmente ver Paulo.

Não seria nada fácil.

Após encarar-me no espelho, vi que meu rosto estava inchado e eu estava com olheiras enormes. Tentei forçar um sorriso, mas parecia mais falso que tudo.

Eu estava péssimo e ainda esforçava-me para não voltar a chorar. Sabia que toda aquela dor e sofrimento ainda durariam muito tempo, mas um dia passaria. Já não estava mais disposto a cometer besteiras, achando que tudo ia melhorar se eu deixasse de existir.

PERIGOSAS

Não era justo, eles que haviam me decepcionado.

Eu precisava dar a volta por cima e me tornar alguém independente emocionalmente. Podia ser que eu nunca atingisse a felicidade que almejava, porém evitaria sofrer tanto novamente.

Em minha pasta do trabalho, guardei o aparelho que controlava Ianto, precisava entregar a Paulo apesar de tudo. Ele já não me pertencia.

Como a agência controlava a localização de todos os garotos vendidos, Laurel já havia me telefonado umas 10 vezes, sem que eu o atendesse. Não queria conversar com ninguém. Então, apenas mandei uma mensagem informando que agora Ianto estava com Paulo.

Algo que nunca imaginei que aconteceria.

***

NACIONAIS - ACHERON

Dirigi sem pressa alguma até a empresa.

Já estava atrasado e David me ligava a cada minuto, eu sempre ignorando as chamadas. Pouco me importava quem queria falar comigo, eu só precisava respirar fundo e reunir forçar para sobreviver a mais um dia.

Quando finalmente cheguei, segui direto até o andar administrativo, alguns funcionários tentaram me cumprimentar, mas eu apenas retribuía com cara feia. Não estava com paciência para ser simpático naquela manhã.

Então, quando passei por David e ele me seguiu até minha sala, revirei meus olhos sem paciência.

- O que foi? – perguntei ríspido, assim que sentei à minha mesa.

David notou na hora que eu não estava bem, então pareceu hesitar antes de falar. Eu indiquei com o olhar que falasse logo.

PERIGOSAS

- Alex Lauzon ligou algumas vezes essa manhã, mas como não conseguiu falar com você, nem Paulo, parecia um pouco irritado – informou.

- Ele não é o único... Paulo ainda não chegou?

- Não...

- Tudo bem, me avise quando chegar.

- Claro – falou, continuando parado em frente a minha mesa.

Encarei-o sem entender o que ele queria.

- Tem algum problema? – questionei.

- Na verdade, é o que gostaria de saber. Sei que não devia ter falado com você daquela forma no restaurante, mas após eu ter voltado você parece estar muito estranho e estou preocupado. A culpa é minha? – ele perguntou, hesitante.

Suspirei fundo.

- Não David, o mundo não gira em torno de

você. Tenho meus motivos para estar assim e você não precisa saber quais são, então faz um favor? Pare de tentar se meter na minha vida, já tem muita coisa acontecendo comigo – falei de maneira grossa e ele saiu apressado da sala, sem dizer nada. – Merda!

Não queria ter magoado ele, mas eu não estava em condições de me preocupar com sentimentos dos outros, quando os meus estavam em pedaços.

Aguardei impaciente Paulo chegar, sequer conseguia ficar sentado. Então, fiquei observando a rua pela janela, senti uma vontade imensa de fumar um cigarro, algo que não sentia há muito tempo.

Queria resolver tudo logo, para então não ter que falar com ele por um bom tempo. Apesar de toda a amizade que havíamos cultivado por anos, não aguentaria ficar perto dele sem lembrar tudo o que ele havia feito, ou imaginar seus lábios tocando

os de Ianto.

Recebi uma mensagem de meu banco, havia recebido uma transferência de um milhão de dizus, Paulo havia me pagado por Ianto, como se me importasse com o dinheiro.

Quando olhei a hora em meu relógio e percebi que ele já devia ter chegado, verifiquei a mesa de David. Ele não estava lá, provavelmente havia ido embora após eu ter lhe tratado de maneira tão grossa.

Respirei fundo, resolveria isso depois.

Segui até a sala de Paulo, para ver se havia chegado.

Como imaginei, ele já estava lá e parecia concentrado em alguns papeis sobre sua mesa. Entrei sem bater.

Ele encarou-me surpreso e sem reação.

PERIGOSAS

- Bom dia Eric... – falou, largando tudo e levantando-se.

- Alex ligou, verifique o que ele quer – disse e ele confirmou com a cabeça.

Ficamos em silêncio alguns segundos, enquanto encarávamos sem saber o que dizer. Sentia vontade de socar sua cara, tanto quanto de chorar. A sensação era horrível!

- Você está bem? – ele perguntou, preocupado.

- Melhor impossível – ironizei.

- Por favor entenda que-

- Eu não quero entender nada, Paulo. Eu já deixei você toma-lo de mim, pois não quero que vocês se privem do amor que sentem um pelo outro, mas não quero ouvir falar mais de Ianto ou desse assunto. Na verdade, peço que se afaste de mim por um tempo – pedi, com olhos marejados.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Eric, nós somos melhores amigos!

- Erámos, não sei mais se consigo voltar a encarar você com mesmos olhos, depois de tudo que fez.

- Eu não podia evitar, eu o amo!

- Não repita isso, apenas me machuca mais – falei, pegando em meu bolso o aparelho da agência que me vendeu Ianto. Joguei sobre sua mesa. – Pelo menos cuida bem dele – pedi e virei-me deixando a sala antes que eu caísse no choro.

Ouvi sua voz me chamar, mas ignorei.

Não precisava de sua ajuda para sofrer ainda mais.

***

Decidi ir embora mais cedo.

Não precisavam de mim lá, já que sequer estava fazendo meu trabalho. Minha mente não deixava!

NACIONAIS - ACHERON

O único problema era David também ter ido embora, mas pedi que alguém ficasse atendendo minhas ligações. Precisava me desculpar com ele, mas não conseguiria naquele estado.

Assim que chamei o elevador e as portas se abriram, surpreendi-me com Alex lá dentro.

- Eric! – ele se aproximou de mim e me abraçou.

- O que está fazendo aqui? – perguntei, surpreso e ele me soltou.

- Preciso resolver algumas coisas na cidade, por isso tentei falar contigo ou Paulo, mas aparentemente estão me ignorando já que estão aqui e não me retornaram – falou me encarando nos olhos.

- Claro que não, na verdade, estou indo embora; não sinto-me muito bem, mas Paulo está em sua sala – informei.

- O que houve? – ele perguntou, preocupado.

- Apenas o que você me avisou que aconteceria, fui traído por aqueles que mais amava.

Ele suspirou fundo.

- Mesmo que esperemos o pior das pessoas, quando finalmente acontece, nunca é fácil – comentou.

- Nenhum pouco, estou em pedaços...

- Sei o que pode ajudar!

- O que? – questionei, curioso.

- Encher a cara.

Eu ri.

- Estou falando sério, tenho tempo para sair com meu mais novo parceiro, deixe que eu pague algumas bebidas a você!

- Tudo bem, desde que prometa não se

aproveitar de mim, se eu exagerar na dose.

- Não me peça coisas difíceis – falou e nós rimos juntos, voltando a chamar o elevador.

Talvez sair e beber realmente me fizesse bem.

Afinal, estava prestes a ir para a casa e chorar sozinho.

***

Eu e Alex fomos até um bar que ficava a algumas quadras dali. Devido o horário, ainda estava pouco movimentado.

Começamos pedindo algumas doses de whisky.

Assim que viramos as primeiras doses, ele encarou-me.

- Não vai me contar o que aconteceu? – perguntou, curioso.

Eu peguei uma nova dose e virei ela também, Alex riu.

- Na verdade, eu vim contigo porque queria esquecer o que aconteceu, pelo menos por alguns momentos – comentei.

- Você sabe que isso não vai acontecer.

- Pior que eu sei...

Ele permaneceu em silêncio alguns momentos, encarando-me.

- Foi Paulo, não é? – questionou, surpreendendo-me.

- Como assim?

- Você comentou que foi traído pelas pessoas que mais amava. Posso ter transado com Paulo, mas percebi de cara que ele mentia muito. A forma que ele falava de você, era estranho, era como se ele te invejasse muito ou fosse obcecado por você– revelou.

Eu fiquei calado, sem saber o que pensar

daquilo.

Jamais havia pensado coisas ruins de Paulo, mas também não imaginava que ele me trairia daquela forma. Não seria a primeira vez que ele me surpreenderia.

- Afasta-se dele e viva sem colocar expectativas nas pessoas, sei que é difícil por o que estou te falando na prática, mas é necessário se você quiser ser forte – Alex aconselhou.

- Você tem razão. Não devo mais me apegar às pessoas, pois acho que só posso confiar em mim mesmo – concordei.

- Isso mesmo! – ele falou, acariciando meu cabelo.

Eu tirei sua mão, rindo.

Bebemos e conversamos muito.

Agora tudo que Alex dizia-me fazia sentido, ele

podia parecer alguém egoísta, mas era a forma que encontrou de ser uma pessoa forte em meio a tanto sofrimento.

Quando finalmente cheguei ao meu limite, chamamos um táxi e ele me levou até em casa. Ele se ofereceu para passar a noite comigo, mas recusei, não queria acordar com ele nu ao meu lado.

O porteiro surpreendeu-se ao me ver entrando pela porta da frente e naquele estado, até mesmo quis ajudar eu a chegar até meu apartamento, mas disse que não precisava, mesmo que quase tropeçava a cada cinco passos.

Assim que finalmente cheguei dentro de casa, joguei-me sobre o sofá, não teria forças para subir até o segundo andar. Enquanto tentava me livrar um pouco da tontura, senti náusea e vomitei no chão toda a bebida que havia tomado. Já fazia mais de 24 horas desde que eu havia comido algo.

Assustei-me com uma sensação de tontura extrema, como se eu fosse apagar a qualquer momento. Era por isso que nunca bebia tanto, eu tinha medo de passar tão mal e estar sozinho.

Então, peguei meu celular e com dificuldade tentei achar o número de Paulo. Foi quando lembrei que provavelmente devia estar abraçado ao meu Ianto. Eu não queria sua ajuda para mais nada!

Procurei quem mais poderia chamar, mas não era como se eu quisesse que todas aquelas pessoas me vissem naquele estado e Alex também não estava em completas condições.

Então, sem pensar muito bem, disquei para David. Provavelmente era o único que ainda se preocupava realmente comigo.

Capítulo 21

Assim que ele chegou e tocou o interfone, fui até lá liberar o portão com certa dificuldade. Quando finalmente subiu e entrou pela porta que havia eu esquecido de trancar, encontrou-me jogado sobre o sofá.

Claramente, ele se assustou com a bagunça do apartamento, ainda não havia arrumado nada desde meu surto. O chão estava vomitado e cheio de vidro e outras coisas quebradas.

- O que aconteceu aqui? – perguntou, surpreso.

- Longa história – respondi, enrolado.

- Você está bem? – ele veio até mim. - Fiquei preocupado quando recebi sua ligação essa hora da noite.

Não fazia noção de que horas eram, mas não me importava.

- Fiquei com medo de ficar sozinho – falei, sentindo tudo girar.

- Você está fedendo! Precisa tomar um banho para dormir, Eric. Está muito bêbado!– falou tentando me levantar, puxando meu braço.

- Eu não consigo – resmunguei.

- Vem logo! – ele continuou puxando-me, e me ajudou a ficar em pé. – Onde fica o banheiro?

- Lá encima – informei apontando as escadas.

Ele suspirou fundo.

- Que os deuses me ajudem – comentou, tentando impedir que eu caísse, enquanto me

levava até o andar de cima.

Diversas vezes cai sentado nas escadas e ele me levantava novamente. Simplesmente sentia uma exaustão enorme em todo meu corpo e só queria dormir.

Mas David continuou me levando, até que finalmente chegamos até o banheiro. Lá ele me colocou sentado sobre o vaso, e começou tirando meus sapatos.

- Eu sabia que você não estava nada bem... – comentou, tirando o segundo e as meias.

- Eu precisava esquecer o que aconteceu – falei, sentindo-me enjoado. Minha boca estava com um gosto horrível.

David começou a tirar minha camisa.

- O que houve? – perguntou, curioso.

- Não posso contar, é segredo – murmurei.

- Tudo bem, como queira – falou, abrindo minha cinta.

Em seguida, puxou minha calça e eu quase cai.

Ele encarou-me respirando fundo, fazendo sinal de negação com a cabeça.

- Vamos lá – disse, levantando-me novamente.

Ele havia me deixado apenas com a cueca e me levou até o box, onde ligou o chuveiro na temperatura morna e me colocou embaixo dela. Apoiei-me na parede para não cair.

David me observava preocupado, enquanto acabava se molhando também, certificando-se de que não cairia a qualquer momento. Não devia tê-lo chamado ali, ele não tinha motivos para me ajudar após a forma que havia lhe tratado.

- Quero deitar – falei após um tempo, sentindo um cansaço extremo.

- Tudo bem – ele disse, desligando o chuveiro e me tirou para fora do box.

Ele então pegou uma toalha e começou a me secar, até que encarou-me preocupado e vermelho.

- Preciso tirar isso para você deitar, está molhado – falou, referindo-se a minha cueca.

Eu apenas puxei ela para baixo, mas não consegui tirar completamente, ficando entre minhas coxas, não consegui abaixar-me mais. David virou o rosto imediatamente.

- Não consigo – falei, percebendo o quanto estava inútil naquele estado.

- Vou ajudar – disse, agachando-se.

Ele puxou minha cueca para baixo e em seguida por baixo de meus pés, deixando-me completamente nu dessa vez.

Percebi que ele observava rapidamente meu

pênis, mas logo desviava seu olhar. De repente, minhas pernas estremeceram e eu quase cai no chão, mas ele me segurou de imediato e ajudou-me a andar até a cama, onde deitei cansado.

- Descanse – falou e me cobriu com as cobertas.

- Obrigado – eu disse, forçando um sorriso a ele.

Já ele, encarava-me triste, queria perguntar o motivo, mas não tinha forças e simplesmente apaguei em seguida.

Estava exausto de corpo e mente.

***

Quando finalmente acordei, sentia-me péssimo.

O pior de tudo era que lembrava de tudo que havia acontecido na noite anterior, havia chamado David até ali e isso era completamente vergonhoso.

Quando deixei a cama e levantei, senti uma dor

de cabeça enorme e minha visão escureceu, apoiei-me na cabeceira da cama para não cair e logo passou. Fui até o banheiro, completamente nu e encarei meu reflexo no espelho.

Sem dúvidas, transparecia como eu me sentia.

Lavei meu rosto com aquela água gelada, para ver se melhorava e em seguida, escovei meus dentes. Sentia um gosto péssimo em minha boca e muita sede.

Assim que voltei até o quarto, busquei por cueca e um short e os vesti. Estava com uma fome enorme, devido tanto tempo que não comia algo.

Então, assim que desci as escadas, surpreendi-me com um aroma delicioso vindo da cozinha. A sala também estava mais decente, limpa e sem vidros e objetos quebrados pelo chão.

Quando entrei na cozinha, encontrei David já servindo sobre a mesa o que havia preparado. Ele

ainda estava ali cuidando de mim.

- Bom dia, está melhor? – ele perguntou, aproximando-se de mim preocupado.

- Sim, obrigado por tudo, estou envergonhado, não devia tê-lo chamado – falei encarando-o.

- Não foi nenhum problema, você precisava de ajuda e eu podia te ajudar – ele forçou um sorriso.

- Não devia depois da forma que lhe tratei ontem, me desculpa por aquilo. Não foi meu objetivo te magoar, mas estava e ainda estou passando por um momento muito difícil – falei.

- Está tudo bem, Eric. Eu sei que você jamais diria algo apenas para me machucar, eu percebi que havia algo errado e preocupei-me se tinha haver comigo, mas agora sei que tem haver com Ianto.

- Como você sabe dele? – perguntei, preocupado.

- Você murmurava seu nome enquanto dormia. Você o ama muito, não é?

Concordei com a cabeça.

- Mas ele me abandonou para ficar com alguém que realmente amava – revelei.

- Posso imaginar como se sente... – David comentou, suspirando. – Vamos comer?

- Sim, por favor, estou faminto – respondi, sentando-me.

Devorei sua comida como se não comesse há séculos.

Estava maravilhoso, jamais havia imaginado que ele tinha qualquer talento culinário, mas David surpreendia-me cada vez mais.

- Muito, muito bom – falei, assim que finalmente estava satisfeito.

- Fico feliz que tenha gostado, cozinhar sempre

foi um hobby meu – revelou.

- Deveria pensar em tornar em algo profissional.

- Não posso nem pensar nisso, meu pai me mataria – ele disse de imediato.

- Você deveria parar de tentar agradar a todos, pois no fim não poderá contar com ninguém. As pessoas que mais ama, provavelmente serão aqueles que mais lhe decepcionarão em algum momento – aconselhei.

Ele permaneceu em silêncio, pensativo.

Queria ter conhecido David antes de Ianto, talvez eu não tivesse feito a besteira de compra-lo. Ele era tão lindo quanto, inteligente e parecia me entender apesar de tudo.

Assim que ele levantou-se tentando tirar a louça, impedi.

- Não faça isso, depois arranjo alguém para

limpar, você já fez muito – pedi, segurando seu braço.

- Tudo bem, então vou indo, você parece melhor agora – falou sem me olhar no rosto.

- Fica mais um pouco, não quero ficar sozinho.

Ele pareceu hesitante, mas concordou com a cabeça.

Puxei ele pela mão até o andar de cima.

Quando ficamos diante da cama, encarei seus olhos, ele tremia de nervosismo. Queria muito tê-lo naquele momento, então aproximei meus lábios dos seus, mas ele virou o rosto em seguida.

- O que foi? – perguntei, deslizando minhas mãos por suas costas.

Ele não disse nada e eu voltei a tentar beijá-lo.

Dessa vez nossos lábios e línguas se tocaram, num beijo lento e delicioso, mas que rapidamente

foi interrompido por David me empurrando para trás, ofegante.

- Você está bem? – perguntei, preocupado. – Achei que também queria isso.

Ele encarou-me com olhos marejados.

- Sim, eu queria, mas não mais. Você não me ama Eric, está fazendo tudo isso para esquecer esse tal de Ianto e não quero me sentir como seu premio de consolação.

- Não, David, não... – tentei voltar a me aproximar dele, mas ele recuou mais. Não queria que eu tocasse-lhe.

- Você me disse que sabia como era amar alguém que não podia ter, mas talvez algo que você não saiba, é que amar alguém que se pode ter de corpo, mas não de coração pode ser ainda mais doloroso. Isso não está certo... Sofra o que tem que sofrer Eric e depois siga em frente, mas não me

arraste contigo, eu não mereço que você me trate assim – falou, deixando cair as primeiras lágrimas.

- Não era meu objetivo, desculpa.

- Tudo bem, eu te perdoo, sei que está vulnerável e terá dias difíceis pela frente, mas não posso fazer mais nada para te ajudar. Então, a partir de hoje não trabalho mais para você e dessa vez estou falando sério. Preciso me afastar de você, a parte racional que ainda existe em mim implora por isso, mas torço que um dia posso encara-lo novamente sem que meu coração doa tanto assim.

- Não me abandone também, David... – implorei, sentindo as lágrimas surgirem.

- Tem coisas que é necessário se enfrentar sozinho, Eric, desculpa. Preciso ir agora! – falou, saindo do quarto apressado.

Pensei em correr até ele e impedi-lo de sair, mas David tinha razão. O que eu estava fazendo só iria

machuca-lo ainda mais e não era justo. Jamais seria capaz de ama-lo tanto quanto amava Ianto.

Joguei-me sobre a cama chorando.

Faria o que ele havia me aconselhado:

Ia sofrer tudo que tinha para sofrer, torcendo que uma hora tudo se tornasse mais fácil e eu pudesse seguir em frente.

Capítulo 22

Os dias passavam-se lentamente e de forma dolorosa.

Já faziam 3 semanas desde última vez que havia visto Ianto, e evitava a tudo custo encarar o rosto de Paulo ou mesmo falar com ele. No trabalho, sempre que era necessário que nos víssemos, eu tentava ser o mais breve possível.

Como sentia que jamais seria capaz de perdoa-lo, já planejava mudar de cidade, para uma outra sede da empresa. Podíamos ser sócios, mas nada dizia que éramos obrigados a permanecer no mesmo local.

Tudo se tornaria mais fácil assim.

Tudo em meu apartamento fazia lembrar-me de Ianto e sempre que via Paulo, não deixava de imaginar que seus lábios tocavam os da pessoa que eu amava.

Eu precisava escapar de todas esses lembranças, se quisesse recomeçar uma nova vida. Agora sem alguém que amava e aquele que um dia, foi meu melhor amigo.

Quando finalmente recebi o último documento que faltava para eu conseguir sair da capital, decidi pelo menos informa-lo. Ele que comandaria agora essa sede sozinho e eu precisava ter certeza que tudo ficaria bem.

Caminhei em passos lentos até sua sala naquela manhã.

Durante o caminho, encarei a mesa que um dia fora de David, agora completamente vazia. Esperava que ele estivesse bem e fosse mais forte

que eu, para seguir suas próprias escolhas.

Quando finalmente cheguei diante da porta de vidro, da sala de Paulo. Respirei fundo, observando-o lá dentro concentrado em seu computador. Esperava que dessa vez não estivesse assistindo pornô.

Quando entrei e ele me viu ali, levantou-se rapidamente.

- Eric...

- Oi... – forcei um sorriso. – Preciso falar contigo.

- Claro, sente-se – disse puxando a cadeira para mim.

Neguei com a cabeça.

- Não será necessário, é um aviso rápido, mas muito importante.

- Tudo bem – falou, cruzando seus braços

nervoso.

Respirei fundo antes de começar a falar.

- Vou sair mais cedo hoje, pois preciso arrumar algumas malas em casa – comecei a falar.

- Vai viajar? – ele me interrompeu.

- Não, vou mudar para nossa segunda sede, amanhã já começo lá. Já conversei com Ricardo e ele disse que será ótimo para os negócios que eu fique por lá.

Ele pareceu desesperar-se.

- Preciso me planejar também então.

- Do que você está falando? – perguntei, confuso.

- Para eu conseguir mudar para lá o quanto antes, também.

- Claro que não, Paulo. Você vai continuar aqui, sempre quis ser o chefe líder, esse é sua

oportunidade.

- Isso não me importa mais! Quero meu melhor amigo perto de mim! – falou de imediato, aproximando-se de mim.

- Eu não posso ficar Paulo, não consigo. Está me machucando muito ter que vê-lo todos os dias, preciso me afastar pelo menos enquanto não conseguir superar tudo o que aconteceu.

Ele pegou minha mão e encarou-me nos olhos.

- Por favor, não vá Eric! Quando me apaixonei por Ianto, não achei que íamos nos afastar tanto, também estou sofrendo muito por causa disso. Eu sou capaz de devolve-lo, somente para ter sua amizade novamente – implorou, com olhos marejados.

- Não fale besteiras, Paulo – puxei minha mão. – Não há formas de concertar as coisas, vocês se amam e isso não muda de uma hora para a outra.

Não diga coisas que apenas vão me machucar ainda mais, estou querendo superar tudo isso e recomeçar, por isso preciso ir embora da cidade.

Ele ficou calado, sem saber o que falar.

- Estou indo – falei, virando-me, mas novamente ele me segurou pela mão.

- Eu te amo, Eric – falou e eu encarei-o nos olhos.

- Eu também te amava, Paulo, mas devia ter pensado antes de se aproximar de Ianto assim. Você me fez perder o amor da minha vida e meu melhor amigo ao mesmo tempo.

- Não, eu-

- Chega, cansei de tudo isso – tirei sua mão de mim. – Amanhã estarei indo embora, e não quero que tudo se torne ainda mais difícil. Quando estiver instalado, aviso, afinal apesar de tudo, continuamos

sócios. Boa sorte com a empresa e Ianto. Até mais Paulo – falei, deixando a sala.

Não olhei para trás ou sequer voltei para minha sala.

Peguei o elevador e desci até o estacionamento, precisava ficar sozinho e me preparar psicologicamente para essa nova fase em minha vida.

***

Assim que retornei ao meu apartamento, segui direto para meu quarto e peguei algumas malas para começar a guardar minhas roupas.

A cada nova peça que colocava ali dentro, mais lagrimas caiam sobre elas. Aquela era a minha cidade, mas agora também havia perdido isso.

Tantas coisas haviam sido tomadas de mim e de forma tão cruel nos últimos tempos. E apesar de

todos os meus erros, não conseguia deixar de acreditar que mesmo assim era injusto.

Eu só queria ser feliz e amado.

Quando terminei a primeira mala, fiz uma pequena pausa e sentei-me sobre a cama, observando o meu quarto. Local onde havia tido tantos momentos maravilhosos com Ianto.

Não conseguia entender como aquele garoto havia me conquistado de forma tão arrebatadora, em um período de tempo tão curto, mas havia acontecido.

Haveria para sempre uma marca em mim, com seu nome.

Levantei-me e fui até seu quarto, seu colchão ainda estava sobre o chão, com cobertas desarrumadas e algumas roupas espalhadas encima. Não havia tido coragem de entrar ali após tudo, mas agora que iria embora, precisava.

Deitei-me sobre seu colchão e cheirei suas cobertas e travesseiro, em busca do que tivesse sobrado de seu cheiro.

Como sentia saudades de tocar-lhe e beijá-lo.

Era como se houvessem garras rasgando meu coração de dentro pra fora. E eu só conseguia chorar e chorar.

Apesar de todos meus esforços de tentar ser forte, mesmo que passasse um ou dois dias sem chorar, sempre chegava aquele momento ou situação que me fazia lembrar dele e me descontrolava.

Permaneci ali por um bom tempo, até que senti meu celular vibrar no bolso. Pensei em ignorar, mas como estava prestes a deixar a capital, poderia ser importante.

O número era de Paulo.

PERIGOSAS

Suspirei fundo, não queria falar mais ou ouvir sua voz, mas não seria justo. Ele ainda precisaria de mim em negócios da empresa, então decidi atender.

- Paulo? – perguntei.

- Não é ele – uma voz que conhecia muito bem respondeu, fazendo meu coração acelerar ainda mais.

Sentei-me imediatamente, surpreso.

- Ianto? Por que está usando o celular dele? – questionei, confuso.

- Eu roubei, após bater na cabeça dele com um abajur umas dez vezes e fugir – revelou assustando-me.

Levantei na mesma hora.

- Você está falando sério?

- Sim – ele respondeu, podia perceber que ele também chorava do outro lado da linha.

NACIONAIS - ACHERON

- Ele está bem? – questionei, preocupado.

O que Ianto estava fazendo? Eles se amavam, mas mesmo assim, havia atacado Paulo e fugido, isso não era nada bom. Não queria que ele se machucasse, mas logo Laurel notaria sua movimentação e iria atrás, precisava encontra-lo antes disso.

- Não sei, mas se eu fosse você, não ligaria muito para ele - respondeu, com voz triste.

- Como assim?

- Outra hora explico direitinho. Agora não tenho muito tempo.

- Claro que não! Você está louco, Ianto? Eles podem te matar a qualquer momento! – gritei a ele, preocupado.

- Não vão. Consegui tirar o chip com uma faca.

- Com uma faca? Você realmente está maluco.

Onde você está Ianto? Levarei você ao hospital agora mesmo – falei, andando de um lado para o outro.

- Não precisa se preocupar comigo, eu estou bem. Não foi para isso que liguei.

Permaneci em silêncio alguns segundos, tentando entender tudo aquilo. Não podia ter acontecido em pior momento.

- Você ligou por que então? – questionei, nervoso.

- Eu sei onde fica a agência que me vendeu e vou denunciá-la a polícia. E como a central fica somente a 20 minutos de lá, duvido muito que tenham tempo de esconder embaixo dos panos tudo que fazem lá dentro – revelou e eu mantive-me calado, assustado com os planos de Ianto. Eu já respirava ofegante – Liguei porque quero dois milhões de dizus. Um milhão que fora o quanto

pagou por mim e mais um milhão que depois Paulo pagou para ti. Depois você cobra dele. Considere como uma forma de pagamento de aluguel pelo tempo em que acharam que podiam me usar a vontade.

- Você só pode estar brincando – comentei, surpreso.

- Definitivamente não estou brincando, Eric. Você tem apenas duas horas para criar uma conta bancária no nome que está nos documentos falsos que conseguiu para mim e depositar 90% do valor que pedi nela. Você é influente e poderoso o suficiente para conseguir isso sem dificuldade alguma. O restante preciso que você me traga em dinheiro vivo, se não...

- Senão o quê? – perguntei, em prantos.

Não podia acreditar que após tudo, ele agora estava me chantageando também.

- Eu denuncio ambos junto da agência. Pode não haver contratos em seus nomes lá dentro, mas vocês viajaram comigo. Dormimos no mesmo quarto, Eric. Se eu comprovar à polícia que esses documentos são falsos e que fora vendido a vocês, serão executados juntos de Laurel e seus empregados – ameaçou com voz firme.

- Você está blefando. Você morreria conosco – disse.

- Sim, morreria. Mas, diferente de vocês, eu não teria muito a perder com isso. Jamais poderei voltar a viver com minha família em Alendor, mesmo com esses documentos falsos. O dinheiro que consegui na carteira de Paulo, serve para quase nada e é muito perigoso para mim andar pelas ruas, pois corro risco de ser reconhecido e denunciado por forjar minha morte. Então, definitivamente não estou blefando e se for para eu morrer, levo os dois

comigo. Dois milhões é muito pouco, comparado a tudo que me fizeram passar e sofrer, então você tem duas horas a partir de agora Eric, para me trazer um cartão com um milhão e oitocentos mil dizus depositados e duzentos mil em espécie.

Permaneci calado, pensativo.

Estava completamente chocado com o que havia acabado de ouvir, mas conseguia sentir certeza em sua voz. Ianto falava sério, estava disposto a se sacrificar e nos levar junto se eu não levasse esse dinheiro a ele. As coisas somente pioravam.

- Achei que você tivesse sido feliz comigo durante um tempo – comentei, chorando.

- Eu fui Eric, muito feliz mesmo. Mas, durante esse tempo em que fiquei com Paulo, tive tempo para pensar e refletir o que vivemos juntos e o fato é que, por mais que você tenha me amado e tratado

gentilmente, você me comprou Eric! Isso é simplesmente horrível, independente do contexto e muitas vezes, você me tratou como se eu realmente fosse sua propriedade, além de que tentou abusar sexualmente de mim e me agrediu mais de uma vez. Isso se não for contar o principal: você me mantinha trancado em um quartinho! Eu podia ter enlouquecido! Isto é, se já não estivesse sofrendo de Síndrome de Estocolmo. Então, eu tenho sim o direito de cobrar esse dinheiro de você para não denunciá-lo.

- Tudo bem, você tem razão – falei com voz trêmula – Irei providenciar suas exigências. Aonde te encontro para entregar os duzentos mil dizus?

- Cafeteria Divino Café, a quatro quadras da agência vendedora de pessoas – respondeu.

- Tudo bem, sei onde fica. Logo estarei aí.

- Estarei a sua espera – falou e desligou em

seguida.

Senti o chão embaixo de mim desmoronar.

Quando achei que iria conseguir me afastar de tudo, Ianto trouxe tudo de volta à tona, após cometer o erro estúpido de fugir.

Torcia que realmente estivesse seguro, pois se algo acontecesse com ele, dessa vez não aguentaria.

Capítulo 23

Dirigi apressado até o banco.

Sabia que seria difícil conseguir abrir uma conta bancária no nome falso de Ianto, mas precisava fazer o possível para que ele não fosse até a polícia e entregar a todos.

Quando finalmente cheguei, entrei correndo no banco.

Uma atendente perguntou se eu precisava de ajuda ou queria pegar uma ficha para ser atendido, disse que queria falar urgente com o gerente e somente com ele.

Ela pareceu surpresa, mas fez o que eu pedi.

- Eric – Maurício, o gerente do banco falou

surpreso ao me ver ali.

Maurício havia sido meu veterano nos tempos de faculdade.

- Oi, amigo, preciso de um favor seu – falei de imediato e um pouco ofegante. Ele encarou-me confuso.

- Claro, vamos passar na minha sala e ver o que podemos fazer – falou e eu concordei com a cabeça.

Segui ele de perto, até que chegamos a sua sala.

- Preciso abrir uma conta – informei assim que sentamos.

- Mas você já tem uma.

- Não é para mim, é para outra pessoa.

Ele encarou-me desconfiado.

- Você sabe que é necessário que a pessoa esteja presente, ou você tenha uma procuração para fazer

em seu nome.

- Eu sei, mas é realmente importante e urgente Maurício. Não tem como quebrar esse galho? – perguntei, transparecendo todo meu desespero e ansiedade.

Ele suspirou fundo, pensativo.

- Não posso fazer algo assim.

- Eu estou disposto a recompensa-lo pela ajuda – falei e ele pareceu interessado, no mesmo instante.

- Mas não seria certo eu aceitar seu dinheiro, Eric.

- Não importa o que é certo ou não, quanto você quer? Só me dizer que eu transfiro agora mesmo.

Ele riu interessado.

- Tudo bem, acho que não será problema algum eu quebrar algumas regras, para ajudar um amigo

de longa data.

- Obrigado! – disse, entregando-lhe o documento de Ianto.

- Só tem isso? – perguntou, observando-o.

- Sim, é o suficiente, não é?

- Não realmente, mas podemos dar um jeito – falou, começando a digitar em seu computador.

Quanto mais tempo ele demorava com aquilo, mais ansioso eu ficava. Quando coloquei a mão em meu bolso, procurando por meu celular, percebi que havia perdido e isso era péssimo. Ianto podia ligar e achar que eu estava ignorando-o ou pior, entregando-lhe para Laurel.

- Prontinho, a conta está feita – Mauricio disse depois de um tempo, tranquilizando-me.

- Ótimo, agora preciso que transfira 1 milhão e 800 mil dizus da minha conta para essa – pedi e ele

pareceu surpreso.

- Tudo isso? Não sei se é boa ideia Eric – falou, nervoso.

- Por favor, Maurício, questão de vida ou morte. Transfira esse valor e me traga 200 mil em espécie, a conta já foi feita mesmo. Aproveite e transfira mais 200 para uma conta de sua confiança.

Ele suspirou fundo, forçando um sorriso.

- Farei isso – falou, levantando-se. – Me aguarde aqui.

Esperei desesperadamente que ele retornasse o quanto antes.

Em meu relógio, marcava que só tinha 30 minutos para que o prazo que Ianto havia me dado, acabasse. Esperava que ele não fizesse a besteira de realmente ir à polícia.

Maurício levou cerca de 15 minutos, até que

retornou com uma pasta com o dinheiro e um cartão platinado, junto de alguns papéis e o documento de Ianto.

- Aqui está, Eric, mas que fique claro, não fui eu que criei essa conta – falou, entregando-me tudo, encarando-me nos olhos.

- Claro que não, muito obrigado – falei impaciente e saindo correndo dali.

Assim que cheguei a meu carro, lembrei-me de Paulo.

Ele havia recebido golpes de abajur na cabeça, esperava que ele estivesse bem. Queria mandar alguém lá para ajuda-lo, mas não era seguro considerando toda a situação.

O importante era eu levar o dinheiro até Ianto, senão nada adiantaria ele ficar bem agora e depois ser morto pela polícia.

Eu já estava 20 minutos atrasado quando cheguei até a cafeteria onde Ianto disse estar. Bem próximo à agência de Laurel, que usava como fachada uma agência de intercâmbios.

Então, quando entrei e vi Ianto lá, já em pé pensando em sair, senti um alívio instantâneo, ao mesmo tempo em que senti meu coração palpitar aceleradamente.

Não acreditava que estava vendo-o novamente.

- Ainda bem que você ainda está aqui – falei, pegando em seu braço e encarando-o nos olhos.

- Foi por pouco, já estava desistindo de esperar. Atrasou muito e sequer atendeu a minhas ligações – falou com voz trêmula.

Fazia tanto tempo que não o via, que até mesmo estranhei seu cabelo agora desbotando o tom platinado, mas continuava lindo apesar de tudo. Sem dúvidas, o amor da minha vida.

- Eu perdi meu celular com toda essa correria, mas... – levantei a pasta que carregava, e entreguei a ele – Aí está o dinheiro e aqui o cartão – informei entregando-lhe. – Não foi tão fácil conseguir isso neste horário, mas aí está.

- Obrigado Eric – agradeceu, sem desviar seu olhar do meu.

- Não vai conferir? – perguntei.

- Confio em você.

Forcei um sorriso para ele.

- Agora que conseguiu o queria, o que irá fazer? Para onde vai? – questionei sentindo as lágrimas querendo surgir.

Se eu pudesse, arrastaria Ianto de volta até meu apartamento e o manteria preso aos meus braços para nunca mais se afastar de mim, mas como ele havia dito, não era justo.

Ele era um ser humano e merecia ser livre.

Ianto encarava-me, pensativo, como se também estivesse abalado a me ver novamente, após todo aquele tempo. Não aguentei e as lágrimas começaram a escorrer por meu rosto.

- Que tal tomarmos um último café juntos? – sugeriu, também começando a chorar.

- Claro – concordei abrindo um sorriso triste e fomos até a mesa em que ele estava sentado antes.

Sentei-me diante dele, sem desviar meu olhar.

Não queria deixa-lo ir.

Ambos limpamos nossas lágrimas e ele fez sinal para uma garçonete vir nos atender. Ela pareceu surpresa ao me ver ali, provavelmente tinha me reconhecido através de alguma revista que leu. Ianto parecia não gostar dela.

- Cappuccino para ambos – ele pediu.

- Só um momentinho – ela falou sorridente e voltou até o balcão para prepará-los.

- Você está bem? Está um pouco vermelho – perguntei preocupado, lembrando-me que ele havia metido uma faca em sua própria barriga, só podia estar ficando louco!

- Estou bem – mentiu.

- Você disse que tirou o chip com uma faca. Isso é mais perigoso do que pode imaginar!

- Eu estou bem Eric, juro. Apenas tome esse último cappuccino comigo, por favor...

- Tudo bem – falei, desistindo.

Sabia que não havia como convencê-lo de ir a um hospital, ele provavelmente tinha medo de ter problemas com a polícia.

- Como você está? – perguntou interessado.

Ele realmente parecia querer saber como eu

havia ficado durante todo aquele tempo separado dele.

- Sofri muito... – respondi.

- Eu sei, eu também.

- Como assim Ianto? Você foi morar com quem você amava. Sequer consigo entender o porquê disso tudo. Por que você fugiu dele, se era sua vontade ficar juntos?

Ele riu deixando-me confuso, mas controlou-se assim que a garçonete de antes, trouxe nossos cappuccinos.

- Precisam de algo mais? – ela perguntou sorridente e se oferecendo para mim.

- Não precisamos; rala daqui garota. Se precisarmos de algo, chamamos – Ianto falou ríspido a ela, que fechou o sorriso no mesmo instante e voltou para o balcão sem dizer nada.

Encarei-o surpreso e ele respirou fundo, retomando o assunto de antes.

- Eric, eu nunca amei Paulo. Sempre foi você.

- Então por que você disse que o amava e me largou? – questionei confuso, afinal aquilo não fazia sentido.

Ianto fez uma longa pausa, como se estivesse se preparando psicologicamente para o que ia me contar. Eu comecei a ficar mais nervoso instantaneamente, coisa boa não seria.

- Durante o tempo em que acreditei nas mentiras de Lucy, eu fiz uma besteira bem grande. Talvez não seja o momento mais agradável para descobrir isso, mas eu te traí Eric. Fiz sexo com Paulo em Sarnaut, enquanto você estava em reunião com o dono da Lauzon. Queria muito me vingar de você na época – revelou e eu voltei a chorar, não podia acreditar que ele tinha feito

aquilo comigo. – Então, quando eu descobri que Lucy estava mentindo o tempo todo, me senti muito mal por isso. Eu havia sido completamente injusto contigo! Mas, o pior aconteceu em seguida. No mesmo dia em que você pediu ajuda de Paulo, para conseguir alguém que matasse Lucy, ele invadiu o apartamento com as chaves que ela lhe dera e revelou para mim, que havia sido ele que tinha pedido que Lucy mentisse e me manipulasse. Eles tinham um acordo, aonde ela o ajudaria a me tirar de você em troca de dinheiro. Mas como o plano deu errado, ele decidiu me chantagear com violência e filmagens de quando havíamos transado, para que eu lhe dissesse aquelas coisas sobre amar e querer morar com ele,

Eu ouvi tudo aquilo completamente chocado e sem reação.

- Por que ele fez isso? – questionei confuso.

- Paulo sempre te amou, Eric. E não como um amigo ou irmão, como você o ama. Ele nutriu esse sentimento de amor durante muito tempo, sem perder a esperança de que um dia você notaria que a pessoa que mais o amava, estava ali ao seu lado o tempo todo. Mas, com o passar do tempo, você foi se relacionando com outras pessoas e foi envolvendo-o nisso, sem perceber que estava fazendo-o sofrer intensamente. Até que chegou um ponto em que ele não aguentou mais. Que percebeu que você jamais o amaria da mesma maneira e que isso significava que havia sofrido muito tempo por você em vão. Então, ele queria vingar-se de você tentando-o impedir de ser feliz a qualquer custo, mesmo que significasse tirar-me de você.

- Isso é horrível! Por que você aceitou essa chantagem? Por que não me contou a verdade? – questionei chorando desenfreadamente. Como eu

não havia percebido tudo aquilo?

- Fiquei com medo da sua reação. Ele disse que faria de tudo para convencê-lo a me eliminar e eu sabia que era capaz disso – Ianto respondeu, também em lágrimas.

- Por isso você começou a chorar quando disse que se você voltasse a me magoar, era capaz de me livrar de você.

- Sim...

Eu comecei a rir de forma nervosa.

Achei que as coisas seriam melhores se eu fizesse Ianto ter medo de mim, mas fiz ele mentir para se proteger.

- Eu não estava falando sério, Ianto. Disso aquilo para assustá-lo e fazê-lo pensar melhor, antes de fazer escolhas que comprometessem a nós dois – revelei.

- Entendi, mas aquilo me assustou muito Eric! Então, parecia ser mais viável aceitar a chantagem de Paulo e tentar escapar depois.

- Agora sim faz sentido você ter fugido daquele filho da mãe.

- Sim, os dias com ele eram horríveis e tive que passar por muitas coisas que gostaria de esquecer, mas agora estou livre – comentou, surpreendendo-me por ter mais coisas que Paulo me escondia. Que desgraçado!

- De que coisas você está falando? – perguntei de imediato.

- Não se preocupe, não importa mais agora.

- Claro que importa! Me diga o que ele fez contigo, Ianto! – pedi quase gritando, não queria mais ficar no escuro.

Coisas demais aconteciam pelas minhas costas.

- Tudo bem – Ianto concordou e respirou fundo. - Digamos apenas que ele não era tão carinhoso quanto você e às vezes não se importava muito se eu queria ou não fazer sexo com ele – falou ficando em pé e levantando a sua camisa para mostrar em seu corpo diversas marcas, cortes e hematomas causados por Paulo, além do que ele mesmo havia feito para retirar o chip, que estava coberto por esparadrapo.

Revoltei-me ao ver aquilo.

Não acreditava que havia deixado Ianto ir morar com aquele monstro!

- Eu não acredito que pensei em mandar alguém no apartamento dele para ajudá-lo. Assim que eu vê-lo novamente, vou matá-lo com minhas próprias mãos! – falei completamente irritado. Não conseguia pensar em outra coisa a não ser lhe dar o que ele merecia por ter mentido e machucado Ianto

daquela forma.

- Calma, Eric! Não estraga sua vida por conta dele, você estará dando-o exatamente o que ele quer – falou, pegando em meu braço.

- Ele não pode sair impune disso, Ianto!

- Então, apenas dê uma boa surra nele e depois consiga um jeito de nunca mais ter que vê-lo, mas não faça besteiras. Mesmo que eu tenha o chantageado, não quero que você morra.

- Uma boa surra? Eu o farei ficar sem dentes! Não acredito que ele teve coragem de te machucar desta forma – falei, chorando de raiva.

- Eric, por favor, acalme-se. Até você também chegou a me bater.

Respirei fundo ao ouvir aquilo.

- Tem razão – comentei, cobrindo minha boca com a mão – Me desculpa, Ianto. Eu pirei

completamente quando ouvi aquelas coisas. Vocês estavam me dizendo que não poderia mais viver com o homem que eu amava! Não consegui controlar meu ódio, tristeza e frustração.

- Eu te perdoo, não se preocupe.

- Obrigado – agradeci, tentando me acalmar, não podia surtar novamente.

- Então você realmente me amou? – ele questionou, encarando-me nos olhos.

- Ainda amo, Ianto. Por favor, não vá! – implorei, segurando suas mãos pequenas e macias.

Ele ficou calado durante alguns momentos, eu sabia que ele ia dizer não, mas não podia deixar de implorar.

Eu ainda o amava muito.

- Desculpa Eric, mas realmente preciso ir embora. Eu não posso mais viver preso ou me

escondendo da polícia, isso não é vida. Você mesmo me disse que eu precisava amadurecer e isso só será possível quando eu voltar a ter uma vida de verdade.

Tentei limpar um pouco as lágrimas, mas elas escorriam sem parar por meus olhos. Ianto tinha razão, não podia pedi-lo que novamente se privasse de uma vida normal, apenas para ficar comigo. Eu também havia o machucado.

Ele merecia alguém melhor.

- Para onde você vai? – questionei.

- Vou confiar nas previsões da sua empresa e irei morar e investir esse dinheiro em Sarnaut. Quem sabe um dia não fique tão rico quanto você? – respondeu forçando um sorriso, enquanto seu rosto também se inundava de lágrimas.

Não imaginei que teria de separar-me de Ianto mais uma vez e seria ainda mais difícil que a

primeira. Era como se uma parte muito importante de mim estivesse sendo arrancada a força, mas entendia que ele também queria recomeçar e não devia impedir isso.

- Estarei torcendo por sua felicidade, Ianto. Muito obrigado por toda a felicidade que me proporcionou durante o tempo em que ficamos juntos! Ela, sem dúvidas, foi mais intensa do que todo o sofrimento que infelizmente tivemos que enfrentar, pois independente do que você acha, para mim, nosso amor sempre foi e sempre será puro e real – disse.

- Eu te amo, Eric! – falou, em prantos.

- Também te amo, Ianto! – retribui, provavelmente pela última vez.

Ianto parecia completamente abalado, mas logo levantou-se.

- Preciso ir – anunciou.

PERIGOSAS

- Você precisa ir a um hospital, seu corte parece sério – tentei intervir, preocupado.

- Eu irei, mas quando chegar à Sarnaut. Não posso arriscar ser pego Eric; não depois de tudo que fiz para conseguir fugir.

- Então deixe-me levá-lo até o aeroporto – levantei-me rapidamente e ofereci.

- Não! Preciso fazer isso sozinho.

- Tudo bem – falei, triste. - Mas, posso pelo menos ter um último beijo seu? – questionei sem piscar ou desviar meu olhar do seu.

Eu precisava daquilo, pouco me importava que haviam pessoas vendo. Eu precisava sentir seus lábios uma última vez.

Mas Ianto apenas calou-se durante alguns segundos.

- Não, Eric – respondeu por fim.

NACIONAIS - ACHERON

- Por que não? – questionei confuso.

- Se eu beijá-lo agora, talvez não queira mais ir embora, só que eu realmente preciso disso. Preciso muito da minha liberdade, então, adeus Eric!

- Adeus, Ianto! – falei, sentindo minhas palavras fazer meu coração quebrar-se em pedaços.

Ianto apenas encarou-me uma última vez e após pegar a pasta e cartão com dinheiro que eu lhe trouxera, virou-se de costas para mim e caminhou em direção à saída sem hesitar ou olhar para trás.

Senti uma dor intensa e sem igual.

Eu não queria que aquele fosse nosso fim.

Capítulo 24

Dirigi apressado até o apartamento de Paulo.

Para minha sorte, ainda tinha sua chave em meu chaveiro, algo que poucas vezes usei, mas que agora seria muito útil.

Assim que entrei, fui direto até seu quarto, onde encontrei-o amarrado na cama, já desperto e tentando soltar-se.

- Eric, Eric! – ele gritou ofegante, assim que me viu. – Ianto fugiu, me solta para irmos atrás dele.

- Não será necessário – falei, aproximando-me dele lentamente e furioso.

- Como assim? – perguntou, confuso e com medo.

PERIGOSAS

Sua testa sangrava devido os golpes que levara de Ianto.

- Ele já deve estar deixando o país, ajudei ele com dinheiro, para proteger nós dois. Ele ia nos denunciar.

- Não posso acreditar que ele fez isso!

Eu ri, nervoso.

- Eu que não acredito em tudo que você fez e mentiu – falei, subindo encima dele, fazendo-lhe tremer de nervosismo.

Ele já chorava desesperado.

- Eu posso explicar...

- Não, não. Não quero ouvir mais nada vindo da sua boca – comentei, pegando sobre o criado mudo uma mordaça em forma de bola, um dos brinquedinhos que devia ter usado para abusar de Ianto. Coloquei em sua boca.

PERIGOSAS

Paulo apenas gemia, pois era impossível gritar ou falar qualquer coisa com aquilo.

- Sabe Paulo... O que você sente por mim não é amor. Quando amamos alguém, nos preocupamos tanto com a outra pessoa que somos capazes de sofrer e abrir mão dela, para que seja feliz. Eu achei que você amava Ianto e ele o amava, mas pelo contrário, você armou tudo apenas para me atingir. Fez coisas horríveis com ele! No fundo, acho que quem está doente nessa história toda é você.

Suspirei fundo e sem pensar duas vezes, soquei seu rosto com força e ódio. Senti um dor enorme em minha mão, mas não me importava. Ele merecia aquilo!

Paulo apenas chorava descontroladamente e gemia de dor.

Minhas lágrimas caiam sobre ele, sem parar.

- Minha vontade era te matar aqui e agora – NACIONAIS - ACHERON

revelei, ofegante e em prantos. – Mas não vou fazer isso, pois vou me tornar uma pessoa melhor. Ianto merece alguém melhor e quero ser essa pessoa. Diferente do que aconteceu com Fernando, eu quero reencontra-lo um dia, mas para isso preciso que você saia da minha vida de todas as formas. Quero quebrar nossa sociedade e quero que você se distancie de mim – falei, retirando a mordaça de sua boca.

- Por favor, Eric, eu te amo, desculpa... – implorou.

- Não, você não merece meu perdão. Faça o que eu te disse se realmente foi meu amigo um dia – falei, levantando-me da cama.

- Você vai aonde? – perguntou, nervoso.

- Para onde disse que iria hoje de manhã, embora. Boa sorte se soltando, nos vemos com a presença de nossos advogados – falei por fim,

deixando o apartamento para nunca mais voltar.

Não queria que nossa amizade acabasse daquela forma, mas era melhor coisa que eu poderia fazer, ele era igual veneno. Agora eu ia apenas trabalhar muito e esforçar-me para um dia merecer Ianto, nem que isso levasse vários anos.

Eu o amava e sabia que isso não ia mudar.

Epílogo

06 de abril de 2026, Costa Dourada - Sarnaut

Não podia acreditar que após cinco anos, finalmente estava voltando até ali. Muita coisa aconteceu durante esse tempo.

Após muitas negociações, consegui encerrar minha sociedade com Paulo, que a todo custo tentou impedir, mas no fim acabou vendendo suas ações abrindo sua própria empresa para bater de frente com a minha.

Também tentei durante algumas vezes, entrar em relacionamentos novos, mas jamais algum foi para a frente. As lembranças de Ianto e tudo que havíamos vivido, nunca saiam da minha mente e

acreditava que jamais iam.

Então, vivi como havia planejado.

Trabalhei muito e tornei-me ainda mais bem sucedido, graças à Alex, que optou em continuar o contrato comigo ao invés de Paulo. Sarnaut estava saindo da crise e todos os investimentos, estavam trazendo resultados superiores ao esperado.

Também fui em busca de tornar-me uma pessoa melhor.

Não foi fácil e precisei de ajuda profissional, mas agora sentia-me mais estável emocionalmente e capaz de recomeçar, se Ianto quisesse. Afinal, a primeira coisa que fiz quando soube que poderia mudar para Alendor, foi arranjar seu número.

Não foi fácil, mas agora que havia conseguido, ia aproveitar.

Sentia sua falta e precisava vê-lo novamente,

nem que fosse para saber que ele estava bem com outra pessoa.

Então, após respirar profundamente e juntar coragem o suficiente para fazer aquilo, disquei seu número, sentado sobre a cama do hotel que havia me hospedado.

- Alô? – ele atendeu desconfiado e eu permaneci em silêncio.

Não podia acreditar que estava ouvindo sua voz novamente.

Minhas pernas estremeceram e meu coração acelerou no mesmo instante. Ele ainda me afetava muito!

- Oi Ianto – falei hesitante.

- Eric? – perguntou no mesmo instante.

Fiquei feliz ao perceber que ele também se lembrava de minha voz, mesmo após todo aquele

tempo.

- Quem mais seria? – perguntei brincando.

- Como conseguiu meu número?

- Continuo sendo Eric Pitz. Esqueceu? Eu consigo tudo.

- Tens razão – falou, respirando pesadamente.

Silêncio.

- Por que ligou para mim? – questionou com voz abalada.

- Sinto sua falta – respondi.

- Também sinto – revelou, fazendo-me abrir um sorriso.

- Então, que tal jantarmos juntos? – propus.

- Quando?

- Agora. Cheguei a Sarnaut faz alguns minutos.

Ele voltou a ficar em silêncio, provavelmente

pensando se era uma boa ideia. Esperava que ele aceitasse. Agora que havia ouvido sua voz, precisava vê-lo o quanto antes também.

- E então, você vem ou não? – questionei mais uma vez, ansioso.

- Está aonde? – perguntou por fim.

- No mesmo hotel que estivemos.

- Estou indo para aí – falou, desligando a ligação em seguida.

Levantei-me e dei pulinhos animado.

Não podia acreditar que finalmente iria revê-lo.

Corri até o banheiro e tomei um banho rápido, queria me livrar todo aquele suor da viagem. Também vesti meu melhor terno e passei o meu melhor perfume.

Queria agrada-lo.

Quando finalmente estava pronto, não levou

nem cinco minutos e o telefone de meu quarto tocou. Atendi, ansioso.

- Senhor Pitz, há um homem aqui que se intitula como Ianto esperando-o – o recepcionista informou.

- Estou descendo agora mesmo – falei.

- Tudo bem – disse e desligou.

Respirei fundo, encarando-me no espelho, queria estar atraente para ele. Quando finalmente percebi que não podia fazer mais nada para melhorar, desci pelo elevador, ansioso e com medo.

Sentia-me como um adolescente novamente.

Assim que as portas se abriram, não pude acreditar no que vi.

Ianto estava bem diferente.

Ainda estava era magro e baixinho, mas agora não era mais um garoto, mas sim um homem.

PERIGOSAS

Parecia mais maduro e seus cabelos estavam loiros, sua cor natural.

Sem dúvidas, estava ainda mais lindo!

Senti vontade de correr até ele e abraça-lo, mas apenas andei devagar até ele, sem desviar meu olhar. Era hipnotizante!

- Como você mudou – comentei próximo a ele.

- Cinco anos, Eric. Eu era apenas um adolescente quando me conheceu.

- Você está ainda mais lindo do que já fora – falei e ele cruzou seus braços, tímido.

- Vamos? – perguntou.

- Sim – respondi abrindo um sorriso.

Ele fez sinal para que lhe seguisse e me levou até seu carro. Um modelo nada modesto. Assim que sentei no banco de passageiro e ele no de motorista, deu a partida.

NACIONAIS - ACHERON

- Pelo jeito, investiu bem o dinheiro – comentei admirando o interior de seu carro.

- Na verdade, isso ficou mais a cargo de meus pais que abriram um restaurante e para nossa sorte, foi um sucesso. Restaurantes de comida alendoriana estão surgindo em todos os cantos, após os nossos.

- Isso é ótimo. Vamos comer em um deles?

- Melhor não. Se meu pai ou mãe te virem, provavelmente vão querer te espancar um pouco – revelou.

- Então contou a eles?

- Precisei. Eles achavam que eu estava morto. Tive que explicar o motivo de ter sumido.

- Entendo...

- E Paulo? – ele questionou curioso.

- Depois que você revelou a verdade, o

confrontei e ele confirmou tudo. Assumo que não consegui me segurar e acabei batendo nele, mas para minha sorte ele não abriu qualquer denúncia contra mim. Afinal, se ele tentasse me destruir, levava ele junto.

- Então, presumo que ele não seja mais seu sócio.

- Exatamente. Ele vendeu suas ações da companhia e abriu a sua própria e como sempre fora um bom empresário, sem dúvidas, logo a veremos crescer muito. Mas, foi um alívio livrar-me dele em minha vida.

- Sem dúvidas.

- E você está trabalhando na administração dos restaurantes que abriu com seus pais? – questionei curioso.

- Não. Cursei Psicologia durante esse tempo todo. Na verdade, formei-me hoje. Estava na festa

de formatura quando me ligou – revelou, surpreendendo-me.

- Você abandonou a festa para vir me ver? – perguntei.

- Sim, mas nem se ache por isso – respondeu sem desviar o olhar da estrada e eu abri um sorriso.

Permanecemos em silêncio o restante do caminho.

Foram poucos minutos de viagem até que chegamos até o restaurante, que era muito lindo por fora. Após estacionar, ambos descemos e caminhamos para dentro dele. Era muito estranho ter novamente Ianto tão próximo de mim. Sentia vontade de abraçá-lo, beijá-lo e jamais deixá-lo ir.

Assim que entramos, vi que se tratava de um local bem luxuoso e requisitado, afinal todas as mesas que olhei estavam ocupadas. O recepcionista assim que nos viu, pediu um momento e em pouco

tempo, um homem vestindo-se de branco surgiu da cozinha vindo até nós.

- Sr. Ianto! É um grande prazer tê-lo em meu restaurante novamente! – ele cumprimentou Ianto.

- Você sabe o quanto amo sua comida Oliver. Enfim, esse é Eric Pitz, já deve ter ouvido falar dele – apresentou-me.

- Claro que sim – o homem gordinho disse, apertando a minha mão. Sorri cordialmente para ele – Deixem que eu os leve até a nossa melhor mesa.

- Obrigado.

Acompanhamos Oliver até uma mesa mais ao fundo, ao lado de um grande aquário, cheio de peixes de todos os tipos.

- O que os senhores gostariam de comer? – perguntou.

- Eu vou deixar que você decida Oliver.

Surpreenda-me – Ianto respondeu.

- Vou querer o mesmo que trouxer para ele – falei, sorrindo.

- Podem deixar – Oliver falou voltando até a cozinha.

Ianto retornou a me encarar.

Já eu, não tirava meus olhos dele um momento sequer. Tinha medo de piscar e ele sumir.

- Sei que já disse isso por telefone, mas vou repetir, senti muito sua falta, Ianto – falei.

- Também senti.

- Aconteceram coisas ruins conosco, mas você me marcou. Por mais que tentasse, jamais consegui deixar de pensar ou sonhar com você quase todas as noites.

- Digo o mesmo. Foi tudo tão intenso.

Permaneci em silêncio durante alguns

momentos encarando-o nos olhos. Precisava saber se ainda tinha alguma chance.

- Está namorando? – perguntei, hesitante.

- Não e você?

- Também não – revelei.

- Namorou alguém durante esse tempo? – questionou, curioso.

- Não consegui e você?

- Também não, mas hoje recebi um pedido de namoro – revelou, surpreendendo-me.

- Posso saber quem é?

- Se chama Rafael. É meu melhor amigo.

- Você gosta dele? – perguntei, mas antes que Ianto pudesse me responder, Oliver surgiu trazendo nossa comida.

- Aqui está – falou servindo os pratos; um

garçom o acompanhou trazendo-nos um vinho – Sopa de camarão e nosso melhor vinho. Espero que gostem!

- Obrigado Oliver – Ianto falou sorrindo para ele, que nos deixou a sós novamente.

Após ambos nos deliciarmos com o prato, voltamos a nos encarar. Nossos olhos pareciam atrair os do outro.

- Você não me respondeu. Você gosta desse Rafael? – perguntei, retomando o assunto.

- Gosto muito, mas nunca o tinha visto como algo além de amigo. Ele revelou seus sentimentos por mim hoje.

- Entendo... Já sabe o que responderá a ele?

- Ainda não, pedi um tempo para pensar.

- Fez certo – comentei.

- E como vão os negócios? Presumo que

estejam ótimos, afinal Sarnaut não para de crescer.

- Sem dúvidas, por isso estou aqui. Irei mudar de definitivo para cá – revelei.

Ianto ficou em silêncio, completamente surpreso.

- O que foi? Não gostou de saber disso?

- Não sei ainda.

- Como não sabe?

- A verdade é que eu estava prestes a aceitar o pedido de namoro de Rafael e tentar esquecer o passado. Mas, antes que pudesse fazer isso, você ligou e agora você morando aqui se tornará impossível esquecer tudo.

- Nós não precisamos esquecer Ianto. Cinco anos se passaram, acredito que ambos amadurecemos bastante nesse tempo. Eu quero você de volta em minha vida!

- Não sei se isso é uma boa ideia.

- As situações mudaram. Jamais faria algo semelhante ao que fiz quando te comprei; você tinha razão, não era justo. Por favor, Ianto, não sou capaz de te esquecer – falei, pegando em sua mão.

- Preciso de tempo para pensar nisso também – falou.

- Espero o tempo que for necessário por você.

Ele forçou um sorriso para mim.

Torcia que ele pensasse bem em meu pedido, pois havia idealizado aquele momento durante todos aqueles anos: eu trabalharia, amadurecia e por fim seria alguém que merecia ele.

Agora só faltava ele também querer retomar tudo.

Terminamos de comer conversando a respeito de diversos assuntos. Assim como eu estava muito

curioso para saber o que Ianto fizera nos últimos cinco anos, ele também estava a respeito de mim. O fato era que ambos lutamos para esquecer tudo e seguir adiante, mas era mais forte e intenso que nós.

Talvez, impossível de esquecer e superar.

Aconteceram muitas coisas ruins com ambos, mas o que sentíamos era muito forte e foi interrompido. Eu tive de ser muito forte para lidar com ele distante de mim. Mas, agora tínhamos uma nova chance de tentar retomar as coisas de uma forma mais justa e só dependia dele aceitar.

Quando terminamos de comer, Ianto tentou pagar a conta, mas impedi dizendo que fazia questão disso.

- E agora? – perguntei, quando chegamos ao lado exterior.

- Não sei – Ianto respondeu-me.

PERIGOSAS

- Você está com muitas dúvidas.

- Sim, estou e não consigo evitar. Hoje acabou uma fase da minha vida, estou prestes a iniciar uma nova e quero muito voltar a ser feliz. Rafael me pedira em namoro e agora você retornou. Não sei o que faço Eric.

- Siga seu coração – aconselhei.

- Já fiz isso antes e as escolhas não foram muito boas.

- Mas, agora você cresceu e amadureceu. O que adianta seguir o que sua mente disser, se você se sentirá incompleto? Eu sei que é isso que você sente, pois todos os dias também sinto esse vazio dentro de mim, como se faltasse algo muito importante. E isso é você Ianto. Eu te amo! Sempre te amei e sempre irei. É apavorante falar isso, mas é a verdade.

Ianto permaneceu calado, com olhos marejados.
NACIONAIS - ACHERON

- Você ainda me ama, Ianto? - questionei.

Precisava saber se ele ainda sentia o mesmo que eu.

- Sim, mas não queria; isso é assustador Eric. Independente de tudo que fiz para me afastar de você, meus sentimentos jamais sumiram. Também te amo, sempre te amei e amarei! – revelou, fazendo-me abrir o maior dos sorrisos.

Suas palavras soaram como poesia aos meus ouvidos.

- Então vamos retomar o que interrompemos cinco anos atrás – falei olhando-o nos olhos.

- Preciso de um tempo.

- Já disse que darei todo o tempo do mundo se necessário para que possa decidir.

- Não estou falando disso – interrompeu-me.

- Está falando do quê?

PERIGOSAS

- Eu quero você de volta em minha vida, mas preciso de um tempo para organizar meus sentimentos, pensamentos e objetivos. Não quero que seja como foi antes, então faremos da forma correta dessa vez.

- E qual é essa forma? – perguntei aproximando-me dele.

Eu estava pronto para beija-lo a qualquer momento.

Enlouqueceria se não o fizesse.

- Vamos devagar – respondeu empurrando-me – Acho que precisamos nos conhecer melhor agora que tanta coisa mudou. Ainda há muito daquele antigo Ianto em mim, mas teve coisas que tive que eliminar se quisesse seguir em frente. E também quero conhecer o Eric atual, pois o antigo fez coisas ruins comigo.

- Eu entendo, você não quer retomar as coisas;

quer recomeçar – falei.

- Exatamente, preciso que seja assim.

- Para mim está perfeito – disse e ele sorriu para mim.

- Precisarei conversar com Rafael e dizer que não podemos começar nada agora. Espero que ele não pire e se torne um Paulo.

- De fato – concordei e ambos rimos.

Entramos em seu carro e assim que chegamos de volta ao meu hotel, nos dois descemos do carro para despedirmos.

- E quando sairemos de novo? – perguntei ansioso.

- Não sei, decidirei e te ligo. Tenho muitas coisas para planejar agora que estou prestes a me tornar oficialmente um psicólogo.

- Posso ser seu primeiro paciente e consultar

contigo todos os dias?

- Não, seu bobo! – falou dando um soco fraco em seu ombro.

Eu ri.

- Então, boa noite Ianto.

- Boa noite Eric.

Ambos ficamos ali parados encarando ao outro por alguns momentos, até que eu avancei em sua direção. Antes que ele pudesse recuar, levei meus lábios até os seus.

Ianto tentou empurrar, mas logo desistiu e entregou-se ao beijo; ele queria tanto quanto eu. Então, nossas línguas exploraram com calma e paixão a boca do outro em um demorado beijo. Podíamos sentir o gosto salgado de nossas lágrimas que teimavam em escorrer de nossos olhos.

- Você é louco? Alguém pode ter visto isso –

ele falou, assim que nos separamos.

- Não me importo mais. Quero que o mundo todo saiba que te amo! – revelei.

Ianto sorriu para mim, enquanto limpava as lágrimas.

- Mas, tínhamos combinado de irmos devagar, recomeçar.

- Eu sei, mas se estamos recomeçando essa noite, isso quer dizer que foi nosso primeiro encontro e não há nada que me encante mais que um bom beijo de despedida.

Ele riu.

- Boa noite Eric.

- Até mais, Ianto.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Copyright

Copyright © 2015 by Icaro Trindade

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Revisão: Icaro trindade

Capa: Icaro Trindade

Formatação: Icaro Trindade

Produção independente.

Para entrar em contato com o autor, mande e-

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mail para icarotrindadeautor@gmail.com

Obrigado!

Edição digital: agosto de 2015

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

RECOMEÇO

ICARO TRINDADE

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Recomeço

Livro 02

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo, por Ianto

06 de abril de 2026, Costa Dourada — Sarnaut

Os anos se passaram tão rapidamente que mal acreditava que já faziam cinco anos desde o dia em que fora preso e vendido. A minha denúncia sobre a agência vendedora de pessoas fora um escândalo enorme na mídia mundial, mas a polícia só conseguiu punir os funcionários de Laurel e ele. Além de não conseguirem identificar os policiais que ajudavam, todos os compradores tinham suas identidades protegidas com a inexistência de documentos e eu presumia que tinham se desfeito dos aparelhos, afim de não serem rastreados posteriormente.

Questionava-me frequentemente sobre o que

haviam feito com os outros garotos vendidos, mas nada de bom me vinha à mente como resposta para essa pergunta.

Sabia que com a minha decisão de denunciar Laurel, muitas pessoas haviam sido mortas, mas independente da rígida Lei Anti-Criminalidade de Alendor, o que eles faziam era horrível e imperdoável. Não queria nem imaginar o que outros garotos tiveram que passar com seus donos; eu tivera sorte em ter conseguido fugir.

Desde que me mudei para Sarnaut e consegui finalmente rever minha família, as coisas progrediram muito. O dinheiro que conseguira com Eric, ajudou-nos imensamente. Primeiro fomos em busca de bons médicos para curá-la e, em seguida, utilizamos para abrir nosso próprio negócio: um restaurante de comida tradicional Alendoriana.

Não tínhamos conhecimento suficiente para

investir em negócios maiores, mas minha mãe sempre fora uma ótima cozinheira e, para nossa surpresa, fui um sucesso imediato. Nem acreditamos quando em menos de três anos, conseguimos abrir um segundo e viramos referência nas revistas gastronômicas do país.

Como Eric previra, Sarnaut havia se recuperado da crise e voltou a ser ainda mais forte economicamente do que um dia já fora. E devido isso, o dinheiro que havíamos levado já havia quase triplicado.

Também ingressei na faculdade, onde cursei Psicologia. A ideia de poder ajudar outras pessoas que sofriam com algum de tipo de problema me fascinava e claro, me ajudava a esquecer dos meus.

Foi completamente difícil para eu acompanhar a todos, que tinham conhecimentos básicos superiores ao que eu recebera em Alendor, mas me

dediquei ao máximo, chegando a passar diversas noites acordado estudando para atingir meus objetivos no curso.

Eu queria muito me tornar um psicólogo e agora estava a poucos passos disso. Todo o esforço e lágrimas havia valido a pena.

Assumo que a parte mais estranha disso tudo foi ver um nome que não era realmente o meu no diploma, mas tinha que aceitar que eu não era mais Ianto Wiese. Esse Ianto estava morto em Alendor, agora eu era Ianto Kipfer, como dizia minha documentação falsa.

Encarei o salão da festa de formatura já cheio de pessoas.

Quase todos meus colegas ou amigos já estavam ali, divertindo-se e comemorando nossa conquista. Era estranha a ideia de que a partir daquele momento, não os veria todos os dias, mas o

que mais me incomodava era um vazio interior que sentia constantemente, mas que estava mais forte naquela noite.

Não entendia o motivo disso, tudo estava dando certo.

Rafael, meu melhor amigo e quem mais me ajudou naqueles últimos anos, veio até mim trazendo-me uma taça de espumante.

— Obrigado — disse pegando-a.

— Você devia estar mais animado, Ianto. Foram mais de quatro anos de esforço e nós conseguimos vencer todos os desafios e dificuldades.

Forcei um sorriso para Rafael e ele não parou de me encarar com seus olhos tão negros quanto seu cabelo, perplexo com meu desanimo. Assim como quase todos, ele era bem mais alto que eu e tinha um excelente físico. Eu sempre fora e seria o

magrelo da turma. Não conseguia ter força de vontade para fazer academia e, para minha sorte, não engordava comendo.

— Sério, anime-se — ele insistiu dando um soco fraco em meu braço.

— Tudo bem, você tem razão. Não tenho motivos para ficar desanimado, está tudo dando certo, não é mesmo? O problema é que tenho essa sensação de que falta algo que preciso conquistar e não entendo o que é.

— Não fique assim, você ainda irá conquistar muitas coisas Ianto. Acabamos de nos formar e não duvidaria nada se você se tornasse um dos principais psicólogos do país daqui a alguns anos. Você sempre fora o que mais se esforçou no curso, tanto é que sempre fora o favorito de todos os professores.

— Eu tinha que me esforçar, Rafael. Jamais

teria a oportunidade de cursar uma faculdade em Alendor e sei que meu irmão também irá se dedicar ao máximo quando ingressar em Direito, que é o curso com que ele tanto sonha. É nossa obrigação aproveitar bem a oportunidade que estamos tendo aqui.

— Não entendo por que fala essas coisas. Por mais que Alendor seja um país rígido e tenha muita gente pobre. Se você fosse uma delas, jamais teria conseguido vir até Sarnaut, abrir um restaurante com sua família e cursar em uma das faculdades mais renomadas do país. Você não tinha como ser de uma casta baixa — Rafael comentou encostando-se a parede. Fiz o mesmo.

— Sim, você tem razão, não era de uma casta pobre — menti.

Jamais tinha contado a ninguém além de minha família sobre o que acontecera comigo cinco anos

antes. E mesmo para eles, ocultei muito do que havia passado. Principalmente o que Paulo me fizera.

Para eles, eu havia fugido de Eric.

— Então, sem drama. Você sempre fora rico e agora está prestes a se tornar ainda mais.

— Tem razão, mas dinheiro não compra muitas coisas. Pode até comprar algumas coisas que não deveria, mas felicidade e amor jamais — comentei pensativo.

— Você não precisa comprar nenhuma dessas duas coisas. É só perceber as coisas que estão diante de seus olhos...

— Como assim? — questionei virando-me para Rafael.

Ele virou-se para mim também.

— Eu estive aqui o tempo todo e você não

notou.

— O que você quer dizer com isso, Rafael?

Ele fez sinal de negação com a cabeça, rindo.

— Você tem que prestar mais atenção no que está vivendo, Ianto! Você tem que parar de se deixar levar por seus pensamentos. Está sempre tão distante que nem consegue perceber que, durante esses quatro anos que nos conhecemos, eu sempre o amei — revelou, por fim.

Encarei-o surpreso e sem palavras.

Ao ouvir o que Rafael havia me dito, percebi que ele tinha razão. Eu realmente vivia perdido em minhas lembranças e, muitas vezes, deixando de viver o presente, pois meu passado, por mais que lutasse para isso, era muito forte para ser esquecido facilmente.

Tanto que havia percebido algo que, agora,

parecia óbvio.

— Não sei o que falar... — disse sem jeito a ele.

— Não precisa dizer nada, Ianto. Só quero que você me dê uma oportunidade.

— Eu não sei é uma boa ideia, Rafael.

— Claro que é Ianto! — Rafael pegou em minha mão. — Durante todos esses quatros anos, você jamais se aproximou ou namorou alguém e talvez você não tenha percebido, mas eu também não. Pois estive esperando por você esse tempo todo. Eu te amo muito! E quero que você me dê uma chance para tornar-me seu namorado; é o que eu mais desejo no mundo.

— Preciso de um tempo para pensar nisso — pedi.

— Esperei quatro anos, posso esperar mais alguns dias — ele concordou abrindo um sorriso

para mim. Larguei sua mão.

— Preciso ir lá fora fazer uma ligação, já volto — menti deixando o local.

Eu havia me tornado um excelente mentiroso.

Após sair do salão, sentei-me na escadaria que dava acesso ao prédio para pensar.

Queria estar animado e me divertindo como todos lá dentro, mas sentia a necessidade de ficar sozinho e pensar no que faria dali em diante. Minha vida havia mudado muito nos últimos anos e estava prestes a mudar ainda mais, mas ainda me sentia triste constantemente.

Não queria me sentir daquela forma. Queria ser feliz...

Fiquei um bom tempo ali pensando a respeito de tudo e percebi que o motivo de tudo isso era minha incapacidade de esquecer o passado.

Precisava mudar isso, Rafael tinha razão a respeito de que eu deveria focar no que estava vivendo e era exatamente isso que ia fazer.

Eu ia continuar seguindo em frente, e isso significava que iria entrar novamente naquele salão, procura-lo e dar a oportunidade que havia me pedido. Eu tinha direito de voltar a amar.

Talvez realmente déssemos certo juntos.

Assim que levantei e tentei subir as escadas de volta para a festa, meu celular vibrou no bolso. Era um número desconhecido me ligando.

— Alô? — atendi desconfiado e houve silêncio durante alguns segundos. Pensei em desligar, mas antes que o fizesse, uma voz que conhecia muito bem, e não ouvia há muito tempo, surgiu do outro lado.

— Oi Ianto — Eric falou hesitante, fazendo meu coração acelerar.

PERIGOSAS

— Eric? — quase gaguejei.

— Quem mais seria? Já se esqueceu da minha voz?

— Como conseguiu meu número?

— Continuo sendo Eric Pitz lembra? Eu consigo tudo.

— Tem razão — disse então houve um breve silêncio agoniante. — Por que ligou para mim?

— Sinto sua falta — revelou e dessa vez eu que me calei sem reação.

— Está aí? — ele perguntou impaciente.

— Estou...

— Gostaria de vê-lo, quer jantar comigo? — propôs.

— Quando? — perguntei e logo percebi que estava cometendo um erro. Eu não deveria nem cogitar nesse convite.

NACIONAIS - ACHERON

— Agora. Cheguei a Sarnaut faz alguns minutos.

Permaneci em silêncio pensando naquilo.

Estava prestes a tentar esquecer definitivamente o meu passado e Eric era a coisa mais forte e difícil de esquecer nele. E agora estava a poucos minutos de mim. O que eu ia fazer?

Enquanto pensava, Rafael surgiu na porta do prédio e me encarou de lá, fazendo sinal de que estava me esperando.

— E então, você vem ou não? — Eric questionou mais uma vez.

Havia ansiedade e nervosismo em sua voz.

— Está aonde? — perguntei, percebendo que eu precisava ir.

Se eu não fosse, aquilo jamais sairia da minha cabeça.

— No mesmo hotel que estivemos — ele respondeu.

— Estou indo para aí — disse e desliguei a ligação.

Subi correndo até Rafael.

— Que ligação demorada — ele comentou assim que cheguei perto.

— Exatamente sobre isso que quero falar contigo. Preciso ir a um lugar agora, me desculpa.

— Sério? O que é tão importante para fazer você abandonar a própria festa de formatura? — Rafael questionou chateado.

— Preciso resolver uma coisa que me atormenta os pensamentos e sonhos há muito tempo.

— Tudo bem, mas não esquece que prometeu pensar sobre nós. Eu preciso de uma resposta, Ianto. Senão, vou enlouquecer — ele falou

segurando para não chorar.

— Não se preocupe, logo você terá sua resposta — disse decidido.

— Estarei esperando sua ligação.

— Até mais — despedi-me descendo a escadaria correndo.

Assim que cheguei ao meu carro, entrei e dei a partida em direção ao hotel.

Minhas mãos tremiam e meu coração quase saltava do peito. Estava tomado por nervosismo e ansiedade de ver Eric novamente após cinco anos. Durante todo esse tempo, evitei ao máximo de procurar notícias relacionadas a ele na internet ou nas revistas e agora finalmente voltaria a vê-lo pessoalmente.

Foram poucos minutos dirigindo até que estacionei o carro em frente ao hotel e andei

hesitante até à recepção.

Um homem de uns 40 anos negro, atendeu-me.

— Boa noite. Precisa de ajuda?

— Sim, poderia avisar Eric Pitz que Ianto está aqui embaixo?

— Claro, só um momentinho — falou e após consultar o sistema, discou o número do quarto de Eric — Senhor Pitz, há um homem aqui que se intitula como Ianto esperando-o — breve silêncio. — Tudo bem — desligou. – Ele estará descendo em alguns minutos.

— Muito obrigado — disse me afastando um pouco do balcão.

Aguardei por Eric ansiosamente.

Não levou nem cinco minutos e ele surgiu saindo de um dos elevadores. Ele vestia um terno escuro e havia mudado muito pouco, apenas

parecia mais maduro e sério.

Mas, continuava lindo.

Senti vontade de correr até ele e abraça-lo o mais forte que podia, mas fiquei ali estático observando-o. Ele veio em minha direção a passos tímidos e sem desviar os olhos de mim.

— Como você mudou — ele comentou assim que chegou próximo a mim. Seu perfume amadeirado fez minhas pernas estremecerem.

— Cinco anos, Eric. Eu era apenas um adolescente quando me conheceu.

— Você está ainda mais lindo do que já era — ele falou e eu cruzei meus braços, tímido.

Como era estranho estar diante dele novamente.

— Vamos? — perguntei.

— Sim — respondeu abrindo um sorriso.

Fiz sinal para que me seguisse e o levei até meu

carro.

Assim que sentei no banco de motorista e ele no de passageiro, dei a partida. Não sabia o que dizer e até mesmo evitava encara-lo por muito tempo.

— Pelo jeito, investiu bem o dinheiro — ele comentou puxando assunto, enquanto admirava meu carro, que não custara muito barato.

— Na verdade, isso ficou mais a cargo de meus pais que abriram um restaurante e para nossa sorte, foi um sucesso. Restaurantes de comida alendoriana estão surgindo em todos os cantos, após os nossos.

— Isso é ótimo. Vamos comer em um deles?

— Definitivamente não — respondi de imediato. — Se meu pai ou mãe te virem, provavelmente vão querer te espancar até sangrar.

— Então contou a eles sobre tudo que

aconteceu?

— Não tudo, mas uma boa parte precisei. Eles achavam que eu estava morto, tive que explicar o motivo de ter sumido.

— Eu entendo...

— E Paulo? O que aconteceu com ele? — perguntei curioso.

— Depois que você me revelou a verdade, o confrontei e ele confirmou tudo. Assumo que não consegui me segurar e acabei batendo nele, mas para minha sorte ele não abriu qualquer denúncia contra mim. Afinal, se ele tentasse me destruir, levava ele junto.

— Então, presumo que ele não seja mais seu sócio.

— Mas é claro. Logo em seguida nós rompemos a sociedade, ele ficou com algumas

fábricas e abriu a sua própria empresa. E como sempre foi um bom empresário, sem dúvidas, logo a veremos crescer muito. Mas, foi um alívio livrar-me dele em minha vida.

— Sem dúvidas.

— E você está trabalhando na administração dos restaurantes que abriu com seus pais?

— Não. Cursei Psicologia durante esse tempo todo. Na verdade, formei-me hoje. Estava na festa de formatura quando me ligou — revelei.

— Você abandonou a festa para vir me ver?

— Sim, mas não se ache por isso — respondi sem desviar o olhar da estrada.

Depois disso permanecemos em um silêncio desconfortável durante o resto do caminho.

Para minha sorte, foram poucos minutos de viagem até que chegamos a um restaurante que eu

amava. Após estacionar, ambos descemos e caminhamos para dentro dele.

Era muito estranho tê-lo novamente tão próximo de mim. Sentia vontade de abraçá-lo, beijá-lo e jamais deixá-lo ir. Era como se ele tivesse mais poder sobre mim do que antes.

Assim que entramos, vi um pouco de correria e Oliver, o dono do restaurante, surgiu da cozinha vindo até nós. É claro que ele não perderia a oportunidade de nos recepcionar pessoalmente.

— Sr. Ianto! É um grande prazer tê-lo em meu restaurante novamente! — falou cumprimentando-me.

Para minha sorte, Oliver e meus pais não se conheciam. Então dificilmente descobririam que eu sai com Eric naquela noite.

— Você sabe o quanto amo sua comida Oliver. Mas enfim, me deixe te apresentar Eric Pitz, já

deve ter ouvido falar dele.

— Claro que sim — ele apertou a mão de Eric que sorriu cordialmente. — Deixem que eu os leve até a nossa melhor mesa.

— Obrigado.

Acompanhamos Oliver até uma mesa ao lado de um grande aquário, cheio de peixes de todos os tipos e com vista para todo o restaurante.

— O que os senhores querem comer essa noite?

— Eu vou deixar que você decida Oliver, surpreenda-me — respondi.

— Vou querer o mesmo que trouxer para ele — Eric acrescentou.

— Podem deixar — Oliver falou sorridente e voltou para a cozinha.

Voltei a encarar Eric que não tirava seus olhos de mim; ele parecia tão fascinado quanto eu por

revê-lo.

— Sei que já disse isso por telefone, mas vou repetir, senti muito sua falta, Ianto — ressaltou.

— Também senti — revelei, ruborizado.

Ele sorriu satisfeito.

— Aconteceram coisas ruins conosco, mas você me marcou Ianto. Por mais que tentasse, jamais consegui deixar de pensar ou sonhar com você quase todas as noites.

— Foi tudo muito intenso...

Eric ficou em silêncio encarando-me nos olhos.

— Você está namorando? — ele perguntou hesitante.

— Não — respondi sem jeito. —, e você?

— Também não.

— Namorou alguém durante esse tempo? —

questionei curioso.

— Não consegui e você?

— Também não, mas hoje recebi um pedido de namoro — revelei e Eric pareceu surpreso.

— Posso saber quem é?

— Se chama Rafael. É meu melhor amigo.

— Você gosta dele? — ele questionou, mas antes que eu pudesse respondê-lo Oliver surgiu trazendo nossa comida.

— Aqui está — falou servindo os pratos; um garçom o acompanhou trazendo-nos um vinho — Sopa de camarão e nosso melhor vinho. Espero que gostem!

— Obrigado Oliver — falei sorrindo para ele e, em seguida, nos deixou a sós novamente.

Após ambos experimentarmos o prato, voltamos a nos encarar.

Nossos olhos pareciam atrair os do outro.

— Você não me respondeu. Você gosta desse Rafael? — Eric insistiu na pergunta.

— Gosto muito, mas nunca o tinha visto como algo além de amigo. Ele revelou seus sentimentos por mim hoje.

— Entendo... Já sabe o que responderá a ele?

— Ainda não, pedi um tempo para pensar.

— Fez certo. É uma decisão muito importante.

— E como vão os negócios? — mudei de assunto. — Presumo que estejam ótimos, afinal Sarnaut não para de crescer.

— Sem dúvidas, por isso estou aqui. Irei mudar de definitivo para cá — revelou.

Fiquei em silêncio, completamente surpreso.

— Não gostou de saber disso? — Eric me questionou.

— Não sei ainda.

— Como não sabe?

— A verdade é que eu estava prestes a aceitar o pedido de namoro de Rafael e tentar esquecer o passado. Mas, antes que pudesse fazer isso, você ligou e agora você morando aqui se tornará quase impossível esquecer tudo.

— Nós não precisamos esquecer Ianto. Cinco anos se passaram, acredito que nós amadurecemos bastante nesse tempo. E não vou mentir, eu quero você de volta em minha vida!

— Não sei se isso é uma boa ideia... — disse, sentindo-me desconfortável.

— As situações mudaram. Jamais faria algo semelhante ao que fiz quando te comprei; você tinha razão, não era justo. Por favor, Ianto, me dê mais uma chance. Não sou capaz de te esquecer — Eric insistiu pegando em minha mão.

— Preciso de tempo para pensar nisso também.

— Espero o tempo que for necessário por você.

Forcei um sorriso para Eric.

Isso era um pedido para retomarmos de onde paramos no passado. Mesmo que como ele dissera, as situações eram outras, era estranha a ideia. Eu estava prestes a tentar esquecê-lo novamente e agora ali estávamos nos abrindo um ao outro tão facilmente e loucos para nos beijarmos.

Era como se nada tivesse mudado em nossos sentimentos pelo outro em todo aquele tempo separados.

Terminamos de comer conversando a respeito de diversos assuntos. Assim como estava muito curioso para saber o que Eric fizera nos últimos anos, ele também estava a respeito de mim.

O fato era que ambos lutamos para esquecer

tudo e seguir adiante, mas era mais forte e intenso que nós. Talvez, impossível de esquecer e superar.

Aconteceram muitas coisas ruins com nós dois, mas o que sentíamos era muito forte e fora interrompido bruscamente. Eu tive que lutar com todas as minhas forças, a fim de conseguir deixa-lo, mas não me arrependia. Eu precisei me afastar dele e essa distância havia feito bem a mim e minha família.

Mas, agora tínhamos uma nova chance de tentar retomar as coisas de uma forma mais justa e parecia impossível de negar.

Quando terminamos de comer, tentei pagar a conta, mas Eric impediu-me dizendo que fazia questão disso. Senti-me um pouco desconfortável com isso, mas ignorei.

— E agora? — ele perguntou quando chegamos ao lado exterior do restaurante.

— Não sei... — respondi, encarando o céu estrelado.

— Você está com muitas dúvidas — Eric comentou.

— Sim, estou e não consigo evitar — disse, voltando a encara-lo. — Hoje acabou uma fase da minha vida, estou prestes a iniciar uma nova e quero muito voltar a ser feliz. Rafael me pediu em namoro e agora você retornou. Não sei o que faço Eric.

— Siga seu coração.

— Já fiz isso antes e as escolhas não foram muito boas.

— Mas agora você cresceu e amadureceu. O que adianta seguir o que sua mente disser, se você se sentirá incompleto? Eu sei que é isso que você sente, pois todos os dias também sinto esse vazio dentro de mim, como se faltasse algo muito

importante. E isso é você Ianto. Eu te amo! Sempre te amei e sempre irei. É apavorante falar isso, mas é a verdade.

Fiquei em silêncio segurando a vontade de chorar.

— Você ainda me ama, Ianto? — Eric questionou aproximando-se de mim.

— Sim, mas não queria; isso é assustador Eric! Independente de tudo que fiz para esquecer de você, meus sentimentos jamais sumiram ou enfraqueceram. É óbvio que ainda te amo — revelei e ele abriu um enorme sorriso.

— Então vamos retomar o que interrompemos cinco anos atrás.

— Preciso de um tempo — disse, afastando-me.

— Já disse que darei todo o tempo do mundo se necessário para que possa decidir.

PERIGOSAS

— Não estou falando disso — interrompi.

— Está falando do quê?

— Eu quero você de volta em minha vida, mas preciso de um tempo para organizar meus sentimentos, pensamentos e objetivos. Não quero que seja como foi antes, então faremos da forma correta dessa vez.

— E qual é essa forma? — Eric perguntou aproximando-se de mim novamente, pronto para me beijar.

— Vamos devagar — respondi empurrando-o — Acho que precisamos nos conhecer melhor agora que tanta coisa mudou. Ainda há muito daquele antigo Ianto em mim, mas teve coisas que tive que eliminar se quisesse seguir em frente. E também quero conhecer o Eric atual, pois o antigo fez coisas ruins comigo.

— Eu entendo. Você não quer retomar as

coisas, quer recomeçar.

— Exatamente, preciso que seja assim.

— Para mim está perfeito — Eric disse e eu sorri para ele.

Sabia que podia estar cometendo um grande erro, mas não me perdoaria se não tentasse. Eu ainda o amava demais.

— Precisarei conversar com Rafael e dizer que não podemos começar nada agora. Espero que ele não pire e se torne um Paulo.

— De fato — Eric concordou e ambos rimos.

Em seguida entramos em meu carro e assim que chegamos de volta ao seu hotel, ambos descemos para despedirmos.

— E quando sairemos de novo? — ele perguntou ansioso.

— Não sei, decidirei e te ligo — disse. —

Tenho muitas coisas para planejar agora que estou prestes a me tornar oficialmente um psicólogo.

— Posso ser seu primeiro paciente e consultar contigo todos os dias? — brincou.

— Não, seu bobo! — falei dando um soco fraco em seu ombro.

— Tudo bem, aguardarei sua ligação. Boa noite Ianto.

— Boa noite Eric.

Ambos ficamos ali parados encarando ao outro por alguns momentos, até que Eric não aguentou e avançou em minha direção.

Antes que eu pudesse recuar, ele trouxe seus lábios até os meus, fazendo-me estremecer por inteiro. Tentei empurrar, mas não tinha forças de impedir aquilo; eu queria.

Nossas línguas exploraram com calma e paixão

a boca do outro em um demorado beijo. Senti o gosto salgado de minhas lágrimas que teimaram em escorrer de meus olhos, enquanto beijava-o após tanto tempo. Como havia sentido falto daquilo!

— Você é louco? Alguém pode ter visto isso — falei assim que nos separamos.

— Não me importo mais, quero que o mundo todo saiba que te amo! — Eric disse acariciando meu rosto.

Sorri para ele e limpei minhas lágrimas.

— Mas tínhamos combinado de irmos devagar, recomeçar — protestei.

— Eu sei, mas se estamos recomeçando essa noite, isso quer dizer que foi nosso primeiro encontro e não há nada que me encante mais que um bom beijo de despedida.

Eu ri.

— Boa noite Eric.

— Até mais, Ianto.

35/17 Capítulo 01, por Ianto

Encarava o teto do meu quarto sem ainda acreditar que havia reencontrado Eric.

Fazia quase cinco anos desde a última vez que havia o visto ou ouvido sua voz e, agora, sequer fazia duas horas desde que nossas bocas voltaram a se unir. Ainda podia sentir o gosto de seus lábios nos meus, e meu corpo e mente ansiavam por mais.

A verdade era que ainda sentia sua falta e jamais o esqueceria.

Saber que ele sentia o mesmo fazia-me revirar sobre a cama, com um sorriso bobo estampado no rosto e sem conseguir dormir. Suspiros insistiam em escapar por meus lábios e meu coração batia de forma acelerada e descompassada. Queria vê-lo novamente o quanto antes. Na verdade, até mesmo

sentia medo de dormir, com o receio de que tudo que havíamos feito naquela noite pudesse desaparecer e, ao despertar, eu perceber que tudo não havia passado de um sonho.

Algo que minha mente realmente fantasiou durante muito tempo.

Agora que Eric estava na mesma cidade que eu, tínhamos uma chance de recomeçar. Dessa vez, da forma certa. Torcia apenas que eu não estivesse cometendo um erro em deixá-lo voltar a minha vida.

Naquela noite, demorei até conseguir adormecer.

Estava eufórico.

Acordei várias horas depois do horário que estava acostumado a levantar. Já era meio dia, o que significava que havia perdido o café da manhã que costumava fazer com minha família todos os

dias. Apesar de que meus pais passavam a maior parte do dia no restaurante, após tudo que havia acontecido conosco, não abriam a mão de estarem próximos de mim e meu irmão sempre que podiam. Sentia-me culpado por ter quebrado a rotina naquela manhã e então decidi que iria passar no restaurante para me desculpar mais tarde.

Após passar no banheiro e fazer minha higiene matinal, desci até o andar debaixo, ainda trajando meu pijama. Nossa nova casa não era tão luxuosa quanto a que podíamos pagar, já que não fazíamos questão disso, mas era imensamente maior do que a que morávamos em Alendor.

Eram dois andares. Na parte superior ficavam quatro quartos, um deles sendo de hóspedes e embaixo as salas – de estar e jantar – e a cozinha, que ficava ligada a área de serviço. Além disso, o jardim também era espaçoso, com direito a uma

piscina que usávamos com frequência, devido o calor corriqueiro em Sarnaut.

Sem dúvidas, estávamos vivendo um sonho, que só imaginaríamos conquistar em Alendor se fossemos muito tolos.

Devido a isso, muitas vezes me pegava pensando se tudo o que havia vivido com Eric e depois com Paulo, não havia valido a pena. Afinal, sem todo o dinheiro que consegui ao fugir e que Eric deu aos meus pais, talvez minha mãe não estivesse mais ao meu lado. E, certamente, estaríamos ainda controlando o quanto podíamos comer, para não faltar no dia seguinte.

"Há males que vem para o bem". Não é o que dizem?

Assim que cheguei à sala de jantar, encontrei meu irmão ajudando Hadassa a por a mesa. Ela era uma senhora de meia idade que havíamos

contratado assim que chegamos em Sarnaut — na época minha mãe não podia fazer grandes esforços — e que, agora, já havia se tornado da família. Era gordinha, com um pouco mais de um metro e meio e tinha cabelos encaracolados e volumosos.

— A noitada deve ter sido muito boa — meu irmão provocou, assim que sentei-me à mesa. O cheiro convidativo da comida fez minha barriga roncar.

— Você não imagina o quanto — comentei, já começando a me servir.

— Parece que nem dormiu menino, está com olheiras enormes. Está sentindo-se bem? Posso preparar algum chá — Hadassa perguntou, preocupada.

— Estou bem, não se preocupe. Apenas dormi tarde.

— Bem que seus pais suspeitaram disso,

quando não desceu para o café mais cedo. Tinha que ver, estão tão orgulhosos por você ter se formado.

— Mal consigo acreditar que consegui.

— Você mereceu Ianto, se esforçou bastante para isso. Não tenho dúvidas que se tornará um excelente profissional agora — sorri sem jeito para ela e comecei a comer. Meu irmão sentou-se de frente para mim.

— Ansioso para que chegue minha vez — Liam comentou sonhador.

— Vai com calma, não apresse as coisas. Aproveite toda a base de estudos que está tendo aqui em Sarnaut, que quando você começar será bem mais fácil para ti do que foi para mim no começo. Faculdade não é algo fácil e nem essas mil maravilhas que você imagina, mas, no final, vale a pena todo o esforço.

PERIGOSAS

Em Sarnaut as pessoas estudavam três anos a mais que em Alendor, já que o governo não estava com pressa em tornar os adolescentes em escravos das indústrias do país.

— Seu irmão tem toda razão — Hadassa concordou. — Enfim, preciso voltar para minhas tarefas. Qualquer coisa é só gritar.

— Não vai almoçar conosco?

Sempre fizemos questão de que Hada — como eu gostava de chamá-la — sentasse conosco para comer. No começo, ela estranhou isso, afinal em mais de vinte anos servindo diversas famílias nunca fora convidada, mas com nossa insistência, tornou-se algo normal.

— Estou sem fome, mas não se preocupem, mais tarde como algo. Agora, se não se importarem, vou voltar para a cozinha. Aquilo está uma bagunça!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Está tudo bem, vai lá — disse, servindo-me com um pouco de suco.

— Esteve com Rafael ontem? — meu irmão perguntou interessado, assim que Hada saiu. Balancei a cabeça em positivo. — Foi por isso que chegou tão tarde? Finalmente deu uma chance para ele?

— Pera aí, você sabia que ele ia se declarar para mim?

— Mas é claro, fui eu que o incentivei a fazer alguma coisa. Não sei quem é mais lerdo, você ou ele.

Revirei os olhos. Era obvio que Liam sabia o que Rafael sentia por mim. Desde o dia em que apresentei um ao outro, haviam se tornado grandes amigos.

— Eu adoro o Rafael, mas não tem como algo acontecer entre nós. Só consigo vê-lo como um

grande amigo, nada mais — disse, lembrando-me que ainda lhe devia a resposta para seu pedido de namoro, mas o fato era que, agora que Eric havia retornado, ele não tinha quaisquer chances de competir.

O melhor que eu podia fazer era não enrolá-lo e resolver isso naquele mesmo dia, para tentar não fazê-lo desistir dos planos que havíamos feito juntos. Ficaria muito chateado se ele voltasse atrás ao receber minha resposta.

— Você tem que deixar o passado para trás, Ianto. Eu sei que deve ser difícil para você voltar a se relacionar com alguém, depois de tudo que aquele homem te fez, mas já se passaram cinco anos. Rafael te ama muito e quer te fazer feliz, mais do que qualquer outra coisa. Tenho certeza disso! Você só precisa dar uma chance a ele.

— Eu já superei tudo que aconteceu Liam, mas

as coisas não são tão fáceis assim. Não se pode escolher quem amar.

Preocupava-me com sua reação e de meus pais quando descobrissem que Eric havia retornado. Precisaria ser muito cuidadoso na hora de revelar. Desde que havíamos mudado para Sarnaut, poucas foram às vezes que voltamos a falar sobre o que havia acontecido comigo. Provavelmente achavam que dessa forma seria mais fácil para eu se esquecer de tudo.

— Mas você—

— Chega — interrompi. — Já disse; eu e Rafael não vai rolar, desculpa.

Ele pareceu irritar-se ao ouvir aquilo, mas não disse mais nada e apenas voltou a comer. Também fiquei calado e pensativo enquanto terminava meu almoço. Talvez a melhor coisa que eu pudesse fazer era ocultar o que estava acontecendo, até ter certeza

que iria dar certo.

Assim que retornei para meu quarto, peguei meu celular sobre o criado mudo e vi que havia cinco ligações perdidas e uma nova mensagem. Tudo do mesmo número: o de Eric.

Meu coração acelerou e rapidamente abri a mensagem:

*De: **Eric**, às 12:23 pm*

Prometi a mim mesmo que iria com calma, para não parecer tão ansioso, mas é impossível cumprir isso. Já estou morrendo de saudades de você Ianto. Quero te ver de novo o quanto antes. Por favor, me retorna. Estou enlouquecendo sem ouvir sua voz.

Joguei-me sobre a cama encarando a tela do celular e um enorme sorriso bobo se formou em

meu rosto. Estava tão ansioso quanto ele para nos encontrar novamente.

35 17 Capítulo 02, por Eric

Estava saindo do banho quando ouvi meu celular tocar. Enrolei a toalha em torno da minha cintura e corri ansioso até o quarto. Assim que o peguei sobre a cama vi que, na tela de meu aparelho, o número de Ianto que era anunciado.

Meu coração acelerou no mesmo instante.

Atendi a ligação na sacada do hotel, onde eu podia ver logo adiante a praia e o mar, cheio de pessoas aproveitando o bom clima que fazia em Sarnaut naquele início de tarde. Até mesmo eu me sentia tentado a descer até lá.

— Alô — disse, após respirar fundo.

Eu parecia um adolescente apaixonado recebendo uma ligação de seu amado. Mas bem que

a única coisa que mudava dessa comparação, era que eu estava bem distante de ser um adolescente. Estava prestes a completar meu trigésimo aniversário e isso era um pouco assustador.

— Oi, sou eu — a voz tímida de Ianto chegou até meus ouvidos como se fosse música. Como era bom estar falando com ele novamente.

— Que bom que retornou minhas ligações. Estava com medo de você ter se arrependido de ter me dado uma nova chance.

— Não me arrependi — ele disse de imediato e houve uma breve pausa. Podia escutar sua respiração acelerada. — Eu quero isso tanto quanto você.

Abri um enorme sorriso ao ouvir aquilo.

— Você não tem noção do quanto fico feliz em saber disso. Quero te ver novamente, hoje, se possível. Por favor, pelos deuses, me diga que pode

sair comigo esta noite e me fará o homem mais feliz de Sarnaut — ele riu baixinho do outro lado da linha.

— Eu precisava fazer uma coisa, mas tudo bem, eu dou um jeito de adiar para que possamos sair hoje. Também quero muito vê-lo novamente.

— Ótimo! Quero muito te levar num local.

— Onde? — perguntou interessado.

— É uma surpresa.

— Eu preciso saber como devo estar vestido.

— Isso não importa, apenas esteja lindo, o que não é nada difícil para você.

— Tudo bem.

— Agora à tarde tenho uma reunião de negócios e logo em seguida pretendo comprar um carro, pois detesto depender de táxis, então posso buscá-lo assim que anoitecer.

— Não! — Ianto respondeu de imediato. — Eu passo no hotel, é melhor.

— Sim, claro, seus pais...

— Sim — ele disse e então ouvi uma outra voz ao fundo. Aguardei alguns segundos, até que Ianto voltou a falar. — À noite conversamos melhor, okay? Preciso desligar.

— Tudo bem, até mais tarde.

— Até depois — disse e desligou em seguida.

Antes que eu pudesse dizer um “te amo”.

Retornei para o quarto e sentei-me na cama pensativo. Eu estava animado e ansioso por finalmente rever Ianto, depois de tantos anos, mas precisava ir com mais calma. Nossa situação não era das mais simples e muita coisa havia mudado desde a última vez que nos vimos, antes dele fugir para Sarnaut. Precisava conhecer esse novo Ianto e

deixá-lo perceber que eu também havia mudado e, acima de tudo, que agora eu era capaz de fazê-lo feliz. De verdade.

Assim que vesti minhas roupas, pedi para a recepção do hotel que chamassem um táxi e parti em direção do prédio administrativo da Lauzon para encontrar Alex[1], o dono. Fazia algum tempo que não nos víamos — só falávamos por telefone ou e-mail.

Sua sala ficava no último andar e, ao passar por alguns de seus funcionários, pude notar certo burburinho e sussurros por causa da minha visita. Apesar de ser primeira vez que pisava os pés ali, eles claramente sabiam quem eu era. A secretária de Alex foi bastante simpática comigo e disse que Alex me aguardava.

Acompanhei-a de perto até uma sala espaçosa com portas de vidro e enormes janelas que davam

vista para o mar, atrás de uma enorme e luxuosa mesa onde se encontrava Alex sentado. Ele abriu um enorme sorriso ao me ver e veio até mim.

— Finalmente retornou à Sarnaut, Eric — ele apertou minha mão com certa força.

— Não imagina o quanto estou feliz por isso. Eu amo essa cidade!

Alex não havia mudado quase nada desde a última que o vira, um ano antes. Continuava sendo um homem muito bem cuidado para sua idade — 43 anos —, mas agora não estava tão encorpado quanto a última vez em que o vira e era perceptível que havia ganhado um pouco de barriga, por baixo do seu caríssimo terno risca de giz. Sua disposição para academia devia ter diminuído.

— Vamos sentar para conversar — ele disse e dispensou a secretária, que saiu fechando a porta atrás de nós.

— Seus funcionários pareciam bem interessados com minha visita — comentei.

— Mas é claro, eles já ouviram os rumores sobre sua empresa ter interesse em comprar a Lauzon, agora que estão abrindo uma sede em Sarnaut.

— Então quer dizer que você está considerando minha oferta? — perguntei, interessado.

— Talvez — ele recostou-se em sua cadeira, observando-me bem. — Mas não acha muito audacioso uma empresa fornecedora como a sua, querendo comprar o maior de seus clientes? Isso para mim soa como você querendo monopolizar todo o setor.

— Só quero dar um passo além. Acredito que as Empresas Pitz são capazes de produzir e, ao mesmo tempo, também vender seus produtos para os consumidores. E a empresa que você criou seria

perfeita para isso, ela é referência de qualidade pelos habitantes de Sarnaut.

— E dessa forma, vocês produzem mais, fornecem a si mesmos e vendem mais sua marca em comparação as dos concorrentes. Sem intermediários envolvidos e com toda a mão de obra barata que possuem, os lucros se tornam ainda mais monstruosos. Estou surpreso com você, Eric. Sempre achei que Paulo fosse a cabeça por trás dos investimentos da sua empresa, mas, pelo jeito, estava enganado.

— Paulo era bom no que fazia, mas não foi ele que reergueu a empresa da minha família — disse, com certo desdém.

— Mas é inegável que a empresa que ele fundou, após o rompimento da sociedade que vocês tinham, está crescendo rapidamente.

— Ele ficou com 1/3 das fábricas e levou

consigo alguns clientes importantes. Mas, mesmo assim, consegui recuperar todo o prejuízo durante esses últimos anos e ainda aumentar os lucros.

— Graças a mim, é claro.

— Sem dúvidas — disse de imediato. — Você sabe o quanto sou grato por ter permanecido conosco, após tudo.

— Não conseguia sentir confiança no que Paulo me dizia. Parecia que ele estava atuando o tempo todo, diferente de você, que demonstrou ser verdadeiro desde o início. Apesar de que não foi da melhor forma que descobri isso — comentou e eu ri.

— Desculpa por tê-lo dispensado. Você sabe que eu estava completamente apaixonado por outra pessoa na época.

— Sei sim. Pelo menos conseguiu esquecê-lo?

Balancei a cabeça em negativa.

— Na verdade, eu o reencontrei ontem, aqui em Sarnaut — revelei. — Iremos tentar mais uma vez. Acho que agora estamos mais preparados para lidar com o que é necessário, para que dê certo essa relação. Eu o amo muito, Alex.

— Bem, você sabe o que eu penso a respeito disso tudo, mas mesmo assim vou torcer que dê certo. Afinal, não quero vê-lo depressivo de novo e largando tudo aqui em Sarnaut, só por causa de um macho. Porque, se isso acontecer, vou ter que dar uma boa surra nesse cara.

— Obrigado — disse, segurando-me para não rir. — Também espero que dê certo dessa vez. Esperei por essa oportunidade durante muito tempo.

— Quando é que vou poder conhecê-lo? — perguntou interessado.

— Se tudo der certo, muito em breve.

— Vou ficar na expectativa, então.

****

Logo após sair do prédio da Lauzon, fui até uma loja de carros, onde comprei um automóvel do ano, capaz de suprir todas minhas necessidades. Mais uma vez optei na cor preta e nem preciso dizer que vendedor ficou muito contente quando ouviu que eu pagaria à vista, não é mesmo? Sai da loja já dirigindo o carro.

Só faltava conseguir um bom apartamento após isso.

Assim que retornei ao hotel, tomei outro banho e troquei de roupa para encontrar Ianto. Vesti um terno escuro. Faltava pouco para que anoitecesse e minhas expectativas para aquela noite eram altas.

Esperei ansioso até que, após cerca de meia

hora de espera sentado na varanda, meu celular tocou. Atendi imediatamente ao ver que era Ianto quem telefonava.

— Alô.

— Oi, já estou aqui em frente ao seu hotel — ele anunciou.

— Já estou indo — disse, saltando da cadeira.

Desci até o térreo apressadamente, eufórico.

Somente Ianto era capaz de me fazer sentir assim.

Quando o encontrei perto da entrada do Hotel, próximo a seu carro, fui até ele e ele logo me cumprimentar com um tímido “oi”, mas eu instintivamente me aproximei do seu corpo e o beijei. De início ele hesitou, mas logo entregou-se a meus lábios.

Seu beijo era único. Incomparável.

Uma senhora que passava por perto tropeçou observando-nos.

— Que bom que você veio — disse a ele, assim que separamos nossas bocas.

Ele deu um breve sorriso e afastou-se. Só então percebi que mais uma vez estava indo rápido demais, mas era muito difícil evitar ou ficar distante. Era como se seu corpo tivesse uma espécie de magnetismo para mim.

— Você disse que eu poderia me vestir a vontade, mas está todo elegante — Ianto comentou, observando-me. Vestia-se com um jeans escuro bem justo, uma camisa branca de um tecido leve e mocassins marrons.

— Você está lindo assim! E não se preocupe, logo vai entender que pouco importa a forma que se veste nesse local que irei levá-lo.

— Quero só ver. Estou muito curioso a respeito

disso.

— Então vamos logo, tenho certeza que irá adorar. Que tal irmos em meu carro novo? Estreia-lo de verdade? — propus, animado.

Ianto arregalou os olhos e em seguida desviou o rosto, ruborizado.

— Não dessa forma! — me corrigi rapidamente, quando percebi como havia soado aquilo. — Quer dizer, seria maravilhoso, é claro, mas não quero que seja assim.

— Tudo bem, eu que interpretei errado. Desculpe.

— Não precisa se desculpar Ianto. Eu concordei em ir devagar, para que possamos nos conhecer novamente. Eu que lhe devo desculpas por estar apressando algumas coisas. Prometo me controlar a partir de agora!

— Não! — ele disse, segurando meu braço e olhando-me nos olhos. — Eu gosto quando você me beija, não quero que pare de fazer isso.

Não disse nada. Apenas puxei Ianto para junto de meu corpo e beijei-o novamente. Podia sentir seu coração palpitar acelerado, a respiração ofegante em meu rosto. Era estranho pensar que finalmente eu não me importava mais que alguém visse uma cena como aquela.

Era maravilhoso não precisar esconder quem eu realmente era.

— Obrigado por isso — disse a ele, quando cessamos o beijo. — Agora vamos, já deve estar começando.

Ianto concordou com a cabeça e me acompanhou até meu carro recém-comprado.

Com a ajuda do GPS dirigi até nosso destino, em direção da Zona Sul da cidade. Foi uma viagem

de um pouco mais de 40 minutos e durante todo o caminho conversamos sobre coisas banais, com exceção de quando perguntei sobre o que faríamos a respeito de seus pais.

— Não quero que minha família saiba que você voltou — revelou. — Pelo menos, por enquanto.

— Eu entendo, vai ser difícil para que eles me perdoem por tudo que eu fiz com o filho deles. Eu mesmo até hoje não consegui me perdoar por todas as vezes que eu o machuquei, mas, você sabe que vai chegar um momento que será necessário que eles saibam. Não quero continuar escondendo nosso amor do resto do mundo.

— Eu sei, eu também não... — Ianto disse pensativo, com o olhar distante.

Peguei em sua mão, tomando cuidado para não tirar a atenção da estrada.

— Sei que não será fácil, como gostaríamos que

fosse, mas, se você não voltar atrás em sua decisão de me deixar voltar a sua vida, eu atravesso oceanos a nado para ficar ao seu lado, se necessário. Eu te amo como jamais serei capaz de amar outro alguém.

— Eu também te amo muito, Eric — ele apertou forte minha mão e então percebi as lágrimas descendo por seu rosto angelical. — E também farei de tudo para que possamos ficar juntos. Não sei se sou capaz de suportar perdê-lo novamente.

— Você não vai Ianto, eu prometo — disse, segurando-me para não chorar também. Queria mais do que tudo na vida poder cumprir aquela promessa.

****

— Pronto, chegamos — anunciei alguns minutos depois, parando o carro diante da Galeria

de Arte Contemporânea da cidade.

Ianto terminou de secar suas lágrimas e então começou a observar o exterior do carro um pouco surpreso. Sinalizei para que descêssemos do carro e, em seguida, entreguei as chaves para um manobrista que veio até nós.

Caminhamos em direção da entrada.

— O que está acontecendo aí dentro? — ele perguntou curioso, observando outras visitantes entrando naquele prédio antigo, recentemente restaurado e ainda mais bonito do que um dia já fora.

Como presumi, havia pessoas de todo o tipo ali. Alguns, como eu, vestindo-se formalmente e outros completamente casuais. Além de que uma boa porcentagem do pessoal era o povo “alternativo”. Não podia esperar menos.

— Logo você verá — disse e sinalizei para

entrarmos.

Assim que chegamos ao saguão principal e Ianto finalmente viu do que se tratava, demonstrou grande surpresa. Sorri satisfeito.

35 17 Capítulo 03, por Ianto

— Uma exposição de quadros? — perguntei a Eric.

Não entendia o que havia de especial naquilo.

— Não é uma simples exposição — ele respondeu animado. — Se trata de quadros feitos por Alben Lambertini e ele estará aqui essa noite. Isso não é incrível?

— Eu não o conheço... — comentei um pouco envergonhado.

Gostava de arte, mas durante os anos em que estudei em Alendor não me fora ensinado quase nada sobre o assunto. Isso significava que conhecia apenas meia dúzia de artistas e que provavelmente já estavam mortos.

— Não se preocupe, vai conhecer o trabalho dele essa noite e tenho certeza que vai amar, por isso o trouxe aqui. Vem cá — Eric me levou até um enorme quadro próximo a nós.

A pintura era o rosto inexpressivo de um homem de olhos fechados com uma espécie de mandala em sua testa que, por sua vez, era formada de cores vibrantes que transbordavam como luz pelo plano de fundo do quadro. Era como se as cores fossem palpáveis e o quadro tivesse vida própria.

— É lindo — disse encantado.

Nunca havia visto nada parecido antes.

— Sim, muito. Lambertini ficou famoso alguns anos atrás por seu estilo único, e acho que você agora consegue entender o motivo. Ele mesmo que produz as tintas que usa e o mais incrível de tudo é que alguns dos tons que ele utiliza, ele mesmo que

criou. Simplesmente um dos maiores artistas da atualidade.

— É, faz sentido sua animação.

— Vem ver os outros — Eric chamou e o segui de perto.

Um garçom passou por nós e ofereceu taças de espumante, aceitamos.

— Não quero nem imaginar o quanto custa um quadro desses — comentei, enquanto admirávamos a pintura de um peixe cintilante num oceano azul escuro e sem vida. A moldura era outro espetáculo a parte, cheia de ornamentos.

— Mais caro que meu carro, mas acho que vale a pena, até mesmo como investimento.

— Como assim?

Eric se aproximou de mim para falar mais baixo. O local estava cada vez mais cheio de

pessoas.

— Lambertini completou 70 anos e já não se encontra com tantas forças quanto antigamente para pintar. Está produzindo cada vez menos e pelos boatos sua saúde não está muito boa. Como deve saber, quando um artista morre, seus trabalhos se tornam ainda mais valiosos.

— Se eu pudesse gastar tanto com um quadro desses, jamais venderia.

— Eu também não — comentou e então fixou seu olhar para o canto do salão. — Acho que Alben chegou.

Percebi que ele só podia ter razão. Havia uma pequena aglomeração de pessoas em torno de algo ou alguém.

— Quer ir conhecê-lo? — Eric perguntou.

— Talvez depois que ficar mais calmo, prefiro

conhecer as outras obras dele antes.

— Tudo bem.

Continuamos olhando cada quadro, conforme a ordem em que foram postos na parede do salão. Aos poucos as pessoas voltaram a se espalhar.

Um dos garçons passou oferecendo aperitivos, peguei três de uma vez.

— Está com fome? — Eric perguntou e eu apenas concordei com a cabeça, já que estava com a boca cheia. — Não comeu nada antes de vir me encontrar?

— Você não disse aonde íamos, então imaginei que seria algum restaurante ou local que tivesse comida. Então, preferi não comer antes de sair de casa.

— Entendi. Que tal, então, irmos de fato comer algo depois daqui? Quanto mais tempo eu puder

passar contigo, melhor.

— Por mim está perfeito.

Eric sorriu para mim e um casal se aproximou de nós.

— Olha só quem encontramos aqui — o homem disse sorridente.

— Nolan, quanto tempo! — Eric disse e o cumprimentou. Em seguida deu um beijo no rosto da mulher loira. — Você está linda Ingrid.

— Digo o mesmo, o tempo fez muito bem para você.

— Nolan e Ingrid esse é Ianto, um... — Eric fez uma pequena pausa, pensativo. — amigo meu — disse por fim —. E Ianto, esses são Nolan e Ingrid, dois antigos colegas de faculdade.

— Prazer em conhecê-los — forcei um sorriso.

Observei durante alguns minutos eles

conversando animadamente sobre o passado e o que estavam fazendo da vida atualmente, o que inevitavelmente me fez sentir-me isolado da conversa e desconfortável.

Sem dizer nada, me afastei e voltei a olhar os quadros da exposição.

Um deles me chamou a atenção.

Na pintura, um pássaro estava dentro de uma gaiola dourada empoeirada em que a porta estava aberta, enquanto no cenário ao fundo outras aves voavam em um céu azulado e muito belo. O engraçado é que o pássaro dentro da gaiola parecia feliz, mas por quê? Quem gostaria de ficar preso ao invés de voar livremente?

— O que achou? — um senhor idoso ao meu lado perguntou, despertando-me.

— Não sei... — disse voltando a encarar a pintura. — Não entendo porque o pássaro não voa

junto com os outros. A gaiola está aberta, então pode ir embora.

— Isso é bem simples: ele não quer. A gaiola dourada parece mais bela e feliz para ele do que todas as outras possibilidades ao seu redor.

— Então ele é tolo — comentei.

— Não diria isso, diria que ele é apenas um pássaro apaixonado.

— Como assim?

— Quando eu pintei esse quadro decidi chamá-lo de “O Amor”. — ele disse e só então me dei conta que aquele senhor era Alben Lambertini. Eu realmente era lerdo. — Meu pai sempre me dizia algo que, durante muito tempo, não fez sentido para mim, mas que veio à tona na época em que pintei esse quadro: “Não se pode amar e ser livre ao mesmo tempo”.

— Não entendo... — comentei.

— Veja bem — ele encarou o quadro. — Você mesmo sinalizou que a porta da gaiola está aberta e o pássaro pode ir embora a qualquer momento. Mas como te respondi, ele não quer, pois está apaixonado. Apaixonado por essa gaiola dourada empoeirada que, para seu olhar distorcido pelo amor que sente, é muito mais bela que esse vasto céu azul e todas as possibilidades sobre sua cabeça. Então, apesar dele poder ir embora a qualquer momento e voar livremente, ele prefere ficar preso a ela, pois acredita que sua felicidade está ali.

— Então você acha que o amor é algo ruim? Que nos limita? — perguntei curioso.

— Oh, não, nunca disse isso querido — ele respondeu, voltando a olhar para mim. — Você me disse antes que o pássaro é um tolo por ficar preso à gaiola dourada, não é mesmo? Mas quem garante

que ele estaria mais feliz voando livremente distante dela? Às vezes temos que abrir mão de algumas coisas para ficar perto daqueles que amamos e só quem pode dizer se vale a pena ou não, somos nós mesmos.

— *"Não se pode amar e ser livre ao mesmo tempo".*

— Exatamente — ele abriu um sorriso sincero para mim. — Agora preciso ir, tenha uma boa noite.

— Obrigado por me explicar. Boa noite — disse e vi ele se afastar lentamente.

Suspirei fundo e voltei a observar o quadro.

Perguntei-me se não estava na mesma situação que aquele pássaro ao deixar Eric retornar a minha vida. E principalmente do quanto deveria abrir mão dessa vez para ficar ao seu lado.

****

Mais tarde, logo após fazermos nossos pedidos no restaurante, Eric fez a pergunta que eu sabia que em algum momento daquela noite ele ia me fazer:

— O que você ia fazer essa noite, antes de eu chamá-lo para sair?

— Primeiramente ir ver meus pais no restaurante e depois ir até a casa de Rafael.

— Por quê? — ele pareceu incomodado.

— Eu ainda tenho uma resposta para dar a ele, lembra?

— Eu sei, mas você podia simplesmente ligar.

— Não somos simples conhecidos, Eric. Eu e Rafael somos grandes amigos e simplesmente não queria deixá-lo esperando por mais tempo por uma resposta que, no fim, não é positiva.

— Tudo bem, eu entendo — ele disse e fez uma

pausa, assim que um garçom trouxe nossos pedidos e nos serviu. Voltou a falar assim que ele se afastou — Só acho que você deve ser bem claro ao respondê-lo, para que ele não pense que tem chances para tentar novamente.

— Eu sei, preocupo-me bastante com isso, até mesmo por conta da nossa sociedade — disse e Eric parou seu garfo com comida no ar, encarando-me surpreso.

— Você disse sociedade? Como assim?

— Estamos planejando faz uns dois anos em abrir um consultório juntos. Não queríamos nos afastar após a graduação — respondi, já arrependido de ter mencionado aquele assunto.

— Imagino bem o motivo dele não querer ficar longe de você — Eric foi irônico.

— Para com isso! Eu disse antes e volto a repetir: eu e Rafael somos grandes amigos. Saber o

que ele sentia por mim foi um pouco chocante, mas isso não muda o fato de que também não quero me afastar dele. Ele me ajudou mais do que qualquer um dentro da faculdade, foi alguém que sempre esteve ao meu lado e eu confio muito.

— Não tem como isso dar certo, Ianto! Ele se declarou para você e você quer que as coisas continuem normais entre os dois, trabalhando juntos todos os dias?

— Bem, espero que sim. Pois, se Rafael estiver disposto a continuar com nossos planos apesar da minha resposta para seu pedido, eu também estou.

— Esquece isso Ianto, eu pago para você um consultório. Pode escolher o melhor arquiteto e bairro da cidade! Não me importo.

— Não se trata de dinheiro Eric! — disse ofendido. — Eu posso pagar meu próprio consultório e tenho o direito de decidir com quem

eu quero ou não trabalhar. Se você pensa que pode me comprar novamente, não deveria ter voltado! — levantei-me bruscamente e ele fez o mesmo.

— Espera! — ele segurou meu braço. — Desculpa, não foi isso que quis fazer, eu juro. Apenas fiquei com ciúmes, mas você tem razão, não tenho o direito de te impedir de fazer suas escolhas. Não sou mais seu dono e nem quero voltar a ser. Quero ser alguém em quem você pode confiar e que sempre estará ao seu lado para proteger, apoiar e dar amor.

— Como um amigo? — ironizei, lembrando-o da forma que me apresentou aos seus antigos colegas mais cedo.

— Não! — Eric pareceu surpreso. — Eu só disse que você era um amigo, pois achei que você queria que fosse assim. Tive medo de apressar as coisas se dissesse que você é meu namorado,

companheiro ou o que for. Ficamos separados cinco anos Ianto! Não sei como agir ainda, principalmente agora que não precisamos nos esconder da maioria das pessoas.

— Tudo bem, acho que nem eu sei — disse, soltando meu braço. — Preciso ir embora, vou chamar um táxi e ir pegar meu carro na frente do hotel. Preciso de um tempo para pensar. Acho que quem agiu apressadamente fui eu, ao não considerar tudo que ia mudar na minha vida com seu retorno. Essa noite percebi que preciso pesar tudo isso e ver se vale a pena.

— Por favor, não vai embora Ianto — Eric implorou. — Você disse que estava com fome! Vamos voltar a comer e depois conversamos mais tranquilamente sobre tudo isso. Eu sei que agi errado, mas juro que não quero voltar a te controlar. Eu te amo e quero somente poder estar ao seu lado!

Me diga o que eu preciso fazer e eu farei.

Balancei a cabeça em negativa, sentindo meu peito doer.

— Eu não preciso que você faça nada agora Eric, apenas preciso ficar sozinho para pensar. Eu te ligo, okay? — disse, virando-me.

— Deixa eu te levar para o hotel, pelo menos!

— Não precisa — recusei e deixei o restaurante sem olhar para trás.

35/17 Capítulo 04, por Eric

Tentei ligar para Ianto diversas vezes no passar dos dias, mas ele se recusava a atender. Todas as mensagens enviadas também foram ignoradas. Já fazia uma semana desde a última vez que havíamos nos falado e eu estava quase pirando.

Tentei ser forte e não chorar, mas estava cada vez mais difícil suportar. A letra de uma música que gostava muito me vinha à mente todas as noites, enquanto vigiava meu celular esperançoso, aguardando a ligação prometida. Começava assim:

"Toda vez que toca o telefone

Eu penso que é você

Toda noite de insônia

Eu penso em te escrever

PERIGOSAS

Pra dizer que o teu silêncio me agride” [2]

E era exatamente assim que me sentia.

Sentia muito medo de Ianto desistir da chance que havia me dado e parasse de falar comigo. Não sabia como iria ficar se o perdesse outra vez. Havia sobrevivido aqueles cinco últimos anos repetindo a mim mesmo que um dia, quando as condições fossem mais favoráveis, ficaríamos juntos de novo.

Não podia acreditar que havia sido tão burro em ter proposto pagar seu consultório, somente para que ele não trabalhasse junto de Rafael. É claro que ele interpretaria tudo da pior forma.

Sentia vontade de ir até sua casa e implorar mais uma vez que ele me desculpasse, mas somente pioraria as coisas se o fizesse. Seus pais iriam querer me matar assim que me vissem e não os culpava por isso.

NACIONAIS - ACHERON

O jeito era esperar até que Ianto quisesse falar comigo novamente e torcia que fosse o quanto antes.

Com a ajuda de um corretor de imóveis amigo de Alex, havia conseguido um excelente apartamento e pude sair do hotel. Era próximo à região central da cidade e era muito bonito e espaçoso — um duplex com cobertura. Possuía também uma vista espetacular da cidade: de um lado a praia e do outro o centro. A decoração ficou com um profissional da área, que fez um excelente e rápido trabalho.

Finalmente estava começando a me sentir em casa.

Só faltava Ianto comigo.

Os escritórios da nova sede das Empresas Pitz também haviam sido colocados para funcionar e já havia alguns funcionários — metade da quantidade

necessária — trabalhando. Isso significava que, infelizmente, meus dias de folga haviam se acabado.

Precisava trabalhar mais do que nunca para atingir meus objetivos.

Não gostava de admitir, mas Paulo estava fazendo um excelente trabalho em sua empresa e isso me incomodava muito. A mídia, após nosso rompimento sem grandes explicações, colocou-nos como adversários do ramo e diversos boatos surgiram a respeito da nossa súbita inimizade.

Claro, ainda não representavam a metade do capital das Empresas Pitz, mas era inevitável não sentir intimidado pelo crescimento acelerado das Empresas Latron, que havia conseguido apoio de alguns grandes investidores. Era só questão de tempo até conseguirem bater de frente conosco.

Mas se Alex concordasse em vender sua

empresa para nós, conseguiria uma grande vantagem nessa batalha. Vantagem suficiente para nos colocar em outro patamar.

Mais cedo naquele dia, ele me chamou para jantar em sua casa. Disse que ele mesmo prepararia a comida e me garantiu que era ótimo nisso. Aceitei sem pensar duas vezes, afinal ia aproveitar toda e qualquer oportunidade que tivesse para tentar persuadi-lo. Nessas horas detestava não ser tão persuasivo quanto Paulo, mas faria meu melhor, desde que não fosse necessário deitar-me com Alex.

— Você parece abatido Eric — ele comentou, enquanto terminava de preparar seu assado ao molho de vinho. Havia chegado um pouco antes do horário combinado.

— Impressão sua.

— Não me enrole — ele virou-se para mim e

me encarou nos olhos desconfiado. Eu estava sentado à mesa e bebendo um pouco do delicioso vinho tinto que ele estava usando para cozinhar. — Tem haver com o carinha que você gosta?

Suspirei fundo. Talvez fizesse bem desabafar com alguém.

— Sim, ele mesmo — confessei. — Eu esperei cinco anos para poder ter outra oportunidade para ficar com ele, para no fim, estragar tudo em menos de 48 horas depois de revê-lo. Eu sou um idiota!

— Não me diga que ele já deu um chute na sua bunda? — Alex desligou o fogo e então voltou a prestar atenção em mim. O cheiro que as panelas exalavam era de dar água na boca.

— Não, quer dizer, não sei... Ele pediu um tempo para pensar e já faz uma semana que não me dá qualquer notícia. Estou quase enlouquecendo.

— Vai atrás dele, ué.

— Não posso. É complicado.

— Sei... — disse desconfiado. — O que de tão ruim que você fez?

— Eu o magoei com algo que disse, mas não foi minha intenção sabe? Eu pedi desculpas, mas ele ficou ofendido. Queria poder consertar tudo isso e mostrar para Ianto que eu mudei de verdade.

— Então ele se chama Ianto? — Alex provocou. Eu ri ao perceber que havia deixado escapar. — Sabe, essa coisa de dar uma segunda chance para o amor é algo complicado. Pois sempre vai haver o receio de uma das pessoas que o outro repita os mesmos erros e, assim, seja machucado novamente. Se você quer que esse Ianto perceba que você mudou, não pode apenas dizer da boca pra fora que mudou, tem que mostrar a ele.

— Acho que você tem razão — disse pensativo. — Mas para isso, preciso que ele me perdoe.

— Tente ser um pouco otimista, se quer tanto assim.

— Eu quero mais do que qualquer coisa — murmurei.

— Então pronto. Agora faça o favor de me ajudar aqui a levar a comida até a sala de jantar, pois eu estou FA-MIN-TO.

— Achei que nunca fosse chamar — brinquei, levantando-me.

Com cuidado levamos a comida até a sala de jantar. Como lá havia grandes janelas que davam para o jardim. Fazia muito calor na cidade, como era de praxe, mas também um abafamento que só podia significar chuva.

Quando finalmente terminamos de por a mesa, começamos a comer.

— Isso está maravilhoso, Alex! — elogiei, após

experimentar o assado.

— Então aproveite, pois não sou de ficar cozinhando não. Hoje que fiz uma exceção.

— Também come em restaurantes durante a semana?

— Às vezes. Prefiro vir para casa e comer a comida que Annalise prepara. Ela é cozinheira de mão cheia, dá de 10 a zero em mim.

— É sua empregada? — perguntei e ele confirmou com a cabeça. — Ela não está trabalhando essa noite?

— Não, dei folga para que ficasse com a filha.

— Entendi... — disse pensativo. — Não sente-se sozinho, às vezes? É uma casa muito grande para uma pessoa só morar.

Alex havia perdido seus pais dez anos antes, num intervalo de seis meses entre um e outro. Era

filho único e até onde sabia, não tinha relações próximas com seus outros parentes, que viviam no interior do país e tinham seus próprios negócios.

— Claro que me sinto Eric, as pessoas não foram feitas para ficarem sozinhas.

— E mesmo assim optou em não se envolver com mais ninguém...

— É mais fácil lidar com a solidão do que com o abandono — disse entre goles do seu vinho. — Ter algo e depois perder é horrível, você sabe bem disso. Por isso que não me deixo mais me envolver demais com as pessoas. Quando colocamos expectativas nelas, em algum momento, inevitavelmente, vão nos decepcionar. É da natureza humana.

— Eu entendo seu receio Alex, mas não acho que a solução seja privar-se de viver essas coisas...

— Veja bem, eu não me privo de viver, muito

pelo contrário. Você sabe que aproveito bem. Viajo muito, como nos melhores restaurantes e fodo com caras super gostosos, que fazem tudo que eu peço e depois pegam seu dinheiro e vão embora. Assim eu evito estresses e aquele sentimento que tem mais chances de me fazer sofrer, do que feliz. Bem melhor.

— Eu também tenho medo de ser abandonado novamente, mas não consigo fazer isso que você faz. Eu não quero vários homens para me dar prazer e depois descartar. Eu quero algo especial, sabe? Alguém que fique ao meu lado e me complete. Eu quero o Ianto.

Alex ficou calado alguns momentos, pensativo.

— Eu normalmente sou pessimista quando se trata desses assuntos, mas vou torcer por você Eric. Vou torcer que ele te perdoe e possam ficar juntos, pois de algo tenho certeza. Esse Ianto será muito

burro em não ficar com alguém que o ama tanto quanto você o ama. Devo assumir que sinto até um pouco de inveja dele.

Eu ri.

— Obrigado amigo — disse forçando um sorriso.

Queria muito que Ianto pensasse da mesma forma.

****

Como havia previsto, um pouco antes de sair da casa de Alex começou a chover na cidade. Dirigi até meu apartamento com cuidado e assim que cheguei, joguei-me sobre o sofá da sala e observei durante alguns minutos, através da janela, o cenário lá fora.

Quando, para minha surpresa — e felicidade —, meu celular tocou.

Assim que vi que era Ianto, meu coração acelerou e atendi antes mesmo de tocar uma segunda vez. Endireitei-me no sofá, ansioso.

— Ianto?

— Oi... — sua voz surgiu tímida. — Desculpa sumir, tive muitas coisas para pensar.

— Está tudo bem, eu entendo. Mas senti muito sua falta!

— Eu também... Podemos conversar?

— Claro, pode falar.

— Não por telefone, pessoalmente.

— Mas é claro que sim. Quando?

— Hoje, não quero adiar mais essa conversa — ele soou sério.

— Por mim está perfeito hoje! — disse de imediato.

— Ainda está no hotel?

— Não, já consegui um apartamento, vou te mandar o endereço por mensagem. Pode vir a qualquer momento que estarei te esperando.

— Então até daqui a pouco.

— Até mais — disse e então ele desligou.

Encarei meu celular e um súbito medo tomou conta de mim.

E se ele pedisse para eu desaparecer de sua vida novamente?

Capítulo 05, por Ianto

Não consegui de jeito algum aquietar meus pensamentos, enquanto dirigia até o endereço que Eric havia me passado. Meu nervosismo era enorme. Sentia vontade de desistir e dar meia volta, mas isso não resolveria nada.

Precisava dizer o que havia decidido.

E mais importante: ser forte para o que viria pela frente.

Assim que cheguei diante do prédio informado no endereço e constatei que era ele mesmo, estacionei o carro em um espaço livre na rua à frente e corri pela chuva até a entrada. Toquei no interfone o último botão, que era o de Eric.

— Sou eu, Ianto — disse, assim que ele

atendeu. Percebi que havia uma câmera acima de mim e ele provavelmente estava me vendo.

— Vou liberar a porta — ele informou e, em seguida, a porta fez um pequeno barulho e consegui empurra-la.

Assim que entrei no luxuoso prédio, vi um senhor de meia idade na portaria ao lado da porta, lendo um livro que parecia ser um daqueles romances policiais de banca. Ele endireitou-se assim que me notou.

— Boa noite. Precisa de ajuda?

— Vim visitar Eric Pitz — respondi, tirando algumas mechas molhadas de meu cabelo do rosto.

— Último andar, só pegar o elevador.

— Obrigado — forcei um sorriso e dirigi-me até o elevador.

Enquanto subia, notei que minhas mãos

tremiam e o coração quase saltava do peito. Somente Eric era capaz de me causar isso.

Quando as portas finalmente se abriram, encontrei Eric diante do elevador em um pequeno corredor. Ele parecia tão ansioso quanto eu.

— Oi — disse timidamente indo até ele.

— Oi Ianto — ele me encarou nos olhos, como se buscasse alguma dica do que eu havia decidido. Notei ainda que ele tinha receio de se aproximar de mim.

— Podemos entrar? — pedi.

— É claro — concordou e me sinalizou para acompanhá-lo até a única porta dupla que havia ali.

— É lindo — disse, assim que entrei.

O apartamento era enorme e ainda mais luxuoso que o antigo de Eric.

— Obrigado. Você está molhado, me deixe

buscar uma toalha para você!

— Não precisa, vamos ao que realmente importa. Sei que deve estar ansioso para isso e, como disse, não quero enrolar mais.

— Tudo bem, vamos até os sofás — Eric sugeriu e concordei com a cabeça.

Sentamos diante de grandes janelas que davam visão para o iluminado centro da cidade, em meio à chuva. Ele sentou-se ao meu lado, mas virado para mim.

— Quando você quiser falar, estou pronto — ele disse tentando soar calmo, mas seu nervosismo era visível e não o culpava. Havia o deixado sem notícias durante uma semana.

Nem mesmo eu sabia como havia sido tão forte para ignorar suas ligações e mensagens, quando a todo o momento sentia vontade de ir correndo até ele. Mas ficava feliz por ter feito isso, pois

finalmente havia conseguido colocar minha cabeça no lugar e decidir o que era o melhor para mim.

— Novamente, me desculpe por ter ficado sem atendê-lo ou responder — comecei a falar. — Eu queria muito, mas precisava parar de agir por impulso e pensar em tudo isso que está acontecendo conosco.

— Esquece isso, não importa mais. O que realmente importa nesse momento, é você me dizer o que decidiu depois de todo esse tempo que tirou para pensar.

Eu respirei fundo, encarando a cidade à nossa frente. Como era difícil dizer tudo aquilo que precisava ser dito. Eric inquietou-se e insistiu:

— Por favor, Ianto, me diga logo! Todo esse suspense está me torturando. O que você quer?

— Eu quero você! — disse finalmente, voltando a encara-lo nos olhos.

Ele primeiro demonstrou surpresa e, em seguida, suspirou aliviado. Ele esperava pelo pior.

— Eu também quero muito você! — Eric disse e então tentou se aproximar de mim, mas impedi empurrando-o de volta.

Ele me encarou confuso.

— Calma, eu ainda não acabei — informei.

— Tudo bem, desculpa. Pode continuar.

— Como estava dizendo — voltei a falar. —, eu quero você Eric. Por mais que eu tente lutar contra o que sinto, é impossível mudar isso. Por isso decidi que eu quero sim continuar saindo com você, mas para isso, quero que seja realmente diferente. Eu não sou mais aquele garoto de 17 anos sobre o qual você tinha total poder. Eu sou um homem adulto agora, tenho uma vida que vai além de nossa relação e acima de tudo, sou livre como sempre devia ter sido. Eu não aceito que você tente me

comprar novamente, esse tempo acabou. E se você não é capaz de perceber isso, desculpa, mas eu não quero você na minha vida. Vai ser menos doloroso do que ser tratado novamente como uma propriedade.

— Eu não quero que você seja uma propriedade minha, Ianto — Eric pegou minha mão e encarou-me profundamente nos olhos. Havia verdade neles. — Eu quero que você seja meu companheiro. Alguém com quem eu possa dividir meus sonhos, amor e momentos felizes. Eu sei que errei e peço que me perdoe, fui movido por um ciúme irracional e prometo nunca mais repetir. Eu confio em você e quero te mostrar que eu também mudei, que não sou mais aquele homem que te controlava. Então, por favor, me dê mais uma chance. Também não consigo mudar o que sinto por você. Eu te amo mais do que tudo, Ianto!

— Eu também te amo — disse começando a chorar e me inclinei para beijar seus lábios. Pude sentir o gosto salgado de minhas lágrimas e logo em seguida afastei nossas bocas, mantendo minha testa colada a sua. — Eu vou te dar uma nova chance, mas se você me machucar novamente, não perdoarei.

— Eu não vou, prometo — Eric disse, limpando minhas lágrimas.

Naquele momento eu estava entregando completamente meu coração a Eric e temia o fato de que, a qualquer momento, ele podia ser amassado. Esperava não estar cometendo o pior erro da minha vida.

Depois disso ficamos durante vários minutos abraçados, com Eric me envolvendo em seus braços e me fazendo sentir protegido. Não falamos nada durante aqueles momentos, pois nenhum de

nós queria soltar o outro.

Podia sentir as batidas de seu coração e isso me acalmava.

Um pouco depois, Eric se afastou de mim e voltou a me olhar nos olhos. Seu semblante também aparentava estar mais calmo e feliz.

— Como faremos agora? — ele perguntou para mim.

— Vamos continuar nos vendo sem que minha família saiba. Vai chegar o momento que precisaremos contar, mas ainda não é a hora. Precisarei encontrar uma boa desculpa para todas as minhas saídas noturnas, já que em breve começarei a trabalhar durante o dia atendendo pacientes, mas não será um problema. Tentarei achar uma forma de prepara-los para o choque.

— Sim, é o melhor por enquanto — Eric concordou. — E quanto ao Rafael, já conversou

com ele? — havia receio em sua pergunta.

— Sim, conversei — revelei.

— E como foi?

— Ele se chateou com minha resposta para seu pedido, é claro, mas vai ficar bem. Ele entendeu que não consigo vê-lo como mais que um amigo.

— Que bom. Mas e quanto ao projeto que vocês tinham de trabalhar juntos? Vai acontecer mesmo assim?

— Sim, nenhum de nós queria voltar atrás. Então, dentro de alguns dias começaremos a ver local e tudo que precisamos.

— Se precisarem de um bom corretor, conheci um ótimo — ofereceu.

— Obrigado — disse surpreso.

Eric realmente parecia estar bem com aquilo.

— Está com fome? — ele perguntou alisando

meu braço. — Não sei se jantou, se quiser podemos pedir algo pelo telefone.

— Eu comi, não se preocupe.

— Tudo bem então — Eric me encarou pensativo. Alguns momentos depois sinalizei para que ele dissesse o que estava pensando. — Vai passar essa noite comigo? — perguntou manhoso, por fim.

— Não sei — disse receoso.

— Tá tudo bem, não quero forçar a barra.

— Não é isso, apenas não quero preocupar meus pais.

— Você não disse antes que agora é um homem adulto? — Eric provocou e eu ri.

— Tem razão, está na hora de eu me libertar deles também. Passarei essa noite com você.

— Sério? — ele perguntou surpreso.

PERIGOSAS

— Sério.

Eric jogou-se sobre mim feliz e me beijou calorosamente.

Mais tarde, naquela noite, após ficarmos durante horas conversando abraçados no sofá, Eric sugeriu irmos para o quarto. Concordei, já passava das três da madrugada e a chuva já havia se dissipado lá fora.

Acompanhei Eric de perto segurando sua mão até o quarto, que ficava no andar de cima. Quando chegamos lá, surpreendi-me.

Era enorme e muito bem decorado. Havia uma porta de vidro ao lado do banheiro que dava para um closet; uma televisão moderna na parede também decorada com quadros lindos e uma cama king size, próxima a uma porta que dava para a sacada do quarto. Sem dúvidas, um ambiente muito

confortável.

— O que achou? — Eric perguntou.

— Amei — disse e, em seguida, me joguei sobre a cama macia, ficando de barriga para cima. Ele riu e então subiu encima de mim.

Eric me encarou profundamente nos olhos e em seguida beijou meus lábios lentamente, como se estivesse deliciando-se com cada sensação e, em seguida, finalizou com uma leve mordida que me fez arrepiar por inteiro.

Ele deslizou seu nariz por meu pescoço, cheirando com vontade minha pele por todo o percurso e em seguida parou em minha orelha, onde sussurrou com sua voz grossa um “eu te amo”.

— Eu também te amo, Eric — disse, sentindo-o acariciar meu rosto carinhosamente.

Após sorrir satisfeito com o que havia ouvido de mim, ele voltou a me beijar e então deslizou sua mão por meu corpo. Rapidamente senti uma ereção se formar dentro de suas calças. Como era grande. Não disse nada e apenas continuei a retribuir as investidas de sua boca. Estava delicioso.

Podia beijá-lo para sempre e jamais cansaria.

Pouco tempo depois, Eric passou sua mão por baixo da minha camisa e alisou minha barriga lentamente, enquanto descia seus beijos por meu pescoço. Senti de repente, vontade de levantar, mas ele era pesado e não consegui me mover.

Disse para mim mesmo para me acalmar. Eram só beijos, não é mesmo?

Pelo menos era o que eu queria que fossem.

Pois quando senti Eric levar suas mãos por baixo dos meus quadris e apalpar com desejo minha bunda e sussurrar palavras safadas sobre o

quanto sentia saudades de meu corpo, imediatamente entrei em pânico.

Eu não queria fazer aquilo!

Não queria!

Tentei empurra-lo para longe de mim, mas foi inútil. Eric percebeu minha tentativa, mas soltou uma breve risada, provavelmente achando que fosse apenas uma brincadeira de minha parte para provoca-lo e continuou.

Por fim, como última alternativa, acabei entrando em desespero e gritei:

— SAI DE CIMA DE MIM!

Ele imediatamente pulou para fora da cama assustado e me encarou confuso.

Sentei-me encolhido na cama e abracei meus joelhos contra meu peito, enquanto sentia meu coração batendo tão forte que chegava a doer. Todo

meu corpo tremia. Eu havia sido muito burro em achar que ele só queira me beijar.

Eric era homem e tinha suas necessidades.

— O que foi? Estou indo rápido demais? — ele perguntou sem entender nada.

Balancei a cabeça confirmando e Eric se aproximou de mim.

Recuei com medo.

— Qual é o problema Ianto? Eu fiz alguma coisa errada? Era só ter me dito que era para irmos com calma, que eu entenderia.

Encarei seu rosto e em seguida cai no choro, me sentindo um idiota. Não devia ter concordado em dormir com ele naquela noite.

— Ianto — Eric segurou meus ombros, preocupado. — Me diz o que aconteceu! Eu te machuquei?

— Desculpa — murmurei entre lágrimas.

— Te desculpar pelo que? Por que está chorando?

— Eu não consigo. Achei que conseguiria após tanto tempo, mas estava enganado!

— O que você não consegue Ianto?

— Fazer amor contigo — respondi envergonhado.

— O quê? Como assim? — Eric estava completamente confuso.

Intensifiquei o choro e simplesmente não consegui responder.

— Por favor, Ianto, me diz o que está acontecendo! — ele implorou.

— Eu não consegui esquecer das coisas ruins que Paulo fez comigo; da forma que ele me forçava a fazer sexo com ele e como sentia prazer ao me

ver com dor. Tenho medo de que me machuquem novamente — revelei, por fim.

Eric me encarou atônito e em seguida vi seus olhos encherem-se de ódio.

— EU DEVIA TER MATADO AQUELE MALDITO! — gritou, levantando-se da cama.

Ele andou de um lado para o outro do quarto até que, de repente, socou a porta de vidro do closet, que quebrou-se em pedaços. Levantei num pulo assustado.

— Pare com isso Eric, você vai se machucar! — implorei indo até ele.

Peguei sua mão e vi que, de fato, estava sangrando.

— Você tem razão, quem tem que sangrar é ele — ele puxou sua mão.

— Não fale besteiras, isso não vai mudar o que

aconteceu! — disse, sem conseguir parar de chorar e tremer.

— Mas pelo menos ele vai ter o que merece!

— Não Eric, eu não quero que você faça isso! Esse assunto acabou cinco anos atrás, por favor, não faça nada que possa te colocar em perigo!

Ele respirou fundo pensativo, tentando se acalmar e eu esperei calado.

— Por que você não me disse antes que sentia-se assim? — perguntou confuso.

— Porque eu achei que estava bem, que eu havia conseguido superar tudo isso. Eu até mesmo senti desejo por você! Mas quando você me tocou daquela forma na cama e eu não consegui te afastar, entrei em pânico. Foi automático.

— Eu jamais o forçaria a nada Ianto, você sabe que eu te amo.

— Eu sei, por isso estou me sentindo um idiota em não ser capaz de me entregar a você! Agora que você sabe que não será capaz de fazer sexo comigo, não vai me querer mais — disse envergonhado.

— Pare! — ele segurou meu rosto e me fez encarar seus olhos. — Sexo não é nada comparado ao amor que eu sinto por você, eu jamais vou te abandonar por um motivo desses ou qualquer outro. E pare de achar que você é um idiota por se sentir assim, você foi vítima de um bastardo maldito! Eu prometo que vou fazer de tudo para te ajudar a superar isso Ianto. TUDO!

— Obrigado — abracei-o forte e ele retribuiu, apertando-me ainda mais forte.

Sentia raiva por não ter sido capaz de superar os abusos que havia sofrido, mas estava feliz em saber que Eric não me abandonaria por causa disso. De uma coisa eu tinha certeza: também faria tudo que

fosse possível para conseguir me entregar ao homem que eu amava. Não ia permitir que Paulo continuasse afetando minha vida.

Tentei convencer Eric a ir ao hospital para ver seu corte, mas ele não queria de jeito algum. Disse que não sentia dor e estava bem. Então, após tirar os pequenos pedaços de vidro que haviam ficado em sua mão e lavar bem, enfaixei para ele.

Logo após isso, nos deitamos com Eric me abraçando de conchinha e assim adormeci. Sentindo-me protegido pelo amor da minha vida.

35/17 Capítulo 06, por Eric

Acordei um pouco antes que Ianto e aproveitei para ficar observando-o dormir.

Era a primeira vez que dormirmos juntos após cinco anos separados. Meu garoto havia se tornado um homem lindo, era injusto que ainda carregasse marcas e traumas do passado em si. Arrependia-me completamente em ter sido moralista e deixado Paulo sair impune, quando podia ter acabado com ele com minhas próprias mãos — ou dinheiro.

Não sabia se conseguiria controlar-me na próxima que o visse na minha frente.

Precisava encontrar meios de ajudar Ianto a superar tudo isso. Claro que estava chateado por não poder toca-lo da forma que eu tanto desejava, mas acima de tudo, preocupava-me com sua

felicidade e bem estar. Queria um Ianto curado.

Levantei-me cuidadosamente da cama, sem fazer barulhos ou movimentos que pudessem acordá-lo e, após passar no banheiro para fazer minha higiene matinal, fui até a cozinha, onde preparei um caprichado café da manhã para ele.

E, é claro, levei para que pudesse comer na cama.

Assim que voltei para o quarto, para minha surpresa, ele já estava acordado e encarava o teto pensativo. Aproximei-me e então ele notou minha presença.

— Trouxe café na cama para mim? — ele esboçou um sorriso lindo.

— Mas é claro. Preciso agradá-lo bem, para que queira passar outras noites aqui comigo — disse, colocando a bandeja ao seu lado.

— Gosto do seu jeito de pensar — brincou.

Sentei-me diante de Ianto e peguei um pãozinho para comer, enquanto observava-o atentamente. Ele parecia ainda um pouco triste.

— Você está bem? — perguntei.

— Estou — respondeu bebericando seu café. — E sua mão? Não está doendo?

— Está tudo bem — olhei para minha mão enfaixada. Havia me descontrolado na noite anterior e agora precisaria chamar alguém para limpar e consertar a porta que quebrei. —, você fez um ótimo trabalho cuidado de mim, mas não mude de assunto. Eu quero saber como você está após tudo que conversamos ontem. Como já disse, eu vou fazer de tudo para que você fique bem.

— Eu sei, eu também quero muito superar o que aconteceu...

— Você já conversou sobre isso com um psicólogo? — perguntei e ele balançou a cabeça em negativa. — Por que não? É um assunto muito sério Ianto e você, como psicoterapeuta também, sabe como é importante para melhorar.

— Eu sei, pensei em muitos momentos em ir atrás de alguém para conversar. Mas simplesmente não dava Eric, primeiro porque jamais poderia contar a história toda e segundo que não me sentiria confortável falando sobre o que passei. É vergonhoso... — ele desviou o rosto, ruborizado.

— Não é vergonhoso, é revoltante! — disse puxando seu rosto de volta e encarando-o nos olhos. — Você precisa ir atrás de ajuda profissional Ianto, pelo menos para falar sobre o que aconteceu durante esse período que ficou a mercê daquele doente.

— Eu faço qualquer coisa para tentar ficar

melhor, qualquer coisa mesmo, menos isso — Ianto soou sério. — Por favor, não insista que eu fale com alguém sobre o que aconteceu comigo. Eu não quero que outra pessoa saiba.

Respirei fundo pensativo. Aquilo não estava certo, ele precisava de ajuda profissional além da minha, mas, de fato, não podia forçá-lo a fazer algo que não queria. Havia prometido que não voltaria a tentar controlá-lo.

— Tudo bem, iremos encontrar outras formas de lidar com tudo isso — disse forçando um sorriso para ele.

— Obrigado — ele acariciou minha mão boa.

— Então quer dizer que, nesses cinco anos, você não se relacionou sexualmente com mais ninguém? — perguntei curioso.

— Sim, não sentia qualquer vontade Eric. Por muito tempo até mesmo senti nojo do meu próprio

corpo, era como se eu fosse imundo. Mas com passar do tempo essa sensação foi se dissipando aos poucos e passei a achar que poderia voltar a ter uma vida normal. Principalmente quando você retornou e senti desejo após tanto tempo. Mas como vimos ontem, estava enganado.

— Você não está enganado, você pode e terá uma vida normal. Farei de tudo para garantir isso! — prometi, sem desviar meus olhos dos seus.

Ianto abriu um sorriso e logo fechou.

— E você? — ele perguntou receoso. — Você me disse que durante esses últimos anos não namorou ninguém, mas mesmo assim saiu com alguns caras, não é mesmo?

— Sim, sai — respondi um pouco envergonhado.

Sem motivos, é claro.

Estávamos separados e eu tinha minhas necessidades como homem. Ianto não devia esperar algo diferente.

— Entendi... — ele tentou soar indiferente e bebeu um pouco do seu café.

— Isso é um problema? — perguntei aproximando-me mais dele.

— Claro que não — Ianto forçou um sorriso.

— Você tem que entender que ficamos muito tempo separados Ianto. Era inevitável que em algum momento fosse rolar algo entre mim e outra pessoa, mas tenha certeza de algo: foi em você em quem pensei todas as vezes que beijei ou toquei outra pessoa. Pois por mais que eu tentasse, você jamais saiu da minha mente e fantasias. É você quem eu amo.

— Mas agora sou incapaz de te dar o que você quer.

— Você já está me dando o que eu mais quero! — protestei.

— Mas não é o suficiente, você sabe disso. Você quer meu corpo também.

— Sim, tem razão, eu quero muito seu corpo. Pois ninguém nesse mundo é capaz de me excitar mais do que você Ianto, chego a ter sonhos frequentes de nós fazendo sexo de todas as formas, de tanto que desejo isso. Mas eu não tenho pressa, o mais importante nesse momento para mim é ter sua companhia e amor. E tenho certeza que logo poderemos nos amar de todas as formas!

— Espero que você esteja certo... — ele disse, levantando-se.

Observei ele ir até o banheiro e respirei fundo.

Ninguém disse que seria fácil, não é mesmo?

Quando Ianto retornou do banheiro sentou-se na

cama e calçou seus sapatos para ir embora, obviamente dormira vestido com suas roupas — que agora estavam amassadas — após o que havia acontecido na noite anterior.

— Quero tentar encontrar meus pais em casa — informou.

— O que você dirá quando perguntarem onde passou a noite?

— Provavelmente que dormi na casa de uma amiga, coisa do tipo. Dificilmente acharão que estou mentindo, afinal não é como se eu tivesse qualquer histórico de sair com caras para namorar.

Perguntei a mim mesmo se aquilo era uma indireta, mas optei em não falar nada para evitar brigas desnecessárias. Agora que Ianto havia voltado para mim, ia fazer de tudo para não perdê-lo novamente.

— Você pode passar o número daquele corretor

que mencionou ontem? Gostaria muito de ir ver alguns imóveis amanhã com Rafael — pediu já em pé.

— Só se você vier dormir comigo novamente — chantageei, abraçando-o.

— Hoje é melhor não, vamos com calma. Mas se amanhã eu encontrar uma sala legal, talvez eu fique tão feliz que acabe passando por aqui.

— Então vou mandar o cara mostrar os melhores locais da cidade para vocês — disse e Ianto riu.

— Já vou indo — informou. — E você precisa se arrumar e ir trabalhar, não enrole!

— Não queria ficar longe de você... — fiz beicinho.

— Também não, mas é a vida. Nem quando eu ficava preso ao seu apartamento podíamos ficar 24

horas juntos.

— Esqueça esses tempos, agora temos a oportunidade de construir um futuro melhor para nós — disse e o puxei para um beijo.

Explorei cada canto de sua boca com minha língua, podia sentir ainda resquícios do gosto do café que Ianto tomara alguns minutos antes. Seus lábios eram macios e deliciosos e tinham o poder de me fazer enlouquecer.

Meu pau endureceu de tal forma que senti latejar dentro de minha cueca.

Mas assim que Ianto sentiu, afastou-se imediatamente.

— Preciso ir, nos falamos mais tarde, okay? — disse para mim.

— Tudo bem. Não esqueça que eu te amo.

— Também te amo Eric.

PERIGOSAS

Observei ele deixar o quarto e ir embora.

****

Assim que cheguei à sede da minha empresa pedi que Theo viesse até minha sala. Ele que havia sido o responsável em preparar tudo antes da minha chegada à Sarnaut e ia atuar como supervisor. Ele era um homem moreno de 35 anos alto e gordinho, com uma covinha em seu queixo largo que era sua marca.

— Bom dia Sr. Pitz, precisa de alguma coisa? — ele perguntou diante da minha mesa. Sinalizei para que sentasse.

Notei que ele observou minha mão enfaixada curioso.

— Bom dia Theo. Na verdade, preciso sim da sua ajuda. Mas não tem haver com negócios, preciso saber se você tem alguma boa indicação de psicólogo.
NACIONAIS - ACHERON

Preferi pedir essa ajuda a Theo, pois se eu fosse atrás de Alex, tinha certeza que ele faria diversas perguntas em uma tentativa de descobrir os motivos que me levaram a querer falar com um psicólogo e o porquê da minha mão estar daquele jeito.

Diferente de Theo que jamais iria me incomodar com perguntas que pudessem comprometer seu emprego.

— Para a área de recursos humanos? — ele perguntou pensativo.

— Não, não. Preciso de um psicólogo clinico, quero fazer uma consulta o quanto antes. Mas preciso que seja um profissional confiável e de vasta experiência.

— Eu conheço a pessoa perfeita para isso!

— Ótimo! Quem é ele?

— É ela, se chama Monique Caccavo. Ela

ministra palestras por todo o país, já escreveu três livros e é provavelmente a psicóloga mais renomada da cidade e uma das melhores de toda a Sarnaut.

— Excelente, pode me passar o número dela? — pedi.

— Claro — ele buscou seu celular no bolso. — Mas devo avisar que pode ser um pouco difícil conseguir marcar horário com ela para datas próximas, como disse, ela é bem famosa na área e concorrida.

Theo pegou um bloco de notas sobre minha mesa e anotou o número.

— Não se preocupe quanto a isso, farei meu melhor para convencê-la a me ver ainda hoje — falei pegando o telefone da tal psicóloga.

— Boa sorte. Precisa de mais alguma coisa?

— Não, muito obrigado.

— Então vou voltar para minha sala, qualquer coisa é só chamar.

— Pode deixar.

Observei Theo deixar minha sala e, assim que voltei a ficar sozinho, disquei o número que ele havia me passado.

No segundo toque, eu fui atendido.

— Alô — uma voz feminina atendeu.

— Bom dia, falo com a Dra. Monique Caccavo?

— Sim, ela mesma. Com quem eu falo?

— Eric Pitz — respondi, reclinando-me em minha cadeira.

— Que surpresa! Como posso ajudá-lo Sr. Pitz?

— Gostaria de vê-la para uma sessão.

— Tudo bem. Quando?

— Hoje — respondi e ouvi ela rir do outro lado da linha. — Estou falando sério, Dra. Monique. Quero vê-la essa tarde, meu problema é urgente.

— Desculpe, mas é impossível. Tenho os três próximos meses cheios Sr. Pitz, terá de esperar ou ir atrás de outro profissional.

— Não vou esperar, preciso que seja hoje — fui firme em meu tom de voz. — Me diga seu preço, não me importo com o valor que eu tenha que pagar. Tenho certeza que a senhora não terá problemas de remarcar com quem iria atender hoje à tarde. Imprevistos acontecem, não é mesmo?

Ela ficou em silêncio alguns momentos pensando em minha oferta.

— Tudo bem, vou vê-lo hoje Sr. Pitz — ela concordou e eu fiz sinal de comemoração com o braço. — Mas não porque ligo com o dinheiro que pode me pagar, mas porque fiquei interessada em

saber o porquê de tanta urgência.

— Dentro de algumas horas a senhora descobrirá.

****

Quando chegou próximo da hora marcada, chamei Theo até minha sala e pedi que ele tomasse conta de tudo até eu retornar. Ele concordou prontamente.

Em seguida, peguei meu carro e dirigi até o bairro onde ficava o consultório da Dra. Monique. Era afastado do centro e ficava numa região bastante arborizada, cheia de prédios e mansões luxuosas.

Assim que encontrei o bendito local, estacionei meu carro e entrei.

Fui logo recepcionado pela secretária.

— Boa tarde, como posso ajudar o senhor? —

ela sorria simpaticamente.

— Tenho horário marcado para uma sessão, me chamo Eric Pitz — informei olhando meu relógio. Estava cinco minutos adiantado.

— Claro, a Dra. Monique já está em sua sala e disse que assim que você chegasse, poderia levá-lo. Deixe-me te mostrar onde fica.

— Obrigado.

Acompanhei a secretária ruiva até uma porta dupla e assim que ela abriu, anunciou que eu havia chegado. A psicóloga levantou-se de sua enorme poltrona confortável e pediu para que eu entrasse. Fui até ela.

— Seja bem vindo Sr. Pitz, sou a Dra. Monique Caccavo — ela estendeu a mão simpaticamente e eu a cumprimentei.

A secretária saiu da sala fechando a porta atrás

de nós.

— É um prazer — disse, observando-a.

Dra. Monique aparentava ter uns 40 anos de idade. Era baixinha e magra, com cabelos loiros curtos que acabavam um pouco antes dos seus ombros. Vestia um terninho branco, com um colar longo cheio de pedras azuis que combinava com seus olhos de mesma cor. Seu perfume era floral e refrescante.

Por algum motivo que não sei explicar, simpatizei com ela logo de cara.

Torcia para que ela pudesse me ajudar com Ianto. Afinal, se ele não queria ir atrás de um profissional, eu que tinha que fazer algo para ajudá-lo.

O ambiente da sala também me passava boas energias. Era ampla, com uma mesa de madeira num canto, duas poltronas cinzas grandes e

confortáveis no outro, que ficavam diante de enormes janelas que dava para um jardim bem cuidado e verde. Havia ainda uma estante de livros com algumas decorações que cobria quase toda a parede do lado da porta e alguns quadros de bom gosto espalhados pelas outras.

— Vamos sentar para conversarmos melhor? — ela sugeriu e eu rapidamente concordei. — Posso chamá-lo de Eric?

— Sim, claro — respondi ajeitando-me na poltrona diante da dela.

— Então me diga Eric, qual o motivo de tanta pressa para falar comigo?

— Bem... — tomei um pouco de ar para começar a falar. — Tem uma pessoa que é muito importante para mim que passou por algumas coisas bem ruins alguns anos atrás e ainda não conseguiu superar.

— Então, não é você que precisa de ajuda? — ela perguntou confusa.

— Eu preciso que você me ajude a ajudá-lo.

— Como assim? Por que não mandou ele até mim ao invés de vir você?

— Pois ele não quer ajuda profissional, tem vergonha de contar a outras pessoas o que passou. Não quis forçá-lo, mas não posso aceitar que ele continue sofrendo. Quero ajudá-lo a se curar do trauma. Minha felicidade depende da dele.

Dra. Monique me observou pensativa.

— Vou ser sincera, não costumo perder tempo com pacientes que buscam ajuda para terceiros, quando esses sequer querem ir atrás, mas vou dar uma chance de você tentar me convencer, já que ele tem tanta importância assim para você. Além de que está pagando bem caro por essa sessão de qualquer forma, não é mesmo?

— Obrigado — disse e comecei a contar o que aconteceu.

Ocultei, é claro, tudo a respeito de que Ianto havia sido vendido.

— Então agora ele não é capaz de se relacionar sexualmente com qualquer pessoa, sem que as lembranças do trauma venham à tona? — ela perguntou, por fim.

— Exatamente — confirmei. — E ele está sofrendo muito com isso, quero saber o que eu posso fazer para ajudá-lo a superar. Eu o amo muito Dra.

— Casos de abuso sempre são muito complicados, Eric — ela inclinou-se na poltrona. — Cada vítima reage de uma forma diferente, então seria muito mais efetivo se ele mesmo viesse conversar comigo.

— Não há como, ele não quer que ninguém

mais saiba. Sequer sei como ele reagirá quando descobrir que eu contei para a senhora.

— Tudo bem, eu entendo. É comum que pessoas que tenham sofrido algum abuso tenham medo ou vergonha de expor o que passaram. Mas, nesse caso, tenho que ser sincera contigo. Não há muito o que eu possa fazer, além de dar algumas dicas do que conversar e como agir com ele para tentar ajudar.

— Isso já me ajudará muito! — disse de imediato.

— Tudo bem, então vou dizer o que você fará — Dra. Monique começou a falar e escutei tudo com a maior atenção, decidido a aplicar todas aquelas dicas.

Queria um Ianto curado e o quanto antes.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

35 17 Capítulo 07, Por Ianto (parte um)

Na manhã seguinte a noite em que dormi com Eric, cheguei em casa no momento em que meus pais estavam prontos para sair. A primeira pergunta que fizeram para mim, obviamente, foi “Onde estava e por que não avisou que iria dormir fora?”.

Tentei não demonstrar impaciência com aquilo.

— Encontrei com uma amiga da faculdade e acabei dormindo na casa dela — menti evitando os olhar nos olhos.

— Ficamos preocupados e nem questão de atender nossas ligações você fez — minha mãe realmente parecia chateada comigo.

— Eu não sou mais uma criança há muito

tempo — fui firme em minhas palavras. — Tenho direito de ir onde eu quiser, sem ter que avisá-los.

— Nós sabemos muito bem que você não é uma criança Ianto, mas é questão de consideração com a gente — meu pai a apoiou. — É obvio que ficaremos preocupados toda vez que você sair e não voltar à noite. Já perdemos você uma vez desta forma.

— As coisas não são mais como antes, não preciso que vigiem minha vida — disse e eles pareceram se magoar com minhas palavras.

Droga!

— Depois conversamos melhor sobre isso — minha mãe interrompeu. — Precisamos ir para o restaurante agora, Otávio.

— Sim, vamos lá — ele concordou, mas podia notar que também estava decepcionado comigo.

Observei calado eles saírem de casa e, sem seguida, me joguei sobre o sofá da sala.

Respirei fundo. Talvez eu tivesse exagerado um pouco no que havia dito, mas não podia deixá-los pensar que eu era obrigado a informar de cada passo meu. Eu tinha evitado fazer muitas coisas naqueles últimos anos, para que minha família sentisse-se despreocupados comigo sempre em casa.

Mas não mais.

Queria poder sair para ver Eric sempre que quisesse, sem preocupar-me com horário de voltar. Eu tinha 22 anos, poxa! Estava formado e prestes a começar a trabalhar. Precisava começar a viver minha própria vida.

Fiquei ali pensando em tudo, até que Liam surgiu.

— Você anda muito misterioso maninho — ele

brincou, sentando-se ao meu lado.

— Como assim? — perguntei confuso.

— Rafael me contou que na sua festa de formatura você foi embora logo no início, sendo que nesse dia chegou tarde em casa. Desde então percebi que você anda meio distante e ontem sumiu sem avisar pela primeira vez em todo esse tempo que estamos aqui em Sarnaut. O que está acontecendo?

— Nada — sentei-me incomodado. — Você conversou sobre isso com nossos pais?

— Não. Deveria?

— Claro que não! Não está acontecendo nada, apenas ando preocupado com meu consultório, nada mais.

— Sei... — ele me encarou desconfiado.

— Vou ir para meu quarto — disse levantando-

me.

— Ianto, não esqueça que sou seu irmão. Se estiver com qualquer problema, pode conversar comigo.

— Obrigado Liam, mas realmente não está acontecendo nada. Não se preocupe — disse e segui em direção do meu quarto.

Era horrível ter que mentir para toda minha família, mas era minha única opção.

Se eu contasse que havia voltado a encontrar Eric, iam achar que eu havia enlouquecido de vez — e talvez até estivessem certos.

Assim que cheguei em meu quarto, percebi que havia uma mensagem de Eric no meu celular. Era o número de telefone do corretor que havia pedido. Como havia fugido dele mais cedo, após sentir seu pau completamente duro, esqueci de pegar.

O número! O número!

Claro, queria pegar na outra coisa também, mas tinha medo de surtar novamente assim que as coisas esquentassem. Sentia-me um projeto fracassado de homem. Incapaz de transar até mesmo com o homem que eu mais desejava no mundo.

Eric estava disposto a me ajudar com isso, mas não sabia quanto tempo ele aguentaria esperar até poder me tocar da forma que queria.

Tudo nele transpirava sexo.

Como poderia ficar sem? Logo cansaria de esperar por mim e iria atrás de alguém capaz de suprir suas necessidades masculinas. Como ele mesmo havia assumido ter feito nos últimos anos.

Tentei afastar esses pensamentos e disquei o número do corretor.

Ele logo atendeu.

— Alô, com quem eu falo?

— Bom dia, me chamo Ianto. Eric me indicou o senhor — disse essa parte baixinho, para não correr risco de Liam estar passando em frente ao meu quarto e ouvir. — Pretendo abrir um consultório de psicologia e gostaria de saber se tem horário para me mostrar alguns imóveis.

— Sim, é claro. Tem preferência de dia?

— Amanhã à tarde, se possível.

— Por mim está perfeito — ele pareceu animado. — Vou te passar por mensagem o endereço onde nos encontraremos amanhã.

— Muito obrigado, até mais — disse e desliguei.

Em seguida disquei o número de Rafael.

— Oi Ianto — ele atendeu com a voz sonolenta.

— Te acordei?

— Sim, mas não me importo, pode me acordar sempre que quiser.

Tentei ignorar seu comentário.

— Pode ir comigo amanhã à tarde olhar imóveis para nosso consultório? Consegui um bom corretor.

— Claro, pode contar comigo.

— Ótimo. Se quiser, pode passar aqui em casa e vamos juntos.

— Combinado!

— Então tá, até amanhã.

— Até — ele despediu-se e eu desliguei em seguida.

Depois segui até o banheiro do meu quarto e tomei um banho demorado.

Era embaixo d'água que conseguia pensar

melhor.

E eu, definitivamente, tinha muitas coisas para pensar.

Assim que terminei meu banho, troquei de roupa e desci até a cozinha para ver se Hadassa precisava de alguma ajuda para preparar o almoço. Minha barriga já começava a roncar.

Assim que me aproximei logo pude sentir o aroma delicioso de carne sendo grelhada. Hada cozinhava concentrada e assim que me viu, deu um pulo.

— Que susto menino! — falou com a mão sobre o peito. — Chega quietinho assim não, vai me matar do coração.

— Desculpa — disse rindo e sentei-me diante na mesa. — Vim ver se você precisa de alguma ajuda, pois assim posso ficar beliscando os ingredientes.

— Calma que já tá ficando pronto, mais uns 10 minutinhos e você poderá comer.

— É isso que eu gosto de ouvir!

— É porque eu não fico vigiando sua vida, não é mesmo? — ela comentou e eu ruborizei na hora.

— Você ouviu a conversa que tive com meus pais?

— Sim, me desculpe por isso. Você sabe que detesto me meter na vida de vocês, mas tenho que ser sincera, dessa você pisou na bola Ianto. Sabia que seus pais mal dormiram durante a noite, de tão preocupados que estavam contigo? Você não voltou para casa e não atendia as ligações. Isso é algo que eles esperariam de seu irmão, não de você.

— Acho que eu os acostumei mal — comentei, cruzando os braços.

— Não fale besteiras, você sabe muito bem o

quanto seus pais amam você. Acho sim que você deva sair e viver, pois é jovem e precisa disso. Mas não nos deixe no escuro, sem saber onde encontrá-lo se acontecer algo. Você nunca foi disso!

Suspirei fundo.

Hadassa tinha razão, eu estava sendo muito imaturo em brigar com meus pais por estarem preocupados comigo. Eles não tinham culpa que eu que não podia contá-los onde de fato estava.

— Vou pegar leve com eles — disse, por fim.

— É isso que eu gosto de ouvir! — ela brincou e eu ri. — Agora faça o favor de chamar seu irmão que vou por a mesa.

— Pode deixar! — disse, saltando da cadeira.

Subi até o andar de cima e encontrei a porta do quarto de Liam entreaberta.

Assim que me aproximei, surpreendi-me com a

cena:

Meu irmão estava sem camisa, fazendo poses diante do espelho ao lado da sua cama. Pude ainda o ouvir dizer coisas como “É disso que você gosta, gata?” e “Vou mostrar que eu sou tigrão”.

Imediatamente cai na gargalhada e Liam virou-se para mim com o rosto mais vermelho que um pimentão.

— Quanto tempo você está aí? — ele perguntou nervoso, mas eu não conseguia parar de rir descontroladamente. — Para com isso Ianto!

— Ai, queria ter filmado isso — comentei, tentando me acalmar.

— Não é nada engraçado você ficar me espiando assim.

— Eu vim te chamar para almoçar, não é minha culpa que você fica tentando sensualizar diante do

espelho com a porta aberta.

— Mesmo assim, devia ter batido e não ficado de tocaia — ele parecia realmente chateado.

— Tá bom, me desculpa. Prometo não contar para ninguém — disse, mas não consegui me controlar e voltei a rir. Liam bufou.

— Você ri porque não sabe como é ser eu — ele comentou, sentando-se na cama.

— Como assim? — perguntei confuso.

— Eu vou fazer 16 anos e... Ah, esquece!

— Esquece nada, continua. Você vai fazer 16 anos e o quê? — insisti para que continuasse.

— E acontece que nunca beijei uma garota — revelou envergonhado.

— Você realmente acha que isso é um problema?

— Claro que sim! Todos meus colegas já

namoram ou namoraram e somente eu que nunca fiquei com uma garota. Quando eles perguntam essas coisas para mim, tenho que mentir para não me zoarem.

— Você não tem motivos para ter vergonha Liam! Quando chegar a hora, acontecerá. Não tem por que você ficar se afirmando com seus amigos de escola a respeito disso.

— Você não entende, eu preciso que acreditem que eu sei beijar.

— Por quê?

— Amanda — seus olhos brilharam ao falar aquele nome. — Ela é a garota mais bonita da minha sala, mas é muito mais experiente que eu. Já namorou dois dos caras mais populares da escola. Eu já tenho poucas chances com ela, então se ela descobrir que sou BV, aí sim que ferrou de vez.

— Acho que você tem que ser você mesmo

Liam. E se essa garota não tiver interesse no garoto fantástico que você é, só porque você nunca beijou antes, ela que não te merece.

Ele ficou em silêncio pensativo.

— Acho que você tem razão — disse, por fim.

— É claro que eu tenho, sou seu irmão mais velho. Agora bora descer para comer, tigrão — brinquei e ele jogou um travesseiro em mim. Ri alto.

****

Assim que anoiteceu e meus pais chegaram em casa, pedi para conversar com eles. Sentamo-nos os três no sofá da sala.

— Queria pedir desculpa pela forma que falei com vocês mais cedo. Acabei me exaltando sem motivos, eu deveria é estar agradecido por ter pais que se preocupam tanto comigo — disse a eles, que

respiraram fundo.

Me desculpar era o mínimo que eu podia fazer, após tê-los tratado mal.

Nada adiantava ter de volta em minha vida Eric, se com isso eu ficasse criando mal estar com as outras pessoas que amava.

Precisava encontrar um ponto de equilíbrio nisso tudo.

— Está tudo bem, filho — minha mãe pegou na minha mão. — No fundo, você tinha um pouco de razão nas coisas que disse. Você já é um homem adulto, e agora está formado. Temos muito orgulho de você e vamos tentar não exagerar nessa coisa de superproteção.

— Além de que nós confiamos em você e sabemos que jamais fará algo que possa colocá-lo em risco novamente. Sabemos o quanto amadureceu — meu pai acrescentou.

— Obrigado — forcei um sorriso.

— Agora vem cá e me dá um abraço — minha mãe chamou e prontamente obedeci. Meu pai riu, mas logo também se juntou a nós.

Como eu queria poder contar a eles tudo que estava acontecendo comigo...

35 17 Capítulo 07, por Ianto (parte 02)

Acordei cedo na manhã seguinte.

Assim que peguei meu celular sobre o criado mudo ao lado da cama, vi que havia uma mensagem de Eric. Nela dizia:

“Bom dia amor, espero que esteja bem. Quase não consegui dormir de tanto que pensava em você, já estou morrendo de saudades. Te amo!”

Abri um enorme sorriso e digitei a resposta:

“Bom dia Eric, acordei agora mesmo e estou bem. Também estou com saudades e demorei a dormir pensando em você. Pensei em te ligar, mas achei melhor tomar cuidado quando estiver em casa para ninguém ouvir. Tentarei passar em seu

apartamento a noite, após ver os imóveis com Rafael.”

A resposta dele veio logo em seguida:

“Se você vier me ver hoje, me fará o homem feliz do mundo. Quero poder ouvir sua voz e beijar seus lábios.”

“Também quero o mesmo, farei o possível, prometo. Mil beijos e até depois quem sabe.” — enviei e, em seguida, fui tomar um banho.

Assim que retornei para o quarto e vesti roupas limpas, para minha surpresa — ou nem tanto — havia mais mensagens de Eric. Desci para tomar café, respondendo-as.

Assim que cheguei à sala de jantar, encontrei Liam e meus pais já começando a comer. Sentei-me ao lado deles.

— Passei para chamá-lo, mas ouvi o som do

chuveiro ligado e desci — minha mãe comentou, bebendo seu café.

— Não tem problema — disse, servindo o meu.

— Pretendem fazer o que hoje? — meu pai perguntou, referindo-se a mim e meu irmão. — Não querem passar no restaurante? Estamos testando dois pratos novos para o cardápio.

— Depois da escola, vou sair com uns amigos — Liam disse logo, recusando.

— E você Ianto?

— Agora à tarde vou me encontrar com Rafael para vermos alguns imóveis — respondi e ouvi meu irmão soltar uma risadinha maliciosa. Ignorei.

— E a noite? — minha perguntou.

— Não sei que horas terminaremos de ver as salas, pedi ao corretor para me mostrar todas as opções — enrolei.

— Tudo bem, outro dia vocês experimentam os pratos novos — meu pai encerrou o assunto.

Assim que comecei a comer um sanduiche, meu celular vibrou no bolso.

Era uma nova mensagem de Eric. Respondi e assim que voltei a comer, percebi que meus pais me encaravam segurando o riso. Já meu irmão parecia distraído.

— Por que tá tão sorridente assim filho? — meu pai provocou. — Com quem estava falando? Tem certeza que você dormiu na casa de uma amiga mesmo, ontem?

Liam ao ouvir aquilo também me encarou, aguardando uma resposta.

— N-não é ninguém — disse sem jeito, rindo nervoso. — E como disse ontem, era só uma amiga sim. Vou trazer ela aqui qualquer dia para vocês conhecerem.

Havia sido pego despreparado. Que merda!

— Ianto, você não precisa ter vergonha de nos contar que está saindo com uma garota. Você mesmo fez questão de ressaltar ontem que é um homem adulto agora.

— Só lembrando que, apesar de não ter namorado com ninguém nesses últimos anos, continuo gay. Okay? — disse incomodado.

— Tudo bem filho, nós realmente não ligamos a respeito disso — minha mãe comentou. — Contato que essa pessoa te faça feliz, também ficaremos.

— Eu não estou saindo com ninguém, já disse! — quase gritei.

Meus pais calaram-se, segurando para não rir.

— É bom mesmo que não esteja saindo com ninguém, pois senão estaria muito chateado contigo — meu irmão comentou com a cara fechada.

— Rafael está por acaso te pagando para fazer campanha pra ele? — perguntei já sem paciência para Liam.

— Rafael gosta de você? — minha mãe perguntou surpresa.

Ela encarou meu pai, que fez uma expressão de quem também não sabia de nada.

— É uma longa história, outra hora conto — enrolei. Não estava a fim de falar sobre aquilo. — Mas você Liam não fuja do assunto. Por que é que você acha que eu não tenho o direito de sair com qualquer outra pessoa que não seja o Rafael?

— Por que não é justo que você dê chances para outra pessoa, quando foi Rafael que esteve sempre ao seu lado nos últimos anos! Se tem alguém que merece namorar contigo, é ele — ele cruzou os braços, desviando o rosto.

— Você tem razão, Rafael realmente é uma

pessoa incrível e esteve ao meu lado sempre que precisei. Mas com um bom AMIGO! E foi dessa forma que eu retribui quando ele também precisou de mim. Já disse antes e volto a repetir, é só isso que podemos ser: bons amigos. Não posso me forçar a gostar dele de outra forma.

— Se não for um sentimento natural, então não é amor — minha mãe acrescentou, apertando a mão de meu pai.

Sorri para eles, mas Liam apenas levantou-se da mesa e saiu.

— Que menino cabeça dura, vou te contar...

****

No começo da tarde Rafael chegou e me encontrou no quarto.

Eu estava jogado sobre a cama, mas já vestido para nosso compromisso, quando ele me despertou

dos meus pensamentos.

— Espero não estar interrompendo nada, Hada me deixou entrar.

Ele estava vestindo-se com jeans escuro e uma camiseta branca que favorecia seus braços largos. Seu perfume cítrico rapidamente chegou até mim.

— Claro que não, estava te esperando — disse, sentando-me na cama.

— Liam está aí? Quero dar um oi para ele.

— Não, já foi para a escola, mas que bom que tocou no assunto — disse e ele me encarou confuso. — O que anda conversando com ele, hein? Eu sei que foi Liam que te incentivou a se declarar para mim e tudo mais, mas ele tem que entender que no fim só podemos ser amigos, como já conversamos naquela noite.

— Ele está insistindo nisso?

— Sim, então, por favor, me diga que não é você que está incentivando-o. Concordei em abrir o consultório contigo, pois você me garantiu que iria fazer o possível para mudar os sentimentos que sentia por mim. Para que pudéssemos continuar sendo melhores amigos.

— Eu juro que não estou pedindo que ele faça sua cabeça! — Rafael me olhou nos olhos. — Você sabe o que eu ainda sinto por você, não irá sumir do dia para a noite, mas como disse, eu respeito seus sentimentos e prefiro tê-lo como amigo a ficar distante.

— E eu fico feliz por isso, pois também não quero você fora da minha vida. Apenas não sei o que fazer com meu irmão, que não entende que sentimentos é algo muito mais complicado do que ele imagina.

— Acho que tem haver com a garota que ele

gosta...

— A Amanda? — perguntei confuso.

— Então ele te contou? — confirmei com a cabeça. — Então você deve saber que essa Amanda é popular na escola dele e mal nota ele, que põe a culpa no fato de não estar ficando com várias menininhas como seus colegas.

— Sim, mas o que isso tem haver com nós?

— É bem simples Ianto — Rafael sentou-se ao meu lado. — Liam acredita que é capaz de fazer a Amanda gostar dele e faz de tudo para chamar sua atenção, apesar dela parecer ou fingir não perceber isso. Então quando você diz para ele que não é capaz de mudar seus sentimentos que sente por mim, que só consegue me ver como um amigo e todas essas coisas, isso desincentiva ele. Pois ele passa a acreditar que será impossível para ele conquistar a menina também, afinal, se eu que sou

seu melhor amigo não consigo, imagina ele que é quase invisível para ela?

— Adolescentes são um porre, vou te contar! Você vai atender todos que vierem até nosso consultório — comentei e Rafael riu alto. — O que devo fazer com ele?

— Acho que você tem que o deixar perceber que cada caso é diferente do outro, que não é porque nós não vamos dar certo, que ele também não. Ele realmente gosta dessa garota, seria errado de nossa parte dizer para ele não ir atrás.

— Tenho medo dele se machucar com tudo isso.

— Faz parte quebrar a cara no amor nessa idade, quem nunca né? E é melhor mesmo que ele comece a perceber que a vida é assim mesmo, cheia de desilusões — Rafael disse encarando a parede à nossa frente.

— Acho que você tem razão, é melhor não nos intrometermos demais nesse assunto — disse e então me levantei. — Enfim, vamos lá ver as salas para nosso futuro consultório?

— Claro, estava ansioso para isso.

35 17 Capítulo 08, por Eric

Quando Ianto confirmou que iria me ver naquela noite, fiquei feliz e nervoso ao mesmo tempo. Iria por em prática o primeiro passo para ajudá-lo a melhorar e isso constituía-se em mostrá-lo que ele não tinha culpa do que havia acontecido com ele e muito menos estava sozinho.

Em minhas pesquisas percebi que, infelizmente, abusos sexuais era algo que afetava a vida de milhões pessoas, de todos os tipos, classes sociais e lugares do mundo.

Pensar que no início eu quase o forcei também, me entristecia e revoltava. Ainda bem que eu não fui adiante e logo em seguida percebi o quanto aquilo era errado.

Pensei em levá-lo até um grupo de apoio que

havia na cidade, formado por pessoas que em algum momento da vida sofreram algum tipo de abuso, mas Ianto recusaria de imediato. Se ele não queria contar sua experiência para um psicólogo, imagina para um monte de gente desconhecida?

Foi então que percebi que precisava tirar algo que, durante toda a vida, tentei manter no meu armário do esquecimento. Nunca havia contado para ninguém, nem mesmo para Paulo quando eu ainda o considerava como um irmão.

Mas o momento havia chegado, não podia mais fingir que nunca existiu.

De certa forma, agora entendia o medo e vergonha de Ianto de falar sobre o que aconteceu com outras pessoas. Sentia o mesmo. Mas não ia voltar atrás, iria fazer de tudo para ajudá-lo.

Mesmo que isso significava relembrar o que aconteceu naquele verão.

Assim que Ianto chegou ao meu apartamento, convidei-o para jantar. Havia comprado comida em um restaurante e levado para casa, pois preferia ficar a sós com ele naquela noite.

— Conseguiu encontrar alguma sala boa para o consultório? — perguntei, assim que terminei de comer.

Não estava com muita fome, devido meu nervosismo pela conversa que viria mais tarde. Ianto já estava em seu segundo prato.

Como acompanhamento, tomávamos vinho tinto.

— Sim! — ele parecia animado. — O corretor nos mostrou três imóveis e um deles era perfeito. Ótima localização, bem grande com espaço para duas salas e mais um, onde poderemos fazer terapias em grupo.

— Que ótimo! Está ansioso para começar a

atender?

— Não imagina o quanto, mas nervoso também.

— Tenho certeza que vai dar tudo certo! — apertei sua mão sobre a mesa e ele sorriu para mim.

Ianto estava ainda mais lindo naquela noite. Gostava de vê-lo sorrir.

Estava vestindo um jeans claro, com uma camiseta branca bem solta e leve para o calor de Sarnaut e uma alpagarta marrom. Estava com a pele levemente avermelhada, devido o sol.

— E em seu trabalho? Está tudo certo? — ele perguntou, voltando a comer.

— Sim, está tudo se encaminhando — respondi, entre um gole de vinho. — Tenho alguns planos ambiciosos para fazer a empresa crescer ainda mais, mas dependo de um sim de outra pessoa, então o jeito é esperar.

PERIGOSAS

— Não entendo muito sobre negócios, mas vou torcer para que dê certo.

— Obrigado.

— Enfim, estou satisfeito — empurrou seu prato agora vazio.

Era assustador o quanto aquele garoto comia e, ainda por cima, não engordava!

— Vamos para a sala? — convidei e ele concordou com a cabeça.

Deixamos a sala de jantar e nos sentamos um pertinho do outro no sofá.

Na TV passava o show de uma cantora que eu amava, mas que infelizmente já havia morrido alguns anos antes. Ianto parecia não conhecer, mas prestou atenção na letra da música que era cantada:

"Mudaram as estações

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Nada mudou

Mas eu sei que alguma coisa aconteceu

Tá tudo assim, tão diferente

Se lembra quando a gente

Chegou um dia a acreditar

Que tudo era pra sempre

Sem saber

Que o pra sempre

Sempre acaba”[3]

— Antes de todas aquelas coisas ruins acontecerem, você achava que nós fossemos ficar juntos para sempre? — Ianto perguntou para mim, assim que a música acabou.

— Pelo menos era o que eu mais desejava — NACIONAIS - ACHERON

respondi. — Mas está tudo bem, agora estamos juntos novamente e dessa vez podemos tornar isso real.

— Mas a cantora cita na música que o “pra sempre” sempre acaba...

— Não acredito nisso — disse pensativo. — Acho que ela está cantando levando em conta suas experiências pessoais e, claro, o que acontece com a maioria, mas acho que quando as pessoas são almas gêmeas, não há como separá-las por muito tempo.

— E você acredita nessa coisa de almas gêmeas? — Ianto pareceu surpreso.

— Claro — respondi, me aproximando. — E tenho mais certeza ainda que é você minha outra metade — disse e então o beijei.

Explorei vorazmente sua boca e, sem pensar, acabei alisando sua coxa.

Ele logo me afastou.

— Desculpa — falou sem jeito.

— Você não precisa se desculpar por agir instintivamente Ianto — disse, olhando em seus olhos. — E que bom que você me afastou, pois estava enrolando para te contar algo, mas está na hora. Guardei esse segredo durante toda minha vida, mas percebi que não era justo eu querer que você enfrente seus traumas, quando eu fugi do meu durante tanto tempo.

— Do que você está falando?

— Você sabe que nunca tive uma boa relação com meus pais, não é mesmo? — ele confirmou com a cabeça. — Isso se dá desde quando eu era criança, já que eles nunca ligaram muito para mim, apesar de ser filho único. Dinheiro e luxos supérfluos lhe importavam mais. Sentia-me mais próximo da minha babá do que deles.

— Sinto muito...

— Obrigado, mas não é sobre isso que queria contar — retomei a contar. — Quando eu tinha nove anos meu pai decidiu que queria tirar duas semanas de folga, pois estava muito cansado e estressado com tudo que acontecia na empresa naquele ano. Minha mãe estava ocupada com alguns projetos pessoais e não podia ir junto e não gostou nada disso. Ela achava que meu pai queria era uma desculpa para se jogar em orgias com prostituas, bem longe dela. Consegue imaginar o que ela fez para tentar impedir isso?

— Mandou você junto.

— Exatamente — confirmei. — Ela insistiu que meu pai me levasse junto, para que assim pudéssemos nos "aproximar" mais. Apesar de que acredito que o que ela quis foi matar dois coelhos com uma cajadada só, afinal além de estragar os

planos de meu pai, também se livrava de mim por duas semanas. Mas na época lembro-me de ficar muito animado com a ideia de conhecer um país novo, foi a primeira vez que vim para Sarnaut.

— Seu pai deve ter ficado muito irritado em ter que levá-lo — Ianto comentou, prestando bastante atenção no que contava-lhe.

— Sim, de fato. Mas o que minha mãe não imaginava era que meu pai fosse levar Lorenzo, seu secretário, na viagem para me vigiar e poder ficar livre.

— Nossa, e como foi?

— Nos primeiros dias foi legal, apesar de tudo. Quase não via meu pai, que devia estar mesmo farreando com um monte de putas por aí, mas Lorenzo fez questão de me levar para conhecer todos os pontos turísticos e praias da cidade. Ele devia ter uns 30 anos na época e era magro e alto.

Eu realmente estava gostando dele, sabe? Nunca imaginei que ele fosse fazer aquelas coisas.

— O que ele fez? — perguntou curioso, ajeitando-se no sofá e virado para mim.

— Eu era uma criança bem tímida e inocente na época, então no começo achei que ele estava tentando se aproximar de mim. Ainda não era capaz de perceber a malicia que havia em seus toques — Ianto abriu a boca, surpreso. — Ele começou me abraçando. As pessoas não viam nada de mal naquilo, pois deviam pensar que ele fosse meu pai. Mas, quando estávamos sozinhos ele repetia muitas vezes o quanto eu era um menino bonito e coisas assim. Começou passando a mão no meu cabelo e, aos poucos, os toques foram descendo.

— Isso é horrível!

— Não é nem o começo — suspirei fundo. — Como meu pai queria que ele me vigiasse 24 horas,

fomos hospedados no mesmo quarto, cada um com sua cama. Nas primeiras noites nada aconteceu, mas assim que começaram os toques ele passou a trocar de roupa na minha frente, dizendo que eu devia fazer o mesmo, afinal “éramos dois homens e não havia problema nisso”.

— Que filho da puta! — Ianto xingou.

Ele realmente estava abalado com o que eu estava contando.

— Como eu disse, eu não era capaz de perceber a perversão de tudo aquilo. Achava que Lorenzo estava realmente tentando ser meu amigo. Foi após a primeira semana que ele deu um passo além — tomei um pouco de ar, antes de continuar. — Havíamos passado a tarde toda na praia e assim que retornamos para o hotel, decidi tomar um banho para tirar a areia e água salgada do corpo. Lorenzo pediu que eu não demorasse e, assim que eu

retornei para o quarto, o encontrei nu sobre a cama com o pau duro e se masturbando. Ele disse algo como “demorou hein” e eu fiquei completamente sem reação, na época não entendia o que ele estava fazendo.

— Esse cara é um doente! Exibir-se para uma criança!

— O pior veio depois, quando ele pediu para eu pegar em seu membro — continuei e Ianto cobriu a boca, chocado. — Como eu estava assustado, é claro que disse que não, mas então ele começou a falar que era o que amigos faziam e quando viu que eu não me mexeria, puxou minha mão. Ele que tinha que levantar e descer meu braço para que eu masturbasse-o, pois eu não fazia qualquer movimento, mas ele parecia estar adorando aquilo. Ele me encarava lambendo os lábios de uma forma nojenta e com a outra mão apalpava tão forte minha

bunda, que chegava a doer — fiz uma pausa e levantei. — Quer saber? Preciso de mais vinho.

Fui até a cozinha e trouxe o restante da garrafa até a sala.

Ianto parecia muito abalado e disse:

— Se você não quiser continuar me contando, não precisa.

— Preciso sim — disse e, após encher minha taça e tomar tudo num gole, continuei. — Naquela mesma noite, ele deixou de agir "amigavelmente" e fez a primeira ameaça.

— O que mais aquele doente queria de você?

— Como disse, eu estava paralisado e deixando-o fazer o que quisesse comigo. Quando ele estava perto de gozar ele quis que eu colocasse a boca e bebesse seu "presentinho para mim", óbvio que não me movi, mas ele me puxou com

força para cair ajoelhado diante da cama. Mesmo assim recusei aproximar meu rosto daquela coisa nojenta, ele então disse que se eu não fizesse, eu não iria jantar aquela noite e me deixaria trancado para dormir no banheiro para eu aprender a obedecê-lo.

— E o que você fez? — Ianto estava cada vez mais chocado.

— Eu disse que iria pedir para meu pai demiti-lo, mas ele puxou com força meu cabelo para me encarar nos olhos e disse que se eu contasse para alguém iria matar a mim e meus pais. Eu tinha nove anos, claro que fiquei com medo da ameaça e, por fim, fiz o que ele tanto queria. Lembro-me de vomitar logo após tomar seu líquido espesso e nauseante. Lorenzo riu e disse que “agora sim está virando um hominho”.

— Isso é revoltante Eric! — Ianto não aguentou

e caiu no choro.

— Tem mais — disse e ele levantou-se.

— Não quero ouvir.

— Por favor, Ianto. É importante para mim que você ouça o resto, jamais contei isso para ninguém antes, mas esse é o momento de eu me abrir e parar de fingir que nunca aconteceu.

— Ouvir tudo isso está me deixando triste Eric! É muito injusto!

— Eu sei, mas, por favor, ouça o restante da história. Já está acabando!

— Tudo bem — ele respirou fundo e voltou a sentar-se.

— Como disse, isso só aconteceu após a primeira semana da viagem. Os dias que se sucederam foram um inferno, ele passou a me alisar sempre que tinha oportunidade, inclusive em locais

públicos, como se aquilo o excitasse mais. Durante as noites, ele me mandava ficar nu e então se masturbava várias vezes seguidas, sempre gozando em alguma parte do meu corpo. Ele também começou a pedir que eu o beijasse, eu sentia muito nojo da forma que ele lambia meu rosto.

— Agora sou eu que vou vomitar — Ianto comentou enojado.

— Calma que agora que vem a pior parte da história. Aconteceu no último dia de viagem, Lorenzo me levou para uma das ilhas do outro lado do continente. Ele tinha alugado uma cabana para passarmos o dia e durante a manhã realmente aproveitamos todas aquelas belezas naturais. Mas logo após o almoço, ele me chamou para dentro e disse que aquela era a última oportunidade dele para "me iniciar". Achei que ele fosse mais uma vez pedir que eu fizesse sexo oral nele, mas ele me

mandou deitar de bruços sobre o sofá e logo puxou minha bermuda. Ele abriu bem minha bunda e eu senti algo molhado cair sobre mim, ele estava cuspindo em mim. O que ele fez em seguida me fez gritar alto, mas não tinha ninguém perto o suficiente para me ouvir. Ele tentou penetrar seu pau, enorme para uma criança de nove anos, de uma só vez.

— Chega, eu entendi! — Ianto implorou.

— Foi um dos piores dias da minha vida — confessei, lembrando-me das cenas horríveis que se sucederam.

— O que aconteceu depois disso?

— Nada. Voltamos para casa, não contei para ninguém com medo e vergonha e Lorenzo continuou trabalhando com meu pai por mais dez anos. Toda vez que eu via, ficava apavorado, achando que ele ia tentar algo, mas para minha

sorte, ele não teve oportunidades para isso.

— Isso não afetou sua mente?

— Claro que sim! Tive muitos pesadelos e durante os primeiros anos da minha adolescência eu sequer me masturbava, pois achava que era uma coisa que só pessoas nojentas faziam. Mas, aos poucos, eu fui me forçando a esquecer de tudo aquilo para seguir em frente. E, de fato, durante muito tempo consegui, mas sempre em algum momento as lembranças retornavam. Acho que vou morrer com elas e está tudo bem, pois eu cresci e me tornei forte o suficiente para deixar tudo isso no passado.

— Por que está me contando isso agora? — Ianto perguntou.

— Eu quero que perceba que não há diferença entre eu com nove anos e você, de cinco anos atrás. Nós dois éramos muito vulneráveis diante de

nossos abusadores, não tinha o que ser feito. Não tivemos culpa por termos sido enganados por lobos em pele de cordeiro.

— Mas eu que deixei ele se aproximar e, depois, me entreguei a ele...

— Isso não é motivo para o que ele fez depois, Ianto! Ninguém tem direito de obrigar outra pessoa a fazer sexo, independente das circunstâncias. A culpa nunca será da vítima, mas dos Paulos e Lorenzos que existem por aí!

Ianto respirou fundo pensativo.

— Acho que você tem razão — ele disse, por fim. — Também não sou capaz de esquecer o que aconteceu, mas está mais que na hora de deixar isso somente no passado. Quero ser feliz e viver o presente.

— Assim que se fala!

Aproximei-me dele e dei o beijo mais carinhoso que podia. Estava feliz, pois era exatamente o que eu queria ouvir dele naquela noite.

Agora era só seguir para a segunda etapa e curá-lo.

E essa, para compensar, prometia ser BEM divertida...

35/17 Capítulo 09, por Eric

Os dias foram se passando assustadoramente rápido.

Já fazia mais de uma semana que havia revelado a Ianto meu segredo e só havíamos nos visto uma vez desde então. Ele estava completamente ocupado com os detalhes referente ao seu consultório e estava evitando fazer sua família desconfiar de algo.

Namorar escondido era uma merda.

No escritório as coisas também estavam bem corridas para mim, principalmente sendo uma tarde de sexta-feira, mas decidi que faria de tudo para convencê-lo a dormir comigo naquela noite.

Precisava dar início ao segundo passo do meu

plano para ajudá-lo a ficar bem.

Então, pedi licença para Theo, que estava me ajudando a revisar alguns documentos na minha sala e então liguei para Ianto, que logo atendeu.

— Oi amor — ele atendeu falando baixinho.

Como era ótimo ouvi-lo me chamar daquela forma!

— Está falando baixo por quê? Tem alguém perto?

— Não, estou em meu quarto, mas como fica perto do de Liam, acho melhor não arriscar — explicou.

— Entendi. Vai fazer o que hoje? Estou com saudades!

— Também estou com muitas saudades de você! Até onde eu sei, os meus pais queriam levar Liam e eu para um jantar com amigos.

PERIGOSAS

— Tem como você fugir para dormir comigo?

— Não sei...

— Por favor! Não aguento mais ficar longe de você e tenho um assunto bem importante para conversar contigo.

— O que é? — Ianto perguntou curioso.

— Só posso falar pessoalmente.

— Isso é algum tipo de chantagem?

— Claro que não! Realmente tenho algo importante para te dizer.

— Tudo bem, vou dar um jeito de dizer que não posso ir com eles então.

— É por isso que eu TE AMOOOO! — tinha sorte dos vidros da minha sala cortarem o som. Ianto riu.

— Também te amo Eric, até de noite.

NACIONAIS - ACHERON

— Até depois meu amor — disse e então desliguei.

Theo em seguida retornou à minha sala com um aviso:

— A jornalista que marcou uma entrevista com você acabou de chegar.

— Tudo bem, pode mandá-la entrar.

— Farei isso.

Theo deixou a sala e, alguns minutos depois, retornou acompanhado de uma moça negra muito bonita, com cabelos crespos e muito volumosos. Sem dúvidas, muitas outras mulheres deviam morrer de inveja de todo aquele poder.

— Bom dia Sr. Pitz. Sou Emily Lins do Diário da Capital — ela estendeu sua mão e a cumprimentei.

— Prazer Emily, por favor, sente-se — convidei

e ela o fez, tirando um bloco de notas de sua bolsa.

— Queria poder ter vindo entrevistá-lo antes, já que está na cidade faz algumas semanas, mas infelizmente estava cobrindo um evento de negócios em sua cidade natal e não pude. Mesmo assim insisti para o chefe de meu setor que deixasse para mim, assim que eu retornasse à Costa Dourada.

— Não se preocupe com isso, eu também estive bastante ocupado. Mas por que tanto interesse de sua parte em me entrevistar?

— Já acompanho seu trabalho em investimentos em Sarnaut há algum tempo Sr. Pitz e, com a sua mudança e abertura de uma sede aqui na cidade, só me faz acreditar que tem novos planos de negócios completamente voltados ao nosso país. Estou curiosa!

— É assim tão óbvio? — perguntei rindo.

— Para uma jornalista de economia, bastante. Podemos começar?

— Claro — respondi endireitando-me na cadeira.

Emily era uma mulher muito inteligente e queria o máximo de informações inéditas para sua matéria, porém tomei cuidado no que disse. Apesar de deixar claro que queria fazer novos investimentos em Sarnaut, não revelei de que forma.

Afinal, ainda dependia de uma decisão favorável de Alex.

Assim que terminei a entrevista e me despedi da jornalista, disse a Theo que precisava sair mais cedo. Queria passar no centro para comprar algumas coisas que iria usar naquela noite.

Não demorei nas minhas compras e logo após conseguir tudo que precisava, fui direto para casa.

Tomei um banho rápido e então e preparei o quarto para a chegada de Ianto.

Aquela noite prometia.

Quando finalmente chegou a noite e Ianto tocou o interfone do meu apartamento, disse para ele subir. Estava muito ansioso para ver sua reação ao que tinha planejado.

Assim que abri a porta para ele, ele me cumprimentou com um delicioso beijo.

— Não tem noção do quanto estou feliz que veio me ver essa noite — disse, por fim, após separarmos nossos lábios.

— Também estou, muito.

Ele vestia-se com uma bermuda preta e camiseta azul.

— Então não demore tanto para vir — provoquei.

— Se eu pudesse, dormiria aqui todas as noites, mas você sabe que precisamos tomar cuidado para que minha família não suspeite de nada. Logo após aquela vez que passei a noite fora de casa já começaram a me perguntar se estava saindo com alguém.

— Por que não contamos a verdade logo? — sugeri. — Acho que adiar isso não vai amenizar as coisas, eles vão pirar de qualquer forma quando descobrirem.

— Não me deixa mais nervoso! — ele deu um leve soco no meu ombro. — Calma, ainda não está na hora. Confia em mim!

— Tudo bem, esperarei o momento que você achar adequado.

— Obrigado — ele voltou a se aproximar e me deu um selinho. — Mas agora me diz o que de tão importante tinha para conversar comigo — pediu

ansioso.

— Na verdade, vou te mostrar — disse, puxando-o pelo braço.

Ianto ficou confuso, mas me acompanhou.

Levei-o até o andar de cima e, assim que chegamos diante da porta de meu quarto, fui atrás dele e tapei seus olhos para fazer um pouco de mistério.

— O que você fez? — ele perguntou rindo.

— Você vai ver já já — disse, levando-o devagar até dentro do quarto. — Quer ver?

— Claro! Você sabe o quanto sou ansioso, Eric.

— Então pode abrir os olhos — disse e, após fechar com o pé a porta atrás de nós, tirei minhas mãos da frente de seus olhos para que ele pudesse ver.

Ianto abriu a boca surpreso.

PERIGOSAS

O quarto a sua frente estava na penumbra, iluminado por diversas velas aromáticas de ylang ylang, espalhadas ao redor da cama coberta por pétalas de rosas. Ao fundo tocava uma música ambiente relaxante.

— O que você está fazendo? — Ianto perguntou nervoso.

— Confie em mim — disse e estendi minha mão para ele.

Ele hesitou durante alguns segundos encarando-a, mas, por fim, pegou.

Sorri satisfeito e então o levei até a cama. Pedi que sentasse diante de mim.

— Eu sei que você não se sente confortável quando eu toco demais em você, pois todos seus medos se manifestam e o fazem travar, mas não se preocupe, não é isso que estou querendo essa noite.

NACIONAIS - ACHERON

— Então por que disso tudo?

— Você me disse na noite que se abriu para mim que, por muito tempo, sentia nojo do seu próprio corpo. E quero que saiba que isso não faz sentido! Você é lindo Ianto, eu o desejo mais do que qualquer pessoa no mundo.

— Eu sei, mas é complicado. Eu também te desejo muito Eric, só que infelizmente não sou capaz de deixá-lo me tocar. Não, por enquanto.

— É por isso que fiz tudo isso — disse. — Eu quero que você perceba o quanto eu amo seu corpo, independente do que aquele maldito fez contigo e crie maior confiança em mim. Para que, em breve, possa voltar a se entregar totalmente.

— Como? — Ianto estava confuso.

— Indo devagar — respondi, sorrindo para ele. Então expliquei: — Essa noite não precisamos nos tocar, vamos apenas lembrar o quanto desejamos

um ao outro e que não precisamos sentir nojo ou vergonha de nossos corpos. Quero que você confie em mim o suficiente para se despir comigo aqui, um diante do outro.

— Eu não sei se consigo.

— Não se limite Ianto, tente! Já disse, não vou te tocar em nenhum momento, quero que as coisas sejam graduais. Essa noite quero apenas que você sinta-se seguro em ficar nu na minha frente, sem ter medo de algo ruim acontecer. Quero te mostrar que você pode confiar em mim!

Ele respirou fundo pensativo.

— Promete parar se eu pedir?

— Na mesma hora.

— Tudo bem então, vou tentar, mas vamos com calma — pediu.

— É claro — disse contente.

— O que fazemos agora?

— Levanta — disse e ele parou em pé diante de mim, um olhando nos olhos do outro. — A partir de agora não vou tocar ou chegar perto demais de você. Okay?

— Tá bom — concordou, mas estava claramente nervoso.

— Vamos ir devagar. Vamos começar tirando nossas camisetas.

Ianto parecia hesitante e então eu tirei a minha primeiro, deixando-a cair sobre o chão ao nosso lado em seguida. Ele observou meu corpo alguns segundos e então também tirou a sua.

Admirei sua barriga magra com ralos pelinhos loiros que desciam até o cós de sua bermuda escura. Estava mais lindo do que eu lembrava! Mas Ianto logo cruzou seus braços, demonstrando desconforto em estar exposto daquela forma.

— Você está sentindo vergonha? — perguntei e ele balançou a cabeça em positivo.

— Nem quando vou à praia tiro minha camiseta — revelou.

— Devia, pois é a coisa mais linda do mundo — disse e ele forçou um sorriso. — E de meu corpo, você gosta do que vê?

— É óbvio que sim — respondeu de imediato, encarando meu corpo. — Adoro seus braços largos, peitoral definido e essa barriga cheia de gominhos. Você definitivamente não perdeu a forma.

— Te excita?

— Muito.

— Que bom, seu corpo também me excita muito.

Ele abriu um sorriso tímido.

— O que fazemos agora?

— Vamos para o próximo passo: tirar nossas bermudas.

— Tudo bem — ele concordou nervoso, tirando seus sapatos. Fiz o mesmo.

Desci de uma só vez minha bermuda, revelando minha cueca vermelha, marcada pelo meu pau em estado meia bomba. Ianto encarou meu volume com as bochechas coradas e então ficou parado.

— Agora é sua vez — incentivei.

— Acho melhor não.

— Não tenha vergonha amor!

Ele respirou fundo.

— Tudo bem — disse e então desceu devagar a sua bermuda também.

Estava vestindo uma cueca branca e ele sim estava completamente duro, mordi meu lábio inferior vendo aquela cena e meu pau também

completou a ereção.

— Isso é constrangedor — Ianto comentou envergonhado.

— Não, isso só mostra o quanto desejamos um ao outro.

Ele ficou calado, observando minhas pernas e membro marcando quase que perfeitamente seu formato sob o tecido da cueca.

— Que ver? — ofereci indicando meu "amiguinho".

— Quero — respondeu tímido.

Sem enrolar, desci minha cueca e meu pau saltou para fora.

Ianto encarou hipnotizado meu mastro, que pulsava de tanto tesão que eu estava sentindo. A cabeça estava completamente exposta e as veias pareciam ainda mais salientes que o costume. Mas

não era para menos, já fazia mais de uma semana que eu não batia uma.

— Sua vez — disse e Ianto concordou balançando a cabeça.

Ele desceu sua cueca e revelou seu membro tão duro quanto o meu.

Seu pênis podia ser consideravelmente menor que o meu, mas estava em ponto de bala, apontando para cima com sua cabeça rosada e convidativa. Se pudesse, me ajoelharia diante dele e lamberia sem parar.

— Como se sente? — perguntei a ele.

— Não sei, um pouco estranho.

— Quer por suas roupas de volta?

— Não...

— Então vamos para a segunda parte — disse e sinalizei para ele subir na cama.

Fiquei ajoelhado no meio sentado sobre minhas pernas e pedi que fizesse o mesmo, diante de mim.

— O que vamos fazer? — ele perguntou, ainda encarando meu mastro.

— Nossos corpos não mentem, sentimos muito tesão um pelo outro, apesar de não conseguirmos consumar sexo por enquanto. Mas isso não é impedimento de que tenhamos prazer juntos — disse e peguei embaixo do travesseiro atrás de mim um frasco de óleo de massagem, também de ylang ylang. Não conhecia a planta, mas assim que a moça da loja me mostrou, simplesmente apaixonei-me pelo aroma.

Abri a tampa e despejei um pouco do óleo sobre o membro duro de Ianto, molhando junto toda sua virilha e pernas. Queria poder espalhar para ele, mas como não podia, apenas repeti a mesma coisa sobre mim.

— Me deixe gozar contigo Ianto — disse e, após largar o frasco, envolvi com as mãos minha ereção, subindo e descendo em movimentos lentos e deliciosos que faziam minhas coxas contrair, enquanto encarava-o nos olhos.

Ianto observou durante alguns segundos o que eu estava fazendo e então começou a fazer o mesmo: Pegou em seu pau e começou a masturbar-se enquanto encarava meu corpo com desejo. Sorri satisfeito.

Minhas mãos deslizavam facilmente por toda a extensão do meu cacete, com a ajuda do óleo e eu gemia intensamente com cada sensação, imaginando-me dentro de Ianto. Como queria que esse dia chegasse logo.

Pouco depois, comecei a espalhar mais óleo por minha barriga e peitoral com uma das mãos, enquanto a outra não tirei do meu membro que

implorava por atenção. Já Ianto usava as duas: com uma batia e a outra massageava suas bolas.

Ele contorcia-se de prazer.

— Caralho, você é muito gostoso Ianto — disse entre gemidos.

— Você também, seu pau é tão grande e gostoso.

— Tu gosta é safado? — perguntei balançando de forma provocativa, ele confirmou com a cabeça sem desviar o olhar, mordendo seu lábio inferior. — Queria ver seu cuzinho, me mostra?

— Melhor não, tenho vergonha.

— É por isso que estamos fazendo isso, para que você não tenha vergonha comigo. Prometi que não vou tocar em você, lembra?

— Tá bom, mas só um pouco — ele disse e então se virou, ficando de quatro para mim com a

bunda bem empinada.

— Caralho! — acelerei o ritmo da punheta. Estava tendo a visão do paraíso.

Peguei o frasco de óleo e despejei um pouco sobre sua bunda redonda e gostosa.

Ianto gemeu alto assim que sentiu o líquido e espalhou com as mãos por suas nádegas. Em seguida, para me enlouquecer ainda mais, ele deslizou dois dedos até seu cuzinho, onde massageou com movimentos circulares enquanto continuava masturbando-se com a outra mão. Que vontade de meter a língua!

— Assim você acaba comigo — disse, entre gemidos intensos.

— Não é o que você queria ver? — ele provocou com o rosto pegando fogo.

— É o que eu quero ver e provar.

— Se você não desistir de mim e ir atrás de outro, prometo que logo você poderá.

— Eu não quero ninguém além de você Ianto! — diminui o ritmo da punheta.

— Jura? — ele perguntou parando de se masturbar.

— Juro! — disse e vi ele se virar para mim novamente.

— Então acho que posso fazer algo a mais por ti essa noite.

— O quê? — perguntei obviamente interessado.

Ele não respondeu, apenas envolveu seus dedos finos em torno do meu mastro pulsante e gemi alto com a sensação. Em seguida, começou a me masturbar lentamente, enquanto encarava-me nos olhos.

Sem pensar duas vezes, também peguei no seu

pau e comecei a beijá-lo ferozmente, enquanto batíamos punheta um para o outro.

Queria que ele gozasse comigo.

Nossos gemidos já se sobressaiam a musica de fundo e as velas queimando ao nosso redor, tornavam o momento ainda mais quente.

Sentia como se todo meu corpo ardesse em desejo.

Por fim, quando começamos a ficar ofegantes e nossos gemidos se intensificarem ainda mais, aceleramos o ritmo da masturbando e gozamos quase ao mesmo tempo, molhando-nos um ao outro de esperma e amor.

Sem dúvidas, meu plano para aquela noite havia se saído muito melhor do que eu podia imaginar. Agora só faltava a última etapa.

E essa era ainda melhor...

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

35 17 Capítulo 10, por Ianto

No sábado, fui embora da casa de Eric logo cedo.

Queria chegar em casa a tempo de tomar o café com minha família e depois me encontrar com Rafael para ver os detalhes finais do consultório. De acordo com o decorador, estaria pronto hoje. Estava muito ansioso.

Mas principalmente contente, devido aos acontecimentos da noite anterior. Eu finalmente havia conseguido tocar Eric e deixar ser tocado. A maioria das pessoas até pode considerar pouco uma masturbação mutua, porém para mim era muito.

Significava que eu estava melhorando.

Havia agido errado em ter deixado meu ciúme e medo de ser abandonado transparecer num

momento bem impróprio para isso, mas a resposta de Eric foi essencial para que eu sentisse-me seguro para tocá-lo.

Sentia que logo poderia ir além, para fazer o que Eric e eu tanto desejávamos.

Assim que cheguei em casa, ouvi o som de conversas vindo da sala de jantar. Fui até lá e encontrei minha família começando a comer.

— Bom dia — disse, sentando-se na minha cadeira de sempre.

— Conseguiu ajudar sua amiga? — minha mãe perguntou, entre goles de seu café.

— Mais ou menos, conversamos bastante, mas sabe como são essas coisas — menti na cara de pau.

Havia dito para fugir do jantar que uma amiga ligou pedindo para conversar, pois estava muito

mal após ser deixada pelo namorado. O que eu não fazia por Eric...

Servi meu café e assim que comecei a preparar um sanduiche, percebi que meu pai me observava pensativo. Liam estava lendo um jornal concentrado, provavelmente a seção de esportes.

— Onde está Hadassa? — perguntei.

— Está no médico, fazendo uma consulta. Estava sentindo algumas dores e insisti que ela fosse atrás para não piorar.

— Espero que ela esteja bem... Enfim, como foi o jantar ontem? — perguntei e dei um gole do meu café.

— Foi bom, apesar de que achei a comida bastante salgada, tive de tomar remédio para pressão assim que cheguei em casa, para garantir — minha mãe respondeu.

— Eu gostei — Liam comentou, ainda lendo.

— Lembrei! — meu pai disse animado.

— Lembrou-se de que? — perguntei confuso.

— Estava tentando me lembrar do que era esse cheiro e finalmente consegui! Não é um perfume, você está cheirando a ylang ylang.

Quase engasguei ouvindo aquilo.

Meu rosto deve ter ficado mais vermelho que um pimentão.

— Tem razão — minha mãe comentou desconfiada.

— O que é isso? — meu irmão perguntou, abaixando o jornal na mesa.

— É uma planta afrodisíaca — ela respondeu.

Liam me encarou na hora.

— Por que você está cheirando a isso?

PERIGOSAS

— Acho que é do creme que usei na casa da Michele — enrolei.

— Bem que achei você bem relaxado assim que chegou — meu pai provocou.

— Eu não fiz nada!

— Filho, assim que você sentir-se confortável para se abrir para nós e contar com quem está saindo, estaremos aqui. Pare de perturbá-lo Otávio! — minha mãe disse.

— Tá bom, desculpa — meu pai riu.

Liam bufou e voltou a erguer o jornal na frente do rosto.

Foi então que eu vi algo que fez meu coração parar:

Na capa, ao lado da matéria manchete da edição estava uma pequena foto de Eric com o título "Empresas Pitz chegam à Sarnaut e novos

NACIONAIS - ACHERON

investimentos estão nos planos". Sem pensar direito, rapidamente me inclinei e tomei o jornal das mãos de Liam antes que mais alguém notasse aquilo.

Ele me encarou confuso, assim como meus pais.

— Por que fez isso?

— Lembrei que preciso ver os classificados, depois devolvo — disse nervoso e então deixei a sala apressado.

Subi até meu quarto, com o coração quase saltando do peito.

Por que raios Eric não havia me avisado que estaria no jornal?

Minha família quase descobriu que ele estava na cidade e seria inevitável não associar minhas saídas noturnas com isso. Tinha sorte de todos estarem distraídos.

Após esconder o jornal entre minhas coisas, para depois jogar fora sem ninguém ver — como se isso fosse tornar as coisas menos suspeitas. — liguei para Eric.

— Já está com saudades? — ele atendeu animado.

— Não, pois acabei de te ver durante o café da manhã, no jornal que meu irmão estava lendo! Por que não me contou que sairia nele?

— Eita, eu esqueci. Estávamos meio ocupados ontem...

— Não podemos bobear Eric.

— Eu sei, desculpa. Eles viram?

— Não, fui rápido e tomei da mão de Liam antes que mais alguém notasse.

— Acho que devemos começar a pensar em como vamos contar a eles, pois se o que estou

planejando der certo, a visibilidade que terei será ainda maior e será inevitável que eles descubram que estou na cidade.

— Eles agora têm certeza que eu estou saindo com alguém.

— Por quê? Você deixou escapar algo?

— Não, eles sentiram o cheiro do óleo em mim, que pelo jeito não saiu completamente após o banho.

— É só ylang ylang — Eric comentou rindo.

— Claro, bem normal sair por aí cheirando a uma planta afrodisíaca.

— O que você disse a eles?

— Enrolei, dizendo que era de um creme que usei na casa da minha amiga. Mas claro que agora eles sabem que estou mentindo, quando saio para dormir fora.

— Já que agora eles sabem que você está saindo com alguém, pode vir passar mais noites comigo. É só inventar algum cara como namorado.

— E se eles quiserem conhecer?

— Simples, a gente contrata um garoto de programa.

Eu ri alto.

— Acho que não será necessário que eu conte agora quem é, pois minha mãe disse que respeitariam meu tempo, mas mesmo assim, na hora que souberem que você está na cidade ficará tudo muito obvio.

— Por isso acho melhor que eles saibam por você do que por um jornal ou outra pessoa — Eric aconselhou.

— Acho que você tem razão, mas é tão complicado... Enfim, depois conversamos mais

sobre isso.

— Vai passar a noite comigo de novo? — perguntou animado.

— Não, mas acho que posso ficar algumas horas aí.

— Para mim já está maravilhoso!

— Tá bom Sr. Ylang Ylang, até de noite. Te amo!

Eric riu.

— Também te amo bebê, mil beijos nessa sua boca deliciosa.

— Beijos — disse e desliguei.

Como faltava meia hora para Rafael chegar, decidi tomar um banho caprichado e tirar qualquer resquícios do ylang ylang do meu corpo. Eu evitava usar perfumes de Eric quando ia a sua casa, para não criar suspeitas, mas no fim, aquele óleo havia

me entregado.

Pelo menos, o cheiro era delicioso.

Assim que retornei para o quarto, vesti minhas roupas e menos de cinco minutos depois Rafael chegou. Fiz questão de convencê-lo a irmos logo, não queria que ele visse Liam e este me pedisse para devolver o jornal.

— Por que tanta pressa? — ele perguntou, assim que entramos em seu carro.

— Nada, só estou ansioso para ver o consultório — enrolei.

— Eu também, inclusive acho que já encontrei uma secretária para nós.

— Sério? Quem?

— É filha de uma das empregadas de nossa casa, precisava muito de um emprego e disse que ajudaria. Tem problema?

— Claro que não, por mim está perfeito.

— Sabia que você ia concordar! Isso significa que se estiver tudo pronto, dentro de uma semana poderemos começar a atender. Não é o máximo?

— Sem dúvidas, mas estou um pouco nervoso a respeito disso. Dessa vez não teremos nossos professores para monitorar.

— Vai dar tudo certo.

Sorri e ele deu a partida.

Assim que chegamos ao prédio em que ficava nossa sala, subimos até o andar e encontramos o decorador logo na frente, limpando com um paninho a placa com nossos nomes ao lado da porta. Muito orgulho!

— Bom dia — ele cumprimentou animado, assim que nos viu.

— Bom dia Luiz, tudo bem?

— Isso é o que vocês vão me dizer quando verem lá dentro.

— Me chama que eu vou! — disse animado.

— Então bora entrar.

Assim que adentramos meus olhos brilharam.

A pequena sala de espera estava linda, com uma mesa de trabalho para nossa secretária num canto, cadeiras confortáveis no outro e papel de parede floral por todas as paredes. Havia ainda uma fonte em forma de cascata ao lado da janela.

— Amei! — disse e Rafael concordou também maravilhado.

— Esperem até ver as salas de atendimento! — Luiz disse e sinalizou para acompanharmos.

Primeiro entramos na minha.

Estava maravilhosa! Com uma poltrona cinza próxima a janela e logo adiante um divã de mesma

cor, com alguns quadros pendurados sobre. As paredes também estavam cobertas com papel de parede, e todo o ambiente passava uma aura de tranquilidade.

Em seguida olhamos a de Rafael, que estava bastante parecido.

Por último, a maior sala que usaríamos para terapias em grupo e coisas do tipo, estava impecável com cadeiras colocadas em círculo. Estava muito satisfeito com o resultado!

E ainda mais ansioso para começar a atender.

E isso estava mais próximo do que nunca!

- **********

- Assim que anoiteceu, parti em direção ao apartamento de Eric.

- Como dessa vez não pretendia dormir lá,

achei que não era necessária avisar que estava saindo para minha família, considerando que logo mais estaria de volta.

- Eric me cumprimentou com um beijo caprichado.
- Ele ainda estava com seu terno e devia ter chegado haviam poucos minutos.
- — Nem acredito que estou te vendo dois dias seguidos, espero que continue assim — comentou assim que separamos nossos lábios.
- — Acho difícil, semana que vem começarei a atender.
- — Sério? Então o consultório já ficou pronto?
- — Sim, o imóvel era muito bom e novo, então não precisou de reformas. E o decorador já terminou seu trabalho e fez um excelente trabalho,

tem que ver como está lindo!

- — Fico feliz por ti amor.
- — Obrigado — dei um selinho.
- — Vem — Eric puxou-me pelo braço até o sofá.
- Sentamos pertinho um do outro. Ele jogou o paletó ao lado e afrouxou a gravata.
- — Como você está após o que fizemos ontem? — ele perguntou me analisando.
- — Estou ótimo, me sentindo muito bem — respondi segurando sua mão.
- — Eu também, amei vê-lo nu e poder te tocar, mesmo que pouco.
- — Fiquei tão feliz por conseguir.
- — Eu mais ainda em ver que confiou em mim para isso.

PERIGOSAS

- — Você conquistou por merecer, tudo que fez por mim ontem, foi incrível.
- — Gostou? — Eric perguntou sorridente.
- — Muito, até mesmo do ylang ylang — respondi e ele riu.
- — Que bom, pois quando você disse que viria, achei que podíamos tentar mais uma coisa — ele acariciou delicadamente minha mão.
- — O quê? — perguntei curioso.
- — Primeiro me diz se está a fim — provocou.
- — Não sei, você vai ir com calma como ontem?
- — Não vai depender de mim isso.
- — Como assim?
- — Se me deixar te mostrar, saberá. Quer? — ele mordeu seu lábio inferior encarando-me nos

olhos.

- — Quero — respondi decidido.
- Estava seguindo o conselho que ele havia me dito na noite anterior: não se limitar.
- Eu queria melhorar e isso só seria possível tentando, como havíamos feito.
- — Então vem comigo — Eric sinalizou para acompanhá-lo até o andar de cima.
- Ele me levou até seu quarto que, dessa vez, estava normal.
- — Por que você acha que ontem conseguiu se soltar? — ele perguntou, assim que entramos.
- — Pois você foi com calma.
- — Não somente isso, eu prometi não tocar em você.
- — E no fim, fui eu que te toquei.

- — Exatamente e isso foi muito bom. Lembra-se daquela primeira noite?
- — Como não lembrar, eu pirei e depois você socou a porta do closet.
- — Sim, mas por que você pirou? Por que eu estava te beijando ou pelas coisas safadas que disse ao seu ouvido?
- — Acho que foi por estar encima de mim e eu não conseguir mover.
- — Exatamente, você tem medo de perder o controle da situação, por isso essa noite eu vou te dar todo ele — Eric disse, retirando sua gravata.
- — Como assim?
- Ele me entregou a gravata.
- — Eu quero que você amarre minhas mãos e faça o que quiser comigo; o que tiver vontade, sem medo. Essa noite sou totalmente seu, Ianto.

PERIGOSAS

- — Tem certeza disso? — perguntei surpreso.
- — Sim, tenho, acho que pode ajudar a você ir além do que já fez ontem.
- — Tudo bem, acho que podemos tentar — disse e ele sorriu satisfeito.
- — Agora ate minhas mãos na cabeceira da cama — orientou e, após ele deitar-se de barriga para cima com as mãos no alto, fiz o que ele disse.
- Encarei-o deitado ali diante de mim e ri nervoso. Eric era louco!
- — O que eu faço agora? — perguntei.
- — Não precisa perguntar para mim, você quem manda. Faça o que quiser comigo.
- — Okay — disse respirando fundo.
- Comecei abrindo sua camisa. Eric me observava atentamente.

NACIONAIS - ACHERON

- Em seguida levei minha mão até sua barriga trincada e senti o calor de sua pele e seus ralos pelos entre meus dedos. Era muito bom. Subi vagarosamente até seu peitoral, onde deslizei minhas mãos com vontade.
- — Eu amo seu corpo — disse, sentindo meu pau começando a endurecer.
- — Ele é todo seu.
- Ao ouvir aquilo, inclinei-me sobre ele e levei a boca até um dos seus mamilos.
- Eric gemeu alto e aquilo satisfez meus ouvidos.
- Lambi delicadamente e logo o senti enrijecer-se em minha língua. Em seguida fui para o outro e dei a mesma atenção. O volume entre as pernas de Eric cresceu.
- Aos poucos, fui descendo com beijinhos até

sua barriga e soltei o botão de sua calça. Após jogar seus sapatos para longe, com um só movimento, tirei ela completamente, deixando-o somente de cueca branca à minha frente.

- Abaixei-me e comecei a beijar também suas coxas grossas e deliciosas, Eric se contorcia a cada um e seu pau pulsava logo acima.
- — Gosto muito de suas pernas — disse e então tirei minha camisa. — Mas gosto mais disso aqui — dei uma leve mordida em seu pau e Eric gemeu alto.
- — Caralho!
- — Você gosta?
- — Muito!
- Sorri satisfeito e comecei a lamber seu pau por cima da cueca, molhando-a toda.
- Era grande e grosso, uma delicia.

PERIGOSAS

- Não aguentei e logo tirei para fora e peguei com as mãos para sentir a temperatura; estava pegando fogo. A cabeça estava toda molhada com liquido pré-ejaculatório. Limpei com a língua em movimentos circulares.
- Eric se contorceu completamente.
- — Isso é muito bom — ele disse entre gemidos.
- — Senti falta de fazer isso — comentei e abocanhei seu pau, começando a chupar devagar. Parecia tão mais simples fazer aquelas coisas com ele amarrado.
- — Eu mais ainda.
- Descia e subia minha boca por todo seu membro completamente duro, enquanto deslizava minha mão por seu peitoral. Seu gosto era delicioso!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

- Meu pau latejava dentro da cueca de tanto tesão que estava sentindo, fazia tanto tempo que não fazia algo assim. Precisava de mais!

- Desci minha boca até o saco de Eric e comecei a chupar suas bolas, massageando-as com a língua, uma por vez, enquanto masturbava seu pênis.

- Mas tudo aquilo era pouco, queria ela dentro de mim!

- Então tirei o restante das minhas roupas e também fiquei completamente nu. Ele me encarou com um enorme sorriso, sabia o que viria a seguir.

- — Acho que vai doer, mas quero muito isso — disse, subindo encima dele e esfregando minha bunda sobre seu pau.

- — Tem lubrificante aqui do lado — ele sinalizou, apontando o criado mudo com a cabeça.

NACIONAIS - ACHERON

- Inclinei-me e peguei na primeira gaveta o frasco.
- — Você já estava preparado para isso, não é mesmo? — perguntei encarando-o.
- — Claro, é o que mais eu quero.
- — Então mostre que você merece — provoquei, inclinando meus quadris na altura do seu rosto, para que abocanhasse meu membro.
- Eric não hesitou e engoliu todo ele de uma vez, para em seguida começar a chupar freneticamente. Ele parecia estar adorando meu cacete e isso apenas me excitou mais.
- Gemia intensamente.
- — Agora as bolas — disse, descendo sua cabeça pro meu saco.
- Ele prontamente obedeceu, lambendo com sua língua todo ele e depois abocanhava fazendo-

me contorcer, enquanto comecei a espalhar com os dedos um pouco de lubrificante em meu cuzinho.

- Quando fiquei satisfeito com aquilo, retornei novamente para próximo de seu pau e lambuzei bastante com o lubrificante.

- Posicionei na minha entrada e, aos poucos, fui sentando.

- Urrei de dor ao sentir-me começando a ser invadido por aquele monstro, então parei e respirei fundo. Mas não iria desistir, eu queria.

- Reiniciei a tentativa e logo senti a cabeça entrando rasgando, ardia muito.

- — Vai com calma, amor — Eric disse, entre gemidos.

- — Eu que dito a velocidade, lembra? — provoquei voltando a empurrar minha bunda para baixo.

- Senti mais do seu pau deslizar para dentro e minha visão escureceu.
- Eu não estava mais acostumado com aquilo!
- Fiquei parado novamente, relaxando e me acostumando com seu pau dentro de mim. Quando senti que estava melhor, percebi que faltava pouco e não hesitei, desci até sentir seus pelos tocarem na minha bunda.
- Eu estava com todo ele dentro de mim e podia senti-lo pulsar.
- — Isso é maravilhoso — Eric comentou extasiado.
- Aguardei a dor se dissipar um pouco e então comecei a cavalgar devagar.
- Meu pênis saltava para cima e baixo a cada movimento e Eric parecia estar adorando a visão, enquanto sua barriga era molhada pelo meu líquido

pré-gozo.

- Quando senti que a dor estava mais suportável e se mesclava deliciosamente com o prazer anal que estava sentindo, acelerei o ritmo da cavalgada aproveitando a sensação de ter um pau grande me fodendo.
- Não lembrava o quanto era delicioso.
- Peguei em meu membro, agora em estado meia bomba e voltei a me masturbar.
- Eric me encarava com desejo.
- Eu parava de quicar somente às vezes, para rebolar deliciosamente sobre seu pau, provocando-o. Era tão bom sentir-me novamente o Ianto que um dia eu fora.
- Quando as minhas pernas começaram a cansar e ficou difícil continuar cavalgando, deitei-me sobre o peito de Eric e pedi:

- — Me ajuda.
- Ele prontamente dobrou suas pernas e começou a meter em mim.
- Aproveitei que estávamos tão próximos e beijei sua boca com vontade, enquanto sentia seu pau entrar e sair de mim freneticamente. Meu pau roçava em sua barriga e nossos suores se mesclavam completamente.
- O cheiro de sexo exalava por todo o quarto.
- Eric parecia estar adorando ter o controle da penetração, pois metia até o fundo e depois tirava quase que completamente para depois voltar a socar com tudo, enlouquecendo-me.
- Quando seus gemidos se intensificaram, ele logo avisou:
- — Vou gozar!
- — Goza, mas não para — ordenei e ele

continuou socando, ainda mais rápido.

- Não demorou e senti seu leitinho me encher por dentro, mas Eric fez o que eu pediu e continuou me penetrando sem parar, enquanto eu sentia meu pau duro esfregar em sua barriga encharcada de suor.

- Como era de se esperar, menos de um minuto depois ele gozou pela segunda vez e podia sentir seu pau perdendo um pouco da ereção. Mas mesmo vendo que ele estava claramente exausto, não pedi que parasse.

- Era eu quem comandava aquela noite e precisava de mais!

- Quando finalmente senti o ápice de prazer chegando, implorei:

- — Continuaaa!

- Eric acelerou as estocadas e contorci-me de

prazer sentindo meu pau jorrar muito esperma sobre toda sua barriga e peito.

- Por fim, deitei-me sobre ele para descansar, sem se preocupar o quanto pegajosos estávamos. Aquilo havia sido incrível!

35 17 Capítulo 11, por Ianto

Os dias foram passando e, para minha surpresa, minha família passou a parar de me cobrar por respostas. Com isso, passei a visitar Eric mais.

Já fazia uma semana que, quase todas as noites em que ia para sua casa, fazíamos algo. Mas ainda íamos com cuidado para não abusar da sorte. Eric jamais insistia para que eu fizesse algo que eu não queria e se eu não estivesse muito confortável, apenas ficávamos abraçados nos beijando.

Ele respeitava completamente meu tempo e sentia que, muito em breve, poderia voltar a ter uma vida sexual 100% normal. Não podia estar mais feliz.

Mais ainda naquele dia.

PERIGOSAS

Estava prestes a atender meu primeiro paciente oficial.

Cheguei alguns minutos antes da hora marcada e Danusia, a nossa secretária me recepcionou sorridente. Ela tinha uns 25 anos, era uma ruiva da minha altura e gordinha, com sardinhas espalhadas pelo rosto arredondado.

Rafael começaria no dia seguinte — apesar de que eu só tinha um paciente para atender naquele dia. Precisava ainda construir uma rede de contatos. Fiquei bem feliz quando a recebi a ligação desse cara, que disse ter sido indicado a me procurar por uma professora que eu gostava muito.

Precisava agradecê-la assim que a visse novamente.

— Bom tarde Dr. Ianto.

— Me chame só de Ianto, Danusia. Até porque nem posso ser chamado assim, lembre-se que só

quem leva esse título, é quem fez doutorado e ainda não cheguei lá.

— Tudo bem, desculpa.

— Não se preocupe, agora você sabe — sorri para ela. — Vou aguardar o... — chequei o nome do paciente na agenda do meu celular. — Marcos em minha sala, okay?

— Claro, assim que ele chegar eu o passo para você.

— Obrigado.

Segui para minha sala e sentei-me na poltrona respirando fundo.

Ninguém merecia ser uma pessoa ansiosa, mas não era para menos. Agora seria o responsável em tentar ajudar pessoas que estavam sofrendo de alguma forma, dava um pouco de medo de não ser capaz.

PERIGOSAS

Durante meu estágio da faculdade, claro que atendi algumas pessoas, porém era tudo acompanhado por um professor. Agora se eu errasse, não tinha quem me corrigir e um erro podia piorar toda a situação emocional de meu paciente.

Quando a porta finalmente se abriu despertando-me de meus pacientes, levantei rapidamente e vi Danusia acompanhando Marcos.

— Boa tarde, Marcos — cumprimentei-o.

— Boa tarde — ele retribuiu tímido.

Danusia sorriu para mim e saiu fechando a porta.

Marcos era bastante alto, magro de cabelos negros que iam quase até seus ombros e um rosto fino por trás dos óculos que não escondiam suas enormes olheiras. Imediatamente me perguntei se ele estava doente.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos sentar? — convidei e ele prontamente aceitou.

Retornei para minha poltrona e ele sentou-se à minha frente.

Primeiro fiz a anamnese para saber mais dele.

Ele tinha 20 anos, estudava administração e vivia com seus pais, sendo filho único. Não namorava e me garantiu não ter qualquer problema de saúde, além da miopia.

Mas sua queixa principal me deixou realmente preocupado:

— Sinto constantemente vontade de acabar de uma vez por todas com o meu sofrimento. Ninguém me entende.

Foi então que percebi que ele usava uma camiseta de mangas longas, algo bem incomum de se usar numa cidade tão quente quanto Costa

Dourada.

— Por que você acha que ninguém o entende?

— As pessoas riem e zombam de mim na faculdade, me chamam de esquisito.

— Já tentou falar com o reitor ou coordenador de seu curso?

— Pensei várias vezes, mas sentia vergonha de fazer isso e no fim, percebi que não ia adiantar nada.

— Por que você acha isso?

— Pois um dia, após o intervalo, quando retornei para a sala encontrei minha mesa vazia. Haviam jogado meus cadernos no lixo e molhado com refrigerante e restos de comida, como seu fosse um nada e não devesse estar ali. Me descontrolei e sai gritando perguntando quem foi, queria socá-lo. Mas todos riram e começaram a

jogar bolinhas de papel sendo contra mim, zombando mais da minha cara. Sai correndo e chorando da sala. Dois professores viram a cena toda, mas nada fizeram. Foi então que percebi que eles também não gostavam de mim.

Ele esfregava sem parar suas mãos, de forma nervosa.

— Isso é horrível. Não pensou em mudar de faculdade?

— Não acho que fará diferença, isso me acompanha desde criança, serei zombado onde estiver.

— Nunca contou para seus pais sobre isso?

— Claro que não, mal conversamos. Meu pai vive no trabalho e quando volta para casa está quase sempre está bêbado, fico distante pois ele costuma ser agressivo. Minha mãe, mesmo sabendo que ele a trai, lambe o chão que ele pisa e faz tudo

por ele. Se um dia ele disser que me quer fora da casa, ela prontamente vai fazer minhas malas. Só está pagando para eu vir aqui, pois também acha que eu sou esquisito.

— É por causa disso isso tudo que você se corta? — perguntei e ele confirmou com a cabeça, começando a chorar silenciosamente. — Pode me mostrar?

Ele levantou as mangas e o que vi me abalou bastante, mas tentei não demonstrar.

Seus braços estavam cheios de cortes horizontais, dezenas deles, alguns ainda cicatrizando.

— Você faz isso sempre que está triste?

— Sim.

— Por quê?

— Eu prefiro sentir a dor física.

— E ajuda a esquecer a emocional?

— Só na hora, logo começo a sentir toda a tristeza novamente e tenho que fazer outro corte para diminuir o sofrimento.

— Então vamos combinar algo Marcos? Quando vocês sentir vontade de machucar a si mesmo, você vai respirar fundo, contar até dez e perguntar a si mesmo “Isso vai realmente me ajudar a ficar melhor ou será que só vai me trazer mais sofrimento?”. Tenho certeza que você perceberá que não vale a pena.

— Mas e se eu ficar sem me cortar e não aguentar a dor? Se eu começar a pensar a tomar todos os remédios de dormir da minha mãe? O que eu faço?

— Você me liga na hora! Não importa se for dia ou noite, se você sentir que não vai aguentar Marcos, me liga que irei imediatamente até você

estiver para conversarmos. Okay? Não faça nada sem pensar.

— Não sei se consigo fazer isso.

— Por favor, me prometa que você vai fazer isso. Preciso saber que, se você precisar de ajuda, não vai hesitar em me ligar. Você me disse que ninguém entende sua dor, mas eu sim e me preocupo.

Ele respirou fundo pensativo.

— Tudo bem, se eu sentir que não vou aguentar, prometo ligar.

— Obrigado — sorri para ele, que ainda estava abalado com a conversa.

****

Quando a consulta finalmente terminou, suspirei fundo e relaxei meu corpo, sobre a poltrona. Aquilo havia sido mais difícil do que

imaginava.

Era muita pressão e responsabilidade!

Mas pelo menos havia o convencido a me ligar se pensasse em suicídio e já era um excelente começo. Esperava poder fazer um bom trabalho e ajuda-lo a melhorar.

Era muito triste saber o quanto as pessoas podiam ser maldosas umas com as outras, principalmente com um garoto que já vinha de uma família tão desestruturada.

Enquanto voltava para casa, Eric me ligou, mas decidi não atender já que estava dirigindo e não queria causar nenhum acidente. Assim que cheguei, fui primeiro até a cozinha e perguntei como Hadassa estava. Ela disse estar melhor, mas que precisava fazer alguns exames. Preocupava-me com ela.

Assim que subi para meu quarto, joguei-me

sobre a cama para ligar para Eric. Como Liam estava na escola não precisava me preocupar em ser ouvido.

Para minha surpresa, ele fez um convite inesperado:

— Quero que você conheça um amigo meu.

— Quem é? — perguntei curioso.

— Alex, o dono da Lauzon.

— Tem certeza disso? Ele sabe sobre nós? — questionei surpreso.

— Claro que sim amor, eu te disse que não queria ocultar de ninguém de nosso relacionamento. E até mesmo foi Alex que insistiu que eu levasse-o no jantar que havíamos combinado para hoje à noite. Faz algum tempo que ele quer te conhecer.

— Tudo bem, vou adorar ir.

— Combinado então, você passa em meu apartamento e vamos juntos.

— Okay, até a noite. Te amo, beijos!

— Também te amo, beijos.

Aproveitei o restante da tarde para descansar e assim que faltava pouco para anoitecer, tomei um banho e troquei de roupa. Vesti-me dessa vez mais social, pois estávamos falando de um jantar na mansão de um empresário multimilionário. Escolhi um terno *slim fit* preto e sapatos marrons.

Quando desci para sair, encontrei Liam que subia sorridente as escadas.

Ele me observou vestido daquela forma e perguntou onde eu estava indo.

— Vou num jantar com pessoas importantes. E você, porque está todo feliz?

— A professora me colocou como dupla da

Amanda em um trabalho, isso significava que iremos ter que nos encontrar diversas vezes nessa semana. Ela finalmente vai me conhecer melhor.

— Isso é ótimo maninho!

— Não é? Tomara que ela goste de mim.

— Lembra-se do meu conselho? Seja você mesmo e se não rolar, é ela que não merece você. Não construa algo a base de mentiras, não vale a pena.

— Vou fazer isso, prometo.

— É assim que se fala! Enfim, me deixa ir lá, até mais tarde.

— Até mais, divirta-se.

Segui para meu carro e então dirigi até o prédio de Eric.

Assim que cheguei lá, toquei o interfone e ele disse que desceria.

Ele não demorou nem dois minutos. Também estava vestido impecavelmente com um belo terno azul marinho, que beneficiava seu corpo.

— Cada dia fico mais apaixonado por você — ele comentou me olhando dos pés a cabeça e depois me deu um breve beijo.

Era estranho finalmente vê-lo não se preocupar de demonstrar afeto em público.

— Você também está lindo — elogiei e ele abriu um sorriso lindo.

— Vamos?

— Claro.

Seguimos até meu carro e ele foi dando as coordenadas do endereço, enquanto eu dirigia. Seu perfume amadeirado parecia ainda mais delicioso aquela noite.

— Alex pode fazer alguns comentários

provocativos, mas é só ignorar, é o jeito dele — Eric avisou em certo momento.

— Tudo bem... Quanto tempo ele sabe de nós?

— Muito tempo — revelou surpreendendo-me. — Desde a viagem que fizemos para cá, cinco anos atrás, ele sabia que eu estava com alguém que amava. Claro que não de que forma, mas precisei contar.

— Por quê?

— Ele meio que tentou dar encima de mim...

— O quê? — perguntei chocado.

— Não se preocupe, ele não gosta de mim nem nada do tipo, só é tarado mesmo. Tirando isso, é uma excelente pessoa. Vai gostar dele.

— Agora não tenho tanta certeza disso... — comentei incomodado.

— Não seja ciumento amor — Eric apertou

minha bochecha, provocando-me.

— Para com isso! — pedi bravo e ele riu.

— Você fica tão bonitinho com ciúmes.

— Quero ver quando eu te deixar com ciúmes, se vai gostar.

— Você já me deixa por estar trabalhando com esse Rafael.

— Já disse que ele concordou em sermos apenas amigos!

— Em minha opinião, ele só está esperando uma boa oportunidade para tentar por as garras em você. Mas como disse naquela noite, não vou me meter, pois confio em você e quero que você faça suas próprias decisões.

— Então pode continuar confiando, porque eu não quero ninguém além de você.

— Digo o mesmo. Não há uma alma viva nesse

planeta que seja capaz de competir com o amor que sinto por você.

Não consegui evitar e abri um sorriso bobo ao ouvi-lo dizer aquilo.

Assim que finalmente chegamos à mansão de Alex — que era enorme e muito linda —, após sermos liberados pelo guarda do portão, fomos recepcionados pelo mesmo na porta. Naquele momento percebi que não precisava me preocupar tanto, pois certamente não fazia o tipo de Eric.

Ele era bonito e charmoso, além de ser alto e ter um bom porte físico, porém parecia ter mais de 40 anos e eu sabia muito bem que não era a preferência de Eric caras mais velhos.

— Sejam bem vindos — Alex estampava um sorriso forçado no rosto.

Sabia detectar isso de longe.

— Deixe-me apresentar os dois — Eric disse. — Ianto, Alex. Alex, Ianto.

Ele estendeu a mão para mim e eu apertei, tentando parecer simpático.

— É um prazer conhecê-lo — falei.

— Digo o mesmo. Vamos entrar?

— Claro — Eric respondeu. — Estou ansioso para ver o que preparou essa noite.

Alex sinalizou para o acompanharmos até dentro da casa.

Passamos por enorme sala de estar, muito luxuosa e, em seguida, fomos para uma sala de jantar que tinha enormes janelas que dava visão para um lindo jardim verde. Era estranho estar num lugar tão chique, nem Eric fazia questão de ostentar tanto assim, apesar de certamente ter condições.

— Desculpa decepciona-lo Eric, mas dessa vez

quem preparou o jantar foi Annalise, te disse para não se acostumar mal. Cozinho esporadicamente e quando estou de bom humor — Alex disse, assim que sentamo-nos à mesa com pratos e talheres já postos.

Eu estava de um lado, Eric do outro e Alex na ponta, mas todos próximos.

— Você não está de bom humor essa noite? — Eric perguntou-lhe.

— Seria difícil estar. Cometi o maior erro que existe, aquele que mais evitei nos últimos anos. Por isso estive um pouco sumido pelas últimas semanas.

— Do que você está falando?

— Apaixonei-me — Alex revelou.

— Como isso pode ser ruim? É ótimo — Eric disse surpreso e o outro riu nervoso.

— Definitivamente não, você sabe muito bem que não coleciono boas experiências sobre isso e queria morrer sem ter que sofrer novamente por alguém.

— Não é porque você teve experiências ruins no passado, que significa que não pode dar certo agora — comentei tentando ajudar.

— Nesse caso, não tem como dar certo.

— Por quê?

— Ele é um garoto de programa.

— Como isso aconteceu? — Eric perguntou-lhe. — Não entendo. Você uma vez me disse que nunca repetia um mesmo garoto, para evitar exatamente isso e ter novas experiências sempre.

— É o que eu deveria ter feito, pois quando esse meu agente mostrou as fotos desse garoto e eu o escolhi, eu não podia imaginar que seria seu

primeiro cliente ou homem da vida. Achei que ele estivesse encenando toda aquela inocência para me excitar, mas logo depois que transamos ele revelou que era virgem antes de mim e estava nessa profissão, pois foi expulso de casa pela família, quando descobriram que era gay. Vocês sabem como são os fanáticos religiosos daqui.

— Nossa! E o que você fez depois?

— Pensei que poderia ajudá-lo, tanto com dinheiro contratando-o mais vezes, quando ensinando-o como sair-se bem nesse ofício, pois o coitado mal sabia chupar um pau — Ruborizei com a sinceridade de Alex. — Então, quando percebi, estava trazendo-o todas as noites aqui em casa e havia me envolvido demais. Para ter ideia da minha decadência, comecei a sentir ciúmes dele e pedi para meu agente não agenda-lo para nenhum outro cliente além de mim. Hoje a tarde ele veio aqui

fazer drama, pois descobriu e não gostou nenhum pouco.

— Mas se ele precisava de dinheiro, realmente não foi justo o que você fez... — comentei sem jeito.

— Eu propus que ele morasse comigo, em troca de pagá-lo quanto ele achasse justo. Assim o teria sempre perto de mim. Mas ele se sentiu ofendido com o convite e saiu batendo a porta, e agora não atende nenhuma das minhas ligações.

— Ele gosta de você? — perguntei.

— Não sei, algumas vezes pareceu que sim, mas nunca trocamos confissões de amor.

— Foi por isso que ele foi embora, ele também te ama. Quando ouviu que você estava propondo-o a morar contigo em troca de dinheiro, sentiu que você apenas queria compra-lo. Como se tudo se tratasse apenas de sexo — expliquei e vi Eric me

observar pensativo.

Eu, mais do que qualquer um, podia entender muito bem esse garoto.

— O que eu faço então? — Alex perguntou-me.

— Não sou bom conselhos amorosos, mas acho que o primeiro passo é você ser sincero com ele sobre seus sentimentos. Se você quer que esse garoto te ame, precisa mostrar que se trata muito além do que algo apenas carnal.

Ele ficou calado por alguns segundos, pensativo.

— Eu gosto de você Ianto! — disse por fim, abrindo um sorriso dessa vez verdadeiro. — Ele está aprovado Eric!

Todos nós rimos e, logo em seguida, Alex pediu que a comida fosse servida.

Estava simplesmente incrível a carne e todos

aqueles vegetais cozidos, tanto que comi três pratos.

Quando finalmente estávamos todos satisfeitos e tomando o restante de vinho que ainda havia em nossas taças, Alex disse:

— Desculpa perturbá-los com meus problemas pessoais.

— Amigos são para isso Alex — Eric disse.

— E eu realmente aprecio isso, e vou seguir o conselho de Ianto, mas não foi por esse motivo que quis que viessem jantar comigo essa noite.

— Qual foi o motivo então?

— Eu já tenho a resposta para sua proposta.

— Sério? E qual é? — Eric ajeitou-se na cadeira ansioso.

— Eu vou vender a Lauzon para você — Alex anunciou e Eric abriu um enorme sorriso. — Estou

envelhecendo rápido, pode soar um pouco dramático, mas é como me sinto. Não quero continuar sendo um viciado em trabalho para o resto da vida. Com os acontecimentos da última semana que narrei para vocês, percebi que preciso ter mais tempo para aproveitar a vida e não me refiro dessa vez a fazer sexo com um monte de garotões diferentes, mas sim com o que eu amo. Quem sabe leva-lo conhecer o mundo.

— Vou torcer que dê certo para vocês. Muito obrigado mesmo Alex!

Eric foi até ele e o abraçou forte, animado.

Já eu fui tomado por nervosismo ao perceber no que aquilo significava.

— Tenta não quebrar minhas costelas — Alex brincou e Eric o soltou rindo.

— Estou tão feliz, não tem noção! — ele veio até mim e me deu um beijo para comemorar.

Mas logo que desgrudou nossas bocas, percebeu que eu estava com o semblante fechado e perguntou se tinha algum problema.

— Agora não vai ter jeito, minha família vai descobrir que está na cidade — respondi, tendo certeza que logo essa notícia estaria em todos os lugares.

— Vocês estão namorando escondido? — Alex perguntou surpreso.

— Mais ou menos... — Eric respondeu sem jeito, agora também preocupado.

— Olha, há ainda vários detalhes a serem acertados antes que possamos anunciar, mas acho melhor vocês já começarem a se preparar para contar. Antes vocês do que a âncora do telejornal, não é mesmo? — aconselhou.

— Ele tem razão, amor...

— Eu sei... Infelizmente, eu sei — disse, por fim.

35/17 Capítulo 12, por Eric

No dia seguinte, no trabalho, queria poder sair espalhando a boa notícia a todos, mas não queria que a informação vazasse e Ianto perdesse todo o tempo que ainda tinha para contar a seus pais sobre nós.

Preocupava-me muito com a reação deles.

Torcia que não fosse tão ruim quanto imaginávamos que seria, mas de uma coisa tinha certeza: se necessário, faria de tudo para mostrar o quanto amava Ianto e merecia ficar junto com ele.

Eu queria passar a eternidade ao seu lado.

Cada vez sentia-me mais ansioso para que o momento certo, que eu tanto estava esperando, chegasse. Sonhava quase todas as noites com ele,

mas dessa vez parecia mais perto do que nunca.

Quando Theo veio a minha sala, no início da tarde, decidi conta-lo sobre a compra da Lauzon. Precisava contar para alguém senão ia enlouquecer e sabia que nele podia confiar para manter em sigilo.

— Isso é incrível Eric! — ele ficou tão animado quanto eu.

— Estou muito ansioso para ver a repercussão. Desde que instalei uma nova sede na cidade, poucos deram atenção para isso, acreditando que apenas queria ter um melhor controle das importações das Empresas Pitz que entravam no país. Mas agora vou mostrar para o que vim.

— Vai ser um golpe e tanto na concorrência. Pense, a primeira coisa que vão temer é que iremos diminuir a quantidade de produtos comprados deles, pra aumentar o número dos nossos.

PERIGOSAS

— Eles certamente podem esperar por isso, mas o que me deixa mais contente é colocar as Empresas Pitz em outro patamar. Mostrar que enquanto a mídia tenta criar inimigos para nós, estamos a dois passos na frente de qualquer um.

— Refere-se à Latron? — Theo perguntou receoso.

— Sim, exatamente. Se Paulo um dia achou que conseguiria me derrotar, agora vou colocá-lo no devido lugar dele: que é nas minhas sombras.

— Pode contar comigo para tudo, Sr. Pitz!

— Obrigado Theo — sorri para ele. — Aproveitando seu gancho, vou aproveitar e querer um café. — brinquei e ele riu.

— Se você quer o café da máquina, deu ruim, pois ela acabou de parar de funcionar e a manutenção só vem amanhã. Mas se quiser, posso ir comprar um na rua para o senhor.

NACIONAIS - ACHERON

— Não se preocupe, acho que eu mesmo vou. Aproveito e tomo um pouco de ar.

— Tudo bem.

****

Fui até a uma cafeteria que havia a alguns metros da empresa, e que eu adorava.

Assim que segui para o balcão para fazer meu pedido, para minha surpresa, vi Emily sentada em uma das mesas. Assim que me notou, sinalizou para que me juntasse a ela.

— Boa tarde Sr. Pitz — ela cumprimentou simpática.

— Bom dia Emily — sentei-me diante a sua frente. — Chame-me só de Eric, por favor, eu prefiro assim fora de ambiente de trabalho.

— Como preferir, Sr. Eric — brincou e eu ri.

— Está fazendo uma pausa do trabalho

também?

— Estava fazendo uma matéria aqui perto e senti uma necessidade grande de café, funciono a base dele. Sou viciada!

— Entendo completamente!

— E você, o que anda fazendo? Tem alguma informação nova para eu publicar?

— Na verdade, até tenho, mas ainda não posso contar.

— É sobre o grande investimento? — ela perguntou interessada.

— Exatamente — disse, provocando-a.

Um atendente veio pegar meu pedido e, em seguida, saiu.

— Você poderia me dar a informação em primeira mão, não acha? Vai me ajudar a ganhar alguns pontos como meu chefe. Faz tempo que

estou tentando uma promoção.

— É que não depende só de mim no momento, preciso aguardar que todos os detalhes ainda sejam acertados, mas acredito que em duas semanas poderemos voltar a conversar sobre isso e acho que posso te dar a informação algumas horas antes do restante da mídia para te ajudar com a promoção.

— Duas semanas? Muito tempo! — ela brincou. — Obrigado por isso, realmente aprecio sua ajuda.

— Não precisa agradecer, acho que você merece, após todo o trabalho de pesquisa sobre minha empresa que teve para me entrevistar, mostrou que é uma boa profissional. E nem me fale sobre ser só daqui a duas semanas, eu que estou mais ansioso nessa história toda.

— Pelo jeito a notícia é muito boa.

— Não tenha dúvidas disso e se o que estou planejando der certo, serão dois anúncios para

serem publicados! — disse esperançoso.

— Vou torcer que dê tudo certo para você.

— Digo o mesmo com sua promoção desejada.

— Obrigada.

Meu café chegou logo em seguida e continuei conversando com Emily por vários minutos e percebi que, além de uma boa profissional e muito inteligente, parecia ser uma pessoa realmente legal.

Havia gostado dela.

35 17 Capítulo 13, por Ianto

Os dias foram se passando e eu ainda estava adiando o inevitável.

Não conseguia ter coragem de contar tudo à minha família. Eric me apressava e me deixava ainda mais nervoso, mas não o culpava, já fazia quase uma semana desde que Alex havia aceitado vender a empresa e isso significava que logo precisariam anunciar publicamente. O contrato estava quase pronto.

Naquela tarde havia atendido novamente Marcos e havia sido outra sessão difícil, onde me narrou todas as coisas horríveis que ouviu de seu pai, que menosprezava ele. Então, como era de se esperar, ele estava com uns cinco cortes novos e parecia ainda mais ansioso que na sessão anterior,

esfregando bastante suas mãos.

Queria muito vê-lo bem, mas eu sabia bem que seriam necessárias muitas e muitas consultas para isso. Seu caso era muito sério!

Quando terminei de atender a última paciente do dia, uma mulher que sofria por seu peso, decidi ligar para Eric e ir direto para seu apartamento. Precisava relaxar de alguma forma e ele obviamente não negou.

Ainda faltava uma hora para ele sair do trabalho, mas para minha sorte, Eric havia me dado uma copia do seu cartão de acesso ao prédio e apartamento, então podia finalmente subir direto, sem ter que ficar esperando ele liberar pra mim ou estar em casa. Perguntava-me como seria quando voltássemos a morar juntos, agora do jeito certo.

Aguardei-o descansando no sofá da sala, enquanto assistia um pouco de televisão.

Mas no fim, acabei adormecendo. Despertei um pouco depois, recebendo beijos em meu rosto.

— Acorda meu amor — Eric disse.

— Oi — disse sonolento e sorrindo.

Ele sentou-se ao meu lado.

— Teve um dia cansativo?

— Nem imagina o quanto — respondi, sentando-me também. — Mas o que importa é que poderei ficar um pouco com você para relaxar.

Peguei em sua mão.

— Pode ter certeza que vou te ajudar a relaxar — Eric provocou e eu ri. — Mas que tal você ir lavar esse rosto e a gente sair para jantar num restaurante aqui perto? Depois voltamos pra cá.

— Pode ser — disse e levantei-me.

Fui até o banheiro fazer xixi e lavar o rosto.

PERIGOSAS

Quando retornei para a sala, Eric tinha retirado seu paletó e gravata e estava pronta para irmos. Acompanhei-o até o elevador.

Enquanto descia, peguei em sua mão.

Era tão bom fazer isso...

O que eu não esperava era o que ia acontecer a seguir:

Assim que as portas se abriram demos de cara com Liam e uma garota morena aguardando o elevador. Meu coração parou.

Liam olhou primeiro pra mim, depois para Eric e em seguida nossas mãos dadas, que logo soltei. Aquilo não era nada bom!

— “Não construa algo a base de mentiras, não vale a pena” — ele ironizou e saiu dali correndo. A garota ao seu lado, que devia ser a tal Amanda, pareceu perdida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Merda! Preciso ir atrás dele — disse para Eric.

— É seu irmão, não é? Quer que eu vá junto?

— Não, só vai piorar tudo, assim que ele chegar em casa, com certeza vai contar para nossos pais. É melhor que eu tente acalma-los sozinho.

— Tudo bem, mas se precisar de mim, me liga que eu vou na hora.

— Pode deixar, eu ligo — disse e sai do prédio apressado.

Não adiantava correr atrás de Liam, jamais o alcançaria, então segui até meu carro. Mas como era um horário que muitas pessoas retornavam de seus trabalhos, era possível que eu chegasse depois que ele em casa.

E pior: nas noites de quintas-feiras meus pais tiravam folga.

NACIONAIS - ACHERON

Estava muito irritado comigo mesmo. Havia enrolado para contar a verdade e agora havia sido descoberto da pior forma, apesar de que não tinha como imaginar que Amanda morava no mesmo prédio que Eric. Era muito azar!

Meu coração estava muito acelerado, dirigi o tempo todo com as mãos trêmulas de tanto nervosismo e ansiedade para chegar. Eric tentou me ligar algumas vezes, mas não atendi. Só queria chegar logo em casa.

Quando consegui sair do trânsito caótico do centro, peguei o caminho mais curto para casa. Assim que finalmente cheguei, corri direto para dentro de casa e não foi surpresa encontrar Liam e meus pais sentados na sala.

Minha mãe chorava e meu pai parecia realmente irritado.

Eles me encararam com tanta decepção que não

aguentei e imediatamente também comecei a chorar. Liam mal me encarava no rosto.

— Me desculpem — implorei. — Eu não queria esconder de vocês.

— Por que você está fazendo isso Ianto? Não entendo! — minha mãe perguntou confusa. — Aquele homem te comprou e manteve preso, e agora vocês estão juntos novamente como se nada tivesse acontecido.

— Eu não esqueci o que aconteceu e jamais irei, mas acima de tudo, não posso ignorar meus sentimentos. Eu o amo mãe!

— Você só pode estar ficando louco! — meu pai comentou irritado e levantou-se. — Esse homem só pode estar te manipulando novamente, não é possível. Se ele aparecer na minha frente, vou socar a cara dele até acabar com aquele rostinho bonito!

— Não façam besteiras, Eric mudou!

Minha mãe riu nervosamente, entre lágrimas.

— Eu também não entendo tudo isso — Liam finalmente olhou para mim. — Rafael te ama e sempre te tratou tão bem, mas você prefere aquele cara? Depois de tudo que ele fez?

— Não esqueçam que ele nos ajudou, quando precisamos! — lembrei-os.

— Você sabe muito bem o motivo que ele nos deu aquele dinheiro! Foi para ter sua obediência, nada além disso! — meu pai cuspiu as palavras, alterado.

— Vocês não entendem...

— Não tem como Ianto! — dessa vez foi minha mãe que se descontrolou e gritou. — Voltar a vê-lo foi a coisa mais idiota que você já fez! Imagina se ele tivesse tentando tirar você de nós de novo.

— Não foi ele quem me tirou de vocês cinco anos atrás! Eu que cometi um erro estúpido tentando ajuda-los e fui pego pela polícia. Se não tivessem me levado para ser vendido, eu estaria morto.

— Não tente justificar o que aquele homem fez! — meu pai gritava, andando de um lado para o outro de forma nervosa. — Nada que tenha acontecido muda o fato de que ele te comprou como se fosse uma mercadoria, te prendeu dentro de um apartamento e te obrigou a manter relações sexuais com ele. Se você não tivesse fugido, estaria até hoje na mesma situação!

— Eu sei que o que ele fez no errado não tem perdão, mas agora tudo mudou. Não vai ser mais como antes, ele respeita minha liberdade!

— Como pode confiar no que ele diz Ianto? Aquele homem mente, disse olhando nos nossos

olhos que você estava morto, enquanto mantinha-o preso para fazer o que bem entender.

Minha mãe balançava a cabeça concordando.

— Quanto tempo estão se vendo?

— Desde a minha formatura — revelei envergonhado.

— Por isso você foi embora no meio da festa — Liam comentou pensativo.

— Ele me ligou dizendo que estava na cidade, e me chamou para vê-lo, dizendo que estava com saudades. E eu fui. Vocês não entendem, não conseguiria me perdoar se não tivesse ido vê-lo aquela noite. Eric jamais saiu dos meus pensamentos. Foi nesse encontro que ele pediu uma nova oportunidade para ficarmos juntos.

— O que diabos passou na sua cabeça para aceitar que ele voltasse para sua vida? — minha

mãe perguntou inconformada.

— Eu segui meu coração mãe! Jamais consegui esquecer ou deixar de ama-lo nesses últimos cinco anos e sei que ele sente a mesma coisa.

— Não percebe o quanto está sendo burro Ianto? — meu pai questionou. — Homens como ele não amam. Ele está apenas te usando mais uma vez.

— Ele não está, tenho certeza! — elevei a voz.

Meu pai riu nervoso, começando a chorar também.

— Em nenhum momento, nesse tempo todo, pensou em contar para nós sobre o que estava acontecendo? — minha mãe perguntou-me.

— C-claro que sim, muitas vezes! — respondi. — Apenas não sabia como, tinha medo da reação de vocês.

— Nós sabíamos que você está saindo com

alguém e estávamos contentes por causa disso, somos seus pais, queremos que você seja feliz Ianto. Mas nunca passou na nossa cabeça que era Eric Pitz quem você estava vendo esse tempo todo.

—Ele me faz feliz, mãe! — disse encarando-o nos olhos.

O que eu vi como reposta foi eles balançando a cabeça negativamente.

— Eu não quero que você volte a ver esse homem! — meu pai exigiu.

— Vocês não tem mais esse poder sobre mim, sou um homem adulto! Vocês têm que aceitar que eu o amo e que vamos ficar juntos sim! — fui firme nas minhas palavras.

Meu pai se aproximou de mim, encarando-me nos olhos.

— Não temos que aceitar coisa nenhuma! Esse

homem fez coisas horríveis contigo no passado, tantas noites acordamos com seu choro e gritos de pesadelos causados por aqueles tempos. Você pode não ter contado tudo que aconteceu naquele apartamento para nós, mas sabemos o quanto te afetou. Então novamente, volto a repetir: você não vai voltar a vê-lo!

— E se eu me recusar a isso, o que vai acontecer? — perguntei, entre lágrimas.

— Você sai dessa casa. É ele ou sua família, decida!

35 17 Capítulo 14, por Eric

Aguardei que Ianto me ligasse durante toda a noite e madrugada.

Mal consegui dormir e telefonava a cada cinco minutos, nervoso e ansioso para saber o que havia acontecido. Ficar sem notícias estava me enlouquecendo!

No dia seguinte, no trabalho, não desgrudei de meu celular, aguardando alguma ligação ou mensagem dele. Todos no escritório notaram o quanto eu estava preocupado e ansioso, mas era impossível não transparecer o que estava sentindo.

Quando acabou o expediente e nada, percebi que as coisas deviam ter sido piores do que imaginávamos. Decidi então não ficar no escuro.

Dirigi direto do trabalho até a casa de Ianto.

Precisa vê-lo e saber que estava tudo bem!

Segui o endereço que a agência de investigação conseguiu para mim, quando solicitei informações sobre Ianto, antes de vir para Sarnaut. Quando finalmente cheguei e estacionei diante da casa, fui direto até a porta, após passar por um belo jardim na frente e toquei diversas vezes a campainha. Estava muito ansioso, apesar de saber que as possibilidades de ser bem recepcionado eram nulas.

Aguardei cerca de um minuto até ouvir a porta se abrindo.

Para minha surpresa quem abriu foi Otávio que me encarou irritado e, antes que eu pudesse abrir a boca para falar algo, me socou forte na cara. Cai no chão aturdido.

Aquilo havia doido.

— Suma da minha casa desgraçado! — ele gritou.

Tentei recobrar o equilíbrio e vi Ianto e sua mãe vindo correndo até nós.

— Não bate nele pai! — Ianto gritou e veio me ajudar a levantar.

— Sai de perto dessa cara filho — Otávio o puxou para o lado. — Eu avisei que se ele insistisse em vir atrás de você, iria dar uma boa surra para aprender.

— Eu não estou aqui para brigar, quero conversar! — disse, verificando se meu nariz havia quebrado. Para minha sorte, parecia estar apenas muito dolorido.

— Não queremos conversa contigo, vai embora!

Liam e uma senhora usando avental se

aproximaram da cena, de dentro da casa.

— Por favor, pai, dê uma chance para o que ele tem a dizer! — Ianto implorou.

— Ianto pare de tentar defendê-lo.

— Sejam justos Otávio e Laura, vamos conversar de forma pacífica — disse.

— Justos igual quando manteve meu filho preso? — ela rebateu.

— Hadassa está liberada por hoje, pode ir visitar sua irmã — Otávio disse para a senhora lá dentro, que parecia não entender o que estava acontecendo.

— Tem certeza disso? — ela perguntou preocupada.

— Tenho, se precisarmos de você, ligamos imediatamente.

— Tudo bem, estou indo — ela tirou o avental e

seguiu para dentro da casa.

— Por favor, vamos se acalmar — Ianto pediu nervoso.

— Eu já disse, só quero conversar.

— E vai dizer o quê? Mais mentiras? — Otávio questionou irado.

Recuei um pouco com medo de ser socado novamente.

Obviamente não ia retribuir a agressão.

— Por favor, eu amo o filho de vocês! — insisti. — Quero que todos nós possamos ser uma família.

Otávio riu.

— É muito cara de pau, vou te contar!

— Pai, mãe, eu já disse: Eric mudou! — Ianto ajudou. — Vamos entrar e conversar como pessoas civilizadas, por favor. Agressões não levam a nada!

— Vamos ouvir o que eles têm a falar Otávio — a mãe de Ianto disse, surpreendendo-me.

— Você está ficando louca também?

— Claro que não, também não concordo com o que está acontecendo, mas acho que devemos ouvir o que eles têm a dizer. Sua postura ontem foi muito radical! Não vou abandonar meu filho.

— Espero que você saiba o que está fazendo! — ele disse e entrou na casa irritado.

— Venha — ela me chamou.

Ianto estava com o olhar tão triste, que senti vontade de abraça-lo forte, mas só pioraria a situação se fizesse. Então tentei manter a calma e entrei com eles.

Otávio sinalizou para que eu sentasse sozinho num sofá diante do qual os três ficaram. Ianto estava no meio dos pais e Liam ficou de pé,

observando tudo calado. Parecia querer me fuzilar com o olhar.

— Vamos lá, nos diga por que achou que tinha direito de vir atrás do nosso filho, após tudo que fez com ele em Alendor — Otávio pediu, encarando-me nos olhos.

— Eu sei que comprar uma pessoa é algo horrível, mas Ianto seria morto se não tivesse sido leiloado por Laurel! — lembrei-os. — E levando em consideração que se eu não tivesse o feito, qualquer outro homem naquela noite poderia tê-lo levado para casa, fico feliz de ter feito. Pois não sei o que teria acontecido e foi através desse erro, que conheci o amor da minha vida.

— E manteve-o preso, bem romântico — Laura comentou.

— Eu estava protegendo Ianto!

— Claro, vamos fingir que foi por isso que o

comprou — Otávio ironizou.

— Não, não foi por esse motivo que o comprei. Comprei Ianto porque desde a primeira vez que eu o vi, quis ele para mim.

— Para perversões sexuais! — ele me interrompeu.

— Pai! — Ianto repreendeu, mas ele deu de ombros.

Vi Liam cerrar os punhos logo adiante.

— Não diria perversões, mas sim, no início meu objetivo era fazer sexo com seu filho sempre que eu quisesse — confessei. — Mas isso mudou quando o conheci! Eu logo me apaixonei completamente e passei a cuidá-lo e dar carinho.

— Se você o amasse tanto assim, teria nos dito naquela tarde que nos visitou que ele estava vivo! — Laura comentou.

— Eu senti vontade, juro! Eu vi o quanto estavam sofrendo, mas simplesmente não podia arriscar a minha vida e a de Ianto deixando que vocês soubessem. Não sabia como iriam reagir ao descobrir que o filho de vocês foi vendido, podiam contar tudo a policia e só piorar a situação. Preferi ajudá-los com o dinheiro e continuar cuidando dele, da minha maneira.

— Você faz parecer que o tempo que ele esteve contigo, foi mil maravilhas — Otávio debochou.

— Não foi, assumo que eu errei bastante com ele no começo, mas quando meus sentimentos se intensificaram e descobri que era reciproco, dei todo carinho e amor que podia dentro daquele apartamento — rebati.

— Pode parecer bizarro o que vou dizer, mas eu cheguei a ser feliz com Eric, enquanto estive preso — Ianto revelou a eles.

— Como isso é possível? — sua mãe questionou confusa, encarando-o. — Você teve pesadelos quase todas as noites durante anos, depois que mudamos para Sarnaut. Está me dizendo que não aconteceram coisas ruins contigo?

— Não estou dizendo isso, aconteceram e muitas, mas não foi Eric que protagonizou a maioria delas.

— Do que você está falando? — seu pai perguntou confuso.

— Tem uma parte da história que ocultei, pois sentia muita vergonha de contar — Ianto revelou, começando a chorar. — Antes de conseguir escapar, um amigo próximo dele, que tinha acesso ao nosso convívio, me manipulou para tentar nos separar. Ele amava-o, mas por não ser correspondido fez de tudo para ver Eric infeliz. O resultado disso tudo foi que cai nas armadilhas dele

e fui chantageado por causa do meu erro a dizer que o amava para Eric e, principalmente, que queria ser vendido para ele. Ou seja, eu não fugi de Eric, mas sim de Paulo, que esse sim tornou minha vida num inferno. Ele fazia coisas doentias comigo e sentia prazer com minha dor.

Laura pegou em sua mão, também caindo no choro.

— Você devia ter nos contado!

Otávio levantou-se abalado com o que ouviu.

— Eu sei, me desculpem, achei que seria mais fácil esquecer se não contasse a ninguém. Mas a verdade, por mais dolorosa que possa ser para vocês, é que se eu não tivesse sido manipulado por Paulo, eu possivelmente jamais teria fugido de Eric. Eu amava-o muito e continuo amando.

Seu pai esfregou as têmporas, respirando fundo.

Aquilo não estava sendo fácil para ninguém, mas se tratava da minha felicidade e de Ianto, então não sairia dali sem ter certeza que não iriam nos impedir de ficar juntos.

— Eu também amo Ianto muito, mais do que qualquer coisa nesse mundo. Por favor, permitam que eu o faça feliz, estou disposto a recompensar tudo que fiz no passado. Prometo jamais machucá-lo — insisti.

— Toda essa situação é ridícula! — Otávio comentou.

— Pai, mãe, Liam, eu amo vocês. Mas também amo Eric, então, por favor, não me façam escolher — Ianto implorou, entre lágrimas.

— Você tem que entender que é muito complicado para nós aceitar tudo isso. Temos medo de vê-lo sofrer novamente — Laura disse, encarando-o nos olhos.

— É o que irão ver, se me fizeram ficar longe de Eric. Ele me completa e faz feliz!

— Eu não entendo como deixou isso acontecer, você é tão inteligente Ianto — seu pai comentou inconformado.

— Não podemos escolher quem amar, simplesmente acontece.

— Eu amo muito seu filho, só quero fazê-lo feliz! — disse a eles.

— Eu não consigo acreditar numa palavra do que você diz! — Otávio rebateu.

— Não precisam acreditar, apenas me deem uma chance de mostrar que eu mudei e que farei de tudo para fazer Ianto feliz.

— E vai fazer o quê para nos provar?

— Para começar, isso! — disse e levantei-me do sofá.

Peguei no bolso do paletó a caixinha que mantinha comigo há muito tempo, aguardando o momento certo, e ajoelhei-me diante de Ianto, que me encarou confuso. Quando abri a caixinha para exibir o anel de ouro branco que havia ali dentro, com um diamante cravejado no centro, ele tapou a boca surpreso.

— Estive esperando pelo momento certo desde que pisei novamente em Sarnaut. Acho que não há melhor hora do que agora, para provar que eu o amo de verdade e desejo passar o resto da minha vida ao seu lado. Sei que tivemos um começo difícil e que algumas pessoas podem questionar a veracidade dos nossos sentimentos, mas disso eu não tenho um pingo de duvida. Acordo e durmo pensando em você, sinto-me incompleto quando você está longe e conto os minutos para poder te beijar. Nunca senti algo tão intenso antes e acredito

que não vou voltar a sentir com mais ninguém, pois como te disse naquela noite, tenho certeza que você é minha alma gêmea. Então, Ianto Wiese, que agora é Ianto Kipfer, aceita se casar comigo? Não medirei esforços para te fazer o homem mais feliz do mundo.

Ianto ficou sem reação.

Primeiro olhou para sua mãe e depois seu pai, que ficaram calados diante da cena.

— S-sim, eu aceito — respondeu, por fim, fazendo meu coração saltar de alegria.

Tirei o anel e após pegar em sua mão trêmula, coloquei em seu dedo anelar. Havia ficado mais lindo do que imaginava!

Sem pensar direito, inclinei-me e beijei sua boca.

— Está tudo bem para vocês isso? — Ianto

perguntou receoso a seus pais, assim que separamos nossos lábios.

— Você sabe que não, mas aparentemente nada que façamos vai mudar sua ideia de ficar junto com ele. Então, se é única forma de você ser feliz, não vou desgrudar de vocês, até ter certeza que ele está te tratando bem — Otávio respondeu carrancudo.

— Por mais que eu não apoie alguma decisão sua, jamais vou te abandonar Ianto. Você é meu filho, e te amo muito! Vou torcer que você esteja fazendo a escolha certa.

— Obrigado — Ianto disse, entre lágrimas.

Liam saiu da sala correndo e subiu as escadas, parecia realmente irritado com a decisão dos pais. Torcia que ele logo também entendesse que não podia nos separar.

Mas já eu, estava muito feliz!

Finalmente ia poder mostrar ao mundo que Ianto era o amor da minha vida. E sem dúvidas, o anúncio sobre a compra da Lauzon e agora meu casamento, ia abalar a mídia de Sarnaut. Pela primeira vez estava mostrando quem eu realmente era:

Um homem gay feliz e orgulhoso de sua sexualidade.

35 17 Capítulo 15, por Ianto

Devo assumir que não esperava ser pedido em casamento por Eric naquela noite. Nunca estive tão feliz na minha vida antes, era um sonho se tornando realidade.

Sabia que meus pais ainda não gostavam de nada disso, mas era só uma questão de tempo para perceberem que nós amávamos de verdade e fazíamos um ao outro feliz. E é isso que importa num relacionamento, não é mesmo?

O passado havíamos deixado para trás.

Dormi bem tarde, pois depois que Eric foi embora, passei o resto da noite em meu quarto, admirando incansavelmente o anel em meu dedo. Era muito lindo!

PERIGOSAS

Mal podia esperar para que o grande dia chegasse.

Ainda precisávamos escolher uma data, mas considerando o quanto ambos éramos ansiosos, sabia que não seria distante. Logo eu me tornaria Ianto Pitz.

Acordei no dia seguinte, sendo chamado por minha mãe. Ela parecia nervosa.

— Liam sumiu, não passou a noite em casa — anunciou.

Levantei imediatamente da cama.

— Vamos ir procurar ele então!

— Já liguei para todos os amigos de escola, mas disseram não saber dele. Não sei onde ele poder ter ido.

— Calma mãe, ele deve estar bem — disse, vestindo minhas roupas.

NACIONAIS - ACHERON

Passei rapidamente no banheiro e, em seguida, descemos correndo para o andar de baixo. Meu pai estava no telefone e Hadassa também parecia nervosa.

— Nada ainda? — minha mãe perguntou e ele balançou a cabeça em negativa.

— Vamos procurá-lo de carro — disse e, em seguida, vimos a porta se abrir.

Era Liam. Minha mãe correu até ele e abraçou.

— Onde diabos você estava?

Ele se desvencilhou de seus braços.

— Em um amigo, precisava ficar sozinho após tudo o que ouvi ontem.

— Você deixou sua família preocupada! — adverti.

— Olha quem fala, eu pelo menos não estou noivo de um criminoso — Liam comentou e subiu

as escadas correndo.

Suspirei fundo, seria difícil conviver com essa postura do meu irmão.

— Dê um tempo a ele — meu pai aconselhou. — Nem nós ainda conseguimos digerir tudo que está acontecendo.

— Tudo bem — disse chateado e subi de volta para meu quarto.

Decidi tentar não me abalar e focar no que estava me fazendo feliz.

Troquei algumas mensagens com Eric e, em seguida, tomei um banho demorado. Tinha que ir para o consultório, pois tinha uma paciente para atender logo mais.

Dirigi sem pressa, ouvindo música, mas quando cheguei lá, tive uma grande surpresa. Danusia não estava, mas Rafael encontrava-se sentado numa das

cadeiras de espera, com olhos vermelhos, como se tivesse chorado.

— Está tudo bem? — perguntei, aproximando-me dele.

— Claro que não Ianto, ontem seu irmão foi até a minha casa no meio da noite e me contou coisas que me deixaram chocado.

— Ele não fez isso! — deixe escapar, surpreso.

Liam só podia ter ficado maluco!

— Me diz que não é verdade, por favor — Rafael implorou, começando a chorar.

— Desculpa, mas não posso — disse envergonhado.

— Como você pôde preferir esse homem, que fez tantas coisas ruins contigo a mim? Não entendo.

— Eu o amo Rafael — disse sem jeito.

— Agora tudo faz sentido, as coisas que você

me dizia sobre não ter as mesmas oportunidades em Alendor e seu receio de se envolver com outras pessoas. Você esteve mentindo sobre quem era o tempo todo!

— Por favor, não conte a ninguém — implorei.

— Eu nunca vou fazer algo que possa te causar problemas, mas vou ser sincero. Eu tinha esperanças de que, se passássemos a trabalhar juntos e continuássemos nos vendo todos os dias, você em algum momento passassia a gostar de mim da mesma forma que eu. Mas agora, após saber de tudo isso, estou me sentindo um idiota.

— Você não é um idiota, mas sim uma pessoa incrível! Desculpa por não ser capaz de retribuir seus sentimentos, seria tudo mais fácil se pudesse, mas infelizmente não sou capaz. Amar é algo complicado.

— Eu vou tentar respeitar suas escolhas, mas

não sou capaz de vê-lo mais todos os dias. Preciso de um tempo, já cancelei todas as consultas que tinha.

— Por favor, não faça isso.

— Não tenho como continuar aqui, pois toda vez que eu olhar para você, vou lembrar que preferiu um cara que te comprou a mim. E isso é muito doloroso!

— Rafael não—

— Chega Ianto, já decidi, vou passar um tempo com minha família no interior, talvez essa distância me ajude a esquecê-lo. Até qualquer dia, quem sabe — ele levantou-se e andou em direção da saída, mas antes de deixar a sala virou e disse: — A propósito, parabéns pelo noivado.

Forçou um sorriso e saiu.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

35 17 Capítulo 16, por Eric

No dia que a notícia sobre a compra da Lauzon, acompanhada de meu casamento com Ianto saiu em todos os jornais, foi uma loucura no escritório.

Havia cumprido com minha promessa e Emily foi a primeira a publicar sobre o anúncio, mas em seguida se espalhou por todos os outros jornais, sites e emissoras de tevê. Estávamos recebendo dezenas de ligações por hora, de diferentes veículos midiáticos que queriam fazer entrevistas comigo, para tentar conseguir mais informações. Escolhi os mais importantes e passei dois dias com a agenda lotada, saindo de um local para outro respondendo sempre as mesmas perguntas.

Quando finalmente decidi que já havia estourado minha cota de entrevistas e que iria

descansar, chamei Ianto para passar a noite comigo. Queria poder aproveitar um pouco da companhia de meu agora noivo.

Enquanto estávamos agarradinhos no sofá da sala, assistindo um filme, ele comentou sobre toda essa loucura:

— Acho que vou trocar meu número de telefone.

— Por quê? — perguntei confuso.

— Não sei como conseguiram meu número, mas revistas de fofoca estão toda hora me ligando para perguntar sobre nossa relação. Como nos conhecemos, quando vamos casar e até quem era o ativo e passivo da relação. Não sei mais o que fazer, estou me sentindo perseguido! Outro dia fui acessar a internet e vi num site diversas fotos minhas, que foram tiradas na faculdade estampando uma matéria que se chamava “Conheça o sortudo

que conquistou o coração do empresário assumidamente gay mais quente de Sarnaut" — Ianto disse e eu ri alto.

— Olha pelo lado bom, vai conseguir novos pacientes — brinquei.

— Não imaginei que seria assim...

— Não é comum que homens influentes como eu se assumam publicamente, principalmente num país que é conservador como Sarnaut, mas estou feliz de ter feito. Quero que outros empresários ou mesmo pessoas da mídia, sintam-se orgulhosas de ser quem são. Passei muito tempo com medo de que minha sexualidade fosse revelada e isso afetasse meu trabalho, mas se ninguém tomar a iniciativa, isso nunca mudará.

— Eu sei, estou orgulhoso de você — Ianto pegou em minha mão.

— Mudando de assunto, mas nem tanto. Estava

pensando na data do nosso casamento, o que você acha de fazer mês que vem? Não temos motivo para enrolar e quero ser seu marido o quanto antes.

— Pra mim está perfeito! — Ianto concordou com um enorme sorriso no rosto.

— Ótimo! — dei um selinho nele. — Que tal irmos agora comemorar isso lá no quarto? — convidei encarando-o nos olhos e o safado prontamente concordou.

Entramos já nos beijando e cheios de tesão.

Comecei tirando sua camisa e depois desabotoei sua calça, queria fazer algo diferente naquela noite. Então, sem enrolar, ajoelhei-me diante de Ianto e comecei a chupar seu pau já duro, enquanto apalpava sua bunda macia.

Como era bom finalmente voltar a tocá-lo sem medo.

Ianto gemia alto e observava eu abocanhando todo seu membro, enquanto encarava-o nos olhos para provocar. O gosto de seu pau era maravilhoso.

Em seguida também dei a devida atenção que suas bolas mereciam, colocando-as completamente na boca, enquanto masturbava seu cacete, fazendo-o contorcer de prazer. Sentia meu pau começando a molhar a cueca, de tanto tesão que estava sentindo.

Voltei a chupar seu membro com vontade, tirando e colocando todo da minha boca, repetidamente. Não aguentei e tirei meu pau para fora, começando a me masturbar.

Logo Ianto sinalizou para eu levantar e também tirou toda minha roupa, deixando-me nu a sua frente. Em seguida, após morder seu lábio inferior, virou-me de costas e me colocou de quatro, apoiado sobre a cama. Ele havia entendido o que eu queria.

Não demorou e senti sua língua quente tocar em

meu cu, contorci-me de prazer.

Aquilo era muito bom!

Enquanto lambia-me com vontade, pegou em meu pau e começou a bater uma pra mim. Eu rebolava minha bunda em sua cara, ansioso para tê-lo dentro de mim.

Logo começou a usar seus dedos também, penetrando primeiro um e depois um segundo, alternando com sua língua deliciosa. Mas Ianto não se prolongou e buscou o lubrificante. Gemi alto ao sentir aquele líquido gelado sendo espalhado por meu cu.

Em seguida, ele encaixou seu pau na minha entrada e começou a empurrar.

Urrei de dor, mas como meu tesão era maior, não pedi que parasse e fui sentindo-me sendo invadido. E logo estava todo dentro de mim.

— Isso é muito gostoso — comentei, entre gemidos.

— Vou te mostrar o que é gostoso agora — Ianto respondeu, começando a fazer movimentos de vai e vem.

Contorci-me de prazer.

Ele deslizava suas mãos por minhas costas, enquanto metia com vontade seu pau delicioso em meu cu. Logo passou a dar também alguns tapas na minha bunda.

— Isso safado, me fode — disse entre gemidos.

— Tá gostando é? — ele puxou meu cabelo e começou a socar mais forte.

Ianto estava adorando me domar.

Tinha preferência sendo ativo, porém, não podia negar que ser penetrado também era muito bom e por isso fazia questão de dar para Ianto, de vez em

quando.

Ele foi acelerando cada vez mais o ritmo e a força das estocadas, fazendo-me gemer alto. A sensação de ser pego de quatro era ótima, porém sinalizei que queria mudar.

Ianto então se deitou sobre a cama e eu sentei encima dele, começando a cavalgar com vontade engolindo todo seu pau. Meu pênis continuava duro igual pedra e aproveitei para me masturbar.

Ianto apertava minhas coxas, enquanto observava hipnotizado eu subir e descer sobre ele. Quando senti que se continuasse daquele jeito iria gozar, me inclinei sobre ele e beijei sua boca com vontade, para em seguida voltar a cavalgar ainda mais rápido.

Ele também intensificou seus gemidos, mas eu cheguei ao orgasmo primeiro, o sujando completamente com meu esperma. Ele sorriu

satisfeito e com os dedos levou um pouco de meu líquido salgado que tinha sobre seu peito até a boca.

Não parei de cavalgar, queria senti-lo gozar dentro de mim.

E isso não demorou. Ianto passou a se contorcer gemendo alto e senti-me sendo molhado por dentro. Aquilo era delicioso!

Deitei-me ofegante ao seu lado e puxei seu rosto para um beijo. Pude sentir o gosto de meu esperma em sua boca.

Só ele era capaz de me dar tanto prazer assim.

Por fim, ficamos ali descansando e conversando sobre nosso casamento.

Nada e ninguém seriam capazes de estragar nossa felicidade.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

35/17 Capítulo 17, por Ianto

As semanas foram se passando e minha vida agora se resumia em atender pacientes, cuidar dos preparativos do casamento e Eric.

Meus pais já estavam mais tranquilos, quase apoiando nossa união e isso me deixava muito feliz. A única coisa que não gostavam nenhum pouco era saber que eu começaria a morar com Eric logo após o casamento.

Tivemos de contar o que estava acontecendo para Hadassa, que disse compreender e manter segredo.

Liam continuava sendo cabeça-dura e não perdia uma oportunidade de falar mal de Eric, tentando me desencorajar do casamento, principalmente depois que Rafael deixou a cidade

para ficar longe de mim.

Torcia que isso não durasse a vida toda.

Já eu, estava mais ansioso do que nunca, pois faltava apenas uma semana para o casamento. Havíamos contratado um especialista, que havia trabalhado para vários famosos e, de fato, estava fazendo um excelente trabalho. Mas Eric sentia muito medo de algo sair errado, queria que fosse perfeito.

E isso me deixava um tanto quanto perturbado.

Era muito luxo para minha cabeça!

O que eu não sabia era que logo teria coisas muito mais sérias para me preocupar...

Era sábado de madrugada quando recebi aquela ligação, estava dormindo na minha casa, pois minha família queria minha ajuda para preparar um almoço familiar no dia seguinte. Havia ficado

muito feliz quando convidaram Eric para participar.

Acordei assustado com o toque e atendi sonolento, sem ver quem ligava.

— Dr. Ianto, me ajuda — a voz de Marcos me fez sentar imediatamente na cama.

— O que aconteceu Marcos? — perguntei preocupado.

— Eles me enganaram! Fizeram coisas ruins comigo — ele chorava muito do outro lado da linha.

— Eles quem? O que aconteceu?

— Os garotos da faculdade, eles me chamaram para uma festa. Eu fiquei feliz, acreditei neles, mas me enganaram. Queriam me ver humilhado... Eu quero sumir, não aguento mais.

Aquilo era péssimo!

— Não faça nada de idiota Marcos! Me diz

onde você está que eu vou agora mesmo aí — disse, levantando-me e vestindo minhas roupas.

— Melhor não! Não quero que ninguém me veja assim.

— Por favor, me diz onde você está, prometo ir sozinho — insisti.

Ele ficou em silêncio, podia ouvir sua respiração pesada.

— Estou em casa — revelou, por fim.

— Seus pais não estão em casa?

— Não, não sei onde foram. Quando cheguei não havia ninguém.

— Prometa ficar longe dos remédios da sua mãe até eu chegar aí!

— Estou segurando eles — revelou, deixando-me ainda mais preocupado.

— Não faça nada até eu chegar aí, prometo ser

rápido. Agora, por favor, me passe seu endereço! — pedi, já com as chaves do carro em mãos. Se eu tivesse que ligar para Danusia para conseguir, corria risco de não ser atendido numa hora daquela.

— Tá bom... — ele respirou fundo. — Rua da Lua Vermelha nº 12, fica na zona sul.

— Não se preocupe, eu encontro. Tente manter a calma, já estou indo!

Sai de casa apressado, mas tentando não fazer barulho. Não queria acordar meus pais e deixá-los preocupados — tanto quanto eu estava.

Assim que entrei no carro, coloquei o endereço que Marcos havia me passado no GPS e segui as coordenadas. Levaria cerca de 40 minutos para chegar, esperava não ser tarde demais.

Dirigi com cuidado, mas como era de se esperar para aquele horário, as ruas estavam vazias e em alguns momentos ultrapassei o limite.

PERIGOSAS

Quando finalmente cheguei ao endereço que Marcos havia me passado, estacionei diante da casa, que estava com todas as luzes apagadas e dirigi-me apressado até a porta. Toquei a campainha várias vezes e aguardei durante mais de um minuto, sem que ninguém viesse abrir. Fiquei realmente nervoso com aquilo.

Gritei diversas por seu nome sem ter nenhuma resposta.

Levei minha mão até a maçaneta e, para minha surpresa, constatei que a porta estava aberta. Sem pensar duas vezes, entrei.

Tinha medo do que encontraria lá dentro.

A sala estava na penumbra, mas pude ver Marcos sentado no sofá, esfregando seus braços de maneira nervosa. Ele ergueu o olhar para mim e disse com a voz trêmula:

— Me desculpa.

NACIONAIS - ACHERON

Antes que eu pudesse perguntar o que aquilo significava, senti algo me acertar com força por trás da cabeça.

Cai no chão desorientado e, logo em seguida, apaguei.

35/17 Capítulo 18, por Ianto

Não sei exatamente quanto tempo fiquei desacordado, mas assim que abri meus olhos e tentei me mover, percebi que estava amarrado a uma cadeira, numa sala ampla quase vazia e suja. Imediatamente entrei em pânico.

— Socorro! — gritei com todas minhas forças.

— Não gaste seu fôlego Iantozinho, ninguém será capaz de te ouvir — Paulo surgiu detrás de mim, deixando-me mais desesperado.

— O que você está fazendo comigo? — perguntei, em prantos.

Ele vestia-se com um terno preto e estampava um sorriso sádico no rosto.

— Nada demais, apenas achei que poderíamos

ter um reencontro também — ele puxou uma cadeira e sentou-se à minha frente, com as pernas cruzadas.

Em seguida pegou em seu bolso um maço de cigarros e acendeu um.

— Me deixe embora, por favor — implorei.

— Claro que não, acabou de chegar — disse e, em seguida, soprou a fumaça de seu cigarro em meu rosto. Tossi bastante. — Devo comentar que não achei que você fosse ser tão burro em ir sozinho até um local desconhecido. Marcos se tornou tão útil quanto imaginei que seria, foi uma pena ter tido que me livrar dele. Mas sabe como é, questões de segurança. Ele podia dar com a língua nos dentes.

— Você o matou? — perguntei desesperado.

— Você não devia estar chateado com isso, ele te levou até a armadilha.

— Não consigo entender por que ele fez isso — comentei confuso.

— Simples meu querido: drogas. Todo aquele papo dele sofrer bullyng em casa e na faculdade até que era real, mas ele havia sido expulso de cada após começar a usar algumas coisas pesadas. Eu o encontrei na rua e ofereci uma boa grana pra ir até seu consultório e plantar uma escuta, mas quando ouvi que você estava disposto a encontra-lo a qualquer hora, se ele pensasse em se matar, percebi que ele podia ser mais útil do que imaginava. Então o mantive naquela casa e com drogas sempre a mão, para não ir embora. Desculpa decepcionar, mas como você próprio notou, não foi sua professora de faculdade que te indicou para o drogadinho.

— Por que você está fazendo tudo isso?

— Achei que merecia um encontro contigo

Ianto! Fiquei tão feliz quanto vi que você e Eric iriam se casar. Não podia perder a oportunidade de parabeniza-lo pessoalmente — respondeu ironicamente.

— Já se passaram cinco anos Paulo, deixe-nos em paz!

— Jamais! — ele gritou irritado. — Desde o momento em que Eric decidiu vir para Sarnaut, eu sabia que ele iria atrás de você. Simplesmente não podia permitir que vocês ficassem juntos, após a forma que me abandonaram. Estive esse tempo todo pensando em uma forma de separar você e o "Sr. Ylang Ylang", enquanto ouvia cada conversa que tinham por telefone. Não tem noção do quanto me deixaram triste trocando todas aquelas juras de amor, me senti esquecido.

— Você é doente! — gritei com nojo.

— Tome cuidado na escolha de palavras que

usa comigo garoto, lembre-se que quem está amarrado aqui é você — ele ameaçou e, após tragar uma última vez seu cigarro, apagou a brasa em meu rosto. Gritei de dor.

— Me deixa ir embora — implorei novamente, entre lágrimas.

— Desculpa, mas não posso te soltar, planejei muitas coisas para fazermos juntos. Uma pena que vai perder o próprio casamento.

— Eric vai me encontrar e dar uma surra em você! — gritei desesperado.

— Duvido muito, estamos na famosa fábrica abandonada da Erthel, ninguém pisa aqui a anos com medo dos boatos de que é assombrada. E para garantir que nenhum arruaceiro apareça, Fernando[4] está lá embaixo vigiando.

Fiquei ainda mais nervoso, a antiga fábrica da

Erthel ficava numa região industrial quase inabitada da cidade. Não havia ninguém por perto para me ajudar.

— O que você vai fazer comigo? — perguntei com voz trêmula.

— Não seja tão ansioso querido, quero aproveitar cada momento de sua companhia — Paulo respondeu voltando a abrir seu sorriso doentio.

35 17 Primeiro Dia, por Eric

No domingo de manhã recebi uma ligação inesperada. Era a mãe de Ianto.

Assim que atendi, ela foi logo perguntando:

— Ianto está aí?

— Não... — respondi confuso. — Por quê?

— Ele sumiu, assim que passei no quarto dele de manhã encontrei a cama bagunçada, mas nenhum sinal dele. O carro também não está na garagem — informou preocupada.

— Já tentou ligar para ele? — perguntei nervoso.

— Sim, várias vezes, mas o celular dá como desligado.

— Ele não está no consultório?

— Não, acabamos de voltar de lá, está vazio.

— Tudo bem, estou indo para aí — disse e desliguei.

Arrumei-me o mais rápido que pude e dirigi apressado até a casa da família Wiese.

Já estava completamente preocupado e perguntando-me onde meu noivo poderia estar. Não fazia sentido ele ter saído sozinho de casa durante a madrugada e sem avisar ninguém, não era algo que podia se esperar dele.

Assim que cheguei na casa dele, encontrei todos na sala nervosos.

— Alguma novidade?

— Não, já ligamos até para Rafael no interior e ninguém viu ou falou com ele ontem — Laura respondeu.

— Isso é muito estranho! — disse. — Já

tentaram ligar para a polícia?

— Sim, mas eles não podem considerar como desaparecimento ainda, pediram no mínimo 24 horas — Otávio informou.

— Então vamos se dividir e tentar procurar pela cidade — sugeri.

Sabia que era bem improvável que encontrássemos Ianto dessa forma, já que a cidade era enorme, mas não iria ficar sentado esperando notícias. Eu atravessaria desertos inteiros a pé por meu noivo.

— Tudo bem, eu e Laura vamos no meu carro, Liam vai contigo e Hadassa fica aqui no caso dele retornar — Otávio orientou e vi que o irmão de Ianto não gostou nada de saber que iria comigo, mas não reclamou. Estava tão preocupado quanto nós.

— Vamos.

Liam e eu entramos no meu carro e começamos a explorar ao redor do bairro em busca de Ianto ou seu automóvel. Ele ficou calado o tempo todo, até que em determinado momento decidiu falar comigo:

— Você sabe que isso é tudo culpa sua né?

— Do que está falando?

— Ianto nunca fez nada disso, estávamos muito bem sem você em nossas vidas. Bastou você aparecer que ele começou a mentir e agora sumiu sem dar notícias pela segunda vez.

— Não fui eu que o incentivei a mentir para vocês, queria que ele contasse que estávamos juntos desde o começo, mas ele tinha medo da reação de vocês, pois os ama muito e não queria que ficassem contra nosso relacionamento. Você tem que entender que nos amamos de verdade e nada pode mudar isso, então as únicas opções que

tem é aceitar ou ir contra, aí sim deixando seu irmão triste.

— Não tenho que aceitar alguém que o faça mal — ele cruzou os braços.

— Por acaso você viu ele triste nessas últimas semanas?

— Não, mas é porque ele é um tolo em ter aceitado se casar contigo.

— Tudo bem, não vou insistir nesse assunto agora, temos coisas mais importantes para se preocupar. Como encontrar Ianto — encerrei a conversa, retornando minha atenção para as ruas e calçadas.

Dirigi por quase duas horas seguidas sem parar, passando por todas as ruas possíveis em buscas de sinais de Ianto, mas como era de se esperar, não obtivemos nenhum resultado. Deixando-me completamente desesperado.

Liguei para Otávio que informou também não ter conseguido nada.

Decidi então ir para a delegacia de polícia e não sair de lá até que ajudassem na busca, pois havia algo de muito errado naquilo. Podia sentir.

Imaginar que Ianto podia estar em perigo, fazia meu estômago revirar.

Assim que contei o que estava acontecendo a um policial, que se chamava James, ele disse-me a mesma coisa que Otávio: que não podia dar como desaparecimento antes de 24 horas. Liam esperava fora da sala.

— E se ele estiver em perigo ou ferido? — perguntei irritado.

— Desculpa senhor, mas não podemos disponibilizar patrulhas até que tenhamos certeza de que o individuo que estão à procura seja dado como desaparecido oficialmente.

— E nós ficamos no escuro enquanto isso?

— Já tentaram rastreá-lo pelo celular? — sugeriu.

— Tentamos ligar para ele, mas está desligado.

— Pode ser rastreado mesmo assim, todos os aparelhos hoje em dia possuem aplicativos antifurto. Se você souber o número dele podemos tentar acessar pelo site.

— Tudo bem — concordei e, em seguida, ditei o número.

O policial começou a digitar em seu computador.

— Aqui está, ele tem o aplicativo, porém precisamos da senha.

— Senha?

— Sim, é o que precisamos para conseguir a localização, a não ser que seja um hacker. Não tem

ideia de qual seja?

— A senha tem que ser numérica ou alfabética? — perguntei.

— Aqui está dizendo que numérica.

— Então... — comecei a pensar em todas as possibilidades. — Tenta 07022021.

O policial digitou a data que eu e Ianto havíamos nos conhecido e, logo em seguida, pareceu surpreso.

— Uau, você é bom nisso! Deu certo.

— Sério? Consegue agora ver onde está o aparelho?

— Sim, só um momento.

Aguardei ansioso pela resposta e vi seu semblante mudar rapidamente.

Ele pareceu preocupado.

— O que foi? — perguntei nervoso.

— O aparelho não está na cidade, quer dizer, em terra firme pelo menos.

— Como assim?

— A localização vem do mar, alguém deve ter jogado o aparelho e as ondas levaram. Quando essas empresas dizem que seus celulares são a prova d'água não estão brincando.

Fui tomado por desespero ao ouvir aquilo.

— Vocês têm que fazer alguma coisa, ele deve estar em perigo! — disse nervoso, levantando-me da cadeira.

— Calma! Você me disse que ele levou o carro, não é mesmo? Vou notificar todas as viaturas para que busquem pelo modelo e placa. Tentarei descobrir se há como identificar as últimas ligações que ele fez também.

— Eu agradeço muito — disse, sentindo meu coração batendo tão forte que chegava a doer. — Vou avisar a família dele.

Sai da sala e fui até Liam.

— Precisamos chamar seus pais imediatamente.

— O que aconteceu? Descobriram alguma coisa? — perguntou preocupado.

— Sim e não são boas notícias.

****

Não demorou e os pais de Ianto chegaram à delegacia, expliquei o que havíamos descoberto e sobre a busca pelo carro. Laura começou a chorar desesperada.

— Não entendo o motivo de ele ter saído de dentro de casa no meio da madrugada — Otávio comentou também abalado. — Quem ele foi encontrar?

PERIGOSAS

— Estão tentando descobrir, mas seja quem for, jogou o telefone de Ianto fora, pois ele mesmo jamais faria isso.

— Será que foi assaltado? — sua mãe levantou a hipótese.

— É uma possibilidade, mas não explica o motivo dele ter saído de casa.

— Não sei se aguento perdê-lo outra vez Eric.

— Não diga isso, nós vamos encontrá-lo! — disse a ela, mas servia para mim também. Nunca estive tão nervoso na vida.

Ficamos ali durante horas esperando ansiosos alguma novidade e já começava a anoitecer lá fora. Ainda não havia comido nada desde a hora em que acordei, mas não conseguia sentir fome, o nervosismo não deixava. Só conseguiria quando tivesse certeza que Ianto estava bem.

NACIONAIS - ACHERON

Quando finalmente James surgiu, todos levantaram do banco.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Sim, encontramos o carro na saída da cidade num estacionamento ao ar livre, mas nenhum sinal dele. Vocês tem certeza de que ele apenas não fugiu?

— Claro que temos! Não faz sentido Ianto ter fugido, ele estava feliz e falta apenas uma semana para nosso casamento. Alguma coisa aconteceu!

— Pode ter sido a pressão ou estresse desse casamento, acontece bastante.

— Meu filho jamais fugiria do próprio casamento — Laura reforçou. — Ele não parava de dizer o quanto estava ansioso e que era um sonho se realizando. Por favor, não parem de procurar por ele.

— Não vamos, já consegui alguém para tentar identificar as últimas ligações do telefone que foi jogado no mar, mas como hoje é domingo e ele está de folga, só conseguiremos essa informação pela manhã.

— Como assim só amanhã? — Otávio perguntou nervoso.

— Liga para esse cara, diga que eu pago o quanto ele quiser para vir fazer isso ainda hoje — eu disse e o policial fechou a cara.

— As coisas não funcionam assim Sr. Pitz — James foi áspero. — Tentem manter a calma, estamos fazendo tudo que podemos. Vocês podem voltar para casa e descansar e, assim que tiver alguma novidade, ligamos. Pela manhã já poderemos dar como desaparecimento.

— Se é a única coisa que podemos fazer, tudo bem, mas saiba que estarei aqui pelas primeiras

horas da manhã!

****

Assim que cheguei em casa tentei comer algo, mas não deu, não conseguia engolir nada. Sentia um grande enjoo.

Fui então até a sala e disquei o número de Emily, precisava de toda ajuda possível para encontrar Ianto. Ela logo atendeu.

— Que surpresa ser telefonada por Eric Pitz! — ela brincou.

— Emily se lembra do favor que eu fiz para você algumas semanas atrás?

— Mas é claro, devido isso consegui minha promoção.

— Isso é ótimo, pois preciso que retribua o favor — disse sério.

— Tudo bem... — ela disse surpresa. — O que

precisa?

— Preciso que você coloque a foto de meu noivo no jornal e peça que se alguém o vir, ligue imediatamente para a polícia. Ele está desaparecido desde a madrugada.

Ela ficou em silêncio alguns segundos, até que por fim disse:

— Pode contar comigo, farei o possível para te ajudar a encontrá-lo.

— Muito obrigado, eu aprecio isso.

Desliguei e subi para o quarto.

Assim que sentei na cama tentando manter a calma e raciocínio, vi o terno branco que havia comprado para o casamento, através da porta de vidro do meu closet e não aguentei. Cai em prantos.

Eu estava apavorado! Precisava encontrar o amor da minha vida logo, não seria capaz de

aguentar se descobrisse que algo de ruim havia acontecido com ele.

No fim, para conseguir adormecer naquela noite tive de tomar remédios.

Torcia que, assim que eu acordasse, as notícias fossem melhores.

Segundo Dia, por Eric

Na segunda-feira acordei logo cedo com o despertador do meu celular.

Verifiquei se havia alguma ligação perdida, mas nada. Isso infelizmente significava que não tinham novidades sobre Ianto.

Tomei um banho rápido e me obriguei a tomar café da manhã antes de voltar para a delegacia. Precisava ter forças para aguentar mais aquele dia de procura. Liguei para Theo e informei por cima o que estava acontecendo e deixei claro que todo meu tempo seria utilizado para tentar encontrar Ianto.

Durante o caminho comprei o Diário da Capital e como Emily havia me prometido, conseguiu colocar a foto de Ianto com o pedido de que

ligassem se o vissem entre as primeiras páginas. Torcia que alguém ajudasse.

Quando cheguei à delegacia, pedi logo para ver James e me informaram que eu podia passar em sua sala. Para minha surpresa, os pais de Ianto já estavam lá.

— Bom dia — disse entrando.

— Bom dia Sr. Pitz, conseguiu descansar? — James perguntou.

— Consegui dormir algumas horas com ajuda de remédios, mas isso não importa, conseguiram descobrir mais alguma coisa?

— Já saiu o relatório sobre as últimas ligações de Ianto — Otávio informou desanimado. Laura parecia não ter dormido, suas olheiras estavam enormes.

— E aí? O que descobriam?

— Tirando as ligações que ele trocou com o senhor, a última chamada foi recebida de um celular descartável durante a madrugada. Infelizmente não temos como identificar seu dono — James informou.

— Droga! — xinguei.

— Calma, o desaparecimento já foi dado e estamos fazendo de tudo para encontrá-lo. Peço apenas que desocupem a delegacia para nos deixar trabalhar, manteremos vocês informados. Se lembrarem de algo que possa ajudar, me liguem imediatamente.

Ele nos entregou seu cartão de visita e senti vontade de fazê-lo engolir, de tanto ódio que estava sentindo. Eles eram uns inúteis!

Levantei e sai apressado, não ia ficar com os braços cruzados enquanto meu noivo estava desaparecido. Tentaria encontrar Ianto da minha

maneira.

****

Fui atrás da secretária de Ianto e pedi o número de todos os pacientes dele.

Passei o dia ligando de um em um, perguntando se haviam falado com ele antes do desaparecimento. Mas todos disseram que não sabiam de nada que pudesse ajudar. Dois deles não atenderam.

Perguntei a Danusia se ela tinha informações sobre onde moravam e me informou que sim e buscou os arquivos que continham os endereços.

Decidi então ir visitá-los pessoalmente.

Primeiro dirigi até o subúrbio da cidade, atrás de uma mulher chamada Sofia. Quando cheguei lá, encontrei sua família que informou que estava viajando fazia duas semanas. Agradeci e voltei para

meu carro.

Já estava começando a anoitecer.

Mesmo assim, em seguida fui para a Zona Sul atrás de um cara chamado Marcos, mas dei de cara com uma casa vazia. Toquei diversas vezes a campainha sem qualquer resposta e pelo que Danusia havia me informado ele morava com os pais.

Decidi então perguntar para a vizinha se também haviam viajado ou algo do tipo.

— O garoto morava sozinho — a senhora idosa me informou.

— Tem certeza disso? — perguntei surpreso.

— Absoluta, ele ficava quase o dia todo trancado e as únicas vezes que vi ele recebendo visitas, era um cara moreno alto que sempre estava de óculos escuro.

Aquilo era estranho.

— Sabe me dizer quando foi a última vez que ele visitou o Marcos? — perguntei desconfiado.

— Foi ontem no início da noite, estava assistindo televisão quando vi pela janela ele chegando, dessa vez não estava de carro.

— Por acaso viu a hora em que foi embora?

— Não, deitei-me um pouco depois da meia-noite, mas acredito não tê-lo visto sair.

— Uma última pergunta: lembra-se do modelo do carro desse cara?

— Eu não entendo dessas coisas, só sei que é azul.

— Tudo bem, já me ajudou bastante, obrigado.

Ela sorriu para mim e eu voltei para meu carro.

Enquanto dirigia para casa, liguei para James e contei sobre o que havia descoberto. Talvez

conseguissem localizar esse Marcos.

— Iremos verificar isso e se descobrirmos algo, informamos.

— Obrigado — disse e desliguei.

Quando cheguei em casa mais uma vez só consegui adormecer com remédios, após chorar muito. Não podia acreditar que aquilo realmente estava acontecendo.

Queria encontrá-lo logo.

35
17

Terceiro Dia, por Eric

Na terça-feira de manhã fui acordado por uma ligação.

Imediatamente dei um pulo da cama e atendi na expectativa de ser alguma informação nova. Mas se tratava apenas de Gael, o organizador de nosso casamento.

Ele estava desesperado do outro lado da linha.

— Acabei de descobrir que Ianto está desaparecido! — disse com sua voz estridente.

— Sim, estamos fazendo de tudo para encontrá-lo.

— O casamento era pra ser nesse domingo. O que eu faço? Cancelo?

— Você está ficando louco? Não! Continua seu

trabalho, tenho certeza que Ianto irá aparecer até lá — disse energicamente.

— Você tem certeza disso? — Gael perguntou surpreso.

— Tenho sim! Agora me desculpe, mas preciso desligar.

Encerrei a ligação. Não ia permitir que ninguém tirasse minhas esperanças de reencontrar Ianto e casar naquele domingo. Ninguém!

Mas para o meu desespero e da família de Ianto, aquele havia sido mais um dia sem qualquer progresso. Sentia que iria desmoronar a qualquer momento.

35 17 Quarto Dia, por Eric

Na quarta-feira recebemos uma notícia da polícia que nos deixou ainda mais desesperados e preocupados. Eles finalmente haviam encontrado Marcos.

Mas ele estava morto.

Seu corpo foi encontrado no mar por pescadores e foi constatado que a causa da morte foi espancamento. Nenhum sinal de armas de fogo ou brancas, apenas muitos ossos quebrados, além das marcas de automutilação.

Aquilo definitivamente não significava boa coisa!

Eu não sabia mais o que fazer e sentia-me cada vez mais perto de entrar em pânico. Não estava

aguentando tudo aquilo. Não conseguia comer direito e sentia muita ansiedade o tempo todo.

Principalmente quando James naquela tarde ligou dizendo que haviam encontrado outro corpo, dessa vez num bosque perto de onde o carro de Ianto fora encontrado e queriam que eu e os pais de Ianto fôssemos verificar se era ele.

Nunca senti tanto medo e desespero na vida.

Assim que cheguei ao necrotério, encontrei Laura já em prantos e Otávio tentando ser forte. Eles estavam tão apavorados quanto eu.

— Eu não quero ver meu filho deitado sobre aquela mesa fria, não vou aguentar — ela disse com a voz entrecortada.

— Seja forte amor, os deuses vão nos ajudar para que não seja Ianto lá dentro. Eles já nos devolveram ele uma vez, vamos ter fé.

Observei a cena sem conseguir dizer nada, estava tremendo de nervosismo e sentia meu coração quase saltar do peito. Não sabia como iria reagir se o amor da minha vida realmente estivesse morto.

Quando o legista finalmente chamou para que entrássemos e o lençol foi levantado, nos três abraçamo-nos forte suspirando aliviados.

O garoto loiro sem vida diante de nós não era Ianto.

Apesar de não ser muito encorajador, aquilo significava que ainda havia esperança. E sem dúvidas, nenhum de nós estava disposto a desistir de encontrá-lo.

35 17 Quinto Dia, por Eric

No dia seguinte, no meio da tarde precisei de um café, estava me sentindo exausto devido as poucas horas que estava dormindo nos últimos dias.

Para minha surpresa e a dela, encontrei Emily.

Sentamo-nos juntos.

— Ainda não encontraram nenhuma pista para encontrá-lo? — ela perguntou para mim, enquanto tomávamos nossos cafés.

— Infelizmente não. — disse desanimado. — A polícia está cada vez mais convencida que ele está fora de Costa Dourada, já que seu carro foi encontrado na saída da cidade. Notificaram as autoridades vizinhas para que ficassem atentos.

— Sinto muito...

— Eu não sei o que vou fazer se não conseguirmos encontrá-lo, não consegui ter coragem nem de cancelar o casamento. Só cogitar a ideia de que posso nunca mais vê-lo, me faz entrar em pânico — desabafei, começando a chorar.

Emily pegou em minha mão.

— Não perca as esperanças Eric — disse.

— Simplesmente não sei mais o que fazer, sinto-me impotente.

— Se quiser podemos colocar outro pedido de ajuda no jornal.

— Obrigado, mas o último só resultou em trotes para a polícia. Aparentemente ninguém viu Ianto naquela madrugada e a única suposição que temos é que ele pode ter encontrado Marcos, o garoto que foi encontrado morto no mar que era seu paciente.

— Você acha que ele foi sequestrado?

— É a única coisa que consigo pensar.

— Se foi isso que aconteceu, é muito estranho. Digo, já faz cinco dias, acredito que o sequestrador já teria começado a entrar em contato com vocês para pedir dinheiro pelo resgate.

— Nada que está acontecendo faz sentido — disse, secando minhas lágrimas.

Ficar daquele jeito não ajudaria em nada.

Emily começou a dizer algo, quando olhei para fora da cafeteria pelo vidro e vi algo que fez meu coração acelerar. Lá fora, carregando algumas sacolas apressado estava um homem moreno alto usando óculos escuros que eu conhecia muito bem: Fernando. Ele vestia ainda camiseta de manga longa para esconder as tatuagens.

— Você está com seu carro? — perguntei, interrompendo-a.

— Estou. Por quê?

— Preciso de sua ajuda, acho que acabei de encontrar a pista que estávamos procurando — disse e ela me encarou confusa.

Sinalizei pela me acompanhar e, após soltar uma nota de dinheiro suficiente para pagar 20 cafés sobre o caixa, seguimos apressados até seu carro. Assim que ela abriu, sentei-me no banco de trás para não ser notado por Fernando.

Ele estava guardando as sacolas no porta-malas de um carro azul, definitivamente era dele que aquela senhora estava falando.

— Por que precisa do meu carro?

— Preciso que você siga aquele carro azul, sem que ele note que esteja sendo seguido — disse apontando e mantendo-me abaixado.

Se eu fosse no meu, ele provavelmente saberia

que era eu atrás dele.

— O que está acontecendo Eric? — Emily perguntou preocupada.

— Eu conheço aquele cara e definitivamente não devia estar aqui na cidade, acho que está com Ianto — revelei e ela pareceu ficar ainda mais assustada.

— Não é melhor ligarmos para a polícia?

— Se perdermos ele de vista podemos nunca mais encontrar Ianto. Fernando é esperto, ele deve trocar de placa constantemente — disse nervoso.

Não podia perder aquela chance.

— Tudo bem, mas vamos só segui-lo, okay? Assim que descobrirmos para onde ele está indo, ligamos para a polícia.

— Claro, mas agora é melhor dar a partida, ele já está saindo — disse, apontando logo à frente.

Emily ligou o carro e acompanhamos o trajeto de Fernando pelo centro, ficando um pouco atrás para não sermos notados. Sentia meu coração completamente acelerado, era como se eu tivesse tomado uma dose de adrenalina.

Durante vários minutos havia um carro entre o nosso e o de Fernando, mas assim que deixamos a região do centro, esse carro desviou de caminho e ficamos logo atrás dele. Pedi para Emily manter certa distância.

— Isso é loucura, ele pode estar armado! — ela comentou e podia notar mesmo do banco de trás que suas mãos tremiam.

— Calma, não vou coloca-la em perigo, assim que descobrirmos onde Fernando vai parar, ligamos para a polícia — tentei acalma-la.

— Espero que saiba o que está fazendo — ela disse, mantendo total atenção na estrada.

PERIGOSAS

Aos poucos começamos a seguir o rumo da periferia da cidade, que era composta por apenas algumas fábricas. Ele estava querendo sair de Costa Dourada?

— Diminui a velocidade — disse, quando vi o carro de Fernando dobrar logo à frente. — Nesse ritmo ele logo vai perceber que está sendo seguido.

Já estávamos seguindo-o por mais de meia hora, desde que saímos do centro.

— Nesse ritmo não vamos chegar a lugar nenhum. Ele está indo para o bairro abandonado da cidade, depois disso não tem estrada, apenas floresta — ela foi parando o carro. A estrada estava deserta.

— Não há nenhuma construção por aqui? — perguntei surpreso.

— Somente a famosa fábrica fantasma da Erthel.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem, eu vou descer e verificar se ele foi para lá — disse e sai do carro.

— Você está ficando maluco Eric?

— Não, preciso ter certeza de onde ele está indo. Se entrarmos de carro, ele perceberá que está sendo seguido e se ele foi para a floresta, não podemos perder tempo verificando a fábrica, precisamos encontrar uma forma de emboscá-lo. Assim que eu encontrar o carro dele, te ligo — disse e sai correndo na direção em que Fernando havia virado.

Sabia que aquilo era perigoso, mas tratando-se da vida de Ianto, eu faria tudo que fosse necessário para vê-lo seguro. A polícia levaria pelo menos quase uma hora para chegar ali e não tinha tempo a perder.

Corri cerca de dez minutos até que avistei a tal fábrica, um prédio grande de quatro andares

deteriorado pelo tempo. Apressei o passo até que finalmente vi: lá estava o carro de Fernando parado diante do portão.

Imediatamente liguei para Emily.

— Ele realmente está na fábrica — informei.

— Vou ligar para a polícia agora mesmo, agora volte para cá.

— Não, vou entrar, preciso ter certeza que Ianto está bem e de não deixá-lo fugir. Quando a polícia começar a se aproximar, ele descobrirá na hora que foi descoberto.

— Isso é perigoso Eric! — Emily advertiu nervosa.

— Eu sei, mas não me importo. Por Ianto faço tudo — disse e desliguei.

Segui sorrateiramente até a lateral da fábrica.

Lá procurei uma forma de entrar, para que não

tivesse que usar a entrada principal e chamar atenção e, para minha sorte, havia um buraco rasgado na grade. Com dificuldade e ganhando alguns arranhões, no fim, consegui passar.

Segui até uma janela empoeirada e tentei ver o que estava acontecendo lá dentro, mas estava bastante escuro. Só consegui enxergar alguns maquinários envelhecidos e cobertos de teia de aranha.

Teria de entrar pela frente.

Esgueirei-me até a porta principal e empurrei a porta de ferro que se abriu emitindo um alto rangido. Aquilo era péssimo.

De repente, senti um golpe me acertar em cheio no rosto e cai no chão aturdido.

Fernando se aproximou de mim e disse, apontando sua arma na minha cara:

— Você não devia estar aqui.

— Eu quero o Ianto, ele está contigo, não está?

— Pode ter certeza disso, mas infelizmente não vai haver reencontro — ele chutou minhas pernas com força e urrei de dor.

— Você não precisa fazer isso Fernando, me diz quanto você quer e eu dou, você sabe que dinheiro não é problema para mim — ofereci e ele riu.

— Já estou ganhando bastante de Paulo — revelou.

— Então foi ele? — perguntei sentindo sendo tomado por ódio.

— Quem mais seria? Só ele é obcecado por você ao ponto de fazer a burrice de sequestrar alguém ao invés de matar logo. Agora cala a boca e me passa seu celular — ordenou apontando sua

pistola na minha testa.

Busquei meu aparelho no bolso e entreguei para ele com as mãos trêmula.

Ele verificou as últimas ligações.

— Quem é essa Emily? Você pediu que ela chamasse a polícia? — Fernando perguntou nervoso.

— Claro que não! — menti e ele chutou minha barriga, fazendo-me cuspir sangue.

Ele claramente estava disposto a me matar, se necessário.

— Eu não entendo por que está fazendo isso, você disse que gostava de mim cinco anos atrás! — disse entre gemidos de dor.

— Eu finalmente percebi que a única coisa que realmente vale a pena é dinheiro. Amor, família e todas essas bobagens é perda de tempo, é uma

felicidade ilusória, pois a qualquer momento podem te largar. Agora pare de enrolar e me responda falando a verdade: essa Emily chamou a polícia?

— Sim, vocês estão fodidos, não tem para onde fugir — revelei e o vi ser tomado por ódio. Se pegos, eles responderiam por seus crimes em Alendor.

Fernando voltou a tentar me chutar, mas segurei sua perna e puxei com força, derrubando-o no chão. Ele deixou a arma cair no chão e subi sobre ele, desferindo golpes em seu rosto. Ele tentava se defender com a mão.

— Seu desgraçado! — eu gritei irado e ele me derrubou para o lado, tentando chegar até a arma engatinhando.

Para impedi-lo, chutei seu rosto com força e ouvi ele urrar de dor.

Rapidamente peguei sua arma e apontei para

ele.

— Parece que o jogo virou, não é mesmo? — provoquei e ele riu.

— Eu sei bem que você não tem coragem de me matar Eric. Lembro-me da vadia que deixou ir embora impune, cinco anos atrás[5] — Fernando disse tentando colocar seu nariz quebrado no lugar. — Só que agora vai ter que decidir se fica aqui me vigiando ou sobe para ver se seu novinho está vivo.

— Você tem razão, não sou capaz de matar alguém, mas sou capaz de fazer isso para atrasar sua fuga — disse e atirei em sua perna direita. Fernando gritou de dor.

— Seu filho da puta!

— Agora me dê as chaves de seu carro, se não quiser uma bala na outra perna também — ameacei apontando a arma para ele.

— Eu vou ser morto se me pegarem! — ele gritou.

— Eu sei muito bem disso, mas não posso fazer nada, você tem que pagar por seus crimes — disse e atirei em sua outra perna. Não tinha tempo a perder e daquela forma ele não chegaria longe.

Já começava a anoitecer.

Entrei correndo na fábrica e vi uma escada, por onde subi procurando em cada sala Ianto e Paulo. Estava ofegante e cada vez mais nervoso.

Quando cheguei ao último andar e olhei a última sala também vazia, entrei em desespero. Onde eles estavam? Não tinham como ter saído dali.

Foi então que notei uma pequena porta que dava para a cobertura.

Subi correndo e me deparei com uma cena que

fez meu coração gelar: Paulo estava na extremidade da cobertura abraçando Ianto por trás, com uma arma apontada para sua cabeça.

Ianto chorava desesperado.

— Solta ele Paulo! — gritei aproximando-me com a arma apontada para ele.

— Se você se chegar perto eu atiro! — ameaçou.

— Você não precisa fazer isso — disse parando a alguns metros, sentindo meu coração quase saltar do peito.

Aquilo era muito ruim, se eu tentasse atirar podia acertar Ianto.

— Você acha que eu sou burro? Você já chamou a polícia, acabou para mim.

Podíamos ouvir sirenes ao longe, em poucos minutos as viaturas chegariam.

— Me deixe ir Paulo, por favor — Ianto implorou, entre lágrimas.

— E deixar vocês saindo ganhando? Não mesmo! Eu fiquei todos esses últimos anos tentando chamar sua atenção Eric, colocando-me ao mesmo nível de sua empresa para no fim você vir atrás desse putinho aqui. Eu sabia que você estava tentando comprar a Lauzon, estive vigiando você durante muito tempo, mas quando vocês começaram a se ver novamente, nunca senti tanto ódio na vida. Estava esperando o momento certo para acabar com toda essa palhaçada, quando fui surpreendido pelo anúncio do casamento de vocês. Foi a gota d'água.

— Tudo isso porque eu não sou capaz de te amar? — perguntei, começando a chorar de medo.

— Não, tudo isso por que você me abandonou, após tudo que eu fiz por você! — ele respondeu

gritando. — Eu lambia o chão que você pisava e você foi e comprou esse garoto para se apaixonar. Tem noção do quanto foi injusto comigo?

— Eu não posso escolher quem amar, sua obsessão por mim é doentia! — disse e ouvimos o som das sirenes aumentar. A polícia estava chegando.

— Mande-os ir embora ou mato ele — Paulo gritou desesperado.

— Você não tem como fugir Paulo, me entregue Ianto e ninguém precisa sair machucado — implorei.

— Sou eu, não é mesmo? Não, obrigado!

Ele estava em pânico, nunca o vi daquela forma.

E isso me assustava ainda mais.

— Lembra-se do quanto éramos amigos, quase irmãos? Por que deixou chegar a esse ponto? O que

você sente por mim não é amor — disse em prantos.

— E o que vocês dois sentem é amor por acaso? Que tipo de amor é esse, gerado por uma Síndrome de Estocolmo? Pois desculpe decepcionar os pombinhos, mas ninguém em sã consciência se apaixonaria pelo cara que te prende num quartinho e trata como um escravo. A relação de vocês é a única coisa doentia aqui!

Ouvir tudo aquilo me fez sentir ainda mais vontade de socar sua cara, mas mantive a calma. Se eu o irritasse mais, seria péssimo.

De repente, ouvimos passos e em poucos segundos a cobertura foi invadida por vários policiais armados. James se aproximou de onde estávamos usando um colete a provas de balas e apontando sua pistola para Paulo.

— Larga o garoto, acabou — disse com o olhar

fixo nele.

Ele sinalizou para eu me afastar, mas não me movi.

Não sairia dali até ter certeza que Ianto estaria seguro.

— Não vou soltá-lo! — Paulo gritou. — E se vocês atirarem em mim, levo ele junto.

— Você só esta piorando sua situação.

— Que situação? Eu já fiz coisas o suficiente para ser condenado quando me mandarem de volta a Alendor. Pelo menos assim eu não morro sozinho.

— Se você nos entregá-lo, podemos interferir para que seja julgado pela nossa corte — James propôs e Paulo ficou calado. Ele estava completamente desesperado.

— Você está blefando!

— Não estou, prometo. Basta largar Ianto e soltar sua arma no chão.

Ele pareceu cogitar a possibilidade, mas logo desistiu.

— Não, vou ficar com ele! — gritou, apertando ainda mais Ianto contra seu corpo e tentou dar alguns passos para trás, mas já estava encostando-se ao parapeito da cobertura que chegava à altura das suas coxas.

— Troca ele por mim Paulo, não é eu que você quer? Deixe-o ir, e poderemos morrer juntos — ofereci, soltando a arma de Fernando no chão.

Ele pareceu completamente surpreso.

— Não faça essa besteira! — James advertiu nervoso.

— Eu troco, mas só se todos vocês abaixarem as armas! — Paulo concordou.

— Por favor, façam o que ele pediu — implorei. — Isso tudo tem haver comigo e Paulo, Ianto não precisa sair machucado.

— Não faz isso Eric! — Ianto gritou desesperado.

— Será uma honra morrer por você, Ianto — disse, entre lágrimas.

James me encarou e então disse a Paulo:

— Vamos abaixar nossas armas, mas não faça nenhuma besteira se não vamos atirar, está entendendo? — gritou em alto e bom som.

— Tá, mas só Eric vem até aqui!

Aproximei-me a passos lentos deles e senti minhas pernas estremecerem, meu coração quase saltava do peito. Não conseguia parar de chorar.

Nunca estive com tanto medo na vida.

Mas por Ianto, valia a pena.

Assim que fiquei diante de Paulo e todos os policiais atrás de nós abaixaram suas armas, ele hesitou começando a chorar.

— A culpa é toda dele, estávamos felizes antes de você comprá-lo — disse esfregando mais a pistola na cabeça de Ianto, deixando-me desesperado.

— Vamos lá Paulo, isso entre mim e você, o deixe ir — insisti encarando-o nos olhos. — Finalmente poderemos ficar juntos.

— Tá bom — ele concordou respirando fundo.

O que aconteceu em seguida foi tudo muito rápido.

De repente, vi uma pequena luz vermelha aparecer sobre a lateral da cabeça de Paulo e assim que ele soltou Ianto e moveu a arma para apontar para mim, foi atingido por um tiro silencioso, que atravessou seu crânio.

Ele derrubou sua arma no chão e assim que escorreu o primeiro fio de sangue por seu rosto, seu corpo logo em seguida caiu sem vida do parapeito do prédio.

Ouvimos o alto barulho do choque contra o chão. Aquele era seu fim.

Ianto se jogou em meus braços e o apertei mais forte que nunca.

Não conseguia acreditar que havíamos saído vivos daquilo.

Nunca mais ia deixá-lo ser tomado de mim.

35
17

O Grande Dia, por Ianto

Devo confessar que não imaginava que estaria me casando três dias após ser resgatado. Mas após tudo que havia acontecido, sabia que a vida conseguia ser bem imprevisível quando queria, então prometi a mim mesmo que viveria cada dia intensamente. Como se fosse o último.

Afinal, eu mais do que qualquer um sabia que realmente poderia ser.

E quando chegasse a minha hora, não queria ter arrependimentos de não ter feito algo que queria muito ou ido atrás de meus sonhos. Não queria mais viver em meio a mentiras e medo.

Então, quando Eric contou-me que não havia cancelado o casamento, fiquei muito feliz.

Significava que no fim, Paulo havia saído perdendo. O que ele havia feito comigo naqueles cinco dias, ficaria no passado. Ele já havia nos feito sofrer demais, para que mesmo em sua morte continuasse nos afetando.

Fernando, seu comparsa, também fora devidamente julgado e executado em Alendor. Não tínhamos que temer a mais ninguém. Dali em diante, estava disposto a manter em minha vida somente aquelas pessoas que realmente importavam.

E naquele domingo, era o primeiro passo para isso.

Iria me unir à pessoa que mais amava no mundo: Eric Pitz.

Andei a passos tímidos até o altar acompanhado de meu pai, que poucos minutos antes havia me dito algo que minha mãe concordou e me deixou

muito feliz e aliviado:

“Estive enganado sobre Eric, ele é o marido perfeito para meu filho”.

Como era bom saber que finalmente estavam apoiando nosso amor.

O salão estava maravilhosamente decorado e tão luxuoso quanto imaginei, mas foi quando vi Eric no altar, vestido com um lindo terno branco — como era de costume para os noivos em Sarnaut —, que senti meu coração realmente bater forte.

Estava acontecendo de verdade! Eu ia casar com o homem da minha vida!

Quando parei diante dele, ele abriu um enorme sorriso a me ver também trajado adequadamente para a ocasião. Era a primeira vez em cinco anos que estava vestindo-me completamente de branco e sem odiar.

— Estou casando com o homem mais lindo do mundo — Eric sussurrou admirando-me com os olhos brilhando.

— Não, eu que estou — disse com um sorriso bobo estampado no rosto.

Ele me fazia feliz como ninguém!

Enquanto não começava, olhei melhor para os convidados. Enquanto andava para o altar, estava tão ansioso e fixado em meu futuro marido, que não havia prestado atenção em mais nada.

Na primeira fileira de cadeiras estava toda minha família, Hadassa, Alex e, para minha surpresa, Rafael ao lado de Liam. Ele abriu um sorriso sincero quando nossos olhares se encontrarem e eu sorri de volta, feliz por vê-lo ali.

Afinal, era possível ter amigos verdadeiros.

Fiquei bastante triste em ver que os pais de Eric

não vieram, mas já esperávamos por isso e ele parecia não se abalar mais. O que me deixava aliviado, era saber que agora minha família se tornaria sua também.

Quando a cerimônia começou todos ficaram em silêncio e sentia que meu coração podia saltar do peito a qualquer momento.

Estava tomado um misto de felicidade, nervosismo e ansiedade.

Principalmente quando chegou no momento em que o Juiz de Paz fez a tão esperada pergunta:

— Ianto Kipfer... Você aceita Eric Pitz como seu legítimo esposo, para amar e respeitar, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença até que a morte os separe?

Olhei para Eric, que encarava-me ansioso e respondi com a voz quase falhando:

— Sim, eu aceito — disse e ele abriu um enorme sorriso.

O Juiz de Paz então virou-se para ele.

— Eric Pitz... Você aceita Ianto Kipfer como seu legítimo esposo, para amar e respeitar, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença até que a morte os separe?

— Definitivamente sim — ele respondeu animado e todos riram.

— Então, por favor, as alianças.

Eric pegou uma caixinha no bolso interno do seu paletó e assim que abriu, vi duas lindas alianças douradas ali dentro. Ele pegou a menor e me olhou nos olhos.

— Desde o primeiro momento que te vi, senti algo mágico. Uma vontade imensurável de tomá-lo em meus braços e cuidar de ti para sempre. E é isso

que eu prometo ao colocar essa aliança em seu dedo, ser alguém que merece seu amor e companhia. Eu te amo Ianto, sempre amei e amarei.

Senti lágrimas escorrerem por meu rosto enquanto Eric colocava a aliança em meu dedo. Tive de respirar fundo antes de pegar a outra.

— No começo tentei lutar contra esse sentimento, mas hoje percebo que foi inútil tentar impedir o inevitável. Eric Pitz, você é meu passado, presente e futuro. Também te amo, sempre amei e amarei!

Ele abriu um sorriso radiante com os olhos marejados e, em seguida, o juiz disse:

— Eu os declaro marido e marido, pode beijar o noivo.

Eric imediatamente me puxou contra seu corpo e uniu nossas bocas num beijo intenso e apaixonado, enquanto todos ali nos aplaudiam.

Definitivamente nunca estive tão feliz na minha vida!

****

Mais tarde, durante a festa, Liam veio até Eric e eu.

— Posso falar com vocês? — ele perguntou sem jeito.

— Claro, o que foi? — perguntei e Eric também prestou atenção nele.

— Vim pedir desculpas por ter sido cabeça dura, principalmente para Eric. Durante todo esse tempo queria apenas que você fosse feliz e, devido o que aconteceu no passado, fechei meus olhos para o quanto Eric estava te fazendo feliz no presente. Achei que as pessoas não podiam mudar, mas

estava errado. Eric mostrou amá-lo mais do que qualquer outra pessoa no mundo e fico feliz que estejam juntos, pois tenho certeza que por causa disso vou continuar a ver meu irmão radiante.

— Não precisa se desculpar Liam, fico feliz que agora consiga perceber que tenho como únicos objetivos cuidar e amar seu irmão — Eric disse sorridente para ele.

— Que coisa linda — comentei entre lágrimas e puxei os dois para um abraço.

Eles riram da minha reação, mas não podia estar menos feliz. Todas as pessoas que eu mais amava no mundo estavam finalmente vendo como Eric realmente era, sem mais julga-lo pelo passado.

Durante o resto da festa, nos divertimos e comemos bastante.

Eric e eu tentamos dar atenção a todo mundo, mas era inevitável que estivéssemos ansiosos para

nossa Lua de Mel. Pegaríamos o avião logo em seguida para a cidade mais romântica e boêmia do mundo.

Quando o horário estava próximo, começamos a nos despedir de todos e saímos com a limousine cheia de latas penduradas para pegar nossas malas no apartamento de Eric — que após a viagem, seria meu também. Finalmente íamos morar juntos!

Quando chegamos lá, tive uma grande surpresa.

— Gostou de seu presente? — Eric perguntou sorridente para mim.

Eu estava hipnotizado com o que estava sobre uma cadeira na entrada do apartamento: Um quadro de Alben Lambertini.

Mais especificamente, O Amor.

— Eu vi o quanto observou esse quadro na exposição e depois conversou com Alben sobre ele.

Achei que não havia qualquer outro mais perfeito para presenteá-lo, apesar de não entender direito a pintura — explicou.

— Eu amei — disse, caindo em lágrimas.

O pai de Alben tinha razão, não se pode amar e ser livre ao mesmo tempo. Mas podemos fazer nossas escolhas, voar para longe quando não nos faz bem ou ficar e aceitar que essa é a realidade de quem ama.

Eu havia feito minha escolha naquela noite.

Eric Pitz era minha gaiola dourada de portas abertas.

E eu aceitava isso.

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON

35
17

Conheça Lua Escarlate



Ver na Amazon

Do mesmo autor de **Garoto à Venda**, Lua Escarlate é um ardente romance sobrenatural com muito sexo, paixão, sangue e mistério.

Sinopse: Você acredita em lobisomens?

Com a morte de sua mãe em um terrível acidente, Lucas muda-se para uma pequena e misteriosa cidade chamada Floresta Negra para morar junto de seu pai.

O que ele não esperava era que ao se aproximar de dois lindos e misteriosos garotos da sua nova escola, fosse se envolver nos maiores mistérios que a cidade esconde.

Com estranhas mortes acontecendo, causadas por um enorme lobo, Lucas deverá descobrir em quem pode ou não

confiar, enquanto tenta lidar com os novos sentimentos que começam a surgir dentro de si.

PERIGOSAS

Copyright

Copyright © 2015 by Icaro Trindade

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Revisão: Icaro Trindade
Capa: Icaro Trindade
Formatação: Icaro Trindade

Edição digital: março de 2016

NACIONAIS - ACHERON

Contatos do Autor

icarotrindadeautor@gmail.com

Página no Facebook

Perfil no Facebook

Wattpad

Blog

---

[1] Personagem introduzido em **Compra-se Garoto**. Há somente menções dele em Garoto à Venda.

[2] Trecho da música **Perfeita Simetria**, da banda brasileira **Engenheiros da Hawaii**. A história de Recomeço passa-se em uma realidade alternativa, portanto os personagens conhecem por outro nome.

[3] Trecho da música **Por Enquanto**, da cantora brasileira **Cássia Eller**. A história de Recomeço passa-se em uma realidade

alternativa, portanto os personagens conhecem por outro nome.

[4] Personagem apresentado em **Compra-se Garoto**. Em Garoto à Venda seu nome é citado como o primeiro amor de Eric.

[5] Acontecimento mostrado no livro **Compra-se garoto**.